

UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES INICIAIS

Livro 1 do Material Seth

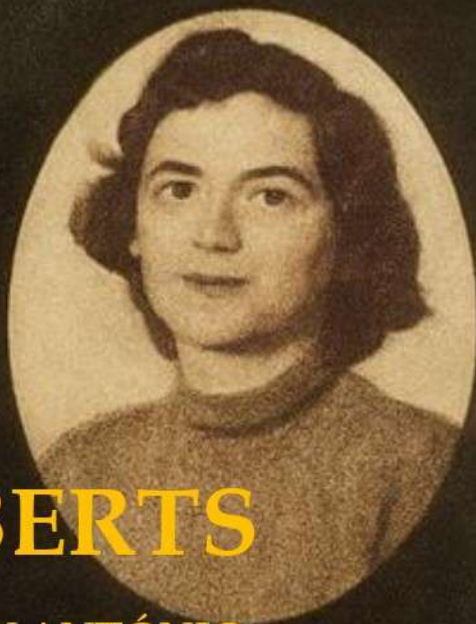
SESSÕES 1-42

26/11/64 - 08/04/65

Por

JANE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO



11/26/63–4/8/64

© 1997 por Robert Butts

© 2012 Laurel Davies Butts

Publicado por New Awareness Network Inc.

New Awareness Network Inc.

P.O. Box 192

Manhasset, New York 11030

As opiniões e declarações sobre questões de saúde e medicina expressas neste livro são as do autor e não são necessariamente as do editor, nem por ele endossadas. Essas opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de consulta com um médico devidamente licenciado.

Design da capa: Michael Goode

Fotografia: Fotos da capa de Rich Konz e Robert F. Butts, Sr.

Edição: Rick Stack

Tipografia: Juan Schoch, Joan Thomas, Michael Goode

Dedico The Early Sessions

à minha esposa, Jane Roberts, que viveu os seus 55 anos com a maior criatividade

e a mais valente coragem.

—Rob

PREFÁCIO

Estou tremendamente satisfeito por Rick Stack, proprietário da New Awareness Network Inc., estar a publicar a coleção de oito a dez volumes de As Primeiras Sessões. Estes livros consistem nas primeiras 510 “sessões” que a minha esposa, Jane Roberts, transmitiu para aquela bem conhecida “essência de personalidade-energia”, Seth, depois de ela ter começado a falar em transe ou em estado dissociado em dezembro de 1963.

Cobrem um período de seis anos entre 20 de novembro de 1963 e 19 de janeiro de 1970. Ver esta coleção publicada para registo é algo que há muito queria que acontecesse, e o interesse dedicado e o tempo do Rick tornam isso possível. (Disse-lhe mais do que uma vez, pelo caminho, que pensasse duas vezes — e mais! — antes de assumir o trabalho de publicar oito a dez livros.)

A Jane morreu a 5 de setembro de 1984, aos 55 anos. Quando estava perto da morte, pediu-me que publicasse toda a sua obra. No meu luto e choque, concordei, sem compreender que desafio iria implicar esse labor de amor. Passados 12 anos, ainda estou a trabalhar nisso!

Com a ajuda amorosa de outras pessoas, fiz várias tentativas ao longo dos anos para publicar diversas partes da obra da Jane, mas com pouco êxito, por uma variedade de razões. Além disso, embora estivesse tão intimamente envolvido com o material de Seth desde o início, por exemplo, não compreendi plenamente o volume do material das próprias sessões que tínhamos acumulado ao longo de um total de 21 anos.

Para não falar do volume de outra obra da Jane: a sua poesia, romances publicados e inéditos, os seus outros livros publicados, uma autobiografia inacabada, os registos das sessões da sua aula de ESP, os seus diários e pinturas, o seu canto em linguagem de transe musical, Sumari, a sua correspondência interminável. A minha esposa era — e é, eu sei, pois tenho a certeza de que ela ainda vive — a pessoa mais criativa que alguma vez conheci, e através das suas capacidades extraordinárias deixou um corpo de trabalho que considero um legado de indagação sobre o nosso entendimento de nós próprios e da nossa realidade.

Na minha opinião, o seu “verdadeiro valor” só agora começa a ser mais bem reconhecido. A publicação de *As Primeiras Sessões* pelo Rick, portanto, é um avanço muito importante na maravilhosa viagem de descoberta em que, creio, cada um de nós está inevitavelmente envolvido, que cada um de nós escolheu criar, seja de que modo for e com que propósitos for.

Estes oito a dez volumes destinam-se a mostrar o crescimento da Jane e o meu — da forma mais literal —, mas sempre o da minha esposa, acima de tudo. Desde o início sentimos que, se o nosso trabalho “psíquico” tinha valor, deveria ser apresentado tal como é, com todas as suas conotações humanas; não só os seus grandes êxitos, mas também as suas tentativas às apalpadelas e erros, as suas questões e aprendizagens pelo caminho. Não editado nem embelezado, mas tal como é. Real. Continuo a sentir isso.

Estas 510 sessões, então, são cópias exatas das transcrições verbatim que fiz na minha taquigrafia caseira enquanto a Jane falava por Seth; acrescentei notas e comentários enquanto dactilografava o material após cada sessão. Ao longo de mais de meia dúzia de anos, arquivámos as sessões dactilografadas em 44 dossiers de três argolas. As sessões num dos

volumes publicados pelo Rick são acompanhadas dos meus desenhos dos objetos usados na série de “testes do envelope” que realizámos, tanto para nós como, a longo prazo, com um cientista bem conhecido, ao longo de cerca de 11 meses.

Pedi ao Rick que corrigisse a ortografia, que eliminasse as poucas notas que inseri em anos posteriores e que mantivesse a apresentação das sessões uniforme no uso de tipos romano e itálico, pontuação, parênteses e chavetas, travessões e hífenes, e assim por diante. Esta estrutura corresponde à dos livros de Seth já publicados, como *Seth Fala* e *A Natureza da Realidade Pessoal*.

As Primeiras Sessões são também muito importantes pela mera preservação e distribuição do material de Seth. Muitos têm perguntado sobre isso, e estou sempre consciente disso. A coleção é mais uma forma de contornar a fragilidade de uma vida-obra tão vulnerável no seu papel barato de loja “dimestore” naqueles dossiers antigos. O material de Seth está muito longe de estar em computador — se é que alguma vez estará — e relativamente poucos leitores farão a viagem até à Biblioteca da Universidade de Yale para estudar a coleção de documentos meus e da Jane que lá está disponível para quem os queira ver.

Muitas vezes penso — como todos os dias — que, “de onde quer que esteja agora” na sua realidade mais ampla, a Jane deve observar as nossas manipulações demasiado humanas nesta realidade “física” com grande compaixão e compreensão e, provavelmente, também com alguma diversão, enquanto, nos nossos dias frenéticos de vida, tentamos fazer tudo. Fazer o que supostamente devemos fazer, bem como o que queremos fazer, para finalmente acertarmos tudo pelos nossos propósitos individuais.

E o próprio Seth? Bem, segundo ele, esse velhote viveu e morreu muitas vezes. Viu muito e fez muito. Conheceu muitos lugares na Terra e muitos amores como homem e como mulher, mas aposto que mesmo agora as suas experiências ainda são novas e que ele reforça os sentimentos vivos da Jane por cada um de nós. E agradece-nos pelo que aprende tanto quanto nós lhe agradecemos.

Quero agradecer a tanta gente pela sua ajuda e reforço que é inacreditável. Como agradecer a todos aqueles milhares e milhares que escreveram, para não falar dos milhões que compraram livros e falaram deles a outros? Todos ajudaram a criar a realidade psíquica viva dentro da qual o trabalho da Jane e o meu foi nutrido e cresceu. O nosso trabalho é,

portanto, dedicado a todos e a cada um. Adoro ouvir os leitores — mesmo que, por vezes, demore uma eternidade a responder. Nenhuma carta fica por ler ou por apreciar. Guardei-as todas desde o início. Eventualmente, são acrescentadas à coleção dos nossos papéis na Biblioteca da Universidade de Yale, não estando abertas ao público por razões de privacidade.

Agora deixem-me listar alguns daqueles que conheço pessoalmente e que ajudaram tanto a Jane e o seu trabalho: Tam Mossman, Richard Kendall e Suzanne Delisle, Sue Watkins, Debbie Harris, Laurel Davies, Janet Mills, Lynda Dahl e Stan Ulkowski, Bob Terrio, Norman Friedman, Jeff Marcus, Juan Schoch, Michael Goode. E, ah, sim: Rick Stack e a sua esposa, Anne Marie O’Farrell, que é a minha agente literária. Não sei o que, se é que alguma coisa, teria conseguido realizar no cumprimento dos desejos da Jane sem a ajuda incansável que a Anne Marie ofereceu de tantas maneiras.

Portanto, aqui vai para cada um de nós, alegremente enredados como estamos no brilho deste “agora”, mesmo quando possamos pensar que não estamos, a explorar a nossa criação de realidade individual e conjunta em todas aquelas incontáveis variações que resultam num todo contínuo. Continuemos a fazer exatamente isso. A minha esposa, Jane Roberts, e eu saudamo-vos!

Robert F. Butts
Elmira, New York
Janeiro de 1996

Uma nota sobre as fotografias da Jane na capa de As Primeiras Sessões:

Foram tiradas com 11 anos de intervalo. No oval, ela tinha 30 anos quando posou para o meu pai, Robert F. Butts, Sr., em 1959. Eu e a Jane estávamos casados havia quatro anos. Na maior, ela tinha 41 anos quando Rich Konz, fotógrafo do Elmira Star-Gazette, lhe tirou a fotografia em 1970, quando ela estava em transe. Nessa altura, a Jane falava por Seth havia pouco mais de seis anos.

Rob

INTRODUÇÃO

Pode ser interessante notar que, com a média bastante generosa de 3 horas por sessão, ao longo de 43 sessões, o material deste livro foi recolhido em cerca de 129 horas. (Isto inclui algumas sessões que não pertencem ao material de Seth.) Uma semana tem 168 horas.

Todas as respostas obtidas através da tábua Ouija, e mais tarde através da ditação da Jane, estão em maiúsculas. As minhas perguntas estão em tipo normal; os meus comentários e descrições vão entre parênteses. As correções ocasionais que a tábua fazia a meio da passagem vão também entre parênteses e podem ser ignoradas na leitura. A palavra “gratis” é usada para assinalar os locais em que, após uma pausa, a tábua forneceu mais informações sem que tal lhe fosse pedido.

Salvo indicação em contrário nas primeiras sessões, o ponteiro dava respostas de sim e não deslocando-se para a palavra apropriada impressa na tábua, em vez de soletrar a resposta letra a letra. Também nas primeiras sessões o ponteiro muito frequentemente assinalava a palavra sim entre cada palavra da mensagem recebida. Para facilitar a leitura, esta palavra foi eliminada quando usada desse modo, sem alterar de forma alguma o conteúdo ou a intenção do material recebido. Todo o resto, incluindo erros ortográficos, é apresentado tal como foi recebido e foi retirado das minhas transcrições manuscritas das sessões propriamente ditas.

Para obter este registo verbatim: Nas primeiras sessões, eu e a Jane sentávamo-nos um defronte do outro com a tábua sobre o colo e com uma secretária junto a mim, à direita. A Jane mantinha sempre as duas mãos sobre o ponteiro. Eu mantinha lá a esquerda e escrevia as perguntas e respostas com a direita, usando a secretária como apoio. Por vezes, o meu método com uma só mão abrandava a transmissão do ponteiro, mas, se tocasse nele com a mão direita, acelerava. Houve alturas em que se movia muito depressa. Se se movesse depressa demais, refreava-o de poucas em poucas palavras até ter a mensagem registada, ou escrevia com uma mão enquanto mantinha a outra na posição.

Este método algo desajeitado simplificou-se muito assim que a Jane começou a ditar a maior parte das sessões. Durante algum tempo precisámos da tábua para abrir e encerrar as sessões, mas agora já não precisamos dela para nada. Tenho total liberdade para tirar notas. Também começámos a experimentar o uso de um gravador. Nenhum de nós alguma vez obteve quaisquer resultados usando a tábua sozinho.

Pedimos a tábua Ouija emprestada ao nosso senhorio no outono de 1963, quando, por acaso, ele referiu que comprara uma, mas nunca obtivera quaisquer resultados com ela. Eu e a Jane experimentámos a tábua algumas vezes (por vezes com amigos) e, ao início, não tivemos sucesso. Depois, durante algumas sessões, recebemos o que pareciam ser informações compreensíveis sob a forma de vários nomes, iniciais, datas, lugares, etc. Nada que pudéssemos verificar com facilidade, e alguma coisa contraditória. Nem conseguimos voltar a contactar a mesma “fonte”.

Desde o princípio, mantivemos notas detalhadas das sessões, mesmo quando estávamos a apontar sequências de letras sem sentido. No início de novembro/63 tivemos várias sessões em que recebemos apenas palavreado sem nexos e perdemos um pouco o interesse. Na noite de 26 de novembro, porém, voltámos a tentar e, dessa vez, entre as letras aleatórias havia umas poucas palavras e frases; o suficiente para tentarmos de novo na noite de 2 de dezembro/63. E, a partir dessa sessão, o material começou a fluir.

Ao princípio, quando começou a ditar as respostas do Seth às minhas perguntas, a Jane ouvia as palavras por dentro e depois repetia-as em voz alta para eu as poder escrever. Agora já não ouve o material de antemão, limita-se a dizê-lo, literalmente e sem estar conscientemente ciente do que vai dizer de uma palavra para a outra. Diz que fala por fé ou confiança, de um modo que, em circunstâncias normais, não conseguiria.

Agora, mesmo quando a Jane apresenta uma resposta via Seth que pode ter cinco páginas datilografadas, nunca se repete, não perde o fio ao que está a dizer, não usa as palavras “ah”, “er”, etc., nem altera de modo algum o que disse. Só o tempo não permitiria qualquer mexida no material. Anotei cada palavra tal como ela a ditou; nada foi acrescentado, eliminado ou alterado. É como se a Jane, ao dar o material, estivesse a ler de um guião invisível, tal é a segurança e a linearidade da sua entrega. E a sua velocidade de ditado é evidentemente limitada apenas pela velocidade a que eu consigo escrever.

Quanto à questão das distorções no material e às contradições óbvias nas primeiras sessões no que toca a datas, etc.: As razões para isto são tratadas pelo Seth à medida que o material se desenvolve. Estes problemas estão a desaparecer um por um. Agora parecemos capazes de esclarecer quaisquer tais discrepâncias remetendo para elas, se quisermos, e já o fizemos algumas vezes. Mas, aqui, o tempo volta a ser um fator. Como o

Seth disse muitas vezes, o material fornecerá as suas próprias provas, de forma cada vez mais categórica à medida que o tempo passa.

Robert & Jane Butts

458 W. Water St.,

Elmira, N.Y.

Março de 1964

Queira notar que, em alguns casos, são referidos números de página no texto para efeitos de remissão cruzada de material. Esses números de página aplicam-se apenas à paginação da edição em brochura (trade paperback).

SESSÃO 1

2 DE DEZEMBRO DE 1963

(Transcrição literal dos resultados obtidos por nós na noite de 26 de novembro/63 — poucos dias antes de começarmos a receber a série de mensagens primeiro de Frank Watts, e depois de Seth.)

(Nota que as palavras EASTERN e ROADS aparecem duas vezes, e que coincidem com uma resposta que nos foi dada por Frank Watts durante a segunda sessão, 4 de dezembro/63. Ver página 14. Isto pode não ser invulgar, embora as palavras, neste contexto, sejam um pouco fora do comum; e a Jane e eu perguntamo-nos se estas, repetidas duas vezes entre o que parece ser gíria ininteligível e outras palavras não relacionadas, não terão sido as primeiras tentativas às apalpadelas de Frank Watts para entrar em contacto connosco.

(As separações são arbitrárias da minha parte, no sentido de que as fiz apenas para destacar palavras correntes. Nota que a palavra ROAD, no singular, também ocorre uma vez.)

A SET ESGDP REED RE GREAT WAR ETPQQAEFRNAEROA
ERR

REST EAR EAR RCRGTGURE ROADS EASTERN TO HTA TORN
OSP

SOP A EASTERN ROADS GQURTIGG ERA EST FIGHTS VEST GIP
SEYSV IT AH RAN TST SET ROAD V ASS T BATTALION

(Estávamos um pouco mais esperançosos de obter resultados na tábua depois de termos recebido as poucas palavras baralhadas em 26 de novembro/63. A Jane e eu sentámo-nos frente a frente com a tábua no colo,

as mãos no ponteiro, mas sem fazer perguntas. Queríamos ver o que se desenvolvia, se é que algo. Lentamente o ponteiro começou a mover-se.)

ASOREJEPTOREUSRPESTRSQTDESTGH 6

RRESFTGTNCFUTEUS

([A Jane perguntou] “Estás aí, Edgar Cayce?”)

Sim.

(“Tens uma mensagem para nós?”)

ERESTOPSEDESERFTORSERETQFS

([Eu perguntei] “Estás aí? Podes dar-nos as tuas iniciais?”)

F. W.

(“Por favor soletra o teu primeiro nome.”)

Frank.

(“Apelido.”)

Watts.

(“Podes dar-nos o ano da tua morte, Frank Watts?”)

1942.

(“Conheceste algum de nós os dois aqui na Terra?”)

Não.

(“Tens uma mensagem para nós?”)

Sim.

(“Qual é a tua mensagem para nós?”)

Butts.

(“Há quantos anos estás morto, Frank Watts?”)

32.

(“Foste casado?”)

Sim.

(“A tua esposa está viva ou morta?”)

Morta.

(“Em que ano morreu ela?”)

1954.

(“A tua esposa está contigo agora?”)

Morta.

(“Qual era o primeiro nome dela?”)

Ursula.

(“Qual era o apelido dela?”)

Torto.

(“Há mais nesse apelido?”)

Não.

(“Qual era a nacionalidade da tua esposa?”)

Italiana.

(“E a tua nacionalidade?”)

Inglês.

(“Quantos filhos tiveste tu e a tua esposa?”)

3.

(“Estão vivos agora?”)

Sim.

(“Quantos dos teus filhos estão vivos agora?”)

2.

(“Podes dar-nos o nome de um dos teus filhos que possamos conhecer?”)

Pardon otade need pardon.

(Nota: Otade pode dar a palavra date.

(“Vivias nos Estados Unidos à data da tua morte?”)

Sim.

(“Dá-nos o nome da vila ou cidade em que morreste.”)

FQTP

(Até à data, esta é apenas uma de três respostas que a Jane e eu recebemos que parece ser gíria ininteligível. Ver páginas 4 e 8. Não prosseguimos estas perguntas na altura. Tudo isto era uma experiência tão nova para nós que não sabíamos se devíamos aprofundar, ou continuar. Optámos por continuar.

(“Podes dar-nos o nome do teu filho mais velho, Frank Watts?”)

Doris.

(“Ela está viva agora?”)

Sim.

(“Qual é o nome do teu segundo filho mais velho?”)

Saros.

(“O Saros está vivo ou morto?”)

Morto.

(“Em que ano morreu o Saros?”)

1936.

(“Que idade tinha o Saros quando ele [ou ela] morreu?”)

33.

(Depois de hesitar, o ponteiro indicou o segundo 3.

(“Estamos corretos ao pensar que indicaste a idade 33?”)

Não.

(“Então o Saros tinha apenas três anos, na altura da morte?”)

Sim.

(“Agora podes dar-nos o nome do teu terceiro filho, Frank Watts?”)

Ed[Ed]ward

(“Edward?”)

Sim.

(“Qual era a tua profissão aqui na Terra, Frank Watts?”)

Professor.

(“Que disciplina ensinavas?”)

Inglês.

(“Quantos anos ensinaste?”)

34.

(“Onde?”)

Escola.

(“Que tipo de escola, básica ou secundária?”)

Básica.

(“Em que cidade ou vila ensinaste?”)

Elmira.

(“Podes dar-nos o nome da rua em que a tua escola fica, ou ficava, situada?”)

Strate.

(“Strate St? É essa a palavra correta?”)

NO QE

(Na altura não prosseguimos mais isto.

(“Qual era a tua idade à data da tua morte?”)

74.

(“74? Está correto?”)

Sim.

(“E a idade da tua esposa à data da morte?”)

75.

(“Isso está correto?”)

Sim.

(“Em que ano nasceste, Frank Watts?”)

1985.

(“Podes responder de novo a essa pergunta?”)

1885.

("Qual foi o ano de nascimento da tua esposa?")
1888.
("Em que rua nasceste, Frank Watts?")
State.
("Qual era o número da porta?")
243.
(Depois de uma pausa: "Há mais nessa mensagem?")
Não.
("A casa em que nasceste ainda está de pé?")
Sim.
("Quais são as iniciais do homem que vive nessa casa agora?")
S.A.
(Podemos ter sido demasiado impacientes aqui ao fazer a pergunta seguinte, já que tomámos o A como inicial do apelido.
("Soletra o primeiro nome de S.A.")
Sam.
("E o apelido?")
Towson.
("Conheceste o Sam Towson, Frank Watts?")
Sim.
("Qual era a relação entre vocês?")
Amigo.
("Há quanto tempo se conheciam os dois? Quantos anos?")
43.
("Está correto?")
Sim.
("Frank Watts, tomas conta do Sam Towson agora?")
Sim.
("Porquê?")
Porque éramos amigos.
(Esta foi a resposta mais longa, quatro palavras, que tínhamos recebido até então.
("Qual é, ou era, a profissão ou trabalho do Sam Towson?")
Reformado.
("Qual foi a ocupação do Sam Towson antes de se reformar?")
Docorf.
(Grátis)

Medicina.

(“O Sam Towson era médico de medicina, Frank Watts?”)

Sim.

(“Frank Watts, tens algum filho a viver em Elmira agora?”)

Não.

(“Onde vive a tua filha Doris?”)

Schenecty.

(“Queres dizer Schenectady? Está correto?”)

Sim.

(“A Doris é casada?”)

Sim.

(“Quem é o marido dela?”)

Médico.

(“Qual é o apelido de casada da Doris?”)

Towson.

(“O Towson com quem a Doris é casada é filho do Sam Towson?”)

Sim.

(“Qual é o primeiro nome dele?”)

Dick.

(“Qual é o número de polícia da casa onde vivem a Doris e o Sam?”)

2427.

(“Este é o número de polícia?”)

Sim.

(“Qual é o nome da rua onde vivem, em Schenectady?”)

Guippy Street.

(Grátis. Enquanto estávamos intrigados com Guippy Street.)

Comboio.

(“Comboio? Isso está correto?”)

Sim.

(Grátis)

Tim.

(“Tim é o nome de uma criança?”)

Sim.

(Grátis)

Neto.

(“Frank Watts, tens alguma neta?”)

Sim.

(“Podes dar-nos os nomes delas?”)
 Sally.
 (“Há mais?”)
 Sim.
 (“Então, por favor continua.”)
 Patricia.
 (“Patricia?”)
 Sim.
 (“Tens mais netas?” [Depois de uma pausa])
 Não.
 (“Qual é a idade da Patricia?”)
 4.
 (“E a idade do Tim?”)
 18.
 (“Porquê a grande diferença de idades?”)
 Por causa de 2 casamentos.
 (“A tua filha Doris casou duas vezes?”)
 Sim.
 (“O que aconteceu ao primeiro casamento dela?”)
 Divórcio.
 (“Frank Watts, porque nos estás a contar tudo isto?”)
 Porque u take an interest in [Y - No].
 (“Por favor continua.”)
 Psyichenonon.
 (“Estás a tentar soletrar fenómenos psíquicos?”)
 Sim.
 (“Queres dizer que estás disposto a ajudar-nos?”)
 Sim.
 (“Como?”)
 Contacto para u.
 (“Há mais nisso?”)
 Não.
 (“Esse é o fim?”)
 Sim.
 (“Quem ou o quê é que contactaríamos?”)
 Sprts.
 (“Queres dizer espíritos?”)

Sim.
("Que espíritos?")
Mortos.
("Quem?")
Allm.
("Isso é um erro, Frank Watts?")
Não.
("Então a palavra é all [todos]?")
Sim.
("Muito bem, por favor continua.")
Não.
(Aqui a Jane e eu tivemos a sensação de que a sessão podia ter terminado.
O ponteiro
pairou perto da palavra Goodbye na tábua. Queríamos continuar, claro.
(Grátis)
Evry.
("Queres dizer que podemos ou devemos tentar contactar todos os
espíritos?")
Não.
("Quais então?")
Qualquer um.
("Qualquer um. Isso está correto?")
Sim.
("Quando?")
Quartas-feiras às 9 horas.
(Na palavra o'clock, o algarismo 0 foi indicado pelo ponteiro, não a
letra o.)
("Queres dizer todas as quartas-feiras à noite, ou apenas na próxima quarta-
feira à noite?")
Todas as qua sim.
("Frank Watts, tens aí onde estás
agora um sentido de tempo como nós o conhecemos?")
Não.
("Sem sentido de tempo para ti, correto?")
Sim.
("Porquê?")
Tempo para v é diferente.

("Em que é que o tempo é diferente para nós?")
Sim.
("Como é diferente o tempo para nós?")
Perspetiva está fora para v.
("Podes, por favor, clarificar isso?")
Sim. Dimmeson.
("Queres dizer a palavra dimensão?")
Sim.
(Grátis)
Quarta diminon.
("Quarta dimensão, Frank Watts? Correto?")
Sim.
("Então continua.")
Quinta dimensão.
("A quinta dimensão, certo?")
Sim.
("Podes explicar-nos a quinta dimensão, Frank Watts?")
Espaço.
("Espaço?")
Sim.
("Muito bem, por favor continua.")
Quinto espaço.
("Há mais nessa resposta?" Após uma pausa.)
Não.
("Disseste então que a quinta dimensão é o espaço?")
Sim.
("Vês-nos aqui agora, Frank Watts?")
Sim.
("Consegues ver-nos quando escolhes?")
G.
("Há mais nessa resposta?" Após uma pausa.)
Não.
("Frank Watts, a Jane, tu e eu temos algum conhecido em comum?")
Professor.
("Podes esperar enquanto eu aponto isto tudo no papel?")
Sim.
("Então nós os três temos um conhecido em comum, correto?")

Sim.

(Esta resposta foi soletrada na tábua, enquanto os anteriores sim e não tinham sido indicados pelo ponteiro movendo-se para as palavras impressas na tábua.

(“Podes dar-nos o nome desse conhecido em comum?”)

Callahan.

(Grátis)

Sim.

(“Queres dizer a Florence Callahan que vive no apartamento da frente desta casa? Conheceste-a?”)

Sim.

(“De que modo conheceste a Florence Callahan?”)

Amiga.

(Grátis)

De uma família.

(“Contactas alguma vez a Sr.^a Callahan?”)

Não.

(“Tomas conta dela para ver se está bem?”)

Sim.

(“Ela tem alguma ideia de que tomas conta dela, Frank Watts?”)

Não.

(“Quando foi a última vez que a viste enquanto estavas vivo?”)

1943.

(“Sabes se a Sr.^a Callahan alguma vez pensa em ti?”)

Não.

(“Tens alguma mensagem para nós?”)

Aprender e escutar, sim.

(Como a tábua não indica pontuação, ela é arbitrária da minha parte.

Contudo não apresenta problema e é usada para facilitar a leitura.

(“Podemos aprender mais contigo sobre como te contactar aí onde estás agora?”)

Sim.

(“Podes dar-nos uma palavra quanto ao que podemos aprender contigo?”)

Comunicação.

(“Muito bem, tens uma mensagem para nós agora?”)

[Vikl no] Telepatia vital.

(“Telepatia vital? Em que sentido é a telepatia vital, Frank Watts?”)

Tem poder para o bem.

(“Então queres dizer que podemos ajudar os outros?”)

Influências.

(“Seremos capazes de dizer aos outros a verdade?”)

Sim.

(Soletrado na tábua.

(Grátis)

Quando aprenderem verdades.

(“Como aprendemos essas verdades?”)

Estudar, escutar, tentar fazer tudo, ler tudo, tudo.

(Como referido antes, a maioria das palavras da mensagem acima foi seguida do ponteiro movendo-se para a palavra sim na tábua. Esta foi também a nossa resposta mais longa até agora.

(“Estás a dizer que temos acesso à verdade, aqui na Terra?”)

Sim.

(Soletrado.

(“Nos livros que lemos e leremos?”)

Pergunta.

(“Como?”)

Perguntem e ser-vos-á mostrado.

(“Há mais nessa mensagem?” Após uma pausa.)

Não.

(Grátis)

Médiuns tentam. V tentam.

(“A Jane e eu temos alguma capacidade mediúnica?”)

Sim.

(“Ambos?”)

Sim.

(Soletrado.

(Grátis)

Capacidade razoável, ambos. Tábuas, tentem repetidamente.

(“Estás em contacto com outros, Frank Watts?”)

Sim.

(“Aqui em Elmira?”)

Não.

(“Onde então?”)

Por todo o lado.

(“Queres dizer aqui nos Estados Unidos, ou pelo mundo?”)

Mundo.

(“A Jane está a escrever um livro sobre a sua teoria do mundo como construção de ideias.

Sabes disso?”)

Sim.

(“Qual é a tua opinião?”)

Bom.

(Grátis)

Será publicado.

(“O livro será publicado? Quem o publicará?”)

Ha.

(Aqui houve uma pausa, que interpretámos mal como sendo o fim da resposta.

(Grátis)

Harcot Brace.

(“Em que ano será o livro publicado?”)

1966.

(“E isto levará até 1966 a concretizar-se?”)

3 Volumes.

(“Frank Watts, a Jane está a receber os teus pensamentos agora, além das tuas respostas enquanto as vais soletrando na tábua?”)

Sim.

(A Jane tinha observado que várias vezes durante a sessão parecia saber qual seria a resposta às minhas perguntas, antes de a tábua as soletrar.

(“O livro sobre construção de ideias terá sucesso?”)

Sim.

(“Quantas pessoas o irão ler?”)

60.000.

(“Mais do que isso?”)

Quem sabe.

(“Que tipo de receção terá o livro?”)

De quem.

(“Dos críticos.”)

Que tipo.

(“Bem, por exemplo dos recenseadores de obras sobre fenómenos

psíquicos.”)

Alguns espantados.

(“Sim, continua.”)

Alguns desdenhosos.

(“A Harcourt Brace será a primeira editora a quem a Jane mostrará o livro?”)

Não.

(“Quantas outras editoras o verão primeiro?”)

Algumas.

(“Podes ser mais específico nessa resposta?”)

Não.

(Grátis)

Qua 21H Noite.

(O ponteiro indicou a mensagem acima depois de a Jane e eu termos falado em

estar muito cansados. Também nos perguntávamos quão bem sucedidos seríamos em

retomar este contacto quando tentássemos da próxima vez.

(O ponteiro indicou então a palavra Goodbye na tábua. Primeira sessão terminada às 00:40.)

SESSÃO 2

4 DE DEZEMBRO DE 1963

(Nesta altura a Jane e eu estávamos muito curiosos, pois era a primeira vez que tínhamos oportunidade de retomar um contacto feito anteriormente na tábua. Como antes, sentámo-nos na sala de estar, com as persianas corridas e duas luzes suaves acesas, tentando duplicar a atmosfera da nossa primeira sessão. Mesmo assim, estávamos meio receosos de começar, com medo de que nada acontecesse. Tocámos com os dedos no ponteiro.

(“Estás aí, Frank Watts?”)

Sim.

(“Tens uma mensagem para nós?”)

Pergunta.

(“Onde passaste a maior parte da tua vida, Frank Watts?”)

Elmira.

(“Onde nasceste, em que casa?”)

State St.
("State Street em Elmira?")
Não.
("Onde então?")
Cidade.
("Que cidade?")
Há muito tempo.
("Bem, então em que estado?")
Estado de tristeza.
("De novo, tens uma mensagem para nós?")
Estudar e aprender.
("O que queres que estudemos e aprendamos?")
Verdades.
("Existe tal coisa como reencarnação?")
Uma vida.
("Continua.")
Várias.
("Tiveste outras vidas aqui na Terra, Frank Watts?")
Sim.
("Quantas?")
3.
("Três, correto?")
Sim.
("Quando viveste na Terra pela primeira vez?")
Século 6.
("O que eras?")
(Soldu não) Soldado.
("Soldado de quem?")
Rsoset.
("Em que país?")
Turcos.
("Morreste em batalha?")
Não.
("Conheceste a Jane ou a mim numa vida anterior?")
Sim sim.
("Qual de nós?")
Ambos.

("Conheceste-me a mim, Rob, numa encarnação anterior?")
Há 3 séculos.
("Onde me conheceste?")
País longe, oceano.
("Em que país do outro lado do oceano?")
Dinamarca.
("Frank Watts, recordas todas as tuas vidas anteriores, onde estás agora?")
Sim.
("Sabes quando regressarás à Terra da próxima vez?")
Não.
("Conheceste a Jane anteriormente?")
Sim.
("Quando?")
Há 3 séculos.
(Grátis)
Dinamarca.
("A Jane e eu conhecíamos-nos há três séculos, na Dinamarca?")
Sim.
("Qual era a nossa relação?")
Pai e filho.
("Qual de nós era o pai?")
Tu.
("Qual era a tua relação connosco, Frank Watts?")
Amigo próximo.
("Qual era a tua ocupação?")
Merchant.
("Que tipo de comerciante?")
Exótico.
("Continua."
(Sps Não) Especiarias.
("Qual era a minha ocupação?")
Proprietário de terras.
("Que tipo de terras possuía eu?")
Quintas.
("Onde ficava localizada uma das minhas quintas, por exemplo?")
Eastern Roads.

(Ver página 1, para a transcrição de 26 de novembro de 1963, feita antes de esta série começar. As palavras Eastern e Roads foram recebidas duas vezes. Prelúdio desta série?

("Onde fica Eastern Roads?")

Dinamarca.

("Perto de que cidade ou povoação?")

(Goe Não) Já não existe.

("Qual era o nome dessa cidade?")

Triev.

("Sabes o que aconteceu a Triev, Frank Watts?")

Não.

("Vivias em Triev?")

Sim.

("Durante quanto tempo?")

56 anos.

("Nasceste lá?")

Sim.

("Morreste lá?")

Não.

("Onde morreste?")

Suécia.

("Em que tua reencarnação foi isso?")

2.

("A tua segunda reencarnação; correto?")

Sim.

("Em que cidade da Suécia morreste?")

Estocolmo.

("E em que ano?")

1655 Incertn.

(Grátis)

Fogo.

("Onde nasceste pela terceira vez, Frank Watts?")

Guerra.

(Na altura não prosseguimos isto.

("Porque é que te mudaste da Dinamarca para a Suécia?")

Dinheiro.

("Como é que o dinheiro estava envolvido?")

Navios.

(“Possuías navios?”)

Não.

(“Então como é que os navios estavam envolvidos?”)

Carga especiaria.

(“O que era a minha atual esposa Jane na Dinamarca, que sexo e relação?”)

Filho.

(“No que é que o meu filho se tornou quando cresceu?”)

Pintor.

(“Queres dizer um artista?”)

Sim.

(“Podes dar-me o nome do meu filho, o artista?”)

Van Dyck Mais Novo.

(“Conhecemos as obras deste homem hoje?”)

Sim verdades.

(“Quanto tempo viveu Van Dyck?”)

80 anos.

(“Este homem tinha irmãos ou irmãs?”)

Não.

(“Quando queres que te contactemos de novo, Frank Watts?”)

9 Noite Sex.

(“Adeus, então.”)

Sim.

SESSÃO 3

6 DE DEZEMBRO DE 1963

(Conduzimos esta sessão do mesmo modo que as duas primeiras; isto é, em ambiente silencioso, com as persianas corridas e duas luzes suaves acesas. A Jane achou que, na sessão anterior, tinha muitas vezes recebido a resposta às minhas perguntas mentalmente, antes de a tábua ter oportunidade de as soletrar. Ela queria verificar isto, se possível. E claro que continuávamos a perguntar-nos se receberíamos alguma coisa de todo.

(“Estás aí, Frank Watts?”)

Sim.

(“Onde estás agora?”)

Espaço.

(“É espaço tal como conhecemos o espaço aqui na Terra?”)

Não.

(“O teu espaço contém tempo tal como o conhecemos?”)

Não.

(Deletreado.

(“Frank Watts, para onde vão as almas depois de deixarem esta vida?”)

Espaço.

(“Quantas vezes viveste na Terra?”)

3.

(“E o mesmo número de vezes para a Jane e para mim?”)

Sim.

(“Estivemos os três conhecidos em existências anteriores?”)

Sim.

(“Podes dizer-nos quantas encarnações passaremos neste planeta?”)

Não.

(“Podes dar uma leitura de vida para mim?”)

3 vidas.

(“Há mais?”)

Masculino 2 Feminino 1.

(“Em que vida fui eu uma mulher?”)

1.

(“Qual era o meu nome feminino?”)

Mãe.

(“Qual era o meu apelido?”)

Resto.

(Grátis)

4 filhos.

(“Qual era o nome do meu filho mais velho, Frank Watts?”)

Peter.

(“O seguinte mais velho?”)

Reba.

(“E o seguinte?”)

Wirth.

(“E o último filho?”)

Esther.

("Em que século vivi?")

Séc. 4 a. C.

("Qual era o nome do meu marido?")

Stephen.

("Podes dizer-me de que vivia o meu marido?")

Não.

("Conheceste-me nessa vida, Frank Watts?")

Sim.

(Grátis)

Parente.

(Nesta altura, a Jane recebia geralmente as respostas às perguntas mentalmente, antes de a tábua ter tempo de as soletrar. Contudo, ela não confiava neste método e insistiu que continuássemos a receber as respostas também através da tábua.

("Que tipo de parente eras?")

Irmã.

("Qual era o teu nome?")

Mary.

("Em que país vivíamos?")

Mesopania.

("Perto de que cidade ou povoação?")

Perto da cidade de Sepia.

(Grátis. Enquanto nos perguntávamos se Sepia ainda existia.)

O lugar está lá.

("Conhecíamos a minha esposa Jane então, Frank Watts?")

Sim.

(Esta resposta foi tanto indicada na tábua como soletrada.

("Qual era a relação?")

Meu irmão.

("Qual era o nome do nosso irmão?")

Seth.

("Tínhamos mais irmãos?")

2.

("Dá-nos o nome de outro irmão.")

Tennar.

("E o outro irmão?")

Quenton.

(“Qual era o apelido da nossa família?”)

Filho de Robin.

(“Com que idade morri nessa encarnação?”)

35.

(“Qual foi a causa da minha morte?”)

Pneumonia.

(“Com que idade morreu Seth?”)

53.

(“Qual foi a causa da morte de Seth?”)

Ataque.

(“Como?”)

Animais.

(“Que tipo de animais?”)

Lobos 5.

(“Frank Watts, de que fraqueza devo precaver-me nesta encarnação?”)

Isolamento em demasia.

(“E a mesma pergunta, aplicada à Jane.”)

Demasiada agressão.

(“Porque tenho eu esse problema particular nesta encarnação?”)

Aloofness leva no teu caso a atitudes insimáticas.

(“Porquê?”)

1.^a vida demasiado mundana.

(Grátis)

Compensar demasiado agora.

(“É por isso que sou artista agora?”)

Não é completamente a razão.

(“Qual é o resto da razão?”)

Conhecimento ascendente.

(“Terei sucesso nesta busca de conhecimento ascendente?”)

Sim.

(Grátis)

Humildade apenas passos do conhecimento. Não 1 grande passo.

(“Estou a esforçar-me o suficiente, ou da maneira certa?”)

Muito, sim.

(Grátis)

Algun isolamento necessário e bom, particularmente para (não) u.
Depois expandir.

(“Expandir de que modo?”)

Conscicounious.

(“As minhas relações com os outros vão melhorar?”)

Sim.

(“A minha arte dirá alguma coisa, ou ajudará alguém?”)

Sim.

(“De que modo?”)

Imagens de imortalidade, relances de outras dimensões.

(“A Jane quer saber, Frank Watts, como ou por que é que ela está a
receber as tuas
mensagens antes de as soletrares na tábua.”)

Médium.

(Grátis)

Poeta.

(“Porque é que a Jane tem agressão em demasia?”)

Timidez tem raízes de raiva.

(“Porque essas raízes de raiva na minha esposa?”)

Ódios prévios não resolvidos.

(Grátis)

Deve conquistar agora.

(“A Jane pode fazer isto através da sua poesia?”)

Parcialmente. O espírito deve abrir, expandir.

(“A Jane pode livrar-se conscientemente desse ódio e abrir o espírito
neste
plano?”)

Livre-arbítrio neste plano para esse tipo de ajustamento.

(“Que ódios prévios da Jane estão por resolver?”)

Nenhuma informação direta permitida.

(“Frank Watts, tens autoridade acima de ti agora?”)

Sim, mente.

(“Podes dizer-nos mais sobre essa mente?”)

Inteira, sem compartimentos. Cada vida um compartimento.

(“Mais?”)

Sem compartimentos separados onde estou.

(“Viajas no nosso espaço; entre os nossos planetas, por exemplo?”)

Planetas diferentes diferentes.

(“Consegues ver tudo onde estás agora?”) A maior parte, não tudo. Se visse tudo não estaria interessado na comunicação.

(“Poderias viajar para a próxima galáxia se quisesses?”)

2 mudar de forma cada esfera.

(“Qual é a tua forma enquanto comunicas connosco?”)

Ondas de pensamento, correntes de tempo.

(“Se estivéssemos aí contigo no mesmo estado que tu, conseguiríamos ver-te?”)

Sim, teriam de ver. Só o mesmo vê o mesmo, por regra.

(“Tens sentido de luz e escuridão onde estás?”)

Pergunta sem sentido. Tudo diferente, comparências impossíveis.

(“Frank Watts, qual seria o teu tópico ou assunto favorito de comunicação connosco?”)

Verdades psíquicas, dimensões do conhecimento.

(“Muito bem, estamos prontos para a lição número um, ou uma mensagem.”)

Amor, mesmo o transitório, que é imagem do permanente.

(“Há mais sobre isso, ou estamos prontos para a próxima lição agora?”)

Nada é assim tão simples.

(“A pessoa sabe imediatamente quando morre?”)

Nem sempre.

(“Porquê?”)

Tempo para orientar-se. Consciência continua. Confuso.

(“Quanto tempo leva, geralmente, para uma pessoa perceber a sua morte?”)

Percepção gradual, por etapas de afastamento e chegada.

(“Como é que uma pessoa sabe que está morta ao princípio? É deixada sozinha a encontrar o seu caminho, é recebida por outros, ou o quê?”)

Recebida por conhecidos de outras vidas.

(“Porque é que os nossos escritores criativos sérios não trataram mais plenamente deste facto da comunicação entre os dois planos, se podes comunicar connosco tão facilmente agora?”)

Muitos sabem. Confusões dificultam a realização.

(“Estamos a Jane e eu em estado de saúde agora, fisicamente?”)

Corpos bons.

(“O que podes dizer da nossa saúde mental?”)
Sujeita a ajustamentos. Flexibilidade vital, mas também propósito inalterado.
(“Qual é o principal acontecimento mundial da próxima década?”)
Muralha da China colapsa.
(“O que queres dizer exatamente?”)
Hordas precipitam-se para fora.
(“Queres dizer que os Estados Unidos irão à guerra com a China?”)
Não necessariamente guerra.
(“Haverá uma convulsão interna na China?”)
Sim. Não possível aceder.
(“Podes dar-nos mais sobre isto?”)
Tudo isto esquemático e difícil. O subconsciente da Jane é ajuda.
(“Como é o subconsciente da Jane uma ajuda?”)
Corredor com muitas portas.
(“Frank Watts, estou a receber alguma das tuas mensagens, ou é a Jane que as recebe todas?”)
Ambos.
(“Quando queres que te contactemos de novo?”)
9 noite domingo. Adeus.

SESSÃO 4

8 DE DEZEMBRO DE 1963

(De novo, a Jane e eu sentámo-nos à tábua Ouija à hora marcada. E de novo perguntámo-nos se receberíamos alguma coisa. Tocámos com as mãos no ponteiro.

(“Estás aí, Frank Watts?”)
Sim.
(“Tens uma mensagem para nós?”)
A consciência é como uma flor com muitas pétalas.
(“Há mais, ou podemos fazer-te algumas perguntas?”)
Perguntas são adequadas.
(“Os animais são entidades?”)
Personalidades.
(“As pessoas renascem como animais?”)
Não.

(Grátis)

O padrão é entretecido.

(“Podes clarificar isso?”)

Personalidades destacadas.

(Grátis)

Por vezes buscam expressão em várias formas.

(“Podes dizer-nos algo sobre memória racial?”)

O corredor é de muitos níveis.

(Grátis)

Janelas (T Não) dão para o interior. Assim é o tempo de muitos níveis, e no entanto todos os níveis são um. Sem contradição. Só a partir do nível mestre é que a verdadeira perspetiva é vista.

(“Frank Watts, o que pensas da soma das tuas existências anteriores aqui na Terra?”)

São o que eu sou, mas serei mais.

(Grátis)

Trocadilho: O todo é a soma dos seus corações, ha.

(“E quanto à nossa explosão demográfica?”)

Personalidades parciais (s não) continuam a voltar. Entidades divididas. Uma entidade inteira pode precisar de várias manifestações, até em tempos chamados simultâneos.

(“Haverá um fim para este processo na Terra?”)

Que processo?

(“Quero dizer, o que acontece quando fisicamente não houver espaço na Terra para um aumento em números absolutos?”)

Não vai acontecer.

(“Porquê?”)

Finalmente ficará fora de limites.

(Grátis)

Os espíritos podem ir para outro lugar. Violência só o vosso plano. Problemas resolvidos (tr não) através da ação estão condenados a conduzir à violência.

(Depois desta mensagem, a Jane ouviu claramente o seguinte interiormente, embora a tábua não o tivesse soletrado:)

Qualquer ação é violência, afinal.

(“Frank Watts, parte da tua psique está viva na Terra agora?”)

Parte muito pequena. Mal a sinto falta. Eu observo-a mas deixo-a em paz.

(Grátis)

É um fragmento de cão.

(“Onde? Podes dar-nos a localização deste cão?”)

Não.

(“Podem os poemas da Jane ser equiparados a experiências ou conclusões da sua parte de acontecimentos passados, vidas, ou sonhos?”)

Alguns são. Muitas memórias, digamos de um quarto cuja porta, uma vez aberta, está agora fechada. Mas a alma tem olhos mágicos. Ela não consegue ver mas vê. Em tempos viu demasiado bem. Viu o futuro mas só podia viver no passado. Agora procura libertação do presente, mas agora deve trabalhar arduamente pelo que antes vinha facilmente. Os talentos têm de ser polidos, agora ou mais tarde.

(“Porque é que os talentos têm de ser polidos agora ou mais tarde?”)

O que é não pode ficar ou diminuir, mas crescer até à frutificação.

(“É tudo isto o subconsciente da Jane a falar?”)

O subconsciente é um corredor. Que diferença faz por que porta viajas? Não obstante, posso falar através dela se assim o escolher. Em tempos ela falou através de mim. Não consegues ver a piada, claro. Ha.

(“Quando falaste através da Jane?”)

Há século, sessão espírita. Ela era médium a chegar a mim para ti. Eu vim também.

(“Podes dar-nos a localização dessa sessão espírita?”)

Não, mais tarde. Querem sempre saber tudo de uma vez.

(“Frank Watts, podemos remeter a ti quaisquer perguntas específicas no futuro, para maior elaboração?”)

Sim. Prefiro não ser chamado Frank Watts. Essa personalidade era bastante sem colarinho.

(“Como preferirias ser chamado?”)

Para Deus todos os nomes são o nome dele.

(“Mas ainda precisamos de algum tipo de nome ou título que possamos usar ao falar contigo.”)

Podem chamar-me o que quiserem. Eu chamo-me Seth. Assenta-me o eu de mim, a personalidade que mais claramente se aproxima do eu inteiro

que sou, ou que estou a tentar ser. Joseph é o teu eu inteiro mais ou menos, a imagem da soma das tuas várias personalidades no passado e no futuro.

(“Podes dizer-nos mais sobre isto?”)

Tu és Joseph, o Joseph que vês na tua mente, o plano. Parede ou paredes são as divisões entre as tuas várias personalidades, e também representam os tempos das encarnações. Às vezes consegues ver por cima da parede, às vezes é 1 parede, e às vezes são muitas. Para o (pl não) Joseph inteiro não há parede, mas unidade. Eu chamar-te-ei Joseph.

(Esta mensagem referia-se a uma experiência que a Jane e eu tínhamos conscientemente esquecido. Muitos meses antes, a Jane e um amigo tinham conseguido pôr-me num estado de transe. Enquanto nesse estado, tive visões repetidas de um homem, um homem idoso de vestes, de pé diante de uma parede antiga. Por vezes conseguia ver por cima do topo dessa parede, feita de pedras cobertas de hera; outras vezes estava alveolada e complexa; e outras vezes era tão alta que eu não conseguia ver por cima. Os dados mentais eram muito vívidos e a cores.

(“Ajudaria pintar um quadro da minha recordação de Joseph e da parede?”)

Excelente. A imagem está sempre lá.

(Grátis. Depois de a Jane e eu termos estado a discutir se devíamos perguntar a Seth sobre pessoas além de nós próprios.)

A mãe da Jane velho inimigo. Forças desorganizadas desin 2 grandio. Fragmentos de entidade forte, quebrados. Em degradação desta vez.

(“Seth, porque acontece tal coisa a uma entidade?”)

Recuperará o pé eventualmente. Consequências do livre-arbítrio.

(“Livre-arbítrio exercido durante esta encarnação presente por parte da mãe da Jane?”)

Não.

(A mãe da Jane é uma artrítica acamada, e tem sido desde que a Jane era uma menina muito nova.

(Grátis)

Resultados de uma vida anterior. A Jane deve evitar qualquer ato de crueldade para com ela.

A Jane escolheu circunstâncias nesta vida para testar a própria paciência, para compensar temperamento anterior. Eu fui Frank Watts para aprender humildade.

Cautela, o orgulho pode destruir muito.

Os estúpidos não devem ser desprezados porque todos temos de aprender humildade.

(O seguinte veio depois de eu ter comentado meio a brincar que humildade parecia ser a palavra favorita de Seth.)

Não é de toda palavra favorita, mas não me atrevo a esquecê-la. Insiste na qualidade mas não sejas tão presunçoso, Joseph.

(Grátis. Depois de a Jane e eu termos discutido fazer uma pausa.)

Pausa se quiseres. Eu tenho mais tempo do que vocês, ha. 15 min.

(Pausa às 23:40. Retoma às 23:55.

(“Muito bem, Seth.”)

Estou aqui.

(“Como chamarias a Jane, assim como me chamas Joseph?”)

Ruburt.

(“Podes clarificar isto um pouco?”)

O que há para clarificar?

(“Parece-nos um nome estranho. Não creio que a Jane goste, também.”)

Estranho para o estranho.

(Grátis. Depois de eu ter comentado em voz alta que Ruburt parecia um nome meio-meio, significando masculino e feminino.)

Sexo tem significado nesses termos apenas no vosso plano.

(“Então, temos a ortografia correta de Ruburt?”)

Sim.

(Grátis. Depois de a Jane ter reclamado novamente do nome.)

Imagem masculina confunde-vos.

(“Seth, porque é que os seres humanos comem animais?”)

No vosso plano a lei é assim. Mais sobre isto noutra data. Um ciclo estabelecido

dentro da vossa esfera, mas não imposto a partir de fora.

(“Que ligação, se alguma, tem o retrato do homem que pintei na Flórida, por volta de 1954, com a Jane ou comigo?”)

Joseph vê com os seus olhos.

(“Se escolheres, podes usar algum poder de cura relativamente a nós?”)

Sim.

(“Caber-nos-ia a nós pedir?”)

Sempre.

(Grátis)

Tal coisa requer mais atenção da minha parte.

(“Então podes dizer-me porque tive todas aquelas dores nas costas no início deste ano?”) Vértebra 1 não canalizou força vital através do organismo. Retida por medos a beliscar nervos. Expansão do espírito permite ao organismo físico expandir-se, liberta pressões.

(“Quando queres que te contactemos de novo?”)

Seg 21H.

(“Boa noite, Seth.”)

Voltamos a encontrar-nos após muito tempo, nós três.

(“Qual é mesmo o nome da Jane?” [Depois de a Jane ter feito mais queixas do nome que Seth lhe deu: Ruburt.]

Rubert.

(“Agora a ortografia é diferente.”)

Rupbert.

(Grátis)

Chamar-te-ei Jane, se isso te fizer mais feliz.

SESSÃO 5

9 DE DEZEMBRO DE 1963

(Sentámo-nos à tábua Ouija como de costume.

(“Estás aí, Seth?”)

Sim.

(“Tens uma mensagem para nós?”)

Boa noite.

(“Podes dizer-nos algo sobre o significado dos parques infantis para a Jane?”)

Encarnação. Ela cedo tomou consciência disso no parque infantil.

(Grátis)

Significativo para ela.

(“Importa a que religião alguém pertence, ou escolhe?”)

Não, exceto que rigidez e mentes fechadas podem ser prejudiciais.

Não o dogma, mas o sentir é importante.

(“A Terra já conheceu antes uma civilização tão complicada como a nossa?”)

Sim, noutra fase coexistente espacialmente mas não simultânea no tempo.

Evoluiu naturalmente para outra fase.

(Grátis. Depois de eu ter referido uma dor de dentes; tinham-me posto um enchimento nessa tarde.)

O dente e os nervos e as raízes estão agora em repouso. A sensação será agora normal. Sem veneno.

(“Seth, já estiveste na Terra em duas ou mais encarnações ao mesmo tempo?”)

A entidade geralmente 1 de cada vez. Fragmentos não no plano terrestre ao mesmo tempo que a entidade. Fragmentos vivos e vulneráveis a forças, às mesmas forças, a que toda a vida terrestre está.

(“Os insetos são fragmentos?”)

Sim. Difícil de explicar.

(“Porque é que os animais estiveram aqui na Terra durante tanto tempo antes do homem?”)

Levou esse tempo para (s não) as entidades construírem imagens humanas.

(“Este processo continua na Terra agora?”)

Sim. Entidades a ir e vir.

(“Outras estrelas têm planetas?”)

Certamente.

(“Poderias viajar para a Via Láctea se quisesses?”)

Se eu escolher. Contudo tenho outras considerações. Estaria a sair da linha. Nada além do bom senso me impede.

(“Poderias viajar para Arcturus, uma das nossas estrelas mais próximas?”)

Qualquer lugar é possível. Esses lugares são diferentes para ti e para mim. Nenhuma divisão para mim.

(“Quantos planetas tem Arcturus?”)

5.

(“Quantos desses planetas são habitados?”)

3, mas nem toda a vida é vida do vosso tipo.

(Grátis)

Muitos lugares habitáveis parecer-vos-iam inabitáveis. Os vossos sentidos só conseguem ver o vosso próprio tipo de vida.

(“A Terra tem sido visitada por vida alienígena?”)

Constantemente. Não é estranho que assim seja. Vidas alienígenas não se conseguem ver umas às outras.

Topam-se e não sentem arranhão.

(“O que acontecerá quando começarmos a fazer as nossas viagens a outros planetas e estrelas, à procura de vida?”)

Podem encontrar alguma que reconheçam. A vossa ciência poderá descobrir formas

de encontrar vida que os vossos sentidos, por si, não conseguem.

(“Que posso eu fazer para ganhar algum dinheiro?”)

O teu problema. Tu (a não alde não) já sabes. Tem confiança de que o resolverás. Já ganhaste a vida vezes suficientes antes. Ha, Joseph.

(“Seria aceitável eu trabalhar a tempo parcial para a Artistic, por exemplo?”)

Sem grande problema. Mais dinheiro alivia parte da tua raiva dos teus patrões.

(Grátis)

Espírito (must no) poderá ter dificuldade na flexibilidade necessária.

(“Eu estava a pensar prosseguir o meu rumo atual.”)

Então fá-lo. Força, propósito, talento e inclinação tens do teu lado.

Trazem sucesso.

(“Quando ficará pronto o livro da Jane sobre construção de ideias?”)

2 anos desde o início.

(“Ela terá alguma dificuldade em publicá-lo?”)

Alguma.

(“Mas será publicado?”)

Sim. O mais tardar um ano após concluído.

(“Podes dizer-nos quem o publicará?”)

Já disse.

(“E será em três volumes?”)

3.

(Grátis)

1 vol., 2 anos. 3 no total.

(“O que achas do conteúdo do livro?”)

Excelente.

(“Segundo a Jane, os sentidos criam o mundo físico. Isto é correto?”)

Sim. O mundo físico é construção de ideias, como todos os mundos são.

(“Porque é que a Jane teve esse lampejo de intuição sobre o livro precisamente quando teve?”)

Intuição do parque infantil e poema.

(A Jane sabe qual é o poema. Chama-lhe *The Fence*. Escreveu-o em maio de 1963. Começou o livro sobre construção de ideias com um óbvio surto de intuição a 9/Set/63, após ter um sonho vívido sobre isso na noite anterior. Tomou notas sobre o sonho.)

(“Será este livro a obra maior da vida da Jane?”)

Este é livro importante mas apenas raiz. Florescerá muitas vezes. Voltaremos a isto noutra altura, muito mais.

(Nesta altura estávamos ambos muito cansados.

(“Quando queres que te contactemos de novo, Seth?”)

Quarta-feira 21H adeus.)

(Cópia do poema da Jane, referido por Seth na página 27.)

Maio de 1963

A Vedação

Apesar desta malha de carne cruzada
Saber a pêssago e sentir-se como penugem de pêssago,
Tudo fusões absolutas de ouro e verde e vermelho,
Ensoralhadas, tontas e deliciosas,
Ainda assim, tocá-la com os olhos é como espreitar
Através de uma vedação cruzada
Com fios engenhosamente ligados,
Um milhão por polegada.

O vento do braço sopra o cabelo,
E na base, uma verruga dourada,
Tal pinta como um pêssago poderia ter,
Mas o cabelo arqueia-se para trás para mostrar um buraco escancarado,
E cada onça de carne é uma vedação,
Erguida redonda e justa

Em torno de paisagens escondidas, sóis e sombras,
Vias internas rendilhadas de arbustos espinhosos.

Espreita através. Os buracos não são suficientemente grandes
para ver muito,
Mas os sonhos percorrem fios prodigiosos.
Fogos mais brilhantes do que luas de outono
Lançam sombras saltitantes sobre o braço.
Dias e noites ardem como estrelas
Nos prados cintilantes do crânio,
E através da vedação da carne em flor de pêssego
Outros frutos florescem fora de alcance.

SESSÃO 6

11 DE DEZEMBRO DE 1963

(Conduzida como de costume, com a Jane e eu sentados à tábua
Ouija.)

(“Estás aí, Seth?”)

Sim.

(“Tens uma mensagem para nós?”)

Perguntas.

(“Tens apelido?”)

Não.

(“Estamos em transe ou sob hipnose leve quando falamos contigo?”)

Às vezes.

(“Podemos falar contigo a qualquer altura que escolhamos?”)

Tentem.

(“Pode a hipnose enviar um indivíduo adiante para a sua próxima
encarnação, ou
para a vida depois de o seu ciclo terrestre estar concluído?”)

Sim, embora muita cautela deva ser usada.

(“Por que tal cautela?”)

Incapacidade de ajustar e regressar intacto.

(“Queres dizer apenas mentalmente?”)

Espiritualmente.

(“Alguma vez tentaste algo assim enquanto vivias na Terra?”)

Não, nunca me ocorreu.

(“Achas que poderias ter tentado, se estivesses ciente de que tal coisa era possível?”)

Como Seth talvez tivesse. Outras personalidades não.

(“Conheces muitos que tenham tentado?”)

Tentaram, sim.

(“Porque é tão tímido o meu pai?”)

Foi uma mulher extremamente agressiva da última vez. Causou infelicidade.

(“Quando?”)

Século 18.

(“Em que país?”)

França.

(“E em que vila ou cidade?”)

Capital.

(Grátis)

Sempre inteligente mas frequentemente governado pela emoção, como agora.

(“Podes dizer-nos algo sobre o pai da Jane?”)

Entidade fragmentária, desconfortável com a personalidade presente.

Lacuna entre (t não) ego e subconsciente, forças vitais escapam. Ele é parte da entidade da sua última mãe.

(“Porque se casaram os pais da Jane?”)

Atração de fragmentos ambos. Ela agressão sólida. Ele viu a agressão como força. Ela renasceu cedo de mais, correu atrás do pai. Conheceu-o antes.

Chocada ao achar-se sua filha. Quis ser contemporânea.

(“Porque é que o meu pai casou com a minha mãe?”)

Vitalidade. Quis também a ousadia dela.

(Grátis)

Ele congelado por cima, ela congelada por baixo. Juntos temperatura suportável.

Salvaram-se um ao outro.

(“A psicanálise ou ajuda psiquiátrica seriam úteis em tais casos?”)

Sim. A idade é algum entrave nesse tipo de ajustamento.

(“Seth, onde está o pai da Jane neste momento, a 11 de dezembro?”)

Flórida.

(“Precisamente onde na Flórida?”)

Orange Beach Park.

(“Há quanto tempo lá está?”)

Muito pouco tempo.

(“Quantos cães tem com ele?”)

3.

(“Está lá mais alguém com ele?”)

Mulher.

(Grátis)Ele basicamente bom, mas agressões ocultas um perigo. Pertenciam à sua mãe. Ela pô-las nele sem saber.

(“De que modo são essas agressões um perigo?”)

Para ele e outros. Ego fragmentário não é forte. Agressões profundas.

(“Podes dar-nos o nome da mulher que está com ele agora?”)

Não.

(“Porque é que os seres humanos vivem apenas 75 anos em média?”)

Isso é tempo suficiente. A entidade divide-se durante as encarnações. Entre vidas,

eu total.

(“Quantas vezes se elevaram e afundaram os continentes na Terra?”)

Infinitas.

(“Quando começará o próximo período de tal atividade?”)

2.000.

(Grátis)

Começar 2.000.

(“Isto destruirá a nossa civilização tal como a conhecemos?”)

Não.

(“Seth, podes sinalizar-nos a tua presença por algo como pancadas na mesa?”)

Sim, possível. (Pausa.) Sentem-se quietos 3 minits, esperem.

(Este período começou às 22:11. Foi muito estranho para nós. Fiquei surpreendido ao notar o meu pulso a acelerar; as palmas ficaram muito suadas. A Jane e eu não sabíamos o que, se algo, esperar. Ambos nos sentíamos algo apreensivos.

A mesa estava perto da minha mão direita; usei-a para tomar notas. O período terminou às 22:14, sem acontecer nada.)

(Grátis)

Não consigo chegar através. Não estão recetivos o suficiente. Quando eu conseguir,

irão saber.

(“Podemos fazer algo para ajudar?”)

Não conscientemente.

(“E agora, Seth?”)

Perguntem.

(“É possível para humanos—”

(Cheguei a este ponto na minha pergunta sobre levitação quando a tábua começou a responder.)

Levitação possível. Sonhos da Jane sobre o assunto válidos.

As intuições dela boas.

(A Jane tivera um sonho muito vívido sobre receber instruções em levitação

enquanto estávamos de férias no Maine, em agosto passado.)

(“A Jane alguma vez levitou?”)

Ajudou outra pessoa. Truque então, transe parcial.

(“Quem ajudou ela?”)

Homem.

(“Podes dar-nos o nome do homem?”)

Não, mas pouco salutar.

(“Seth, no futuro será possível contactarmos-te sem usar a tábua?”)

O importe é mágico. Sim. Por vezes façam perguntas. Tentem ambos. Não dispensem a tábua mas comecem também a tentar outro método.

(A Jane recebeu as primeiras palavras desta resposta interiormente, antes de a tábua

as soletrar. Eu não a deixara ver a pergunta enquanto a escrevia.)

(Grátis)

Comecem treino.

(A Jane recebeu a palavra treino.)

“Porque temos coxos?”

(Perguntei à Jane. A resposta dela veio deliberada, com pouca hesitação:)

Fragmentos recusam ajudar o indivíduo como organismo organizado.

(A Jane disse que esta não seria a resposta que teria dado no seu livro sobre

construção de ideias. Mas mais tarde, depois de refletir, disse que poderia ser a razão

ou força motivadora por detrás da sua própria explicação.)

(Grátis)

Muito bom.

(A Jane então recebeu outra mensagem, que citou:)

Faça também Joseph tentar responder a perguntas. Isto é uma experiência.

(A Jane perguntou-me então se o seu livro, *To Hear a Dolphin*, seria aceite pela editora que o tinha agora. Eu não sabia conscientemente qual era a editora.

Respondi, pensando ver a resposta:)

Sim.

(Grátis. De Seth.)

Sejam recetivos e respondam mais.

(Eu disse que o livro seria aceite este mês, e que seriam pedidas algumas alterações.

A tábua respondeu:)

Sim.

(Grátis)

Dois together devem sair-se bem com isto.

(A Jane fez-me a segunda pergunta, enquanto estávamos com as mãos no ponteiro:)

(“Ruburt é o meu nome? Qual o significado deste nome para mim?”)

(Respondi, de olhos fechados, descrevendo uma imagem que via diante de mim:)

(Ruburt significa um homem alto a caminhar por um trilho, de vestes, e em país

acidentado. Lembra-me Joseph. Parece estar sozinho. O céu é muito azul com nuvens brancas. É um dia muito bonito e colorido. Vejo árvores retorcidas e

grandes rochedos. Ruburt caminha com os braços estendidos. As flores, malmequeres,

são muito vívidas, a relva muito verde.)

(Grátis)

Muito bom. Diz mais, eu corrigirei. Isto é um aspeto da expansão do espírito

mencionada antes.

(Depois de pensar um pouco, disse à Jane que me ocorrera que Ruburt tinha sido em tempos Joseph.)
(Grátis)
Parte da mesma entidade, ou contrapartida?
("Acho que parte da mesma entidade.")
Verdade.
("Seth, que tipo de arranjo seria esse?")
Excelente. Alto grau de cooperação. Perto do fim do ciclo de reencarnação. (Eu procurava nas nossas notas uma pergunta que tinha sobre como as Pirâmides foram construídas quando a Jane recebeu a resposta interiormente:)
A rocha seguiu a vontade. A rocha seguiu a mão da vontade.
(Grátis)
Ótimo.
(Depois observei que estávamos ambos bastante cansados e queríamos dar a noite por terminada.)
Força.
("Seth, quando queres que te contactemos de novo?")
Sex. 21H, se fizerem o favor.
("Então boa noite.")
(Fim da sessão às 23:20.)

SESSÃO 7

13 DE DEZEMBRO DE 1963

(A abrir esta sessão tentámos algo diferente, para ver se ainda obteríamos resultados. Sentámo-nos com as mãos no ponteiro à hora indicada, mas não fizemos perguntas. O ponteiro começou a mover-se.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth. Porque é que às vezes sentimos que conhecemos alguém a quem somos apresentados, quando conscientemente sabemos que nunca o tínhamos conhecido antes?")

Às vezes já os conheceram antes, noutras vidas. ("Esta explicação aplica-se também a lugares?")

Podem tê-los visitado. Podem reter um sentido de familiaridade, se não memória efetiva.

(“Poderá esse sentido ser trazido à tona por hipnotismo?”)

Sim, mas a mente consciente deve saber o que o inconsciente está a fazer.

A consciência é, afinal, o objetivo.

(“Bem, não é verdade que, no presente, estamos mais ou menos à mercê do subconsciente?”)

É verdade, mas isso é dizer que o todo está à mercê das suas partes.

O homem simplesmente não aprendeu a usar eficazmente as suas partes. A soma de tudo deveria ser excelente consciência. Jane, a consciência individual é de máxima importância. Ela nunca perde, mas ganha. Cada vez expande-se para incluir mais.

(“Por curiosidade, Seth, o que fazes entre estas sessões?”)

E vocês, o que fazem?

(Ao que comentei, a rir, que andava a passar muito tempo a pensar nestas sessões.)

É melhor relaxares.

(“Podes dar-nos mais informação sobre o nome Ruburt?”)

Este foi o nome dela em tempos, há muito, tal como o teu foi Joseph. Ambos representaram pontos altos das vossas entidades, imagens nos genes mentais, planos para os vossos espíritos seguirem. Joseph e Ruburt representam o âmbito completo das vossas personalidades terrenas, para o qual tendes de crescer. Mas, noutra sentida, já sois Joseph e Ruburt, uma vez que o plano existe. Agora, toda a gente tem tal plano mestre. Ao longo de cada vida o indivíduo tenta segui-lo. O padrão não é imposto sobre ele, mas é o contorno da própria entidade.

([A Jane perguntou:] “Porque é então que tenho de crescer agora em direção a Ruburt?”)

Exististe como j e r espiritualmente, mas tens de ser plenamente j e r no plano terreno.

(“Esta história do plano interfere com o livre-arbítrio?”)

Como? Foste tu que fizeste o plano, e os teus vários eus encarnados não estão conscientemente cientes do plano. Têm livre-arbítrio. Tu deste-lho.

Esse é o desafio.

(“Seth, podemos fazer uma pequena pausa?”)

Sim, precisam.

(Pausa às 22:03. Retoma às 22:10.)

(“Ruburt é uma entidade masculina ou feminina?”)

Masculina a aprender agora a gentileza. Devem porém perceber que as entidades inteiras não são nem masculinas nem femininas nos vossos termos.

(“Foste tu que nos procuraste para contacto ordenando o nosso interesse pela tábua, ou fomos nós que experimentámos a tábua por nossa iniciativa?”)

Vocês procuraram contacto. Eu era o natural. (I não) atraso até conseguir passar.

Esperava-vos. Contactos sempre tentados a certo nível.

(“Foi essa a razão da experiência em estados de transe envolvendo a Jane, o Bill Macdonnel e a mim, há alguns meses — na noite em que vi o Joseph e a parede?”)

Sim. Estavas demasiado doente para levar avante.

(Outra noite, sentado calmamente por um momento após o meu dia de trabalho, vi de novo brevemente a cena da 6.^a sessão — o Ruburt no trilho. Depois, foi seguida por uma curta cena de um veleiro sobre água azul cintilante. Não recordo figuras; as velas eram de um castanho rico e bonito, como de material tecido ou couro; o desenho do barco, embora simples, era primitivo; a água brilhava intensamente, o céu muito azul.)

Veículo tipo barco a levar-te até Joseph, como uma vez te levou para longe. Depois Joseph segue a sua vida noutros planos.

(“Seth, o anel da Jane está em cima da mesa ao nosso lado. Consegues movê-lo uma ou duas polegadas?”)

Concentrem-se.

(Observámos atentamente o anel das 22:30 às 22:34. Nada aconteceu.)

(Grátis)

Paciência. Darei um sinal quando puder.

(“O que é a mente em oposição ao cérebro?”)

O cérebro é mecanismo e a mente é espírito.

(“Alguém no futuro, vais ajudar-nos a reconstruir uma árvore de família das nossas encarnações?”)

Sim, mas é complexo.

(“Seth, porque é que o meu ouvido esquerdo fica ruidoso às vezes?”)

Passagem entupida de medos.

(“Que medos?”)

Medos, quando presentes, encontram qualquer justificação. O medo é o problema, não os medos.

(“A Jane tem problemas de sinusite?”)

Sim. Antiga tentativa de fechar o mundo de fora, tal como os olhos dela e o teu ouvido. A febre dos fenos sintoma de rejeição do mundo também, antes.

(“Muito bem, percebemos isso; mas o que podemos fazer sobre tais coisas agora?”)

Estão a fazer algo.

(Grátis)

Doença resultado de falha parcial em materializar fielmente o espírito. Perde-se o controlo da matéria quando o espírito está fatigado.

(“Seth, a Continental vai publicar o livro de poesia da Jane?”)

Sim.

(“Quando?”)

1964 contrato.

(“A Continental aceitará o romance dela, *Enemies and Beloved Ones*?”)

Estão indecisos agora.

(“Porque estão indecisos?”)

Por várias razões. Sobretudo hábito de indecisão, não tendo muito que ver com o livro em si.

(“Bem, quando é que a Jane receberá resposta sobre o romance?”)

Entre agora e janeiro.

(“A resposta será sim ou não?”)

Não.

(“Para que editora deve a Jane enviar *Enemies* a seguir?”)

Fell.

(“Queres dizer Frederick Fell?”)

Sim. Eu havia de mentir-vos?

(“Quão cedo receberá a Jane resposta da Fell sobre o livro?”)

Ela tem de o enviar primeiro.

("Então, por fim, quando é que a Fell o aceitará?")
1964.
("Em que mês?")
Março ou maio.
("Quanto pagará o livro?")
Não. Boa percentagem de direitos.
("Podes dar-nos mais informação? O livro fará algum dinheiro?")
Sim.
("O que dirão os críticos sobre ele?")
Algumas boas críticas de críticos bem conhecidos.
("Quanto será paga a Jane pelo seu livro, *To Hear a Dolphin*?)
(1 Não) 2.000.
("Quanto desses 2.000 será adiantado?")
1.000.
("Quando o receberá?")
Primavera.
("E por que na primavera?")
Atrasos.
("Vou vender o trabalho artístico que estou a fazer agora?")
Sim.
("A quem?")
Primeiro lugar.
(A Jane disse que estava a ficar muito cansada.)
("Podemos fazer uma pausa?")
Devem. A Jane tem razão.
(Pausa às 23:20. Retoma às 23:30.)
("Seth, a que editora devo enviar o desenho de capa?")
Ace.
(Grátis)
Envia também algo à Fawcett.
("Quanto pagará a Ace pela capa?")
300.
("Está correto? Isso parece demasiado alto.")
Sim.
("Não consigo acreditar.")
Sim.
(Grátis)

A perfeição é boa, mas a fé também.

(“Então, conseguirei vender a capa de ficção científica em que estou a trabalhar?”)

Sim outra vez.

(“Quem gostaria de ver isso?”)

Tu tenta Bantam. Bom mercado, muitos temas.

(“Seth, podes dar-nos um poema com algumas linhas?”)

Eu não sou poeta, e eu sei-o, e eu mostro-o, dá di dá di dá.

(“Porque ofereci ao Spaziani o uso de seis quadros?”)

Gostas muito dele.

(“O que acontece, nos casos de morte acidental, ao espírito?”)

Morte é morte.

(“Mas as pessoas que morrem acidentalmente não esperam a morte.

Os muito doentes, ou idosos, ou ambos, podem estar mais ou menos preparados.”)

Confusão, mas apenas momentânea. Choque não tão mau como o nascimento.

([A Jane perguntou:] “O Robbie e eu teremos um bom Natal?”)

Sim, sua tola.

([Jane:] “Estás a ser condescendente.”)

Não, gosto muito de ti.

(“Quando queres que te contactemos de novo?”)

Domingo 21H.

(“Boa noite, Seth.”)

Feliz Natal, Jane.

(Durante esta sessão, a Jane recebeu as respostas a muitas das perguntas antes de a tábuas soletrar. Mesmo assim insistiu em deixar o ponteiro ir a cada letra da resposta, como forma de verificação.)

SESSÃO 8
15 DE DEZEMBRO DE 1963

FRAGMENTOS & ENTIDADE

(Começou como de costume, ao tabuleiro.

("Boa noite, Seth.")

Boa noite.

("Seth, podemos fazer com que outras pessoas participem dessas sessões?")

Sim, mas o observador deve permanecer em silêncio. Ninguém deve participar quem ainda não partilhe a mesma opinião.

("Responderás a uma pergunta ocasional para um amigo?")

Por vezes. Contudo, sou mais do que um serviço de perguntas e respostas.

("As nossas capacidades irão crescer à medida que praticarmos o contato contigo?")

Eles deviam.

("Ace pareceu gostar da ideia esboçada de um livro sobre PES que Jane lhe enviou. O que achas disso?")

Sim muito bom.

("Este material que estamos a acumular através de ti ajudará Jane a compor o livro?")

Naturalmente.

("Por que é que nas nossas readings ou leituras de fenómenos psíquicos nunca encontramos a palavra fragmento usada exatamente da maneira que a empregas? É um termo original ou tu usa-lo?

Esse é um termo original para mim, até onde posso averiguar.

(A Jane recebeu não apenas a resposta a esta pergunta antes que o tabuleiro a transmitisse, mas a própria pergunta antes que eu a tivesse escrito ou expressado em voz alta.

("Seth, quando estavas encarnado na terra como Frank Watts, conheceste um Treva Watts?")

Irmã mais velha que Frank.

("Em que ano morreu ela?")

1941

("1941, está correto?")

Está.

("Quantos anos tinha ela?")

54

("Como se davam Frank e Treva enquanto irmão e irmã?")

Bem.

("Por que é que a Jane é bastante reservada sobre os contatos que temos contigo? Posso dizer que às vezes ela não se mostra muito entusiasmada.")

Ela está preocupada por receber as minhas mensagens antes de serem soletradas. Isso também haveria de te deixar cauteloso.

("Mas por que será isso motivo de preocupação?")

É mais inquietante.

("Por que motivo será mais inquietante?")

Um tabuleiro é neutro, as mensagens através da mente não o são. Ela está a cooperar e as vossas duas atitudes resultam num excelente equilíbrio. Ela há de se acostumar a isso. As atitudes individuais mudam com várias abordagens, e tu hás igualmente de tentar outras maneiras.

("Achas que a escrita automática pode funcionar no meu caso – ou seja algo mais visual?")

Pode. Espera um pouco.

("O romance de Jane, To Hear a Dolphin, virá a ser publicado?")

Sim. Na Primavera.

(“Quem irá publicá-lo?”)

Eu não sei tudo. Demasiadas variantes. O livro venderá.

(“Depois eu respondi à pergunta da Jane corretamente na outra sessão, quando tentamos receber respostas sem o tabuleiro. Fiquei preocupado por pensar que lhe tinha dado a resposta errada quando Fawcett rejeitou o livro.”)

Sim, boa prática. No entanto, debes esperar alguns erros.

(“De quem foi a imagem que o nosso amigo Bill Macdonnel viu na cadeira de balanço, na casa de banho nas Cataratas do Niágara, em Dezembro de 1961?”)

Menina.

(“Terá essa garota sido uma aparição?”)

Era um fragmento de própria entidade dele, uma personalidade passada que recuperara momentaneamente a independência no plano visual. Por vezes, ocorre um lapso desse tipo. Pausa.

(Pausa às 9h55. A esta altura, Jane estava a receber as respostas para muitas das minhas perguntas antes do tabuleiro, para que, com a concordância dela, eu comesse a anotá-las do que ela ditava. Nesses casos, ela sentiu-se muito inquieta e impaciente para ficar meramente sentada em silêncio enquanto o tabuleiro explicava as respostas. Sempre que me dita uma resposta, ou parte de uma resposta, é realçado no texto da resposta o ponto exato em que o ditado terá começado. Retoma às 10:03.

(“Seth, essa imagem terá tido consciência da presença do Bill?”)

De alguma maneira imersa, todos os fragmentos de uma personalidade existem dentro de uma entidade, dotados das suas próprias consciências individuais. *(Jane dita:)* Eles não têm consciência da própria entidade. Quando Bill viu a imagem e reconheceu a sua presença, o próprio fragmento pareceu ter um sonho. Tal como o Bill viu e não reconheceu, o fragmento viu e não reconheceu.

(“Tudo bem Seth, o que achas da resposta que a Jane deu?”)

Ela recebeu-a na perfeição. A entidade poderia ser comparada a um superego no que diz respeito aos próprios fragmentos. Eu já disse isso antes, mas Jane não o captou.

(Jane recordou isso, começando pelo termo superego, mas ela estava a receber a resposta demasiado rápido naquele momento; além disso ela pensou que poderia estar a mexer conscientemente com a mensagem recorrendo ao uso de um termo como superego.)

(Obrigado)

A entidade opera os seus fragmentos no que haverias de chamar de maneira subconsciente, ou seja, sem orientação consciente. *(Jane dita:)* A entidade concede vida independente ao fragmento, pelo que a entidade mais ou menos os esquece. Quando um lapso momentâneo de controlo sucede, ambos se encontram cara a cara. É tão impossível a entidade controlar fragmentos da personalidade quanto a mente consciente estar ciente ou controlar a vossa própria pulsação cardíaca. Neste caso, a imagem em questão era um fragmento passado.

(“Seth, podes verificar se Jane recebeu a mensagem anterior?”)

Recebeu. Deve levá-la a sentir-se melhor.

(“Quem foi a segunda senhoria de Bill Macdonnel?”)

A pergunta não está claro. Tem algo que ver com uma família Wilcox, conforme a Jane disse.

(Jane dera esta resposta espontaneamente, quando Bill fez a pergunta alguns dias atrás.)

(“Então é possível andar na rua e encontrar um fragmento nosso?”)

É claro. Tentarei pensar numa boa analogia para tornar esse aspeto mais claro mais tarde. Até os pensamentos, por exemplo, são fragmentos, embora num plano diferente.

(Jane dita:) Eles têm que ser traduzidos para a realidade física. Fragmentos de outro tipo, chamados fragmentos da personalidade, operam independentemente, embora sob os auspícios da entidade.

(“É mesmo, Seth?”)

O que é que está certo?

(“Quero dizer, a resposta de Jane.”)

Está. *(Jane dita :)* Deixa-a toda animada não ter que esperar que o tabuleiro soletre as respostas.

(“O tabuleiro soletrará corretamente para nós se fecharmos os olhos?”)

Podes experimentá-lo. No entanto, eu gosto que trabalhes comigo conscientemente.

(“Poderia qualquer um de nós, usando apenas o tabuleiro, entrar em contato contigo?”)

Não tenho a certeza. Tentem.

(Sentei-me com as mãos somente sobre o ponteiro.

“Seth, a Atlântida alguma vez existiu?”)

Não A P S...

(O ponteiro moveu-se lentamente, sem muita certeza, e por fim parou.

“O que achas desta tentativa, Seth?”)

Não muito boa. Quaisquer contatos da vossa parte provavelmente incluirão dados visuais internos. A Jane provavelmente poderá receber-me diretamente. *(Jane dita:)* Em ambos os casos, naturalmente, o contato não é possível o tempo todo. Tu haverias de achar isso mais embaraçoso do que eu.

(Com nós os dois a operar o tabuleiro, repeti a pergunta.

“A Atlântida alguma vez existiu?”)

Existiu. Foi uma das muitas que surgiram e desapareceram. *(Jane acrescentou:)*

Mesofania.

(“Podes nos falar mais sobre a Mesofania?”)

Não, não muito agora.

(“Será um país perdido como a Atlântida?”)

É.

(“Estaremos de volta depois do intervalo.”)

Sim, façam um por mim.

(“Um o que?”)

Um qualquer coisa.

(Nós fizemos uma pausa.

(“Seth, estamos a confundir Mesofania com Mesopotâmia?”)

Bom, eu saberei?

(“Bem, são dois países distintos?”)

Verdade.

(Jane relatou que ela sentiu distintamente que Seth estava amplamente desinteressado neste intercâmbio.

(“Será possível comercializar aquele esboço a óleo que fiz da cabeça de cowboy?”)

Envia-o e vê. Tu tens conhecimentos na área. Usa-os.

(“Eu estava a pensar em enviá-lo ao Ace.”)

Isso é uma pergunta ou uma afirmação?

(“Uma pergunta. Qualquer migalha de informação seria bem-vinda.”)

Ace. Não terás outro feito?

(“Queres dizer a pintura da caseína? Eu tinha-o esquecido. Vou mandar os dois, então, ao Ace.”)

Parece-me mais provável.

(“Conseguirei uma venda?”)

Corta lá isso.

(A Jane teve a distinta ideia de que Seth estava mais divertido na resposta que deu do que irritado.)

(Obrigado)

Eu penso que sim.

(“Seth, esta manhã, quando perguntei à Jane o que era clorofila, ela respondeu que era uma enzima mental. Está correto?”)

Está. Vou entrar nisso ainda na próxima sessão, de quarta-feira às 9. Boa noite caros amigos.

SESSÃO 9

18 de Dezembro de 1964

FRAGMENTOS(continuação)

(Sentámo-nos em silêncio à tábua. Estávamos ambos cansados e sem grande disposição. Tínhamos tido dias de trabalho duros, e quase decidimos não realizar a sessão. Mas o ponteiro começou a mover-se.)

(Grátis)

Sim, boa noite.

(Nem me apetecia fazer perguntas.)

(Grátis)

Espero que não seja a companhia.

(“Seth, as árvores e as plantas são fragmentos?”)

Num certo sentido, todas as coisas poderiam ser chamadas de fragmentos, mas existem tipos diferentes. Os fragmentos de personalidade diferem dos outros por poderem levar outros fragmentos a formar a partir de si próprios. De certa forma, digamos, (Aqui Jane colocou o tabuleiro de lado e levantou-se. Andando de um lado para o outro, ela começou a ditar:)

que uma árvore não pode, fragmentos de personalidade formam outros fragmentos com todas as propriedades do fragmento progenitor — vida emocional e assim por diante.

Quanto aos demais, todos os fragmentos são lançamentos ou projeções.

Difícil de explicar, não estou a sair-me bem. Num sentido físico, este tabuleiro é uma projeção de madeira ou uma árvore, mas neste caso o tabuleiro tem menos propriedades do que a árvore-mãe. A árvore pode crescer, o tabuleiro não. Um fragmento de personalidade por outro lado nunca possui menos propriedades do que o seu progenitor. A diferença reside nisso. Um fragmento de personalidade possui todas as propriedades intrínsecas dos seus progenitores, embora possa não saber como usá-los. O tabuleiro, porém, não pode aprender a crescer, embora vocês o enfiem na terra.

(*Jane continua:*) Num certo sentido, o presente indivíduo numa qualquer vida ser chamado de fragmento de toda a sua entidade, e possui todas as propriedades da entidade original, embora permaneçam latentes ou não utilizadas. O fragmento de personalidade nesse sentido pode aprender a desenvolver o que possui, em vez de buscar novos poderes. Não existem novos poderes. A imagem que o vosso amigo viu era, como eu disse, um fragmento de personalidade dele próprio. Continha todas as habilidades do vosso amigo, latentes ou não, eu não sei. Esse tipo de fragmento de personalidade tem origem diferente do vosso amigo, que é ele próprio um fragmento da sua própria entidade. Chamamos esse tipo de cisão de fragmentos da personalidade ou imagem fragmento da personalidade. Normalmente não pode operar em todos os níveis do vosso plano físico.

Raramente, porém por vezes, um indivíduo pode enviar uma imagem fragmento de personalidade inteiramente a outro nível de existência, mesmo sem o seu próprio conhecimento. Essa imagem fragmento de personalidade pode chegar a obter uma experiência valiosa nesse outro nível. Ela então retornará ao indivíduo. Por vezes, o indivíduo não é mesmo capaz de assimilar esse conhecimento, ou mesmo de reconhecer a sua própria em retorno à imagem da personalidade. O tipo de fragmento que o vosso amigo viu foi algo tipo essa última imagem de personalidade, mas tão desconectada do vosso amigo, e tão abstraída foi enviada nas suas viagens, que as suas informações foram com toda a probabilidade passadas diretamente à entidade que o vosso amigo representa.

Um incremento da concentração do indivíduo consciente é a tendência. Aí esses fragmentos ou imagens de personalidade cindida

podem ser mantidas sob escrutínio sem sobrecarregar o ego atual com distração. Agora, o subconsciente não executa essa tarefa muito bem, já que nunca foi feito para focar uma atenção clara.

A consciência expandir-se-á no vosso planeta, assim como se expande para aqueles que vão além do vosso plano. O alcance da consciência será tão ampliado no futuro que todos os fragmentos de personalidade, imagens de personalidade cindida, e mesmo fragmentos individuais em encarnações sucessivas, serão mantidos num foco claro sem esforço. É para isso que a evolução no plano terrestre se dirige, embora, é claro, no seu habitual ritmo lento de burro.

Entretanto, quando as encarnações no planeta Terra terminarem, a entidade move-se em direção a esse objetivo de qualquer maneira. De qualquer forma, no momento em que esse objetivo for alcançado no plano terrestre, aqueles que dele tiverem passado terão evoluído por modos com as quais até eu só poderei sonhar. O homem e a mulher no estabelecimento de dança de Iorque Beach, sentados sozinhos a uma mesa afastada eram fragmentos dos vossos eus amargos, materializações jogadas fora dos vossos próprios sentimentos negativos e agressivos. O da Jane eram ainda mais fortes que o teu, já que a mulher era mais gorda que o homem. Ela quase os reconheceu por causa das circunstâncias e da sua doença, e por causa da vitalidade peculiar das suas emoções conflituosas da época.

Esses fragmentos existiram durante um tempo, tinham solidez e não deterioram, por lhes terem dado uma inflação contínua. Ao mesmo tempo esses fragmentos continham o vosso intelecto e, conseqüentemente, eles reconheceram-te a ti parcialmente e à Jane. A imagem fragmento do vosso amigo não o reconheceu porque ele não está fortemente em sintonia. As emoções dele não eram criativamente — se é que me desculpam o termo — destrutivas. Tu e Jane têm um problema peculiar de serem criativos mesmo quando são destrutivos.

Por favor, não comentes, por a Jane estar com problemas suficientes comigo esta noite conforme decorre. Jane, estás a sair-te bem. Falando sobre o problema que mencionaste, por as vossas agressões serem razoavelmente bem controladas conscientemente, e por no presente as vossas energias criativas se situarem no reino do vosso subconsciente, nessa fase elas podem ser, e muitas vezes são, usadas para criar situações imagéticas da personalidade, como em Iorque Beach. Podes confiar até certo ponto na intuição da Jane, que tem sido forte em todas as suas encarnações. No entanto, muitas vezes ela só reconhecerá algo estranho e será incapaz, como nesse caso, de identificar o problema.

A entidade da Jane é extremamente forte. A intuição dela representa vislumbres da sua pessoa atual de toda a sua entidade. Via de regra, essas intuições vêm com força. No entanto, ela não está a operar no nível de entidade total mais do que tu, pelo que tu não podes confiar que as intuições dela identifiquem todos os erros que podes cometer.

*(Significando erros por parte de nós os dois, disse a Jane.
("Seth, por que fiz eu com que a Jane se levantasse da mesa e fizesse aquelas reviravoltas comigo naquela dança em Iorque Beach?"))*

Na época, uma das razões para os dois fragmentos de personalidade cindida residia no poder de luta que estava a ter lugar naquele momento. As imagens foram formadas por a energia culminante do vosso podere destrutivo. Enquanto tu não reconheceste conscientemente, inconscientemente conheceste-las bem. Inconscientemente viste a imagem das suas tendências destrutivas, e essas próprias imagens despertaram-te no sentido de as combateres.

Olhando em retrospectiva, podes dizer que esse efeito foi terapêutico, mas se tivesses subconscientemente aceitado as imagens isso teria marcado o início de uma grave deterioração tua, tanto pessoal quanto criativamente. Mais uma vez, as imagens marcaram o culminar crítico das vossas energias destrutivas. O facto de que imagens eram vossas mostra que a vossa destruição se voltara para dentro muito embora materializada no mundo exterior.

Mais uma vez, a vossa personalidade é criativa e construtiva mesmo quando está em sintonia com uma tendência destrutiva. Portanto, mais do que o normal, precisas estar ciente desse problema. O próprio facto de as imagens serem tão sólidas e reais, e tão investidas de atributos físicos mostra o quão forte eram as vossas agressões.

A vossa dança representou o primeiro passo para longe do significado daquelas imagens, e ação violenta era a melhor coisa em meio àquelas circunstâncias. Por as vossas personalidades terem sido momentaneamente desconectadas das suas habituais formas físicas e psíquicas, e por os deveres físicos comuns não terem sido necessários, foi-lhes ainda mais fácil liberar essas energias na formação das imagens que vocês viram. No entanto, vocês quase esgotaram a vossa reserva de energia na formação dessas imagens. A energia que vocês usaram na dança veio de reservas psíquicas, guardadas subconscientemente para emergências.

Jane estava literalmente, embora sem saber, a divertir-se na cara das imagens que vocês criaram. Vocês têm sorte por as próprias imagens não se levantarem e revidarem, já que os fragmentos de imagem têm todos os poderes dos seus progenitores, embora possam achar-se latentes.

Uma transformação subtil poderia ter ocorrido. Tal coisa está longe de ser habitual, mas é possível, em que tu e a Jane transferiram a maior parte das vossas personalidades para os fragmentos que vós próprios criaram. A intuição da Jane nisso estava certa. As imagens representaram uma possível variação. Vocês podiam ter realmente ter-se transferido para essas imagens e, observado a vós próprios pelos olhos delas, do outro lado da sala. Nesse caso, as vossas atuais personalidades dominantes deixariam de ser dominantes. Os fragmentos projetados desapareceram. Eles levantaram-se, percorreram o chão e desapareceram na multidão na antessala junto à porta. Eles não tinham poder para deixar o lugar onde tinham surgido, a menos que vocês lho concedessem.

Lembrem-se, no entanto, que eles existiram; e tendo existido uma vez poderiam reaparecer com menos ímpeto do que o original. Como o Robert (Joseph) representa a potencialidade máxima da sua entidade a imagem do homem representa uma imagem possível, embora espero que não provável, armadilha da sua personalidade atual, embora não da sua entidade.

Essa imagem está conectada apenas ao teu ego de personalidade atual, e poderia ser comparado a uma projeção ou crescimento fibroso, no qual a tua presente personalidade pode ser sepultada. Eu uso a palavra propositalmente para mostrar a perigo, pois tal ocorrência representaria um retrocesso, não apenas para a tua personalidade, mas indiretamente para a tua entidade, já que tu ficarias mais distante dela do que te encontras agora. Da mesma forma, o teu triunfo representou um triunfo necessário, e reforçou os aspetos saudáveis do teu ego atual.

(“Que significado pessoal terá o desenho da velha em que eu estou agora a trabalhar, em têmpera de ovo?”

(Jane dita:) A velha foi a mãe. O desenho representa uma síntese do conhecimento que colheste durante essa personalidade. O conhecimento da mãe permanece nos genes mentais, e a memória da carne ainda tem lugar nos teus genes físicos. Aquilo que existe, jamais é apagado. Outro desenho de uma mulher e um bebé representa -te a ti igualmente como uma jovem mãe com uma criança.

Nenhum de vocês tem necessidade de filhos nas vossas personalidades atuais.

Vocês estão quase a terminar as encarnações na terra, tanto mais que os corpos físicos retornarão inteiros e desfragmentados por altura da vossa morte física. Esse é sempre o caso na vida terrestre final. A propriedade física é deixada, nenhuma parte dela é transportada para este plano por intermédio de filhos. Tu és capaz de pensar em termos de imortalidade através do teu trabalho, em vez de através de descendência física, simplesmente por a vossa entidade se ter conhecido nos termos da carne. Portanto, vocês não mais se verão vinculados ou atraídos para ele dessa forma. Isso não quer dizer que o amor psíquico que sentem pelo fenómeno terrestre não se manifeste em vós. Manifesta e manifestar-se-á. Mesmo em outros planos, a natureza sensual e a apreciação do habitat terrestre é mantida. . .

SESSÃO 10

20 de dezembro de 1964

(Iniciámos, como habitualmente, focando-nos no Plano.)

“Boa noite, Seth.”

Boa noite.

“Podes dizer-nos por que razão a Jane ficou tão nervosa naquela noite, há alguns anos, quando parámos numa área de piquenique à beira da estrada, no Texas?”

(Tratava-se de uma noite ventosa, no final do verão ou início do outono. Percebíamos que havia uma linha férrea por perto, mas a escuridão era tal que nada era visível. As árvores agitavam-se intensamente por cima de nós. O nervosismo da Jane acabou por me contagiar. Tomámos uma refeição rápida e seguimos caminho. Passaram-se algumas horas até encontrarmos outro local onde parar. Levávamos connosco o nosso cão, Mischa. Salvo indicação em contrário, as respostas surgiram no Plano.)

A vossa intuição estava correta, embora mal interpretada. O local recordava-lhe um outro, numa vida passada, quando apareceram lobos. Era igualmente escuro e arborizado, e na mesma altura do ano. Também tinhas contigo um cão nessa ocasião anterior.

“Onde era esse lugar dos lobos? Já não me recordo.”

Uma floresta, na Dinamarca. (Pausa.) A Jane gritou, mas ninguém se encontrava nas imediações. A linha férrea fê-la recordar um rio muito estreito que corria nas proximidades.

“Qual era o nome desse rio?”

Yahn.

“Nessa vida, a Jane era homem ou mulher?”

Homem.

“Podes indicar-nos o ano em que morreu nessa encarnação?”

Não. (Pausa.) Talvez em 1670.

(Comentário livre.)

Muitas intuições, pressentimentos e perturbações interiores semelhantes podem ser explicadas da mesma forma. É sempre preferível prestar atenção a esses sinais, mesmo que a ferida original na psique tenha ocorrido noutra personalidade.

(Neste momento, a Jane, que começara a receber as respostas antes de estas surgirem no Plano, começou novamente a ditar o que se seguiu.)

No entanto, em tais situações, essas feridas antigas reabrem-se sem que a personalidade atual compreenda ou esteja consciente da sua origem. O estímulo desencadeado por uma recordação provoca reações intensas no subconsciente, que podem dar origem a novos episódios de desconforto emocional ou físico.

Sobre os Irmãos do Rob

“Podes dizer-nos algo sobre o meu irmão Loren?”

(A resposta surgiu através do Plano.)

Foi, frequentemente, mulher. De natureza sensual.

“E sobre o meu irmão Richard?”

(A resposta começou no Plano.)

Na encarnação anterior, faleceu ainda em criança. Era rapaz e vivia em Inglaterra. Tinha três irmãos e duas irmãs. Morreu de difteria em 1871 (ver página 59, onde foi registado 1671 — permanece a dúvida se Jane pronunciou ambas as datas ou se o erro foi meu). Tinha 9 anos. (Jane dita:) Vivia na terceira casa antes do fim de um beco sem saída. Faleceu num quarto da frente, no andar superior. A atual mãe era, nessa vida, uma irmã mais velha muito ciumenta. O médico cobrou três xelins pela última visita.

Tu não pertencias a essa família, pois encontravas-te em período de descanso nesse tempo. Os teus dois irmãos atuais estiveram ligados à tua vida noutras duas ocasiões: uma como amigos, outra como primos. O vosso pai atual admira, de forma discreta, a sociabilidade aparentemente natural do Loren, sem perceber que esta é forçada — tal como ele próprio se sente compelido, pela sua personalidade, a manter-se calado e introspetivo.

“Em que vila ou cidade inglesa o Dick morreu?”

(A Jane recebeu a resposta internamente.)

Devonshire.

“Qual era o nome do Dick nessa altura?”

(A Jane dita:) Richard Grayson. O pai chamava-se Throckmorton.

Tinham parentes franceses. A irmã — que é hoje a vossa mãe — casou-se com um primo e foi viver para França. Teve muitos filhos. Muitas

mulheres daquela geração, cansadas das exigências e fardos das vidas anteriores, escolheram nesta vida não ter filhos ou responsabilidades familiares, podendo sentir-se inconscientemente defraudadas quando, mesmo assim, acabaram por ter filhos.

Essa irmã morreu afogada numa inundação, não em França, mas noutra país. O medo e o pânico associados a essa morte deixaram-lhe marcas profundas.

Sobre Iorque Beach e a Projeção Subconsciente

“Se a Jane e eu tivéssemos aceite subconscientemente as imagens que projetámos em Iorque Beach — onde nos víamos mais velhos — poderíamos ter regressado à nossa casa atual, onde somos conhecidos?”

(A Jane dita:)

Sim. As imagens projetadas representavam o culminar de muitos anos de uma tendência negativa. Caso as tivessem aceite, tornar-se-iam numa réplica exata dessas imagens, conforme projetadas. No entanto, mesmo que assim fosse, a criatividade e o potencial construtivo que ainda existem em ambos suavizariam consideravelmente os contornos dessas imagens. Seriam reconhecidos por amigos, mas com mudanças notórias. Provavelmente seria comentado que “já não parecem os mesmos” — e haveria razão para tal observação.

“Tivemos alguma outra experiência com projeções semelhantes?”

(Jane dita:)

Sim. Houve uma tarde, num pequeno parque, quando eras criança, por volta das onze horas. Estavas sentado num banco a comer um gelado numa bolacha. Era, creio, no final do verão ou início do outono. Tinhas visitado o teu pai numa oficina de máquinas. Era dia 17 de Setembro, perto das cinco da tarde, num dia sem aulas.

Outro rapaz apareceu, parado no meio do passeio. Não o tinhas visto aproximar-se e presumiste que ele teria vindo por um caminho junto ao coreto. Trazia cartas na mão. Olharam-se mutuamente e estavam prestes a falar. Um esquilo subiu a uma árvore próxima e viraste-te para o apontar ao rapaz. Quando voltaste a olhar, ele já não estava lá. Observaste à tua volta e não o encontraste em lado nenhum. Durante alguns momentos interrogaste-te, mas rapidamente esqueceste o episódio.

Na mesma hora, o teu irmão Loren estava a olhar pela janela da oficina do vosso pai, sem ver nada.

“Podemos fazer uma pausa?”

(Resposta recebida no Plano assim que Jane se sentou.)

Sim.

(Pausa às 21h55. Jane referiu que este tipo de resposta direta, sem mediação pelo Plano, a cansa bastante. Está consciente de uma sensação de impaciência por parte de Seth. Segundo ela, o Plano é, por vezes,

demasiado lento para a comunicação, tal como a escrita manual, por mais rápida que seja.)

(Jane começou a desenvolver o hábito de andar de um lado para o outro enquanto dita. Os olhos mantêm-se semicerrados e ligeiramente mais escuros, embora continue a observar a escrita. A enunciação mantém-se clara, apesar de por vezes ser necessário pedir-lhe que repita uma palavra.)

(Devido ao cansaço da Jane, decidimos encerrar a sessão após mais uma pergunta. Retomámos às 22h00.)

SIGNIFICADO DO EPISÓDIO NO PARQUE

“Seth, qual foi o significado desse episódio para mim?”

(Resposta começou no Plano.)

O rapaz era um fragmento de personalidade da tua autoria. Desejavas um amigo com quem brincar. Sentias ciúmes porque o teu irmão passava mais tempo com o vosso pai. Inconscientemente, materializaste um fragmento de personalidade como companhia.

(A Jane dita:)

No entanto, não tinhas consciência do que fizeste. E, nessa altura, as tuas capacidades não permitiam conferir permanência à imagem. Subconscientemente, não existem limites claros para o que a mente pode criar.

No plano físico, é necessário operar dentro de certos limites. O ser humano não pode, de forma aleatória, utilizar todas as suas capacidades neste plano. Porém, por vezes, a personalidade surpreende-se ao produzir imagens deste género, como sucedeu contigo no parque. Na infância, estas ocorrências são mais frequentes. Geralmente desaparecem com a chegada da idade adulta.

Muitas vezes, quando uma criança chora devido ao “papão”, o que viu foi uma produção subconsciente — uma imagem ou projeção moldada por desejo intenso ou medo. Estes poderes de projeção de realidades (ou pseudorrealidades) devem permanecer latentes durante a experiência terrestre. A entidade, contudo, não está sujeita às mesmas limitações. O subconsciente está sempre ligado à entidade e tenta imitar os seus poderes. E tem, de facto, esses poderes, ainda que, habitualmente, adormecidos.

A entidade cria as suas várias personalidades. Estas são, por definição, projeções ou fragmentos da própria entidade. No entanto, enquanto a entidade cria conscientemente e com propósito, o subconsciente opera abaixo do limiar da consciência — e sem consciência, não há intenção deliberada.

É evidente que os poderes da entidade não podem ser transferidos na totalidade para cada uma das suas personalidades. A consciência de uma parte não pode conter o todo. As personalidades fragmentadas não contêm a totalidade, mas transportam as sementes dessa totalidade.

Os poderes latentes dessas sementes devem permanecer inativos. No entanto, podem germinar. Em cada vida, a nova consciência tenta unificar a personalidade atual, usando do subconsciente apenas aquilo que serve os propósitos dessa personalidade. Conhecimento que possa ameaçar o controle do ego deve permanecer submerso.

(Interrompemos durante cerca de dez minutos. Devido ao cansaço da Jane, decidimos encerrar. Quando nos sentámos no Plano, Jane recebeu o seguinte:)

A Jane está bastante cansada. Para este tipo de sessões, seria preferível espaçá-las com pelo menos três noites de intervalo. Poderia partilhar mais detalhes sobre a vida inglesa do vosso irmão, mas duvido que consiga manter uma ligação clara com a Jane neste estado. A sua participação exige um consumo elevado de energia.

“Existe algum outro método de comunicação que possamos usar para tornar o processo menos desgastante?”

Não.

(A Jane dita:) — Ela precisa de tempo para recuperar.

“Quando voltaremos a entrar em contacto contigo?”

(A Jane dita:) — Segunda-feira, às 21h, se possível. Sei que têm planos para as férias. Lamento não poder estar convosco no Natal.

(Movemos o ponteiro para a palavra “adeus” no Plano.)

“Boa noite, Seth.”

Boa noite, queridos amigos. Não te esqueças do teu sonho, Rob.

(Esta última observação referia-se a um sonho vívido e colorido que tive no dia 18 de Dezembro de 1863. Tencionávamos perguntar a Seth sobre ele nesta sessão, mas acabámos por nos esquecer.)

SESSÃO 11

1 de Janeiro de 1964

(A 11.ª sessão ordinária, marcada para segunda-feira, 23 de Dezembro de 1963, não se realizou por diversos motivos. O principal foi a proximidade do período de férias; além de termos visitas, realizámos algumas deslocações. A nossa rotina foi interrompida e só conseguimos retomar os trabalhos numa sessão não programada, a 1 de Janeiro. Questionávamo-nos então se seria possível retomar verdadeiramente.

(Esta sessão decorreu sem planeamento prévio e envolveu a Jane, Bill MacDonnel e eu próprio. Foi a primeira realizada sem o tabuleiro Ouija. Quando começou, pelo menos da minha parte, não estava previsto solicitar contacto com Seth. Contudo, cerca de uma hora depois, dei por mim a fazê-lo, embora com alguma relutância, pois preferia continuar a acumular registos escritos com o Conselho, para utilização futura em experiências mais estruturadas.

(No entanto, ao iniciarmos a conversa sobre uma “sessão” — termo que hesitava em aplicar aos nossos encontros e experiências — entrámos num certo estado recetivo. Naturalmente, acabámos por experimentar métodos que, de outro modo, não consideraríamos.

(Os resultados obtidos foram inesperados e surpreendentes. As páginas seguintes contêm o meu relato pessoal do que aconteceu, redigido em diferentes momentos, de acordo com o que fui recordando. Procurei manter a sequência cronológica. As citações de Jane, Bill ou minhas serão reproduzidas com a maior fidelidade possível. Mesmo que não sejam textualmente exatas, manterão a essência, e confio que nenhum dos envolvidos fará objeções a eventuais lapsos.

(Estas páginas serão identificadas como ABCDE, etc., e destinam-se a inserção posterior no registo geral, sem interromper a continuidade das sessões do Conselho, nem sobrecarregar o material principal com conteúdos não diretamente relacionados com o mesmo.

(Assim, a 12.^a sessão, datada de 2 de Janeiro de 1964, inicia-se na página 57.

(Este relato será também incluído no capítulo sobre sessões do livro sobre Percepção Extrassensorial (PES), que a Jane está a preparar. Ela elaborou apontamentos detalhados no dia seguinte ao ocorrido, enquanto a memória ainda estava fresca. Confirmará este relato antes de ser integrado no registo oficial.

(Como já referi, fui persuadido pela Jane e pelo Bill a participar nesta sessão, e acabei por o fazer com alguma relutância.

(Começámos sentados à volta de uma pequena mesa na nossa sala. Cobrimo-la com um pano escuro. A cozinha tem ligação direta à sala, por isso fechámos as persianas e as cortinas em ambas as divisões. Sem saber muito bem como conduzir uma sessão, colocámos uma pequena vela elétrica de Natal, de cor vermelha, como fonte de luz. Apesar das paredes brancas, a visibilidade era suficiente depois de algum tempo de adaptação dos olhos.

(Pedi à Jane que colocasse a sua aliança de casamento sobre a mesa. Demos as mãos em círculo à volta da aliança. Observando em silêncio, reparei que com algum esforço de imaginação se poderia interpretar qualquer reflexo como algo significativo.

(Um pequeno ponto de luz apareceu na borda do anel, mas percebi que, ao mover o braço, conseguia fazer com que a luz oscilasse. Era apenas o reflexo da vela. Coloquei então a luz atrás das cortinas para a tornar mais difusa.

(Pedi à Jane que colocasse o anel na palma da mão esquerda, voltada para cima. Sentada à minha esquerda, segurou a minha mão esquerda com a sua mão direita. Juntei as minhas mãos com as do Bill, que estava à minha direita. Observámos o anel. Comecei a fazer perguntas em voz alta,

sem as dirigir especificamente a Seth, com o intuito de ver se a Jane estabeleceria contacto com alguma entidade ou fragmento. Aparentemente, não obtivemos resultados.

(Subitamente, a Jane proferiu com firmeza e clareza: “Cuidado com a mão.”

(Ficou imediatamente claro que Seth estava presente. A Jane referiu que a sua mão esquerda arrefeceu de imediato. A partir daí, quase não fiz mais perguntas. Seth, através da Jane, passou a falar de forma contínua. Nós os três inclinámo-nos sobre a mesa, focando-nos na sua mão esquerda. O anel já escorregara da mão.

(Com entusiasmo, Seth descreveu em detalhe cada fenómeno que se seguiu, afirmando que assim não restariam dúvidas sobre os acontecimentos. Pediu-nos que observássemos o polegar da Jane. A ponta começou a emitir um brilho. A luz parecia provir do interior do tecido da pele, com um tom branco e frio. Não havia radiação visível, apenas uma alteração na coloração da própria carne.

(Como a mão estava inicialmente na sombra, a mudança foi perceptível e inequívoca.

(O brilho propagou-se por todo o polegar da Jane, até à base carnuda da mão, próxima da palma.)

“Observem a base da mão”, disse Seth, com visível satisfação.

“Observem a alteração da cor. Notam como as sombras na palma desaparecem? Não fazem ideia do quão difícil é, para mim, alcançar o vosso plano a partir do meu, para realizar estes pequenos fenómenos. Se desejam uma demonstração, terão uma — por mais insignificante que vos possa parecer.”

“Agora, o pulso — veem como engrossa e empalidece?”

O pulso de Jane aumentou visivelmente. Ela mantinha o pulso esquerdo pressionado contra o tampo da mesa. Usava um suéter preto com as mangas puxadas até metade dos antebraços. A luz branca e fria espalhou-se pelo pulso, subindo ao longo do antebraço até desaparecer no tecido do suéter. A atitude de Seth era simultaneamente sarcástica e confiante.

“Não acreditavam que eu conseguiria, pois não? Mas não fazem ideia da complexidade do que estão a pedir.”

A mão de Jane começou então a alterar as suas proporções. Lentamente, e enquanto Seth continuava a falar, a mão passou a assemelhar-se a uma pata. A transformação evocava a pata dianteira de um animal. Os dedos, normalmente longos e elegantes, haviam-se encurtado e tornando-se grossos e arredondados. O brilho preenchia a palma da mão, eliminando todas as sombras — o que indicava que os dedos não estavam apenas dobrados.

Gradualmente, a mão recuperou a sua forma normal. Jane manteve-a com a palma voltada para cima. De seguida, os dedos começaram a alongar-se e a empalidecer visivelmente. Um segundo conjunto de dedos surgiu por cima dos dedos de Jane. Teria sido possível, fisicamente, a Jane dobrar os dedos naquela posição. No entanto, todos os presentes observaram um segundo conjunto de cinco dedos elevar-se, alongados e brancos, com unhas claramente visíveis. Se fossem os dedos da própria Jane, as unhas estariam viradas para baixo e não seriam visíveis.

“Para uma primeira tentativa, estou a sair-me lindamente”, comentou Seth. “O que acham disto? Observem bem...”

Durante alguns minutos, observámos o fenómeno com atenção. Os dedos adicionais, grotescamente erguidos, pareciam-se com cera húmida, como se tivessem acabado de ser moldados. Jane não aparentava qualquer receio. Olhou a própria mão com firmeza. Lentamente, os dedos extra retraíram-se e desapareceram.

“Agora a mão muda novamente”, afirmou Seth.

A mão transformou-se numa mão curta e robusta, como a de um médico — “a mão de um cirurgião, baixa e grossa”, repetiu Seth várias vezes.

“Frank Watts tinha uma mão assim”, disse. “Era um idiota”, acrescentou, com evidente satisfação, apesar de Frank Watts ser um fragmento da personalidade da própria entidade de Seth.

Seth mencionou, inesperadamente, que o nome da entidade de Bill McDonnell era Mark e que ele, Bill, Jane e Rob se conheciam de vidas anteriores.

“E tu,”, disse a Bill, “foste duas vezes homem e uma vez mulher. Deves ter muito cuidado com locais elevados. São perigosos para ti. Numa vida passada, subiste a uma árvore para escapar de animais. Conseguiste escapar, sim, mas adormeceste no topo da árvore e caíste de cabeça. Morreste com 46 anos.”

A aparição que Bill viu junto à sua cama no verão anterior, segundo Seth, era um fragmento de personalidade seu, a alertá-lo para um desequilíbrio relacionado com a altura. Na altura, Bill exercia funções como pintor de casas, trabalhando frequentemente em escadas altas.

Enquanto Jane mantinha o pulso esquerdo pressionado sobre a mesa, a mão começou a elevar-se vários centímetros — talvez três, segundo estimativa. Embora estivesse a segurar as mãos de Rob e Bill, este último passou a mão livre por baixo da mão da Jane, confirmando que esta se encontrava realmente suspensa e não era ilusão.

Seth esclareceu que, com maior proficiência, conseguiria materializar uma mão totalmente independente, recorrendo à energia psíquica dos três presentes para tal feito.

A mão regressou à mesa, retomando a forma de pata.

“Agora,” disse Seth, “estende a mão e toca na dela com muito cuidado. Quero que sintas como está.”

Rob tocou com a ponta dos dedos na palma da mão de Jane. A mão parecia fria, húmida e pegajosa. A textura da pele era irregular, distinta do habitual.

Seth intensificou então a luz interior branca, que se espalhou pelo pulso e palma da mão de Jane. Na zona de junção entre mão e pulso, a carne elevou-se em forma de protuberância semelhante a um ovo. A luz subiu até ao suéter e desceu pelos dedos, eliminando completamente as sombras.

Para concluir a demonstração, Seth pediu a Jane que colocasse ambas as mãos lado a lado. A diferença era evidente.

A mão esquerda de Jane voltou gradualmente ao estado normal. Por instrução de Seth, foi feita uma pausa.

O Rob estimou que o processo descrito acima terá durado cerca de uma hora. As alterações de forma e cor ocorreram lentamente. A atenção dos participantes manteve-se constante. Seguiram-se todas as instruções de Seth, que falava continuamente. O seu discurso, apesar de ser inequivocamente seu, apresentava traços de humor sarcástico e inteligência penetrante. Seth comentou várias vezes a “curiosidade infantil” pelas manifestações, mas confirmou compreender esse desejo e disse que, quando assim o quisesse, atenderia aos pedidos.

Durante a pausa, nenhuma luz foi acesa.

Seth ordenou que a mesa fosse ligeiramente movida para que ficasse virada para a porta da casa de banho. A Jane, o Bill e o Rob sentaram-se lado a lado, a observar. A casa de banho era ampla, com azulejos brancos. Esperava-se uma materialização na porta aberta, como tinha sido discutido durante o intervalo.

“Isto não é um almoço nem um espetáculo de circo,” disse Seth, em tom crítico, pois o Rob ainda terminava um doce.

“A vossa casa de banho é demasiado clara para o que pretendem. O branco é uma cor muito fraca para o tipo de manifestação que pedem.”

Questionado sobre se necessitava de escuridão total, Seth respondeu: *“Fazemos luz a partir da escuridão.”*

Seth ordenou que fechássemos a porta da casa de banho. No lado da porta voltado para a sala encontrava-se um espelho de corpo inteiro.

“Agora,” disse Seth, “olhem para o espelho.”

A vela vermelha mantinha-se acesa, embora oculta atrás das cortinas. Dado o formato alto e estreito do espelho, foi necessário que nos agrupássemos em três lados da mesa para conseguirmos ver os nossos reflexos. Apesar da iluminação ténue, conseguimos distinguir as nossas imagens. Jane estava sentada ao centro. A sua boca encontrava-se muito próxima do meu ouvido enquanto falava; conseguia ouvir e sentir cada

respiração e cada deglutição. A sua voz baixou de volume, e tive a clara impressão de que falava através de outra entidade.

“Agora observem os vossos reflexos como deveriam aparecer. Vejam com atenção, pois irei alterar a imagem de Jane no espelho. Irei substituí-la por outra. Observem a forma da cabeça... Aproximem-se, pois é um processo bastante exigente...”

(Conseguíamos ver os reflexos com nitidez suficiente, embora algo difusos. À medida que Jane falava, a sua imagem no espelho começou a transformar-se. A cabeça, no reflexo, começou a descer entre Bill e mim. A forma do crânio alterou-se; o cabelo tornou-se mais curto e ajustado à cabeça. Os ombros da imagem afundaram e estreitaram. A cabeça inclinou-se para baixo, enquanto Jane permanecia a olhar diretamente para o espelho.

(Posteriormente, a Jane referiu que esta experiência a surpreendeu — mais até do que qualquer outro fenómeno ocorrido durante a sessão. Apesar de estar plenamente consciente de que olhava para o espelho, a imagem ali refletida mostrava uma cabeça virada para baixo, sombria, e com traços algo animalescos. Simultaneamente, tive a sensação de que a cabeça se projetava à frente do corpo, como se estivesse desligada dos ombros. A sua dimensão reduziu-se ainda mais, e pareceu apresentar um leve brilho. A imagem parecia flutuar entre o espelho e a nossa posição.

“Esse é o corpo astral,” afirmou Seth. “Não posso permitir que vejam com clareza os traços da imagem. O meu controlo ainda não é suficientemente estável. Seria irreconhecível para vós e potencialmente perturbador. A imagem pertence a outra entidade...”

(Não restavam dúvidas de que a imagem no espelho se encontrava vários centímetros abaixo da posição real de Jane, e que a cabeça misteriosa se projetava para a frente do corpo. A impressão mais marcante foi a alteração das proporções da cabeça e a estranha sensação da presença de uma entidade com traços semelhantes a um focinho.

(Após este evento, a sessão foi encerrada. Não ocorreram mais fenómenos.

(A Jane encontrava-se bastante fatigada. Eram já mais de 22 horas. Bill Macdonnel ficou particularmente impressionado com o fenómeno das mãos, mais do que com a manifestação no espelho. Embora referisse ter notado uma ligeira alteração no formato da cabeça de Jane refletida, não observou mais nenhum fenómeno significativo. Não sentiu qualquer aura nem teve a impressão de estar perante um rosto estranho.

(A Jane e eu concordámos com esta descrição. Ainda assim, não fazemos afirmações categóricas sobre o que ocorreu. Consideramos que algo aconteceu de facto, mas não podemos excluir a hipótese de que uma sugestão ou influência hipnótica inconsciente por parte de um dos

membros do grupo tenha afetado os outros. Mesmo que assim fosse, tratar-se-ia de um feito notável.

(Não voltámos a realizar uma sessão imediatamente a seguir, por diversas razões: falta de tempo, receio de insucesso e o desejo de adquirir mais conhecimento junto de Seth antes de prosseguir com novas experiências.

SESSÃO 12

2 de Janeiro de 1964

(Após o sucesso da sessão da noite passada, durante a qual Jane manifestou alguns fenómenos surpreendentes na mão e no braço esquerdos, ficamos naturalmente curiosos para saber o que Seth teria a dizer sobre isso durante uma sessão regular com o tabuleiro. Decidimos tentar outra sessão não programada, em vez de esperar até a segunda-feira seguinte, 6 de Janeiro, como faríamos normalmente.

(“Estás aí, Seth?”)

Estou.

(“Tens alguma mensagem para nós?”)

Boa noite.

(Abstrato. Através do tabuleiro.)

Que maravilhas me pedem esta noite? Vocês gostaram dos meus fogos-de-artifício? Vocês não só se atrasaram, como trouxeram um amigo e quiseram uma exibição.

(“Bem, eu não tinha planeado esse tipo de sessão. Queria aprender mais antes de começarmos a tentar fenómenos como esse.”)

Não me importei porque me saí muito bem. (Pausa.) Mas quem é que está relutante agora, Joseph?

(“Seth, quando nós os três nos sentamos diante do espelho ontem à noite, fizeste com que o reflexo da Jane mudasse de forma. Depois disseste que era outra entidade que estávamos a ver nele, ainda que vagamente.”)

Ah sim. Eu fiquei surpreso. A entidade nunca foi um terráqueo – é de um plano completamente diferente. Não tem nenhum ponto de referência convosco.

(A meio desta resposta, a Jane pôs o tabuleiro de lado, levantou-se e começou a ditar. Pouco antes de fazer isso, ela começou a enunciar as respostas em voz alta à frente do tabuleiro.

(“Como foi possível que uma entidade de um plano tão diferente se intrometesse assim no nosso plano?”

(A Jane a ditar:) Não há nenhum problema nisso, no que diz respeito à intromissão. Não existe intromissão nesse sentido. O incrível é que vocês tenham conseguido ver a chamada intromissão.

A noite passada foi muito instrutiva em muitos aspetos, embora para um casal vocês os dois por vezes não se ajudem. Se um não estiver relutante, o outro está. Prefiro isso à credulidade. O vosso amigo está preso entre a credulidade encantadora e a recusa sardónica e constrangida de aceitar muitas coisas. A noite de ontem não foi a noite dos fogos-de-artifício do 4 de Julho, mas foi a vossa primeira experiência desse tipo.

Esqueces que conscientemente não convidaram os fragmentos na praia de Iorque Beach e que as materializações da noite passada foram solicitadas conscientemente. Isso certamente deve sugerir algum controlo consciente, Joseph, e deve levar a que te sintas mais confiante em relação às nossas sessões, e não menos. Não estou preocupado que o teu senso crítico diminua nesta ou em outras sessões. É como deveria ser. Mas se outras manifestações acontecerem, pelo menos acompanha-me, como certamente tu podes fazer.

Se eu tivesse materializado a minha criatura do espaço sideral - conforme creio que seja o termo usado atualmente, zombado e ridicularizado - entretanto, se eu tivesse materializado essa imagem vocês realmente teriam aberto os olhos. As linhas de comunicação estavam abertas e a entidade apenas passou por elas, ou parcialmente, momentaneamente. Até mesmo a forma das feições, nunca claramente vislumbradas, eram distorções espaciais necessárias para serem transpostas neste plano. Assim como um pedaço de pau jogado na água parece distorcido a quem o vê, esta imagem jogada no vosso plano pareceu-lhes distorcida. Mas foram as distorções que lhe emprestaram quaisquer características. Sem elas, isto é, as distorções, vocês não teriam visto nada.

(Agora Seth fez uma pausa e Jane disse que aquele era o fim da mensagem. Tentamos esperar, sem fazer perguntas. Então a Jane começou a receber outra mensagem, que passou a ditar.)

O quarto onde o teu irmão morreu era amarelo. O mar não ficava longe, ou pelo menos um vasto lençol de água. Lá em baixo havia uma loja de propriedade do pai do teu irmão, que desta vez não foi teu pai. A loja tinha uma grande placa na frente com a imagem de uma colher mas sem inscrição nenhuma. Throckmorton não sabia escrever. Não sei o significado da colher ou que tipo de loja ele tinha, embora talvez to possa revelar mais tarde.

A casa era alta e estreita, com três janelas no andar de cima, duas e uma porta no andar de baixo. Muito raramente as janelas eram abertas. Por causa da difteria fechavam todas as janelas e portas. O menino poderia ter sobrevivido sem a duvidosa assistência do médico. O médico tinha boas intenções, mas agiu mal. Desta vez tu conhece-lo bem. Já deves estar a suspeitar do vosso Doutor Stedje, que também esteve ligado à tua entidade em diversas ocasiões, embora nunca aparentado. Presumo que o seu ofício tenha avançado em estatura e proficiência ao longo dos tempos. Eu certamente espero que sim.

O teu irmão nasceu a 22 de Abril, creio que de 1671 (anotei 1871 numa sessão anterior. Ver a página 49), e morreu aos 9 anos de idade. Não creio que a igreja ainda esteja de pé ou que quaisquer registos venham a ser encontrados. A irmã mais velha dele, que é a tua atual mãe, tinha algum tipo de foto, uma miniatura num medalhão, mas tinha-o com ela quando ela se afogou. A falta de registo não deve ser aceite como factor de ridicularização da validade destes factos, uma vez que hoje muita gente não consegue aceder às suas próprias certidões de nascimento.

É-me difícil revelar muito acerca do Loren. A tua Jane estabelece barreiras. Receio que ele não seja o parente favorito dela. Estou plenamente ciente de que não existe qualquer relação de consanguinidade entre o Loren e a Jane. No entanto, consegui, como sempre faço, falar com alguma clareza através da vossa relutância coletiva, preconceitos e barreiras. Vocês os dois têm boas intenções, e parte das vossas próprias entidades ajuda-me a estabelecer contato com as vossas personalidades atuais.

Agora Loren foi padre na igreja Católica Romana. Sinto muito, mas não estou certo se isso foi no País de Gales ou na França. O mosteiro era de tijolos cinzentos. Ele copiava manuscritos antigos, exigente como uma velha, mas essa parte metódica de sua natureza se lhe prestou muito bem.

Ele e o teu outro irmão, que morreu aos 9 anos, estiveram na Europa em pelo menos parte do mesmo tempo, embora Loren tenha morrido aos 81 anos, gordo e atrevido, como um monge. Agora, como professor, ele usa os mesmos talentos que usou no passado, e te uma língua de desdém a compensar com piadas pelo silêncio afetado de que padeceu no passado. Eu vejo-o também na Inglaterra do século 13, como um pastor que morreu aos 33 anos. Ele foi homem três vezes. As personalidades que ele colocou ao seu redor não são muito desenvolvidas. Por essa razão, embora possa parecer estranho, o padrão sexual uniforme da personalidade não é o melhor no que diz respeito às encarnações.

Um excesso de vidas masculinas tornará uma personalidade azeda de uma maneira feminina, sem a compreensão interior e a compaixão que normalmente estão associadas ao sexo feminino. Da mesma forma, uma adoção consistente de personalidades femininas tornarão a personalidade empedernida sem a força interior normalmente associada ao sexo masculino. Por essa razão, a maioria das entidades vive vidas de homem e mulher.

(A Jane andava constantemente de um lado para o outro enquanto ditava a mensagem. Ela falava rápido o suficiente para me manter a escrever quase à velocidade máxima; no final, mais uma vez senti câibras de escritor. Além disso, a voz da Jane estava a ficar rouca. Ela começou a ditar de novo quando sentiu a aproximação de mais material.)

Loren foi 3 vezes homem. A impressão generalizada das 3 personalidades existentes é, no entanto, feminina, pelas razões que expliquei. O sexo, independentemente de todas as vossas histórias carnavais, é um fenómeno psíquico, apenas certas qualidades que vocês designaram por masculino e feminino. As qualidades, entretanto, são reais e permeiam outros planos, assim como o vosso. São opostos que, no entanto, são complementares e que se fundem num só. Quando digo que a entidade global não é nem masculina nem feminina, e ainda assim me refiro diversas entidades como Joseph e a Jane, que são definitivamente nomes masculinos, quero apenas dizer que na essência global a entidade se refere ou se identifica mais com características masculinas, ou as chamadas características masculinas, do que com as femininas.

O aparente domínio do masculino na espécie terrena ocorre meramente por a agressividade das personalidades masculinas se tornar conhecida mais rapidamente e muitas vezes de forma veemente. A base, porém, é fortemente feminina, pois sem a qualidade de doação a

agressividade seria apenas um punho fechado e estacionário, incapaz de se mover e incapaz de se desdobrar em outras vidas, como deveria. A agressividade é um impulso para a vida e uma ação contra a inércia, mas sem a aquiescência da qualidade feminina a vida não se abriria.

Eu diria algo sobre a quinta dimensão, embora seja extremamente difícil. Vocês entendem que só posso usar conceitos com os quais vocês estão familiarizados. Pode haver momentos em que eu possa introduzir um conceito completamente novo, mas se assim for, será um lampejo de intuição da parte da Jane.

No que diz respeito à quinta dimensão, eu disse que é o espaço. Terei que tentar construir a imagem de uma estrutura para ajudá-los a compreender, mas depois terei de arrancar a estrutura porque não existe nenhuma nela.

Consideremos pois, uma rede de linhas semelhante, embora diferente, à concepção da construção de ideias da Jane - um labirinto de linhas interligadas construídas interminavelmente, de modo que, olhando através delas, pareceria não haver começo nem fim. O vosso plano poderia ser comparado a uma pequena posição entre quatro linhas muito esguias e finas, e o meu plano poderia ser comparado a uma pequena posição nas linhas vizinhas do outro lado.

No entanto, não apenas nos encontramos em lados diferentes das mesmas linhas, como estamos ao mesmo tempo acima ou abaixo, de acordo com o vosso ponto de vista, e se vocês considerarem que as linhas formam cubos - isto é para ti, Joseph, com a adoração que tens pelas imagens - então os cubos também poderiam caber uns nos outros sem perturbar nem ao de leve os habitantes de nenhum um dos cubos; além disso, esses cubos também se encontram dentro de cubos, que se encontram eles próprios dentro de outros cubos, e estou aqui a falar apenas da pequena partícula de espaço ocupada pelo vosso plano e o meu.

Uma vez mais, pensem apenas em termos do vosso plano, delimitado pelo seu pequeno conjunto de linhas finas, e no meu plano do outro lado. Esses, conforme eu disse, também gozam de solidariedade e profundidade ilimitadas, mas em circunstâncias normais, para um lado o outro é transparente. Vocês não podem ver através dele, mas os dois planos movem-se constantemente um através do outro.

Espero que vejas o que fiz aqui. Eu iniciei a ideia de movimento, pois a verdadeira transparência não é a capacidade de ver através, mas de

avançar. Isso é o que quero dizer com quinta dimensão. Agora, retira a estrutura dos fios e cubos. As coisas se comportam como se os fios e os cubos estivessem presentes, mas essas eram apenas construções necessárias até mesmo para aqueles que estão no meu plano, a fim de tornar as coisas compreensíveis às nossas faculdades, às faculdades de qualquer entidade. Construimos imagens consistentes com os sentidos que temos em um determinado momento. Tenho mais sentidos, por assim dizer, em utilização operacional do que vós, porque não apenas estou consciente do meu próprio plano, mas também do vosso e de outros planos paralelos, embora eu próprio não tenha existido em alguns desses planos paralelos.

Nós apenas construimos linhas imaginárias para onde possamos caminhar. As construções das paredes do vosso quarto são tão reais que vocês congelariam no inverno sem elas, mas não existe espaço nem paredes. Assim, da mesma maneira, os fios que construimos são reais para nós no universo, embora não existam fios nenhuns. Tudo é um, tal como vocês são um com as paredes aparentes da sala. Uma vez mais a ideia de transparência. As paredes são verdadeiramente transparentes para mim, embora eu não tenha certeza se efetuariam uma manifestação festiva, meus caros Joseph e Jane.

No entanto, para mim as paredes são transparentes. O mesmo acontece com as linhas que construimos para indicar a nossa ideia sobre a quinta dimensão, mas para todos os efeitos práticos devemos comportar-nos como se as linhas existissem. Existem certos planos que não consigo vislumbrar do meu ponto de vista, embora eu tenha uma maior compreensão dessas coisas do que vós. Percebo que as mudanças que precisam ocorrer antes que eu consiga ver esses outros planos ocorrerão em mim, e não nesses outros planos. Mais uma vez, se vocês considerarem o nosso labirinto de linhas, peço que as imaginem a preencher tudo o que existe, com o vosso plano e o meu plano como dois pequenos ninhos de pássaros no tecido semelhante a uma rede de alguma árvore gigantesca.

Suponho que me deva considerar sortudo por vocês não solicitarem uma demonstração do crescimento da árvore na vossa sala de estar. Vocês terão que me perdoar, mas não estou realmente irritado, queridos amigos, com esse desejo de manifestações. Ah, se na primeira vez você não conseguir, tentem, tentem de novo. É só que vocês são tão inocentes e eu divirto-me tanto. Vocês ainda têm tão pouca noção do que isso envolve, mas pessoalmente achei a sessão da noite passada agradável. O vosso amigo, entretanto, realmente ter-se-ia intrometido de uma maneira desajeitada mas bastante dominadora, se eu tivesse permitido. Ele é como

uma criança a implorar por um pedaço de bolo gelado, e preciso admitir que fiquei tentado a enfiar a cabeça dele na cobertura.

Gosto dele, mas afinal insisto até nos modos mentais. Esse é o problema, entendem. Conscientemente ele não tinha intenção de tentar dominar a sessão, mas no fundo ele queria muito, e eu não o conheço muito bem. Vocês deveriam pelo menos procurar conhecer-se antes de pedirem favores.

De futuro, eu sugeriria que vocês tomassem parte no tabuleiro em sessões regulares. É melhor encontrar-se comigo com menos frequência, mas com regularidade, do que três ou quatro vezes numa semana e nenhuma na seguinte. Um certo período de recuperação é necessário para todos nós, para vós mais dois, mas também me envolve em, digamos, atividades extracurriculares. Esta é minha primeira aula.

Numa ou noutra altura, todos nós no meu plano damos essas aulas, mas os laços psíquicos entre o professor e os alunos são necessários, o que significa que devemos esperar até que as personalidades no vosso plano tenham progredido o suficiente para que as aulas comecem. Para explicar com mais clareza, as aulas são ministradas junto daqueles que estão psiquicamente ligados a nós, embora a razão seja extremamente importante e não pretenda minimizar o seu valor. No entanto, o que vocês chamam de emoção ou sentimento é o elo de ligação entre nós, e é o elo que representa mais claramente a força vital em qualquer plano e sob quaisquer circunstâncias.

Dele é tecido todo o material do vosso mundo e do meu. Se você considerarem de novo as linhas, poderão vê-las como emoções solidificadas, entrelaçadas, porém com o forte poder coesivo e enrejecedor do intelecto. Com o sentimento apenas, embora seja a base, vocês teriam uma estrutura inconsistente e bastante precária. A razão é a forma que disciplina e sustenta essas estruturas.

Mais tarde irei ainda mais fundo nesta questão da quinta dimensão. Vocês consideram, por exemplo, que essas linhas também são móveis, que tremem constantemente e que também vivem, no sentido de que elas não apenas carregam a matéria do universo, mas são elas próprias projeções dessa matéria, e vocês verão como é difícil explicá-las. Tampouco posso censurar-te por te sentires cansado, quando depois de te pedir que imagines esta estranha estrutura, insisto em que a destruas, pois ela é tão mais vista e tocada como o zumbido de um milhão de abelhas invisíveis.

Eu sugeriria reuniões duas vezes por semana às 9, se for conveniente. Uma vez por semana seria melhor do que nenhuma. Para os meus próprios propósitos, prefiro a hora das 9. As noites de segunda e de quarta devem ser preferíveis. Não há nada de errado, certamente que nada há a perder e talvez muito a ganhar, em tentarem por conta própria quaisquer experiências que desejarem. Chamem-lhe de lição de casa, se quiserem. Talvez eu até lhes desse uma estrela dourada, mas, se bem os conheço, vocês insistirão para que o professor dê a proverbial maçã aos alunos, e não o contrário.

Em qualquer caso, desejo-lhes boa sorte em quaisquer experiências que queiram experimentar. É claro que vocês pode treinar as vossas capacidades até certo ponto dessa maneira. Eu me encontrarei convosco na segunda-feira às 9, se acharem conveniente. Independentemente do que vocês possam pensar, tenho a vossa conveniência em mente. De alguma forma, que ainda não lhes expliquei, o vosso amigo Mark é uma entidade mais jovem que a vossa – brincalhona que nem um potro.

O tabuleiro é uma questão de formalidade, na verdade extremamente importante por renovar o contato de uma forma familiar, mas eu também sempre fui, até certo ponto, parcial em relação à formalidade. O tabuleiro dá a cada um de nós uma trégua e é um método para dizer bom dia ou boa noite ou de tirar o chapéu. Também sou de opinião que o pequeno ritual tende a enfatizar a informação da mente e a realçá-la, da mesma forma que a boa cozinha é realçada com pratos requintados.

A propósito, conheço o velho amigo da Jane, o padre Trainor, que também apreciava a comida dela, talvez até demais. E assim, boa noite. No final de uma sessão, creio que seria muito cordial simplesmente tocar brevemente as mãos no tabuleiro. Você tem sorte por eu não pedir que usem roupas de gala.

SESSÃO 13

6 de Janeiro de 1964

(Para começar a sessão desta noite, a Jane e eu sentámo-nos ao Plano, como de costume, com os nossos dedos a tocar o ponteiro. Mas não fizemos nenhuma pergunta inicial. Até indicação em contrário, todas as respostas vieram através do Plano.)

(Sem resposta)

Sim, boa noite, amigos.

(“Seth, podes contar-nos o significado da visão que tive na outra noite, na qual vi um homem a caminhar?”)

(Eu não descrevi mais a visão neste momento, embora a Jane já tivesse lido a minha versão escrita dela. À medida que o Plano explicava a resposta, a Jane começou a ouvi-la interiormente, com alguma antecedência.)

Loren. O homem era um monge em peregrinação.

(“O meu atual irmão Loren estava a viajar? Para onde?”)

Ele estava a caminho das terras sagradas. Os seus sapatos foram roubados enquanto dormia. Os edifícios que vistes não eram pirâmides, mas sim ruínas de mosteiros ao longe.

(“Em que terra foi isso?”)

A Ásia era onde o vistes, embora ele estivesse em muitos outros lugares, viajando na meia-idade *(a Jane dita:)* fazendo penitência pelos seus pecados, de acordo com os costumes da época.

(“Eu estava vivo então? Vi-o a passar?”)

Não. *(A Jane dita:)* Vós não estáveis vivos nessa altura.

(“Podes dizer-nos o que são enzimas mentais? Já foram mencionadas várias vezes.”)

Algo semelhante aos genes mentais. *(A Jane dita:)* Assim como os genes mentais estão por detrás dos genes físicos, por assim dizer, as enzimas mentais estão por detrás da matéria física que podeis examinar no vosso plano. A clorofila é uma enzima mental, e há mais que descreverei em outra ocasião. De certa forma, qualquer cor ou qualidade dessa natureza poderia ser considerada uma enzima mental. Há uma troca entre o mental e o físico, sem a qual, por exemplo, a cor não existiria. Agora uso a cor como exemplo primeiro porque talvez seja mais fácil de compreender como poderia ser uma enzima mental do que entender o mesmo relativamente à clorofila. A clorofila é verde, mas é mais do que uma cor. *(Pausa.)* No entanto, há aqui também uma interação que confere à clorofila as suas propriedades. *(Pausa.)* Este é um dos conceitos mais difíceis de explicar. Espero tornar isto mais claro para vós, mas envolve um conceito mais amplo, e ainda não tendes a base necessária.

(“O que nos pode contar sobre a recitação da Jane na outra noite acerca de Levenshire, a aldeia em Inglaterra?”)

(A Jane dita:) Pensei que me quisesses perguntar sobre a sua recitação acerca da quinta dimensão, que soou extraordinariamente bem e sem distorções. Compreendeis que o material generalizado sobre a quinta dimensão e outros assuntos não compromete de forma alguma a vossa personalidade atual, nem causa tensão ou pânico. Esta é uma das razões pelas quais este tipo de dados chega com muito mais clareza do que o material mais pessoal, que o vosso ego pode considerar pesado.

Isso também se relaciona com as leituras de vidas passadas em alguns casos, onde as personalidades envolvidas estão intimamente ligadas às vossas. Isto não significa que obtereis dados falsos. É possível, contudo, que ao longo do caminho os dados verdadeiros sejam distorcidos. Não sou de forma alguma responsável por essas distorções. Mais tarde, com a vossa taxa de desenvolvimento, as próprias distorções serão reduzidas ao mínimo. E agora, Rob, vereis em que direção vos estou a conduzir. Quanto mais pessoal e direta for a influência de uma questão na vossa vida diária, maior será a probabilidade de distorção. O que mais esperáveis?

O material, nestes casos, aparece frequentemente bastante distorcido. Novamente, isto está além do meu controlo; nesses casos, simplesmente não compreendeis o que estou a tentar dizer. Quanto mais empurrais um ponto doloroso, mais dolorido ele se torna. A minha atitude não impede de forma alguma a previsão em si. Neste momento, contudo, a vossa atitude dificulta. Espero abordar este tema mais adiante, pois há razões definidas para isso, que pouco ou nada têm a ver convosco pessoalmente, representando antes uma distorção natural dos dados nesse sentido. (Pausa.)

Se não podeis provar agora a minha existência, também não podeis tocar música. Não que me compare a uma sinfonia, longe disso. De vez em quando, toco uma nota amarga.

(“Então talvez nos possa contar mais sobre a quinta dimensão. Achamos isso muito interessante.”)

(A Jane dita:) A clorofila, como disse, é uma enzima mental e é uma das forças motrizes do vosso plano. No entanto, uma variante disto existe em todos os outros planos. É uma centelha mental, por assim dizer, que põe tudo em movimento. (Pausa.)

Isto também está muito ligado, acrediteis ou não, ao sentimento, que também é um motor. Deveis tentar não categorizar as coisas da maneira antiga; quando abrires a mente, vereis uma semelhança entre a clorofila como uma enzima mental e a emoção, que nunca pára. A emoção solidificada é outra coisa e talvez uma estrutura de outros mundos. (Pausa.) E, sinceramente, Jane, estais a dar demasiado crédito ao vosso subconsciente. Coloquemos o crédito onde ele é devido.

Sugiro que façais uma pausa.

Talvez possa tornar as enzimas mentais mais claras posteriormente, pois elas desempenham um papel básico no universo, pelo menos como o conheço até agora. Deixai-me dizer, por experiência própria, que conheceis vapor, água e gelo. Todas essas são manifestações da mesma substância. Da mesma maneira, uma clorofila aparentemente física pode também ser parte de uma emoção ou de um sentimento aparentemente imaterial, mas de forma diferente; e, naturalmente, direcionada para assumir várias formas em resposta a certas leis — assim como o gelo não existirá por si só no

meio do vosso verão. E se não devo ser comparado a uma sinfonia, Rob, deveis admitir que me saio bem com um bastão figurativo.

(Pausa às 21h45. Após o intervalo, a Jane permaneceu de pé enquanto eu me sentava para fazer mais anotações. Enquanto o fazia, ela comentou: “Ah, ah, posso senti-lo, ele está a recompor-se.” Retomada às 22h00.)

(A Jane dita:) Por que achais estranha a frase sentimento solidificado? Vós compreendeis que o vosso plano é realmente composto de pensamentos solidificados. Quando os vossos cientistas concluírem toda a sua grande tagarelice, descobrirão também que isto é verdade, embora *Ai de quem ouse pronunciar tal conceito.*

Quando vos pedi para imaginar a estrutura do fio a penetrar tudo o que existe, quis que imaginásseis esses fios energizados, pois eu próprio sou um fio energizado.

Brincadeiras à parte, vou agora pedir-vos que imagineis esses fios como compostos pela emoção solidificada de que falei. Certamente compreendeis que mesmo as palavras sentimento ou emoção são, na melhor das hipóteses, símbolos que tentam descrever outra coisa — e essa outra coisa aproxima-se bastante das vossas enzimas mentais.

De facto, ocorre uma ação contrária dentro de um recinto mental (pausa) de determinada maneira. Um recinto mental divide-se, subdivide-se, multiplica-se, atua sobre as suas várias partes — e isto produz uma manifestação material. O material é material, e ainda assim é produzido mentalmente.

As enzimas mentais dentro do recinto são os elementos que desencadeiam a ação e — prestai atenção — são também a própria ação. Ou seja, as enzimas mentais não apenas produzem a ação no mundo material, como se tornam a ação. De agora em diante, chamarei sempre qualquer manifestação material de ação, pois, como já sabeis, nada é estacionário. Se rereis os três ou quatro parágrafos anteriores, aproximar-vos-eis da compreensão de onde o mental e o físico se tornam um só.

Sabeis, de novo, o que são o amor e o ódio, mas, como disse anteriormente, tentai pensar de forma nova. O amor e o ódio, por exemplo, são ação. Ambos implicam ação nos corpos físicos, e também no que diz respeito aos pensamentos. No vosso plano, a ação é a palavra mais importante.

Voltando às enzimas mentais: são sentimentos solidificados, mas não no sentido habitual. Vejo que precisarei de vos dar uma melhor definição de sentimento, senão teremos problemas. Deixemos, por agora, a definição de lado enquanto afirmo este ponto:

Disse que os nossos fios imaginários que parecem permear o nosso modelo de universo estão vivos; e agora, se me permitirdes, direi que são enzimas mentais ou sentimentos solidificados — sempre em movimento, é

claro, e ainda assim suficientemente permanentes para formar um ambiente consistente. (Pausa.) Poderíeis quase dizer que as enzimas mentais se tornam os tentáculos que formam a matéria — embora não goste muito desta expressão.

A estrutura é apenas para vossa conveniência, tal como as vossas paredes são para a vossa conveniência, como já referi anteriormente. As paredes não existem como tal, mas é melhor comportar-se como se existissem, ou arriscais uma fratura no pescoço. Devo ainda respeitar muitas estruturas semelhantes no meu próprio plano, mas a minha compreensão delas torna-as cada vez menos opacas — e mesmo esta palavra é inadequada.

A verdade intelectual, por si só, não vos libertará, embora seja, certamente, uma preliminar necessária. Se assim fosse, as vossas paredes já teriam ruído, pois intelectualmente compreendeis a sua natureza algo duvidosa. Sendo o sentimento muitas vezes o elemento coeso com que a mente constrói, é precisamente o sentimento que deverá ser transformado, se quiserdes encontrar a liberdade no vosso plano particular de existência, no vosso momento específico. Isto significa que, até certo ponto, uma mudança no sentimento permitirá que vejais variantes. Visto que o sentimento é coeso, mudá-lo completamente dificilmente seria vantajoso, pois o vosso mundo atual de existência desmoronar-se-ia.

Mais tarde, tentarei abordar a questão do tempo. Qualquer uma destas discussões é, necessariamente, simples e descomplicada. Se falo por analogias e imagens, é porque devo relacionar-me com o mundo que vos é familiar.

(“Seth, de quantos mundos nos recordamos?”)

(A Jane dita:) A vossa pergunta deixa muito a desejar. Não estou certo se vos referis à memória subconsciente da personalidade, à memória consciente da personalidade ou à memória de uma entidade. A entidade, evidentemente, representa e conhece a vida de todas as suas personalidades.)

Vós, no vosso plano, por exemplo, nem sequer tendes memória consciente dos fragmentos dos vossos próprios sonhos. Aliás, dificilmente conseguis recordar conscientemente uma ideia de uma semana para outra. É simplesmente impossível para o ego, tal como o conheceis, manter o domínio consciente neste momento. *(Pausa.)*

Sugiro que esta sessão chegue ao fim. Hesito em fornecer um excesso de dados numa segunda-feira, uma vez que a nossa próxima sessão será na quarta-feira. Precisais de tempo para digerir o material, e este material é difícil de digerir. De qualquer modo, suportais-me bastante bem, e posso dizer o mesmo de mim próprio. Boa noite — mas tocai com as mãos o Plano.)

(A Jane e eu sentámo-nos ao Plano, com as mãos sobre o ponteiro. Mudámos para a palavra “adeus”).

(“Boa noite, Seth.”)

(Sim, boa noite.)

(O que antecede foi explicado. Termina às 22h30. O material seguinte está incluído porque será tratado na próxima sessão, no dia 14. Escrevi estas notas na manhã de 8 de Janeiro; vieram-me à mente enquanto trabalhava num desenho a tinta de uma árvore complicada com dois ninhos de pássaros. Comecei o desenho com referência a uma imagem que o Seth evocou numa sessão anterior sobre a quinta dimensão. Acredito que estes pensamentos me ocorreram tão facilmente porque vinha a fazer esforços conscientes para pensar de novas maneiras, e foram desencadeados pelo trabalho neste desenho específico.)

(Notas:)

(Um desenho é uma ação solidificada. No processo de desenhar, estou a solidificar emoções ou sentimentos. Existe distorção, mas ainda assim coloco algo que os meus sentidos óbvios podem perceber. É uma tentativa de chegar ao coração, ao âmago da mente do assunto.)

(Uma linha curva pode representar um pensamento complicado, tortuoso ou incompleto — e uma linha reta pode ser uma ação ou pensamento mais simples e direto. Daí que existam mais linhas curvas do que retas, tanto na nossa arte neste plano como nas nossas vidas e no nosso habitat.)

(Uma conjunção representa um florescimento do pensamento através da ação. A ênfase numa linha seria o pensamento traduzido numa ação mais positiva.)

(O esboço a tinta que fiz há mais de um ano representa o homem limitado pelos seus sentidos, espreitando através dos fios, tentando ver mais além.)

(Cada linha é um pensamento, um fragmento de ação registado ou congelado; representando ou capaz de representar muitas coisas. Contudo, uma coleção de linhas com pensamentos iguais ou semelhantes forma um todo reconhecível.)

(A arte “abstrata” feita desta maneira seria uma tentativa de apelar e de gerar uma resposta emocional — em outras palavras, ação no nosso plano — a um nível subconsciente. Isto permitiria que essa resposta emocional irradiasse o seu calor por todos os níveis do nosso ser. O apelo da arte “reconhecível” é mais direto e pode penetrar no ser de cima para baixo. Se é tão profundo, não posso afirmar.)

SESSÃO 14

8 de Janeiro de 1964

(Como sempre, para começar, sentámo-nos ao Plano, na nossa sala de estar, com as persianas fechadas e uma luz suave acesa, protegida da minha visão. À hora marcada, a Jane e eu tocámos o Plano com os dedos, mas não fizemos nenhuma pergunta. O ponteiro começou a mover-se.)

(Grátis)

Sim, amigos.

(“Boa noite, Seth. Quereis continuar de onde parámos da última vez?”)

Como quiserdes.

(“Íeis definir o sentimento para nós.”)

Assim o farei.

(“Desejais fazê-lo agora ou preferis esperar?”)

(Nesta altura, a Jane já ouvia as respostas internamente, antes de o Plano as soletrar. Contudo, continuámos a utilizar o Plano.)

No entanto, isso acontecerá mais tarde na sessão. Escusado será dizer que emoção e sentimento são iguais; assim, qualquer definição incluirá ambos.

(“A Jane está muito curiosa em saber algo sobre o seu avô. Podeis ajudar?”)

Parte de uma entidade muito forte. Contudo, extremamente inarticulado na vida passada, devido à incapacidade de sintetizar ganhos adquiridos em vidas anteriores.

(“Por que motivo a Jane era tão apegada a ele na infância?”)

Além dos motivos normais (a Jane dita:), ele possuía inclinações psíquicas, numa época em que a Jane era jovem e estava ainda próxima de uma vida passada. Ela sentiu a sua consciência interior profunda e pessoal. Tal confundia-o e assombrava-o, pois a sua incapacidade de se expressar aplicava-se também aos seus pensamentos. Sentia intensamente, mas não conseguia explicar. Na sua natureza solitária, aproximou-se de ser um místico, mas não conseguiu relacionar a sua personalidade, o Rob Burdo, com o mundo social em geral, nem sequer com os restantes membros da sua família. Houve um bloqueio, lamentavelmente.

Sentia profundamente a sua ligação ao universo como um todo e à natureza, tal como a compreendia. Porém, para ele, a natureza não incluía os seus semelhantes. A solidão que o rodeava — pois rodeava-o — é perigosa para qualquer personalidade, a menos que venha após a identificação com a raça humana.

(Neste ponto, como de costume, a Jane passeava pela sala enquanto ditava.)

Ou seja, no seu sentimento de unidade com o Todo-O-Que-É, ele excluía os outros seres humanos, e no vosso plano é necessário que a personalidade se relacione com eles. Apenas depois dessa relação o

isolamento dessa natureza é benéfico. Contudo, a Jane sentia a identificação do seu avô com o resto da natureza e, não tendo ainda desenvolvido uma personalidade do ego forte enquanto criança, não percebia qualquer sentimento de rejeição, como os restantes membros da família. Quando ele falava sobre o vento, ela sentia-se como o vento, pois qualquer criança identificar-se-á inconscientemente com os elementos.)

Ele respondeu à sua própria atração por ela e conseguiu expandir-se na sua direção porque ela não era adulta. Ele era essencialmente infantil de certa forma e, contudo, tinha pouca utilidade para a maioria das pessoas. Se tivesse vivido para ver a Jane amadurecer, o sentimento entre ambos poderia muito bem ter-se dissipado.

(O Rob Burdo morreu em 1948, aos 68 anos; a Jane tinha 19 anos.) Ele não conseguia relacionar-se com outro adulto e, aos seus olhos, quando ela se tivesse juntado à liga dos adultos, ele não teria sido capaz de manter a sua forte inclinação para ela.)

Ele nunca perdoou os seus próprios filhos por crescerem, nem perdoou a sua esposa por seguir caminhos terrenos. No entanto, relacionou muito bem o seu próprio corpo, pelo menos até ao fim, com a natureza. Considerava que envelhecia como uma árvore envelhece, mas, perversamente, sentia que os outros envelheciam para o irritar.

Foi um defeito infeliz da personalidade. A natureza psíquica cresceu de forma estranhamente distorcida em alguns aspetos, mas permaneceu teimosamente atrofiada noutros. Desde tenra idade, contudo, a Jane absorveu o seu sentimento de plenitude com a natureza, e isso teve muito a ver com o seu desenvolvimento posterior. Agora, ela manifesta, em alguns casos, a atitude reservada do seu avô em relação às pessoas.

Às vezes, vós e a Jane reforçais-vos mutuamente nesse sentido. É claro que deveis usar a disciplina nas relações pessoais, mas é igualmente necessário que as tenhais, como creio que estais a começar a compreender. Ambos tendes progredido nesse sentido, o que é positivo.

Tais relacionamentos, disciplinados, naturalmente, trarão uma riqueza a ambos que de outra forma não obteríeis. Não é necessário encher a vossa casa de multidões. Por outro lado, todos os estágios dos relacionamentos são necessários, e uma troca casual entre vós e os vossos amigos expandirá o vosso espírito de uma forma que nem vós nem a Jane conseguiriam realizar isoladamente. Abordo este tema porque sei que tem preocupado ambos em diversos momentos, e gostaria de afirmar que o vosso trabalho não será prejudicado pela energia despendida nessas outras direções.

Refiro-me agora a relacionamentos disciplinados. Quando os evitais ou tentais evitá-los, ambos o fazeis por medo. As vossas personalidades, hábitos de trabalho e objetivos estão suficientemente bem definidos e seguros para não serem ameaçados dessa forma. Vós, tu também, Rob, tendes muito a oferecer a outras pessoas e, ao dar-vos, crescereis.

Mantende os vossos hábitos de trabalho regulares intactos. Sei que não necessito de vos recordar isso — longe de mim, conhecendo tão bem os vossos hábitos. Quando éreis mundano, éreis o homem mais carnal que conheci. Agora, na vossa compensação, demonstraís a mesma tenacidade de propósito.

O vosso isolamento durante o horário de trabalho tornar-se-á ainda mais precioso e construtivo quando contrastado com os períodos dedicados aos amigos, pois o doce é mais doce quando o amargo ainda permanece na língua. Também vos esqueceis de que, devido à vossa constituição, todas as vossas experiências são traduzidas no vosso trabalho, e o trabalho torna-se diversão, tal como a diversão se torna trabalho.

Quanto às vossas anotações desta manhã sobre arte, muito bem, elogio-vos. Já começais a pensar em conceitos novos e mais abrangentes. Assim como as vossas pinturas são sentimentos solidificados no Plano ou no papel, manifestos no universo físico e, portanto, sujeitos às leis desse universo, também o próprio universo, no vosso plano, é um sentimento materializado fisicamente, apenas com maior dimensão do que um desenho ou uma pintura. Contudo, existe também numa pintura uma dimensão extra, além das linhas, da cor, da forma e do conteúdo — que, como dissestes com tanta propriedade, parecem solidificados. Há a ação, de que também falastes. Primeiro, existe a ação das linhas, da forma, do conteúdo, capturada e solidificada; depois, quando um observador contempla uma pintura, a sensação é novamente movimento a irradiar da pintura para a percepção do observador.

Quanto às vossas linhas retas e curvas, percebeis, eu sei, que na realidade não existem linhas retas ou curvas, mas sim símbolos. Fora isso, a vossa dissertação foi excelente. A ação está solidificada — ou melhor, paralisada — numa pintura, e, no entanto, mesmo numa pintura, a ação nunca é verdadeiramente paralisada, mas permanece continuamente fluida.

Relativamente ao esboço a tinta, não vos esqueçais de que, embora o vosso homem estivesse aprisionado pelos sentidos, ao tentar ir além deles no universo físico, ele nada conseguia perceber absolutamente; e, contudo, é precisamente através desses sentidos tão terrenos que ele tem a oportunidade de vislumbrar o além — ou, pelo menos, de perceber que existe um além para vislumbrar.

A percepção da beleza através dos sentidos é o gatilho, no vosso plano, para percepções internas subsequentes. Estão ambos tão intimamente ligados — através da música, por exemplo, que apenas pode ser apreciada pelos sentidos — que ações psíquicas ocorrem, levando o indivíduo para além dos sentidos. Há muito mais a dizer sobre isto. Existe uma expressão que mais tarde explicarei — sentidos internos — que achareis extremamente interessante. Refiro-me a sentidos dentro dos sentidos. Eu poderia dizer “por trás dos sentidos”, mas receio que isso provocasse confusão.

Sugiro que pareis por agora. Silenciosamente, porém, sem vos fragmentardes.

(Pausa às 21h50. Até este momento, o monólogo acima é a resposta mais longa que recebemos. Durante a sua apresentação, a Jane falou num ritmo constante, suficientemente lento para que eu pudesse anotar palavra por palavra manualmente. A taquigrafia seria de grande ajuda. Durante este ditado, a Jane não parou, nem acelerou, nem retrocedeu, nem demonstrou qualquer confusão.)

(O leitor notará que eu não pedi ao Seth que comentasse os meus escritos sobre arte, mas o assunto surgiu naturalmente durante o monólogo. Tinha entregado o meu exemplar à Jane no início do dia. Perguntámo-nos se este método de nos familiarizarmos com perguntas complexas antes da sessão não facilitará o surgimento espontâneo dessas questões durante a própria sessão.)

(Após o intervalo, a Jane retomou prontamente o ditado às 22h05.)

Mencionaste anteriormente, Rob, que tinhas a sensação de que eu poderia referir-me a mim próprio quase como quem vira uma página posterior de um livro para uma anterior — e, naturalmente, assim é.

(Eu fiz essa observação há vários dias.)

Até certo ponto, embora em grau muito menor, tu também podes fazer isso no teu próprio plano, mas numa fração fraca de uma dimensão. Ou seja, talvez possas sentir ou recordar intuitivamente um momento anterior, ou captar um momento anterior visualmente, como numa fotografia, ou auditivamente, como numa gravação. Através dos filmes, podes regressar ao tempo passado, capturando dados visuais e auditivos de um momento, e até o movimento aparente da sua sequência. Vendo, através da vossa maravilhosa televisão — ah — um momento histórico, por exemplo, podes referir-te a muitos eventos já passados.

Contudo, esse encaminhamento envolve tempo. O tempo que gastas a assistir a um momento histórico ocupa uma quantidade idêntica de tempo no presente. Assim, um minuto dessa referência passada custa um minuto do tempo presente. Além disso, acabas por sair prejudicado. Abandonas o teu precioso momento presente sem teres, verdadeiramente, o momento completo do passado em troca.

Vendo, por exemplo, uma multidão de pessoas — mesmo que estivesses entre elas — não podes reviver a sensação que experimentavas quando a fotografia foi tirada. E, ainda que possas ver diante de ti as imagens dessas pessoas, nem tu nem elas podem reviver ou experimentar as emoções sentidas naquele instante. Há muito mais a dizer sobre isto. Devo avançar lentamente.

Quando me refiro a mim próprio ou ao que disse numa sessão anterior, não gasto a mesma quantidade de tempo para o fazer. Ou seja, se duas horas do vosso tempo fossem necessárias para eu vos transmitir

determinado material, não levaria o mesmo tempo a rever a totalidade desse material.

Não pretendia fazer-te trabalhar tanto esta noite, Rob. Se a tua mão está a trabalhar tão rapidamente quanto a boca da Jane, deves estar exausto. Gostarias de fazer uma pausa ou preferes encerrar a sessão? Estou sempre atento à tua comodidade — pelo menos, quando não estou tão focado na tua educação.

(Pausa às 22h37. Fiquei preocupado com a possibilidade de a voz da Jane falhar. Pedi-lhe que encerrássemos a sessão, embora ambos estivéssemos ansiosos para continuar. Decidimos fazer uma breve pausa e retomar. A Jane voltou a andar e retomou a ditar às 22h40.)

Embora eu não seja afetado pelo tempo no vosso plano, sou afetado por algo semelhante ao tempo no meu plano. O tempo não tem significado sem barreiras. Dito de outra forma: o tempo não tem sentido sem a necessidade de neutralizar outras ações.

Basicamente, esta é uma joia de descrição, se me é permitido dizer. A parte triste é que, provavelmente, não conseguirás compreendê-la. Tudo leva tempo! Enquanto tento neutralizar a vossa ignorância — perdoa-me — não pude resistir. Quero dizer, gentilmente, que não tens ideia das dificuldades envolvidas em explicar o tempo a alguém que precisa de tempo para compreender a explicação.

O estudo do tempo também te ensinará muito sobre a quinta dimensão. Os nossos fios imaginários, compostos de vitalidade solidificada, são fluidos — espero que compreendas isso — mesmo estando aparentemente solidificados. Pois a solidez é apenas uma ilusão.

(Aqui a Jane bateu na mesa para dar ênfase e começou, surpreendentemente, a falar com uma voz mais forte. Eu já pensava, inconscientemente, que a sua voz se vinha a fortalecer e a aprofundar desde a última pausa. Agora, o tom mais grave tornou-se inconfundível.)

(Ao olhar para baixo para escrever, tive a sensação clara de que estava a ouvir a voz de outra pessoa. Se a Jane ficou surpreendida ou perturbada com este fenómeno, não deu sinal de o estar. O seu comportamento com esta voz mais formal e forte era o de um orador confiante. Não lhe mencionei nada sobre a mudança enquanto ela falava.)

Disse também que essa vitalidade — prefiro o termo vitalidade — é dinâmica e faz parte da matéria viva do universo. À medida que esses fios passam, aparentemente, de um plano para outro, formam, na verdade, os limites de cada plano e ficam sujeitos às leis específicas de cada um. Assim, ficam sujeitos ao tempo no vosso plano, e a outras leis noutros.

(Pausa. Observando a Jane e conhecendo tão bem a sua voz habitual, tive de me lembrar que aquela voz grave, profunda e masculina vinha dela, sem esforço ou tensão.)

O movimento da vitalidade aparentemente solidificada dá a ilusão de tempo. A ação contrária envolvida, neste caso, é a ação contrária no próprio núcleo da vitalidade, de modo semelhante ao que falámos sobre um recinto mental a multiplicar-se e a gerar movimento dentro de si.

A ação e a ação contrária são o que despoleta o tempo. Para ti isto será quase inacreditável, mas em certos outros planos, o movimento é simultâneo e o tempo é desconhecido. Para mim, o tempo pode ser manipulado, utilizado a meu bel-prazer e examinado. Para mim, o vosso tempo é um veículo — um dos vários — que me permite aceder à vossa consciência. Por conseguinte, ainda é uma realidade para mim. Caso contrário, não poderia utilizá-lo de forma alguma.

Como exemplo da minha boa vontade, terminarei esta sessão.

Estou extremamente satisfeito com o vosso estado de espírito esta noite. Continuará, se não tivesse de respeitar as vossas limitações físicas. Quando me sinto particularmente bem, gosto de aproveitar a oportunidade. Afinal, censurar-me-íeis por isso? Admito que, por vezes, sinto a vossa falta entre as sessões, queridos amigos; e Jane, a tua voz quase me recorda a tua antiga voz interior.

De qualquer modo, digo-vos boa noite. Deveis saber que também aprecio momentos de simples convivência, ou não prolongaria tanto as nossas sessões. Lamento que tenha obrigado o Rob a trabalhar tanto esta noite. Contudo, tento responder às perguntas que faríeis, se tivésseis tempo para abrir a boca.

(No Plano, a Jane e eu desejámos boa noite ao Seth. Com as mãos no ponteiro, recebemos uma resposta.)

(Sim, até à próxima.)

(A voz da Jane voltou ao normal. Quando pousámos o Plano, ela comentou: “Ele está muito afetuoso esta noite — quase fiquei com um nó na garganta. Ele está muito sentimental. Continuará se voltássemos ao contacto. Continuará durante horas, se aguentássemos.”)

(A Jane também comentou que o Seth parecia bastante satisfeito com a nova voz e que, agora, ela percebia o que ele pensava, mesmo que não o transmitisse verbalmente.)

(Debatemos se deveríamos prosseguir. A Jane sentia-se melhor e estávamos naturalmente curiosos. Quase como se em resposta, a Jane começou a ditar novamente. Não tocámos no Plano.)

Além disso, tu deves-me uma sessão, por teres perdido uma.

Em certo sentido, encontrar-me contigo custa-me pouca energia, é verdade. Por outro lado, o esforço para comunicar explicações envolve um esforço muito real da minha parte. Assim, vós não sois os únicos que se cansam a esse respeito. Como disse, o sentimento é ação, e nas minhas comunicações convosco, o sentimento desempenha um papel importante.

(Aqui, novamente, a voz da Jane começou a tornar-se mais grave.)

Percebo que ambos estais cansados. Gosto de conversar convosco e gostaria apenas de alguns momentos do que chamaríeis uma conversa normal. Os amigos nem sempre falam apenas de assuntos importantes e pesados, e, por vezes, quando ainda nos resta alguma energia das nossas dissertações filosóficas, entreguemo-nos de vez em quando a algumas gentilezas.

O sentimento atua em muitos mundos. É o elemento conectivo e liga-nos fortemente aos três. Se pareço ponderado, é apenas porque estas explicações necessárias não podem ser-vos dadas de forma lúdica. Caso contrário, vós desconsiderá-las-íeis. E, meu querido Rob, por vezes espreito-te entre as sessões. A tua reviravolta — uma contorção lindamente inocente e perversa — é algo que aprecio profundamente.

Vejo-vos agora com muita clareza e devo dizer que aprovo o que vejo. Tentarei responder a algumas perguntas, mas mantenhamos estes momentos de forma leve e agradável. Esta é uma espécie de experiência que envolve as vossas chamadas emoções nestas sessões, talvez pela primeira vez.

Anteriormente, estávamos demasiado absorvidos por outros assuntos para qualquer intercâmbio emocional, e, se a voz da Jane soar agora um pouco triste nesta fase de transição, posso dizer-vos que me encontro num estado de espírito bem-disposto, até brincalhão. Fazei-me qualquer pergunta e veremos o que conseguimos fazer.

(Neste momento, ri.)

(“Receio, Seth, que todas as perguntas que anotámos sejam bastante sérias. Apanhaste-nos de surpresa.”)

O problema é que vós me vedes como uma verdadeira fonte de conhecimento. Contudo, eu também sou uma personalidade por direito próprio, e um amigo.

(“Fazeis amizades no vosso plano, como nós fazemos aqui?”)

Tenho amizades onde estou, naturalmente. A única coisa que torna o vosso plano tão tentador para nós, é que ainda temos laços emocionais e tentamos, embora desajeitadamente, fazer contacto com os amigos. Assim como vós escreveis cartas para amigos em terras distantes e não os esqueceis, também nós não esquecemos.

(“Tendes uma sensação de brincadeira e relaxamento no vosso plano?”)

Sim, temos uma sensação de brincadeira e relaxamento muito mais intensa do que a vossa, e muitíssimo mais agradável. Podemos brincar como uma criança brinca, mas com plena consciência — o princípio do “eu sou” — que falta à criança nos seus jogos.

(“Experimentais também emoções como a raiva?”)

Devo admitir que me perdestes completamente nessa pergunta. Só porque vivemos a brincadeira, isso não significa que não possamos sentir

raiva. Nos vossos termos, sentimos emoções e, portanto, somos capazes de sentir raiva. Contudo, somos tão disciplinados que a raiva raramente se manifesta.

Vejo que é quase impossível conversar convosco de maneira coloquial por razões puramente práticas. Se falasse rapidamente, em tons normais, através da Jane, vós não conseguiríeis escrever suficientemente depressa para registar as minhas palavras. Alguma noite, falarei convosco livremente, para meu próprio prazer. Nessa noite, deixaremos as anotações de lado. Prometo que falarei de assuntos pessoais e inconsequentes, para que não percais nenhuma das minhas pérolas de sabedoria.

Uma coisa que me agrada imensamente é a forma como a Jane consegue transmitir, pelo menos parcialmente, o meu humor e as inflexões naturais da minha fala. É difícil transmitir-vos isso agora, mas espero melhorar. A voz da Jane é uma experiência. O imediatismo das nossas sessões melhoraria muito se mais da minha personalidade pudesse transparecer. Eu poderia continuar alegremente por horas, mas não o farei. Só o faria se achasse que poderia escapar impune.

Não sou um velho enevoadado. De vez em quando, o velho Frank Watts aparece, simplesmente porque foi a mais recente materialização independente e está habituado a assumir responsabilidades. Ainda não o assimilei completamente, mas acredita, Rob, que pretendo fazê-lo.

Fico feliz, Rob, por gostares do meu humor. O que ias dizer?

(“Ia dizer que recebi uma crítica por me teres chamado a atenção sobre o Frank Watts na nossa última sessão.”)

Receio ainda não ter aprendido a humildade. Por outro lado, conheceste-me antes de eu conhecer o Frank Watts, e a minha vaidade era extraordinária. Tu também foste extremamente vaidoso e, como mulher, certamente envergonhavas a tua atual esposa nesse aspeto.

(A Jane, andando de um lado para o outro e falando com a sua voz profunda e forte, tocou na grande begónia que temos sobre a mesa da sala de estar.)

Gosto muito da planta da Jane. As coisas verdes são a pedra de toque da vossa existência. Nota que não disse “planeta”, mas “plano”, pois vós não possuíis toda a chaleira do universo apenas para vós.

Como voz masculina, temo que a Jane soe pouco melodiosa. Não possuo a voz de um anjo — de forma alguma — mas também não pareço um eunuco assexuado, que foi tudo o que consegui transmitir através dela esta noite. E, a propósito, Jane, já foste um bom irmão. O chamado aspeto masculino da tua personalidade sempre foi forte — e com isto quero dizer, poderoso. Sem a lealdade que agora estás a aprender como mulher, o teu carácter teria sérios defeitos. E, vejam só, disse que não entraria em nada sério.

(“Como está o tempo aí, Seth?”)

Não existe tempo, quer penses que sim, quer não. Isso envolve muito mais do que uma simples resposta e levaria, pelo menos, um mês a explicar. Jane, se quiseres fumar um cigarro, compra um. Estás a andar com um fósforo na mão há dez minutos. E não me culpes por fumares demais.

(A Jane acendeu um cigarro e tomou um gole de vinho.)

Se eu pudesse tomar uma taça de vinho convosco e divertir-me, fá-lo-ia. Se quiseres falar comigo apenas por alguns momentos sem anotar nada, vai em frente. Durarei certamente tanto quanto a Jane — e muito mais.

Se alguma noite as feições da tua esposa mudarem impercetivelmente durante as nossas conversas, sugiro que não o comentes até ao final da sessão. A Jane é uma mulher adorável — embora pudesse ficar horrorizada com a transformação.

(Até aqui, pretendia deixar de lado as anotações, mas o hábito era tão forte que continuei a escrever quase automaticamente. O Seth, entretanto, começou a falar mais depressa do que eu conseguia acompanhar, pelo que, no resto da sessão, registei apenas palavras-chave e completei assim que terminámos, enquanto a memória ainda estava fresca. A Jane e eu concordamos que o material a seguir é uma soma precisa das observações do Seth.)

Uma das razões pelas quais a Jane se sai tão bem com os seus personagens masculinos — se insistes nas anotações, vai em frente — é que ela já foi homem muitas vezes. Ela manteve as melhores características masculinas.

Por favor, não me peças para recitar poesia novamente. Nunca foi uma das minhas especialidades. A Jane sempre foi talentosa artisticamente, assim como tu, Rob. Contigo, porém, por vezes os teus talentos artísticos ficam soterrados sob camadas de luxúria carnal. Foste extremamente lascivo na Dinamarca — e eu não fui muito melhor.)

O teu irmão, o Dick, é extremamente impulsivo e necessita de reforço e aprovação amigável.

(“Oh. Achávamos que ele estava muito feliz agora.”)

Eu não disse que ele não estivesse feliz, apenas que é impulsivo e necessita de reforço amigável. Morrendo ainda menino na sua última vida, a experiência da idade adulta é nova para ele desta vez. A transição para a idade adulta é mais fácil para quem, na vida anterior, já a havia alcançado.

Tu és o mais danado anotador que já vi, Rob — levas o bolo proverbial. Sei que estás cansado, mas diverti-me imenso à tua custa esta noite. Por pura misericórdia, vou agora terminar e deixar-te ir para a cama.

(Dizemos boa noite no Plano. Termina às 00h10.)

(O texto seguinte é o relato da Jane sobre os acontecimentos da noite de 10 de Janeiro de 1964, quando ela induziu em si um estado de transe,

ou um estado bastante profundo de dissociação. Foi escrito na manhã de 11 de Janeiro.)

(Tenho o relato original, acompanhado das minhas anotações sobre as sessões do Seth, juntamente com três páginas de anotações feitas pela Jane com caneta, enquanto estava nesse estado. Trechos dessas páginas serão apresentados após este relato. Todo este material é incluído porque o Seth o abordará na sessão seguinte, no dia 15.)

Relato da Jane:

(Tive uma experiência extremamente estranha e desconfortável ontem à noite. Pior ainda, não sei o que terá iniciado a estranha condição em que permaneci durante cerca de três horas. Sem dúvida, foi algum tipo de estado sonambúlico — talvez uma espécie de transe autoinduzido. O que me inquieta é que não estava, conscientemente, a tentar entrar em transe.)

(Contudo, para o meu livro, tentei observar o cristal, utilizando um vaso redondo de vidro cheio de água. Não vi nada além dos reflexos habituais que poderiam ser esperados. Quando o Rob terminou o seu trabalho no estúdio, por volta das nove horas, contei-lhe sobre o experimento, que, no meu entender, não tinha resultado. Mencionei que, ainda assim, fora fascinante observar os efeitos naturais da reflexão, e, até então, estava perfeitamente consciente de mim mesma.)

(Começámos a conversar na sala de estar. Disse-lhe que era capaz de me colocar num estado de dissociação na galeria, quando as situações se tornavam complicadas, poupando-me, assim, muito esforço. A minha voz começou a soar rouca e áspera; ri-me e comentei que esperava que o Seth não começasse a usar a minha voz sempre que quisesse.)

(Tanto quanto me recordo, foi então que comecei a sentir-me estranha, como se algo estivesse para acontecer. Atribuí essa sensação à imaginação. Quase de imediato, senti-me dissociada, sonolenta, e sentei-me na cadeira de baloiço, imóvel. As pálpebras pesavam-me, a cabeça caía para o lado. Mal conseguia manter-me acordada, embora os meus sentidos estivessem extremamente aguçados; ouvia todos os sons da casa. O Rob perguntou-me o que se passava. Respondi que me sentia muito estranha e diferente de mim mesma.)

(O meu corpo parecia extremamente leve, quase sem peso. Não sentia qualquer pressão muscular. Particularmente os ombros, os braços e as mãos pareciam compostos de água ou ar. O Rob disse-me para me levantar. Ele começou a ficar preocupado. Mal consegui erguer-me da cadeira; ele teve de me ajudar a ir para o sofá. Não me sentia fisicamente capaz de me mover.)

(Sentia-me a entrar num transe muito profundo, contra o qual lutei. Ainda assim, pensei que talvez devesse continuar a experiência. O medo acabou por prevalecer. Embora tenha conseguido impedir-me de mergulhar mais fundo, não consegui sair do estado em que estava.)

(O Rob fez-me café. Mal acreditava ser capaz de levantar a chávena. Quando finalmente o consegui, os meus movimentos eram incrivelmente lentos — como num filme passado em câmara lenta. Parecia impossível exercer qualquer pressão no mundo físico. O Rob obrigou-me a beber duas chávenas de café; ficámos à janela, no ar frio da noite. Nada parecia surtir efeito. Estava completamente assustada, mas sabia, em teoria, como poderia sair daquele estado se me concentrasse para tal.)

(O Rob sugeriu que escrever sobre o que sentia poderia ajudar. Contudo, os meus esforços apenas demonstraram o quão alterada estava. A minha caligrafia não era a minha — fraca, trémula, diminuta e ainda a diminuir. A estrutura dos pensamentos era infantil. Mensagens, frases soltas ou conversas surgiam-me à mente e eu transcrevia-as naquela escrita estranha.)

(Com os sentidos tão aguçados, o Rob pediu-me para ler letras pequenas num plano de avisos, na capa de uma caixa de fósforos e algumas linhas de um livro — e consegui lê-las, mais facilmente do que seria normal.)

(A sensação era de extrema leveza, de incapacidade para funcionar fisicamente. Curiosamente, o Rob teve a impressão contrária — como se os meus membros estivessem pesados. Para mim, sentiam-se leves como o ar. Sentia-me relaxada até ao extremo, e, mesmo assim, os sentidos estavam absurdamente alertas. Mantínhamos uma conversa quase normal. O meu corpo parecia desprovido de resistência. Quando o Rob segurou a minha mão, estava húmida e mole.)

(A condição durou das nove à meia-noite. Fui saindo lentamente dela. O meu braço e mão direitos foram os últimos a recuperarem. Ainda me senti estranha quando finalmente me deitei.)

(A seguir, citações das três páginas manuscritas que a Jane tentou escrever durante o transe. A maior parte desta escrita era extremamente pequena e muito diferente da sua caligrafia normal. Por duas vezes, tentou escrever maior: quando o fez, a letra tornou-se demasiado grande, rígida e inclinada em ângulos estranhos. Também tentou usar a máquina de escrever: por volta das 22h45, não conseguiu exercer força suficiente nas teclas; por volta da meia-noite, conseguiu utilizá-la com alguma dificuldade, mas ainda com pressão irregular e ausência de pontuação e letras maiúsculas.)

(Estava sentada à minha secretária quando comecei a sentir-me estranha. Não sei como. Então, sentei-me noutra cadeira e senti-me ainda mais esquisita. As minhas mãos pareciam muito leves, tal como os meus ombros — tão leves que era como se nem sequer existissem.)

(Mas sentia-me, sem dúvida, estranho. O Rob disse que eu apenas mexia os dedos.)

(O Jerry nunca deveria ter ido lá, já te disse isso, Mary. Esquece tudo, não há necessidade de ficares zangada. O elétrico partiu sem ele e o tempo estava mau. Não foi culpa de ninguém, não te culpes, querido. 1913, 20 de Maio. Nova Iorque, esquina da Sexta Avenida e...)

(Rob.)

(Basta lembrares que o Jerry tem 66 anos.)

(Este é um teste de sabor. Gostaste. Está tudo bem, tolo. Tolo atrevido.)

(O Jerry foi sozinho, e não importa porque o fez — nenhuma razão é necessária. Não te importaste realmente. De qualquer forma. Fortíssimo. Allegro. As Notas estão muito atrasadas. Diz isso à Maria. Ela quererá saber, e isso é importante, Hannah.)

(Posso acrescentar um facto ao relato da Jane. Durante as experiências, descobrimos que ela conseguia realizar um movimento rápido e decidido enquanto estava nesse transe ou estado dissociado, mas apenas com grande esforço. Por exemplo, na cozinha, pedi-lhe que tentasse levantar uma chávena vazia do balcão. A Jane descobriu que a única maneira era concentrar-se o melhor que podia no que queria fazer, e então fazer um esforço físico supremo. Como resultado, a sua mão que segurava a chávena voou subitamente para cima, e ela acabou por deixar cair a chávena novamente sobre o balcão.)

SESSÃO 15 **(ESQUIZOFRENIA)**

13 de Janeiro de 1964

(Começamos, como sempre, sentando-nos ao tabuleiro. Tinha começado a cair uma quantidade de neve que atingiu os trinta centímetros, na noite de Domingo. Embora tenhamos obtido as primeiras respostas através do tabuleiro, desde o início Jane também as recebeu. Não fizemos nenhuma uma ao abrir a sessão.

(Grátis)

Sim, boa noite. Estás recuperado?

(“Sim, acho que sim, Seth.”)

Isso é bom.

(“Estamos a ter uma tempestade aqui esta noite.”)

Tempestade para os tempestuosos.

(A Jane disse que esse comentário inteligente se referia a ela.

“Você tem tempestades onde está?”)

Não tenho o vosso tipo de tempestades. *(A Jane passa a ditar:)* Mas não vou entrar no chamado tempo que faz no meu plano esta noite. Cheguei ao meio de um pequeno experimento interessante que a Jane tentou sozinha, e vocês bem que me podem agradecer por ela se ter saído disso tão bem. Realmente, Jane, fiquei surpreendido contigo. Na tua vida passada sabias muito mais.

Conscientemente não sabias o que estavas a fazer, mas inconscientemente sabias muito bem. Este tipo de estado dissociado pode ser perigoso, especialmente quando induzido ao acaso, como certamente foi o teu caso. Se não tivesse acontecido eu olhar para ti, haverias de ficar um ótimo estado pelo resto da noite, ou deveria dizer manhã.

(Aqui a voz de Jane começou a ficar mais alta e profunda enquanto ela andava para trás e para diante. Embora se tivesse verificado uma grande mudança, a voz dela não alcançou nem a profundidade nem volume da sessão anterior.)

E ainda assim você teve a coragem de sugerir que eu desempenhasse um papel. A trapaça não é uma das minhas qualidades, pelo menos não truques desse tipo, pelo que não precisas ter preocupações quanto a isso. O estado de dissociação que alcançaste pode ser usado de forma mais eficiente. No entanto, erraste em tudo, inconsciente e despreparada. Por vergonha.

O facto de teres entrado tão facilmente numa trama dessas deve lembrar-te capacidades que tu já possuíste. Assim, usaste-as mal. Mas sem a experiência delas anterior, tu não poderias ter entrado em tal estado tão rapidamente, com tão pouco pensar em nada tão extenuante, ou certamente a sugerir algo que pudesse ser tão perigoso para ti no momento.

Esse estado que alcançaste poderia ser comparado ao meu estado, exceto que eu estou inteiramente consciente e sou capaz de usar as

capacidades que lhe são inerentes. Como o Joseph supôs poderia muito bem ter-te sido possível levitares se ele tivesse sugerido isso, e ele usou de muito bom senso ao se abster de tal sugestão. Se bem te lembras, parte da tua mente estava consciente, e eras capaz de conversar normalmente. Outra parte da tua psique estava completamente dissociada e a aguardar as tuas ordens.

Ela debateu-se como um pano molhado numa forte ventania. Tudo isso está ligado aos fragmentos da personalidade que discutimos anteriormente. Da mesma forma a personalidade está dividida, uma parte consciente do eu primário e outra desconectada e à espera da formação em algo novo. Numa base subconsciente, isso corresponde exatamente à maneira como vocês dois criaram as imagens em Iorque Beach, a diferença é que a cisão da personalidade ocorreu ao nível subconsciente.

Talvez eu devesse esclarecer isto dizendo que a cisão foi uma cisão do todo o subconsciente. No caso da Jane, no último dia 10 de Janeiro, a cisão foi ao nível consciente. Como a Jane não sabia desde logo que estava a provocar a dissociação, ele não conseguiu encontrar a saída desajeitada.

A propósito, a chamada esquizofrenia segue, em muitos casos, essas linhas. Quanto à escrita, foi devido-se a um (pausa) possível personalidade desorganizada, amorfa, da Jane que apenas aproveitou a oportunidade para se exibir e substituir uma mão forte que sempre o dominou.

Joseph, a parte que desempenhas nestas sessões é extremamente importante. Sem a tua participação não poderiam ter começado, nem poderiam continuar. Por causa das vossas alianças passadas, nós os três estamos intimamente ligados. Porém, preciso de vós os dois, a fim poder comunicar. Mais tarde entenderás o motivo por que isso acontece.

Jane, vais deixar de fumar dentro de duas semanas. Por um lado é prejudicial, e acreditem, hei de abordar as razões disso mais tarde. Elas são tão pouco compreendidas. Por outro lado, recuso-me a parecer como um cavalo rouco. Isso não é bom para o meu moral. A tua voz está muito sensível e áspera esta noite para eu tentar qualquer transformação dela nos meus próprios sotaques mais melodiosos.

Sugiro, apenas que dês um descanso às tão difamadas cordas vocais da Jane, que faças uma pausa de alguns minutos, embora, conforme hás de notar pelo relógio, mal se passou meia hora. Dificilmente um teste à tua resistência.

(A esta altura a voz de Jane já havia recuperado o tom normal, embora se apresentasse um pouco rouca. Bebemos um pouco de vinho. Entre outras coisas eu referi que algum dia eu pretendia interrogar o Seth acerca da esquizofrenia. Jane começou a obter uma resposta para a questão, e quando ela começou a ditar a voz apresentava-se normal.)

Uma excelente questão.

A esquizofrenia é provocada por um fragmento da personalidade que se desprende, por assim dizer, da personalidade atuante primária, operando muitas vezes em oposição direta à personalidade primária, mas em todo caso, operando como uma personalidade secundária. Na vossa experiência de Iorque Beach, não tivessem vocês sido capazes, através das vossas capacidades criativas peculiares, de formar essas imagens fora de vós próprios, e assim dotá-las de uma realidade física, vocês poderiam muito bem ter-se transformado em personalidades esquizofrênicas. Até os vossos psicólogos sabem que o esquizoide é pelo menos temporariamente duas personalidades, uma personalidade primária ou dominante e outra inferior.

Muita gente é incapaz de dotar fragmentos de tal realidade física, e assim varrem-nos mais ou menos de forma inofensiva para uma certa distância. É como se, na experiência grandiosa que a Jane teve uma noite destas, a parte dissociada da personalidade assumisse outra identidade e se debatesse com a de Jane pelo domínio. Muitos dos chamados casos de possessão podem ser atribuídos apenas a isso. A personalidade dominante pode ser comparada no vosso plano à entidade dominante.

Por favor, entendam que estou a fazer uso de uma analogia aqui. Como a personalidade no vosso plano realmente sofre mudanças, expande-se e cresce de acordo com as próprias potencialidades, por apresentar em diversos momentos imagens diversificadas ao mundo, tais como - se me desculparem por recorrer a clichês - um rosto sorridente, uma face entristecida, mas ainda é basicamente a mesma personalidade, assim também num outro nível a entidade apresenta em diversos momentos um aspeto variado e uma voz diferente. Assim como o rosto sorridente e triste também expressam e expandem a personalidade, também as diversas personalidades reencarnadas expressam e expandem a entidade no seu todo.

Sem os estágios da infância, idade adulta e velhice, a personalidade não poderia expandir-se até o seu máximo, e sem diversas encarnações a entidade não poderá expandir-se. Nesse sentido, o teu irmão Dick

provavelmente terá uma visita extra a compensar nesta terra devido a uma morte precoce anterior.

No estado onírico, um estado dissociado como o que a Jane alcançou constitui claramente a regra, só que nesse estado a capacidade é usada para formar imagens oníricas. Só que essas imagens oníricas operam em benefício da entidade no seu todo e servem de meio de comunicação para as diversas personalidades. Quer dizer, em muitos casos, por personalidades previamente encarnadas corresponderem à presente personalidade. É um meio de familiarizar a presente personalidade com o seu passado assim como de lhe recordar os seus objetivos, sem perturbar esse espalhafatoso ego desperto.

Joseph, quando sentires que tens as mãos a ficarem cansadas, eu gostaria que te voluntariasses para fazer uma pausa e me alivies de uma crescente preocupação compassiva pelo teu físico. Certamente, depois da conversa agradável que tivemos na outra noite, deverias saber que nada desse tipo me ofenderia, e que eu preferiria muito mais interrupções, se forem necessárias, do que sessões nas quais me vejo como um mestre da tortura.

E, por favor, não te consideres uma espécie de estenógrafo. Por meios que não posso explicar na data de hoje, não podia falar através da Jane sem ti, e uma falha na tua personalidade atual haveria de me impedir de comunicar contigo apenas, se é que de facto a Jane o permitiria. E se não estiveres bem vou ter outra conversinha acolhedora que dura até as três horas pela manhã.

(Muitas vezes, durante estas sessões, Seth há de pedir uma pausa no momento em que parece que não conseguiria mais escrever sem descanso. Já tinha a mão realmente dorida, mas não acredito ter mencionado esse facto em voz alta.

(“Ok, então vamos fazer uma pausa.”)

Excelente.

(Quando a Jane começou a ditar de novo, a voz dela estava mais uma vez ligeiramente aprofundada.)

A título de especial favor, gostaria de fazer um pedido. Quererás por um momento desligar a luz principal e abrir as persianas e correr as

cortinas ou o que quer que seja para que eu possa olhar para a noite de neve?

Enquanto estou convosco estou de uma forma que explicarei mais tarde ligado à Jane, pelo que eu vejo o que ela vê, e assim por diante. Claro que me posso dissociar mas o esforço que isso envolve e retornar realmente não justifica esforço. É como colocar um tipo de equipamento de mergulho e trocá-lo por outro, e depois voltar a enfiar o primeiro. Os trajes nem sempre são trajes físicos. Eles podem também servir como uma espécie de veículo, à semelhança do equipamento de mergulho.

(A Jane então desligou a mais forte das nossas duas luzes e depois correu as persianas conforme o Seth pedira. Ela pôs-se à janela, a olhar para o nosso cruzamento ocupado a uma casa de distância enquanto falava. A neve fresca tinha coberto tudo.)

A vista é realmente surpreendente. Que bom que vocês moram numa esquina tão bonita; e no que diz respeito a Einstein, ele viu mais do que soube que viu, e foi mais do que ele soube que era. Iremos examinar isso detalhadamente quando retornarmos a nossa discussão sobre o tempo.

(Eu mencionei que interrogara o Seth sobre as teorias de Einstein durante o último intervalo, e também mencionamos o nosso gato, Willy.)

O vosso gato é realmente um fragmento e por vezes ele pressente-me.

(“Que tal aquela vez na cozinha?”)

(Numa noite recente de sexta-feira, tínhamos acabado de voltar de fazer as compras no supermercado. Jane abriu comida fresca para o Willy e, enquanto ele comia na nossa muito pequena cozinha, ela começou a arrumar as compras. Carregando um saco de lixo vazio, passei do meu estúdio para a cozinha. Jane estava ajoelhada, a tentar alcançar um armário, e o Willy ficou por momentos preso atrás dela. À minha aproximação, ele começou a silvar e a cuspir de forma tresloucada, e começou a correr num pequeno e apertado círculo, ao não conseguir sair da cozinha. Jane, de costas para ele, levantou-se tão rapidamente que bateu a cabeça na porta aberta do armário. A pancada foi forte e deixou-a um tanto atordoada durante horas. Nunca tínhamos visto o Willy comportar-se dessa maneira antes, e em alguns momentos ele estava tão amigável e calmo quanto o habitual e voltou a comer.)

(Um segundo episódio semelhante ocorreu alguns dias depois. Desta vez eu passei para a sala de estar. Estava escuro lá fora. A Jane estava a segurar no Willy. À minha aproximação, ele silvou de maneira aterrorizada e saltou dos braços dela, arranhando-a bastante em ambos os antebraços. Novamente, um minuto depois ele estava tão amigável como sempre para nós os dois.)

Os sentidos dele são extremamente apurados, e os sentidos internos perfeitamente sintonizados. Até agora ele pressente a minha presença. No entanto, à medida que ele se familiariza mais comigo, as suas estranhas cessarão por completo. A minha presença alterna entre vós os dois e isso leva à confusão por parte de Willy. Observa-o agora mesmo.

(Justamente enquanto o Seth falava através da Jane, o Willy soltou um miado alto. Começou a provocá-la e a saltar para ela, como ele fará sempre que quiser atenção. Agora, porém, ele mostrou-se extraordinariamente persistente. Enroscou-se aos pés da Jane enquanto ela tentava andar para a frente e para trás, e finalmente interrompeu o ditado dela enquanto ela o acariciava. Ele então pulou para a cadeira vazia da Jane, em frente à minha, e ficou lá a olhar para mim durante um longo tempo enquanto eu fazia as minhas anotações, com uns olhos eram muito grandes e luminosos e de alguma forma mais escuros que o normal. Então percebi que os olhos da Jane também apresentavam esse olhar quando ela estava a ditar. Demorou algum tempo até que o Willy finalmente relaxasse e dormisse na cadeira.

(O Seth agora referira um fragmento de uma visão que tive no dia anterior. Eu estava a pintar quando mais uma vez tive a impressão de ver o meu irmão Loren como monge numa vida anterior, a envergar o seu velho manto vermelho, de cara voltada para o chão e com os braços estendidos sobre a mesma estrada poeirenta e vermelha em que eu o vira antes. Esta foi uma visão muito breve, e a primeira que me saltou à mente consciente enquanto eu estava a fazer outra coisa.)

A experiência de visão que tiveste está a sair-se bem, Joseph. Podes contar que isso cresça, cresça e amadureça, como a capacidade da Jane já demonstrou surpreendente progresso. Hesito em abordar a experiência que a Jane teve com o Walter Zeh neste momento. O ego consciente dela estabelece barreiras e, em todos os casos, ela deve permitir voluntariamente que material passe. Basta dizer que ela se livrou de certas responsabilidades e quitou uma dívida antiga.

Ultimamente tenho visitado outros planos. Tenho feito bastante ginástica. . .

(“Seth, podes contar-nos algo sobre o presidente Kennedy?”)

Ele foi vosso presidente, não meu. Vocês sabem quem foi o assassino. Claro que a matança sem sentido não foi preordenada. Sempre foi um domínio da esfera do possível, e as circunstâncias trágicas culminaram da mesma maneira que a Jane relatou no seu *Idea Construction*. O próprio Jack Kennedy teve uma premonição dos acontecimentos e mesmo em meio à ação ele estava preparado para a morte. A mente subconsciente dele sempre conheceu a verdadeira natureza da morte e flertou com ela conscientemente.

Quando eu disse cuidado com o gato eu não sabia que ele ia fazer aquela exibição. Garanto que não a encomendei.

(O Willy estava a incomodar de novo, perseguindo a Jane enquanto ela andava de um lado para o outro ao mesmo tempo que ditava.)

O bom do Jack virá a ser um mendigo na Índia, e a nascer dentro de 3 anos. Mais tarde na vida, ele alcançará proeminência se continuar tão bem quanto no passado. O primeiro nome dele será Ambum, que se pronuncia Ammum. Desta vez, ele alcançará preeminência a partir de uma condição de pobreza, uma experiência que reforçará muito a força de propósito da entidade dele.

O Oswald sempre foi um fragmento da personalidade, como todos os psicopatas são. Tal como os fragmentos de uma personalidade irrompem da maneira que expliquei no caso dos esquizofrênicos, em certos casos parte de uma entidade reencarna antes do tempo, não carrega o seu projeto genético mental completo e, portanto, causa problemas e confusão. É como se uma das imagens selvagens de um pesadelo surgisse com força física total no mundo do dia-a-dia.

Essas pessoas percebem a deficiência de que padecem, mas, por outro lado, devido a que tenham um “eu” distorcido mas aparentemente dominante, elas ficam ainda mais furiosas e confusas. Não há um factor unificador básico que lhes dê consistência, e nenhuma memória subconsciente unificadora que lhes dê uma verdadeira identidade interior. Essa é uma das principais razões por que eles atacam personalidades fortemente integradas e por que é tão fácil eles serem catapultados pela emoção crua para tragédias desse tipo.

Pesadelos representam apenas possibilidades de desintegração que raramente ocorrem na realidade. Eu trago isto à tona por ter suscitado a palavra de passagem. Eles geralmente não são mensagens, pois a maioria dos sonhos são de personalidades passadas para a personalidade presente, embora possam ser mensagens da personalidade primária para ela própria, como aviso de medo ou pânico que pode existir diretamente abaixo dos estratos da personalidade primária.

Abaixo disso, vocês encontrarão as camadas sucessivas que têm que ver com reencarnações pessoais. Abaixo disso, vocês encontrarão material que trata da raça como um todo e, conforme a Jane supôs, até camadas que tratam do estado pré-humano. A entidade é a soma dessas camadas, tendo todo esse conhecimento sob comando consciente a todo o instante. No entanto, embora eu fale deles como um abaixo do outro, eles não estão realmente assim, e refiro-o assim apenas por conveniência. Eles estão em todos os lugares, entrelaçados com caminhos que levam de um para o outro e com o eco da voz da entidade a ressoar por cada corredor de interligação.
..

Decidi, como você viu, incluir um pequeno material novo esta noite. No entanto, não deixarei em nenhum momento de lhes dar um quadro completo de qualquer material que já tenha discutido.

(“Podemos fazer uma pausa agora?”)

Podes fazer uma pausa se o desejares.

(Durante o monólogo acima, a voz de Jane esteve bastante normal, e assim permaneceu pelo resto da sessão. Como não fiz nenhuma pergunta, a Jane retomou o ditado.)

Vós próprios tendes até certo ponto consciência de outros planos, e em certa medida, vocês podem comunicar com eles da mesma forma que comunicam com o vosso gato. A imaginação permite que vocês entrem nesses planos, como quando vocês imaginam o que seria a vida de outro animal.

É verdade que o homem é fisicamente um animal e que o gato é um animal. No entanto, as diferenças equivalem a uma diferença em termos de plano, e embora não sejam na verdade, são bastante diferentes, e assim as várias existências conseguem coexistir. É claro que vocês não podem experimentar a noção de tempo do gato, mas podem chegar a compreender

melhor a noção de tempo que ele tem do que ele jamais poderia chegar a entender a vossa.

(Durante o intervalo eu mencionei as visitas que o Seth disse que fazia a outros planos.)

É claro que existem, variações óbvias na vida dentro num plano generalizado, e vários tipos de evolução a decorrer. Quando eu digo que visito outro plano vocês podem imaginar a seguinte experiência:

Finjam não só que apenas entendem o conceito de tempo do vosso gato em alguma medida, mas que podem igualmente experimentar a noção que tem de tempo através do próprio gato. Fazendo isso vocês não incomodarão, inibirão ou irritarão de forma alguma o gato. Ele não terá consciência da vossa presença e de forma alguma isso poderia ser representado como um tipo qualquer de invasão.

(E aqui, a olhar para mim, a Jane bateu na mesa para dar ênfase.)

Imaginem ainda que vocês realmente experimentaram a sensação de um animal com uma cobertura de pelo dessas e todos os outros equipamentos felinos a partir de dentro. Puramente como espectadores, isso representaria vagamente uma analogia para a minha viagem para outros planos. Segue-se que eu não poderia viajar para planos mais elevados que o meu, onde sentidos mais aguçados do que o meu me perceberiam instantaneamente. Esse tipo de coisa geralmente não acontece no vosso plano. Mesmo com os vossos sentidos limitados vocês perceberiam a minha presença, embora o meu plano seja mais desenvolvido que o vosso.

Assim, vocês já veem que as leis funcionam de tal maneira que estamos mais ou menos mantidos no nosso lugar. Os controlos são aplicados. Este assunto voltará à tona e hei de adentrá-lo de modo mais aprofundado. Vocês também viram que o vosso gato pode pressentir-me até certo ponto quando estou no vosso ambiente, pelo que não nos safamos muito. Em muitos planos somos inteiramente visíveis para outras pessoas desse plano. Para algumas somos invisíveis, e para nós algumas são invisíveis.

([Perguntei à Jane:] “O Seth vai dizer alguma coisa sobre a sua forma?”)

Conforme mencionei anteriormente, os sentidos mudam de acordo com o plano de materialização. Se estiveres a referir-te à minha forma

atual, posso ter muitas formas. Ou seja, dentro de certos limites posso mudar a minha forma, mas ao fazê-lo na realidade não mudo a minha forma tanto quanto escolho tornar-me parte de outra coisa. A minha forma incipiente é a forma de um homem, se é o que queres saber, mas é materializada da mesma forma que a tua, isto é, como a tua forma, e posso desmaterializá-la sempre que quiser.

No entanto, não é em absoluto física nos vossos termos. . . E assim aqui eu suponho que vamos nos deparar com um bloco. A forma humana física é extremamente importante para todas as entidades, e elas mantêm a ideia da sua forma durante um longo tempo. Mais uma vez terei mais a dizer sobre a ideia da forma, que é um pouco parecida com os genes físicos e a planta ou esquema, só que num nível de manifestação diferente. Eu acredito, embora não o afirme positivamente, que esta ideia da forma humana desaparece em algum momento e se transforma em outra que seja de alguma forma mais adequada e ideal. A entidade em si só pode ser uma parte de outra coisa.

(“Podes contar-nos algo sobre o sonho que a Jane teve, no qual ela parecia estar a receber instruções sobre fenómenos psíquicos?”

(A Jane dita na sua voz normal:)

Existem vários tipos de sonhos e fragmentos de sonhos. Vou concluir isso igualmente mais tarde, já que nestas sessões iniciais estou a dar-lhes o que pode ser considerado um esboço amplo a ser atualizado. Esses estados dissociados ocorrem frequentemente durante o sono, um excelente momento já que o ego se aquieta. Nessas horas é extremamente possível que personalidades presentes sejam visitadas por outros como eu, mas apenas por ordem da própria entidade.

Sugiro que encerremos esta sessão esta noite. Esta noite esforcei-me por completar algum material mencionado anteriormente. Depois do nosso último árduo encontro tu realmente precisavas de um pouco de relaxamento. No entanto, enquanto lerem este material, vocês vão ver que ele se relaciona com muitos outros assuntos e formas necessárias que serão importantes em discussões futuras.

Não é que eu não me estivesse a sentir bem-humorado esta noite, simplesmente não acho que tu pudesses suportar toda a força da minha natureza sardónica realmente surpreendente. Eu apenas diga essas coisas para observar as tuas reações. E no que diz respeito à assimilação do nosso antigo amigo Frank Watts, não deixes que eu te desencaminhe demais.

(Eu estava prestes a perguntar a Seth sobre a assimilação do Frank Watts.)

A entidade nunca domina nem tenta dominar uma personalidade anterior. Por vezes, essas personalidades também se encaminham por caminhos divergentes para seu próprio benefício e com o total consentimento da entidade.

Não existe divisão no que diz respeito à personalidade. Mesmo um fragmento completo pode se transformar numa entidade em certos casos. Há não há regras que delimitem qualquer ser vivo a uma forma ou tipo de existência.

E agora, queridos pacientes amigos, desejo-lhes uma calorosa boa noite.

(Sentados junto ao quadro, tocamos o ponteiro com as mãos. Falei primeiro, e a seguir a Jane.

(“Adeus, Seth.”

(“Boa noite, garoto.”

SESSÃO 16
(A INDESTRUTABILIDADE DA ENTIDADE)
15 de Janeiro de 1964

(Esta manhã, no café da manhã, eu anunciei que a luz também era uma enzima mental, para surpresa da Jane e um pouco para minha própria surpresa. Iniciamos esta sessão sentando-nos ao tabuleiro, como de costume, sem fazer perguntas. As respostas, assim que iniciamos, começaram a surgir através do tabuleiro.

(Grátis)

Sim, boa noite.

(“Como estás esta noite, Seth?”)

Bem.

(“Alguma coisa em particular que queira conversar?”)

Não. A luz é uma enzima mental.

(“Nesse caso devo dar crédito ao meu subconsciente, porquanto não me senti a descobri-lo.”)

Sim, o teu subconsciente.

(“Seth, por que os olhos da Jane parecem mais escuros e luminosos agora, quando ela está a passar as tuas mensagens? Os olhos do nosso gato também tinham o mesmo aspeto na última sessão.”)

Concentração. (a Jane passa a ditar:) No entanto, o ego está relaxado. O gato concentra-se em uma coisa de cada vez, apesar de não ter um ego forte. Assim, a Jane concentra-se enquanto eu lhe transmito as mensagens, mesmo que não seja o seu ego quem está a concentrar-se. Tu obténs um foco subconsciente diferente em muitos aspetos da concentração consciente. Nesse estado, a atenção é focada mais dentro do que fora, e são os sentidos internos, mais do que os externos, que estão a ser exercitados. O gato está a fazer a mesma coisa que a Jane, e na situação particular em que estás a pensar, os sentidos internos dele, ou seja, os do gato, estavam focados na minha direção.

No que diz respeito à luz ser uma enzima mental, isso é verdade. Estou satisfeito por tu próprio teres apresentado isso. Existem outras enzimas mentais, é claro. Se iremos abordar isso durante a sessão desta noite, não sei.

As principais enzimas mentais criam sentidos no plano físico para que possam ser reconhecidas e apreciadas pelo ser físico. As enzimas mentais são basicamente as mesmas em todo o universo, mas as suas materializações num plano particular são determinadas pelas propriedades inerentes ao próprio plano. A qualidade chamada luz neste plano poderia muito bem aparecer como som em outro, e mesmo neste plano a luz pode ser transformada em som e o som em luz.

É sempre a interação que é importante. Até mesmo as próprias enzimas mentais são intercambiáveis no que diz respeito ao princípio existente por trás delas, embora, para fins práticos, mantenham qualidades separadas e distintas nas suas materializações num plano. É por isso que é possível para alguns seres humanos experimentar o som como cor, ou ver

cor no som. É verdade que esta não é uma experiência característica, mas se as enzimas mentais não fossem intercambiáveis em princípio, então esta experiência não seria possível a ninguém. A luz jamais seria escutada, por exemplo, o som jamais seria visto. Nem a cor é geralmente ouvida, nem o som é geralmente visto.

Em termos práticos, essas enzimas mentais devem, é claro, dar - e dão - um resultado previsível, mais ou menos fiável. A razão pela qual eles devem fazer isso é compreensível. O que precisam lembrar é que essa qualidade de intercâmbio pode ocorrer e é, pois, uma habilidade ou propriedade da enzima mental em geral.

No vosso plano, a ação da enzima mental pareceria mais ou menos inflexível, mais ou menos estática, irreversível e permanente. É claro que esse não é o caso. É uma visão gerada pela dificuldade de obter qualquer perspectiva sobre o plano específico que vocês habitam.

(A essa altura a voz de Jane começou a ficar um pouco mais profunda e alta.)

Como as enzimas mentais parecem produzir os mesmos efeitos durante a maior parte do tempo no vosso universo físico, os vossos cientistas, durante anos, rotularam-nas levianamente como leis da natureza, isto é, as leis aparentes de causa e efeito. Agora, devido - se é que me desculpem o trocadilho - a que uma determinada causa normalmente produza um certo efeito no vosso universo físico, vocês podem sentir-se justificados a dizer que esses resultados aparentes são leis que operam dentro do vosso universo físico. Mas, por favor, fiquem na vossa.

O que estou a tentar dizer é que existem regras aparentes de causa e efeito, mas as mesmas causas nem sempre produzem os mesmos efeitos. Há muito mais que quero acrescentar nesse sentido. Se vocês porventura considerarem uma vez mais os nossos fios e labirintos, eu disse - se é que me desculpam a ligeira advertência - que esses fios imaginários são compostos de vitalidade solidificada. Eles são a matéria viva do universo, mesmo quando formam os seus limites e parecem dividi-los em formas labirínticas, como o interior de um favo de mel.

Os planos dentro dos minúsculos fios, ou seja, os planos formados pelas conexões e interconexões dos nossos fios imaginários, entram na esfera de cada plano diferente e assumem a forma inerente ao próprio plano. Portanto, esses fios - se é que podemos usar uma pequena analogia - crescerão grossos ou finos, ou mudarão completamente de cor, como algum

animal semelhante a um camaleão que camufla constantemente a sua verdadeira aparência, ao adotar as manifestações externas de cada território florestal vizinho. Além disso, os habitantes de qualquer plano específico são como camaleões, como animais. Os fios de vitalidade solidificados não parecem limites ou divisões. Eles parecem exatamente do mesmo tipo que as outras materializações nesse plano específico.

Os habitantes veem apenas a camuflagem. Eles então aceitam essa camuflagem específica como uma regra definida da natureza, sem jamais perceberem que logo além da sua visão e de todos os seus sentidos externos, esse animal familiar domesticado por regra muda completamente de aparência.

Na verdade, a transformação é tão completa que, em alguns casos, é praticamente irreconhecível. No entanto, ao se ver por baixo da camuflagem em qualquer caso, vemos por baixo da camuflagem em todos os casos. O que são, portanto, esses fios que parecem dividir os nossos planos e que aparecem de maneira tão diferente em um plano e em outro, são vitalidade solidificada cuja ação camuflada é determinada por enzimas mentais.

Agora vocês entenderão por que eu disse anteriormente que o som pode ser visto e a cor pode ser ouvida. Existem muitos exemplos diversos nessa linha. Se me perdoares, Joseph, correndo o risco - e quero dizer o risco - de me tornar chato, gostaria de repetir de forma resumida: As enzimas mentais permitem que a vitalidade solidificada mude de forma. Se eu dissesse isso no início, antes desta discussão, vocês teriam sufocado ao engoli-lo.

O tu teres dito que a luz é uma enzima mental deixou-me alerta para o facto de tu estares pronto para esta discussão. Escusado será dizer que a vitalidade solidificada e as enzimas mentais dependem umas das outras em muitos aspetos. A parte enzima da nossa pequena equação permite, pois, que a vitalidade opere com sucesso sob diversas situações mentais e físicas, e forme a base para cada plano específico.

Eu sugiro que façam uma pausa. Estou muito satisfeito com o teu progresso esta noite até agora.

(A Jane e eu ficamos surpreendidos com a quantidade de material que reunimos em quarenta e cinco minutos. O tempo parecia voar. Durante esta sessão, o nosso gato Willy dormiu o tempo todo. A voz da Jane nunca foi além de um certo aprofundamento médio e um pequeno aumento no

volume. Às vezes, enquanto ela falava, soava bastante normal. Durante este intervalo, mencionei que gostaria de perguntar ao Seth sobre discos voadores.)

A propósito, tenho acesso às vossas mentes consciente e inconsciente, mas apenas quando vocês o permitem. Conscientemente, nenhum de vocês está ciente da subtil permissão ou recusa que vós próprios concedeis. E no que diz respeito à sugestão, uma vez que vocês os dois têm vindo a ler nesta linha, há um aspeto em que a mais sugestionável das pessoas está fora do alcance.

Infelizmente, é verdade que o ego atual dominante pode ser aviltado no vosso plano a um grau surpreendente, por exemplo, através de lavagem cerebral e assim por diante. No entanto, essa situação, embora suficientemente ruim, não é tão terrível quanto vocês imaginam. Quando vocês consideram a personalidade humana como uma coisa apenas desta época que é destruída pela morte, então a vossa desintegração por qualquer motivo parece realmente uma coisa trágica. E é trágica.

No entanto, quando vocês pensam em termos da entidade e das suas diversas manifestações da personalidade ao longo do vosso tempo terreno, então vocês percebem que o eu básico, a entidade, não pode ser destruída em nenhuma vida terrena específica. Vocês estão, eu sei, familiarizados com a ideia de regeneração. Se vocês imaginarem as diversas personalidades reencarnadas - e esta é uma analogia bastante desagradável - como diversos membros e outras faculdades da entidade, então vocês verão por que, caso um fragmento seja desintegrado, ele pode ser regenerado da mesma maneira que uma célula física do vosso corpo pode ser regenerada.

Na verdade, esta não é uma analogia tão ruim quanto eu pensava inicialmente, pois muitas vezes uma personalidade em particular será como o braço direito da entidade como um todo, enquanto outra personalidade particular terá os dois pés no chão. No entanto, para voltar ao aspeto original que desejo realçar, há um aspeto além do qual a personalidade mais sugestionável estará fora do alcance, não importa quais sejam as circunstâncias. As manifestações da personalidade podem seguir as linhas que a sugestão comandar. Isso já é ruim o suficiente, mas significa apenas que a personalidade foi forçada a mudar o seu modo de ação no mundo físico. A personalidade parece destroçada por as ações parecerem muito alteradas. E aqui novamente temos a vossa causa e efeito, mal aplicados. A personalidade básica, que é a personalidade primária, não foi alterada e não mudará, exceto através da própria personalidade.

O que pode ocorrer é que fragmentos menores da personalidade, que a certa altura terão sido possíveis elementos que competiam pela personalidade dominante, assumam o controlo. Esses poderão vir à tona em circunstâncias ruins e, na verdade, salvar a própria personalidade básica do que certamente representaria a desintegração. É como se a personalidade básica jogasse osso após osso aos cães, enquanto ao mesmo tempo salvasse o verdadeiro pedaço.

Certamente hesito em entrar na vossa questão sobre discos voadores esta noite. Não é complicado em si, mas complicado de expor. Quero mencionar um pequeno aspeto com o qual vocês possam estar preocupados ou satisfeitos. Vocês os dois estão a experimentar nesta altura - e já experimentaram no passado - o elemento do tempo distorcido, ou o chamado tempo encurtado, sobre o qual vocês leram nos vossos livros sobre hipnotismo. Se observares a hora no relógio, verás quanto material eu lhes concedi em algo como 15 minutos. Eu gosto de lhes reservar algumas pequenas surpresas como esta de vez em quando.

(Seth fez esta declaração surpreendente às 10h12, apenas 21 minutos desde que terminou o último intervalo às 9h51. Agora ao dactilografar este material no dia seguinte, devo dizer que a leitura que fiz do relógio pode não ter sido inteiramente precisa; ele estava numa prateleira atrás de mim e eu apenas olhei rapidamente por cima do ombro. Fiquei tão surpreendido com a afirmação de que não pensei em me certificar em absoluto da leitura.

(No entanto, anotei três páginas completas de material cuidadosamente escritas durante esse período. Isto incluiu pausas durante a dissertação da Jane, além do ritmo regular que ela usa. Portanto, parece-nos plausível que algum tipo de redução do tempo possa ter ocorrido. Reparem que eu também comentei no final do primeiro intervalo como o tempo parecia voar, e comentei sobre a quantidade de material que estávamos a acumular.)

O que é estranho, a propósito, com respeito aos vossos discos voadores não é que eles surjam, mas que vocês consigam vê-los. À medida que a ciência avança nos diversos planos, os habitantes desses diversos planos aprendem a viajar ocasionalmente entre os planos, enquanto carregam consigo as manifestações da sua morada-base. Isso é complicado de expor. Conforme mencionei, eles carregam a sua própria camuflagem particular com eles. Vocês reconhecem-na como não sendo vossa. Decolar em ângulos retos envolve outra das vossas leis naturais que não são leis naturais nenhuma, mas que parecem ser por ser assim que as coisas

parecem onde vocês se encontram. Vou abordar em data posterior, se eu não entrar nisso na parte posterior desta discussão. Vocês também pode fazer uma pausa enquanto podem.

(O Seth referiu o hábito que a Jane tem de andar incessantemente pela sala enquanto fala. Embora a sua voz me parecesse normal, a Jane disse que mesmo assim durante esta sessão ela tem uma sensação subjetiva de que a sua voz está diferente, e que por vezes é um esforço fazer uma pausa no meio de um monólogo para falar comigo como ela própria e não enquanto Seth. Nessas ocasiões ela relata que prefere acenar com a cabeça a um comentário ou pergunta minha, para não interromper a continuidade do Seth.

Os sentidos internos são, na verdade, os canais por meio dos quais toda a composição de qualquer plano específico é apreciada e realmente mantida. É através dos sentidos internos que as enzimas mentais são capazes de agir sobre a vitalidade que é, conforme já disse, a estrutura do próprio universo.

Os sentidos internos, por outras palavras, são os meios, as enzimas mentais são as ferramentas, e a vitalidade é o material real que forma o universo como um todo, as divisões aparentes dentro dele, os limites aparentes das diversas divisões e os diversos materiais dentro de cada divisão. Mais uma vez, os diferentes materiais dentro de cada divisão são apenas camuflagens formadas pelos sentidos internos sobre o próprio material.

Ainda não entrei por completo na nossa discussão sobre a quinta dimensão, mas estou a completar o nosso universo estrutural imaginário de tal forma que o material da quinta dimensão se enquadrará quase sem esforço quando chegar a hora. Vocês já receberam uma tremenda porção de material esta noite. Eu tive a ideia de encurtar o tempo para economizar tempo prático real que vocês poderiam querer usar em outros assuntos. Irei em frente até onde puder e ainda conseguirei os melhores resultados, ou seja, isso pode cansá-lo de maneiras de que não tenho consciência, embora duvide disso. Neste caso, é claro que deverei dispensá-lo.

(“Eu sinto-me bem, Seth.”

(Perguntei à Jane se ela se sentia bem e ela concordou com a cabeça.)

Quando relerem este material, descobrirão que ele é mais do que pensavam inicialmente.

Tenho a certeza, sei com efeito, que seres de outros planos apareceram no vosso plano, às vezes de propósito e outras vezes inteiramente de forma accidental. Assim como em certos casos os seres humanos erraram accidentalmente através da cortina aparente existente entre o vosso presente e o vosso passado, também outros seres erraram pela aparente divisão entre um plano e outro. Normalmente, quando o fazem, ficam invisíveis para o vosso plano, pois os poucos que caíram no passado ou no aparente passado eram invisíveis para as pessoas do passado.

Este tipo de experiência envolve uma súbita consciência psíquica, diretamente da entidade, de que todas as linhas divisórias são apenas para fins práticos. No entanto, existem de facto muitos tipos de ciência. Há muitas ciências que lidam apenas com a locomoção. Se a raça humana, por exemplo, tivesse entrado em certas disciplinas tão minuciosamente quanto explorou as disciplinas tecnológicas, o vosso sistema de transporte prático seria muito diferente e, ainda assim, por esta altura seria ainda mais prático do que é agora. Estou a defender este ponto porque eu quero deixar claro - isto, caro Joseph, é um trocadilho - que quando falo de ciência em outro plano, posso não falar da velha ciência que vocês conhecem.

Agora de volta à questão. Todavia, quando as ciências progredem em diversos planos, as visitas tornar-se-ão menos accidentais e mais planeadas. Contudo, como os habitantes de cada plano estão presos às materializações ou padrões materializados desse plano, eles trazem consigo esse padrão de materialização particular ou padrão camuflado de vitalidade. Certos tipos de ciências não podem operar sem ele. Quando os habitantes de um plano tiverem aprendido os padrões da ciência mental, então estarão em grande parte livres dos padrões de camuflagem mais habituais. Isso aplica-se a um plano superior ao meu, em geral, embora o meu plano esteja mais adiantado nessa ciência do que o vosso.

As aparições de discos voadores vêm de um plano que está muito mais avançado em ciências tecnológicas do que o da Terra de momento. No entanto, esse ainda não é um plano de ciência mental. Por conseguinte, a parafernália da camuflagem aparece mais ou menos visível, para vosso próprio espanto. Agora, tão forte é a tendência da vitalidade para mudar de uma forma aparente para outra, que o que vocês veem aqui nos vossos discos voadores é algo que realmente não é conforme vocês o veem, não é do vosso plano nem do plano da sua origem.

O que acontece é o seguinte. Quando o disco voador, como vocês preferem chamar-lhes, parte em direção ao seu destino, os átomos e

moléculas que o compõem estruturalmente, e que são em si próprios formados por vitalidade, mostram-se mais ou menos alinhados de acordo com o padrão que lhes é infligido no seu próprio território. Agora, quando entra no vosso plano, ocorre uma distorção. A estrutura da nave vê-se presa num dilema de forma. É presa entre transformar-se completamente no padrão de camuflagem particular da Terra e manter o próprio padrão original.

O espectador terreno tenta correlacionar o que vê com o que supostamente conhece ou imagina possível, no pouco que conhece sobre o universo. O que ele vê é algo que apresenta um aspeto que se situa entre um cavalo e um cachorro e não se assemelha a nenhum dos dois. A nave retém o que consegue da sua estrutura original e muda o que tem que mudar. Isso explica grande parte das narrativas conflituosas relativas à forma, tamanho e cor. Nas poucas vezes em que a nave dispara em ângulos retos, ela conseguiu manter as funções que lhe são comuns no seu habitat particular.

Eu não acredito que vocês venham a ter pouso de discos durante um bom bocado de tempo, nem pousos físicos no sentido usual da palavra. Esses discos não podem permanecer em vosso plano por período nenhum de tempo. As pressões que pressionam o próprio veículo são formidáveis. Ele vê-se literalmente preso entre dois mundos. Essa luta para se tornar uma coisa ou outra é muito grande em qualquer plano. Conformar-se às leis de um determinado plano é uma necessidade prática e, por essa altura a nave ou disco voador simplesmente não pode permitir-se ficar entre eles durante nenhum período indefinido de tempo.

O que eles fazem é obter vislumbres rápidos do vosso plano – e lembrem-se de que a forma de disco ou charuto vista no vosso planeta é uma forma bastarda que tem pouca relação com a estrutura da base. Em data posterior poderei entrar mais profundamente na questão dos habitantes desse plano, mas, tal como se apresentam, não os conheço muito bem. Há tantas coisas que vocês não entendem que espero explicar-lhes. Há outras coisas que vocês não entendem que eu não lhes posso explicar, simplesmente porque elas seriam muito estranhas agora para o vosso modo habitual de pensar.

(“Que tal um exemplo do que queres dizer?”

(Mais uma vez a voz de Jane apresentou-se elevada; mas ainda era bastante reconhecível como a voz dela.)

Uma nota nesse sentido. Um plano – e estou a usar o vosso termo, vou tentar pensar em um melhor – não envolve necessariamente um planeta. Um plano pode ser um planeta, mas um plano também pode existir onde nenhum planeta exista. Um planeta pode ter vários planos. Os planos também podem envolver vários aspetos do tempo aparente. Este assunto em particular é muito difícil de abordar agora. No entanto, prosseguirei depois.

Os planos podem misturar-se e misturam-se sem o conhecimento dos habitantes particulares de cada plano. Quero afastar-me da ideia de um plano enquanto um lugar. Poderá ser que sim, em alguns casos, mas nem sempre é. Um plano pode ser um tempo. Um plano - acreditem ou não - pode ser apenas um pingo de vitalidade que parece existir por si só. Um plano é algo aparentemente dividido do resto do universo durante um tempo e por uma razão. Um plano pode deixar de existir. Um plano pode surgir onde não houvesse nenhum. Um plano é formado por entidades como padrões de realização ao longo de diversos níveis. Um plano é uma conjuntura propícia ao desenvolvimento de capacidades e realizações únicas e particulares. Um plano é um isolamento de elementos em que cada elemento recebe o maior espaço possível para funcionar.

Os planetas foram usados como planos e usados de novo como outros planos. Um plano não é um local cósmico. Muitas vezes é prático que entidades ou as suas várias personalidades visitem um plano antes do outro. Isso não significa que um plano deva necessariamente ser visitado antes do outro. Uma certa sucessão é apenas mais útil para a entidade como um todo.

Em outros termos, também podiam dizer que uma entidade visite todos os planos simultaneamente, já é possível visitar um determinado estado, um determinado distrito, uma determinada cidade ao mesmo tempo. Além disso, vocês podem visitar o estado de tristeza e alegria quase em simultâneo e experimentar ambas as emoções em estado elevado devido ao contraste quase imediato que existe entre elas. De facto, a analogia de um plano com um estado emocional é muito mais válida do que a analogia entre um plano e um estado geográfico. Principalmente porque os estados emocionais não ocupam espaço.

(Seth, quando falou do Frank Watts na segunda sessão, disseste que vieste do estado de pesar.)

(A Jane ditou a resposta numa voz alta e firme.)

O Frank Watts veio do estado de pesar. Ele foi uma personalidade composta - quer dizer, através do Frank Watts eu compensei por erros cometidos no passado. O que jamais constitui uma bela proposta. Esta gente que parece carregar tristeza após tristeza habitualmente são desse tipo. Eu não devia fazer pouco do Frank Watts já que praticamente ele me redimiu. Este plano para o Frank Watts foi um plano de sofrimento. Eu vou-lhe, é claro, compensar por tudo, ou tentar. Ele não dispõe de nenhum sentido de humor.

(Nós dois estávamos muito cansados agora, e em especial a Jane decidiu encerrar a sessão com mais uma pergunta. Durante esta resposta Jane falou em voz baixa e calma.

(“Seth, o que achas da conversa que a Jane teve com os alunos da Faculdade de Elmira esta tarde?”)

Eu não a ouvi falar. Eu sei que ela não se saiu tão bem quanto sai comigo na vossa sala de estar, e tenho certeza de que ela falou com a sua própria voz. No entanto, eu entendo que ela se deparou com um Frank Watts vestido de poeta – uma experiência chocante para qualquer um. Ela sempre gostou de ensinar, e essa habilidade é uma das características das suas várias personalidades.

Eu realmente poderia continuar por horas novamente, mas não é uma boa ideia. Estas sessões devem ser, acima de tudo, regulares. Se começarmos a esticá-las em sessões mais longas numa uma noite, vocês não terão tempo para correlacionar o material nem para recuperar completamente do esforço envolvido. Receio que acabemos com apenas uma sessão por semana, e eu preferia as duas. Assim, por causa dessa imaculada lógica e novamente por causa da consideração intrínseca que tenho pela vossa conveniência, eu vou por este meio desejar-lhe uma boa noite.

No entanto, como sempre, não gosto de me separar. Quando termino o que devia dizer, então sinto vontade de dizer o que gostaria de dizer. Eu acho que o vosso progresso se está a sair muito bem e estou satisfeito. A Jane está a aprender uma determinada disciplina e maneira controlada que trará grande benefício à sua personalidade atual. Tu, Joseph, estás a abrir-te numa certa maneira e a ganhar autocontrolo e confiança em outra.

Adeus, sim.

(Estas notas foram redigidas pela Jane a 17 de Janeiro de 1964. Elas são retiradas de material escrito por Rob imediatamente após os eventos de 16 de janeiro de 1964.

(Ontem à noite, quinta-feira, decidimos fazer alguns experimentos. Os experimentos com cartões coloridos não produziram resultados. Às 8h45 recebi as palavras: “Nunca nenhum vento soprou na pradaria, mas eu estava lá.” Sentamo-nos então na semi escuridão, em uma pequena mesa branca em frente a um espelho de corpo inteiro. Tentei entrar em transe ligeiro. Rob fez perguntas e comecei a responder, usando a minha própria voz, que estava com um tom mais vacilante do que o normal. Não tínhamos ideia dos efeitos que poderíamos obter e, devido à pouca luz, Rob não tomou notas durante a experiência, mas escreveu tudo imediatamente a seguir.

(Finalmente alguém que anunciou que o seu nome era Malba Bronson falou através de mim, na minha própria voz. Ela disse que morrera no Dakota do Sul em 1946, aos 46 anos, e que atualmente ela habitava um “plano intermédio.” Ela disse que ela conhecia Seth, que estava em um plano superior, e que ele nos iria explicar o termo plano médio. Ela também disse que Seth provavelmente a chamaria de “Malba Toast.”

(Malba disse que leva tempo a preparar-nos para uma sessão, pelo menos 15 minutos de relaxamento anterior; um pano preto sobre a nossa mesa que chegasse até o chão ajudaria, assim como cortinas na metade superior de nossas janelas, para cobrir o branco das Venezianas. Ela disse que o meu velho amigo, Padre Trainor, estava no seu plano, e que os dois provavelmente reencarnariam novamente. Ela é uma personalidade feminina, mas não opera sexualmente.

(De acordo com ela, o ectoplasma formou as diversas mudanças e materializações na minha mão na sessão anterior que tivemos com o Bill Macdonnel. As sessões, disse ela, deveriam ser regulares. A escuridão ou uma luz vermelha muito débil produzirão os melhores resultados para iniciantes. Rob perguntou se seria possível eu prosseguir à plena luz. Malba disse que a luz não a incomodaria, mas que poderia incomodar-me. Ela disse que da maneira como Rob e eu trabalhamos juntos, precisamos que ambos tenhamos sucesso e que os nossos canais estejam abertos antes a sessão. Os experimentos com cores falharam porque não estávamos preparados. O experimento do armário falhou porque eu não acreditava que funcionasse. [Tendo lido sobre médiuns e os seus gabinetes, coloquei-me em um armário escuro enquanto Rob verificava do lado de fora se havia algum ectoplasma ou aura.]

(Malba disse que o estado antes de dormir é um ótimo estado para receber visões e que também deve ser usado para sugerir boa saúde ao subconsciente, para sugerir que ele o ajude no que diz respeito ao seu trabalho, e para sugerir que práticas diárias os assuntos sejam resolvidos. A preocupação é ruim - reforça atitudes negativas e é corrosiva. A prática ajudará nas sessões. Os indivíduos variam nos tipos de manifestações que alcançam. Podemos esperar criações ectoplásmicas separadas do corpo da médium.

(A consciência de cansaço por vezes produz bons resultados; o mesmo pode acontecer no caso de uma consciência obstruída. O estado intermédio geralmente está muito associado a questões práticas. Bill Macdonnel deveria ser bom em sessões Espiritualistas, embora seja um pouco como o mercúrio, mutável; por vezes ele pode não servir, outras vezes sim. James Spaziani pode ser bom. [O nosso senhorio.]

(Para começar, não se preocupem em verificar os dados com tanto cuidado; isto é, consigam as materializações primeiro ou vocês não terão nada a verificar. A sugestão é uma boa ferramenta. O espelho é uma ajuda para mim, ver a perspectiva num plano liso. Rob perguntou sobre a citação anterior da pradaria, e a Malba disse que estava a tentar estabelecer contato. Ela não está relacionada connosco de forma alguma numa vida passada, apenas estava disponível. Por vezes, eles não responderão no plano dela para abrir canais, a menos que sintam compatibilidade com pessoas que buscam contato.

(Ela não está a vigiar-nos. Ela não conseguia dizer o nome da cidade no Dakota do Sul por eu a estar a bloquear, já preocupada com uma possível falha se eu verificasse um mapa. Ela morava em uma casa de madeira, num quintal arenoso, numa casa velha. Ela sugeriu que o Rob fizesse os mesmos exercícios para as costas que eu estou a fazer, já que eles ensinam concentração. Eu não disse isso na época, mas contei ao Rob mais tarde.

(O termo plano intermédio é o mais próximo que ela poderia chegar de uma tradução, eles não usam palavras no plano dela. É melhor manter o nosso grupo pequeno e praticar. Não posso esperar muito ainda. Rob disse para tentar sessões com o Bill e eu como fizemos no ano passado, quando Rob viu a casa e outro material com tanta clareza. Não vai consumir tanta energia dele agora; naquela época, ele estava doente. Mantenha lápis e papel à mão para as visões do Rob e expanda as suas capacidades.

(Malba disse que a conexão com ela poderia ser renovada fazendo perguntas. O Seth, disse ela, era um excelente professor, um filósofo ao passo que ela não o era. Não desanime, lembre-se das pobres sessões de Ouija antes do sucesso. Temo-nos vindo a preparar para isso desde antes do nosso casamento, há nove anos, mas o casamento reforçou as nossas energias. O ego mostra-se assanhado como um gato para manter o controlo consciente, mas relaxará quando perceber que pode voltar a si sempre que quiser. Uma bebida ajuda, um quarto escuro, preparação para uma presença.

(Malba examinará este material mais tarde se quisermos verificar as anotações que pretendemos fazer. Malba disse que ela era a garota sobre a qual falei que morreu cedo em Levenshire, Inglaterra, mas que ela morreu aos 14 e não aos 17, como eu disse. O ego distorce o material, como neste caso. Ela também disse que se encontrarmos alguém que seria bom em sessões de grupo, saberíamos disso.

(Rob e eu não estávamos tão sozinhos quanto pensávamos, quando tentamos a primeira sessão. Os amigos nos ajudaram a obter bons resultados para não desanimarmos. Mas não podíamos contar com essa ajuda o tempo todo, ou não desenvolveríamos as nossas próprias capacidades. Os dedos que materializei eram ectoplasma, feitos com ajuda de amigos.

(Falando sobre a verificação de informações, ela disse: “Você não arranca a cabeça de uma flor do caule para ver se ela vai gerar uma nova flor.” Ela disse que eu deveria parar de fumar.

(Obteremos resultados melhores se não procurarmos truques baratos; mas mesmo aqueles que o fazem têm que ter disciplina; se vocês forem sinceros, precisarão de ainda mais. O trabalho com Seth é um projeto para toda a vida para nós. Conseguiremos o material publicado e informar outras pessoas. Como médium, poderei ser capaz de entrar em contato com amigos e parentes falecidos. Terei que testar as nossas capacidades por tentativa e erro, já que elas variam de indivíduo para indivíduo. A experiência de Iorque Beach foi um despoletar para uma experimentação mais consciente da nossa parte.

(Por falar em preocupação, ela disse que estávamos muito melhores agora nesse sentido. O isolamento era bom quando se expandia. Quando a vossa mente está conscientemente tensa, é como fechar um interruptor; e quando vocês se abrem, vocês desliga o interruptor. Rob perguntou se eu

poderia viajar no corpo astral fora do quarto, ela disse que possivelmente. Deveríamos experimentar de acordo com as nossas linhas de interesse: o Bill com as suas experiências de viagem, o Rob com as suas visões, eu com os meus sonhos de levitação. Malba disse que não há sensação no que diz respeito a uma médium ficar preocupada quando o ectoplasma surge.

(Tive a sensação de que às vezes Malba tinha problemas de pronúncia. Muitas vezes eu falava com uma voz fraca e dissipada.

(A sessão durou cerca das 21h15 até às 22h30. Rob fez as suas anotações imediatamente depois, e logo eu as examinei para acrescentar o que pude que ele pudesse ter esquecido.)

SESSÃO 17

29 de Janeiro de 1964

(A Jane relata que, ao transmitir agora as mensagens do Seth, já não ouve as palavras interiormente antes de as dizer em voz alta; em vez disso, agora vai falando sem saber conscientemente o que dirá de uma palavra para a seguinte. É uma sensação muito estranha. A única vez em que ouvirá palavras interiormente antes de as dizer em voz alta é quando o Seth fez uma pausa durante uma comunicação e está prestes a retomar.

(Pelas 20:45 desta noite, a Jane pôde sentir o Seth “a empurrá-la”, pronto para começar. E, no final da sessão três horas mais tarde, já na cama, apanhou frases adicionais do Seth mas cortou-as de imediato. Nessa altura estava muito cansada.

(Durante esta sessão a Jane falou durante três horas com uma voz um tanto mais alta e mais grave do que o habitual; e durante esse tempo não sentiu esforço, além do cansaço habitual que chega no fim de um dia longo.

(Começámos como de costume por nos sentarmos à tábua sem falar.

(Grátis)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”

(A Jane já estava a receber o Seth interiormente, por isso pousou a tábua e começou a andar de um lado para o outro e a ditar, como de costume.)

Eu vou alinhar com a vossa piada sobre a Malba Toast do plano intermédio. Malba do plano intermédio foi uma descrição adequada vossa. Na verdade, a própria Malba foi uma não muito inteligente mulher que morreu em 1946 em Dakota do Sul, como ela disse.

O plano intermédio é de facto uma excelente descrição do semiplano que ela agora habita. É como vocês deduziram um plano de espera para personalidades em certos estágios de desenvolvimento. Por exemplo, eu próprio não estou em um semiplano. O plano intermédio ou semiplano contém um conglomerado de fragmentos em todos os estágios de desenvolvimento, exceto que eles não atingiram conhecimento suficiente ou manipulabilidade para progredir ainda mais por esta altura. Ou seja, podem estar em vários estágios de desenvolvimento evolutivo, mas eles estão num nível justo de realização. Eles não se destacaram, nem fracassaram; eles estão a tratar de resolver os seus próprios problemas de uma forma bastante dissociada. Por outras palavras, eles ainda não pertencem, ou não estão comprometidos com o próximo plano do seu progresso.

Eles podem ser-lhes benéficos a vós ao longo de certas linhas. A validade das suas informações pode ser excelente. Por outro lado, também pode ser menos que fiáveis por vezes, simplesmente por o seu nível de realização não ser elevado. Se eles erram, fazem-no por ignorância. Até onde eu consigo apurar, a Malba pode servir-lhes de ajuda. Eu diria a velha Malba ríspida, mas ela nem sequer está ainda crocante.

Eu sei que vocês estão bastante preocupados com a diferenciação entre planetas e planos. Eu também sei que tens a mente cheia de perguntas portentosas, como um precipício sem fim cheio até a borda com calhaus pesados. Certamente vocês não estavam à espera que aquelas enormes estrelas de rádio fossem transmissores RCA sem fios bonitinhos, estavam? Eles não são bem isso.

Estou em um dilema, e admito-o, sobre que assuntos vocês preferirão que eu discuta primeiro. Eu reúno todos os tipos de projéteis estranhos jogados sobre mim com força vibrante. Sonhos, teus e da Jane, os vossos discos voadores, algumas das tuas visões, planos, planetas e estrelas de rádio. Deves pensar com certeza que o meu nome próprio seja Enciclopédia. Chama-me de Psych para abreviar, e soletra-o.

No que diz respeito aos sonhos de levitação da Jane, eu próprio fui o seu encantado, mas inepto professor. No estado de sonho ela saiu-se lindamente. Acordada ela tinha pés de chumbo. Havia também dois outros professores, mas falarei sobre eles mais tarde.

Eu sugiro Joseph, e fortemente, que faças os exercícios de ioga. Vais ver que são de uma grande ajuda. Eles beneficiarão não só a tua condição física, mas irão ajudar-te nestas sessões e em mais experimentos nos em que te envolverás no futuro. . .

Muitas das sugestões da Malba na linha do sono e do subconsciente foram muito boas e deviam ser seguidas. Se estiveres preocupado com água a pingar no vosso quarto, investiga, em absoluto. . .

Em primeiro lugar, se é que me perdoas, eu gostaria de entrar nas situações que culminaram na tua doença desta altura no inverno passado. O teu estado psíquico de nervosismo, medo, falta de confiança e falta de concentração no que diz respeito a fazeres uso dos teus dotes artísticos, começou a ganhar corpo na forma de muitas paredes circundantes. O ego aprisionou-te de forma crescente. As tuas capacidades subconscientes de cura e a vitalidade subconsciente oculta subjacente ficou represada, aparentemente sem meio de ser libertada.

O ego, conforme eu disse antes, é extremamente importante. Porém é apenas uma parte do que vocês chamam de vós próprios. A tua habilidade artística não pertence ao teu ego, meu caro Joseph, embora eu entenda enquanto falo que qualquer pessoa no vosso plano se identifica a si próprio com o seu ego, e quando dizem “eu sou,” querem dizer que eles são o seu ego, ou o ego deles são eles.

Contudo, o ego é instrumento com o qual o eu oculto manipula no universo físico como vocês o conhecem. O ego permite que vocês usem ou concentrem a vossa capacidade artística ao longo das linhas necessárias que os tornem eficazes no vosso plano. No entanto, quando o ego se envolve com medos em maior ou menor grau, deixa de ser um instrumento eficaz e torna-se um martelo que lhes bate incessantemente na cabeça.

Isto envolve muito mais do que parece estar presente à primeira vista. Este material pode não ser tão surpreendente quanto os vossos discos voadores, mas pode ser extremamente útil. Agora, eu vi-te debateres-te em vários momentos e ocasiões, mas não consegui fazer-me ouvir. Como eu

tive conhecimento de vossa experiência em Iorque Beach, eu também tive conhecimento de outras ocorrências ao longo dos últimos anos.

O ego precisa acomodar-se gentilmente, caso contrário, pode sufocar o talento que jaz por baixo. Este é muito apropriadamente o teu talento, o talento que tens enquanto personalidade neste determinado momento. No entanto, tu também és mais do que sabes. O teu subconsciente é uma parte de ti maior do que tu imaginas, e o ego nada mais é do que a porção superior do subconsciente. Afinal, não existe linha divisória nenhuma, e tu és tanto o teu subconsciente quanto és o teu ego, e muito mais.

Agora, quando este ego se preocupa excessivamente com assuntos práticos, fica excessivamente condicionado a respostas negativas. Os sentidos externos deixam de ser tão rápidos ou tão fluentes. As energias criativas erguem as suas pseudo-realidades densamente dimensões de sofrimento. Por um certo período de tempo, de acordo com a tua condição, elas automaticamente criam os padrões de medo que pertencem ao ego.

Esses medos não pertencem ao subconsciente. Então essas materializações de pânico e dor jogam-se sobre o corpo físico, projetadas pelo ego e furtam os poderes da mente subconsciente às suas construtivas para o fazer. Por outras palavras, o ego torna-se um instrumento de atrapalhação ao invés de criação.

No passado tu não entendeste bem essa relação. Entendeu as tendências destrutivas, mas atribuíste-as ao subconsciente. O círculo sem fim ou aparentemente interminável não precisa ocorrer agora nem no futuro. Aquela dissociação de que a Jane te falou é uma excelente disciplina que te irá assegurar o uso de tua energia da melhor maneira possível. Eu não estou a sugerir que o ego seja ignorado de qualquer maneira, apenas que o instrumento não tem autorização para se tornar no mestre.

Pausa às 21:43. Durante a pausa a voz da Jane voltou abruptamente ao tom normal. Ela retomou a ditar às 21:50.

Vês, caro Joseph, o subconsciente e o ego, claro, são ambos tu. Por simplicidade vou falar do ego e do subconsciente, embora sejam na realidade um só. O subconsciente forma e projeta as materializações do ego como uma ferramenta para lhe permitir atingir os seus objetivos. Quando estes objetivos e talentos são atribuídos ao ego sozinho, ficam, por assim dizer, decapitados.

(A esta altura, a voz de Jane havia retomado o seu tom mais profundo.)

O teu próprio subconsciente é a fonte da tua individualidade e personalidade. Dele brota o teu talento. Quando o ego fica demasiado preocupado com questões diárias, com a preocupação, por outras palavras, então as obras da ferramenta ficam entaladas. Torna-se ineficaz. A dissociação, e eu dar-te-ei muitos modos de a alcançar, desentope a ferramenta e é absolutamente necessária. O subconsciente a funcionar livremente, ou o teu eu interior, é completamente capaz de tratar de todas as considerações práticas, e usará o ego como ferramenta para garantir que isso é feito. A dissociação devolve o poder a quem pertence. As sugestões aparentemente pouco práticas do Ruburt no passado foram muito mais práticas do que algumas das tuas conclusões intelectuais, supostamente práticas. Na altura o Ruburt sentiu intuitivamente a importância da dissociação, mas não sabia como a alcançar.

Uma viagem, é claro, era o método mais fácil e a Jane acertou em cheio. Métodos diários de dissociação são extremamente práticos e benéficos. Irás notar dentro de algumas semanas, se não antes, uma energia adicional. Os chamados impulsos da tua parte são frequentemente reprimidos por o teu ego os considerar impraticáveis. O subconsciente conhece a sua própria ousadia, e os melhores métodos para o seu próprio sustento.

Começa os exercícios de ioga e segue-os fielmente. As poucas experiências que fizeste de autossugestão ao adormecer têm estado atados ao ego. Pensa nisso em termos de força muscular e tu verás o que quero dizer. Quando deres por ti sonolento afirme e sugere, a Jane, sugere, Robert; não tentes intimidar nem dar ordens ao subconsciente. Sugestões são tudo o que é necessário. O amor que tens pela natureza, Robert, e o amor que a Jane tem pela natureza, é outro método de dissociação, ou pode seja se o usares como tal. . .

O carinho que sinto por ti Robert é extremamente intenso. Se falo com mão de ferro é porque eu quero que tu te controles, te calmes, avances devagar. A dissociação é, na verdade, uma unidade mais forte com os aspetos criativos da tua personalidade. Isso repõe-te, ou isso repõe os teus talentos criativos ao teu comando. Até agora tu não tens ideia do quão forte és.

Irás ver que os exercícios mencionados acima são mais benéficos do que imaginavas. Por teres sido um devasso em particular numa das tuas

vidas, a que deverei chamar de incidente na Dinamarca, por vezes compensas demais. Manténs-te em laços tão apertados que ocasionalmente mal consegues respirar. Muito de uma coisa boa é uma coisa ruim. Confia nas tuas intuições. Tu tens intuições. Não há absolutamente nenhuma necessidade de tu as receares. Tu compensaste pelos teus erros, Joseph. Admito que certa vez no teu desenvolvimento os teus impulsos não foram dos melhores. Isso não é motivo para os massacrares até à morte agora.

A disciplina que instauraste nos hábitos de trabalho e nos hábitos de vida é admirável. Através da tua vida passada, a vida antes desta, tu progrediste ao longo dessas linhas. Tu não precisas forjá-los com aço agora. Elas são suficientemente fortes e fiáveis. Tu não tens que sentir que elas venham a dececionar-te. Agora para teu próprio bem e para o bem da arte que tu segues, precisas permitir-te a ti próprio uma maior liberdade interior. Tens uma tendência na tua personalidade atual para forjares disciplina num compromisso que poderia amarrar as tuas fortes tendências criativas. É verdade que tu precisavas de controlos. Agora já os tens. Calcaste os teus impulsos com um frenesi, por uma vez teres sentido que eles te traíram.

Agora eu imploro-te para lhes concederes uma maior rédea. Esta é a chave para os problemas físicos que surgiram e, se tu bem te lembras, eles incomodaram-te de forma diferente em lugares diferentes da época, e mesmo antes da época em que assumiste a arte a sério.

Recear a falta de tempo é acumulá-lo. Acumulá-lo é estrangulá-lo. Mas respeitar o tempo não é entesourá-lo, mas deixar que cada momento cresça de modo que se torne mais do que um momento, e somente a forte liberdade dos teus impulsos subconscientes podem conseguir isso.

(Seth, a Jane tem querido saber o que se passou por aqui na casa durante o período em que o nosso cão Mischa morreu, quando os dois gatos também morreram.)

A atmosfera particular que reinou em torno das vossas personalidades mesmo antes da morte dos animais foi destrutiva, estava em curto-circuito e repleta de episódios interiores de pânico. Não quero magoá-los nos vossos sentimentos, mas isso é, lamento dizer, uma ocorrência natural no vosso plano. O facto é que os animais captaram o vosso contágio emocional, e de acordo com as suas capacidades diminuídas traduziram-no em si próprios.

Os vírus e infecções estiveram obviamente presentes. Sempre estão. Eles próprios são fragmentos, pequenos fragmentos em luta sem intenção de causar dano. Mas vós gozais de uma imunidade generalizada, acreditem ou não, a todos esses vírus e infecções. Em condições ideais são capazes de habitar num plano com eles sem medo. É somente quando estabelecem um acordo tácito que o prejuízo é infligido em vós por esses fragmentos. Até certo ponto, vidas menos dependentes como as dos animais de estimação são dependentes do vosso vigor psíquico. Eles possuem o seu próprio, é verdade, mas inconscientemente vós reforçais-lhes a energia e a saúde.

Quando as vossas próprias personalidades se encontram mais ou menos em equilíbrio não têm problema nenhum tomar conta dessas criaturas, e na realidade reforçar-lhes a própria existência com resíduos da vosso poder criativo e compreensivo. Em momentos de estresse psicológico ou crise, sem querer vocês negam esse reforço.

Na morte dos gatos, ambos herdaram as doenças peculiares, que teve origem num vírus, que os matou. No caso do primeiro gato, foram capazes de reforçar o seu vigor por vós próprios e de manter a sua saúde por algum tempo, a seguir ao que precisaram das vossas energias para vós próprios. O segundo gato mal gozou de tal reforço, e rapidamente sucumbiu.

(A Jane tinha obtido ambos os gatinhos do porteiro da galeria de arte onde ela trabalha. Ambos tiveram a mesma mãe embora tenham vindo de ninhadas diferentes.)

A doença do vosso cão encontrava-se em estado incipiente. Vós não poderíeis ter mantido a sua saúde por muitos anos, em qualquer caso. Eu gostaria de deixar claro, obviamente, que os animais possuem energia para manter a própria saúde, mas por regra, isso é fortemente reforçado pela vitalidade dos seres humanos por quem os animais têm apego emocional. O facto é que vocês não estiveram capazes de dar ao vosso cão aquela vitalidade emocional na altura em que mais precisou dela. Não há necessidade de se culparem. Estava além do vosso controlo.

(O nosso cão, Mischa, estava com 11 anos quando morreu na decorrência de uma falha renal.)

Os animais, à semelhança das pessoas, pressentem quando constituem um fardo, e o cão pressentiu que estava a ser um fardo, assim como um incómodo. Eu teria preferido que não me tivesses feito esta pergunta, mas uma vez que fizeste, e uma vez que ambos vocês tinham afeto pelo cão, ela merece uma resposta. A Jane ficou fortemente ressentida com a tua mãe,

Rob, naquele Dia de Ação de Graças anterior à morte do animal. E com razão, dado que as fortes sugestões negativas que ela emitiu na realidade representaram uma reviravolta, e não lá muito boa. A sugestão agiu sobre ti e a Jane, assim como sobre o cão.

E se parecer que te estou a atacar enquanto deixo a Jane mais ou menos despreocupada e intacta, é apenas por as circunstâncias iniciais desagradáveis da Jane terem tornado a dissociação uma necessidade para a sobrevivência pelo que ela foi aprendida numa idade precoce.

No entanto, vocês dois interagem mas, por a Jane ser fortemente intuitiva, ela por vezes é uma ajuda para vós. E noutras ocasiões a Jane sente o seu estado de espírito antes mesmo de ele se materializar, e isso deixa a Jane num estado de ansiedade excessiva que não é benéfico para nenhum de vocês.

Podes fazer uma pausa. Eu percebo que eu estive acelerado. Tu és um amigo tão querido que te quero ajudar nesse sentido tanto quanto possível. Mesmo assim é difícil manter todos os aspetos em mente, particularmente no que diz respeito à personalidade atual e à relação que tem com as vidas passadas.

No que diz respeito ao tabaco, querida Jane, não quero deixar-te de coração destrozado. No entanto, acabarás por dispensar o hábito num futuro muito próximo. Estou surpreendido por o Joseph ter fumado tanto. Afinal, desta vez foi um excesso pouco característico para ele.

No que diz respeito às leituras de vida, abordarei o assunto mais tarde. O treino da Jane está a avançar muito bem. Porém prefiro que esperemos mais um pouco. À medida que a Jane se tornar mais proficiente, haverá menos despiste de material. Quaisquer experimentos que tu possas tentar por conta própria terão agora um valor definitivo. As ideias que tens no que diz respeito ao hipnotismo são inofensivas. De momento, a Jane, nestas sessões, consegue deixar-me falar, obviamente, o que significa que a Jane permite que eu comunique.

Espero que consideres a sessão desta noite praticamente benéfica. Os exercícios respiratórios que a Jane iniciou com a ioga também serão uma ajuda para ti. Lembra-te de avançares devagar e de te descontraíres.

A árvore na parede da cozinha da Jane é muito bonita e igualmente significativa no que diz respeito à abertura da vossa parte. Não posso dizer que a Jane enlouquecesse por causa de uma pintura na parede da cozinha,

ou de qualquer outra coisa na parede da cozinha, mas a Jane é, uma vez mais, uma Jane diferente.

(Ontem a Jane comentou que sempre quis fazer um desenho na parede da nossa cozinha. A cozinha é muito pequena, mas no calor do momento usei um pincel e tinta preta à prova d'água para fazer um esboço rápido de uma árvore num espaço limitado ao lado das janelas. Foi muito divertido de fazer. A árvore parece ter uma qualidade flutuante na parede de cor amarelo claro, especialmente à noite, e adicionou uma nova dimensão ao aposento.)

Eu sugeriria igualmente, embora não pretenda ser presunçoso, que tu convides o Sr. Clauss para ele poder dar uma boa olhadela nos teus quadros. Ele pode não ser o Papai Natal, mas não fará mal nenhum.

Joseph, tens alguma dúvida em particular? Também não haveria mal nenhum em ires à galeria de arte da faculdade local conhecer o Sr. Clauss e outros lá. Também verás como o interesse que tens pelos fenómenos psíquicos aumentou a esfera da ação do teu trabalho, embora tu não o tenhas iniciado com essa intenção.

(O Sr. Clauss é instrutor de arte no Elmira College. Foi numa aula dele que a Jane falou sobre censura na arte e na escrita - e também esbarrou com “um Frank Watts em traje de poeta,” como Seth o chamou, na forma de outro palestrante convidado.

(“Seth, a Jane queria saber o que estava acontecer aqui em casa durante a época em que nosso cachorro Mischa morreu e em que os dois gatos também morreram.”)

A atmosfera particular que rodeava as vossas personalidades, pouco antes da morte dos animais, era destrutiva, estava em curto-circuito e repleta de pânico íntimo. Eu não quero ferir-lhes os sentimentos. Lamento dizer que esta é uma ocorrência natural no vosso plano. O facto é que os animais captaram o vosso contágio emocional e, de acordo com as suas habilidades diminuídas, traduziram-no neles próprios.

Os vírus e infeções estavam naturalmente presentes. Eles sempre estão. Eles próprios são fragmentos, e lutam contra pequenos fragmentos sem intenção de causar dano. Vocês gozam de imunidade geral, quer acreditem quer não, em relação a todos esses vírus e infeções. O ideal é que vocês possam coabitar num plano com eles sem receio. Somente quando vocês concedem um acordo tácito é que esses fragmentos lhes infligem

danos. Até certo ponto, vidas mais pequenas dependentes, como animais de estimação, dependem da vossa força psíquica. Eles têm a sua, é verdade, mas sem saber vocês reforçam-lhes a energia e saúde.

Quando as vossas próprias personalidades estão mais ou menos em equilíbrio, vocês não têm nenhum problema em cuidar dessas criaturas e, na verdade, reforçar a sua própria existência com resíduos dos seus poderes criativos e solidários. Em momentos de estresse ou de crise psicológica, involuntariamente vocês negam ou contêm esse forte reforço.

Nas mortes dos gatos, ambos herdaram a doença peculiar, que foi um vírus, que os matou. No caso do primeiro gato, vocês conseguiram reforçar-lhe as forças e manter-lhe a saúde durante um bom tempo, mas então precisaram das vossas energias para vós próprios. O segundo gato mal gostou de tal reforço e rapidamente sucumbiu.

(A Jane obteve os dois gatinhos do zelador da galeria de arte onde trabalha. Ambos tinham tido a mesma mãe, embora tivessem vindo de ninhadas sucessivas.)

A doença do vosso cachorro era incipiente. De qualquer forma, você não poderiam ter mantido a saúde dele por muitos anos. Gostaria de deixar claro, evidentemente, que os animais têm certamente energia para manter a sua própria saúde, mas via de regra isso é fortemente reforçado pela vitalidade dos seres humanos, aos quais os animais estão emocionalmente ligados. O facto é que vocês não foram capazes de dar ao vosso cão aquela vitalidade emocional adicional no momento em que ele mais precisava. Não há necessidade de se culparem. Estava além do vosso controlo.

(O nosso cachorro Mischa tinha 11 anos quando morreu de insuficiência renal.)

Os animais, tal como as pessoas, sentem quando estão a ser um fardo, e o cão sente que é um fardo assim como um incómodo. Eu teria preferido que vocês não me fizessem essa pergunta, mas como vocês a fizeram e como vocês dois amaram o cachorro, ela merece uma resposta.

A Jane, ou vou dizer agora que a Jane ficou fortemente ressentida com a tua mãe, Joseph, naquele de Dia de Ação de Graças imediatamente anterior à morte do animal. E com razão, uma vez que as fortes sugestões negativas dadas por ela na verdade representaram um ponto de viragem, e não um ponto de viragem bom. A sugestão agiu sobre ti e a Jane, bem como sobre o cachorro.

Sugiro novamente que façam uma pausa, pelo conteúdo emocional deste material. Contudo, logo após o intervalo, quero associá-lo à responsabilidade pessoal, no que diz respeito aos estados emocionais saudáveis.

A dissociação eliminará sugestões negativas e é extremamente benéfica. E não é difícil de conseguir. Foi impossível, Joseph, aos teus pais terem sido sequer decentes quando tu voltaste da Flórida pelo mesmo motivo que tu e a Jane não puderam ajudar o vosso Mischa no momento de maior necessidade. Vocês estavam a usar todas as energias disponíveis para combater as projeções nervosas e, portanto, não podiam ajudar a manter o que era real.

A dissociação, e eu vou-te dar mais treino nessa linha, permitirá que tu suportes os teus pais e os ajudes. Sem isso não os poderás ajudar, e por vezes até contribuis para os fardos deles. Tu desenvolveste-te um pouco nessa área ultimamente por conta própria e com a ajuda da Jane. De ti a Jane tem recebido e está a receber as ajudas necessárias em termos de disciplina e controlo pessoal, que são necessários para canalizar as fortes potencialidades intuitivas.

Da Jane tu estás a receber as liberdades necessárias e a confiança nos teus próprios poderes intuitivos. Há aspetos estranhos, ou deverei dizer aspetos contraditórios, na tua personalidade. Por exemplo, intuitivamente tu sempre sentiste uma unidade com a natureza, mas ao mesmo tempo desconfiavas do que não podia ser comprovada em termos materiais. Tinhas uma afinidade natural pelas coisas que existem por trás da natureza, ou seja, sentias o espírito da natureza mas, ao mesmo tempo tinhas tendência a desconfiar do que não podias realmente ver, cheirar ou tocar.

Isso é certamente contraditório. A fantasia deixava-te frio. E digo-o de um modo frio.

Intelectualmente tu não terias parte nisso, mas a tua imaginação rodava a sua fantástica teia apesar do facto de não acreditares em fantasia nem teias. A tua arte mostrava uma promessa desde o início. A tua imaginação era rica e variado. Mas receavas tanto o senso de exagero da tua mãe atual, que levava muitas vezes, embora de forma involuntária, à pura mentira e desonestidade, que negaste a capacidade da imaginação não fosse ela igualmente conduzir-te aos caminhos do engano.

É claro que isso aconteceu numa idade jovem. Ao mesmo tempo enquanto criança jovem tu praticamente adoraste a tua mãe. Isso conduziu

a esses sentimentos conflituosos para a liberdade do subconsciente e a imaginação. A reforçar essa infeliz circunstância, temos a transferência da desconfiança da existência da Dinamarca. Normalmente, a última vida antes desta teria compensado adequadamente a experiência da Dinamarca, mas a situação da mãe nesta vida despertou o medo de ceder ao impulso e tendeu a fortalecer o desejo de disciplina, baseado no medo.

Espero aproveitar a ocasião desta noite para fazer um bom trabalho ao longo desta linha pessoal, se isso merecer a vossa aprovação.

(“Tudo bem, por favor, continua.”)

Os teus pais, sem querer, é claro, podem fazer-te muito mal. Eu uso o nomeie Jane agora em vez da Jane por conveniência. A Jane está até certo ponto dissociada no que diz respeito aos teus pais. Podes confiar na intuição e na avaliação dela nesse sentido. Na Flórida, ela disse muitas vezes, quer te recordes ou não, que eles não iam ficar tão satisfeitos em ver-te retornar quanto supunhas. Mais tarde, entrarei na incrível demonstração que ela fez naquela ocasião na Flórida.

Além disso, a forte sensação de que devias pedir dinheiro emprestado e obter uma casa ou apartamento ou o que quer que lhe chames, r que foi o melhor conselho que te poderia ter foi dado. Ela foi veemente e chegou às lágrimas em relação a isso uma certa ocasião. Mais uma vez isso não pareceu uma solução prática. Olhando para trás, não poderás concordar comigo que era uma solução muito mais prática do que a que tu escolheste?

Se parece que estou dar-te para a cabeça com um pequeno martelo, é apenas por esta noite eu estar a lidar contigo. A Jane, acredita, terá a sua vez. Este material não pretende de forma nenhuma corroer-lhe a confiança, mas mostrar-te os erros passados que já começaste a remediar. Mais do que outros, vocês os dois operam como uma equipe. Por isso, é necessário que vocês entendam os vossos pontos fortes e fracos, e apurar de que área de atividade poderão depender de várias potencialidades e evitar diversas armadilhas.

Para o teu ego, Robert, o conselho tácito mas veemente, que deste à Jane, que foi aceite em Elmira na estação de rádio, esse conselho foi excelente e salvou-os aos dois de muito sofrimento. No entanto, ela deu-lhe atenção, pelo que os ajudou aos dois.

Se tivesses atendido ao dela em Miami ou mesmo mais tarde em Sayre, ter-te-ias poupado a ti próprio do que realmente só pode ser

chamado de uma dor lancinante. Se não estiveres inteiramente exausto, então faz uma pausa e eu continuarei. Se te sentires em baixo com a palestra desta noite você podes encerrar o dia.

(“Não, prefiro continuar.”)

A vossa Malba falou acertadamente quando disse que isso era um projeto de uma vida, mas tu agora já me conheces suficientemente bem para saberes que estou a abordar isto ao meu jeito. Hás de receber as tuas leituras de vida no devido tempo e outro material por que te interesses, e ainda outro material em que por que te virás a interessar. Achei que esta noite era hora de entrar neste material em particular. Precisas perceber que só a tua informação pessoal é um projeto em si, e só no que cobre esta uma vida.

Os teus pais, Jane, são, por si só um problema, e os do Joseph são outro.

Os do Joseph estão mais próximo, em razão do que é necessário que vocês dois aprendam a melhor maneira de lidar com a situação. A dissociação ajudará particularmente no caso da Jane, uma vez que já está a ser praticada e em certa medida merece confiança. Também é mais fácil à Jane praticar a dissociação, por envolver os pais do Joseph.

Sugiro, pois, que a Jane determine o seu relacionamento que tem com os pais do Joseph por enquanto até que o Joseph a alcance, por assim dizer. A mãe do Joseph é particularmente difícil de lidar, dado que foi contra o emocionalismo dela que o Joseph primeiro se rebelou. Ele está numa posição difícil agora.

É verdade que por a Jane ser agora uma mulher, e por a Jane detestar a própria mãe com tanta veemência, que alguns problemas surjam entre as duas mulheres. Ou seja, Jane e a mãe do Joseph. Mesmo assim isso pode ser resolvido. Quanto à vida que viveste antes desta vez, Joseph, esta não é a hora de entrarmos nela. No entanto, foi relativamente calma.

O Loren é realmente muito parecido com a tua mãe atual, embora as características o pai também estejam representadas. Ambos os pais desenvolveram personalidades fortemente emocionais, distorcidas e realmente forçadas de uma forma grotesca para a deformação.

Os três irmãos reagiram a esse emocionalismo exagerado, potente e, no caso do pai, em vários aspetos oculto. O Joseph contraiu o que parece

ser a disciplina e a ordem do pai, assim como o Loren. Porém, essas características aparentes no caso do pai são na verdade emocionalismo paralisado envolto na coação.

Por o pai paralisar a emoção no ritual da compulsão exagerada, ele é na verdade menos perigoso em alguns aspetos e mais perigoso em outros, uma vez que o quadro compulsivo sempre ameaça explodir. Mais uma vez, a dissociação não é apenas a tua melhor arma, mas também a ferramenta mais útil para ajudar os teus pais.

Reparo que já passa da meia-noite e sugiro que terminem a sessão. Vão ver que em certas noites, de acordo com o vosso estado de espírito, eu prosseguirei com este material, e eventualmente vou abordar o da Jane, pois ela não vai escapar por muito tempo.

Eu quero felicitar-te, Joseph, se é que podes acreditar depois do tanto que te dei para a cabeça. Mas tens feito grandes progressos e, acredites ou não, uma maior liberdade da tua mente subconsciente dar-te-á mais energia e soluções práticas pessoais muito mais benéficas do que terias imaginado possível no passado. Eu realmente não quero ir embora já. Sinto-me animado.

Espero que achem este material seja tão interessante quanto, por exemplo, o nosso aparato imaginário de quinta dimensão. E para encerrar, gostaria de dizer que quaisquer experimentos que vocês possam pensar tentar certamente resultarão muito bem. E agora boa noite meus caros amigos. Já estão a sair-se melhor. E, Joseph, saíste-te bem muitas vezes e está a sair-te bem agora. Procurem ser amáveis com a velha Malba Toast e digam que estou mais crocante do que ela.

(Sentados, ao tabuleiro, dissemos boa noite com o ponteiro. O quadro respondeu.)

Boa noite.

SESSÃO 18
(A CONSCIÊNCIA DE UMA ÁRVORE
A INDESTRUTIBILIDADE DA ENTIDADE)

22 DE JANEIRO DE 1964

(No começo sentamo-nos em silêncio diante do tabuleiro, com as mãos nos ponteiros. Conforme era já costume, a Jane começou a escutar o Seth dentro dela quase de imediato. Após anotar umas palavras através do tabuleiro, ela pô-lo de lado e começou a ditar. Os olhos dela escureceram de forma considerável; por vezes pareciam não apresentar contraste. Esta foi a sessão mais alongada até á data, e no final estávamos exaustos. A Jane funou 16 cigarros.)

A vossa condição após a vossa primeira sessão de exercícios deve ter-lhes mostrado o quanto vocês precisavam do tratamento. Quando sugeri que vocês se dissociassem, não queria dizer que você deviam desfazer-se em pedaços.

Às vezes, o ego pode prendê-los num vício apertado, que a dissociação rompe. Isto foi o que aconteceu depois dos teus exercícios. Tens-te saído muito bem, pela tua parte, ao te permitires a liberdade psíquica. No entanto, os receios conscientes levam o ego a intensificar o aperto que exerce e alguns efeitos dessa natureza começaram a surgir de novo. É por isso que sugeri que começasesses esses exercícios agora. O facto de o ego receoso estar a começar a contrair-se explica a reação que tiveste aos exercícios.

O ego pode desenvolver-se em torno da vitalidade subconsciente como uma geleira, e esses exercícios derretem-no. Até o formigueiro que sentias no teu pescoço é como pequenas picaretas a destruir receios paralisados.

Tu já melhoraste muito com apenas dois exercícios. Soltaste-te tão rápido ontem à noite que literalmente nem soubeste o que aconteceu. A propósito, enquanto estamos nesta matéria, muitas vezes no passado, quando você pensavas estar a lidar com um assunto ou uma pessoa de maneira dissociada, estavas a exhibir um desapego indiferente consciente.

Essa é uma postura consciente inflexível do ego, e não deve ser confundida com o desapego subconsciente ágil que é realmente cálido, flexível e expansivo. Ou seja, pode encerrar muitos elementos, reconhecê-

los, mas não se deixar afetar por sugestões ou elementos ruins nem negativos.

Quanto à sensação que a Jane teve da árvore possuir uma certa consciência, é claro que é isso que sucede. O que vocês têm neste é muita energia, vitalidade e capacidade latentes, com grande parte retida ou suspensa momentaneamente. A árvore está naturalmente dissociada de certa maneira. De certa forma, as suas forças vivas e consciência são reduzidas ao mínimo. Por um lado, encontra-se em estado de sonolência e, por outro, concentra a parte utilizável da sua energia em ser uma árvore. O estado de consciência que isto envolve é maçante em comparação com a habilidade humana altamente diferenciada em muitos aspetos.

No entanto, por outros meios, as experiências da árvore são extremamente profundas, e prendem-se com os sentidos internos que são igualmente, e apropriadamente, propriedades da árvore. Há algo aqui que me é difícil de explicar com clareza. Os sentidos internos da árvore têm forte afinidade com as propriedades da própria terra. Eles sentem o seu crescimento. Eles ouvem o seu crescimento enquanto vocês ouvem o vosso próprio batimento cardíaco. Eles experimentam essa união com o vosso próprio crescimento e também experimentam dor. A dor que experimenta, porém, embora definida, desagradável e por vezes agonizante, não é de natureza emocional da mesma forma que vocês são capazes de sentir dor.

Em alguns aspetos é uma coisa ainda mais profunda. A analogia pode não ser perfeita, longe disso, mas é como se a vossa respiração fosse repentinamente cortada. De certa forma, isso aproxima-se um pouco da dor de uma árvore. A árvore faz ajustes tal como vocês fazem ajustes. A árvore escuta o seu crescimento da terra e escuta igualmente o murmúrio do crescimento das suas raízes por baixo. Ela ajusta cada terminal da raiz de acordo com os impedimentos que possa encontrar no seu caminho. Sem a chamada mente do homem, ela ainda assim retém essa consciência interior de todas as suas partes acima e abaixo do solo e ajusta-as constantemente.

A árvore também tem consciência interna do seu ambiente a um nível surpreendente. Ela mantém a consciência de contato e a capacidade de se manipular em dois mundos completamente diferentes, por assim dizer, um no qual encontra pouca resistência ao crescer para cima e o outro composto de elementos muito mais pesados nos quais deve crescer para baixo. O homem precisa de métodos artificiais, por exemplo, para operar de modo eficaz na terra ou na água, mas a dita árvore inconsciente coordena muito bem em dois mundos tão diversos quanto a terra e a água, e torna-se parte

de cada um. Estou aqui a falar de uma árvore como um “ele” por razões que abordarei em discussão posterior.

E no que diz respeito ao movimento, a árvore move-se para cima e para baixo. É bastante injusto dizer que ela não se consegue deslocar, porquanto o faz num grau surpreendente, e as raízes e os galhos se movem em todas as direções. Os sentidos internos de toda a vida vegetal estão bem sintonizados, alerta e são muito fundamentais. Todos esses fragmentos possuem consciência numa medida bastante elevada, se pensarmos que o homem os tem em tão má reputação.

Se vocês se recordarem do que conhecem sobre o estado de transe, estão, por exemplo, num transe ligeiro, capaz de manter a consciência de vós próprios, do vosso ambiente e do lugar que ocupam nele. Vocês simplesmente comportam-se de maneira um pouco diferente, e não se movem em nenhuma direção, a menos que a sugestão lhes seja dada.

A consciência da vida vegetal existe de acordo com essa linha. A seguir a um transe profundo segue-se o esquecimento, ou seja, embora o sujeito tenha plena consciência do que acontece enquanto em transe profundo, não consegue recordar nada depois. A consciência da vida vegetal também é como a consciência de um sujeito em transe profundo. À exceção da sugestão e estímulo recebidos por forças naturais regulares no vosso plano, a vida vegetal não se move em outras direções. Mas tal como o sujeito em transe, a nossa planta está consciente. As outras capacidades que possui permanecem inutilizadas de momento e latentes, mas acham-se presentes.

A consciência está dirigida ao longo de certas linhas. A energia também está concentrada. Grande parte da capacidade está uma vez mais suspensa tal como a de um sujeito em transe, mas a consciência está presente. As vossas plantas híbridas apenas demonstram essa suscetibilidade a novas sugestões a que a vossa planta, à semelhança do sujeito num transe suscetível, obedecerá de bom grado. Terei mais a dizer ao longo desta via de pensamento, mas desviei-me por apenas um momento quanto à bifurcação a seguir.

(A Jane sentiu que Seth queria prosseguir, mas que fazia frente a tantos pontos de partida a escolher que não conseguia decidir qual seguir primeiro.)

Como provavelmente agora já deverão ter suposto, existe consciência em tudo. Visível ou invisível para vós, cada fragmento do universo tem

uma consciência própria. A dor e o prazer, os aspetos mais fortes de toda consciência, são experimentados fortemente por cada fragmento, de acordo com a sua capacidade. A diferenciação é naturalmente múltipla, mas é no grau de diferenciação que a consciência difere.

Em alguns fragmentos, como a maior parte da vida vegetal e da vida vegetativa, há forte uso de certos sentidos internos. Às vossas rochas, Joseph, chamarei vegetativas. As rochas estão longe de existir sem vida. Outros tipos de vida, incluindo a vossa própria, dependem dos sentidos externos reconhecidos. O ideal, é claro, é uma consciência que é hábil no uso pleno dos sentidos internos e externos.

A vossa árvore vive através dos seus sentidos internos, e experimenta muitas sensações e reage a muitos estímulos que vocês desconhecem. Pequenos tremores de terra, até mesmo o movimento de pequenas formigas em torno da parte inferior do seu tronco, são reconhecidos e experimentados pela consciência da árvore. Tais factores invisíveis como a humidade, a radioatividade e todos os valores eléctricos terrestres são sentidos como coisas bastante reais pela vossa árvore e reconhecidos como distintos da própria árvore.

Uma árvore também conhece o ser humano. Não apenas, por exemplo, pelo peso de um catraio sobre os seus galhos, mas pelas vibrações no ar à medida que os adultos passam, que atingem o tronco da árvore a distâncias variadas, e até mesmo por coisas como vozes. Vocês precisam ter presente que as observações anteriores que fiz sobre enzimas mentais, e a observação de que a cor por vezes pode ser ouvida e a visão pode ser vista.

Ao elaborar a lista das chamadas leis naturais, eu disse que o homem decidiu que o que parecia ser causa e efeito para ele era, pois, uma lei natural do universo. Essas ditas leis, que não são leis, não só variam de acordo com o local onde vocês estão no universo, elas também variam de acordo com o que vocês são no universo. Portanto, a vossa árvore reconhece um ser humano, embora não veja o ser humano nos vossos termos. Para uma árvore as leis são simplesmente diferentes. E se uma árvore redigisse as suas leis do universo, então vocês saberiam como elas são diferentes.

A árvore nem mesmo constrói uma imagem do homem, razão por que isto é difícil de explicar. Não tenho intenção de aprofundar este assunto além do que vocês podem acompanhar neste momento. No entanto, a árvore constrói uma sensação composta que representa, digamos, um homem individual. E a mesma árvore reconhecerá o mesmo homem que

passa por ela todos os dias. Além dos sentidos externos reconhecidos, e dos sentidos internos dos quais vocês estão a começar a adquirir conhecimento, existem outros sentidos internos e até mesmo externos, que vocês ainda não estão prontos para entender.

Elas lidam com distinções mais subtis que as que vocês conhecem agora, que são um tanto da natureza da capacidade que o vosso corpo tem de sentir a agressão de outra pessoa. Assim como o vosso corpo sente as mudanças de temperatura, ela também sente a carga psíquica não apenas de outros seres humanos, mas também, acreditem ou não, dos animais, e em menor medida ela sente a carga psíquica das plantas e da matéria vegetativa. A vossa árvore constrói um composto de sensações desse tipo, ao sentir não as dimensões físicas de um objeto material, seja ele qual for, mas a formação psíquica vital dentro e ao redor dele.

Contudo, o tamanho é sentido por uma árvore, talvez por causa do interesse inerente que tem pela altura. A mesa em torno da qual a Jane agora anda sente a Jane da mesma forma que a Jane sente a mesa. Em data posterior pretendo aprofundar-me nos meios pelos quais outros fragmentos se percebem entre si, e ao homem. As capacidades da árvore acham-se latentes no homem tal como, meu caro Joseph, as habilidades existem latentes na árvore.

O ego do homem faz com que ele interprete tudo à luz de si próprio. Ele perde muito dessa maneira. O ego é em definitivo um avanço, mas pode, em muitos aspetos, ser comparado à casca da árvore. A casca da árvore é flexível, extremamente vibrante e cresce com o crescimento por baixo. É o contato que a árvore tem com o mundo exterior, o intérprete da árvore e, até certo ponto, o companheiro da árvore.

Assim devia ser o ego do homem. Quando o ego do homem se transforma numa concha, quando em vez de interpretar as condições externas lhes reage violentamente, então endurece, torna-se uma forma aprisionadora que começa a apagar informação importante e a deixar de transmitir informação ao eu interior. O propósito do ego é protetor. É também um dispositivo para permitir que o eu interior habite o plano físico. Por outras palavras, é uma camuflagem.

É a materialização física do eu interior, mas não se destina a eliminar esse eu interior. Se, por exemplo, a nossa casca de árvore ficasse com receio do tempo tempestuoso e começasse a endurecer contra os elementos, num espírito protetor bem-intencionado, mas distorcido, a árvore morreria. A luz do sol e assim, jamais poderiam penetrar. A seiva não podia se

acorrer a cima, pois o tronco se solidificaria por completo, enquanto tentava o tempo todo proteger e liquidar a árvore com a sua bondade obsessiva.

Isso é o que o ego faz quando reage com muita violência à informação puramente física no vosso plano, em resultado do que endurece e vocês têm, meu bem-intencionado amigo, o insensível desapego com que enfrentaste o mundo. Não quero divagar aqui. Tenho alguns aspetos em mente para esta noite. No entanto, para que a Jane não pense que está a sair impune, deixa que lhe recorde que a casca da árvore é bastante necessária, e não pode ser dispensada - mas vou entrar nisso e na questão Jane mais tarde.

A ideia de dissociação podia ser comparada à pequena distância que separa a casca do interior da árvore. Aqui não temos uma casca rígida, já que não devem ter um ego rígido. Temos ao invés uma casca flexível, que muda com os elementos, protege a árvore interior ou o eu interior, mas que é flexível, abre ou fecha num movimento rítmico. A casca está, por assim dizer, fora da nossa árvore; e há um pequeno espaço entre a árvore interna e a casca. Esse pequeno espaço é a nossa dissociação.

A árvore interna continua a crescer por a casca ser flexível. O homem permite que o seu ego enfrente o mundo exterior tal como a casca da árvore, e esse é o seu propósito. No entanto, o eu interior, tal como a árvore interior, precisa ter espaço para se expandir. A casca da árvore faz ajustamentos ao bom tempo (*aqui a Jane bateu na mesa*), embora o mau tempo seja repugnante para a casca. No entanto, a casca faz os ajustes necessários e é flexível. Perdoa-me se esta é uma analogia banal, eu quase detesto dizê-lo, mas ela verga-se com o vento. Não se verga quando não há vento. Tampouco solidifica, interrompendo o fluxo de seiva para a copa das árvores por medo de que a estúpida da árvore, sem saber o que está a fazer, bata com a cabeça de encontro ao céu.

Tampouco o ego deve reagir com tanta violência que o leve a recordar e a reagir às tempestades passadas em meio a um tempo claro e ensolarado. Consegues entender esta analogia, Joseph. Sabes que a casca de tal árvore haveria de representar a morte para a árvore. O que ainda precisas entender é que o mesmo se aplica a ti próprio. O que a Jane precisa aprender é que é igualmente ridículo agir como se fosse um dia de verão quando está a cair neve. A árvore tem senso suficiente para não exibir flores em meio a uma nevasca. No entanto, o perigo é mais forte do vosso lado.

Quando vocês ficam excessivamente preocupados com questões físicas, e até mesmo questões físicas vitais, vocês refreiam-se. Mas, mais ridículo, vocês arrancam as vossas raízes. Uma árvore jamais arrancaria as suas raízes. Eu não estou aqui a falar de arrancar as vossas raízes em termos de mudança de um local para outro. Estou a falar de algo semelhante a cortar as vossas raízes de todo sustento.

Voltamos ao problema da praticidade, e correndo o risco de me repetir deixa que diga que, no passado, a aparente impraticabilidade da Jane foi mais prática do que a sua praticidade intelectual. Isto deve-se simplesmente a que vocês não confiem na capacidade que o vosso ego tem de oferecer proteção adequada. Vocês forçaram-lhe a ansiedade pelo que compensa demais a tentar protegê-los, e acaba meio sufocando-os até a morte.

Por exemplo, esta experiência em fenomenologia psíquica pareceria ser simplesmente um acontecimento agradável, esclarecedor, mas puramente impraticável. Se vocês estivessem tão limitados pelo ego quanto estavam no ano passado, não teriam tido nem tempo nem energia, nem mesmo a inclinação para isso. Não teria parecido prático.

No entanto, pode revelar-se extremamente prático nos termos desse amado deus financeiro. Se assim for, e acredito que vocês descobrirão que é esse o caso, é por vocês não a terem bloqueado. Você poderão muito bem descobrir no futuro que uma boa parte da vossa renda é obtida dessa forma. Mas não será o principal benefício por forma nenhuma.

O vosso trabalho está a melhorar e melhorará de forma constante. Pode parecer-lhes, ou ter-lhes-á parecido irracional a vós que a personalidade tivesse tanto que ver com os chamados avanço no mundo artístico. E ainda assim as pessoas percebem a atitude que vocês têm para com elas com muito vigor.

A arte excelente triunfará sempre, por falar com clareza. Mas durante a vida de muitos artistas, precisa competir com as vibrações pessoais, se é que me perdoam o termo, do próprio artista.

Vocês já se abriram. Isso não significa que vocês se tenham tornado desonestos nas vossas relações com as pessoas, simplesmente por vocês se terem tornado vastos o suficiente para incluir o conhecimento do bem e do mal nas pessoas, e o observar como parte de o que é. Se tu não tiveres objeções, continuarei ou poderás fazer uma pausa se quiseres sugerir alguma.

(Não, continuemos.

(A Jane acenou com a cabeça em concordância. Enquanto está a ditar ela não gosta de alternar as vozes.)

Quando vocês começam a tentar ser práticos em termos insensíveis, raramente têm sucesso, por se fecharem para o que não parece ser prático nos vossos termos. Mas os vossos termos não são os únicos termos que se aplicam. O *eu* interior, e estabalecerei estas diferenciações para vós com clareza agora ou mais tarde, o *eu* interior é sustentado por muitas fontes. Cortar um constitui um perigo. Cortar muitos é desastroso e impede qualquer tipo de praticidade, já que metade das vossas capacidades não serão usadas.

O *eu* interior confiante permitirá que o ego manobre no mundo físico, mas não permitirá que se torne feroz protetor em excesso. O teu trabalho contém o força do seu *eu* interior em muitos aspetos. A função particular do teu ego é mostrar este trabalho ao mundo conforme tu o conheces. Hesito, e falo sério, oferecer conselhos práticos a quem tenta ser tão prático. Mas, meu caro Joseph, não há verdadeira praticidade em sufocar as tuas potencialidades trabalhando numa posição onde tu não possas usar essas potencialidades. Não serás pago por capacidades que não possas usar, já que sei que precisas pensar em termos financeiros. O trabalho do teu ego é ajudar-te trocar as tuas verdadeiras capacidades pelo pão de cada dia.

Um trabalho que te impeça de usar essas capacidades será, na melhor das hipóteses, um compromisso e, na pior das hipóteses, uma experiência de atrofiamento da alma. No momento vocês ambos estão a manter muito bem o vosso estado físico. Se você tiverem interesse pelo social, receio não ajudar muito, mas direi o seguinte: as coisas vão melhorar mais por vocês se terem permitido expandir. O medo sempre contrai.

Podem fazer uma pausa. Se vocês não se importarem, depois do intervalo continuarei por um breve período. Estou a esforçar-me muito, Joseph, porque a dissociação responderá a mais de um dos vossos problemas particulares, e práticos na verdade.

Associações que vocês podem considerar impraticáveis são muitas vezes muito práticas. Sempre sinto quando falo neste sentido como se tivesse que repetir repetidamente que não pretendo qualquer redução do vosso horário de trabalho, só que vocês têm mais energia do que imaginam e as associações, como certamente vocês devem ver com o vosso senhorio, muitas vezes são práticas.

(Durante o intervalo discutimos as experiências por que passamos na Flórida há alguns anos. Passamos alguns meses em Marathon, nas Keys da Florida, com o pai da Jane. De volta para a Pensilvânia passamos por Miami. A Jane quis ficar lá e a mim agradou-me a ideia, mas como eu tinha apenas trinta dólares tive medo de arriscar uma cidade estranha com tão pouco, e seguimos para o norte, para a casa dos meus pais, na Pensilvânia.)

Detesto trazer isto à tona, mas foste tu quem tocou no assunto. Se tivesses ficado em Miami, a tua malucada Jane teria indicado um apartamento numa boa parte da cidade, mas bastante longe do oceano, creio que algo como Dunlop Street, onde vocês teriam encontrado um apartamento.

Ela teria convencido o proprietário a aceitar o aluguer de uma semana em vez de dois meses de aluguer adiantado. Há um supermercado a três quarteirões de distância onde ela teria conseguido um emprego que manteria durante sete meses. No fim desse período terias conseguido um emprego numa empresa de publicidade. Teriam conseguido um bom bocado. Não terias ficado na empresa de publicidade mais de dezoito meses. No entanto, a Jane teria trabalhado numa galeria de arte – essa experiência ela tinha-a pela frente, não predestinada, mas pela frente em qualquer caso. Tu terias acabado na mesma galeria.

A oportunidade estava à espera. Eu não te digo isso para te levar a sentir-te mal, apenas para mostrar mais uma vez que devem confiar nos vossos impulsos, porque no teu caso particular, o teu ego ergueu defesas em excesso.

O impulso que sentiste na época foi o mesmo da Jane, se bem te lembras, mas tu receavas os aspetos práticos. Os teus pais ter-te-iam visitado no ano passado, e ter-se-iam sentido fortemente tentados a estabelecer-se numa pequena cidade a nordeste de Miami, onde o teu pai teria ficado surpreendido com as oportunidades no campo do seu próprio negócio.

As coisas mudaram. O livre arbítrio opera constantemente. Não vou tentar dar-te um dito aconselhamento prático definido agora, mas tu podes aprender com isso e os caminhos tornar-se-ão claros.

A Jane estava certa, a sensação compulsiva que teve de que vocês deviam deixar Sayre. Na época, uma viagem à Flórida teria sido boa,

embora um encontro prolongado com o pai da Jane não fosse uma boa ideia. Se tivessem trocado o Pai da Jane por Miami, você ter-se-ia saído bem. Se tu, José, tivesses proposto uma alternativa à ida com o pai da Jane, a Jane tê-la-ia aceite e tu ter-te-ias saído bem.

A Jane pressentiu a crescente explosão com os pais, sentiu o aumento da insensibilidade do teu ego, e impulsivamente precisou fazer alguma coisa. Se vocês não tivessem vindo embora as circunstâncias teriam sido muito piores de qualquer maneira, e os pais poderiam ter sofrido outro acidente, só que desta vez fatal. É claro que a Jane não sabia disso em termos práticos, mas mesmo assim ele soube.

Se vocês tivessem ficado mais tempo com o pai da Jane, as circunstâncias teriam sido trágicas. Teria ocorrido uma reunião entre o Sr. Burrell e o pai da Jane num bar em Marathon, em que o Sr. Burrell teria ferido de forma fatal o pai da Jane.

(O Sr. Burrell mencionado aqui era o empregador da Jane, o gerente de um supermercado em Marathon onde a Jane trabalhou durante algumas semanas como caixa. Um trabalho que ela detestou.)

Foi isso que a Jane pressentiu e que provocou a explosão emocional. O Sr. Burrell teria vindo ao trailer para dizer que ela não tinha que pagar a falta de 17,50 dólares na caixa registradora dela. O pai da Jane teria pedido ao Sr. Burrell que fosse ao bar tomar uma bebida. A luta teria sido iniciada pelo pai da Jane. A Midge, creio que esse seja o nome dela, ter-se-ia atirado ao Sr. Burrell. Tu deverias estar a pintar no trailer. A Jane teria ido com o pai dela, já que acho que esse bar em particular ficava a uma curta distância.

Foi por essa razão que Jane se mostrou antagónica com o Sr. Burrell desde o início. começando, e se sentiu cheia de pânico. O que a irritou não foi a deceção em relação ao trabalho docente, que fracassou, mas a sequência dos acontecimentos, como o dos avanços do Sr. Burrell e o conhecimento subconsciente da natureza do pai. Como ela não conseguiu explicar isso em termos lógicos, e ela própria não o entendeu, isso desencadeou a condição da tireoide, causada psicologicamente, numa nova atividade. Ela armou a pior confusão de que já foi capaz de escapar, e felizmente para vocês os dois, ela conseguiu.

(A Jane foi se sentindo progressivamente nervosa no trabalho e finalmente fez uma erro num registo que lhe custou 13,00 dólares.

(Tampouco eu entendi o que estava a suceder, para além do facto óbvio de ela estar a começar a detestar o trabalho. Eu estava a fazer algumas amostras para um empreendimento comercial com um parente que oferecera uma hipótese de recompensa monetária considerável se fosse bem-sucedido; o nosso acordo era que a Jane ficasse com um emprego temporário entretanto.

(Por fim a Jane não conseguiu tomar o café da manhã antes de ir para o trabalho teve cólicas e então a glândula tiroide dela começou a apresentar problemas. Eu nunca a conheci o patrão dela, mas aos poucos lá entendi que havia feito avanços por meio de insinuações. Eu disse à Jane para ficar em casa e fui até à loja e anular o emprego por ela; por acaso o gerente não estava lá no momento.

(A Jane precisou da ajuda de um médico para controlar a tireoide. Consegui um emprego de pintura de placas em Maratona por alguns dias. Então trocamos Maratona pela Pensilvânia, poucos dias antes do furacão devastar a cidade.)

Se vocês tivessem ficado em Miami, estariam à frente do jogo, mas vocês ainda estão à frente do jogo ao terem saído. Sempre que a Jane apresentar tal luta contra ti há uma boa razão. Por a Jane estar a tentar aprender amabilidade desta vez e por ela ser uma mulher que está fortemente apegada a ti, o respeito que sente por ti é ilimitado e na maioria dos casos ele cede ao que ela considera ser o julgamento superior dela. Quando, apesar disso, a presente Jane adota um forte aspeto emocional é porque as intuições a levam a esse extremo.

Tu também terias tido dificuldades se tivesses ficado em Sayre ao retornar da Flórida. Não pode permitir que essas coisas te inibam o espírito, mas a tua mãe não consegue entender um homem que não tem o que ela considera responsabilidades sociais normais.

A situação teria sido muito pior. A Jane estava manifestamente cansada, e se assim posso dizer, indecisa. Ela teria tentado cometer um erro grave a essa altura. Por autocomiseração e contra a própria intuição dela, ela teria tentado viver com os teus pais. Vocês os dois teriam tentado apoiá-los, com resultados psíquicos desastrosos. Há pouco mais que gostaria de dizer aqui. Eu prometo-lhes que nenhum de vocês sentirá qualquer mau resultado da longa sessão desta noite.

Desde logo, tu estavas muito avançado para deixar Sayre, independentemente de qualquer outra coisa. A tragédia mais duradoura

teria ocorrido se vocês tivessem ficado lá. O mesmo tipo de possibilidade não voltará a apresentar-se. Vocês evitaram-no juntos. A Jane pressionou a favor da mudança para Elmira, ao sentir instintivamente que Sayre era um erro. Se bem te lembras, certa vez, quando tinhas acabado de chegar da Flórida, ela convenceu a senhoria a ceder-vos um apartamento sem entrada de dinheiro. Isso foi outra oportunidade que teria evitado a associação que se avizinhava com os pais dela, mas não foi aceite.

A essa altura, a Jane estava tão confusa que teria aceite a posição na rádio em Elmira, mas aqui mais uma vez isso teria sido um erro. Na verdade Joseph, e não te digo isto para te levar a sentir-te melhor, mas por ser a verdade, tu literalmente salvaste-lhe a vida.

Ela teria apanhado um avião particular para Minneapolis. O avião ter-se-ia despenhado e ela não teria sobrevivido. Então, se pensares em oportunidades perdidas, pensa igualmente nas tragédias evitadas, porque se não fosses tu ela teria aceitado o trabalho para deixar Sayre. Eu queria suscitar todos estes aspetos esta noite, para que vejas que embora nem sempre tenham seguido o melhor caminho, vocês tiveram o bom senso de evitar os piores.

Eu sugeriria que mantivesses uma correspondência mais próxima com teu irmão mais novo, numa base pessoal, e sugiro-o com bastante veemência. Eu poderia também sugerir que visites o teu irmão mais novo com mais frequência do que no passado e, na verdade, que não deixes que se passem mais de dois meses antes de o visitares por um fim de semana. Ao contrário de ti e do Loren, ele não tem um ego fortemente desenvolvido que o proteja. Ele é um pouco como um caracol sem uma concha, e poderia beneficiar fortemente do teu carinho, demonstrado de forma mais prática.

Ele é realmente muito parecido contigo, mas não tem o teu talento artístico nem o teu mecanismo de proteção demasiadamente desenvolvido. O gosto que tem pelo planeamento de casas crescerá e o compensá-lo-á pelos teus talentos artísticos, que ele sempre invejou.

Até a perda de tempo do Loren com os comboios é uma compensação para as capacidades, quase mágicas para ele, que inveja num irmão mais velho. Se conseguires compreender isso verás o desejo natural que ele de te suplantará nos afetos da tua mãe. Ele jamais poderia competir contigo a esse respeito, e isso deixou a sua marca. Se ele parece feminino por vezes, melindroso e vingativo, é por essa e outras razões - não é culpa tua de forma nenhuma, mas ainda assim é um facto.

Sendo muito mais jovem, o Dick não via razão para poder competir. Ele identificou-se contigo e amou-te. A esposa é uma grande ajuda para ele, mas até agora ele não desenvolveu por completo as capacidades intelectuais dele, por muitas razões, e ele tende a culpá-la por isso. Fora a tua mãe que deixou uma marca muito forte em ti, tu tens sido o membro psíquico ativo dominante da tua família, e exercestes influência muito forte sobre todos.

O teu pai ressentiu-se um pouco das tuas projeções aparentemente mágicas da realidade na pintura, já que ele trabalhou inutilmente no domínio das invenções materiais e não chegou a lugar nenhum. Além disso, numa medida muito maior do que tu, nunca confiou nos seus instintos, embora fossem muito fortes. A tua mãe teve muito que ver com isso e o mesmo fez a própria mãe dele.

A herança é extremamente potente nesse caso. O teu pai representa o exemplo mais trágico de impulso congelado na inatividade, e da praticidade que foi nunca foi prática, mas que lhe moldou uma imobilidade, com os poderes tão envoltos pelo temor que ele não conseguiu manipular no ambiente físico de forma nenhuma. Presumo que vocês estejam cansados. No entanto, se conseguirem suportar-me depois de um intervalo, poderei conversar sobre os teus pais de uma forma que poderá ser benéfica. Mas por favor, informa minha amiga chaminé que esta fumaça vai chegar a um fim curto e precipitado.

Quando eu disse que tu salvaste a vida da Jane, quis dizê-lo num sentido literal. Num certo sentido, a Jane salvou a vida dos teus pais ao insistir para que deixassem Sayre quando o fizeram. Quaisquer outros erros que vocês os dois possam ter cometido são mais do que compensados por isso. O pai da Jane ainda corre o risco de perder a vida violentamente, mas se ele sobreviver pelos próximos cinco anos, ele morrerá de morte natural, antes dos 70, creio bem. (67)

Desejo mostrar-lhes como as coisas sucedem ou quase sucedem. Há sempre razões claras, embora não necessariamente causas claras. À sua maneira, o Loren tem a mesma sorte com a esposa que tu tens com a tua. Tenciono abordar os antecedentes da Jane mais tarde. No entanto, não tem implicações tão imediatas, uma vez que ela, ou ele, tem erguido as suas próprias barreiras nesse sentido, e os pais não estão tão envolvidos no que diz respeito à distância. A Jane, amputou (o contato com) a atual mãe por uma questão de necessidade e por uma questão de sobrevivência.

O Walter Zeh dela entra aqui em definitivo. No entanto, agora é tarde demais para entrar em detalhes. As circunstâncias foram tão invulgaes que uma maior margem de manobra foi permitida. Ou seja, ela, a Jane, escapou mais sem culpa porque se sentir tão ameaçada.

Comecei esta sessão com o desejo de discutir a vida vegetativa e vegetal. Para mim, não existe ausência de vida, entendes, como vocês costumam considerar as pedras e os seixos. No entanto, achei que este era um bom momento para entrar em detalhes pessoais, já que a sessão prosseguiu. Prometo voltar a assuntos mais filosóficos, mas queria tivessem consciência dos perigos e tragédias que conseguiram evitar, uma vez que também lhes falei das oportunidades que vocês perderam.

Verão que afinal, subiram ao topo da pilha. E agora meus queridos amigos, desejo-lhes uma boa noite. Só posso dizer que espero não ter causado sofrimento, já que o oposto é minha intenção.

Estou convosco sempre que vocês o permitirem. A propósito, o vosso gato ronronante está muito satisfeito com a vossa casa. Vocês têm um grande coração, certamente grande o suficiente para deixar entrar pelo menos parte do mundo. Peço desculpas pela longa sessão, mas sei que vocês vão sair muito beneficiados.

SESSÃO 19

27 de Janeiro de 1964

A Jane relata que, durante as sessões, agora vai falando com fé ou confiança de um modo que não conseguiria fazer normalmente. Além disso, enquanto transmite as mensagens do Seth, as mãos parecem-lhe “mais gordas”. Notou este fenómeno pela primeira vez há duas sessões, mas por alguma razão nunca mo mencionou. Por vezes, durante uma sessão, as mãos sentem-se-lhe mais pesadas e encharcadas, os dedos mais grossos, as palmas mais espessas, de modo que, quando fecha o punho, a mão tem para ela uma sensação diferente da habitual.

A Jane tem dedos longos e finos, com espaços facilmente observáveis entre eles junto às palmas. Examinando as mãos a meio da sessão, vimos esses espaços algo fechados; os dedos indicadores também pareciam mais grossos do que o normal. No início da sessão, a Jane tirou os anéis porque, nas duas anteriores, se tinham tornado desconfortavelmente apertados. Ao enfiar inadvertidamente um anel durante uma pausa, teve grande dificuldade em tirá-lo. Normalmente é facilmente removido.

Nesta sessão a Jane não exibiu efeitos de voz dignos de nota. Não fumou exceto nas pausas, e a rouquidão foi minimizada. Para começar, sentámo-nos à tábua como de costume, dedos no ponteiro. O Seth soletrou a sua saudação na tábua, mas a Jane começou imediatamente a recebê-lo interiormente. Assim, ditou a sessão inteira.

Grátis

Boa noite.

“Boa noite, Seth.”

Gostaria de continuar com mais alguns dados pessoais, se isso não vos incomodar. Sempre que ficarem desconfortáveis, basta dizer a palavra. Não sou médico, mas estou certamente a dar-vos uma dose.

Não quis dizer, de forma alguma, que o Ruburt deva tratar de todos os teus assuntos pessoais. Tal sugestão não foi a minha intenção. Quero apenas dizer que, quando o Ruburt sente fortemente, num sentido ou noutro, acerca de uma situação particular, deves pensar e ponderar profundamente o assunto, pois podes geralmente — não sempre, mas geralmente — confiar nas intuições dele.

Sugeri que, por agora, confies nas intuições do Ruburt no assunto dos teus pais enquanto apanhas a técnica da dissociação. Não é necessário que sigas a liderança do Ruburt em todas as direções. Quero apenas que examines as tuas próprias ideias sobre o que é prático, porque muitas vezes as tuas ideias têm sido práticas apenas a curto prazo e, em muitos casos — embora nem sempre — as noções aparentemente pouco práticas do Ruburt basearam-se em conhecimento psicológico muito prático.

Por exemplo, se tivesses deixado o teu último emprego quando estiveste primeiro fortemente tentado a fazê-lo, e quando o Ruburt te instou a fazê-lo, não terias adoecido da maneira como adoceste. Teria havido um período de tensão financeira, mas já teria passado, e teria sido sobretudo um período de dificuldades financeiras. Ou seja, ter-te-ias visto capaz de lidar com o problema, já que não terias gasto tanta energia a tentar adiar o inevitável.

No último caso, que seguiste, deixaste cair as tuas energias psíquicas a uma maré muito baixa e perigosa, da qual agora apenas estás a sair. Tenho tratado de ti primeiro por teres estado muito doente, e gostaria de dar-te alguma visão para evitar tal ocorrência no futuro. E deves lembrar-te de que as possibilidades trágicas discutidas na nossa sessão anterior representam apenas um exemplo dessas possibilidades que ocorrem constantemente com cada indivíduo e cada família.

Como o Ruburt tem estado algo aborrecido comigo, e porque não quero magoar nenhum de vós, deixa-me dizer de novo que evitastes muitas tragédias e, se nem sempre tomaste o caminho mais fácil ou o melhor, nunca tomaste o pior caminho, e nunca agiste por malícia. Agora espero que o Ruburt pare de ladrar como um rafeiro zangado e me deixe continuar.

Porque o historial do Ruburt nesta vida foi particularmente bizarro de certo modo e decerto desagradável, ele tornou-se belissimamente eficiente no que toca a sentir a aproximação de tempestades psíquicas e muito hábil a sentir humores, e também espantosamente eficiente a aprender dispositivos de autoproteção. É verdade que o Ruburt também pode ficar preso pela sua própria capacidade de proteção. No caso dele, isto equivale a uma teimosa recusa em ver o que não quer ver. Contudo, este mecanismo raramente se descontrola realmente dessa maneira. Representa apenas uma possibilidade que poderia ocorrer.

Tenciono entrar nas peculiaridades do Ruburt ao meu ritmo, e fá-lo-ei. Não obstante, és ainda tu, Joseph, com quem me ocuparei por algum tempo. O facto mantém-se: as intuições do Ruburt têm sido de qualidade bastante elevada. É verdade que os teus talentos particulares podem dar variedade e razão a muitas das ideias do Ruburt. Em muitos casos poderias, por exemplo, aceitar o impulso intuitivo básico do Ruburt e depois fazer as tuas próprias alterações. Por exemplo, poderias ter deixado o teu posto muito mais cedo e então feito os teus próprios planos em conformidade. Quando ambos se sentirem intuitivamente atraídos para a mesma mudança proposta, então, na maioria dos casos, será sensato fazê-la. Como ficas tão — é “trémulo” a palavra? — depois dos teus exercícios, sugiro uma pequena pausa.

(Pausa às 21:25. Tinha feito os meus exercícios de ioga às 20:30 e sentia-me muito relaxado e leve da cabeça. A minha caligrafia estava muito fluida. A fumar um cigarro durante a pausa, a Jane recebeu as palavras “— e no que diz respeito aos médiuns —” mas disse ao Seth para esperar até ela terminar. Admitiu também que tinha ficado algo aborrecida com o Seth por causa do que ele me dissera nas duas últimas sessões; isto eu não sabia. A Jane retomou a ditar às 21:30.)

No que diz respeito aos médiuns, aliás, o termo é um tanto ridículo. Do meu ponto de vista, é como dizer que algumas pessoas respiram e outras não. Toda a gente é médium, inconscientemente e ainda assim com conhecimento de causa. É bem sabido dos vossos cientistas — ou deveria ser — que realizais muitas coisas sem saber como o fazeis.

Os vossos chamados médiuns são simplesmente pessoas que sabem mais sobre o que estão a fazer. Estais a aprender, passo a passo, como obter acesso às faculdades que sempre possuístes, sempre usastes até certo ponto, e que ajudaram a moldar as circunstâncias exteriores das vossas vidas e deram à vossa personalidade muito do seu significado. Ireis aprender mais. Podereis usar essas faculdades de forma prática e já começastes a fazê-lo até certo ponto. Forneci-vos dados pessoais suficientes por agora, mas acrescentarei a este material conforme achar adequado.

As enzimas mentais têm muito a ver com os fenómenos psíquicos, naturalmente, assim como têm a ver com a transformação de energia em qualquer nível e de qualquer tipo. Também continuarei com o vosso material sobre a quinta dimensão, acrescentando muito à discussão sobre o tempo e abordando alguns elementos da existência em outros planos que diferem do vosso. Tudo isto levará tempo, mas temos muito tempo, por isso não há problema.

Os vossos cientistas podem contar os seus elementos. Enquanto estiverem errados ao rastreá-los, irão descobrir mais e mais elementos. Ou seja, irão inventar mais e descobrir mais até que estejam prestes a enlouquecer. Porque o que vai acontecer é que eles sempre irão criar camuflagens da coisa real. E, à medida que criam instrumentos para lidar com partículas cada vez menores, irão “ver” partículas cada vez menores, aparentemente sem fim.

À medida que os vossos instrumentos alcançam mais longe no universo, eles “verão” mais e, sugiro que coloquem a palavra ver entre aspas, mas irão inconscientemente transformar aquilo que aparentemente veem no padrão de camuflagem com o qual estão familiarizados.

Serão e são prisioneiros das vossas próprias ferramentas. Quanto mais galáxias aparentemente descobrirem, mais misteriosas estrelas de rádio serão percebidas, até que os cientistas compreendam que algo está desesperadamente errado. Instrumentos projetados para medir certas vibrações serão reprojatados. Diversos fenómenos aparentemente impossíveis serão detetados com esses instrumentos. Os instrumentos serão concebidos para capturar determinadas camuflagens e, uma vez bem elaborados, irão cumprir a sua função.

Não quero entrar demasiado no detalhe técnico. Contudo, por certos meios, os instrumentos irão transformar dados em termos que não podeis compreender em termos que possais compreender. Os cientistas fazem isso o tempo todo. No entanto, o que isso implica é uma diluição dos dados, uma simplificação que distorce tudo até ficar irreconhecível; o original mal se vislumbra quando terminais. Estais a destruir o significado na tradução.

Os próprios instrumentos fazem isso ao converter, por exemplo, a ideia de tempo ou anos-luz em padrões de som, ondas de rádio e similares. Perdeste demasiado nesse processo. O que obténs é tão distorcido que não tens qualquer perceção próxima do original. Entrarei mais a fundo nisso, pois há muito mais a dizer a nível técnico. Mas, sempre que decifrais um fenómeno em termos de outro, perdestes de vista qualquer vislumbre de compreensão que vos tenha chegado.

Já não se trata de inventar novos instrumentos. É uma questão de usar os instrumentos invisíveis que possuíis. Esses instrumentos podem ser reconhecidos e até examinados pelos seus efeitos. Este próprio material é uma prova disso. É como o ramo que treme para que conheçais o vento

pelos seus efeitos — e um vendaval como eu pelas rajadas dos meus monólogos.

Mais uma vez, sugiro uma breve pausa. Aprendi que posso dar-vos mais material se permitir que relaxem com mais frequência. Às vezes empolgo-me e esqueço-me. Contudo, esta noite a minha memória está excelente. E, se assim posso dizer, o meu material está ainda melhor.

Os cientistas percebem que a atmosfera da Terra distorce os seus instrumentos. O que não compreendem é que estes são obrigados a distorcer. Isto não pode ser enfatizado o suficiente. Qualquer instrumento físico terá efeitos. O único instrumento mais importante do que qualquer outro, que vos trouxe, a vós, humanidade, todos os vossos avanços, é o cérebro — ou antes, a mente que contém o cérebro, o ponto de encontro do interno e do externo.

O Einstein utilizou os aspetos milagrosos da sua mente. Partes da mente são quase completamente livres de distorções. A mente está distribuída pelo físico e constrói, sobre isso, as camuflagens físicas necessárias para existir no vosso plano. A mente recebe dados do interior, sente-os e forma a camuflagem necessária. A mente, conscientemente ou não, lida com as leis básicas de acordo com o efeito de camuflagem vital para a sobrevivência no vosso plano físico. A mente é a ferramenta a usar.

O cérebro lida exclusivamente com padrões de camuflagem, convertendo vitalidade em padrões correspondentes ao ambiente físico. A mente trata dos princípios inerentes a todos os planos. O próprio cérebro faz parte da camuflagem padrão e pode ser sondado por instrumentos físicos. A mente não pode ser sondada nem localizada por esses instrumentos. É ela o elo de ligação. É aqui que se descobrirão os segredos do universo, e a própria mente é a ferramenta de descoberta.

O cérebro pertence ao vosso plano. Podeis dizer que o cérebro é a mente em camuflagem. A imaginação é propriedade da mente. Pode ser utilizada — e é utilizada — pelo cérebro para sobreviver, e por vezes pode ser sondada por instrumentos físicos. Contudo, a imaginação é um atributo da mente, não do cérebro, e nenhum instrumento físico pode forçar a imaginação a conceber uma ideia verdadeiramente original.

As ferramentas físicas podem ser usadas para forçar a imaginação a mover-se nos termos das memórias pessoais do seu dono, mas não podem forçá-la a deslocar as linhas do pensamento conceitual, porque a imaginação é, na realidade, um conectivo entre o indivíduo físico e a entidade não-física. As enzimas mentais causam um efeito ou reação química no vosso plano, o que significa que podem ser observadas através dos seus efeitos químicos. Mas o próprio efeito é já uma distorção: noutros planos, essa distorção pode não ser química de todo. Falei do vosso plano e não do vosso planeta, porque a Terra é apenas um dos planetas que contém muitos planos.

As enzimas mentais transformam a vitalidade em padrões de camuflagem particulares. Como afirmei, têm uma reação química no vosso planeta. Isso explica por que, num desequilíbrio químico no corpo físico, também se manifesta uma distorção correspondente dos dados sensoriais: quando o químico é perturbado, o mundo físico parece ter mudado. Para o indivíduo envolvido, a camuflagem realmente se altera. Se estiverem dispostos a continuar a sessão por mais um curto período, sugiro novamente uma pequena pausa.

O subconsciente é uma propriedade da mente e, em grande parte, independente da camuflagem. Claro que devem entender que estes termos são por conveniência: em muitos casos, não existe divisão real entre eles, e falo muitas vezes por facilidade.

Parte do subconsciente, por exemplo, lida com a camuflagem, mas as suas camadas mais profundas estão em contacto direto com a vitalidade básica do universo. Quando vocês ou a Jane perguntam se este material vem do subconsciente, tendem a presumir que o subconsciente é algo meramente pessoal, tratando exclusivamente de questões do passado dos vossos egos. Por vezes admitem também que um elemento de memória racial pode nele surgir — um conglomerado de dados de camuflagem. O subconsciente inclui ainda o não-distorcido da mente, que não é camuflado e opera entre planos, sem fronteiras.

Não gosto de usar tantos termos; uma vez que o cérebro é observável, sinto-me tentado a usá-lo para abranger todas as faculdades da mente. Isso facilitaria para vocês. Contudo, resistirei. A mente contém o cérebro. O material que designam por “subconsciente” provém dessa parte da mente que não conhece fronteiras — nem de tempo, nem de espaço, nem de espécie, nem de plano. Simplesmente, vocês estão a usar essa parte da mente como ferramenta. Exercitar o cérebro também exercita a mente, mas a mente possui capacidades que escapam ao cérebro ignorante. Isto não significa que o cérebro seja inútil — longe disso. No vosso plano, ele é absolutamente vital; muitos animais têm mente altamente desenvolvida, embora o seu cérebro seja pequeno.

Voltarei a este desenvolvimento mais tarde. A mente, porém, determina quais as enzimas mentais a usar e em que grau, bem como a força, o tipo e a validade das camuflagens necessárias à sobrevivência.

Com isto, meus caros amigos, deixo-vos por esta noite. São aproximadamente meia-noite, mas isso não significa que eu me vá transformar numa abóbora.

(Sentados à tábua, usámos o ponteiro para dizer boa noite.)

(Grátis)

Dorminhocos.

(“Boa noite, Seth.”)

(Término às 00:10. Depois da sessão, discutimos a análise do Seth sobre os meus problemas particulares. A Jane então perguntou em voz alta se teria bons resultados quando chegasse a sua vez, já que era ela quem dava voz às mensagens do Seth. Recebeu o seguinte de forma muito clara:)

Quando chegar a tua vez, será cristalino.

(Rimo-nos.)

SESSÃO 20

29 de Janeiro de 1964

(A Jane disse que, mais uma vez, tinha medo de palco, uma sensação de apreensão e assombro, mesmo antes da sessão começar. A ideia de que em breve começaria a falar sobre alguma questão de filosofia, etc., “quando não tens uma ideia na cabeça”, continuava a ser-lhe espantosa. Especialmente quando não se sentia em forma A-1.

(A Jane não teve fenómenos de voz nesta sessão, nem quaisquer alterações nas mãos; os mesmos anéis que tanto a incomodaram na sessão anterior desta vez não a incomodaram nada. O Seth prosseguiu a um ritmo especialmente deliberado, com muitas pausas e, apesar disso, parecíamos reunir tanto material e dentro dos mesmos limites de tempo.

(Como de costume, começámos sentados em silêncio à tábua.

(Grátis)

Sim, boa noite. Sim.

(“Como estás, Seth?”)

Mesmo às mil maravilhas.

(“Estamos prontos e dispostos.”

(A Jane pousou a tábua. Levantou-se e começou a passear e a ditar.))

Não é agradável ver a Jane de saia, para variar. Também gosto do penteado. Está a portar-se muito bem com o hábito do cigarro, como eu previ que faria.

As enzimas mentais pertencem à mente e não ao cérebro, embora funcionem através de ambos e usem propriedades químicas do corpo físico na sua operação.

É extremamente difícil entrar em pormenor no que respeita aos sentidos interiores, simplesmente porque eles não estão camuflados. Espero, no entanto, entrar em pormenor, agora ou mais tarde. Sob certos aspetos, os sentidos interiores podem ser comparados a canais no vosso plano. Porém, quando se tem em conta a continuidade, a analogia é fraca, uma vez que a palavra canal parece implicar uma abertura mais ou menos permanente, e isto não é verdade. Uma das maravilhas dos vossos sentidos exteriores é o seu alcance. Eles levam-vos realmente mais adiante, em

distância por exemplo, do que o vosso corpo físico pode estar num dado momento.

O sentido da visão, concentrado sobretudo nos olhos, permanece fixo numa posição permanente no vosso corpo físico. Isto é, claro, verdade. Sem se afastarem do corpo físico, os olhos veem algo que pode estar ao longe. Do mesmo modo, os ouvidos ouvem sons que estão distantes do corpo. Na verdade, e este é um ponto bastante importante, os ouvidos ouvem normalmente os sons exteriores ao corpo mais facilmente do que os sons no próprio corpo. Dado que os ouvidos estão no corpo, mais ou menos, e dele, seria lógico que um observador de mente aberta supusesse que os ouvidos estariam muito bem sintonizados com os sons interiores a um grau elevado. Como sabem, não é o caso.

Os vossos olhos, embora pertençam ao corpo, não conseguem ver dentro do corpo. Os ouvidos podem ser treinados até certo ponto por indivíduos neuróticos para uma consciência sonora relativa ao próprio corpo. A respiração, por exemplo, pode ser amplificada até um grau quase assustador quando alguém se concentra em ouvir a própria respiração. Mas, em regra, os ouvidos nem escutam nem ouvem os sons interiores do corpo.

O sentido do olfato também parece projetar-se para a frente. Um homem pode cheirar um grande fedor, mesmo que não esteja mesmo debaixo do nariz. O sentido do tato, tal como o conheceis conscientemente, não parece projetar-se desta maneira. A menos que a própria mão pressione de algum modo sobre uma superfície, não sentem que a tocaram. O tato envolve geralmente um contacto direto. Podem, claro, sentir o vento invisível contra a face, mas o tato envolve um imediatismo diferente das percepções distantes da visão e do olfato.

Estou certo de que reconhecem estes pontos por vocês mesmos. Eu, afinal — e independentemente do que possam pensar — credito-vos a ambos com um certo sentido de inteligência e imaginação.

Esta diferença de imediatismo é bastante importante para a nossa consideração dos sentidos interiores. É também por isso que mencionei que os ouvidos e os olhos, embora ligados ao corpo, estão orientados para fora. Trouxeram dados para o corpo, mas muito raramente recolhem dados do corpo. Começo a entrar em material que é relativamente difícil de explicar, tendo em conta que tenho de considerar todos os vossos padrões de camuflagem.

Como disse, os sentidos exteriores lidam principalmente — e, tanto quanto sei, exclusivamente — com o padrão de camuflagem. Os sentidos interiores, meu caro Joseph, são sentidos que lidam com realidades subjacentes aos padrões de camuflagem e que transportam dados dessas realidades, dessas realidades interiores, para o corpo. Estes sentidos interiores, portanto, são plenamente capazes de ver o interior do corpo, de uma maneira que os olhos exteriores não conseguem.

Tal como os sentidos exteriores de visão, som e olfato parecem estender-se para fora, trazendo dados para o corpo físico a partir de um padrão de camuflagem observável no exterior, assim os sentidos interiores parecem estender-se para bem dentro, trazendo dados importantes de realidade interior para o corpo físico. Há aqui também um processo de transformação muito semelhante ao momento de que falámos na criação de um quadro.

O corpo físico é um padrão de camuflagem a operar num padrão de camuflagem maior. Mas o corpo físico e todos os padrões de camuflagem, vistos de outro modo, são também transformadores do vital tecido interior do universo, onde essa vitalidade fica então apta a operar sob condições novas e diversas.

Sugiro que façam uma pequena pausa, enquanto considero a forma mais auspiciosa de prosseguir com este material. Estou pronto para falar mais sobre os sentidos interiores há já algum tempo. Adiante, façam a vossa pausa.

(Pausa às 21:31. A Jane disse que sentia que o Seth queria que este material nos ficasse muito claro e, por isso, estava a proceder passo a passo. Disse que ele estava a ter dificuldade em apresentá-lo. De facto, a Jane transmitiu este material com muitas pausas. Como, de um modo geral, tínhamos dispensado receber mensagens pela tábua, esta sessão foi a de andamento mais lento até à data. A Jane retomou a ditar às 21:36.)

Os sentidos interiores fornecem dados do mundo interior da realidade ao corpo. Os sentidos exteriores fornecem dados do mundo exterior da camuflagem ao corpo. Contudo, os sentidos interiores têm consciência dos próprios dados físicos do corpo em todos os momentos, enquanto os sentidos exteriores se ocupam do corpo principalmente na sua relação com o ambiente de camuflagem. Por outras palavras, os sentidos interiores têm um conhecimento imediato e constante do corpo, de uma forma que os sentidos exteriores não têm.

O material é entregue ao corpo, como disse, a partir do mundo interior por meio desses sentidos interiores. Estes dados de realidade interior são recebidos pela mente. Isto é extremamente importante. A mente, por não estar camuflada, é a estação recetora dos dados que lhe são trazidos pelos sentidos interiores. O que têm aqui é quase um sistema nervoso e de comunicação interior, muito semelhante aos sistemas exteriores com que estão familiarizados.

Arrisco repetir-me, mas quero que estes passos sejam claros. Estes dados vitais são enviados à mente pelos sentidos interiores. Qualquer material que seja importante para o contacto do corpo com os padrões de camuflagem exteriores é dado ao cérebro. O chamado subconsciente é uma ligação entre mente e cérebro, entre os sentidos interiores e os sentidos exteriores. Está, na verdade, parcialmente no vosso plano e parcialmente

noutros planos. Partes dele tratam de padrões de camuflagem, do passado pessoal da personalidade presente, de memórias de camuflagem raciais; e a maior parte pertence ao mundo interior e, à medida que os dados chegam a ele a partir do mundo interior, assim ele pode alcançar bem dentro do mundo interior propriamente dito.

Devem lembrar-se aqui de que o tempo faz parte do padrão de camuflagem. Ora, o sentido exterior da visão pareceria confundir o espaço e aparentemente conquistar uma porção da distância usando os olhos. Ou seja, não precisam necessariamente de andar uma pequena distância para ver o que está no espaço particular em causa.

Assim também os sentidos interiores e o subconsciente podem fazer o mesmo no que respeita ao espaço interior e ao que chamariam tempo interior. Mas isto não é surpreendente, longe disso. Só parece estranho porque estão tão familiarizados com os vossos preciosos padrões de camuflagem. O tempo e o espaço, meus amigos, são ambos padrões de camuflagem; portanto, o facto de os sentidos interiores poderem conquistar tempo e espaço não é, afinal, assim tão espantoso. Para a mente com o seu subconsciente, e para os sentidos interiores, não há tempo nem espaço e, portanto, para eles nada é conquistado. A camuflagem simplesmente não está presente.

Quando falo do subconsciente desta maneira, falo, claro, dessa porção maior que lida com as realidades interiores. Quero dar-vos informações mais detalhadas acerca das próprias realidades interiores. Na verdade, elas não têm paralelo com os sentidos exteriores — e isto vai soar-vos horrível, receio — simplesmente porque não há nada para ser visto, cheirado, ouvido ou tocado do modo a que estão habituados. Isto é extremamente difícil de explicar, pois não quero dar-vos a ideia de que a existência sem o vosso conjunto particular de padrões de camuflagem é morna e inócua, porque não é o caso.

Os sentidos interiores têm um forte imediatismo, uma intensidade deliciosa que os vossos sentidos exteriores não possuem. Não há lapsos de tempo na percepção, já que não há tempo. Sugiro de novo um curto período de refrescamento. Estão ambos a ir bem.

(Pausa às 22:01. Mais uma vez a Jane comentou o facto de o Seth estar a ser muito deliberado a dar-nos este material. Retoma às 22:04.)

Estou deliberadamente a ser deliberado. E, por agora, estou a usar a voz do Ruburt, sem fazer esforço para sobrepor a minha. E por boa razão. Não quero que este material seja considerado uma espécie de “abracadabra”. Não é um culto nos termos em que as pessoas muitas vezes consideram material que parece vir de uma fonte para além do indivíduo que o transmite.

As designações espírito, médium, e assim por diante, são ridículas para começar. Estão simplesmente a usar sentidos interiores. Esses sentidos

não são mágicos, certamente não são religiosos em qualquer sentido da palavra, e eu não sou alguma personalidade secundária degenerescente do Ruburt. Nem serei comparado a algum espírito de barbas longas e olhos esbugalhados sentado na nuvem número nove.

É verdade que vivi como ser humano, mas isto é simplesmente um facto. Este encontro e os nossos outros encontros não são sessões espíritas, e as tuas experiências com o teu amigo Mark não são sessões espíritas, de acordo com as implicações geralmente atribuídas.

As chamadas sessões espíritas, quando são legítimas, são simplesmente exercícios de utilização dos sentidos interiores. Os cultos que se formaram em torno de tais acontecimentos são ridículos e, nalguns casos, demonstrações imperdoáveis de estupidez por parte de personalidades bem-intencionadas mas imbecis.

Não gosto de ser tão duro e vingativo. No entanto, em algumas ocasiões estive envolvido, para meu total horror, no outro lado de tais performances. Contar-te-ei isto mais tarde. Não é importante, mas foi desagradável.

A superstição gera superstição.

No que diz respeito ao subconsciente da Jane ou do Ruburt, entro em contacto contigo através de ambos os vossos subconsciências (pronúncia da Jane); mas através daquela porção maior que existe efetivamente entre planos, que é propriedade da mente, não do cérebro, e que lida com os sentidos interiores.

Não tenho absolutamente nada a ver com aquela parte do subconsciente envolvida nas tuas memórias pessoais ou na constituição da tua personalidade presente.

Tenho evitado, mais ou menos, dar-te o tipo de chamada prova que seria tão conveniente para me explicares aos outros. Ajudei-te uma noite a manter o teu interesse elevado. Isto ocorreu no início das nossas sessões.

Também sou uma personalidade por mim próprio. Não vou andar às voltas, fazer truques, mover anéis, atirar pedras e assim por diante. Este material é legítimo, fala por si, e não vou ornamentar uma atuação de resto sensata e excelente com táticas de circo para impressionar aqueles a quem nada impressionará sob quaisquer circunstâncias.

Por vezes posso usar a minha própria voz simplesmente porque será mais fácil transmitir certos tipos de material, e também porque será divertido, para variar.

Disseste algo, Joseph, que me pôs neste assunto. Tencionava aprofundar os sentidos interiores.

No entanto, isto lembra-me outra coisa. Perguntaste-me, ou querias perguntar-me, por que razão este material vos estava a ser dado, isto é, a ti e ao Ruburt.

A minha resposta é, além do meu forte afeto por ambos, que não estais afiliados a qualquer culto, religião ou escola de pensamento particular. Sois de mente aberta — falo de ambos —, não tolos, e não prontos a vestir-me a pele de um Cupido barrigudo, de Buda, de deus, santo ou diabo.

Pessoas assim são difíceis de encontrar. Os padrões de camuflagem já são maus o suficiente para serem tratados do meu lado, mas os padrões de camuflagem pessoais erguidos pelo cérebro são piores.

Quanto aos vossos neuróticos — por alguma razão, falar dos assuntos habitualmente chamados sessões espíritas lembrou-me dos neuróticos —, no que diz respeito aos neuróticos, essa neurastenia é parte integrante de uma insuficiência, tanto do corpo físico como da personalidade, que envolve uma incapacidade de lidar com padrões de camuflagem.

Um neurótico no vosso plano, por exemplo, não seria necessariamente um neurótico noutro plano, embora pudesse sê-lo.

Tem-se culpado em demasia o subconsciente. Os termos, por vezes, causam mais problemas na comunicação do que aqueles que resolvem.

A mente consciente lida diretamente com a sobrevivência, no que toca aos padrões de camuflagem em particular. Mas não existe uma linha divisória real ou distinção entre o consciente e o subconsciente, nem entre os níveis aparentes do próprio subconsciente.

Quero que façam uma pausa, mas antes quero fazer outro ponto, e é este: a mente contém o consciente e o subconsciente, mas o consciente e o subconsciente são fluidos. Em vários momentos, a consciência torna-se inconsciente e o inconsciente torna-se consciente. Durante alguns períodos, isto acontece simultaneamente. Hei de aprofundar isto em grande detalhe.

(Pausa às 10:32. Por mais que tentássemos, a Jane e eu não conseguimos lembrar-nos do que eu dissera na última pausa que provocou a explosão do Seth acerca de médiuns, etc. Pensamos que foi, pelo menos, um comentário inocente, feito de passagem. Observei agora que me perguntava se o Seth queria sequer que publicássemos este material, já que isso poderia também ser por ele considerado como usá-lo. A Jane disse que definitivamente não achava que ele quisesse dizer isso. Retomou a ditar às 10:40.)

Disse que o cérebro é a mente em camuflagem, e assim é.

É a porção da mente que é mais ou menos observável pelo cirurgião, e a parte da mente que reage ao padrão de camuflagem, e a parte que pode ser explorada e manipulada, embora isto seja de facto perigoso.

Os padrões de camuflagem pertencem, claro, também ao mundo interior, já que as próprias camuflagens são formadas a partir da substância vital do universo por enzimas mentais, que têm uma reação química no vosso plano.

A reação, naturalmente, é uma distorção. Ou seja, qualquer padrão de camuflagem está condenado, de certo modo, a ser uma distorção da vitalidade forçada a assumir uma forma particular.

Quanto à publicação deste material, não tenho objeções. Não to dei, e não to estou a dar, simplesmente para a tua própria edificação. Por causa da sua origem, provavelmente vos chamarão malucos, mas imagino que já o saibas.

As enzimas mentais são, na realidade, propriedade do mundo interior, representando a conversão da vitalidade em dados de camuflagem que são então interpretados pelos sentidos exteriores.

Antes de continuar, tens alguma pergunta sobre este material?
(«Não.»)

Fico deliciado ao ver tão pronta argúcia. Gostaria de fazer uma analogia. Embora, nalguns casos, possa falhar, no geral fará o meu ponto.

Imagina um homem parado numa esquina, a olhar pela rua para uma árvore a um quarteirão de distância. Não precisa de percorrer essa distância para saber o que está lá, pois pode ver tudo o que está entre ele e a árvore, pelo menos no que toca a objetos grandes. O seu sentido da visão permite-lhe essa liberdade.

Imagina um homem num automóvel que passa pelo nosso homem na esquina. Agora, quando o nosso homem no automóvel chega à árvore, está mais adiante, por assim dizer, em distância. Também está, de certo modo, mais adiante no tempo, e no entanto, na realidade, não está.

Isto é, o homem na esquina observou-o passar. Ele está, em espaço, para além do homem na esquina.

O homem na esquina, ao mesmo tempo, vê o automobilista seguir para diante. Mas, embora o veja passar no espaço, sabe que ambos existem, ele e o automobilista, simultaneamente, mesmo que habitualmente a ideia de ultrapassar envolva tempo.

Se imaginares a imagem algo estranha de um feixe sólido que se estende do corpo do homem na esquina até à árvore, então isto pode ajudar-te a pensar na visão como um caminho.

Este caminho particular existe no espaço para o homem A, que está na esquina.

Se o homem A ouve o guincho dos travões, há um intervalo de tempo existente entre o som e a sua perceção dele. Considera isto como outro feixe sólido ou caminho.

A razão por que uso aqui a solidez é que estamos a lidar com o mundo da camuflagem, e as ondas sonoras e as ondas luminosas são definidas no vosso plano e podem ser medidas.

Não são sólidas como a tua árvore é sólida, mas são sólidas em grau. Isto é, manifestam-se suficientemente para serem registadas nos vossos instrumentos.

Agora que isto está esclarecido, podemos considerar os sentidos interiores como caminhos que conduzem a uma realidade interior.

Contudo, aqui não nos preocupamos com o espaço ou o tempo.

Se fosses, ou se o homem A fosse, cego, não veria a árvore em questão. Se fosse surdo, não ouviria o carro.

Finjamos este estado de coisas e comparemos os objetos físicos entre o nosso homem e a sua árvore com pontos que lhes correspondem, de algum modo, no mundo interior.

Seria como se, em vez de ver as várias casas ou o que quer que fosse, o nosso homem as sentisse.

Se te recordas, mencionei antes que o teu sentido exterior do tato era extremamente imediato, de um modo que a visão não era, e também aponte o imediatismo como uma das qualidades dos sentidos interiores.

Ora, o nosso homem não sentiria estes objetos vagamente: senti-los-ia. Seria sensível a eles, por outras palavras, sem os tocar com algo semelhante a mãos físicas, tal como, por exemplo, sentes calor ou frio sem necessariamente tocar no gelo ou no fogo.

Esta é uma das qualidades pertencentes aos sentidos interiores. Vou aprofundá-la, mas podes chamá-la o primeiro sentido interior.

Envolve uma percepção imediata de natureza direta, cuja intensidade varia conforme aquilo que é sentido.

Envolve cognição instantânea através daquilo a que só posso chamar um toque vibracional interior.

Isto é, se me perdoas o trocadilho, «sensível», já que quero evitar aqui qualquer implicação de sentimentalismo lamechas; e a palavra «vibracional» não é a melhor.

Este sentido permitiria ao nosso homem sentir as sensações básicas sentidas pela árvore, de modo que, em vez de olhar para a árvore, a sua consciência se expandiria para conter a experiência do que é ser uma árvore.

Conforme a sua proficiência, do mesmo modo sentiria a experiência de ser a relva pelo meio e assim por diante.

De forma alguma perderia a consciência de quem era, e perceberia estas experiências, novamente, mais ou menos do mesmo modo como percebes o calor e o frio.

No teu padrão de camuflagem tens de te adaptar aos efeitos do calor e do frio, mas o nosso homem, no mundo interior, não estaria sob tal obrigação.

Estou a falar agora apenas do nosso primeiro sentido interior. Se não estiverem demasiado cansados para continuar a sessão por um curto período, então descansem por um momento e prossigam. Não vos tirarei a responsabilidade de vos privar de róseos sonhos noturnos. Por isso, quando quiserem terminar a sessão, digam-no simplesmente.

(Pausa às 11:22. Retoma às 11:28.)

De qualquer modo, não vos vou reter demasiado esta noite. No entanto, quero mencionar o facto de que os sentidos interiores são capazes de expansão e de foco de uma forma que os sentidos exteriores não são. Simplesmente estendem-se mais longe, embora eu esteja a falar agora nos vossos termos e não nos meus.

E quanto a onde o mundo interior está efetivamente no vosso plano, entrarei nisso na nossa próxima sessão.

O mundo interior, claro, faz parte de todos os planos. Não é tanto que exista simultaneamente com o mundo exterior, mas que dá forma ao mundo exterior e o mundo exterior existe dentro dele.

Quando receberem mais material sobre os sentidos interiores, poderão começar a usá-los a um grau muito mais elevado do que agora. Para os interessados na realidade interior, os sentidos interiores podem ser utilizados, obviamente, para explorar e perceber partes dessa realidade interior; e a realidade interior é, afinal, aquilo que procurais.

Terei de abordar, nalgum momento, o que, por agora, chamaremos evolução, para explicar a influência do mundo interior sobre o mundo exterior, porque a espécie à qual tendes a honra de pertencer está agora a mover-se na direção de descobertas de rutura, no que diz respeito à realidade interior.

Há muito mais a dizer aqui, e podem contar comigo para o dizer. Falei mais lentamente do que o habitual porque quero que este material seja registado com cuidado, com um mínimo de distorção.

E agora, meus amigos pêssegos, deixo-vos com esta ameixa de excelente material, embora, como de costume, não me agrade dizer adeus. E, mesmo para mim, a vossa próxima segunda-feira parece muito distante.

(Ao quadro, dissemos boa-noite como de costume. (Grátis) Uma noite muitíssimo calorosa. (Fim às 11:40. A Jane disse que o Seth se sentiu muito camarada no final da sessão e teria continuado de boa vontade se lho tivéssemos pedido. Estávamos com disposição, mas também muito cansados. (Talvez valha a pena notar que, durante esta sessão, não mantivemos as persianas das janelas corridas como costumávamos fazer. Além disso, os olhos da Jane não pareceram tão escuros como de costume.)

SESSÃO 21

3 de Fevereiro de 1965

(Sábado, 1º de Fevereiro, enquanto fazia um outro trabalho de arte, tive uma visão. Foi com o meu atual irmão mais novo, Dick, durante a sua vida na Inglaterra em 1671. Vi muito claramente o quarto da frente no andar de cima em que ele dormia, e a cama em que ele morreu ainda menino de 9 anos. Fiz um esboço muito rápido dessa imagem mental com uma caneta esferográfica. A Jane e eu gostamos dele, de modo que o esbocei. Quando esta sessão começou, coloquei o desenho apoiado na estante para que a Jane pudesse vê-lo facilmente enquanto andava de um lado para o outro.

(No início da sessão, o nosso gato Willy ficou muito brincalhão. Quando nos sentamos ao tabuleiro em preparação para cumprimentar o Seth, o Willy pulou para cima dele; de lá ele pulou para a estante, e derrubou o desenho ao chão. Enquanto eu o repunha no sítio a Jane começou a receber Seth dentro dela. Depois que o Seth soletrou a saudação, a Jane levantou-se e começou a ditar. Ela não exibiu nenhum fenómeno de voz ou mão esta noite, apenas o escurecimento dos olhos.

Boa noite, meus brincalhões. Deixa para lá. Isso é próprio dos gatos.

O desenho é muito bom. Havia três camas naquele quarto. Dick dormia numa, a cama que tu retrataste. A irmã mais velha dormia em outra, e um irmão mais novo, na terceira. Havia também uma cama menor onde dormia uma empregada. A família não era rica de forma alguma. A empregada era parente de Throckmorton. No começo ela trabalhou para a família para economizar um dote decente. No entanto, ela não era nenhuma beldade, e Throckmorton nunca conseguiu pagar-lhe muito mais do que comida e alojamento.

Ela também contraiu difteria e morreu aos 17 anos. Ela era filha da meia-irmã de Throckmorton. Tu conheceste-a nesta vida como parente, creio que de uma sobrinha, da tua mãe. Precisas lembrar-te que a tua mãe, a tua atual mãe, foi a irmã mais velha do Dick naquela vida. A morte prematura da empregada durante aquela existência ofuscou as atuais circunstâncias no seu caso particular. Por causa da sua morte aos 17 anos, ela encontra dificuldade em se adaptar à feminilidade, embora tenha sido mulher durante a sua breve vida na Inglaterra. No entanto, desta vez ela não foi capaz, ou não é capaz, de ter filhos.

(“Em que ano o meu irmão Dick morreu, durante aquela vida?”)

Dick nasceu em 1671 e morreu aos 9 anos.

Patrícia era a empregada doméstica, faleceu dois anos depois. Aproximadamente cinco anos depois, a irmã mais velha foi para França; primeiro para uma pequena cidade fora de Paris e depois para Paris, onde viveu com parentes Franceses. Nessa qualidade ela economizou um dote, trabalhando durante muito pouco tempo para amigos desses parentes, e acrescentando esses ganhos aos bens que o pai lhe deu. Conforme mencionei anteriormente, ela casou com um oficial de cavalaria e deu-lhe muitos filhos. Havia janelas do outro lado do quarto. Ou seja, aparentemente na tua visão tu viste o lado da sala afastado da rua.

("Isso mesmo."

(Não tive tempo de dizer isso aqui, mas quando fiz o esboço tive a sensação de que poderia haver mais do que uma cama no quarto. Mas essas eu não consegui ver. Também tive a ideia de que provavelmente deverei ter feito com que a sala parecesse espaçosa demais para a época.)

Essas janelas, entretanto, não estavam abertas, exceto em períodos de calor sufocante que raramente aconteciam na Inglaterra. Esse quarto era o quarto da frente e não tão espaçoso quanto o teu esboço faria parecer. O colchão era de palha, mas a cama em si era a melhor cama da família, herdada do pai do Throckmorton. Throckmorton e a esposa, Lessie, geralmente dormiam nela. Foi cedida ao Dick por causa da doença.

A manta de cima era uma herança da família da Lessie. Do lado de fora da sala havia uma escada frágil. Do outro lado da escada havia um quarto muito menor onde Throckmorton e Lessie dormiram durante a doença de Dick, com um menino mais novo que tinha 3 anos na época. As escadas conduziam até a loja.

Atrás da loja havia outro cómodo que servia de cozinha e, pode-se dizer, de sala de estar. De qualquer forma, era a sala de convívio da família. Atrás deste havia uma arrecadação com chão de terra batida e um barracão. Um menino imbecil às vezes fazia recados para Throckmorton na loja. Ele dormia no galpão. Lessie teve e perdeu 4 filhos. Na verdade, um deles viveu até os 18 anos e nasceu quando Lessie era muito jovem. Os demais morreram durante o parto ou durante o primeiro ano de vida.

Throckmorton queria um filho para cuidar da loja. A criança que morreu aos 18 anos teria sido um menino assim, e Throckmorton nunca

recuperou realmente da morte do rapaz. A propósito ele morreu de pneumonia: adoeceu e morreu em três dias.

Já havia sido planeado um casamento entre esse rapaz, cujo nome era Delton e a filha de um outro lojista.

Throckmorton ressentiu-se do facto da sua filha mais velha ser uma filha, e foi por esse motivo que ela foi autorizada a viajar para a França. Ela tinha 23 anos e era solteira. Como os pais não a tinham casado e como ela prejudicava a renda familiar, Throckmorton fez um acordo com ela em dinheiro. Lessie deu-lhe bens, roupas, materiais e algumas joias, e os pais disseram adeus à mais velha.

Muito amor foi concedido ao menino, Dick, e com a sua morte Throckmorton ficou ainda mais amargo com o filho mais velho. Nem houve perda de amor por parte da jovem. Ela era temperamentalmente diferente dos outros membros da família. A casa ficou cheia de luto quando o Dick morreu. O menino de 3 anos viveu até a velhice, e tornou-se um próspero comerciante de lãs e têxteis. De momento, não posso dizer do que tratava realmente a loja de Throckmorton.

(Nesse instante eu captei uma imagem mental da placa do lado de fora da loja; fiquei a imaginar se o Seth poderia falar-nos mais acerca disso.)

Conforme mencionei anteriormente, a placa na frente tinha uma colher de pau. A empregada, ou parente pobre, era fortemente apegada ao menino que sobreviveu ao Dick. Ela nunca casou e não viveu para chegar à idade adulta. Por vezes retornarei a este material.

O filho que sobreviveu, você não conhecem na sua existência atual. Throckmorton, entretanto, é o teu pai atual. Uma das tarefas secundárias que ele assumiu foi indemnizar a filha mais velha, obviamente, tomando-a como esposa nesta existência. No entanto, ela guarda um forte ressentimento contra ele devido ao tratamento anterior que ele lhe dispensou.

Eles foram atraídos um para o outro por causa dos laços anteriores, ainda assim naquela vida passada essa filha foi extremamente cruel, principalmente na fala, com Throckmorton. Por perceber, é claro, a amargura que ele sentia por ela não ser um menino - aliás, esse é um forte motivo subconsciente - isso fez com que ela lhe desse três filhos para ajudar a aliviar a amargura. Ela deu-lhe estes três filhos como um presente

ou sacrifício; e quando parecia que ele não os aceitaria como tais, ela voltou-se contra ele, dando muita importância aos filhos em retribuição. A parente que agora é sobrinha da tua mãe contribuiu, até certo ponto, para a agitação na família anterior, tal como existiu na Inglaterra. A jovem parente tinha muito ciúme da filha mais velha pela posição que ocupava na família e pelo dote que lhe cabia.

As roupas que usava eram doadas da filha da família mas, como a empregada era alguns anos mais nova que a filha, as roupas não lhe serviam bem. Ela ficou contente em ver a dissensão entre pai e filha. Desta vez a personalidade atual da empregada tenta compensar pelo ciúme e as muitas brigas a que ela iniciou secretamente entre Throckmorton e a filha, com as denúncias maliciosas e pôr um membro da família contra o outro. Sugiro que façam uma breve pausa, caso este material ainda não te tenha deixado destruído.

Tu fizeste um comentário espirituoso e um tanto frívolo, meu caro Joseph, durante o teu longo período de descanso. Devia ter-te levado a compreender a natureza humana a um grau melhor do que antes. Se as mulheres sentem vontade de ser mães dos maridos ou amantes, se os homens se surpreendem ocasionalmente, alternando entre sentimentos de amor sexual, afeto paterno e até orgulho infantil, no que diz respeito às suas próprias esposas, agora podes ver porque esses sentimentos são tão naturais e inevitáveis.

A razão por que o Dick teve o mesmo pai duas vezes deve-se simplesmente a que ele tenha morrido muito jovem, antes que o relacionamento entre os dois pudesse ser resolvido. A mulher do Dick também viveu na Inglaterra durante a curta vida do Dick. Ela era filha de um padeiro que morava do outro lado da rua e era uma das companheiras de brincadeiras do menino. As duas crianças gostavam muito uma da outra. Ambos com disposições calorosas e radiantes. Eles sentiram-se atraídos um pelo outro naquela época e renovaram esse relacionamento nesta existência.

Posso acrescentar aqui que eles escolheram renovar esta relação, ou seja, o livre arbítrio a operar neste caso como em todos os outros. Sempre há uma diversidade de problemas pessoais a serem resolvidos, mas o tempo, o local e o relacionamento ficam a critério da escolha. Por sinal, uma personalidade pode optar por ignorar completamente os problemas, embora essa seja, na melhor das hipóteses, uma solução covarde e simplesmente trave a personalidade. Há muitos detalhes envolvidos aqui. Desnecessário será dizer que Throckmorton poderia ter tentado compensar

a sua filha de várias maneiras, e não necessariamente tornando-se seu marido.

Mas houve escolha igualmente da parte dela, ou seja, eles escolheram renascer aproximadamente ao mesmo tempo para que a sua idade os tornasse contemporâneos. Em muitos casos como este, um ou o outro espera um período maior de tempo, e nasce como filho da outra parte. Essas coisas enquadram-se muito bem. Elas acham-se entrelaçadas e, ainda assim, aplicam-se livremente.

Estas questões são resolvidas pelas entidades entre vidas, e cada entidade tem muitos problemas a considerar. Na vossa era tecnológica, esses problemas são mais fáceis de resolver do que no passado. Ou seja, contemporâneos até mesmo de continentes diferentes podem reunir-se de uma forma mais simples. Os problemas básicos são obrigatoriamente mantidos afastados da personalidade pela entidade, simplesmente porque tantas correntes psicológicas haveriam de arrebatá-lo e de lhe puxar o tapete da sanidade debaixo dele.

Em alguns casos, isso acontece apesar da tentativa da personalidade de esconder o peso do passado. Além disso, em muitas ocasiões a personalidade escapa completamente aos problemas. O que acontece aqui é que o subconsciente comunica com a entidade através dos sentidos internos, no sentido de que a personalidade atual não é forte o suficiente para lidar com o problema.

A personalidade então muda de rumo a meio do caminho. Alguns casos de insanidade, mas não todos, representam a incapacidade da personalidade de lidar com um problema específico, ao mesmo tempo que se recusa a obedecer às ordens dos sentidos internos para mudar de rumo. Nessas ocasiões, os dados de vidas passadas chegam rapidamente ou através dos sentidos internos. A personalidade não é mais capaz de se proteger desse material quando ele ultrapassa determinado ponto. Isto é, a personalidade está agora a trabalhar contra si própria.

Alguns controles ainda se acham presentes. Estes lutam desesperadamente para distorcer a informação do passado, revestindo-a de todo o tipo de camuflagem de ideias e fantasias. Neste caso, a insanidade é na verdade um mecanismo de proteção, na medida em que a personalidade enfrentará uma desorientação quase completa em vez de confrontar verdades do seu passado que trazem à tona problemas que não consegue resolver. Ao mesmo tempo, tal personalidade também não desistirá e não mudará de rumo. O dilema assenta, pois, numa crise terrível. Darei um breve exemplo, se não te importas que eu use a tua família atual.

("À vontade.")

Se a tua mãe ou o teu pai considerassem a continuidade da vida juntos completamente insuportável, o que aliás não sucede, então muito provavelmente uma das suas entidades sugeriria, através dos sentidos internos, que o relacionamento fosse interrompido. Se o conselho não fosse seguido, e à medida que a situação piorasse, surgiria um ponto de perigo para além do qual as personalidades não poderiam continuar a sua associação em segurança.

Depois que esse ponto fosse ultrapassado e todos os avisos internos passassem despercebidos, então, para um ou outro, pouco a pouco, ou talvez por instantâneos, imagens claras do passado acorreriam à personalidade que não fosse mais forte o suficiente para as afastar. Quase instantaneamente, o ego atual da personalidade em questão estabeleceria contramedidas contra o que haveria de considerar uma invasão. A informação interna do passado seria transformada em ilusões, fantasias e assim por diante.

(A Jane disse que por vezes ela ainda receia dar informações contraditórias envolvendo sessões passadas – datas erradas, etc. “Além disso, não consigo manter todos esses nomes e lugares e assim por diante em ordem. Não quero confundir tudo; assim quase nunca leio o material entre as sessões.”

(Mas vê como dou o passo sem pensar, desta vez.)

Nunca tenho a certeza se as minhas analogias ajudam ou não, mas aqui está outra. Se isso te tornar as coisas mais fáceis, poderás pensar em termos de entidade, de cérebro e de mente.

A entidade, neste caso, seria comparada à mente. O cérebro seria mais ou menos o que é, isto é, o cérebro da personalidade atual que existe num plano camuflado. Assim como o cérebro dá ordens e comunica mensagens às diversas partes do corpo físico, a mente ou entidade faz o mesmo. A mente controla todos os dados relacionados com existências passadas e propósitos entrelaçados, problemas e relações, mas apenas fornece ao cérebro a informação necessária para a sua presente existência.

Essa é a analogia. Na verdade, a mente é apenas uma parte da entidade que procura a personalidade no plano da camuflagem. As lendas dos vossos anjos da guarda referem-se a esta parte da entidade, que é a mente e que

está ligada à personalidade atual durante esta existência específica. A mente ajuda a evitar que a personalidade se desvie demais. Eu uso o termo personalidade para incluir a pessoa como um todo. Eu uso-o para expressar a totalidade manifestada na forma física, em uma vida.

A mente, conforme mencionei anteriormente, faz parte do plano interno. É uma mera porção da própria entidade.

(“É possível contactarmos as nossas próprias entidades?”)

(À luz do que se seguiu, esta poderá parecer uma pergunta desafortunada. Mas, ao anotar o ditado da Jane, descobri que, ao concentrar-me na anotação de cada palavra, é fácil perder a noção do que se está a escrever. Não tive, por exemplo, nenhuma lembrança clara do que Seth acabara de dizer.)

Por vezes fazes-te de insensato, Joseph. Por vergonha. Pela informação que te foi dada anteriormente e pelo parágrafo acima, já devias saber que estais em contato com as vossas próprias entidades, no sentido de que, para começar, a mente é uma parte da entidade. Eu disse-te que a comunicação entre uma personalidade presente e a entidade é efetivada por meio dos sentidos internos, e também te disse que nestas sessões tu usas os sentidos internos. Certamente que a pergunta responde a si própria.

Além disso, num sentido muito real, levando em consideração o que foi dito acima, vocês são as vossas próprias entidades, embora em operação consciente apenas neste plano específico. Em muitos sonhos vocês falam convosco próprios, por assim dizer — isso é um trocadilho, não a percas.

(“Entendemos.”)

Nas visões que tendes vocês estão em contato com a vossa entidade. A vossa entidade é apenas uma parte de vós com a qual vocês não estão inteiramente familiarizados.

(“Acho que era isso que eu tinha em mente.”)

Uma certa noite, depois das sessões, receio ter feito uma observação à Jane — não consegui resistir — no sentido de que ambos estariam melhor se pensassem em termos das vossas entidades. Não pensem nas vossas entidades como indivíduos alienígenas prontos a devorá-los. Embora eu fale a brincar em assimilar o meu pobre Frank Watts, esse não é o caso.

(A Jane recebeu este comentário em 23 de Janeiro de 1964, de acordo com as anotações que fez, quando estava a adormecer: “Se tu te identificasses com a tua entidade em vez de o fazeres com a tua personalidade atual, estarias muito melhor.” Isso despertou-a e ela imediatamente o anotou.

(“Seth, a propósito, onde está o Frank Watts agora?”

(Escutamos uma batida na nossa porta assim que terminei de fazer esta pergunta. Esta foi a primeira interrupção que tivemos durante uma sessão. A nossa sala abre para o hall de entrada, pelo que pensamos que poderíamos ser escutados através da porta. A Jane interrompeu o ditado; sem saber exatamente o que fazer, atendemos à porta.

(Era o John Bradley, um amigo vendedor de propaganda médica que víamos ocasionalmente quando ele estava na cidade. Nós os três parecíamos dar-nos bem e tivemos algumas noites interessantes de conversa sobre diversos assuntos.

(Já eram 10h45. Perguntamos ao John se ele poderia voltar mais tarde, explicando que estávamos a fazer uma pesquisa sobre PES para o livro da Jane. O John agradeceu-nos, mas disse que seria tarde demais e que nos visitaria numa próxima vez. Ele disse que acreditava em PES. Jane e eu ficamos felizes por ver o John, e mais tarde descobrimos que ambos sentimos o impulso de lhe pedir para ficar, mas não o fizemos por receio de que o outro preferisse o contrário. Mas é claro que a Jane e eu estávamos a interrogar-nos do efeito, se algum houvesse, que a interrupção teria na sua capacidade de continuar a sessão. Mas assim que o John fechou a porta de saída, a Jane voltou a ditar.)

Se me permitem fazer um comentário. O vosso amigo ansioso e desajeitado foi um conhecido nas vossas vidas passadas imediatas, que estabelece contato tardio convosco agora. Ele era uma espécie de curandeiro educado naquela época, e vendia muitas poções que supostamente despertavam paixões eróticas nas damas vitorianas fracas e dadas a desmaios. Ele tinha sete filhos, uma esposa de porte quase obscuro e um filho chamado Stephen, que era farmacêutico ou médico. O nome dele era Cronton the Third.

Ele conhecia-os um pouco aos dois. Vocês entraram em contato com ele em vários momentos. A esposa, Genebra – não a cidade de Genebra – veio à Jane para contactar um irmão falecido. Genebra era rica, íntegra e

caseira. O vosso amigo era quatro anos mais nova que ela, cinco vezes mais pobre e dez vezes mais ambicioso.

Eles casaram apesar da objeção da família dela. Na verdade, ele tinha uma pequena farmácia que ele próprio administrava, em Boston. Em paralelo, ele vendia qualquer mercadoria que homens e mulheres idiotas comprassem para arranjar amantes. Por trás da fachada de respeitabilidade, tal preocupação era grande, e muitos dos bons fiéis deixavam os ministros entrar pela porta da frente enquanto recolhiam garrafas supostamente cheias até a borda com incentivos carnavais em salas ocultas nos fundos.

Ele morreu em 1863, gordo, viúvo e bastante próspero. Ele morreu sufocado com um caroço de ameixa. Como ele sofria de falta de ar, era bastante corpulento e estava cheio de gota, isto não é tão tolo quanto parece. Ele tinha 82 ou 83 anos. Ele deveria observar atentamente os seus hábitos de bebida nesta vida, pois tem predisposição para a gota, e a bebida em excesso pode levar nessa direção. E eu não quero saber do que os vossos médicos dizem.

(O John disse-nos que tinha parado para tomar algumas bebidas pelo caminho.)

Ele apenas se moveu pelo círculo, pelo círculo externo, dos vossos conhecimentos daquele tempo. Não há nenhuma razão específica para vocês o encontrarem desta vez, exceto por essa sensação de familiaridade. Isso não significa, por outras palavras, que todos com quem vocês se envolvem tenham estado envolvidos convosco em vidas passadas. Vocês sempre conhecem personalidades completamente novas e diferentes em várias existências, bem como nas antigas. Muitas vezes, na verdade, vocês resolvem problemas que surgiram com certas personalidades, ao ajudarem outras personalidades em outras vidas.

Existe uma espécie de leis que regem essas questões. Mas vocês podem guardar as minhas palavras: De uma forma ou de outra, todas as dívidas são pagas. Essas chamadas dívidas são, na verdade, desafios para as personalidades específicas envolvidas. A palavra dívida implica culpa, mas tal conotação não cabe na minha intenção.

O sentido do pecado original, contudo, que infelizmente tem sido tão valorizado, é, sem dúvida, em parte, um reconhecimento interno de dívidas deste tipo, que pairam sobre a personalidade no nascimento. Mas, mais uma vez, não há culpa nos termos normalmente aplicados à palavra.

Sugiro que façam uma pausa, embora eu deva admitir que a entrada do vosso falecido amigo quase me deixou destruído.

(Intervalo. Conversamos sobre a admissão ocasional de testemunhas nestas sessões. Também discutimos a minha ideia, mencionada há alguns dias, de que no início destas sessões havíamos realmente contactado Frank Watts em vez do Seth.

Acredito que vocês estejam suficientemente adiantados para poder trabalhar com um observador presente, desde que o observador seja alguém com quem você se sintam confortáveis. É como vocês desejarem. Ou seja, para mim não faz diferença. Se a Jane sentir desconforto, é claro que vocês não terão uma boa sessão. Como não faço nenhum esforço para controlar a Jane, não tenho ideia de como ele reagiria.

Se o observador fosse alguém em quem ambos confiassem, o medo do fracasso não seria tão forte. Tentei dizer-lhes aos dois que o vosso amigo seria bem-vindo para ficar, mas não consegui superar a vossa forte estática consciente.

O Frank Watts, meu caro e curioso Joseph, está a descansar e precisa disso. Tu tens razão em supor que eu corri atrás dele, a agarrar-lhe a camisa, por assim dizer, nas nossas sessões iniciais. E, no entanto, vê tu bem, foi mais fácil a ele fazer contato por mim no início do que a mim próprio. Ele estava simplesmente mais aberto ao vosso plano. Há muitas coisas, naturalmente, que não lhes expliquei simplesmente por causa do tempo envolvido da vossa parte. Desnecessário será dizer que há grande fluidez, variedade e desafio da parte das personalidades, dos fragmentos e dos fragmentos de personalidade.

Há um grande dar-e-receber aqui, como em todos os outros assuntos. Abordarei isso mais adiante. Não estou a reprimir o Frank Watts. Tenho certeza de que ele aprecia a vossa preocupação. Há muita coisa envolvida aqui na questão dos fragmentos de personalidade e de personalidades específicas, mas é tarde demais para iniciar uma discussão aprofundada.

Nenhuma potencialidade é alguma vez ignorada, mas é-lhe concedida plena oportunidade de usar as suas capacidades. Esse potencial não depende apenas de potencialidades inerentes, mas também da facilidade de usar energia e de a reunir num campo como uma unidade. Disto depende, em grande medida, a resistência de qualquer tipo de fragmento, e esta capacidade, tanto quanto qualquer outra, também é um factor limitativo. Este é um assunto que ainda não abordámos. No entanto, é importante e um

dos princípios básicos que serão tratados em algumas das nossas sessões posteriores.

É esta habilidade que sempre representa uma força poderosa no vosso plano, que tem que ver com a construção de elementos específicos, átomos, neurónios e assim por diante, em padrões de camuflagem. No vosso plano vocês precisam usar essa capacidade de organização para formar o padrão de camuflagem. Existem planos com padrões de camuflagem muito mais simples, sendo alguns habitados por personalidades muito fracas ou limitadas nessa capacidade, e outros habitados por personalidades fortes nessa capacidade de usar energia, mas que não precisam mais usá-la com tal padrão de camuflagem.

Você quer fazer uma pausa? Menciono isto pelo Joseph, por os seus dedos parecerem ter apresentado sinais de câibras. De qualquer forma, acredito que vamos encerrar a sessão desta noite. Estou tentado a levá-los adiante nas linhas que acabamos de iniciar. No entanto, não creio que seja uma boa ideia tão tarde que é. Vocês hão de ver que cobrimos bastante material aqui. Mas certamente espero ter esclarecido o Joseph no que diz respeito ao Frank.

(“Sim, eu preocupo-me com ele.”)

Não precisas. Ele está a sair-se muito bem. E agora, queridos amigos, boa noite. É claro que continuarei a sessão se vocês quiserem.

(Eram 11h15. Como sempre, a Jane e eu queríamos continuar, mas estávamos ambos tão cansados que decidimos não o fazer. A Jane então recebeu o seguinte:)

Hora de dormir não é crime. Agora, eu não sou poeta e vocês sabem disso.

SESSÃO 22

4 DE FEVEREIRO DE 1964

(Esta sessão não estava prevista. A Jane recebeu, neste dia, uma carta do editor. Estivemos a falar sobre o Seth. Estando sozinha na cozinha depois do jantar, a Jane pensou na hipótese de uma “pequena” sessão naquela noite, e recebeu o seguinte:)

São viciados em penitência?

(Depois, ao pensar no sucesso do seu livro sobre ESP, para a Ace:)

Não me posso dar ao luxo de vos fazer previsões neste momento, com receio de que inconscientemente as distorçais, e depois pareça que a culpa foi minha.

(Enquanto estava comigo no estúdio a contar isto, recebeu mais informação:)

Gosto das artes vivas.

(Ri. Mas a Jane pediu-me para ir buscar papel e caneta, e assim a sessão começou na sala. Pela primeira vez, não utilizámos a tabuleiro de Ouija. As cortinas estavam corridas, ainda era dia, ouvíamos vozes de pessoas lá em baixo e no corredor. Nada interferiu com a sessão. Durante a mesma, não se notaram fenómenos vocais significativos. Houve um escurecimento moderado dos olhos da Jane.)

Os passarinhos devem estar agitados esta noite. Não sou propriamente a favor de sessões fora do horário habitual — por razões relacionadas com a vossa natureza, e não com a minha. No entanto, o vosso entusiasmo contagiante esta noite levou-me hesitar em desiludi-los. É bom sentir-me desejado. Não estou a ser sarcástico — é realmente agradável.

Embora aprecie a tua interpretação, Rob, relativamente ao meu comentário sobre as artes vivas, não era à atuação da Jane que me referia. Por acaso, raramente visito o vosso apartamento a não ser quando, de uma forma ou de outra, me chamam. Esta noite, gritavam por mim dos telhados, por assim dizer.

(Tínhamos estado a discutir, nessa noite, se eu era mesmo necessário nas sessões. Perguntei-me porque razão a Jane não podia simplesmente escrever as mensagens que recebia de Seth.)

A minha observação sobre as artes vivas dizia respeito ao método de comunicação que utilizamos atualmente. A Jane tem razão em pensar que prefiro a conversa, mesmo que, na prática, isso acabe por ser um monólogo. Era disso que falava ao referir-me às artes vivas. A escrita automática tem muito pouca espontaneidade, pelo menos no que toca ao conteúdo emocional. Essa é a minha opinião.

Mesmo que não vos dê muito tempo para responder, ainda assim gosto da troca de ideias e do jogo entre personalidades que se cria assim. Acredita, os vossos comentários são bem-vindos. Se a Jane — ou devo

dizer “ela”, a Jane — se sente posta de parte por me dirigir mais a ti, é apenas por tu seres quem tem a boca livre para responder.

Este método de comunicação adapta-se ao meu temperamento — e sim, eu consigo ser temperamental. A escrita automática parece-me, de certa forma, uma instituição — demasiado unilateral. Além disso, gosto das perguntas que consegues introduzir. Muitas vezes fazem-me lembrar outras coisas que quero dizer.

Esta é apenas uma sessão resumida. Não pretendo prolongar-me, mas estou satisfeito com a carta da Ace, e a Jane tem razão — eles estão rendidos. E porquê não haveriam de estar? O meu nome aparece no livro. Em qualquer caso, ambos são necessários, como já referi. Temos muito mais em comum do que aquilo que imaginam.

(“Seth, ontem à noite a Jane teve muitos sonhos confusos, em que parecia estar a receber ou a dar instruções em leituras de vida.”)

Não estava a tentar contactar a Jane durante o sono. Nem eu sou assim tão audacioso. O sono de uma mulher é, afinal, coisa privada e sagrada. Vês como essa frase soaria solene e antiquada se fosse apenas escrita, sem a inflexão viva e ligeiramente sarcástica que consigo imprimir à voz da Jane?

Em todo o caso, os sentidos internos dela estavam completamente abertos. Esqueceu-se de os fechar antes de ir para a cama. O material estava a ser transmitido pela própria entidade dela. Já vos tinha mantido acordados o suficiente.

Isto é apenas uma curta sessão privada. Nunca confiei inteiramente na palavra escrita tanto quanto na palavra falada — e no vosso plano, é difícil confiar em qualquer das duas. Mas não sentiria que podia ser eu próprio, com facilidade, se optassem, por exemplo, pela escrita automática. Não me incomoda falar pela boca da Jane. De certo modo, o som das palavras agrada-me. Mas ver-me traduzido por palavras a preto e branco numa folha de papel parece-me aborrecido e desinteressante. Sempre gostei da conversa — a mais viva de todas as artes. Refiro-me, agora, às artes sociais, caro Rob. Já vejo que estás prestes a protestar — mas não quis dizer que a conversa está ao mesmo nível que a pintura.

(“Não era isso que eu estava a pensar.”)

Esta é uma sessão muito agradável, diferente do habitual. Por amor de Deus, arranja um fósforo à Jane. Esta suspensão está a matar-me. Acende ou não acende o cigarro? Por favor, arranja um fósforo.

(Fui buscar uma carteira de fósforos ao estúdio e entreguei-o à Jane.)

É verdade que o Rob recebe muita informação através de visões internas. No passado, traduziu essa informação automaticamente em novos padrões de camuflagem — ou seja, na pintura — sem se aperceber de que tinha recebido uma visão. Podes aprender, Rob, a usar os outros sentidos internos à medida que te falo deles.

Como a Jane lida com palavras, é-me fácil comunicar desta forma. A Jane traduz automaticamente os dados internos que lhe transmito por padrões de camuflagem coerentes, válidos e fiéis — ou seja, por palavras. Os dados que forneço não têm som real da minha parte. A transferência é automática e instantânea, realizada pelo funcionamento interno da mente, dos sentidos internos e do cérebro.

É muito mais difícil essa transformação no teu caso, Rob — e a Jane tem razão nisso — por seres sensível a dados visuais internos, e as imagens que recibes dessa forma exigirem, frequentemente, interpretação.

Acontece apenas que a capacidade que a Jane tem segue a via mais fácil para estas comunicações. Ambos desenvolveram aptidões diferentes, de acordo com a vossa personalidade. Agora continuarão a desenvolver outros sentidos, à medida que os forem conhecendo.

O desafio não está apenas em receber os dados através dos sentidos internos de forma coerente e sem distorção, mas também em traduzi-los para os padrões de camuflagem com que estais familiarizados.

Lamento que isto tenha exigido tanto esforço vocal da parte da Jane e que envolva o Rob com tanto trabalho manual. No entanto, acompanho os vossos talentos individuais, aproveito-os sempre que possível e procuro ajudá-los a desenvolver capacidades que permaneceram adormecidas ou latentes.

("Que pensarias de eu tentar, por exemplo, entalhar madeira?")

Entalhes em madeira são entalhes feitos de madeira — não estou certo do que pretendes com essa pergunta.

("Estava a pensar em tentar exprimir-me de uma forma diferente, com um meio diferente.")

Tens então em mente transformar dados interiores em entalhes de madeira?

("Sim.")

Podes certamente experimentar. Nada há a perder, e talvez muito a ganhar.

("Bem, supõe que eu tentava entalhar uma imagem tua. Conseguiria captá-la através dos meus sentidos interiores?")

Se a procurasse verdadeiramente, conseguirias. Seria, aliás, uma experiência divertida.

("Sei que poderia tentar desenhar uma imagem, claro. Estava só a pensar em fazer o mesmo por outro meio.")

Já referi que considero a escultura uma forma mais restritivo do que a pintura, a música ou a poesia, e posso agora explicar porquê. Em vez da perspetiva comum de que uma arte seja tanto mais poderosa quanto mais sentidos exteriores estimula — como se a tridimensionalidade da escultura, o facto de se poder ver, tocar e sentir, lhe conferisse mais realismo — proponho que se veja a questão de forma oposta. As sensações exteriores

reagem sobretudo aos padrões da camuflagem, e uma escultura, precisamente por estar tão ligada ao mundo sensorial, aprisiona mais a vitalidade do que um quadro, uma composição musical ou um poema. Tencionava tornar isto claro mais cedo. Não vos tomo mais tempo, para que não se sintam impacientes comigo amanhã. Em momento algum quero impor a minha presença.

("Não está a impor.")

Fico contente. Faz uma pequena pausa ou termina a sessão, como quiseses. Dou-te liberdade de escolha.

(Pausa. Descrevi então à Jane uma experiência que tivera mais cedo: de pé no centro da sala, olhei para objetos como um vaso, um quadro na parede, uma planta — e tentei fazer o meu “olho mental” contornar esses objetos, imaginando o lado oposto de cada um. Também, na noite anterior, estive à janela a olhar para a ponte da Walnut Street. Visualizei-me a atravessá-la, senti o soalho de madeira sob os pés, caminhei mentalmente sob os sinais luminosos e continuei pela rua acima. Tentei alcançar a sensação das árvores e casas de cada lado, como se as tocasse ao passar. A Jane retomou a sessão.)

A tua experiência, Rob, foi um exercício claro dos sentidos interiores, e é algo que deverás repetir muitas vezes. Planeio abordar todos esses sentidos de forma muito detalhada, embora hoje não seja o momento apropriado. A Jane também beneficiaria se tentasse alcançar visões interiores, mas isso exigirá prática, já que ele está tão distante dessa capacidade quanto tu estás da aptidão que ela tem para transformar dados interiores em padrões sonoros. Seria agradável se tivessem uma lareira, não?

("Seria sim. Os meus pais têm uma, e muitas vezes invejamo-los por isso.")

Terei muito a dizer sobre a família da Jane — quer ele queira quer não. Encontrei-me com o avô dele, que disse que a sua neta preferida era uma “boa miúda”.

("És uma boa miúda" era o maior elogio que o avô, muito reservado, fazia. Faleceu em Março de 1948, quando a Jane tinha 19 anos.)

Estou a fazer um esforço por transmitir material associado ao Rob sem interferir com os familiares de ambos ao mesmo tempo. Imaginam o tempo e envolvimento necessários para explicar a alguém, só nesta vida, os vossos laços familiares? Para mim não é assim tão complicado, mas mesmo tendo acesso imediato a uma quantidade imensa de informação, não posso transmiti-la toda de uma só vez — e é aí que reside grande parte da dificuldade.

Um dia teremos uma festa. Se se portarem bem e se arranjam um gravador ou dispensarem as notas, teremos um momento bem descontraído

— embora não como na Dinamarca. Um dia destes abordarei a questão da Dinamarca a sério, meu velho patife, Rob.

(*Ri. "Mal posso esperar."*)

Ah, podes sim.

(*"Deve ser bom."*)

São divertidos, vocês os dois. Mas não permitirei o uso da escrita automática — não que não pudesse fazê-lo. Se me é permitido dizê-lo, a minha prosa é excelente, e até a Jane teria de o reconhecer, com uma pitada de inveja. Mas não seria a mesma coisa, e espero que nenhum de vós insista nisso até provocar desconforto.

Quanto às vossas vidas passadas mais próximas, deixo-as para outro momento — divertir-me-ei imenso convosco quando chegar essa altura. Mas, sim, não estou apenas a prometer a nossa pequena festa.

(*"Bem, parece que vamos mesmo ter de arranjar um gravador."*)

Há tanto que poderia dizer... Poderia falar durante horas, mas acabariam por me apanhar. Mas não, Rob, não gosto mais de ti do que da Jane — espero que isso não te magoe.

(*"Não."*)

Não sou tolo — gosto igualmente de ambos. Provocar-vos é só parte da diversão. Sempre o fiz, e vocês sempre reagiram.

(*"Ambos?" Aqui, eu tentava puxar pelo Seth.*)

Brincar com a Jane era mais arriscado — quando menos se esperava, ela podia responder-lhe de forma contundente por algo que dissera dez anos antes e já esquecera. Não com uma pedra, claro — mas sabes ao que me refiro. Certas características de personalidade não mudam.

E pronto, passarinhos, boa noite por agora. Se quiserem, retiro uma hora à sessão de amanhã, embora espere que não sejam assim tão mesquinhos.

(*"Não vamos ser."*)

Ah, e chamaram por mim quando estiveram doentes no ano passado, ainda que não se tenham apercebido disso conscientemente. E a Jane clamava por ajuda como um louco. Quando entra em pânico, entra mesmo em pânico. Protege-a como uma galinha à sua cria, seu cabeçudo.

(*"Maravilhoso. Isso agrada-me."*)

Pois bem, suponho que tenho mesmo de dizer boa noite. Tenho pena dos teus dedos, Rob.

(*"Não estão a cair, sabes."*)

Se algum dia caírem, guarda-os. Não me importo com a duração da comunicação, mas não quero ser culpabilizado pelo cansaço, falta de sono nem algo do género. E asseguro que sessões não programadas serão sempre exceção, jamais regra — demasiado de uma coisa boa, sabe... *ha ha*. Portanto, faz uma pausa ou diz boa noite, como preferires.

(Fim. "De vez em quando", disse a Jane, "ele torna-se caloroso e emotivo, e isso deixa-me sempre desorientada. Nunca sei bem como reagir. E realmente esgota-me um pouco.")

Percebi que, mesmo após uma hora, a Jane estava cansada. Por isso, disse boa noite ao Seth em voz alta e terminei a sessão. Ela não apresentou fenómenos vocais ou manuais, nem sentiu nervosismo antes da sessão. Depois da sessão, fez uma sesta, pois esperávamos visitas mais tarde.)

SESSÃO 23

5 DE FEVEREIRO DE 1964

(Por volta das 20h45, a Jane já estava nervosa, como era costume antes de uma sessão marcada. Na noite anterior, como a sessão tinha sido inesperada, não se sentira nervosa. Tínhamos estado a especular sobre a possibilidade de termos vivido vidas passadas em Boston, já que o Seth tinha dado a entender isso na última sessão. Começámos por nos sentar em silêncio à frente do tabuleiro Ouija, mas a Jane começou logo a receber o Seth, mesmo enquanto o ponteiro ainda soletrava a saudação. Ela pousou a tabuleiro e começou a ditar em voz normal, andando pela sala como era hábito.)

“Boa noite, miúdos.”

("*Boa noite, Seth.*")

“Nunca foram verdadeiros bostonianos. Espero que a nossa pequena sessão da noite passada não os tenha deixado demasiado abalados.” ("*Não, foi tranquila.*") “Também não os apanhou propriamente de surpresa — senti que praticamente estavam à espera da minha visita.”

“A sugestão da Jane sobre os cartões de ESP é boa. São básicos, sim, mas úteis. São boas ferramentas, e ambos iriam beneficiar se os usassem — e se os testassem noutras pessoas.”

“A padaria do outro lado da rua da loja do Throckmorton era gerida por um homem chamado Ragan — R-a-g-a-n. Tinha uma esposa, cinco filhos, e três filhos que morreram ainda pequenos. Era primo afastado do Throckmorton, de origem irlandesa. A loja ficava mesmo em frente à do Throckmorton. Tal como ele, a família vivia no andar de cima e na parte de trás. Entre as duas lojas, havia uma rua de calçada. Uma das filhas mais novas, Anna, era a menina com quem o Dick brincava. Um dos outros filhos, um irmão, é hoje um dos teus primos; e outra criança é agora gémea da atual esposa do Dick. Aliás, há uma variação interessante no caso de gémeos que hei de explicar um dia destes.”

“A família do padeiro era mais próspera que a do Throckmorton. A casa tinha dois quartos pequenos a mais. A Anna casou-se com o outro irmão mais novo do Dick, que também se tornou próspero. O chefe da

família é hoje alguém que tu conheces — o marido da sobrinha da tua mãe atual. Aquela vida na Inglaterra influenciou bastante a tua família e os laços presentes nesta vida. Novos desafios foram propostos às personalidades. Na altura, muitos desafios antigos tinham sido já superados, e muitas dívidas passadas tinham sido saldadas.”

“Hoje não vou alongar muito esta sessão, por causa da de ontem. Mas, como já devem ter percebido, a mudança de sexo e raça é algo habitual nas existências contínuas no vosso plano. Regra geral, cada entidade nasce para viver pelo menos três papéis — mãe, pai e filho. Digo três, e não dois, porque viver uma infância completa, pelo menos uma vez, é normalmente essencial para que uma personalidade compreenda verdadeiramente o desenvolvimento humano. Claro que duas vidas podiam bastar para cumprir os três papéis, mas por vezes a personalidade não atinge a idade adulta, ou não chega a ter filhos. Além desses três papéis, há ainda outra qualidade, diferente, que também é essencial: o uso completo do potencial. Quando essa parte não é cumprida, pode ser necessário voltar a nascer mais vezes.”

“Este requisito do uso total das capacidades não depende de oportunidades sociais, embora o contexto social influencie o desenvolvimento de certas aptidões. A personalidade, ao deixar o vosso plano de forma definitiva, terá desenvolvido o seu potencial ao máximo — dentro daquilo que é individual. Mas isso não significa que todas as personalidades estejam ao mesmo nível. O potencial varia, e isso depende muito da capacidade que cada personalidade tem de usar energia como unidade, ou de a transformar em padrões de unidade. Esta capacidade não está predestinada. É inata, imprevisível, mas uma das características fundamentais de qualquer fragmento.”

“Apenas comecei a falar sobre isto, mas o tema é extremamente importante. Todos os que já deixaram o vosso plano desenvolveram-se até onde puderam nesse plano. Mas, tal como certos ambientes na vida favorecem o florescimento de certos talentos e dificultam outros, algumas personalidades expandem-se com mais facilidade no vosso plano — e outras, que parecem ter pouca expressão aí, acabam por se expandir surpreendentemente noutros planos.”

“A capacidade de usar energia para formar padrões de unidade é fundamental — não só no vosso plano, como em todos os outros. Implica aceder à vitalidade essencial do universo, usar os sentidos interiores e atrair para si mais e mais essa energia vital.”

(Isto leva-te a imaginar almas barrigudas a agarrar avidamente a substância do universo, tirando-a aos menos ambiciosos?)

“Nada disso. Para começar, essa vitalidade gera-se a si própria e é ilimitada. Falaremos da sua origem e funcionamento a seu tempo. Mas, tal

como tu não tiras ar a outra pessoa quando respiras, também não privas ninguém da vitalidade do universo ao usá-la para ti.”

“Já usámos, creio eu, a analogia do ar — comparando-o com essa vitalidade — numa das sessões anteriores. Tal como o ar é usado, expelido, reutilizado sem perda de força nem quantidade, esta vitalidade também é usada de diferentes formas. Entra como uma coisa e sai como outra. Muda de forma e de conteúdo, mostra muitas facetas — mas nunca desaparece. E tal como o ar é invisível, também esta vitalidade o é. Mas como o ar dá forma à vida, esta energia vital também dá forma a tudo o que vês — e sustenta todas as camuflagens da realidade. Sem ela, tudo o que é aparência desvanecer-se-ia. Por isso, a capacidade de usar bem esta vitalidade é tão essencial à vida como o ar que respiramos.”

“Sugiro que façam uma pequena pausa.”

(Pausa. A Jane comentou que as frases eram tão longas e complexas que não conseguira prestar atenção ao conteúdo enquanto as proferia. Achou isso estranho, porque enquanto escritora está habituada a estar atenta à estrutura. Quando lhe disse que tinha estado a andar de um lado para o outro a um ritmo muito mais rápido do que o habitual, ela respondeu que se sentia leve, nada cansada — foi a primeira vez que teve essa sensação. Retomou.)

Agora gostava de sublinhar outro aspeto nesta linha de pensamento. Ninguém, creio eu, nega a existência do ar apenas porque, normalmente, não o consegue ver. Ninguém nega a existência do ar por não compreender exatamente como é que os próprios pulmões respiram. E, no entanto, sabe-se que se respira — e sabe-se que sem respirar, a morte é inevitável. Negar a existência do ar seria ridículo. É igualmente ridículo negar esta vitalidade só porque ela é, na maioria das vezes, invisível, ou porque não compreendes o modo como a utilizas.

Uma parte de ti está consciente das mais ínfimas partículas da respiração — alguma parte de ti reconhece, de imediato, a mais pequena partícula de oxigénio e os seus componentes ao entrarem nos pulmões. A mente pensante — ou melhor dizendo, o cérebro pensante — não sabe disso. O teu tão valorizado “eu” não sabe. Na verdade, porém, meus caros amigos, esse “eu” tão importante sabe, sim. O problema é que tu é que não conheces esse “eu” — e aí reside a dificuldade.

É comum, nos vossos tempos, considerar que o homem — ou o seu “eu” — é produto apenas do cérebro e de uma fatia isolada do subconsciente, com uns restos soltos à mistura. Com esta divisão artificial, o homem acaba por pensar que não se conhece. Diz: “Eu respiro... mas quem respira? Porque eu, conscientemente, não consigo decidir respirar ou não respirar.” Diz: “Eu sonho... mas quem sonha? Eu não consigo obrigar-me a sonhar, nem deixar de sonhar.” Ele divide-se ao meio — e depois espanta-se por não se sentir inteiro.

Mesmo nas minhas vidas no vosso plano, senti esta contradição de base. O homem tem, de forma consistente, aceite como válidas apenas as provas que consegue ver, cheirar, tocar ou ouvir. E, ao fazer isso, só consegue reconhecer uma parte de si. E quando digo “uma parte”, estou a exagerar — ele tem consciência de apenas um terço de si próprio, porque dois terços estão nesse outro domínio que ele se recusa a admitir.

É como se um homem entrasse numa sala completamente escura, sem ruídos. Olha para baixo, não vê o corpo, não ouve a própria voz — e por isso conclui que não tem corpo, nem voz. Mesmo sabendo que, antes de entrar naquela sala, tinha ambas essas coisas. Mas diz: “Daqui para a frente, só acredito no que conseguir ver. E embora tenha a certeza de já ter visto mais do que isto... agora não vejo nada. Logo, não tenho corpo, porque não o consigo ver.”

Com as mãos que pensa não ter, o nosso homem imaginário apalpa o próprio corpo. Mas isso resolverá o seu dilema? Não. Clama “bruxaria!”. Se outra pessoa disser: “Ah, eu também sinto um corpo”, ele responde: “És médium.” Ou, se preferires, um lunático. Mas a verdade é esta: tens dentro de ti todas as provas de que precisas.

Sugiro uma breve pausa. Mas há de notar, certamente, que as pausas que te dou são cada vez mais curtas, embora mais frequentes. Este material vai servir de base para outro que virá, e prefiro apresentá-lo antes de irmos mais fundo no estudo do tempo.

(Pausa. A Jane retomou às 22h04, com o mesmo passo rápido de antes.)

Se o homem não sabe quem é que respira dentro dele, e não sabe quem é que sonha dentro dele, não é porque existe um “alguém” que age no mundo físico e outro “alguém” totalmente separado que respira e sonha. É porque ele enterrou a parte de si próprio que respira e sonha. Se estas funções parecem tão automáticas que parecem ser feitas por alguém completamente alheio, é porque foi ele que fez essa separação.

Isto não acontece em todos os planos. Nem sequer nos planos que vocês poderiam considerar inferiores ao vosso. E também não é o caso de algumas formas de vida que julgais estar abaixo de vós no vosso próprio plano.

Não é de todo inevitável, nem uma lei do universo. Muito pelo contrário. Por alguma razão, a humanidade — enquanto espécie no vosso plano — está mais agarrada aos seus padrões de camuflagem do que praticamente qualquer outra forma de consciência. E, com algumas exceções, todos os tipos de consciência têm os seus próprios padrões de camuflagem a que aderem com maior ou menor grau.

No vosso caso, é sobretudo uma recusa simples de admitir a existência de qualquer coisa que não se encaixe nesse padrão. Os padrões de camuflagem são, sim, essenciais em qualquer plano — com algumas

exceções — porque representam a forma real desse plano e as suas características. Mas é perfeitamente possível, e na verdade muito mais eficiente, aceitar este facto *e ao mesmo tempo* reconhecer a vitalidade interior que está por trás da camuflagem.

Já mencionei antes que, muitas vezes, a consciência torna-se subconsciente — e o subconsciente torna-se consciente. Isto não devia surpreender-vos. Acontece no vosso dia a dia. Não é uma ocorrência rara, e mesmo assim o homem ignora-a por completo. Durante o sono, a consciência torna-se o subconsciente — e o subconsciente, de forma muito real, torna-se consciente. Cada homem sabe disto instintivamente. E mesmo assim recusa-se teimosamente a admiti-lo.

A parte de ti que sonha é o “eu”, tanto quanto a parte de ti que age no mundo físico. A parte que sonha é a mesma que respira. E essa parte é tão legítima — ou até mais necessária — para ti como um todo, no que toca à sobrevivência neste plano físico, do que a parte de ti que joga às cartas ou ao Scrabble. Seria absurdo pensar que algo tão vital como respirar fosse deixado ao encargo de uma “personalidade menor”, um parente pobre quase desligado de ti.

Tal como a respiração é feita de forma aparentemente automática, também esta função fundamental — de transformar a vitalidade do universo em padrões de energia — parece automática. Mas esta transformação não é visível para a parte de ti que reconheces como “tu” próprio. E por isso, parece que é feita por alguém ainda mais distante — mais estranho — do que a parte de ti que respira e que já ignoras.

Se não tivesses provas visuais, talvez nem admitisses que respiras. E, mesmo assim, tens diante de ti as provas do mundo físico — esse mundo camuflado — e ainda assim preferes inventar teorias absurdas para o explicar, em vez de enfrentares os factos.

E os factos são simples: *és tu que crias esses padrões de camuflagem. Repito: és tu que crias o mundo das aparências com a mesma parte de ti que respira.* Mas tu não aceitas que essa parte que respira seja mesmo “tu” própria, nem aceitas que o criador do mundo físico visível seja parte de ti.

Porque sabes que, de alguma forma, respiras — mesmo sem perceberes os mecanismos envolvidos — és obrigado, ainda que contrariado, a admitir que sim, respiras por ti próprio. Quando atravessas uma sala, tens de admitir que foste tu que o fizeste — mesmo que não saibas conscientemente como é que comandaste os músculos, ou quais mexeste primeiro. Mas mesmo aí, apesar de admitires... não acreditas. Nos teus momentos mais calmos e sinceros, ainda perguntas: *quem respira? quem sonha? quem se move?*

Seria muito mais simples aceitar, de forma livre e sem resistência, o facto de que há partes essenciais de vós que não estão sob controlo consciente — e que vós sois muito mais do que pensam que são.

Mas se já é tão difícil para o homem reconhecer sequer o “eu” que move os seus músculos e respira, então não será de espantar que também não consiga perceber que *esse mesmo “eu”* é quem forma o mundo das aparências físicas — quase da mesma maneira que se forma um padrão de vapor ao respirar sobre um vidro.

Volto a sugerir uma breve pausa.

(Pausa. Durante a pausa, a Jane disse que teve a sensação de estar em transe desde praticamente o início da sessão. Não tinha memória do que acabara de ditar — disse que parecia ter-se “desvanecido”. Eu garanti-lhe que ela esteve comigo o tempo todo, a andar de um lado para o outro a uma velocidade tão rápida que chegou a ser distrativa. Disse que o material fluiu sem qualquer distorção. Sentia-se como um veículo puro, sem pensamentos conscientes sobre o que transmitia, mal ciente do ambiente que a rodeava. Tinha uma vaga recordação de pegar num copo de vinho — embora, na verdade, eu a tenha visto fumar dois cigarros, andar de um lado para o outro, e parar para olhar pela janela. Não se sentia cansada, e a voz dela manteve-se estável.

(Ela também voltou a notar as mãos “gordas” — dizia sentir como se tivesse carne entre os dedos que não lhe era familiar. Examinámo-las. Estavam húmidas, e os dedos pareciam mais grossos. Mais uma vez, não conseguiu voltar a pôr o anel no dedo. A Jane retomou a sessão.)

Sem saber o que estava a fazer, a Jane tem vindo a desenvolver os seus sentidos interiores de forma quase surpreendente — embora, naturalmente, o tenha feito sem consciência disso, ao seguir outros objetivos. No passado, ela estava tão presa ao ego consciente que, ao escrever ficção, achava difícil escrever algo que não fosse estritamente autobiográfico.

A poesia sempre foi fruto dessa facilidade no uso dos sentidos interiores, mas até há pouco tempo ela não conseguia emprestar-lhe um padrão suficientemente definido em termos de forma unificada. O seu trabalho no livro *O Mundo Físico enquanto Construção de Ideias* foi uma verdadeira erupção da parte dela. Ela percebeu, creio eu, desde o início, que a mente crítica consciente tinha pouco que ver com a conceção inicial.

Esse livro foi a primeira tentativa de organizar num padrão claro o material que ela estava a receber através dos sentidos interiores. Ela começava a reconhecer o seu “eu total”. A única razão pela qual esse “eu total” não é muito mais consciente e acessível é a vossa obstinada recusa em o admitir. Não posso enfatizar isto com mais veemência.

O mundo de padrões de camuflagem é criado pela mente — e uso aqui o termo “mente” no seu verdadeiro sentido, como parte do mundo interior. A energia é recebida pela mente através dos sentidos interiores e transformada, através de enzimas mentais, em padrões de camuflagem.

Não há razão para que o ser humano não tenha consciência dessa transformação — se, pelo menos uma vez, admitir a existência do “eu total” que a torna possível. Conforme já mencionei, o processo de respirar parece automático, e ainda assim há uma parte vossa que tem consciência das porções mais ínfimas de ar que enchem os seus pulmões.

Tu — ou a parte de ti que costumavas chamar de “tu” — recusas-te a admitir como parte de ti o “eu” que tem consciência de cada respiração, de cada movimento e de cada sonho. Por outras palavras: respirar e sonhar não são processos automáticos, nem funcionam sem o teu conhecimento. O ser humano simplesmente recusa admitir o que respira e o que sonha.)

(Neste ponto, a forma como a Jane transmitia as mensagens estava mesmo intensa. Embora não falasse muito mais depressa, dava mais ênfase às palavras, fazia mais gestos e andava de um lado para o outro ainda mais rápido. No entanto, achei que ela não estava num estado de transe tão profundo como antes. Continuava incomodada com as mãos; tinha tirado um anel no início da sessão, mas tinha deixado a aliança — e agora tentava tirá-la também, sem sucesso.)

Na maioria das vezes, o ser humano recusa admitir também quem se move. Confia muito mais em si quando diz “Vou ler” — e de facto lê — do que quando diz “Vou ver” — e vê. Lembra-se de ter aprendido conscientemente a ler, mas não se lembra de ter aprendido a ver. E o que não recorda conscientemente, receia. E o que receia, simplesmente nega que exista.

A verdade é que vê, mesmo sem ninguém lhe ter ensinado a ver. E a parte de si que lhe ensinou isso ainda hoje lhe guia os movimentos, ainda move os músculos dos seus olhos, ainda se torna consciente a despeito dele quando dorme, ainda respira por ele — sem agradecimentos, sem reconhecimento — e continua a transformar energia de uma realidade interior numa camuflagem exterior.

Acaba aprisionado por essa divisão pessoal artificial. Procura deuses — qualquer coisa — que expliquem funções perfeitamente naturais que são suas. Isso, aos seus olhos, liberta-o na perfeição de toda a responsabilidade. Mas, na verdade, não o liberta.

Tenho estado a falar, se quiseres acreditar, apenas das personalidades enquanto atuam nas suas vidas no vosso plano. E ainda tenho muito por dizer.

Precisas lembrar-te — e isto é, receio bem, um desvio — que tenho de te transmitir esta informação por palavras que precisam de ser organizadas numa sequência linear. Mas, para mim, já não há necessidade disso — e hei de aprofundar esse aspeto. Conforme dizia: tenho falado do vosso plano e das personalidades que nele atuam. Agora, quero ir mais além — falar das entidades envolvidas.

É verdade que, em geral, não estão conscientes da vossa entidade como um todo — que, aliás, normalmente não reside dentro dos vossos limites. Mas não há razão nenhuma para permanecerem cegos para com o “eu total” da vossa personalidade atual, que faz parte dessa entidade — e que pode ser pressentido no vosso plano através do “eu que respira e que sonha”, de que já falei.

Mais uma coisa. Em certos aspetos, é conveniente que não estejam conscientes de cada respiração que fazem. Mas é pura estupidez ignorar o “eu interior” que respira — e que está perfeitamente ciente dos mecanismos envolvidos. A ideia que se acaba por formar é que existe um pequeno “eu desconhecido” que trata dessas funções básicas — e isso não é verdade.

Já disse que a mente faz parte do mundo interior — mas vós tendes acesso à vossa própria mente, e ignoram esse acesso. Se o usassem, isso conduzi-los-ia inevitavelmente à verdade sobre o mundo físico. Trabalhando de dentro para fora, perceberiam o exterior com muito mais clareza.

E quando digo que vós próprios criais os padrões de camuflagem do vosso universo físico — utilizando a vitalidade interior do universo, tal como formam um padrão de vapor ao soprar sobre um vidro — não estou necessariamente a afirmar que são o criador do universo. Apenas estou a dizer que são o criador do mundo físico tal como o conhecem — e, meus queridos amigos, aí reside uma história imensa.

Além disso nem eu não conheço todas as respostas. Mas é um facto que, mesmo com todos os seus tropeços, a humanidade acabará por descobrir que cria o seu próprio universo físico — e que os mecanismos do corpo físico têm mais funções e variações do que se imagina. E no estado de sono essas funções não são interrompidas — na verdade, continuam de forma ainda mais direta do que quando estão acordados.

Sonhar é criar — de forma mais autêntica, com menos distorção. O mundo físico é, na verdade, muito mais produto do vosso “eu que sonha” do que do vosso estado de vigília.

Isto não pretende desvalorizar o intelecto — mas a verdade é que o intelecto nunca foi usado com o propósito para o qual foi desenvolvido.

Sugiro uma breve pausa. E permite-me que diga que estou particularmente satisfeito com a sessão desta noite — e com o desempenho da Jane — pois este material está a chegar até vós sem qualquer distorção, tanto quanto consigo perceber. Esta é, sem dúvida, a nossa melhor sessão até ao momento.

(Pausa. Durante este monólogo, a Jane disse que não estava “tão longe” como antes, mas continuava “ausente” enquanto falava. O fenómeno nas mãos persistia, embora de forma mais suave — ainda assim, não conseguiu tirar a aliança. Ao longo da sessão, a sua voz manteve-se normal. No entanto, ao retomar, a voz mudou subitamente de tom, subindo

vários graus na escala. Não era uma voz em falsete, mas estava próxima — e foi a primeira vez que usou este tipo de voz. Manteve-a até ao fim da sessão, juntamente com o ritmo acelerado de movimentos. A Jane retomou a sessão.)

O tempo é uma das vossas camuflagens mais evidentes — e o estudo do tempo levar-vos-á de forma bastante direta do “eu físico camuflado” até ao “eu interior”, que ignoram. Os vossos psicólogos falam hoje da diferença entre o tempo físico — aquele que marca os relógios — e o tempo psicológico.

Esse chamado tempo psicológico diz respeito ao “eu interior”, ou seja, à mente. É, no entanto, uma ligação — uma parte de um dos sentidos interiores, que chamaremos, por conveniência, o segundo sentido interior.

O tempo físico exterior é uma completa camuflagem — na sua essência, nem sequer é necessário no vosso plano. Mas tornaram-no “necessário” por recusarem admitir o “eu interior” como parte da vossa personalidade total — e por isso nunca conseguiram utilizar o tempo psicológico de forma plena no vosso plano.

O tempo psicológico, conforme já disse, é um caminho natural — uma ponte, parte de um sentido interior — que foi pensado como acesso direto entre o mundo interior e o mundo exterior... e vice-versa. Mas não o usais dessa forma.

É por isso que respirar vos parece automático — e sonhar parece confundir a ideia física que têm do tempo. No entanto, têm plena capacidade, agora mesmo, para compreender que o tempo, para o vosso “eu que sonha”, é muito semelhante ao tempo do “eu interior” desperto. Mas primeiro, é preciso desfazer a ligação ao conceito físico de tempo — aos relógios. Este é um dos conceitos mais fáceis de explorar, já que, conforme disse, o tempo dos vossos relógios é uma das camuflagens mais artificiais. O tempo nos sonhos pode parecer-vos muito diferente daquele que vivem quando estão acordados e atentos ao relógio, preocupados em chegar a determinado sítio às 12h15, por exemplo. Mas não é assim tão diferente do tempo que experimentam quando estão sozinhos numa sala, imersos nos vossos pensamentos, sem pressa de ir a lado nenhum.

Verás agora, com certeza, a semelhança que existe entre esse tempo psicológico interior — vivido muitas vezes durante o estado de vigília, a sós convosco próprios — e o sentido de tempo que experimentam nos sonhos. Isto serve para vos mostrar mais uma ligação que existe entre o “eu que está acordado” e o “eu que sonha”. Ou seja, é mais uma prova de que são, de facto, um só — e de que qualquer divisão entre ambos é artificial.

O intelecto tem um papel extremamente importante na manipulação dos padrões de camuflagem, uma vez que eles já foram criados. Fostes vós quem criou o vosso mundo, e o vosso intelecto deve ajudá-los a lidar com aquilo que criastes. Tem outras funções vitais, que enumerarei mais tarde.

Mas não posso repetir isto vezes suficientes: vós sois mais do que a vossa mente consciente — muito mais. E esse “eu” que não reconhecem é precisamente a parte de vós que não só garante a vossa sobrevivência no universo físico que ele próprio criou, como também é a parte de vós que está ligada à realidade interior — que, no fim de contas, é a única realidade fundamental.

É essa parte de vós que lhes permite criar continuamente esses padrões de camuflagem, que contém conhecimentos, intuições e memórias de que precisam de forma urgente, se alguma vez quiserem compreender-se — e se a espécie humana quiser algum dia evoluir até ao seu potencial completo.

É apenas através do uso deste “homem interior”, através do reconhecimento das suas funções, que a humanidade poderá algum dia alcançar esse potencial. Os sentidos exteriores não ajudarão o homem a cumprir o seu propósito interior. A empatia é apenas uma materialização superficial — exterior — do primeiro sentido interior de que falámos resumidamente.

A menos que o homem aprenda a usar esse sentido interior, pode muito bem vir a perder tudo o que já alcançou. Direi muito mais sobre isto noutra ocasião. Acredito que vou encerrar a sessão por aqui. Não quero mantê-los acordados até demasiado tarde — embora, como de costume, pudesse continuar por horas. Estou extremamente satisfeito por podermos reunir-nos desta forma. Foi necessário um certo desenvolvimento da vossa parte para que estas sessões entre nós pudessem acontecer.

Era necessário que já existisse alguma capacidade de usar os sentidos interiores. Não posso explicar isto completamente, mas estava — e estou — dependente de certas vossas capacidades, em certa medida. Irei também abordar este tema mais à frente. Se preferirem fazer uma pausa e continuar depois, por mim, tudo bem. Deixo essa decisão ao vosso critério.

(A Jane sentia-se mais ou menos da mesma forma que na pausa anterior. Agora que a sessão terminara, apercebeu-se de que quase não teve consciência do que se passou durante todo o tempo. Ainda assim, não se sentia tão cansada conforme o habitual. Mas não pensávamos em continuar a sessão.)

(“Bem, Seth, foi ótimo, mas decidimos terminar por hoje.”

(Dissemos boa noite com a tabuleiro.

(Gratis

Bravo. Boa noite, sim.

(A Jane disse que o “bravo” se referia à sessão.)

(Como este material é comentado pelo Seth na sessão seguinte — a 24ª — incluo-o aqui, para evitar inserir uma pergunta tão longa no meio do conteúdo da sessão em si.

(Na noite de sábado passado, 8 de fevereiro de 1964, tive três sensações distintas e bastante estranhas.

(Tínhamos visitas. Tinha acabado de beber o meu primeiro copo pequeno de vinho quando uma onda de “sensação” me varreu da planta dos pés até à cabeça. Era como um formigueiro amplificado — uma vibração intensa — que percorria todo o corpo, subia pelas pernas e se espalhava pelas cavidades abdominais e torácicas. Fiquei com a sensação de que podia ser erguido e levado dali.

(Na primeira vez, a sensação não foi tão forte como nas duas vezes seguintes. Quando senti essa onda inicial, perguntei-me se seria do vinho — embora, na verdade, tivesse bebido muito pouco.

(Esperei calmamente e, passados alguns instantes, a sensação desapareceu. Estava sentado, equilibrado no braço do sofá, a conversar com os convidados. Tive uma sensação estranha: como se aquilo estivesse ligado tanto ao assunto da conversa como a uma espécie de mensagem ou comunicação que sentia por dentro. Acho que em cada uma das vezes que senti o fenómeno, estávamos a falar de outras pessoas — talvez familiares, crianças ou pais.

(As duas sensações seguintes surgiram mais tarde nessa noite. A segunda terá ocorrido depois das 23h30, enquanto estávamos sentados à mesa a comer. A sensação foi tão intensa que pus o sanduíche de lado e tirei os óculos — porque literalmente não sabia o que poderia acontecer a seguir. A onda atravessou-me de forma intensíssima. Embora todos falassem alto à minha volta, tive a sensação estranha de haver vozes dentro de mim, bocas abertas ou a gritar em silêncio, num ritmo sem som. Também senti — ou intuí, ou porventura vislumbrei — uma espécie de conduta, calha ou via enorme que descia até mim, vinda de cima, ou pelo menos de fora. Cheguei a sentir mesmo apreensão nessa segunda vez. Pensei num possível ataque, embora não houvesse dor nenhuma. A pressão no peito era muito forte. Agora, olhando para trás, acho que tive uma vaga percepção de que aquilo poderia ser uma tentativa de comunicação — de onde, não sei. Ou talvez uma espécie de aviso premonitório. Lembro-me de ter pensado nos meus pais, já idosos, mas não tenho a certeza.

(A terceira vez, já depois das 00h30, aconteceu quando eu estava de pé, à porta da cozinha, a falar com a Jane. Desta vez, a sensação foi menos intensa. Ainda assim, não tive presença de espírito suficiente para tirar proveito dela, talvez fazendo perguntas em voz alta. Estava demasiado envolvido — demasiado imerso naquela sensação — para conseguir ser objetivo com tão pouco tempo de reação.

(Mas agora, no dia seguinte, a memória ainda está viva. O que foi aquilo? Talvez o Seth saiba.

(Enquanto escrevo este relato, lembro-me de ter sentido esta mesma sensação, uma vez, há cerca de um ano atrás, embora de forma mais

suave. Aconteceu no meu trabalho na Artistic Card Co., à hora de almoço. Estava sozinho na sala de arte, a almoçar à secretária, quando a sensação me percorreu da cabeça aos pés. Sem aviso, sem dor — mas o susto fez-me dobrar sobre a mesa. Fiquei assustado por um momento, a pensar num ataque qualquer, mas passou rapidamente e não voltou. Estava sozinho, nessa altura.

(Lembro-me de me ter levantado e andado um pouco pela sala. Pouco depois, já me tinha esquecido do assunto — até agora. Recordo que, numa sessão recente, o Seth disse que eu tinha pedido ajuda. Naquela altura ainda não tinha deixado o meu emprego a tempo inteiro na Artistic, mas estava prestes a fazê-lo. E também não me sentia bem. Curiosamente, no sábado em que tive esta experiência, também não me sentia no meu melhor. Que eu me lembre, nunca cheguei a contar à Jane sobre o que senti na Artistic há um ano.

(Agora pergunto-me: Terá sido, mais uma vez, um pedido de ajuda? E isto, uma tentativa de resposta?)

(Ver episódio dois na página 192.

(Ver episódio três na página 275.)

(Nota do Tradutor: Aqui segue um excerto da sessão 24, retirado da página 626 do Material 2:)

SESSÃO 24

10 de fevereiro de 1964

(Depois do jantar, saímos para comprar um gravador. Só voltámos para casa com ele às 20h30; revisei-o até às 20h45 e depois sentámo-nos calmamente para a sessão.)

(Como sempre, a Jane começou a ficar nervosa. Sentámo-nos em volta da mesa e, assim que os nossos dedos tocaram o ponteiro, ela soletrou o nome do Seth e saudou-nos.)

— Boa noite.

— “Seth,” disse o Robert, “por que motivo é que a a Jane ainda se sente nervosa antes de uma sessão?”

(Jane dita:) Expliquei isto antes. Ela sente-se sempre um pouco apreensiva antes de começarmos, pois sou eu quem falo por ela. Os sentidos internos não estão habituados a operar tão livremente, e isso perturba o ego onipresente, distraíndo-o.

(Os olhos da a Jane adquiriam já um olhar escuro e interior. Ela começou a andar rapidamente de um lado para o outro. Parando diante da minha mesa, passou as mãos pelo mata-borrão; as palmas deixaram dois rastros molhados. A voz dela estava normal.)

Normalmente, nestas sessões, apenas um sentido interior opera com força, mas, como mencionei, o ser humano não confia em nada que lhe ocorra — a menos que esteja conscientemente consciente do que faz, de como o faz e de porquê. Incomoda a Jane — como ela disse na audiência — que, pouco antes de formalizarmos a sessão, ela não tenha pensamento nenhum na cabeça. E então começam as minhas excelentes dissertações, se me permitem um toque de egoísmo.

A Jane quer saber de onde vêm as palavras. Ainda pensa que sou parte do subconsciente dela — ideia que considero horrível — e quer que as respostas lhe sejam dadas de forma que o consciente compreenda. Esta é a nossa 24.^a sessão e ainda estou a ensinar-lhe.

É como se eu operasse noutro canal, e estou a ensiná-la a usar também os restantes. À medida que progridem, prometo-lho, estas sessões ganharão maior dimensão, com a vossa ajuda. Por agora, recebem algo que corresponde a um sinal ténue — um som metálico distante, uma névoa. No futuro, como disse, a dimensão expandirá: os vossos sentidos interiores acrescentarão mais realidade do que podem imaginar.

Existe um sentido interior, Rob, que corresponde vagamente às vossas imagens mentais. Usem-no inadvertidamente nas visões, mas, sem treino, veem-nas apenas de forma vaga e não as sustentam por muito tempo. Conhecem a diferença entre os primeiros filmes sem som, as imagens a preto e branco, e o Technicolor adornado dos últimos tempos. No nosso trabalho nestas sessões, mal sabem o que é uma câmara.

É verdade que a diferença está para lá das palavras, isto é, o aparelho dos sentidos que vocês estão a tentar usar é muito diferente do aparato externo a que estão habituados. Os sentidos internos, no entanto, dão impressões muito mais fortes do que os dados fornecidos pelos sentidos externos. Quando realmente progredirmos nas nossas sessões, alcançarão resultados tão reais quanto as camuflagens externas que julgam garantidas.

Isto é, alcançarão o equivalente interno à visão, audição, olfato, tato, amplificado por contrapartidas internas de amplitude e existência. Têm agora dificuldades com a duração das vossas visões interiores porque tentam transpô-las segundo o tempo de camuflagem física, e é a forma errada de começar. Como mencionei na última sessão, já dispõem de uma incursão, por assim dizer, relativamente acessível àquilo a que chamamos tempo psicológico.

Este está intimamente relacionado com um dos sentidos internos, o segundo sentido interno, e é no tempo psicológico que devem tentar transpor as vossas visões. Podem ver como ambos somos limitados pelas dificuldades de vos fazer entender dados internos em termos de dados externos, quando estão simultaneamente tão separados e tão intimamente ligados. Por exemplo, quando digo que o segundo sentido é como o vosso sentido de tempo, isto dá-vos alguma ideia ou sensação do que é esse

segundo sentido, mas também cria confusão — eu sei — porque tendem a comparar os dois demasiado de perto.

Talvez possa esclarecer dizendo que a vossa experiência do segundo sentido interior se assemelhará um pouco à vossa apreciação do tempo psicológico. Voltarei a isto mais adiante. Sugiro uma pequena pausa. E, aliás, tenho algo a dizer sobre o vosso novo brinquedo eletrónico.

(Pausa às 9h26. A voz da Jane manteve-se normal durante este monólogo e não mudou no restante da sessão. As suas mãos pareciam agora mais frias; ela disse que, por breves instantes, se sentiram outra vez pesadas ou inchadas, mas a sensação desapareceu juntamente com o nervosismo. O seu ritmo era bastante rápido quando voltou a ditar.)

Agora, há um ponto que gostaria de fazer quanto às vossas visões internas, meu caro Rob, e também no que diz respeito a quaisquer percepções desse tipo através de fotografias ou de outro meio. Em primeiro lugar, mais tarde usaremos uma palavra diferente de percepção, que é algo enganadora.

Quaisquer comunicações que cheguem pelos sentidos internos acontecerão no vosso tempo psicológico. Também disse que esse tempo psicológico opera durante o sono e nos momentos de quietude da consciência. Nos sonhos, por exemplo, tendem a sentir que vivem várias horas ou até dias. Esses dias ou horas não são registados pelo corpo físico e estão fora da vossa camuflagem de tempo físico. Se, num sonho, experimentarem dois dias no Plano, fisicamente não envelhecerão por esses dois dias.

Creio que percebem os muitos caminhos que isto nos abre. Em primeiro lugar, o tempo psicológico faz parte da realidade interior de tal modo que, mesmo estando o vosso eu ainda ligado ao corpo físico, encontram-se na estrutura do sonho, livres de certos efeitos físicos importantes. Agora, como os vossos sonhos vos envolvem numa duração independente do vosso relógio — e tenho muito mais a dizer aqui — poderão alcançar experiências reais de duração no que toca às visões interiores.

Mas se tentarem transpô-las ao minuto físico, então perdem-nas. Muitas vezes, no chamado devaneio, perdem a noção do tempo físico e, de repente, sentem ter entrado na experiência de duração interior. O chamado tempo físico, ou hora de relógio, é uma das vossas camuflagens mais artificiais. Nada tem a ver com o vosso plano particular; é invenção humana que os vossos animais ignoram alegremente.

Em certos lugares, ignoraram esse horário. Em séculos passados, para muitas pessoas a hora de relógio não era importante. A partir daqui distinguirei entre o tempo físico, relacionado com o dia e a noite, marés e estações do ano, e o tempo de relógio, que só abordarei quando estritamente necessário. O tempo psicológico encaixa-se no tempo físico

sem grande dificuldade. Originalmente permitiu ao homem viver no mundo interior e exterior com relativa facilidade. O tempo psicológico pode ser transposto para o tempo físico, mas não flui livremente através dos dias divididos em inúmeras frações de relógio. A ideia do relógio foi inventada pelo ego consciente por várias razões, tendo o medo em primeiro plano. Em momento oportuno teremos sessões sobre a evolução e abordaremos o surgimento do relógio e as suas muitas ramificações.

É, sem dúvida, uma das tragédias do homem e teve origem nessa imprevisibilidade que o assolou.

O tempo físico, ou o tempo de relógio, foi criado pelo ego humano para proteger o eu previsível daquilo que considerava o eu imprevisível — com a ideia errada de existência dual: um eu consciente, previsível, que pensava e agia, e um eu quase automático, imprevisível, que respirava e sonhava. Criaram limites para proteger a parte previsível, acabando por dividir o eu por inteiro. A invenção do relógio não foi o único dispositivo mutilador usado para proteger uma parte do eu da outra. Podemos rastrear esse medo através das lendas e fantasias da espécie.

Sugiro uma breve pausa; depois, tocaremos em algumas das razões desse medo que o homem sentiu e sente por toda a sua essência. Porque, na verdade, é a diferença aparente dentro de si que teme, projetando esse medo na parte considerada menos capaz de reagir. E isso, meus caros, foi um grande erro, pois a parte que nega luta com mais força do que imagina. Acho que me estendi demais — façam uma pausa.

(Pausa às 9h55. A Jane relata que, quando faz uma pausa para o Seth durante a ditadura, consegue sentir o conceito todo do tema em discussão a pairar acima dela; mas, como é demasiado para assimilar de uma só vez, sente o Seth a retirá-lo, deixando-lhe aos poucos, sob a forma de palavras interligadas.)

(Durante o intervalo referi que esperava que o Seth comentasse as minhas sensações do último sábado à noite. Deixei a descrição datilografada sobre a mesa. A a Jane, com a voz normal, voltou a andar de um lado para o outro, e recomeçou a ditar às 10h02.)

Os conceitos encaixam-se em padrões para permitir a comunicação entre nós. Tenho de dissociar o conceito do padrão, o que às vezes me deixa incompleto, pois é natural para mim transmitir os conceitos na sua totalidade; e acabo por deixar cair dados importantes pelo caminho, porque não conseguem absorvê-los todos de uma vez.

Uma das vantagens dos sentidos internos, quando operam em conjunto, é a capacidade de experimentar padrões na totalidade; e é difícil diluir isso, isto é, gotejar gota a gota. Gostaria de falar sobre a experiência do Rob na outra noite, mas também quero abordar a invenção da alma.

Tu vês que, para mim, estas coisas estão intimamente associadas e conectadas num todo, e ainda assim devo dar-te uma de cada vez,

demorando páginas para tornar clara a ligação. Uma das fraquezas da humanidade sempre foi a sua impaciência e a preocupação com os padrões de camuflagem no vosso plano. Foi essa impaciência que vos levou a tentar conhecer-vos examinando o mundo exterior, em vez de explorar o que estava dentro de cada um de vós.

Há tanto para dizer que só consigo abordar os pontos altos, um de cada vez. Contudo, como já te disse — e até a Malba falou a verdade uma vez — isto será para ti e para a Jane uma experiência de vida. Temos tempo, mesmo o tempo físico, para cobrir todo o material.

Nos tempos pré-históricos, a humanidade desenvolveu o ego e a autoconsciência para a ajudar a lidar com os padrões de camuflagem que ela própria criara. Isso não é contraditório — será explicado mais tarde. Fez esse trabalho tão bem que, mesmo quando tinha as coisas sob controlo, nunca ficou satisfeita. Desenvolveu-se de forma desequilibrada. Usou-se a si própria como ferramenta para se dissecar. Os sentidos internos conduziram-na a uma realidade que não podia manipular tão facilmente como manipulava um mundo de camuflagem, e ela temeu o que considerava uma perda de domínio.

A fantasia da alma, ou do espírito, surgiu por essa altura e foi um revés, pois deu um nome e um estatuto a uma parte do eu, colocando-a contra outra parte. Mas essa mesma conceção obrigou-a a enfrentar, apesar de si própria, uma verdade de continuidade, à qual chamou imortalidade.

Essa ideia é a responsável pelas atitudes supersticiosas relativamente ao mundo interior como um todo, e alguns dos equívocos humanos têm sido ridículos e patéticos. Refiro-me sobretudo ao hábito de atribuir ao imaterial interior habitações de camuflagem física — um céu físico e um inferno.

Deixarei este tema para falar da tua experiência na outra noite, embora haja muito mais a dizer. O problema é ter de desfazer tantos equívocos para chegar a algumas das verdades que lhes estão por trás. O espírito não é menos real só porque o homem o revestiu de tolice. Sugiro novamente uma breve pausa, mas lembra-te das minhas palavras: materializar-se-á alguma noite, e deixem-se as faíscas cair onde puderem.

(Pausa às 10h25. Durante o intervalo, discutimos a aparente capacidade do o Seth de consultar todos os livros das vossas notas — dois volumes até agora — sem violência na ordem, “vendo” páginas de modo instantâneo. A Jane retomou o ditado às 10h30.)

Caro Rob, a propósito das tuas observações durante o intervalo: sinto que “padrões de conceito” é a designação mais próxima para explicar isto, e envolverá o nosso terceiro sentido interno quando realmente entrarmos nessa discussão. Trata-se de uma ideia completamente diferente do primeiro sentido interior, que de certa forma corresponde ao teu sentido de empatia. Há uma distinção subtil entre ambos.

Queria falar um pouco mais sobre a duração no que diz respeito à comunicação pelos sentidos internos. Como disse, a duração pode ser vivida no tempo psicológico e dentro da sua estrutura. O importante aqui — e temo que seja difícil para ti — é a capacidade de desviar a mente do tempo de relógio. É uma liberdade que podes e deves conceder-te nessas ocasiões. Surge, acredite-se ou não, de modo muito natural; se relaxares, tornar-te-ás consciente disso em momentos de silêncio.

(Tive algumas dores nas costas. Um espasmo apoderou-se de mim e tive de parar de escrever.)

É melhor erguer-te por um instante e mover o corpo. É isso que deves fazer nessas pausas frequentes. Não há razão para ficares imóvel. Há mobiliário onde podes pousar a almofada. Certamente não deveria ter de relembrar-te a conveniência das camuflagens — das quais já não dependo. Se dependesse delas como tu, usá-las-ia melhor. De facto, usava-as quando eu era como vocês. Por favor, fica confortável.

(Levei o bloco para junto da nossa alta televisão e da mesa antiga. Levantei-me para tomar o ditado da a Jane pelo resto da sessão.)

A hipnose ajuda bem o corpo e até certas condições mentais. Afinal, é apenas um meio de aceder ao eu total e familiarizar o ego, por efeitos, com as faculdades do eu inteiro, do qual é apenas uma parte.

(A Jane hipnotizou-me duas vezes recentemente. As sessões foram muito benéficas: conquistei vários dias livres de dor após cada uma.)

Agora, se estiveres pronto, direi algumas palavras sobre a tua bela, embora inesperada, experiência com os sentidos internos na outra noite. As circunstâncias do teu lado estavam simplesmente preparadas para que algo assim acontecesse. Foi como a abertura súbita de uma porta. Ignoravas como a abrir mais, e, se me permites dizê-lo, nem sabias como a cerrar.

E, no entanto, não terias admitido a experiência conscientemente até muito depois, pois algo semelhante já te ocorrera numa data anterior e, consciente, esqueceste-o. Na primeira vez, pedias ajuda. Como a maioria dos humanos, receaste tanto o mundo interior — ainda que o conhecesses vagamente pela tua arte — que só o pânico te forçou a tocar nesse botão invisível.

Desta vez, porém, sentiste apenas um eco de pânico, e foi tudo. Abriste a porta por vontade própria, incentivado pelas nossas sessões e pela curiosidade, embora continuasses apavorado. O que viveste é difícil de explicar até termos uma discussão sobre os sentidos internos, mas farei uma explicação superficial por agora. Experimentaste uma descarga — ou melhor, um ataque — de dados na sua forma pura, percorrendo os sentidos internos como um vendaval num caleidoscópio, porque ignoravas como controlar ou desenredar a informação.

Por isso cometeste algo de curioso: tentaste captar dados internos com os sentidos externos e depois projetá-los para dentro. Para um iniciante, foi

notável. Tentaste o impossível, e abordarei isso mais tarde, quando a explicação fizer mais sentido. Aquele receio resultou de uma falha no recetor. Direi agora uma frase que com o tempo ficará mais clara: sentiste som. Foi fiel ao sentido interno, mas, por não o ouvir com os ouvidos, entraste em pânico e imaginaste bocas incapazes de falar. Isso foi uma projeção da tua própria incapacidade e não deve ser interpretado como impotência real no mundo interior.

A sensação de porta ou funil era legítima, porém, e se te sentiste atacado pela onda de dados que te inundou, foi apenas pela tua falta de controlo do “volume”, por assim dizer — embora nesses casos o “botão” de controlo seja puramente imaginário. Desligaste-te automaticamente porque o susto foi grande, mas tudo foi benéfico, pois obtiveste dados sensoriais internos puros em primeira mão. Foi pena ter sido tão descontrolado, mas isso é esperado no início. Se possível, tenta relaxar se voltar a acontecer, e os dados fluirão mais devagar.

(“Existe algo que eu possa fazer para incentivar novamente esse fluxo de dados?”)

Nesta fase, farás tudo o que puderes para o estimular sem que eu te diga exatamente como arrancaste o evento em primeiro lugar. O teu inato interior ajudar-te-á, e qualquer compreensão intelectual agora será útil; o resto virá depois.

Sugiro uma breve pausa. E desta vez, meu caro Rob, imita a tua esposa — caminha e move-te.

(Pausa às 11h01. O material do Seth lembrou à Jane que, várias vezes no passado, ela ouvira música interiormente quando nada exterior a reproduzia — nenhum rádio ligado, nada nesse sentido. A Jane tem a audição muito apurada, mas tinha a certeza de que a música brotava de dentro. Normalmente, só depois de cumprir outros afazeres é que tomava consciência disso. A Jane retomou às 11h07.)

Esta sessão será relativamente breve. Uma nota que queria fazer:

Como disse, o tempo psicológico é um elo natural com o interior. Embora vivas dias ou horas no tempo psicológico durante o sono, sem envelhecer fisicamente, à medida que desenvolves o uso desse tempo poderás repousar e revigorar-te enquanto estiveres acordado. Isso beneficiará o teu estado mental e físico de forma notável: ganharás vitalidade e sentirás menor necessidade de dormir.

Em quaisquer cinco minutos do relógio, por exemplo, podes encontrar uma hora de descanso independente da hora marcada. Queria salientar que a experiência “esquecida” de a Jane com a música era legítima e repetiu-se várias vezes, mas foi descartada pelo consciente. Trata-se apenas de sentir o som. É tudo o que direi por agora, mas é um vislumbre valioso.

Quando te sentires cansado ou exausto, uma das razões é a tua incapacidade de recorrer mesmo ao simples tempo psicológico em teu

proveito. Lembra-te disso. Desejo-te boa sorte com o teu novo brinquedo. Se for para gravar a minha voz, desejo-te sorte — talvez pregue uma partida ao aparelho, ou a ti.

Aliás, a hipnose também ajuda a usar o tempo psicológico a teu favor. Os limites do relógio desfazem-se quando o tempo psicológico é acionado. Podes espreitar pelo tempo psicológico durante a hora do relógio e até usar o relógio a teu favor; mas sem reconhecer primeiro o tempo psicológico, o relógio torna-se uma prisão.

O tempo físico — estações, marés, dia e noite — é, para mim, uma das tuas camuflagens mais saborosas. Se me permitires um toque poético, digo que o tempo físico é como um manto delicioso que veste o tempo psicológico com cores, tecidos e desenhos variados. Reproduz melhor o tempo psicológico e é uma das vossas camuflagens mais fiéis.

É por isso que o tempo psicológico flui tão facilmente quando o “eu” de relógio é deixado em paz. Um escoar no outro e a camuflagem liberta-se o suficiente para deixar a forma interna brilhar. Um uso adequado do tempo psicológico não só te conduzirá ao mundo interior como também evitará que sejas apressado no mundo físico. Dentro dele — dentro da estrutura do tempo psicológico — encontrarás um ambiente de tranquilidade e paz. Digo-o a ambos para vosso benefício, pois ganhareis muito ao aproveitar estes recursos.

O tempo psicológico acrescenta duração. Descobrirás algo mais aqui. A partir desse tempo, verás que o relógio é tão onírico e fugaz quanto imaginavas o tempo interior. E descobrirás que o tempo interior é tão real quanto julgavas o exterior. Encontrarás todo o teu ser em outros mundos, espreitando para dentro e para fora ao mesmo tempo, e perceberás que todo o tempo é um só tempo, e que todas as divisões são ilusões.

Podes fazer uma pausa ou encerrar a sessão. Não digas que não vos levei numa corrida esta noite — quando releres o material, verás que foi assim. Não posso enfatizar demais os benefícios de usares o tempo psicológico como te expliquei. Já sabes o que é e como tirar-lhe proveito. Isso não só ajudará o corpo e a mente no vosso plano, mas também te permitirá encontrar o eu completo.

(Pausa às 11h30. A voz da Jane estava normal e o ritmo regressou ao habitual. Como ambos estávamos cansados, optámos por não prosseguir. A Jane retomou às 11h35.)

Visto que estão cansados, vou encerrar esta sessão. Só gostaria de sublinhar isto: o medo consciente é, muitas vezes, o principal obstáculo ao fluxo dos dados internos. Por isso, reconhecer que esses sentidos te pertencem e são naturais ajudar-te-á a evitar o fechamento automático e quase inevitável da consciência. Se te lembrares disto, os dados internos passarão muito mais facilmente, e tu conseguirás controlá-los. Nunca são avassaladores — podes treinar-te para os reconhecer, usar e controlar, o

que também implica certa gestão da duração. Ou seja, no tempo psicológico podes prolongar essas experiências.

Não conseguirás obrigá-los a durar um período exato, tal como não o podes fazer num sonho, mas podes dominá-los em vigilância melhor do que dominas um sonho. Aqui aprenderás a usar certas partes da consciência em benefício do eu total, o que discutirei numa data posterior.

(A Jane disse que era tudo do Seth. Desejei-lhe boa noite em voz alta. Sentámo-nos à mesa e ela indicou boa noite com o ponteiro.)

SESSÃO 25

12 de Fevereiro de 1964

(Esta foi a nossa primeira tentativa de gravar a voz da Jane durante uma sessão. Ainda sabíamos pouco sobre operar o gravador, embora na noite anterior a Jane tivesse gravado com sucesso uma sessão de hipnose em que me ajudou com o problema das costas.)

(Só tínhamos uma bobine de 5 polegadas e, como o material de hipnose também estava nessa bobine, não achámos que conseguíssemos gravar a sessão inteira do Seth, mesmo com técnica de 4 pistas. Mas a Jane montou o gravador, colocou o microfone numa mesa de centro perto do meio da sala e correu uns metros de fita para se certificar de que a voz dela era captada de qualquer ponto da sala. Depois rebobinou a fita, gravou o seu nome, a hora e a data, e desligou o aparelho. Isto ficou feito às 8:45.)

(A esta altura a Jane estava nervosa. Enquanto se perguntava como se sairia esta noite, recebeu o seguinte:)

Ah ha, meu pombo nervoso.

(Para abrir a sessão, sentámo-nos em silêncio à tábua. Assim que tocámos no ponteiro, ele começou a mover-se.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth. Como estás?»)

(A Jane levantou-se. Ligou o gravador e depois começou a andar e a ditar como de costume.)

E boa noite, Ruburt, meu pombo nervoso. Oh, como o ego luta. Está tão certo da sua dominância em todas as coisas. Ai de quem dê a uma personalidade conhecimento da maneira como eu vos estou a dar conhecimento. Oh, como o ego se levanta em armas.

Eu sei muito bem que o vosso brinquedo está a gravar. Isto não me incomoda minimamente. O Ruburt apercebe-se do zumbido da máquina, mas isso passará. E parabéns, meus caros amigos, pelo nosso 25.º aniversário. Estareis muito mais velhos quando eu acabar convosco.

O Ruburt tem andado a queixar-se com altos uivos interiores porque tem dormido até mais tarde de manhã e não cumpriu o seu tempo de trabalho completo esta semana. E, claro, a culpa é minha. Eu é que não tenho culpa nenhuma. Decididamente não serei o bode expiatório da família. É verdade que vos desarrumei o horário até certo ponto, mas não de forma assim tão grande. Como poderiam estar a gastar o mesmo tempo de forma mais proveitosa? A verdade é que o ego preguiçoso arranja desculpas onde pode.

Se usardes o tempo psicológico da maneira que descrevi, hão de verificar que vos dei um presente de tempo, no sentido em que obtereis grande retemperação e relaxamento num curto período de tempo de relógio. E a vossa necessidade de sono será minimizada. Isto implica algum treino da vossa parte, mas é relativamente fácil e deverá vir sem demasiada dificuldade.

Queria abordar a invenção da alma, usando a própria terminologia, alma e espírito considerados a mesma coisa. A dualidade de que falamos é, em grande parte, artificial e mais pronunciada nas sociedades “avançadas”.

Estudos mostrarão que essa dualidade não é um estado natural do homem, pois muitas sociedades consideradas primitivas não a experienciam no grau em que afeta comunidades mais civilizadas. Isto por si só prova que a condição não é pré-requisito para a espécie em geral. Pelo contrário, esse sentido de dualidade atormenta o homem à medida que ele se torna mais inventivo mecanicamente.

(A essa altura, a Jane caminhava rapidamente pela sala, em frente e para trás, passado o gravador. Os olhos dela escureceram e a voz e os gestos mantiveram-se contidos.)

Nem há nada de errado na inventividade em si. A manipulação de camuflagens é de esperar e, aliás, desejável. No entanto, muitas sociedades nativas valorizam as camuflagens e mantêm a capacidade de dissociar o eu total da camuflagem.

Quando falo de todo o ser, refiro-me, claro, à personalidade tal como existe na sua totalidade, dispondo tanto do mundo interior como dos sentidos exteriores. Refiro-me, isto é, ao fazedor, ao motor, ao respirador e ao sonhador como todos pertencentes a um eu total.

Essa designação, porém, não inclui a entidade como um todo. A personalidade tem acesso à entidade, mas a personalidade não contém a entidade. Em outras palavras, o eu total, tal como existe no seu plano, não contém a entidade, embora a comunicação entre a entidade e o eu total possa — e ocorra — por meio dos sentidos internos. Em muitas comunidades primitivas, essas comunicações são aceites como realidade. Na nossa civilização como um todo, não o são. Eu sei que o Rob me vai dizer, meu querido Rob, quando a sua mão estiver cansada, e então interrompemos.

(“Sim.”)

Muita investigação ao longo das linhas da chamada ESP está a ser realizada no mundo ocidental. O facto é que o homem ocidental não só se isolou da sua própria faculdade e de metade do seu próprio conhecimento por insistir numa natureza dual artificial, mas também se isolou das sociedades muito primitivas das quais poderia aprender imenso acerca dessas faculdades, que ele próprio se recusa a admitir.

A sua educação, o seu padrão quotidiano de existência, os seus valores culturais tendem a aprisioná-lo, de modo que só consegue ver outras sociedades através do nevoeiro espesso dos seus próprios equívocos. Se considera um nativo de África, por exemplo, como um supersticioso um tanto imbecil, quase pré-histórico, então não aprenderá nada da faculdade desse homem. Ridicularizará qualquer evidência da chamada ESP por parte do nativo como mais uma prova da mente infantil do africano. Não vou aprofundar este assunto em particular — há, certamente, muito a dizer ao homem ocidental — mas já foi tratado de modo eloquente por outros, e nada se diz sobre as faculdades das sociedades menos civilizadas, por assim dizer.

O facto é que psicólogos e cientistas não podem realmente falar da chamada ESP como abaixo do normal ou acima do normal — na medida em que a espécie está em causa — só porque o homem ocidental encontra tanta dificuldade em usá-la com eficácia. Outros povos conseguem usá-la de forma bastante eficaz. Sugiro que faça uma pausa, e depois farei mais algumas observações sobre o assunto.

(Pausa às 9h27. Anunciei a hora em voz alta, fizemos alguns comentários sobre como estava a decorrer a sessão e, depois, a Jane desligou o gravador. Ela não estava nervosa, como de costume. Tínhamos a máquina configurada para gravar na velocidade mais lenta possível para que a fita durasse. Quando a Jane sentiu o Seth a chegar de novo, ela ligou o gravador, eu anunciei a hora e a Jane começou a ditar. Retomámos às 9h31.)

O problema nas investigações de ESP é que estão a utilizar as ferramentas erradas outra vez. Estão a dar como garantido esse duplo eu. Até perceberem que há um único eu — e não um eu que faz e manipula e outro eu que respira e sonha — não chegarão a lado nenhum rapidamente. Investigações realizadas de acordo com os preceitos científicos estão condenadas, na melhor das hipóteses, a táticas em câmara lenta, e, na pior, ao completo fracasso.

Isso não significa que não possam ser encontradas evidências da existência dos sentidos internos. Significa sim que se deve permitir a espontaneidade. É extremamente difícil relacionar dados recebidos pelos sentidos internos com dados que serão captados pelos sentidos exteriores.

Novamente, na melhor das hipóteses, obtém-se algo como uma imagem espelhada que deve ser decifrada. Isso é bastante difícil de transmitir. No entanto, os dados recebidos pelos sentidos internos terão o seu próprio impacto discernível na personalidade que os recebe, e esse impacto é tão forte quanto qualquer impacto causado por estímulos exteriores.

O facto é que, quando insistem em evidências externas, regularmente aceitam, quase automaticamente desligam o aparelho dos sentidos internos. Isso não é necessário. O homem criou, em grande parte, essa reação de hábito. Não é uma reação natural. Devem considerar os dados internos pelo seu valor nominal, e é isso que não fazem. Depois de darem este primeiro passo de espontaneidade, receberão evidências que até a vossa mente consciente será obrigada a aceitar. Mas o primeiro passo desta disposição tem de ser dado. Se, uma vez, se permitirem receber dados internos livremente, de forma espontânea e sem crítica, verão que estes dados são tão legítimos, válidos e variados, e tão poderosos quanto qualquer estímulo externo. Insistir em traduzir esses dados por canais que só podem primeiro ser captados pelos sentidos exteriores, e depois esperar por dados fortes e não distorcidos, é pedir o impossível.

Mais uma vez, as impressões recebidas pelos sentidos internos são de facto concretas de uma forma que ainda não compreendem. Esses dados também provocam efeitos físicos no cérebro. Do mesmo modo que as impressões de estímulos exteriores afetam o cérebro, elas deixam a sua marca. Mudam a personalidade, como qualquer experiência altera uma personalidade. Insistir em provas em termos externos é tão ridículo como esperar que uma câmara reproduza música.

A música existe e pode ser reproduzida num fonógrafo. Paisagens podem ser captadas por uma câmara. Mas não esperamos que a música saia de uma câmara. Não esperamos que um fonógrafo tire fotografias, mas, enquanto ouvimos música de um fonógrafo, isso não significa, sequer para nós, que as câmaras não registem imagens.

Estamos à espera que os sentidos externos façam algo que não conseguem — receber ou realizar de forma alheia a eles. Queremos que ajam como uma câmara que capta música, e, porque a câmara não capta música, dizemos que a música não existe. Ao mesmo tempo, usando essa analogia fraca da música comparada com o interno, recusamo-nos a usar o fonógrafo — isto é, recusamo-nos a usar os sentidos internos, que estão equipados para lidar com os dados que queremos captar.

É verdade que, como um todo, ainda não compreendem intelectualmente os sentidos internos. A parte de vós que negais compreende-os bem. Mas isso não vos ajuda nesta fase do jogo, e então voltam ao peculiar — mais uma vez — de tentar dissecar o mundo interior com ferramentas exteriores.

É a recusa em aceitar o eu total que causa a dificuldade. Mais uma vez: os dados dos sentidos internos são tão vívidos — e, de facto, mais vívidos — do que quaisquer outros dados que recebam, e a parte irónica é que realmente recebem esses dados internos constantemente. Utilizam-nos constantemente, mas, conscientemente, não aceitam a sua existência.

O próprio facto de respirarem, sonharem e realizarem inúmeras outras atividades sem qualquer ajuda do ego consciente deveria convencer, por si só, até o mais teimoso crânio científico de que há mais a considerar do que a ciência admite. A ideia da mente subconsciente é apenas uma admissão relutante, parcial, de que o homem é mais do que o ego consciente, mais do que a soma das suas partes e mais do que um mecanismo.

Sugiro que façam uma breve pausa, e espero que recuperem todas as vossas peças de novo, os meus dois Humpty Dumptys.

(Pausa às 10h00. Antes de desligar o gravador, a Jane disse-lhe que, se eu conseguisse escrever mais depressa, ela poderia falar mais depressa. Quanto ao seu jejum, andando de um lado para o outro, disse que não era nenhum esforço, que se sentia como se pudesse “desligar-se”. Também não fazia ideia “do que iria dizer a seguir, ou qualquer outra coisa”).

Acho o vosso novo brinquedo fascinante. Eu não tinha nada dessa natureza para brincar, e duvido que o Frank Watts sequer soubesse que existiam gravadores. Eu espero que a minha amiga a Jane tenha feito os ajustes certos.

O ponto que queria abordar antes era que a evidência daquilo a que chamais ESP só será obtida pelos canais corretos. Assim como recebeis prova do som através dos ouvidos e normalmente não esperais ver através deles, também as provas de ESP devem chegar pelos sentidos adequados. Uma das vossas principais dificuldades é não aceitardes como prova qualquer coisa que não seja de algum modo perceptível através dos sentidos exteriores. Ou seja, não considerais uma experiência válida a menos que possa ser demonstrada como realidade física.

Quase toda a gente está, no entanto, familiarizada com outra realidade — a experiência psicológica — que pode não ter um efeito físico observável, mas ainda assim mudar profundamente uma personalidade. Essa mudança de personalidade pode provocar consequências físicas secundárias: o corpo reage às emoções. Mas esses efeitos físicos são posteriores à experiência; a experiência em si não é física sobre o mundo material. Qualquer efeito físico surge depois de a personalidade o experienciar.

Uma morte numa família, por exemplo, é um acontecimento físico. Vários membros da família reagem de formas diferentes, como bem sabeis. A experiência psicológica será intensamente pessoal e imprevisível. Não a podeis observar com os sentidos exteriores: não a vedes, nem a cheirais, nem a tocais. Não a segurais com ambas as mãos para examiná-la; não a

observais de forma objetiva, como observais um lápis numa mesa. Seria tolice, porém, dizer que essa experiência não existe. Ela é vívida e irreprimível, e muitas vezes a personalidade fica quase alheada da ação física por causa dessa experiência psicológica, que não pode ser detetada por instrumentos nem sequer pela própria pessoa envolvida.

Os efeitos físicos que se seguem — o choro, o luto e assim por diante — são, de facto, secundários. A experiência em si não derrama lágrimas, embora o recetor da experiência o faça. Tento mostrar-vos aqui que muitas experiências quotidianas, cuja validade reconheceis pela vivacidade, não são percebidas pelos sentidos exteriores. E, ainda assim, estais plenamente familiarizados com elas.

Os vossos cientistas, com os seus instrumentos, conseguiram induzir emoções como medo e tristeza em alguns ensaios, mas a experiência continua a ser subjetiva e psicológica. Alguns efeitos físicos são observáveis — o pulso acelera, certos produtos químicos e hormonas intensificam-se — mas mesmo esses são secundários.

As emoções aproximam-se mais do que qualquer outro fenómeno da intensidade dos dados internos. Claro que há diferenças significativas, mas, devido à intensidade da experiência emocional, a comparação mantém-se válida. Todavia, nas emoções há, muitas vezes, um estímulo à ação nos padrões exteriores de camuflagem.

Existem tantas gradações e tantos equívocos que, às vezes, fico horrorizado. Até o meu sentido de humor murcha. As emoções pertencem à personalidade — isto é, à personalidade presente — e estão fortemente ligadas tanto ao ego consciente como ao eu interior, que tantas vezes ignorais. Esta parte é difícil de explicar, receio, mas farei o possível.

Se pensardes — por simplicidade — no eu total como existe no vosso plano, com o corpo físico, o ego consciente e o eu interior, como um único campo que também faz parte de uma entidade maior ou mais completa, então talvez não seja demasiado difícil imaginar a conexão — ou uma das conexões — entre o campo da entidade e o campo do eu total, que ocorre através dos sentidos internos. Estes sentidos internos são um dos ligamentos entre esses dois campos.

À medida que esses sentidos internos se tornam cada vez mais parte do vosso plano, assumem mais características desse plano e, portanto, mais características do eu total nesse plano.

No extremo mais distante, tornam-se as emoções, que, por sua vez, também são um ligamento. Espero ter transmitido esta ideia com alguma clareza.

(Pausa às 10h35. A Jane desligou o gravador, não querendo falar até que a sua voz “voltasse” para ela. Às vezes sentia-se assim subjetivamente sobre o Seth assumir a sua voz, embora, externamente, durante esta sessão houvesse pouca diferença. Quando a Jane começou a ditar novamente,

pela primeira vez a voz lhe pareceu um pouco mais alta e mais grave. Retomámos às 10h38.)

As emoções, embora intimamente ligadas ao ego, pertencem também ao que temos o gosto de chamar subconsciente. Mas, por estarem tão entrelaçadas com a vida interior, são comuns ao ego e ao chamado subconsciente.

Elas são mais do que pré-históricas. Constituem, em certos aspetos evolutivos, desenvolvimentos — porções finais dos sentidos internos transformadas, em certa medida, para permitir a manipulação do padrão de camuflagem. Antes de o ego consciente evoluir, a emoção servia bem como estímulo à ação no ambiente camuflado. Tento expor-vos que, à medida que os sentidos internos se aprofundam no campo do eu total, no vosso plano, eles assumem as suas características, mantendo ainda as suas próprias.

Se os seguirdes para trás, por assim dizer, levar-vos-ão ao sentido interior enquanto tal, sendo simultaneamente a mesma coisa. Espero ter sido claro. O que chamais memória racial existe como memória emocional interna experiencial. A linha entre o interior e o exterior não existe mais na realidade do que existe uma linha entre a consciência e a inconsciência. O que designais subconsciente é apenas um ponto de encontro mal definido entre experiência interior e exterior; e sou forçado a usar estes termos apenas por causa do vosso equívoco dualista.

Os campos misturam-se. Queria ainda salientar que os dados dos sentidos internos são tão intensos e vívidos — e muitas vezes mais — do que qualquer experiência psicológica; e, como referi, não podeis examinar uma experiência psicológica num laboratório. Mas até o mais obtuso dos tolos não nega uma experiência psicológica por esse motivo.

O próprio termo ESP resulta dessa dualidade artificial, que faz com que qualquer coisa não percebida pelos sentidos externos seja extra e “acrescentada”, por assim dizer. Mas isso, caros amigos, há de desaparecer. Primeiro, o vosso cientista mais pragmático é obrigado a admitir — como até a Jane sabe — que os objetos sólidos não são sólidos; e o mais interessante deste facto é que os vossos sentidos externos, fiéis, testados e “confiáveis”, são, de facto, adoráveis mentirosos, pois os olhos veem uma cadeira como sólida, quando ela não o é.

Os sentidos externos são, pois, fabricantes do género mais delicioso.

O que fareis quando descobrires que tudo o que os vossos sentidos vos mostram é, numa base mais fundamental, falso? Ireis então deixar de operar num mundo físico de objetos físicos? Duvido muito.

Por outro lado, os vossos sentidos internos são muito mais confiáveis. Os vossos dados internos são muito mais fiáveis. A vossa experiência psicológica é válida, quer as cadeiras sejam sólidas ou não. E os dados

internos e o eu interior que negais são muito mais permanentes, meu caro Rob, e estou a falar-vos como prova.

(Eu ri.

("Eu vejo o que queres dizer. ")

(A CONSCIÊNCIA DE UMA ÁRVORE)

Essa dualidade é tão artificial que é surpreendente que os vossos cientistas não tenham tropeçado na falsa hipótese por trás dela. O que tendes o prazer de chamar de subconsciente representa apenas a parte dos sentidos internos, ou do eu interior, que mesmo na vossa sociedade já não podeis ignorar. E isso é, de facto, apenas a superfície. Aqui encontrais, claro, o repositório de memórias pessoais – e não de uma consciência pessoal ligada ao ego – memórias mas também experiências psicológicas que o próprio ego prefere esquecer.

Se devemos falar de camadas – e, dada a vossa propensão para divisões, suponho que sim –, por baixo disso encontrais as memórias raciais da espécie; aí estão contidos todos os dados evolutivos. Não entraremos nisso agora, pois é verdadeiramente difícil determinar como e porquê, e assim por diante. A evolução começou no vosso plano, para começar.

Este subconsciente é outro elo ou ligação entre os dois campos de que falámos, e, mais uma vez, ao emergir no vosso plano, assume as suas características. É por isso que encontrais memórias pessoais na camada mais exterior, mas o subconsciente alcança também o cerne da entidade.

Se fechásseis a mente e vos recusásseis a ver uma árvore na sua totalidade, nada vos convenceria de que a parte oculta existia. Se tal árvore caísse sobre vós, poderíeis questionar o seu peso, mas encontráreis sempre alguma explicação alternativa em vez da correta. Se alguns indivíduos comessem a ver árvores inteiras, vós chamá-los-íeis de loucos, dir-vos-íeis completamente insensíveis e reivindicaríeis o vosso direito à sanidade.

Mas se esses indivíduos que viam árvores inteiras comessem a comer os frutos do lado oculto, estareis em armas. Chamaríeis a esses frutos “benefícios extra” ou “percepções extrassensoriais”. É apenas um pouco de história da minha autoria, embora eu me alegre em ver um sorriso no Rob.

A própria árvore, de certo modo, é mais sábia do que o homem. Já falámos da consciência interior de uma árvore. Mas a árvore não – e tereis de aceitar estas palavras – divide-se. Uma árvore não se separa num eu que faz crescer folhas e raízes e noutro eu que se deixa mover pelo vento através dos ramos.

Esse eu dual, de facto, não existe em nenhum outro lugar, até onde sei. Voltaremos às razões dessa dualidade mais tarde. A discussão desta noite é importante porque, pela primeira vez, tentei mostrar como os planos ou campos interno e externo estão conectados.

São campos dentro de campos. Na nossa discussão sobre a quinta dimensão, mencionei como a vitalidade do universo flui por diferentes planos enquanto os integra simultaneamente. Assim, também o chamado eu total e a entidade estão ligados, neste caso por padrões diversos, os internos compostos dos mesmos elementos que formam a própria entidade.

Os planos encontram-se de maneira muito real. Fundamentam-se uns nos outros e, por certas leis igualmente reais, parecem manifestar opostos no vosso plano.

A personalidade atual não pode viajar até à entidade completa – de novo, devido a essas leis reais; isto é, enquanto presa ou sob a influência do campo do vosso plano, a personalidade não pode aceder diretamente à entidade. A personalidade pode, contudo, e deve, tomar consciência do eu total de que faz parte, e aquela parte do eu total que o ego ignora é a única capaz de entrar no campo de influência da entidade, embora nunca chegue à própria entidade.

Evitei, no passado, abordar o tema da morte, como sabeis, no vosso plano. Contudo, iniciarei agora essa discussão, ainda que de forma breve. Não o fiz antes porque quis dar-vos primeiro o material de campo.

A morte é a libertação da personalidade do campo físico – e isso é tudo. Para o ego, é um futuro aterrador. Para o ego, até o sono parece uma bofetada. O reconhecimento, na vida física, do eu total faria muito para dissipar esse medo da morte, pois existem experiências psicológicas bastante agradáveis, semelhantes às da morte, que preparariam a personalidade para essa eventualidade.

É apenas o sentido de dualidade que faz da morte algo tão terrível. Quando a personalidade percebe que, mesmo na vida física, não está sempre vinculada a dados materiais, e que a parte mais real dela é independente da matéria, então ela não teme a morte como fim pessoal.

Como de costume, poderia prolongar-me. Sede muito pacientes comigo, até tu, velho pombo nervoso. Se às vezes pareço impessoal, é apenas porque há muito material que desejo transmitir. E assim, meus caros amigos, agradecendo a vossa boa vontade e considerando as limitações humanas, declaro encerrada a sessão, para meu pesar.

SESSÃO 26
(ACERCA DA EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA
E DO UNIVERSO DE SONHO)

8 de Fevereiro de 1964

(Esta sessão não tinha sido esperada pela nossa parte, e teve lugar sem a utilização da prancheta Ouija. Uma vez que o Seth tinha declarado que as sessões não programadas seriam uma exceção, a Jane e eu aguardávamos a sessão marcada para o dia seguinte, Quarta-feira.

(Eu tinha conseguido tratamento para as minhas costas e agora sentia-me bastante melhor. Cerca das nove da noite a Jane e eu estávamos a tomar um lanche quando John Bradley telefonou. John é o dono da drogaria que nos tinha visitado por altura da sessão 21.

(Como nos encontrássemos os três sentados à mesa a bebericar vinho e a debater o Seth, a Jane começou a sentir-se cutucada de vez em quando por parte do Seth. Será de recordar que durante a sessão 21, Seth queria que o John ficasse para presenciar na qualidade de testemunha. Mas esta noite, como estava a ficar tarde, e eu tinha dúvidas quanto à capacidade que teria para acompanhar o ditado, pensei que fosse melhor deixarmos passar a oportunidade. Também pensei que a Jane devia estar excessivamente cansada. O John ofereceu-se para ir embora, mas eu disse em voz alta que seria melhor esperarmos pela hora marcada da sessão.

(Esta declaração, segundo me informou a Jane, deixou o Seth a “ferver de raiva.” Ela insistiu que eu arranjasse papel e caneta, para termos uma sessão naquele instante com o John enquanto testemunha. Assim teve início a sessão. No seu final encontrarão uma cópia da declaração datada e assinada do manuscrito que o John Bradley fez enquanto testemunha.

(Ao longo desta sessão a voz da Jane foi bastante mais forte e um pouco mais profunda do que o costume. Os olhos dela escureceram conforme o habitual, o ritmo foi lento. Mais tarde disse-me que no início estivera bastante nervosa, já que essa tinha sido a sua experiência debutante diante de uma testemunha. Além disso, tivemos mais luzes acesas do que o costume, o que inicialmente a incomodou. Mas logo a sensação passou.)

Vós sois excelentes mestres, devo admiti-lo. Contudo, Joseph, conquanto admita que surjo sem ter sido convidado, e conquanto compreenda a razão para a ausência da noite passada, tinha como certo que esta noite teríamos a nossa sessão normal. E acho muito descortês da tua parte que me restrinjas deste modo.

Afinal de contas as nossas sessões são importantes, e não são para serem postas de lado segundo a disposição do momento. Conforme o

Ruburt (a Jane) te disse, eu estive aqui à hora marcada na noite passada e tive consciência do sucedido em casa. Claro que estava perfeitamente disposto a abrir mão da sessão na noite passada, ao compreender as circunstâncias.

Esta noite, todavia, foi diferente. Foste cortês com o vosso convidado e eu saúdo a sua presença. Contudo, não foste tão cortês comigo. A Jane estava duvidoso quanto a ter a sessão diante de uma companhia presente. No entanto estive disposto a dar-me ouvidos independentemente disso, e preciso admitir que de forma nenhuma consigo compreender o facto de me teres interrompido de uma forma tão brusca.

Sabes que não coloco objeções à presença do vosso amigo, já que o tinha declarado anteriormente. Quanto a essa questão eu acolho com prazer uma testemunha, e é tempo de terem uma – para vossa própria edificação, não minha, e por poder fazer algum bem ao meu pombinho nervoso que é a Jane.

Eu queria responder de alguma forma à pergunta do vosso amigo sobre a evolução. Todavia, devo fazê-lo à minha maneira como de costume. Mais tarde falarei acerca da noite passada e sobre as reacções que tiveram.

Quando falam de evolução, e quando o vosso amigo colocou a pergunta, pensais nos termos da evolução humana, claro está. Isso, em si mesmo, constitui uma expressão do dualismo de que falei. Claro que a evolução não se aplica apenas à espécie humana, e como eu afirmei a consciência no vosso plano existe em todas as coisas. Quando o vosso amigo colocou a pergunta ele estava, creio bem, a referir-se à altura em que a “consciência de si” terá penetrado na chamada forma inerte.

Já sabem agora que a chamada forma inerte possui consciência. Até certo grau possui mesmo autoconsciência, e assim não existe um ponto em que a autoconsciência tenha entrado, como quem diz, ao som das trompetas. Até certo grau a consciência era inerente à materialização física verificada neste vosso plano.

A consciência de si entrou muito pouco tempo depois, mas não aquilo com que se satisfazem em chamar “consciência de si.” Decerto que não me agrada ferir-lhes o ego deste modo. Todavia, o facto é esse, mas consigo ouvi-los a bradar chocados, com a diferenciação inexistente entre os diversos tipos de autoconsciência.

Vós ou tendes consciência de vós ou não. E por regra, a autoconsciência existe no vosso plano. Uma árvore tem consciência de si enquanto árvore. Não pensa em si como uma rocha. Um cão sabe que não é um gato. O que estou a tentar assinalar-vos com isto é a presunção egotista suprema de que a consciência de si deva necessariamente envolver a humanidade por si só. Não envolve.

Se estou a responder à pergunta do vosso amigo com rodeios é somente, meu querido Joseph — e ainda te trato por meu querido Joseph embora tu escassamente o mereças — e somente por haver coisas que sinto serem necessárias aclarar antes da pergunta poder ser respondida ainda que com uma pitada de correção.

A chamada consciência humana não surgiu subitamente. O nosso pobre difamado amigo “macaco” não apareceu repentinamente a bater no peito de exaltação e a clamar “Eu sou um homem.” Não existiu nenhum momento assim e essa, se me desculpares o trocadilho, é a minha questão.

Os começos da consciência humana, por outro lado, tiveram início tão pronto se começaram a formar agrupamentos celulares em padrões de campo de uma certa complexidade. Conquanto não tenha ocorrido nenhum ponto específico de entrada quanto ao que diz respeito à consciência humana, existiu uma altura anterior em que a consciência humana como tal não teve existência. A autoconsciência existiu. A consciência de ser humano nos vossos termos achava-se completamente desenvolvida no homem das cavernas, contudo — e não consigo enfatizar isto o suficiente — a conceção humana achava-se viva no peixe.

Tudo isso envolveu a ideia de — hesito em referir “avanço” — mas uma ideia de mudança ao longo de certas linhas. Falamos de genes mentais. Eles são mais ou menos modelos psíquicos para a matéria física, e nesses genes mentais achava-se o padrão para o tipo humano de autoconsciência. Todavia, ele não surgiu construído, ou seja, numa forma criada, durante um longo período do tempo físico, e já discutimos o tempo psicológico como parte do que chamarei por ora de sentido interior de tempo.

Essa autoconsciência humana existiu no tempo psicológico e no tempo interior muito antes de vós enquanto espécie o terem criado nos termos dos vossos padrões de camuflagem particulares. Em favor do vosso amigo, irei simplificar a questão, dizendo que a consciência humana era inerente e se achava latente desde o início do vosso universo físico.

Agora sugeriria um intervalo, mas não te desfaças em pedaços de novo. Estendo-te esta ligeira prova do meu humor apenas para mostrar que afinal de contas não sou dos que carregam rancores.

(John Bradley referiu que o Seth, à medida que ia falando, começou a responder cada pergunta que lhe — ao John — acudia à mente. A Jane e eu sugerimos que ele redigisse uma declaração acerca da sessão, na qualidade de testemunha. O intervalo terminou quando o John, que tentava diferenciar os nomes da entidade (essência) e os da personalidade, se questionava sobre como haveria de se dirigir ao Seth na sua declaração.)

Tu podes chamar-me Seth, John, embora caso estejas interessado, o teu nome da entidade é Philip. Por seres uma excelente testemunha Philip, mas por também te ter conhecido no passado preciso admitir que te

considero um velho amigo, e em certa medida vamos renovar o nosso conhecimento.

Sempre me delicio, se me perdoares, em surpreender as presentes personalidades e conhecidos dando-lhes a saber que os conheci antes. É uma falha que tenho, mas de que sinto prazer. E tu, Philip, foste duas vezes mulher e uma vez um Mouro de uma estatura considerável, assim como a personalidade que viveu em Boston de que te dei conta.

Os nossos caminhos cruzaram-se muitas vezes, e foi por isso que te quis aqui, e a razão por que calhaste de ir à galeria em que a Jane está empregada. Não que o livre-arbítrio não se ache envolvido, porque decerto se acha. É só que os velhos amigos têm um jeito de se encontrar. Mas eu não brincava ao dizer que tinhas uma predisposição para a gota, por também teres sido lascivo a teu jeito.

(Eu ri, e disse: Como eu?)

É verdade, como tu, meu querido Joseph. No teu caso, Joseph, e já te disse isto muitas vezes, tu atualmente contrabalanças por causa da, digamos, corpulência passada, com uma estética bastante desnecessária e uma atitude autopunitiva. O Philip, por outro lado, não realiza compensações dessas, exceto numa vez em que escolheu uma esposa com bom aspeto, e por conseguinte, se permitiu trata-la com amabilidade.

(Agora era a vez do John se rir. Nem a Jane nem eu chegamos a conhecer a mulher dele)

Quando foi mulher encontrou-se numa posição diferente, e caso me seja permitido distribuir gratuitamente segredos, ela foi espancada por um marido casmurro com focinho a combinar.

(Eu tentei conduzir o Seth adiante)

(Quando foi que isso aconteceu?)

Isso sucedeu na Bélgica — mas eu não me vou deixar que me passes uma rasteira, meu caro Joseph — foi na Bélgica em 1632, e o nosso Philip num caso bastante sensacional para a época, na verdade levou esse marido a uma corte da vila, um acontecimento particularmente invulgar na altura. O nome dela era Yolanda Schravansdatter.

(Espera — vamos ver com isso se soletra)

(A Jane tinha deixado escapar essa estranha entoação do nome de tal modo rápido que perdi o jeito de tentar anotá-lo. O Seth amavelmente soletrou-mo letra a letra)

Ela (ele) na altura estava com 33 e tinha sido apanhada num ato, digamos, de indiscrição, pelo qual tinha sido injusta e injustificavelmente espancada. Mas atualmente, enquanto John, está familiarizado com o marido anterior num relacionamento de negócios.

Devo admitir que isto nos leva muito para fora da discussão da evolução.

É importante que combinem este material evolutivo com a informação anterior respeitante aos sentidos interiores. Os sentidos interiores foram sempre de uma importância primordial no desenvolvimento evolutivo, representando o ímpeto por detrás das formações físicas; e elas próprias, por meio da utilização de enzimas mentais, imprimiram a informação contida nos genes mentais na camuflagem física material.

Eu torno-me impaciente, embora não o devesse, com esta insistência implícita de que a evolução envolva apenas a espécie humana, ou melhor, com o facto de toda a evolução dever ser considerada como uma árvore gigantesca com a humanidade como o seu desabrochar supremo.

O chamado desabrochar supremo da humanidade é o ego humano, e por vezes representa de facto um desabrochar venenoso. Conforme disse antes, o ego nada tem de errado. Contudo, a questão persiste em que o homem se deixou fascinar de tal modo com a consciência do ego que ele passou a ignorar a parte dele próprio que concede ao ego os próprios poderes de que tanto se orgulha conscientemente.

Existe por detrás do ego um Eu mais vigoroso e mais vívido. Existe mesmo um Eu mais consciente de si em relação ao qual ele permanece na ignorância. Mas uma vez mais, conforme disse, a comprovação desse Eu pode ser e será acolhida.

Vou passar a isso dentro de poucos instantes. Uma vez mais sugiro um intervalo, e espero não te ter deixado de rastos, embora seriamente duvide disso; em particular no teu caso, Joseph, já que o teu mecanismo protetor é tão sólido quanto um muro de tijolos.

(Durante o intervalo, a Jane comentou que enquanto transmitia este material perdeu de novo controlo dela própria e do ambiente por completo. Não teve consciência do John, de mim, ou da sala. Esta tinha sido a primeira vez que tinha alcançado tal profundidade desde a 23ª sessão. A Jane tinha, evidentemente, cruzado o olhar com o meu várias vezes enquanto passeava para a frente e para trás lentamente; a voz dela tinha ecoado com intensidade)

Vou fazer por que esta seja uma sessão curta e não vos vou empatar por muito mais tempo. Contudo, precisas admitir que adotei um desempenho estupendo, e que poderás esperar um desempenho ainda melhor diante do editor da Jane quando ele chegar.

Eu queria esclarecer uma questão, mas antes, não há como uma testemunha para convencer a minha querida Jane nervosa de que eu sou eu, e não ele, ou seja, a Jane; como uma boa evidência de telepatia, conforme no caso do John, esta noite.

(Ver a declaração que o John Bradley fez no final da sessão)

Tampouco devia o Philip esquecer o que lhe contei, no que toca à predisposição para a gota.

Ora bem, o que eu queria esclarecer é, uma vez mais, conforme disse, do mesmo modo, que a experiência psicológica é real e vívida e, no entanto, não pode ser vista nem tocada nem examinada nos vossos laboratórios, tal como a informação interior proveniente dos sentidos internos é vívida, embora não possa ser vista nem tocada.

Tal informação interior deixa a sua impressão no cérebro físico e altera a personalidade conforme qualquer experiência. Em muitos casos essa experiência interior fica retida na memória das vossas células. Se por uma vez que fosse demonstrassem, e por esta vez, Joseph, não me refiro a ti em particular, se por uma vez que fosse demonstrassem abertura e disposição para aceitar tal informação com base nela própria, sem insistirem numa comprovação da parte dos sentidos vulgares, então e somente então disporiam de uma comprovação que os sentidos externos poderiam reconhecer.

Isso envolve, para início de conversa, uma tarefa quase impossível. Os dados informativos provenientes dos sentidos interiores são vívidos, fiáveis, e deixam uma impressão na consciência do indivíduo. É a insistência que fazem em traduzir este material em termos físicos que lhes causa dificuldades. Não insistem em ver, sentir, nem tocar uma experiência psicológica, e ainda assim não dizem que uma experiência psicológica não exista por não a conseguirem segurar nas mãos.

Porque insistirão, pois, em que a experiência interior tal como a telepatia ou a premonição não exista por causa de não a poderem segurar nas mãos? No entanto, em muitos casos que tais podem ser corroborados por outros de um modo por que uma experiência puramente psicológica não pode ser corroborada.

Não há forma de medirem a experiência interior, ou antes, a experiência psicológica de alguém que tenha perdido um amigo pela morte, mas não negam que tal experiência tenha lugar. No entanto, se duas pessoas virem, nos vossos termos de ver, a mesma aparição, então imediatamente precisaremos falar em termos do peso da aparição vista, da cor dos olhos.

Para qualquer dessas chamadas percepções extrassensoriais insistem duas vezes numa comprovação, e sob circunstâncias em que a comprovação se torna vívida nos seus próprios termos, e precisa ser traduzida primeiro pelos estranhos sentidos externos, antes de as aceitarem, sentidos esses que simplesmente não estão equipados para os receber. Isto é para edificação (aperfeiçoamento) do Philip, espero eu.

Não estou a dizer que não deviam confiar na evidência dos vossos sentidos; estou à espera que digam isso. Sabemos que as nossas chamadas mesas não são sólidas. Até mesmo a vossa ciência sabe disso atualmente, mas ainda assim os vossos olhos percebem a mesa como sólida. Encarem o facto, minhas queridas beldades: Os vossos sentidos mentem. A mesa

consiste num conglomerado de átomos e de moléculas em rápido movimento, mas vós percebei-la como uma mesa, e sólida. Os vossos sentidos, e uma vez mais isto destina-se a uma atualização do John-Philip, os vossos sentidos são tutores de um mundo físico de camuflagem que é criado pelo Eu interno por meio das enzimas mentais num padrão estabelecido pelos genes mentais.

Estais a lidar com camuflagem. Os vossos sentidos externos constituem tutores da camuflagem, e a mesa em que repousas as mãos não é sólida. Isso não quer dizer que os vossos braços caiam subitamente ao chão. Quer dizer que mesmo a vossa ciência está a descobrir a existência do mundo interior, o qual será incapaz de negar por muito mais tempo.

Por eu dizer que vós criais o vosso universo físico da mesma maneira e de forma igualmente automática e inconscientemente como criais com um padrão de vapor da respiração sobre um vidro, isso não quer dizer que criais tudo quanto existe. Quer unicamente dizer que vós criais o vosso ambiente físico. E se me for concedida permissão, Joseph, encontrar-nos-emos amanhã à noite para abordarmos outras questões.

O John/Philip tem razão, e a nossa marcação deve manter-se. Pessoalmente não faço qualquer objeção a uma sessão extra para o editor da Jane, mas não tolero menos de duas sessões por semana, exceto por circunstâncias que estejam além do vosso controlo.

Tivesses tu sido mais útil nas circunstâncias da noite passada e não terias precisado dirigir as tuas emoções para dentro de uma forma autodestrutiva. Eu sou-te tão afeiçoado meu Joseph teimoso que me causa severa dor ver-te a fazer um uso indevido de ti. E quanto à força altaneira da Jane, não dependas tanto disso, por uma força altaneira mais débil nunca eu vi.

E por agora, meus queridos amores, uma boa noite.

(Boa noite, Seth)

(Não utilizamos o tabuleiro para dar as boas noites ao Seth, e uma vez mais, a Jane ao proferir o material anterior não teve consciência do ambiente; ela “regressou,” tão logo a sessão cessou.

(O John Bradley terminou a declaração de testemunho, assinou-a, e partiu para Corning, N.Y., onde tinha alugado um quarto de motel. Ele pediu uma cópia da sessão com a ideia de possivelmente tentar verificar a informação fornecida pelo Seth respeitante às suas vidas passadas.

(Receio ter feito algumas reclamações meio humoradas acerca das reações que o Seth fez à tentativa que fiz de adiar a sessão desta noite; quero dizer, não creio que tenha sido tão indelicado quanto a isso. Contudo, concordei com a interpretação que o Seth fez quando ao ataque de câibras que sofri, e fiz a observação de que provavelmente iria ter que o aturar igualmente na noite de quarta-feira.

(Ao passar pela sala de estar antes de me preparar para a cama, surpreendi-me por ver a Jane de pé e em silêncio diante da secretária dela. A olhar-me fixamente, apontou de seguida para uma caneta e papel que tinha evidentemente colocado ali na secretária. Ao me sentar para escrever ela começou a ditar.)

Meu caro Joseph, uma palavra apenas: Eu não te deixaria com a impressão de que eu esteja verdadeiramente descontente, ou que te julgue injustamente. Não quero que firas os sentimentos da Jane, e até agora evitei declarar isso; contudo, por razões puramente emocionais eu tenho estado mais envolvido contigo em casos anteriores. Mas conheço tão bem os teus recursos que quando pareço severo é somente devido a que deseje a tua felicidade e sucesso.

Suponho que julgamos aqueles que amamos de um modo mais áspero, mas eu devia saber e por esta vez tens o meu pedido de desculpas. Penso muito bem de ti. Não tenho a intenção de te pressionar demasiado, e certamente que não tenho a intenção de te levar a sentir incompetente ou incapaz seja por que meio for. A tua representação está igualmente muito próximo do excelente.

A Jane captou umas comunicações da noite passada. Uma que ela não captou com clareza foi a de que tu encontras algum consolo no facto do teu ser total não ser tão profundamente afetado pelos teus pais atuais quanto poderias supor, mas eu prometo-te que te ajudo a alcançar liberdades importantes adicionais de quaisquer más influências nestes moldes, de uma maneira que te permitirá ajudá-los sem te prejudicares.

Boa noite, meu caro Joseph, e de novo as minhas desculpas.

(Posteriormente, a Jane disse-me que há algum tempo que sentia que o Seth se achava mais emocionalmente envolvido comigo do que com ela. Todavia, ela jamais tinha mencionado isso, tanto quanto me recordo.

(Finalmente na cama, a Jane recebeu duas breves notas da parte do Seth, bastante incompletas. A primeira dizia respeito ao tempo condensado, quero dizer, no que poderá ser uma fração de segundo para a entidade, a personalidade encarnada experimentará uma duração de tempo de, digamos, 70 anos. A segunda nota era uma espécie de brincadeira: Só pelo facto do Seth se ter desculpado, não devia tornar-me num convencido.

(Cópia da declaração feita por John Bradley, em 18Fevereiro de 1964 — 26ª sessão

Eu, abaixo assinado, por este meio declaro que estive presente na sessão supra citada. Comigo estiverem as entidades por intermédio de quem o Seth falou.

Nesta sessão, o Seth falou sobre a minha vida passada, e atribuiu os meus presentes padrões de vida às lições aprendidas nas minhas existências anteriores. Facto demonstrável de imediato é que durante a

sessão a Jane (Ruburt) falou com uma voz mais profunda do que o costume, e com um acento definitivamente de Boston em certas palavras. Antes da sessão começar, em conversa, fiz uma pergunta ao Robbie (Joseph) que envolvia a questão da existência contínua ao contrário da evolução. O Seth respondeu à minha pergunta e enquanto me dava uma resposta generalizada, outras perguntas relacionadas afluíram-me à mente, as quais por sua vez viriam de imediato a ser respondidas pelo Seth. Isso ocorreu com tal frequência que por volta do final da sessão, sempre que pensava numa pergunta sentia uma confiança imediata em que viria subsequentemente a ser respondida.

(John J. Bradley)

Jane

(Nos dias seguintes fartei-me de pensar. Enquanto trabalhava na galeria, ou no meu livro, ou enquanto fazia as minhas tarefas de casa, a última sessão não parava de me vir à mente. Se o Seth tivesse lido a mente do John, isso representaria um excelente progresso. Caso não tivesse, então o John ter-se-ia iludido a ele próprio, e o Seth teria cooperado e teria tirado partido da fraude. E se o Seth não passasse de uma personificação do meu subconsciente, então isso seria um excelente exemplo de fraude subconsciente.

“Tu estás a degradar-te quando tens pensamentos desses,” disse-me o Rob, quando lhe contei.

“Para ti é fácil falar,” retorqui eu. Não tenho propriamente problemas com um subconsciente travesso, mas um enganador já é outra coisa.

“Pensas que o Seth seja enganador?” Perguntou o Rob. “Se pensas, devias desistir da coisa toda.”

“Não. Muito embora creia que a telepatia seja possível. . . . Não consigo pensar que num estado de transe, por intermédio de mim, uma outra personalidade leia a mente de mais alguém — é isso!” Disse eu. “Eu pus o dedo na coisa. Além disso, não gosto que o Seth te leve te chame à atenção em frente do John. E isso levou-me a questionar se eu não estaria realmente mais muito mais perturbada do que pensava estar por não teres ajudado relativamente à Miss Cunningham, na outra noite. Que coisa adorada e sorradeira de fazer! Ter uma segunda personalidade a dar-te como o diabo — e diante de companhia — comigo supostamente em claro, sem assumir qualquer responsabilidade por tudo.”

“Mas aí, deverias ocultar a coisa toda de ti própria,” opôs o Rob. “Jamais suspeitarias.”

“Sim, sim.” Disse eu, à beira das lágrimas. “Mas talvez eu seja esperta demais para meu próprio bem.”

“Porque não poderás simplesmente aceitar a palavra do John acerca disso?” Disse o Rob.

Eu olhei para cima. “Não sei. Mas a ser verdadeiro, então estamos realmente envolvidos em algo com um potencial fantástico. . . . e de certa forma único. . . . e isso soa demasiado egocêntrico. . . .”

Neste período particular só tínhamos tido vinte e seis sessões do Seth e do material do Seth – e até agora, nenhum material comprovativo; não havia nada que prosseguir exceto a nossa experiência e fé em nós próprios. Sempre confiara em mim própria enquanto escritora. Na qualidade de psíquica, senti-me achei-me em chão trêmulo durante um tempo. Contudo, o Rob sempre conseguia ajudar-me a colocar as coisas em perspectiva, e desta vez, ele voltou a ajudar-me a manter a fé em mim própria e nas minhas capacidades.

Durante os dias seguintes, recuperei o meu estado de espírito positivo. Por várias vezes, clarões de conceitos acometeram-me enquanto me encontrava a fazer a limpeza da casa — padrões de pensamento subitamente intrusos acompanhados por uma sensação de iluminação intelectual e emocional. Nessas alturas sentia que uma nova informação estava a “surgir na minha cabeça,” ou melhor, em todo o meu ser. E eu sabia que, mentalmente, apenas retia parte disso. Essas experiências levaram-me a aceitar o episódio da telepatia da última sessão, embora ainda não estivesse certa do agente que tivera envolvido.

SESSÃO 27

(SENTIDOS INTERIORES)

19 de Fevereiro de 1964

(Às 8h45, a Jane estava nervosa, mas não tanto quanto de costume. A 26ª sessão com o John Bradley como testemunha tinha-lhe feito muito bem; em especial teve o efeito da telepatia aumentou-lhe a confiança. A Jane acatou isso como um sinal de que ela está a usar quaisquer habilidades que ela possa ter, e não está a praticar fraude subconsciente.

(A Jane também relatou que duas vezes nos últimos dois dias ela recebeu “clarões” na terceira pessoa, no sentido de que a nossa cama, temporariamente situada na sala de estar, deve ser transferida para o meu estúdio vazio na parte de trás do apartamento se ainda aqui estivermos no próximo inverno. As mensagens eram no sentido de que “as energias psíquicas da Jane podem ser perigosas se ela [Jane] viver toda a sua vida num quarto.”

(A Jane disse que esses clarões lembraram-lhe as declarações que fez sobre conceitos ou padrões como uma unidade inteira, feitas durante a 24ª sessão. Ver a página 177. Ela acredita que o Seth vai nos dar muito mais informações sobre esse método de recepção de informação.)

(Às 8:50 a Jane sentiu uma agitação definida da parte do Seth, o que lhe agradou porque ela não precisava interrogar-se como ela se sairia nessa noite. Eu tinha o tabuleiro preparado, pronto para a abertura da sessão. Mas às 8:55 a Jane surpreendeu-me ao começar a ditar. Mas, mais uma vez, não usamos o tabuleiro para abrir uma sessão. A Jane começou a andar bastante rápido.)

Boa noite, meus fofos.

Há muitas coisas que lhes quero dizer esta noite, e desejo deixar que saibam que vocês fizeram certos avanços. Por um lado, vocês podem dispensar o tabuleiro. Vocês não precisam mais dele. Foi importante no início, mas depois serviu apenas para perturbar a Jane.

Estava no caminho e ela ficou à espera do exato momento mais favorável de o dispensar e de falar por mim, pelo que ela realmente ficou ansiosa. Foi uma necessidade para vocês os dois no começo, no entanto. . . mas não abram mão dele - isto é, não o devolvam. Tem valor sentimental, e para mim também.

(A Jane e eu divertimo-nos bastante com o conselho cavalheiresco do Seth para mantermos o tabuleiro. Mas depois nós nunca lhe dissemos que estas sessões tiveram início com um tabuleiro emprestado. Pertence ao nosso senhorio, James Spaziani.)

Há tanta coisa que eu quero dizer. Quando o vosso treino estiver mais avançado, muito mais avançado, poderemos tomar certos atalhos. É-me difícil ter que distribuir este material por palavras, para tu o registares. Vê bem, é-lhes possível, em teoria, experimentar diretamente um conceito-essência do material em qualquer sessão da noite.

Tal como acontece com toda informação interna, tal experiência seria muito mais vívida do que o nosso procedimento atual. Contudo, envolveria a utilização da maioria, se não todos, os sentidos internos em operação como todo um campo de cognição. Entendeste-o?

A operar como um campo de conhecimento completo.

("Sim.")

É claro que ainda não podes realizar tal conquista, mas espero que um dia possamos alcançá-la. Tanto quanto eu sei, isso não foi tentado em tal escala, mas apenas porque todas as circunstâncias pré-requisitos não foram satisfeitas. Quanto a outro avanço que vocês conseguiram, além de dispensar o material - e esse avanço tem que ver com os chamados clarões que a Jane recebeu entre as sessões - ele alcançou um estado no qual pode receber mais prontamente dados internos da minha parte. Mas, além disso, ela agora é capaz de, em alguma pequena maneira, entrar em contato comigo. Ou seja, eu entrei em contato convosco no passado, e agora vocês estão a ganhar a capacidade de entrar em contato comigo, e este é um passo à frente da vossa parte.

(“Isso aplica-se a nós os dois, ou apenas à Jane?”)

Essa capacidade também está a assomar da tua parte, Joseph, e no teu caso espero que venha a envolver o que tu chamas de informação visionária. Contudo, ainda estamos envolvidos com traduções. Tu, Joseph, traduzes a comunicação em forma visual. Tempo virá, muito mais tarde, em que permitirás que tal material entre no teu estado consciente diretamente - isto é, sem a necessidade de o projetar visualmente, já que aqui uma certa quantidade de distorção está quase sempre presente. E aqui uma palavra acerca deste material. A mente de Jane é excelente, e presta-se bem ao atendimento das nossas necessidades neste momento. Existe um acordo recíproco aqui, e um dar e receber que é diferente da ideia de invasão do vosso amigo.

(“Que amigo?”)

O Philip.

Uma razão para o sucesso das nossas comunicações reside nas capacidades peculiares presentes em vós os dois e na interação entre elas, e o uso que vocês dois me permitem fazer delas. O intelecto da Jane tinha que ser de alta qualidade. O consciente e inconsciente dela tinha que estar familiarizado com certas ideias para começar com, para que a complexidade deste material fosse transmitida.

No início, por exemplo, há sempre uma distorção do material por parte da pessoa que o recebe, pelo menos ao nível subconsciente superior. Assim, um indivíduo cujos preconceitos pessoais sejam mínimos é excelente. Se por exemplo os preconceitos da Jane estiverem em linha com o que não contradiga com o que eu sei ser verdade, então tanto melhor, e resultará muito menos resistência.

Deve haver necessariamente no começo uma distorção, mas isso vem por causa do dar e receber entre nós. Se as nossas comunicações envolvessem, ou se qualquer destas comunicações envolvesse invasão, não haveria distorção porque o indivíduo assim invadido seria eliminado. E isso não é possível. Quando estiveres cansado, vamos fazer um intervalo, ou podes andar pela sala, Robert. Sentes-te confortável?

("Sinto.")

Agora, as pessoas que acreditam fortemente nas vossas religiões organizadas estão acostumadas a pensar em termos de um mundo interior. Por isso muitos deles foram recipientes de informação interna proveniente de outros como eu. Eles são dotados de uma prontidão para ouvir, por um lado, e de uma faculdade útil para suspender o pensamento lógico de camuflagem. No entanto, isso envolve desvantagens que eu não gosto de defrontar.

Material como este é crivado através de muitas camadas de concepções subconscientes, e é posteriormente tingido. Pessoas que acreditam fortemente nas vossas religiões organizadas tingem o material de uma maneira altamente desvantajosa, e que infelizmente muitas vezes contribui para as superstições existentes. O espírito da Jane, acredites ou não, é muito parecido com o meu; embora, se é que me perdoas, de uma forma muito restrita, pelo que as distorções são muito menos distorcidas, muito menos prejudiciais e mais facilmente descobertas e eliminadas. É melhor fazeres uma pausa.

(A Jane disse que Seth estava forte esta noite, e estava aparentemente bastante satisfeito. A Jane tinha consciência do entorno, mas ainda se sentia como que a “decolar.” Ela estava a andar num passo muito acelerado, mas tinha a voz um pouco mais forte do que o habitual.

(Discutimos a confirmação de Seth sobre o sentimento da Jane sobre conceitos da essência. Quando o intervalo terminou, perguntei à Jane se lhe seria possível, quando a sua capacidade de receber esses conceitos fosse mais desenvolvida, escrever em que consistia o conceito.)

A Jane nunca irá fornecer o material de maneira sentada. Como eu disse, o ser humano é mais do que a soma das suas partes, e vocês os dois juntos são mais do que apenas vocês os dois, e vocês juntos fornecem o poder necessário para que estas comunicações ocorram. Mas eu não quero ir mais longe e abordar isso agora. O procedimento permanecerá o mesmo

durante um bom período de tempo. As mudanças não ocorrerão até que vocês estejam prontos e preparados para elas, mas o material há de prepará-los.

Não posso ir mais longe agora por ainda não lhes ter dado os princípios que isso envolve. O que teremos quando isso suceder é uma *gestalt*, sem diminuição da vossa individualidade, mas uma fusão que suscitará maiores capacidades. A sensação que tiveste na outra noite Joseph é um estágio inicial de tal desenvolvimento, assim como os conceitos da essência da Jane. Tu experimentarás informação interior a todo vapor, por assim dizer, e de modo tão vívido que será a sua própria evidência. E eu quero dizer evidência que não convencerá nenhum indivíduo inteligente.

Nem sempre seremos tolhidos pela necessidade das palavras. O livro da Jane,

Idea Construction, mostrou-me o facto de que ela e eu poderíamos trabalhar juntos. Nenhum de vocês são canais vazios a ser preenchidos à vontade pelas minhas comunicações.

(Tive que pedir à Jane que repetisse as últimas palavras do parágrafo acima.

Assim que o fiz, aconteceu uma coisa surpreendente: a Jane começou a falar numa voz muito alta e vibrante. Era como se de repente ela tivesse recebido uma taxa extra de energia. Essa voz forte, mas não especialmente profunda, persistiu, mas caiu um pouco em volume após algumas centenas de palavras. Apresentava uns olhos muito escuros.)

Nas minhas operações no vosso plano, preciso usar os materiais disponíveis, mas apesar de quaisquer ideias em contrário, isso envolve um dar e receber com todos os envolvidos. Eu sei que tu estás à espera de ouvir mais sobre a tua função específica, mas lembra-te que ainda estamos condenados ao uso das palavras, e a Jane só pode dizer um tanto de cada vez.

Outros menos perfeccionistas do que eu contentam-se com uma maior distorção. Eu não. O '*Idea Construction*' da Jane foi bastante surpreendente. Os sentidos internos forneceram-lhe muito, mas mesmo assim as ideias contidas representavam uma conquista da mente consciente. Fui atraído por isso para perceber que vocês estavam prontos para mim. Tu Robert, eras necessário, mas tínhamos que ter esse tipo particular de intelecto intuitivo que também poderia lidar habilmente com palavras antes que pudssemos realmente começar; e levou muito tempo à Jane a atingir

esse estado por causa dos problemas conscientes e das suas relações familiares e da preocupação com ela, que a travavam.

(Aqui, a Jane riu.)

Agora há muitas associações que eu quero estabelecer, e ainda assim tantas observações pessoais que quero fazer, que fico ainda mais impaciente com a nossa ainda distante libertação das palavras. Em primeiro lugar, pessoalmente: tu, Joseph, adquiriste uma sensação injustificada de inferioridade no que diz respeito não apenas às relações que tens com os teus pais, mas também em relação às relações que tens com o mundo exterior; e até mesmo, por razão desconhecida, com as relações que tens com o teu próprio talento.

Tu és extraordinariamente talentoso e certamente deverias estar subconscientemente ciente disso, bem como ter um orgulho consciente e justificado disso. Confia nessa capacidade. Tu nunca irás à falência - acredito que esse seja o termo - uma vez mais, pelo menos não me nenhum grau severo.

Só esta experiência comigo trará benefícios financeiros, mas não porque tu naturalmente gostasses que assim fosse, mas porque te estares a expandir, e por causa de algumas outras causas aliadas. No que diz respeito aos pais, enfrente-o. Tu estiveste sobrecarregado com outros bastante problemáticos, e por razões que vou entrar nisso em algum momento posterior; mas que não envolve culpa de nenhum tipo.

Tu não tiveste problemas com os pais no passado, e meu caro ió-ió, foste um excelente pai para mim certa vez, e se é que o posso dizer, certa vez eu fui um excelente pai para ti.

(Aqui a Jane interrompeu o ditado para me dizer: “Sinto as minhas mãos mais gordas como o diabo.” Ela falou o mais rápido que pôde, sem mudar a voz. Mais tarde, ela confirmou a suspeita com que fiquei de que tinha sido muito difícil fazer isso no meio de um monólogo. No entanto, a revelação do envolvimento de Seth comigo produziu um fenómeno tão surpreendente e rápido por parte da Jane que ela quis avisar-me quando aconteceu. Por algum tempo depois disso ela continuou a esfregar e examinar as mãos enquanto andava de um lado para o outro. A voz permaneceu forte.)

Como filho, tu foste prestativo, atencioso e amável. Os problemas que tens com os teus pais atuais não têm absolutamente nada que ver contigo

enquanto personalidade de maneira nenhuma. Envolvem algo inteiramente diferente, problemas que eles próprios não resolveram no passado. Vou abordar isso mais profundamente. Escusado será dizer que esses problemas na verdade não têm que ver contigo, mas com a maneira distorcida particular de ver o mundo exterior que os teus pais atuais têm. É basicamente inadequado e prejudicial para eles, e quando te condenas não contra suas próprias ideias mais saudáveis, mas contra as atitudes doentias deles, estás inadvertidamente a julgar-te severamente.

Se deres por ti a falhar, por doença, então, por todos os meios, considera-te saudável, e não apregoes por não poderes ver ou estar à altura, eu deveria dizer até, dos mesmos padrões doentios. Para mim, tudo isso é tão óbvio que quase hesito em mencioná-lo, mas isso é por eu tender a esquecer o que a existência humana em vosso plano realmente envolve.

Estes são apenas um conjunto de pais. Como pai, tu tiveste um desempenho extremamente bom, e como filho também. Quando tu realmente perceberes a soma de ti próprio esses problemas desaparecerão por completo, mas, por enquanto, aceita a minha palavra.

Sugiro uma breve pausa. Eu quero entrar nisso um pouco mais esta noite. Em seguida, quero mencionar brevemente a ideia da Jane sobre a minha ideia a respeito da cama, e quero pelo menos mencionar o conceito de tempo condensado e cobrir resumidamente algo novo, que é o eu consciente de si por trás do ego.

("Eu sinto-me como uma vela cheia," disse a Jane. Ela não tivera muita consciência durante este monólogo. As mãos pareciam agora bem e a voz dela caiu para o volume quase normal.

(A Jane também me referiu ontem um instantâneo que ela recebeu sobre o eu consciente de si que existe por trás do ego; isso, além do material sobre as explosões psíquicas da Jane. Também discutimos as observações do Seth sobre problemas com finanças.)

Essa observação sobre estar falido não é distorcida, mas depende da vossa capacidade de assimilar este material, e particularmente o material pessoal, minuciosamente; isto é, principalmente emocional e subconscientemente, bem como intelectualmente. Lamento não ter percebido até que ponto alguns deste problema pesava sobre ti, ou eu tê-lo-ia coberto há muito.

(A essa altura, a voz de Jane apresentava-se muito baixa. O ritmo era lento.)

As reações que tiveste na outra noite, Robert, tiveram que ver com duas coisas; esse sentimento de inferioridade injustificada com a tua própria capacidade de lidar com o exterior mundo, daí a tua imobilidade física e espasmos nas costas; e com a superficial e racionalista falsa medida protetora, e que no teu caso opera intelectualmente, e te leva a pensar que as condições externas são tão estúpidas que te recusas a fazer qualquer coisa para as aliviar, sentindo que a situação é tão ridícula que nada poderias fazer para a alterar. Isso é uma racionalização que encobre o subjacente, e inteiramente falso sentimento de inferioridade.

Poderias ter encurtado as circunstâncias desconfortáveis em que a Jane se viu envolvida, poderias ter reduzido o muro de estupidez que a Jane tentou escalar. Se tu pudesses tido atuar no mundo físico, poderias ter dirigido a tua raiva para onde ela deveria ser dirigida, contra a estupidez, e por causa de sua calma exterior poderias ter ajudado a conquistá-la de forma mais rápida e eficiente do que Jane. Ele precisava da tua força, e quando tu deixaste a cargo dela agir como a dita torre de força, tu sobrecarregaste-a até certo ponto.

Por outro lado, ela pode usar a experiência, e nada se perde em nenhuma medida significativa. No entanto, esse sentimento injustificado de inferioridade deve ser conquistado em grande medida, agora que percebes que o que sentes como reprovação que os teus pais te dirigem não é baseada em nenhuma inferioridade.

Em parte, qualquer que seja a reprovação que sintam, e não é tão grande quanto tu imagina que seja, baseia-se em grande medida no ciúme e, no entanto, ao contrário, tu destes-lhes força, e até mesmo ajudaste-os a justificá-la, por subjacente a tudo eles perceberem que, apesar das suas próprias falhas, tu conseguiste alcançar algo.

Apesar dos defeitos com que estavam sobrecarregados, eles subconscientemente entendem as suas próprias falhas, mas nenhum deles pode admitir nada de uma forma consciente. Em outras vidas, ambos foram muito mais felizes, e essa felicidade sustenta-os agora. Nesta vida eles estão a resolver, ou a tentar resolver, uma multiplicidade de problemas que paira sobre eles há muito tempo. Cada um deles tem uma vida pela frente neste plano. Ou seja, uma vida pelo menos. Não tenho certeza do exato número. Mas as vidas seguintes deverão ser relativamente felizes.

(“Quantas vidas tiveram já?)

Eles tiveram seis vidas cada, simplesmente por serem particularmente teimosos. Mas tu deves ser capaz de ver o teu relacionamento com eles em perspectiva, mesmo que eu não possa entrar no entrelaçado de todas as suas vidas numa noite. Tu fizeste muito por eles e poderás fazer mais na diretamente proporção da tua capacidade de entender que o julgamento que fazem de ti é baseado nas suas próprias concepções falsas atuais.

Se tu não perceberes isso emocionalmente, tenderás a imobilizar-te a ti próprio, como fez na outra noite, ao identificares a tua vizinha com a tua mãe. Não há nenhuma razão básica ou real para qualquer sentimento de inferioridade da tua parte; e tu precisas, Robert, superar isso por ser incapacitante.

Quando tu cedes a isso, ficas até certo ponto imobilizado, e portanto, incapaz de uma verdadeira dissociação. Aí não os podes ajudar, e isso para ti então parece mais uma demonstração de inadequação. O círculo é vicioso. Repito: Em todas as tuas vidas passadas tu lidaste bem com os problemas tanto da paternidade quanto da infância, com relação aos teus próprios pais. Este problema atual é resultado das incapacidades e falsas concepções dos teus pais, e da tua própria consciência excessiva que tens resultante da tua vida na Dinamarca.

Quando perceberes isso emocional e subconscientemente, estarás livre para os ajudares sem te magoares. Também serás capaz de agir positivamente em quaisquer circunstâncias como aquelas que se te apresentaram na outra noite. A Jane é fortemente intuitiva, mas nesta vida depende basicamente da sua lógica e força, e tu gozas de ambas em boa medida. Espero que este material te liberte para usares essas capacidades.

Eu posso ver que nós nunca iremos cobrir o material que eu planeei para esta noite, mas é mais importante que eu transmita estas ideias ao Joseph; e para o fazer receio estar a esgotar a Jane, de uma forma que explicarei posteriormente. Joseph, tu ajudaste os teus pais de mais maneiras do que posso dizer agora, e deste-lhes mais conforto do que eles podem admitir conscientemente. Eles até certo ponto ressentem-se do conforto, mas isso não é culpa tua. Salvaste a sanidade do teu pai a certa altura, e mais ninguém poderia ter feito isso.

Estou agora em contato com a entidade dos teus pais e ela diz-me que subconscientemente até mesmo a sua personalidade atual, que é o teu pai, aprecia esse facto e te ama profundamente. Ele próprio, ou seja a entidade

do teu pai, não sente dor por causa dos problemas da personalidade atual, já que ela está a trabalhar tantas falhas necessárias.

(“Qual é o nome da entidade do meu pai?”)

O nome da entidade do seu pai é Arruhk. Eu não posso entrar em todos os problemas de sua personalidade atual. São desafios definitivos que ele teve que enfrentar, e a entidade geral está a enfrentar a maioria deles de uma só vez, pelos seus próprios motivos.

Mas tu deves sentir-te livre de qualquer rejeição, ao perceberes que a presente personalidade do teu pai está a escolher enfrentar muitos obstáculos ao mesmo tempo. E nesta vida, as falhas dele são mais aparentes simplesmente porque representarem resquícios de velhos problemas; mas tu tiveste muito que ver com a capacidade do teu pai de enfrentar esses problemas de uma só vez, por assim dizer.

Pensava-se que tinhas a capacidade de escapar relativamente ileso. Nenhum dos teus outros irmãos desta vez poderia suportar ser o primogénito, e tu saíste-te bem.

Agora, é verdade que a Jane possui uma forte energia psíquica, como tu.

Mas o teu sentimento injustificado de inferioridade reteve-a até certo ponto, embora eu acredite que isso esteja a diminuir agora. Tenho a certeza de que está a diminuir. Em qualquer caso a energia psíquica da Jane por vezes torna-se indisciplinada. Por motivos que considerarei mais tarde que ela não deve sentir-se confinada.

A combinação de quarto, sala de trabalho, sala de estar e sala de jantar é uma combinação ruim. Se fosse estritamente necessário, isso seria uma coisa. Mas eu sugiro mudanças, embora me tenha preocupado comentar este material pessoal. A Jane tem uma necessidade básica, embora bem disfarçada, de privacidade, como tu tens Robert, embora a tua necessidade não seja disfarçada. É de uma necessidade de privacidade do mundo exterior que falo.

O sentimento reprimido dela poderia resultar em explosões psíquicas bastante indisciplinadas que podiam ser perigosas, embora não necessariamente. Isso tem base no início da vida da Jane, mas falarei disso mais tarde. Como tu sabes, as estações do ano são importantes para a Jane. A combinação da parte final do inverno e uma reação emocional reprimida

relacionada com a situação do quarto deve ser evitada se possível. Ela, a Jane, tem mais poder psíquico do que imagina, e uma sensação de desafogo é importante. Ela tem um senso interno de ordem que pode não ser aparente, e um forte sentimento pelo que ela considera sagrado ou funções privadas.

(A Jane disse que sentira o Seth "forçar-se" a muito material importante e, que ao fazê-lo, despendeu muito da sua energia de uma maneira que ela ainda não entende. Ela sentia-se exausta, contudo bem assim que o Seth começou de novo. Durante esse monólogo, ela não teve consciência do que a cercava.)

A Jane é flexível em grande medida, mas subjacente tem pré-requisitos de que precisa. Muitas das suas contorções na Flórida tiveram que ver com uma simples necessidade, básica para ela, que tinha que ver com o espaço, a ordem e a privacidade. Ela não falar delas como tu fazes no entanto, aí de ti se tu as ignoras, porque ela reagirá com uma explosão emocional na melhor das hipóteses e uma explosão psíquica na pior. Ela opera muito bem até que sinta que essas necessidades básicas estão a ser prejudicadas. Eu hei de te revelar as razões disso mais tarde, mas independentemente da sua extravagância e aparente desrespeito, ela precisa de divisão de espaço em certas atividades e privacidade em relação ao mundo exterior.

Ela lida com o mundo exterior de uma maneira muito construtiva, desde que uma divisão seja estabelecida entre ela e ele, para que não possa verificar-se transferências. Uma certa ilusão de uma entrada seria útil no vosso quarto principal. Quer dizer, de forma estranha, ela é extremamente modesta. Talvez estranhas para ti, Joseph, não tenho a certeza. Tu tens tanta consciência da tua necessidade de privacidade e és tão conscientemente modesto, que as necessidades muito fortes, mas principalmente inconscientes dela nesse sentido por vezes ficam insatisfeitas, uma vez que ela não tem tanta consciência delas.

Vocês os dois são muito parecidos por debaixo das diferenças óbvias, mas as necessidades um tanto por reconhecer da Jane nesse sentido são importantes. Tu provavelmente terás que encontrar soluções práticas. Eu hesito em aconselhar. Se tu tornasses a sala dos fundos num quarto de inverno, talvez possas comprar um tapete em segunda mão, usar uma cobertura de janela de plástico e talvez deixe a porta aberta.

Estas são apenas sugestões a serem consideradas, não ordens a serem seguidas.

A ilusão de uma entrada seria desejável, se possível. A Jane mantém e recolhe a sua energia psíquica, e sem que o saiba não gosta que vaze para o exterior. Tu tens uma maior consciência das tuas próprias necessidades similares. Lamento que não possamos cobrir mais material, mas esta informação pessoal é importante. Desejas interromper ou encerrar a sessão?

(A Jane ditou este material numa voz muito baixa, e praticamente parou de andar.

(“Bem, acho melhor terminarmos. A Jane está muito cansada.”)

Abusei da Jane até certo ponto. Ele permitiu-me apresentar material sem nenhuma distorção, o que é difícil.

(“Fico agradecido.”)

As necessidades dela de que falei são realmente receios, e é por isso que levei tanto tempo a discuti-los. Ela é imprevisível por ser temperamentalmente bem-humorada, mas tu nunca sabe quando as pedras vão voar, e tampouco ele. A acrescentar a isso há os fortes sentimentos domésticos agora de mulher; e isso meu caro Robert, explica a incrível quantidade de mudanças de móveis em que estiveste envolvido.

Quaisquer arranjos que possas imaginar que satisfaçam algumas dessas necessidades valerão a pena. Se Jane conseguisse, algo os haveria de proteger aos dois quando a porta fosse aberta do corredor. Ela nem sequer gosta de comer à vista dos demais. O espaço de trabalho do canto, qualquer espaço de trabalho de canto, agrada-lhe, por fornecer um lugar para a coleta de energia psíquica, e também servir de proteção do seu modo de ver as coisas. É uma pena que vocês não possam comer na vossa cozinha, mas acredito que algo pode ser resolvido em relação a esse arranjo tal como ele existe.

(A nossa cozinha é muito pequena; aparentemente pequena demais para acomodar uma mesa e cadeiras juntamente com a geladeira, fogão, pia, etc.)

A tua sala de trabalho não deve ser perturbada, ou seja, debes ter a tua própria sala de trabalho. Isso é muito importante para ti. A Jane beneficiará de um arranjo desses sempre que possível. No entanto, ela vai-se dar bem se a sala principal for liberada de tantas funções diferentes.

O avô da Jane diz que vocês são dois ótimos garotos, e eu concordo de todo o coração. Meus queridos amigos, estou com vocês mais vezes do que vocês imaginam. Vocês estão a conseguir muitos avanços, e o material desta noite vai ajudar a ambos em muitos aspetos. Não me agrada deixá-los, mas sei que vocês devem estar cansados. Uma palavrinha à Jane: ela vai parar de fumar e ela sabe disso. Não tenho pressionado esta questão.

E agora meus amigos devotos, um carinhoso boa noite. Eu sempre os ajudarei com o melhor de minha capacidade, e até onde eu sei estarei acessível às vossas vidas presentes. E meu caro Joseph, se tu me esgotaste tantas vezes, eu também fiz das minhas. E fiz da Jane uma esposa adorável — então pronto, meus amores.

(“Boa noite, Seth.”

(A Jane desabou no sofá. Ela disse que nunca se sentira tão cansado antes. No entanto, foi muito agradável, como uma profunda letargia. Nós estávamos a discutir a sessão, particularmente a última parte, quando Jane escutou o Seth de novo.)

Mais uma palavra por causa da vossa discussão. As explosões psíquicas perigosas que eu referi como possíveis são possibilidades muito reais, e envolvem até mesmo mudanças químicas no próprio corpo da Jane; mas eu sugiro que tu faças algumas mudanças, seja retornando à tua sala de trabalho normal, Joseph, ou transformando a sala da varanda num quarto temporário. A Jane é imprevisível, pelo que eu não posso prever que aspeto tal explosão pode tomar, mas seria definitivamente perigosa e forte.

Algo que esqueceste deixa-te desconfortável na altura do Natal, e o Joseph e a Jane sentem desconforto no final do inverno se a situação do espaço não for confortável para ela, de modo que os vossos períodos de desconforto sobrepõem-se um pouco. É por isso que vocês dois devem sentir-se o mais confortáveis possível. Tu, Joseph, passaste o inverno em excelente condição, considerando o inverno passado.

E agora meus pombos, fazer naninha, exceto um comentário: Uma barricada na frente da porta não é necessária.

(Eu ri, porque eu estava a brincar em relação a isso. Contudo, não é brincadeira que por alguma razão eu sinta bastante desconforto todos os Natais. A Jane e eu temos consciência disso há alguns anos e muitas vezes nos interrogamos do porquê de eu me sentir claramente aliviado quando a temporada de férias passa.

(Às 11:36 ainda estávamos a conversar quando Jane recebeu outra mensagem de

Seth. Deitada no sofá, ela ditou-a em voz baixa e sonolenta:)

Entretanto não quero que as energias psíquicas da Jane sejam absorvidas pela tentativa de combater essas necessidades. Precisamos de todas as suas energias psíquicas para o nosso trabalho, e tu futuramente aprenderás a usar bem essas energias assim como a valer-te das energias da vitalidade básica.

SESSÃO 28 (O EU CONSCIENTE DE SI A ENTIDADE E AS RELAÇÕES QUE TEM COM AS SUAS PERSONALIDADES)

24 DE FEVEREIRO DE 1964

(Esta foi a nossa segunda sessão consecutiva sem o tabuleiro, embora eu o tivesse tirado simplesmente para usar como uma placa de escrita no meu colo. A Jane disse que estava contente por não precisarmos mais usá-lo. Pensámos em deixar a sessão abrir por si só, como quer que seja. Por volta das 8:50, ela estava novamente um pouco nervosa, embora ela tenha dito que em menor grau do que o habitual.

(Ao longo desta sessão, a Jane manteve a mesma atitude deliberada e tom normal de voz; Além disso, o ritmo dos passos foi bastante deliberado e muito mais lento do que nas sessões anteriores. Os olhos escureceram-lhe como de costume. Só uma vez notou ela uma mudança nas mãos, e foi anotado quando isso aconteceu.

(Note-se que recebemos a carta do psiquiatra por volta de 21 de Fevereiro — dois dias depois da nossa última sessão, dia 27, na quarta-feira, 19 de Fevereiro.

(Quando as 21 horas chegaram, a Jane levantou-se, começou a andar de um lado para o outro e a ditar.)

A exasperação sucede por o vosso bom psiquiatra quase ter minado a confiança que consegui dar à Jane na nossa sessão com o vosso amigo Felipe.

Tentei aumentar a confiança dela e um estranho derrubou-a. Na verdade, as intenções dele eram as melhores, e suponho que agora me deva sentir obrigado - e eu sinto - a abordar a questão da estabilidade mental e emocional, e quaisquer perigos para tal estabilidade que possam estar envolvidos aqui.

No que diz respeito à Jane, esse perigo não existe. Por um lado eu sou um cavalheiro extremamente sensível, mas disciplinado, e sensível, embora um tanto irascível, se é que tu me perdoas o termo. Nenhuma das comunicações da minha parte foram de alguma forma conducentes a um desenvolvimento de instabilidade mental ou emocional. Posso ousar dizer que sou mais estável que tu, a Jane, ou o vosso bom médico.

Também não assumo as minhas responsabilidades de *ânimo leve* e sinto-me em grande parte responsável por vós e por quaisquer resultados provenientes de comunicações que têm comigo. No mínimo, o conselho pessoal que lhes dei aos dois deve contribuir para o vosso equilíbrio mental e emocional, e deve resultar num relacionamento mais forte com o mundo exterior.

Eu dependo da vontade que a Jane tiver de dissociar. Não há dúvidas que às vezes ela não tem consciência do seu entorno durante uma sessão. No entanto, isso é não a sujeita, ou não é tão vinculativo do que a autossugestão. É um fenómeno em que ela dá consentimento, e ela pode, a qualquer momento e numa fração de segundo, retomar a sua consciência em relação ao ambiente físico.

Não há perigo, e vou repetir: não há perigo de a dissociação a viciar como um monstro negro, vago e peludo que a leve para a terra da histeria, esquizofrenia ou insanidade. . . Eu tenho de uma forma consistente aconselhado contatos com o mundo em geral, e aconselhei-os aos dois a usar as vossas capacidades no confronto com os desafios externos. Um retiro para a dissociação como um esconderijo do mundo poderia, é claro, ter consequências. Certas personalidades poderiam, e caíram, presas dele, mas convosco, com a Jane, esse não é o caso.

Como precaução adicional, fiz questão de os empurrar para um salutar contrabalanço externo, e eu avisei-te, Joseph, contra cederes em demasia ao impulso da solidão. É importante que eu esclareça estas dúvidas, por preocuparem a Jane desde a primeira leitura da carta do psicólogo.

Uma ou duas vezes ele procurou por sinais, e essa dificilmente é uma reação saudável. Por um lado, o ego da Jane é extremamente forte. A

intuição da Jane é a passagem que relaxa um ego sob outros aspetos consciente teimoso e dominador. As qualidades intuitivas, porém, não são frívolas, e a personalidade é integrada. Não tenham receio quanto a isso.

Além disso, a Jane experimentou e usou a dissociação, embora em menor grau, antes das nossas comunicações; isto é, no trabalho dela, e sabe como lidar com ela. Não quero que nenhum de vocês fique preocupado. Por outro lado, também não quero que a Jane me erga resistência.

A nossa relação deve permitir que ambos lidem mais adequadamente com o exterior. Eu nunca irei sugerir que vocês tentem escapar disso. O desenvolvimento dos vossos sentidos internos não eliminará o mundo exterior. Ele há de permitir-lhes que vocês o vejam com uma maior clareza por aquilo que é e, por conseguinte, vocês serão capazes de manipular camuflagem da forma mais adequada.

Estou ansioso para entrar em algum material adicional, mas quero esclarecer as vossas dúvidas. Quando a Jane não está ciente do seu entorno durante uma sessão, ele tem, até certo ponto consciência dele e pode retornar a ele. Lá por vocês abrirem uma porta, isso não significa que vocês não possam fechá-la ou abrir uma outra, nem significa que vocês não possam ter duas portas abertas ao mesmo tempo, e esse é a questão que queria chegar.

É verdade que a mente consciente precisa estar, até certo ponto relaxada, e que um estado de aparente dissociação se faz igualmente necessário. Agora, acredite ou não, esse não vai necessariamente ser sempre o caso. Vocês podem ter duas portas abertas ao mesmo tempo. Vocês podem ouvir dois canais ao mesmo tempo. Mas até que aprendam a concentrar-se em dois sentidos, e isto está aqui a ser simplificado a um grau patético, enquanto isso vocês simplesmente abaixam o volume do primeiro canal, enquanto atraem a vossa atenção para o segundo. A esse processo vocês chamam de dissociação.

Tu, Joseph e Jane são basicamente bastante equilibrados e sensíveis assim como intuitivos, e não incorrem perigo nenhum. Eu ia sugerir, se é que posso ser tão ousado, uma outra inovação, mas vocês já adotaram ou retornaram a ela. Ou seja, será boa política levantar-se às 7:30, e começar o teu período de pintura. Eu não quero ocupar todas as tuas horas de trabalho, e tu precisas ter tempo para pintar. Não vejo mal em dormir até as 8:00 da manhã depois de uma sessão, mas uma agenda equilibrada é importante, e vocês podem ver que desejo relacioná-los convosco próprios e com o vosso trabalho, e não canalizar todas as vossas energias para mim.

(“O que tens a dizer sobre a ideia do psiquiatra, de que tudo isto é apenas o subconsciente de Jane a falar?”)

Já abordamos isso antes, e não tenho dúvidas de que iremos continuar a abordá-lo em infinitas ocasiões; mas se eu conseguir convencer-te da minha realidade enquanto uma personalidade, ter-me-ei saído muito bem. Devia ter-se tornado aparente, e eu já disse isto antes, que as minhas comunicações vêm através do subconsciente da Jane. Mas lá por um peixe nadar na água, não quer dizer que o peixe seja a água, e eu não sou o subconsciente da Jane.

(“O que acha da nossa ideia de enviar uma cópia deste material para o laboratório da Duke University?”)

Acho que a Universidade do Duke seria um excelente lugar para enviar este material. Sobre o subconsciente da Jane mais uma vez. Vê bem, a ligeira, mas ainda sim notável evidência de telepatia que lhes mostrei com o Philip tinha dois propósitos, ou um significativo.

(Ver a sessão 26 e a declaração de John Bradley.)

Eu queria mostrar-lhes que a telepatia existia, e eu queria mostrara à Jane que mais do que o próprio subconsciente dela estava envolvido. Eu queria edificar-lhe a confiança. Eu sou definitivamente uma personalidade independente do subconsciente da Jane. Agora, a Jane reúne-me, ou permite que eu me reúna, numa forma que será reconhecível a vós; mas independente dessa reunião, eu existo numa forma independente e com o passado de que falei.

Abordarei isso imediatamente após uma breve pausa, já que a questão obviamente diz tão profundo respeito aos dois. E assim, em algum momento entre agora e 25 anos a esclarecer-lhes dúvidas, gostaria de entrar em alguns outros assuntos a que aludi, e que venho a tentar resolver há cerca de três sessões. Façam uma pausa, bichanos.

(Havíamos reunido uma boa quantidade de material em apenas 37 minutos, e isso apesar do facto de a Jane falar mais devagar do que o normal. Interrogámo-nos se o Seth estava a usar distorção de tempo.)

(A Jane não apresentou dissociação durante este monólogo. E então ela disse-me que no início da sessão ela havia deliberadamente “impedido” qualquer dissociação, por ter ficado bastante aborrecido com

a carta do psiquiatra. Ela também relatou que sentia as mãos gordas novamente e que, ao examiná-las, os dedos pareciam estar um pouco inchados, em comparação com o seu estado habitual. Ambos os indicadores pareciam especialmente ampliados. No entanto, os fenômenos não retornaram para equilíbrio da sessão. E uma vez que ela não exibiu alterações de voz, isso não precisa ser mencionado para equilíbrio da sessão.)

Não posso simplesmente surgir no vosso meio, ou dar-me a conhecer na minha própria forma. Expliquei-lhes a natureza dos padrões de camuflagem, expliquei a maneira como a vitalidade ou matéria do universo muda de plano para plano. Posto isso, por que vocês acham estranho que no seu fim eu deva até certo ponto mudar a essência, e encontrar um ponto de entrada, que por acaso é o subconsciente da Jane? Ele dispõe de suficiente camuflagem para me permitir estabelecer contato, mas não tanto a ponto de me distorcer além de todo o reconhecimento. Descrevi os efeitos da entrada no vosso plano dos chamados discos voadores, e a minha entrada no vosso plano é uma espécie do mesmo.

Não sou o subconsciente da Jane, embora fale através dele. É o ambiente por meio do qual posso chegar até vós, tal como o ar é o ambiente através do qual um pássaro voa, embora o pássaro seja algo diferente do ar. Um certo reagrupamento de mim próprio é necessário quando entro no vosso plano, e esse reagrupamento é feito em parte por mim e em parte pela vossa combinação subconsciente, Joseph e Jane. Será que isso os irá convencer agora?

(“Claro, Seth.”)

Por favor, sê franco, por não gostar de ter isso a pairar sobre as nossas cabeças. Eu tenho vindo a dedicar as últimas sessões ao esclarecimento dessas questões. Num sonho, e este é um material novo, eu disse que vocês podem experimentar muitos dias sem que se passe nenhuma quantidade correspondente de tempo físico. Por outras palavras, parece que vocês viajam muito longe no piscar de olhos. O tempo condensado é o tempo que a entidade experimenta, ou vivencia, enquanto qualquer uma das suas personalidades "viver" (e é melhor colocares isso entre aspas) num plano de materialização física. Para aprofundar um pouco mais isso, muitos afirmaram que a vida era um sonho. Eles foram fiéis aos factos num certo sentido, mas ainda estão distanciados no que diz respeito à questão principal.

A vida individual, ou a vida do presente indivíduo, poderia ser legitimamente comparada ao sonho de uma entidade. Enquanto o indivíduo sofre e desfruta do dado número de anos de que dispõe, esses anos são apenas um clarão para a entidade. A entidade interessa-se com esses anos da mesma maneira que vocês se interessam pelos vossos sonhos. À medida que vocês emprestam propósito interior e organização aos vossos sonhos, e à medida que vocês obtêm insight e satisfação dos vossos sonhos, embora eles envolvam apenas uma parte da vossa vida, também a entidade até certo ponto dirige e dá propósito e organização às suas personalidades durante a sua existência. E a entidade também obtém insights e satisfação das suas personalidades existentes, embora ninguém lhe ocupe toda a sua atenção.

E como os vossos sonhos têm origem em vós, emanam de vós, alcançam uma aparente independência e têm o seu término em vós, também as personalidades de uma entidade emanam dela, atingem diversos graus de independência e retornam a ela sem nunca a deixarem por um instante.

Os planos representam os diversos níveis em que as personalidades operam.

Vocês estão familiarizados através da vossa leitura com as chamadas personalidades. Houve casos de indivíduos que apresentaram três personalidades. Ora, esta ideia aproxima-se da relação que a entidade tem com as suas personalidades. Elas são independentes em diferentes medidas e operam em diversos planos para fins de realização e desenvolvimento generalizado.

Em menor escala vocês funcionam de acordo com essas linhas em papéis diversificados quando vocês existem simultaneamente como um membro de uma família, um membro de uma comunidade, de uma nação e como artistas ou escritores. Conforme vocês tentam usar as vossas habilidades, a entidade tenta usar as suas capacidades, e ela organiza as suas diversas personalidades e até certo ponto dirige-lhes as atividades enquanto ainda lhes concede o que vocês chamariam de livre-arbítrio.

Existe uma diversidade infinita de oportunidade para as personalidades, e essa diversidade é-lhes concedida, quer dizer à personalidade, pela entidade. Os vossos próprios sonhos são fragmentos, assim como num sentido muito mais vasto vocês são fragmentos da vossa entidade. Uma unidade e organização não reconhecida tem lugar dentro de todos os vossos sonhos, subjacente à sua diversidade. E os vossos sonhos, enquanto parte de vós, na verdade existem à parte. Ou seja, vocês deram-

lhes uma certa independência. Isto é difícil de explicar com clareza, e pode ser bastante difícil de engolir por inteiro. Espero que não sufoquem.

(No parágrafo acima, as frases “quer dizer, a personalidade” e “uma muito mais vasta”, vieram-me claramente à minha pouca antes da Jane as enunciar. A correspondência foi exata ambas as vezes. Por alguma razão, isso impressionou-me, considerando que muitas vezes enquanto a Jane está a ditar eu tenha tido uma ideia semelhante a uma que a Jane estava prestes a enunciar. Eu podia ser demasiado sensível sobre esse caso simplesmente por causa da experiência telepática do John Bradley na 26ª sessão.)

No entanto, conforme disse, há uma grande semelhança entre o vosso relacionamento com os vossos sonhos e o relacionamento da entidade com a sua personalidade. O que não deixei claro foi que os vossos sonhos fazem parte de um plano, e existem como vocês existem no vosso plano.

Esse mundo dos sonhos tem a sua própria realidade, o seu próprio tempo, que é diferente do conceito de tempo que vocês fazem e da sua própria organização interna. Como a entidade se interessa (ou ocupa) apenas parcialmente pelas suas personalidades depois de as colocar em movimento, também vocês se interessam por este mundo de sonhos que vocês colocaram em movimento. Mas ele existe.

Num grau diferente, está cheia de semi personalidades conscientes. Eu chamo-lhes semi personalidades apenas para apontar que elas não são tão desenvolvidas quanto vocês estão, tal como vocês não estão tão desenvolvidos quanto a vossa entidade. No entanto, esse mundo de sonhos experimenta continuidade. Ela não tem consciência de nenhuma pausa enquanto vocês estão, por exemplo, a dormir. Ela não sabe se você dormem ou estão acordados. Ela simplesmente existe de forma bastante vívida enquanto vocês dormem, e ela dorme mas não morre enquanto vocês estão acordados. Contudo, isto é muito importante. Mais uma vez, sugiro uma pausa, simplesmente por este material ser novo, e parecer que temos uma receção melhor com descansos curtos de meia hora.

(A Jane disse que durante este ditado ela tinha estado “longe,” embora ela estivesse ciente de que estava a expressar algum material novo e surpreendente. . . Ela relata que quando um ditado se aproxima do fim, o Seth começa a afastar-se lentamente, e ao mesmo tempo, ela recupera lentamente a percepção consciente do seu entorno. O que não envolve nada de repentino nem de surpreendente.)

A própria entidade não tem que manter um controlo constante sobre as suas personalidades, porque em cada personalidade há uma parte interior consciente de si que conhece a sua origem. A essa parte, por enquanto, chamarei de consciente de si além do subconsciente. O repouso e o sonhador não são tão automaticamente controlados como poderá parecer. Eu mencionei antes que uma parte vossa sabe exatamente quanto oxigénio os pulmões respiram, e quanta energia é necessária para andar de um lado para o outro, e isso é a parte da vossa natureza de que falei. É a parte consciente de si que recebe toda a informação interna.

Queres deslocar-te?

("Não."

(Eu estava a tentar ficar confortável na minha cadeira.)

A parte que traduz a informação interna peneira-a através do subconsciente, que é uma barreira assim como um limiar, um dealbar para a presente personalidade, uma vez que opera no plano de camuflagem. Já referi muitas vezes como a vitalidade muda à medida que se aproxima e forma os diversos planos. Eu disse que a parte mais elevada do subconsciente contém memórias pessoais. Que abaixo dessas estão as memórias raciais e assim por diante. As coisas simplesmente não se encontram dispostas por camadas da maneira que eu falo delas. Mas continuando com a analogia que se impõe, do outro lado (ou abaixo de vós) as memórias raciais, vocês não existem mais no vosso plano, e encaram o outro com o rosto dessa outra parte consciente de si vossa. Essa parte recebe informação interna, está em contato com a entidade, numa maior medida do que vocês estão em contato com os vossos sonhos, e na verdade dirige todas as funções importantes que vocês acham que são controladas automaticamente ou inconscientemente controladas.

Quando tais habilidades como a da telepatia ocorrem, esta função telepática é realizada por esta vossa outra parte consciente de si, mas via de regra vocês agem sobre tal informação sem o conhecimento do eu consciente com o qual vocês estão familiarizados. Eu queria pelo menos entrar neste material esta noite, porque conquanto lhes possa parecer complexo agora, é realmente básico. E é o conhecimento que vocês precisam ter antes de podermos ir mais longe.

Há igualmente uma consciência de si correspondente, só que menos, que liga as vossas personalidades atuais com o mundo dos sonhos, que está ciente da sua origem e comunica informação da vossa parte a ele. Mais

uma vez, você não têm mais consciência das vossas criações de sonho, nem são menos conscientes do que a vossa entidade é para vós, mas em última análise vocês têm consciência e estão ligados à vossa entidade através dessa parte de vós que é consciente de si que enfrenta outro plano.

(*A Jane riu.*) É claro que há uma aparente contradição aqui, mas é apenas aparente. Certamente soa-lhes contraditório, por o vosso dilema ser o seguinte: se vocês tiverem um outro eu consciente de si, então (*com uma risada*) por que vocês não têm consciência disso?

(*Riso.*)

Finjam que são uma criatura estranha com duas faces. Um rosto voltado para um mundo e o outro voltado para o outro. Imaginem, além disso, que essa pobre criatura tendo um cérebro a acompanhar cada rosto, e que cada cérebro interpreta a realidade em termos do mundo que contempla. Contudo, os mundos são diferentes, e mais, as criaturas são gêmeos siameses.

Ao mesmo tempo, imaginem que essas criaturas são realmente uma criatura, mas com partes definidas equipadas para lidar com dois mundos inteiramente diferentes. O subconsciente, pois, nesta analogia verdadeiramente ridícula, existiria entre os dois cérebros, e permitiria que a criatura operasse como uma única unidade. Ao mesmo tempo, e esta é a parte difícil de explicar, nenhuma das duas faces nunca veria o outro mundo nem teriam consciência uma da outra. E ainda assim cada qual seria inteiramente consciente de si.

Eu quis começar este material, e vamos continuar. Eu não gosto de lhes apresentar muito material difícil numa sessão. Eu prefiro deixar que vocês estudem o que vocês têm. E agora, uma pequena conversa sobre as vossas hilariantes mudanças de móveis, trocas e mais trocas.

As estantes deviam ficar como estão, minha cara Jane. Já basta, e tu tiras o máximo benefício delas. Tu devias sentir-te muito melhor. O arranjo do quarto foi ótimo, e se o meu querido Joseph não culpar o subconsciente da Jane, eu faria mais uma sugestão que não no entanto não pretende envolver quaisquer arranjos mais complicados por parte da Jane: simplesmente, quando for possível, a adição de uma cadeira confortável ou uma pequena mesa e cadeira, bastante simples, à disposição do vosso quarto, como um acessório mais ou menos permanente para um pequeno lugar privado, acessível quando ela quiser, para a nossa tão sensível e por vezes teimosa Jane.

Fora isso, está tudo bem. A Jane deve estar satisfeita. Eu sugiro as estantes como um arranjo permanente. Trata-se, afinal, apenas de sugestões lógicas para tornar o vosso dia-a-dia mais confortável e, assim, libertar as vossas energias. A Jane pode acalmar agora. Eu nunca vi tal agitação e bater de portas e carrancas. A sugestão de uma cadeira para leitura ou descontração, ou uma pequena escrivaninha no quarto, é apenas para que a nossa Jane errante possa ter um outro lugar em outra sala onde ele sinta que pode estar. É apenas uma válvula de segurança, mas eu não faço nenhuma das minhas sugestões de *ânimo leve*, embora pelas reações veementes da Jane eu certamente reserve as minhas sugestões principalmente para mim próprio.

Na verdade, retiro a sugestão que dei de jantarem na cozinha, para que ele não exija uma parede para o efeito. No entanto, vocês dois vão sentir-se melhor com relação ao vosso alojamento em geral, e afinal isso é extremamente importante. Um quarto também devia ser um acessório permanente, assim como uma sala de trabalho para o Joseph.

Depois de vocês digerirem o material desta noite, entraremos em outras matérias.

Vocês os dois beneficiarão de uma tentativa de usar os vossos sentidos internos e, como já foi mencionado anteriormente, as conexões e contatos com o mundo exterior também são importantes.

Tu em particular, Joseph, precisas desse contato, já que tu não tens consciência do seu valor intrínseco. Eu quero terminar esta sessão mais cedo. Há no entanto, uma questão que alinha com isto eu gostaria de levantar, que é que o teu atual pai impediu o seu próprio desenvolvimento interior e o atrofiou, por meio da falta de vontade de enfrentar desafios no mundo exterior.

A manipulação dos padrões de camuflagem realmente abre capacidades internas. Vocês sabem agora que eu nunca sugiro que o devas tirar tempo necessário à tua arte. Estou certamente contente por estarmos de volta à nossa agenda. Eu não queria ser exigente, mas a Jane teve um clarão bastante embaraçoso da minha parte antes a sessão. Eu coro ao admitir o facto, mas certa vez eu te tratei-te por Ió-ió.

(“Quando foi que me trataste assim, Seth?”)

Eu tratei-te como ió-ió quando tu foste meu pai, mas não vou entrar em nenhum material de reencarnação esta noite.

(A Jane mencionou ter recebido este clarão à hora do jantar esta noite.

(“Seth, o nosso gato Willy tem consciência da tua presença connosco agora? Parece prestar mais atenção a estas sessões.”

(Enquanto ditava a resposta do Seth, a Jane caminhou até o sofá e pegou no Willy que estava a cochilar. Ele apenas bocejou e se esticou-se nos seus braços.)

Não faço ideia de momento. Eu não sou assim tão importante para o vosso gato, embora às vezes ele me pressinta com a maior clareza. Teremos a nossa sessão ordinária na quarta-feira. Meus queridos amigos, a ambos, espero que as vossas dúvidas tenham sido enterradas, certamente durante um tempo. Ou vou acabar usando metade de cada sessão para as silenciar. Eu acho que a Jane se sente melhor. Pela primeira vez, ela não me deu as boas-vindas esta noite. Eu certamente tenho os meus problemas convosco.

Vou-me embora, meus dedinhos de pé.

(“Boa noite, Seth.”)

Vocês deviam ter muitas sessões tranquilas cheias de realizações. Espero que fiquemos com as coisas em equilíbrio novamente. Mas lembrem-se, nenhum mal pode acontecer a nenhum de vós como treino dos vossos sentidos internos. O medo pode impedi-los muito nesses esforços. Eu também sugeriria a continuidade da tua prática de sair de casa nas noites de sábado, e embora a Jane não seja uma anfitriã apaixonada, sugiro que tu faças amigos. E também que tu, Joseph, faças caminhadas ou pelo menos saias mais vezes.

SESSÃO 29

(O ESTADO DE MORTE E PÓS-MORTE)

26 de Fevereiro de 1964

(A Jane e eu voltamos para casa depois de termos feito uma visita à senhorita Callahan, no hospital, por volta das 8h30. Passamos o tempo restante antes da sessão marcada a discutir o clarão que a Jane recebeu do Seth, a respeito de sonho que teve com a senhorita C., e depois, sentada em silêncio durante alguns minutos.

(Mais uma vez, não usamos o tabuleiro. Às 8h50, a Jane sentiu o habitual mal-estar do nervosismo. A sessão na verdade começou às 8h55, quando a Jane se levantou e começou a andar e a ditar. A voz estava um pouco mais forte do que o normal.)

Já que vocês estavam tão bem à minha espera, vou começar. A Jane tinha razão. Ela recebeu o que prefere considerar como um clarão da minha parte esta noite. O sonho que teve foi uma mistura de telepatia, e essa mensagem telepática legítima estava tingida pelos demais elementos que compunham o sonho, que era uma fantasia subconsciente. Ou seja, ela teve um sonho sobre uma comunicação telepática legítima.

A informação do sonho estava correta no essencial. A vossa amiga, a Srta. Callahan, disse que estava a ir embora e que na verdade não queria ir embora. A imagem do sonho era, em parte, uma adivinhação subconsciente com um toque de clarividência. Quaisquer comunicações internas são basicamente o mesmo, pois são captadas pelos sentidos internos, quer a informação seja recebida ou não como comunicação telepática ou em termos de clarividência. Onde um local, por exemplo, é visto, em vez de palavras serem ouvidas, é determinado pelo recetor da mensagem.

A comunicação real não é feita por palavras nem imagens. O material proveniente dos sentidos internos raramente é experimentado pela mente consciente no seu estado puro. O que vocês obtêm é uma distorção apressada de canal, uma tentativa um tanto inepta e geralmente um tanto desastrosa de captar esse material com os sentidos externos.

No exato momento do sonho da Jane, a vossa amiga, a Srta. Callahan tinha decidido, ou melhor, estava a decidir deixar este plano. A Jane recebeu essa mensagem diretamente. A falta de vontade por parte da senhorita Callahan representou, é claro, o protesto da sua atual personalidade contra a mudança que uma parte mais profunda de si própria considerava necessária e apropriada. Foi a descoberta da senhorita Callahan de que ela precisava de uma operação a ambos os olhos que provocou essa decisão mais profunda. A própria senhorita Callahan estava consciente da consternação natural relativa às operações projetadas. Quando ela falou à

Jane acerca das operações, a Jane chegou à conclusão de que esse era o significado do sonho e que a informação do sonho estava incompleta.

Acho que antes desta noite, inconscientemente, a Jane soube o verdadeiro significado do sonho. É claro que parte da fantasia subconsciente do sonho era válida, e representava uma versão diluída da comunicação real. Por exemplo, o traje negro da Srta. Callahan. Ela estava a preparar-se desde que soube da necessidade da operação, para a sua partida. No entanto, conscientemente, é claro, ela ignorava a sua própria decisão interior, e isso é sempre absolutamente necessário.

(“Seth, por que razão a senhorita Callahan nos disse no início de Dezembro que não conhecia, ou pelo menos não se lembrava, do Frank Watts?”

(A Jane perguntou à senhorita Callahan sobre o Frank Watts logo após a nossa primeira sessão, a 2 de Dezembro de 63.)

Ela não se lembrava do Frank Watts, embora ele tivesse exagerado até certo ponto. Eles se encontraram com tanta frequência durante muitos anos, enquanto ela ensinou os filhos dele. Ele admirava-a muito, pois os filhos a consideravam uma excelente professora. Um em particular. O Frank Watts considerava-a uma amiga, atribuindo mais importância do que ela à influência que ela tinha sobre os filhos; mas, além disso, a sua personalidade atual tem-se vindo a desembaraçar suavemente deste plano, e ela simplesmente não se lembrava.

É claro que a mente consciente não pode estar ciente de decisões internas tão importantes e críticas. Ela havia de se desintegrar ante circunstâncias mais desagradáveis, desintegrar-se antes que todo o eu pudesse fazer os preparativos necessários. Quero salientar aqui que a vossa amiga, a Srta. Callahan, está a escolher uma saída mais fácil, de certo modo, e uma saída difícil, noutra. A longo prazo, porém, a sua saída é melhor do que a escolhida por aqueles que preferem a chamada morte rápida.

O desprendimento da presente personalidade tem sido gradual e suave. Ela está a focar-se cada vez menos neste plano e irá, uma vez mais gradualmente, focar-se num outro plano. Por conseguinte, não irá sofrer tanto choque. Há um período de ajustamento após o abandono de qualquer plano, embora o vosso plano envolva a maior dificuldade, dado que o padrão de camuflagem é invulgarmente rígido.

*(“Tu disseste que o choque do nascimento é pior do que o choque da morte.”) **

** Nota: Na sessão 7, Seth havia dito que, em casos de morte accidental ou súbita se experimenta choque momentâneo, porém que o choque do nascimento é mais duro.*

O choque inerente ao nascimento é, obviamente pior, dado que a personalidade não está inteiramente focada enquanto personalidade, e precisa proceder a ajustamentos imediatos e críticos do tipo mais intenso. A morte no vosso plano constitui um término, mas não envolve um novo ajustamento crítico imediato, uma vez que dispõe de um tempo para repouso e de um tempo para se atualizar, por assim dizer.

Vocês não têm que aprender coisas novas ao mesmo tempo que lutam pela existência num ambiente estranho. Após a morte não há luta instantânea, ao passo que o nascimento no vosso plano envolve uma tentativa premente e agonizante por se orientarem, e por aprenderem novos padrões de comportamento, em que realmente não existe tempo no vosso sentido para cometer quaisquer erros em absoluto. O término é sempre mais fácil, quer acreditem quer não, do que um começo sob circunstâncias tão prementes quanto a sobrevivência num plano de camuflagem.

Do vosso ponto de vista tal desintegração é, evidentemente, desagradável, mas à medida que a personalidade solta o seu enfoque no vosso plano ela reúne-se num outro plano, e tal reunião gradual é muito mais favorável do que a surpresa de uma partida completa e súbita. O núcleo vital da consciência da Miss Callahan já aparece num outro plano, e se me perdoarem a analogia, ela aparece nele como uma jovem surpreendida porém, não assustada.

(“Terá o Frank Watts consciência do que está a suceder a Miss Callahan?”)

O Frank Watts ainda não está ciente disso, mas em breve irá ficar. Os poderes dele ainda não estão desenvolvidos o suficiente, mesmo aqui, para que ele possa ter consciência disso até que ela esteja inteiramente materializada.

Eu referi que as emoções, caso me perdoem aqui, constituem a ponta final dos sentidos interiores. O Frank Watts teria consciência da morte iminente de um filho anterior, por exemplo, embora não da morte iminente de Miss Callanhan, por ora. Ele tem estado a repousar. Durante um tempo as suas energias foram dirigidas para o vosso plano de modo vigoroso e quase compulsivo e pessoal, e tivesse a Miss Callahan estado doente, aí ele teria tido conhecimento disso.

(“Nesse caso, A Miss Callahan materializar-se-á por completo no outro plano antes de falecer neste plano?”)

Ah, sim. Isso é o que sucede no caso particular de retirada dela. Num caso de morte súbita a materialização é bastante chocante para a personalidade; e a materialização é simultaneamente feita e conduz em certos casos à confusão.

O eu integral recobra lentamente o conhecimento das suas próprias reencarnações, e aprende acerca da relação que tem com a própria Entidade. Eu tinha dito que uma personalidade se pode tornar numa outra entidade. Não há regra contrária a isso. É uma questão de vigor intrínseco, capacidade assim como de desejo. Muitas personalidades ao receberem conhecimento da própria entidade preferem permanecer parte dela, embora sejam sempre individualidades independentes em toda a entidade, tal como as células dos vossos corpos físicos fazem parte de todo o vosso ser. Elas acolhem a entidade como um filho saúda o pai. Não há coerção alguma envolvida, e este é um aspeto importante.

(“Que foi que fizeste no teu caso?”)

As células do vosso corpo físico curiosamente também possuem uma consciência própria, que a vós pode parecer diminuta e insignificante, mas ela toma decisões independentes de que vocês dependem em importantes medidas. A vossa designação do instinto é bastante desafortunado, e foi cunhada desde logo por vocês insistirem em que nenhum organismo exceto o homem possui alguma consciência.

Os chamados atos instintivos afeiçoam-se-lhes bastante automáticos por se diferenciarem do pensamento lógico conforme o conhecem. Porque, por exemplo, as abelhas ou as formigas tenderem a agir de um modo idêntico no que concerne às outras abelhas ou formigas, por parecer que as suas ações sejam tão previsíveis e praticamente predeterminadas, o homem toma por certo que certos reflexos sejam absolutos em espécies particulares, e que numa dada situação um membro de uma espécie dessas sempre reaja de certo modo por o não poder evitar.

Esse é o caso, mas também não é. As escolhas são diminutas em comparação com as vossas, porém, a escolha não é impossível. Na realidade existe escolha, mas a manifestação da camuflagem não está desenvolvida nessa linha. O que não quer dizer que não exista consciência em tais espécies, nem tampouco significa que não tenham consciência de si, porque têm, embora num grau limitado.

Bom, também as células do vosso corpo possuem consciência de si próprias e individualidade até certo ponto, e numa escala inteiramente diferente também procedem a tomadas de decisões. As suas decisões afetam-nos, embora possuam uma consciência muito vaga de que vocês existem num todo. As decisões que tomam afetam-nos indiretamente nas manipulações que fazem da camuflagem, e é claro que influenciam indiretamente todo o vosso estado de existência. As células acham-se desenvolvidas ao máximo por essa altura.

(“Que sucede quando uma célula cancerígena é desencadeada?”)

As células são independentes, já que formam indivíduos. Também são dependentes da organização dinâmica do vosso subconsciente, e segue as instruções até nos casos de reprodução cancerígena, que no seu caso se traduz obviamente por um crescimento. Mas vocês enquanto seres físicos também dependem de muitas forças que não compreendem, pelo que não há contradição em dizer que as células sejam individuais e independentes, e ainda assim dependem de uma organização mais forte. Não há coerção alguma imposta às células, porque cada célula é aquilo que é devido à sua habilidade e vigor intrínsecos. Tampouco há coerção no que concerne à personalidade, que faz parte de uma entidade. Existem leis do desenvolvimento, que constituem as únicas leis efetivas, e que governam tais questões. Ou na verdade tais questões governam-se a elas próprias. Quando as capacidades aumentam há formas de crescimento adicional que se abrem. . .

Existem tantos planos que se torna impossível catalogá-los, e a dificuldade brota da necessidade que têm de categorizar em termos de palavras. E isso não é possível justo neste caso particular.

(“Queres dizer, planos aqui na terra?”)

Existem inúmeros planos na vossa terra, ou melhor, infinitos planos a ter lugar em simultâneo com a vossa terra. A vossa terra sólida não é sólida para os habitantes de outros planos que parecem ocupar o mesmo espaço que a vossa terra. A ideia de ocupar o mesmo espaço é errónea desde logo, mas não vejo como evitar tais termos e ainda fazer com que para vós a coisa faça sentido.

O vosso padrão particular de camuflagem é próprio dos sólidos, entre outras coisas, e a ideia de sólidos apresenta a alternativa de algo não sólido ou não percebido, a que vocês chamam de espaço. Os vossos sentidos exteriores são eles próprios camuflagem para enfrentar, e equipados para

perceber, camuflagem. Em alguns outros planos o padrão de camuflagem é tão diferente que está além da vossa presente compreensão.

(“Podes dar um exemplo simples?”)

Esses outros planos que vocês haveriam de dizer que existem em simultâneo convosco no mesmo espaço que a vossa terra, passam despercebidos pela vossa parte, evidentemente. Ocorrem constantemente existências paralelas. Realidades organizadas de materialização contínuas acontecem com as suas próprias culturas, histórias, teorias, padrões de camuflagem e distorções, com os seus próprios seres a levar uma existência de indivíduos nos vossos termos.

(“Podes visitar algum desses planos?”)

Já visitei vários, mas torna-se difícil trocar isso por palavras. Esses planos de que falei têm uma certa similitude básica com o vosso, embora os padrões de camuflagem não apresentem semelhança. Quer dizer, a semelhança é uma em termos de organização, uma variedade de continuidade histórica, um forte mecanismo complicado de ego, um complicado sistema de código de camuflagem; sem, contudo, o sentido dual de alienação interno e externo com que a vossa raça se envolveu. Existem diversas dessas existências de estabelecimento de cultura ou planos a coexistir no mesmo espaço da vossa terra; mas, quando digo coexistência no mesmo espaço falo nos vossos termos e estou a simplificar a um ponto alarmante.

(“Algum desses planos terá consciência de nós, do nosso plano?”)

Nenhum dos atrás referidos tem consciência do vosso plano. Existe entre outros uma outra classificação para além das existências de cultura estabelecidas, e essas mantêm padrões de camuflagem mínimos e não se assemelham às existências culturais estabelecidas no vosso plano. Esses padrões de camuflagem materializados somente em certas alturas expressam e tratam de conflitos internos ainda por resolver. Ainda não fazia intenção de entrar nisto em profundidade, por poder ser confuso para dizer o mínimo.

(“Estamos a acompanhar-te.”)

Não há gradações tipo acima ou abaixo, melhor ou pior, avançados ou retardados no que diz respeito aos diversos planos, mas os próprios planos em si são agrupados em certos padrões organizados de desenvolvimento e,

de certa maneira que ainda não lhes consigo explicar parece haver certos tipos de gradação nesses agrupamentos.

Receio tê-los conduzido muito a fundo nesses assuntos, demasiado cedo. Não há respostas simples. Existe complexidade e crescimento e a dinâmica da vitalidade sempre; e isso encontra novas formas, novas diversões e novas criações constantemente. Os vossos próprios animais e todas as diversas espécies que vocês conhecem pertencem a um agrupamento geral, com o homem presentemente a tomar a dianteira.

(“O nosso plano poderia desaparecer?”)

Queres dizer num instante?

(“Bem, poderia simplesmente pôr término à sua função e depois deixar de existir como um plano? Disseste certa vez que os planos vêm e vão; Pelo menos alguns deles.”)

Ah, sim, isso acontece em inúmeros casos e pode acontecer com o vosso plano. Isso não afetaria de forma alguma os outros planos. A vitalidade do vosso plano e num ou em todos os planos no vosso agrupamento exibem-se em termos de consciência de si até certo ponto, conforme vocês o entendem.

Em muitos outros planos a vitalidade expressa-se de maneiras incompreensíveis para vós e neste momento para mim. O conceito de personalidade/entidade envolve apenas um processo de tipo principal envolvendo muitos planos e grupos de planos. Mas isto não é tudo o que existe. É extremamente possível que muitos no grupo da existência da personalidade tenham estado envolvidos em outros agrupamentos de planos completamente diferentes em algum passado inconcebível.

(“Na outra noite em que a Jane, o Bill Macdonnel e eu realizamos a nossa 'sessão' de amadorismo com a tua ajuda, tu disseste que a imagem que substituiu o reflexo da Jane no espelho era de outro plano.”)

Essa imagem era um fragmento de um tipo de personalidade de outro plano. Usei o termo *plano* para descrever qualquer outra esfera de existência com a qual vocês não estão familiarizados. Receio que tenhamos de pôr termo a esta prática. Daqui em diante, usarei a palavra plano para referir existências que tenham que ver com os vossos próprios níveis. Ou seja, a vossa senhorita Callahan, direi que se encontra num outro plano, já

que este envolve a continuação de alguma forma de conceito de personalidade que vocês podem entender.

Mais tarde, tentarei mostrar onde estão os limites - embora (*a Jane riu*) realmente não existem limites - que formam uma variedade de tais planos numa esfera de relação na qual, até certo ponto, causa e efeito operam conforme o entendem. Além disso, durante um longo tempo, não terei necessidade de ir mais fundo. Falarei da entidade, das personalidades, das reencarnações, dos diversos agrupamentos de fragmentos, dos planos com os quais vocês estão, quer familiarizados ou que conseguem entender e, em última análise, procurarei lidar com a tua pergunta, implícita, senão enunciada, sobre de onde as entidades vieram para começo. Esse é um empreendimento e tanto, por si só. Os inúmeros outros dilemas da existência - não irão preocupá-los durante um bom tempo.

Desnecessário será dizer que queria que vocês soubessem que há muito mais do que até mesmo isso, complexidades verdadeiramente surpreendentes, inteligências que operam no que suponho que vocês chamam de modo gestalt, e que constroem blocos de vitalidades de maturidade consciência e compreensão verdadeiramente inacreditáveis. Estas são praticamente definitivas.

Sugiro uma pausa. O material é tal que é difícil eu não quero sobrecarregar a Jane com ele.

(A voz de Jane já estava a mostrar-se cansada. Durante os últimos dois monólogos ela esteve bastante dissociada. Ela podia sentir o Seth tentar fazer passar o material sem a sobrecarregar, podia senti-lo a tentar fazer com que ela usasse as palavras certas. Era como se, disse ela, o Seth estivesse esticar-lhe o cérebro num esforço por fazer passar o material.

(A natureza deste material, claro, levou a Jane e a mim a especular um pouco, durante o intervalo, sobre o facto de que o que tínhamos como espécie, e na verdade a espécie em si, pode ser bastante impermanente. Sentindo-me pessoalmente interessado por tais coisas, falamos da impermanência talvez intrínseca de todas as nossas obras de arte, seja pintura, música, literatura, etc.)

Este material não deve levá-los a sentir-se desprovidos de importância nem insignificantes. A estrutura é de tal maneira tecida que cada partícula depende uma da outra. A força de uma acrescenta força a todas. A fraqueza de uma enfraquece o todo. A energia de uma recria o todo. O esforço de

alguém aumenta o potencialidade de tudo o que existe, e isso coloca grande responsabilidade sobre cada consciência.

Eu até aconselharia uma dupla leitura da frase que acabei de citar, pois é uma pedra angular e vital. Enfrentar desafios é a base para a existência em todos os aspetos da existência. É o factor de desenvolvimento de todas as capacidades e, correndo o risco de me tornar banal, é responsabilidade até mesmo da mais ínfima partícula de consciência usar as suas próprias habilidades e todas as suas capacidades ao máximo. Na medida em que isso é feito reside o poder e a coerência de tudo o que existe. Eu dei-lhes tanto material novo esta noite que terminarei a sessão em breve. Vocês verão que estamos a conseguir tanto material quanto antes, que é outro tanto material atual, e em menos tempo.

("Eu percebi isso.")

(Na verdade, a Jane e eu tínhamos plena consciência de que o Seth estava evidentemente a fazer algo em relação ao tempo, durante as últimas sessões. O peculiar com relação ao tempo é que, enquanto a sessão está em andamento nenhum de nós tem conhecimento de qualquer mudança. É apenas durante um intervalo, por exemplo, que perceberemos a quantidade de material que demorou meia hora ou algo assim. Sem executarmos testes físicos reais para efeito de comparação, parecemos acumular um pouco mais do que normalmente seria possível sem ser em alta velocidade. No entanto, durante uma sessão, a Jane enquanto conversava de forma constante, mesmo assim faz muitas pausas e não sou mais pressionado a escrever à velocidade máxima para a acompanhar.)

(A essa altura, a Jane estava bastante cansada. A voz estava baixa e o ritmo era muito mais lento.)

A pequena menção que fiz aos surpreendentes blocos de construção da Gestalt de inteligência massiva também é muito importante.

Agora, meus queridos amigos, vocês estão a ir muito bem. Joseph, faz com que a tua Jane faça as suas cavilhas neste fim de semana. Verás os arranjos da sala de estar muito mais adequados agora. As mudanças valem a pena. Sem elas vocês começariam a pensar em mudanças mais drásticas que poderiam ser convenientes a qualquer momento, mas que só perturbariam agora.

Quaisquer inovações, como construir algum tipo de prateleira, seriam igualmente úteis. Quaisquer reclamações antigas, se é que me permitem

uma palavra tão pouco imponente, devem ser resolvidas nos vossos aposentos tanto quanto possível. Pequenos prazeres do dia-a-dia são importantes para vós. Não seria benéfico neste momento vocês encontrarem outro alojamento, e quaisquer mudanças ou melhorias que vocês fizerem aqui virão a compensar em muitos aspetos.

Tu podes até fazer uma lista razoável, e quero dizer razoável mesmo, Jane, das circunstâncias preferenciais, como construção de prateleiras, pintura de salas e assim por diante, e executá-las tu própria. O que quer que seja, se alguma coisa agora diariamente te irritar, muda essas coisas e ficarás surpreendida com a paz de espírito adicional que terás. Eu teria pensado que tu própria terás tido a ideia da mudança na entrada; algo para manter as tuas energias psíquicas contidas, e mais uma vez, é a sensação que a entrada te proporciona, e não a própria entrada em si, e a sensação de que uma mesa e cadeira em outra sala dão à Jane, em vez da mesa e da cadeira em si.

(“Seth, recebemos os nossos cartões ESP da Universidade Duke.”)

Eu sugiro fortemente que comeces a trabalhar com esses cartões e também (a Jane riu), quando tiveres tempo, continues a tua própria tentativa de usar os sentidos internos fora dessas sessões. E (A Jane riu novamente) tudo isso em meio a uma vida social equilibrada.

(“Pois, isso há de ser fácil.”)

Esta é apenas uma sugestão que deve ficar ao critério do Joseph e sujeita ao juízo do Joseph; e mais uma vez é apenas uma sugestão e de novo para que seja determinado pela discricção de Joseph. Não sei se é viável ou não, a possibilidade apenas das vossas cavilhas ou qualquer alternativa serem instaladas aqui.

(Ao fazer uma pausa, a Jane ficou com os braços estendidos à esquerda da minha mesa. Pude prontamente ver que algum tipo de divisória aqui protegeria a área de trabalho dela da entrada do nosso apartamento.)

Também sugiro fortemente que a Jane retome a anotação dos sonhos que tem e coloque o caderno ao lado da cama.

Agora, minhas duas peônias fluorescentes, desejo-lhes uma boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

SESSÃO 30

27 DE FEVEREIRO DE 1964

(Várias vezes esta manhã, enquanto trabalhávamos, a Jane mencionou que estava a receber lampejos do Seth sobre um assunto particular — o frigorífico na nossa casa de banho. O Seth tinha, disse ela, acabado de perceber esta situação e estava bastante perturbado.

(Na realidade, temos dois frigoríficos, e como a nossa cozinha é muito pequena, mantínhamos o frigorífico mais pequeno lá e o maior na casa de banho. A casa de banho é muito grande, uma divisão ornamentada e revestida de azulejos que foi em tempos a casa de banho principal da casa, antes de ser convertida em apartamentos.

(A Jane detestava fortemente a ideia do grande frigorífico na cozinha e resistia ativamente à preocupação do Seth com o problema. Mas ao almoço disse-me que não ficaria surpreendida se tivéssemos uma curta sessão esta noite. Eu não gostava muito da ideia, mas decidi ver o que surgia, principalmente para referência futura.

(Quando fui buscar a Jane depois do trabalho na galeria, ela disse-me que um dos lampejos do Seth foi este:)

Porque é que uma cozinha pequena torna um frigorífico sanitário numa casa de banho?

(Ela também estava preocupada porque pensava que o seu subconsciente poderia estar a pregar-lhe partidas, usando a abordagem do Seth para resolver problemas que ela ou nós devíamos resolver por conta própria. Não queria adquirir este hábito. Tínhamos acabado de jantar quando a Jane me fez sinal para pegar em papel e caneta. Durante toda a breve sessão, a voz dela foi normal e o ritmo lento. Os olhos escureceram como de costume.)

Muito bem. Isto não deve ser considerado uma sessão regular. Não tens de a incluir nas notas oficiais, a não ser que o desejes.

A sugestão aparentemente infeliz que fiz ao Ruburt foi feita para vosso benefício, não meu. Esta curta sessão nem sequer seria necessária, exceto pelo facto de eu não ter a certeza se considerariam a sugestão como legítima se eu não a desse de forma normal, ou devo dizer, formal.

Jane, querido Ruburt, tem-me assediado com protestos por causa da pequenez da vossa cozinha. Se eu tivesse percebido que o vosso centro alimentar não estava num só local, certamente teria feito esta sugestão mais cedo. Não tenho intenção de perturbar a vossa casa, nem, como o Ruburt temia, foi esta sugestão meramente um truque do seu próprio subconsciente. Não serão certamente atormentados com ideias constantes de mudanças de móveis deste tipo.

Encontrei-vos em certas circunstâncias físicas, algumas das quais eram psiquicamente desfavoráveis, mas antes de se desenvolver uma

confiança mútua, dificilmente poderia fazer tais sugestões. É por isso que vieram todas de uma vez, por assim dizer. E não vão continuar a vir.

O facto é que, independentemente, Jane, da pequenez da vossa cozinha, simplesmente não é fisicamente sanitário nem mesmo psiquicamente saudável manter comida numa casa de banho. Naturalmente, o frigorífico deve ser mantido num só lugar. Aconteceu apenas que escolheram o pior local possível.

Este envolvimento ou aparente envolvimento nos vossos hábitos pessoais é algo caricatural. No entanto, sei que a mudança será benéfica a um grau bastante importante. As infeções de gengiva do Rob estão diretamente ligadas à proximidade do frigorífico com centros de limpeza mais pessoais, e estes centros devem certamente ser separados.

Longe de quaisquer sugestões constantes da minha parte quanto a mudanças, estou, pelo contrário, a tentar pôr-vos nas condições mais benéficas possíveis para que estes reajustes constantes não sejam necessários.

O quarto de dormir deve estar sempre separado. Os centros de preparação de alimentos devem estar sempre separados, e vocês têm espaço para essas instalações num só local. A casa de banho é um dos vossos ambientes mais afortunados. Estão extremamente bem servidos neste aspeto e a divisão deve ser um lugar de limpeza e até de descanso. Ainda não compreendem suficientemente bem a poluição ou o crescimento, mas simplesmente não se deve permitir comida nesta divisão. Eu diria que, com as vossas educações, deviam ter sabido isto sozinhos, e estou, com toda a honestidade, embaraçado por ter de vos dizer isto.

A minha menção à árvore na cozinha foi feita porque eu gosto de a ver quando o Ruburt faz as suas viagens duas vezes por semana pelo chão da sala. Uma árvore é um símbolo vivo para ti, Rob, mas certamente não insisto que a árvore fique descoberta, embora pessoalmente não veja razão para que quaisquer outras mudanças tenham de ser feitas na cozinha, exceto a adição do frigorífico. Coro de pensar nos teus ilustres professores a ler isto, e, por vossa causa, sugiro que não seja enviado com o material oficial.

(“Está bem.”)

(A referência do Seth a uma árvore diz respeito a uma que eu desenhei diretamente na parede da cozinha, a tinta da Índia sobre a tinta amarela. Acontecia ser um dos meus melhores desenhos, feito muito rapidamente acima do local onde tínhamos colocado o frigorífico pequeno. Pode-se olhar para a cozinha a partir de uma das extremidades da sala de estar e, assim, ver a árvore, e com uma luz suave é muito eficaz. O frigorífico grande cobre-a completamente, já que é o único local na cozinha onde cabe de todo. A Jane usou este facto para protestar junto do Seth sobre mudar os frigoríficos.)

Fiz a sugestão de forma improvisada simplesmente porque de repente me apercebi da condição que precisava de um remédio. Estas mudanças na vossa situação física, acreditem ou não, poupar-vos-ão a ambos algumas dificuldades psíquicas e até doenças físicas. Caso contrário, não teria feito nenhuma sugestão.

Ora, espero sinceramente que isso esteja resolvido e que o Ruburt pare de me azucrinar. Ele continua a insistir comigo mais do que eu alguma vez insisto com ele entre sessões, e está simplesmente a ficar demasiado bom nisso.

Os vossos espaços de vida devem estar divididos quanto à função. Isto evita o emaranhamento de energias psíquicas, e entrarei nas razões para isto durante uma das nossas sessões regulares. Agora, queridos pombinhos, está uma noite encantadora, pelo que vejo. Estas mudanças físicas tornarão a vossa vida mais pacífica e colocar-vos-ão ambos em paz de várias maneiras.

Tens alguma pergunta, Rob?

(“Porque é que as costas da minha mulher doem?”)

O problema nas costas da tua mulher é uma questão de tensão, e um ajuste quiroprático ajudará sem dúvida. Mudanças emocionais e psíquicas às vezes varrem-na sem controlo, sendo que as mudanças do inverno para a primavera têm a ver com ajustes químicos em vez de glandulares. Não é nada sério, e também abordarei as razões por trás da sua variedade particular de dificuldades sazonais mais tarde, quando falar das suas vidas passadas.

Vou deixar-vos agora. Existe a possibilidade de a visão do Ruburt melhorar com um ajuste quiroprático. Como de costume, eu poderia continuar durante horas, mas não vos vou prender.

(“Boa noite, Seth.”)

(Fim às 18h00.)

A observação do Seth de que estava uma noite encantadora resultou do facto de ainda não ter anoitecido. Normalmente, as nossas sessões acontecem quando já está bastante escuro lá fora.)

SESSÃO 31

(A CRIAÇÃO DO UNIVERSO)

2 DE MARÇO DE 1964

(Novamente, esta sessão ocorreu sem o tabuleiro. Já às 8h35, a Jane sentiu-se um pouco nervosa. Às 8:45 ela “não tinha ideia do que ele iria falar essa noite.” Às 8h55, quando lhe perguntei se ela já tinha alguma coisa, ela balançou a cabeça na negativa.

Ela disse que por vezes durante um monólogo tinha consciência de estar a bebericar vinho ou leite, e outras vezes não.

(Jane começou a transmitir o material exatamente às 21h. Quando começou, o nosso gato Willy comportou-se da maneira mais estranha. Ele tinha estado a dormir no sofá, mas quando a Jane se levantou para começar, Willy saltou para o chão. Meio agachado no meio da sala, ele olhou em volta com os olhos com a pupila completamente dilatadas e as orelhas meio voltadas para trás; é uma pose que muitas vezes o vimos adotar em estado de alerta.

(A voz de Jane durante a transmissão esta noite esteve um pouco mais intensa que o normal durante toda a sessão. O ritmo não se afeiçoou rápido, os olhos de pupilas dilatadas como sempre.)

Boa noite, passarinhos.

(“Boa noite, Seth.”)

Não sei se a Jane fica menos ou mais nervosa antes de uma sessão quando vocês não usam o tabuleiro. Depois de tantas sessões eu acho que ela deveria ficar tranquila.

Lá no fundo da mente ela tem uma questão que eu evitei por muitas razões. Uma das principais razões para eu a evitar foi a necessidade de apresentar um pré-requisito para que a resposta se torne pelo menos parcialmente compreensível. A questão tem que ver com a chamada criação do vosso universo, a introdução de entidades nele e, claro, com a causa ou causas que existam por trás de tal criação. Vocês já sabem que criam o vosso próprio universo-padrão de camuflagem, e eu já tentei cobrir alguns dos mecanismos envolvidos nessa criação contínua e aparentemente automática.

Se isso fosse inteiramente compreendido, entendem, então não haveria necessidade de procurar nenhum Deus. Eu certamente não estou a querer entrar no conceito de Deus neste momento, embora vocês possam ter certeza de que vou cobri-lo por completo, uma vez que é, em si mesmo, uma ideia-camuflagem que cobre algo muito diferente. Vocês sabem, pois, que vós próprios criais o vosso universo e que cada geração o cria de novo à sua própria imagem. Existe um princípio de desenvolvimento que opera no domínio das ideias e na construção dessas ideias em padrões de camuflagem.

Os padrões evoluem de acordo com certas leis. Eles apenas refletem as ideias que têm por trás, e essas ideias vocês precisam perceber que têm origem em diferentes fontes. Eles têm origem no subconsciente, é verdade, mas antes disso, a qualidade de uma ideia é recebida pelos sentidos internos. Às vezes, a qualidade da ideia é recebida sob a forma de intuição, onde é desencadeada na mente consciente. Mas o ego consciente é o manipulador primordial de padrões de camuflagem e a força motriz óbvia. O material efetivo a partir do qual os padrões de camuflagem são formados é a vitalidade que existe e que é usada inconscientemente pelas vossas personalidades. Essa recolha efetiva de vitalidade primordial com o propósito de construção não é, todavia, verdadeiramente automática, nem é verdadeiramente executada inconscientemente. O eu fortemente consciente de si de que falei, o eu consciente de si do qual a vossa própria personalidade não está ciente, esse eu que enfrenta para o mundo interior da realidade, recorre conscientemente à vitalidade e matéria do que é.

O ego consciente manipula então esse material com o propósito de construção de camuflagem. A transformação da vitalidade em propriedades físicas é feito por esse eu consciente de si que enfrenta o mundo interior. O subconsciente é a ligação existente entre essas duas consciências de si, e aqui vocês encontram uma aceitação da parte da personalidade de camuflagem dos materiais à mão. Ao mesmo tempo, a consciência camuflada não pode estar ciente do causador real e, por isso, precisa procurar causas fora.

No vosso sistema dual, ou seja, as duas consciências cientes de si encontram-se mais divididas e alheias uma à outra do que necessário. A velha ideia de espíritos que impregnam toda a matéria física na verdade representa um vislumbre intuitivo da realidade a que as vossas ciências finalmente chegarão de uma maneira muito elaborada. Já podem ver porque o problema da criação não existe realmente nos termos em que vocês inicialmente o conceberam. Em uma sessão mencionei que, como a

consciência de si existe em todos os seres vivos, então a especificação da questão da exata entrada torna-se irrelevante.

(Pausa às 9:27. Jane esteve numa condição “intermédia” de alienação desta vez, ou parcialmente dissociada. Parecia que não tínhamos adquirido tanto material como de costume. Pelo final da sua transmissão ela estava a falar um pouco mais alto e num ritmo um pouco mais rápido.)

O facto é que o vosso plano teve origem por suficiente quantidade de entidades necessitarem de certos tipos de experiência para justificar tal criação, e elas dedicaram-se à sua formação através do processo de evolução. Isso eu creio que vocês entendem. A mais diminuta das porções iniciais representava a vontade e vitalidade de todas as entidades que viriam a habitar sobre a terra que viria a existir de seguida.

Estava longe de ser um arranjo sem propósito. Envolvia uma providência dificilmente imaginável, e repito que vós tivestes a vossa parte na reação inicial, assim como todas as entidades que viveram ou que venham a viver na terra; e aqui estamos a entrar em algo bastante difícil, mas que certamente não é mistério nenhum. Espero ser capaz de tornar isso inteiramente compreensível em algum momento futuro. No entanto, vou expor algumas questões agora e vocês os entenderão mais a fundo em sessões posteriores.

Uma vez que todas as entidades participaram quando a primeira partícula de matéria se materializou fisicamente, então a inferência é clara que entidades ainda não nascidas no vosso planeta de alguma forma existiam então, e este é o caso. Vocês estão familiarizados eu estou certo com o velho ditado religioso Cristão de que Deus sempre existiu e sempre existirá, e isso é considerado um mistério religioso. O facto é que as entidades sempre existiram e sempre existirão, embora não necessariamente da mesma forma.

Isso envolve por parte da entidade o uso de personalidades, que são de certa forma cápsulas de si própria ou mesmo compartimentos - parte de toda a entidade mas perfeitamente divididas no que diz respeito à memória e assim por diante. Tampouco é este o único universo que vocês ajudaram a construir. Isto é bastante difícil, mas vocês verão que é realmente bastante lógico.

Quando o vosso amigo Philip inocentemente perguntou em que momento a consciência humana entrou em cena, a pergunta dele não era

pertinente. A consciência humana envolve consciência de entidade, e a consciência de entidade afirmou-se mesmo na primeira fase de materialização física.

(“Isso incluirá a construção física real da própria terra? Ou estás a referir-te aos primórdios da vida numa terra já em existência?”)

Isso inclui construir a própria terra, e quando falei da primeira partícula eu referia-me à primeira materialização da matéria física. Foi essa primeira partícula antes da terra adotar a sua forma a que me referi ao dizer que era o resultado da vontade de todas as entidades que jamais viriam a nascer nela.

As leis da evolução eram leis que se restringiam em certo aspeto, mas envolvem uma disciplina necessária na formação. O facto de que entidades sempre existiram e sempre existirão soa estranho ou mesmo impossível simplesmente por causa da vossa perspetiva atual. Contudo, mesmo os pequenos estudos que fazem com o tempo psicológico deviam dar-lhes algumas informações valiosas sobre este assunto, e o uso de tempo psicológico é muito importante por causa das vias que lhes vai abrir.

Se vocês usarem o tempo psicológico conforme eu lhes disse, vocês obterão em primeira mão muitas facetas da realidade que me levam páginas a explicar com o uso indireto das palavras. Todas as entidades são basicamente porções de energia ou vitalidade conscientes de si. Eles geram-se a elas próprias e não há possibilidade de pensar em termos de início ou fim. Mais uma vez, são apenas os vossos próprios dados aprisionados pela camuflagem é que os levam a pensar que tudo tenha um começo e um fim.

Vou entrar nisso também mais a fundo posteriormente. Já é óbvio que em qualquer plano as entidades criam esse plano, e uma forte porção das suas personalidades é construída de forma semelhante para lidar com a mecânica do plano particular.

Num exemplo muito simples, considerem que vocês próprios usam a vossa própria energia para criar o vosso mundo de sonho. Dessa forma, vocês também criam a vossa chamada camuflagem real, a única diferença é que as imagens do mundo dos sonhos não têm duração no tempo físico, embora tenham duração no tempo psicológico. E acreditem ou não, na verdade a vossa individualidade tem muito mais liberdade na criação do vosso mundo dos sonhos, e esta é a razão pela qual o mundo dos sonhos não parece consistente aos demais.

Na criação do mundo físico um certo abdicar da individualidade é absolutamente necessário, uma vez que o ambiente material geral deve parecer mais ou menos igual a todos. Claro que nunca vai parecer absolutamente o mesmo, mas deve apresentar uma coerência geral bastante confiável.

(Desta vez, parece que adquirimos uma quantidade normal de material entre os intervalos. A Jane também esteve bastante dissociada. Ela disse que alguma forma a ideia de que todas as entidades existiam no momento da criação da terra a chocou.

(Alguns dias atrás, enquanto pintava, surgiu-me a ideia na minha consciente espontânea de que o próprio ato de pintar um quadro envolvia a construção de um plano. Eu tinha mencionado isso à Jane na altura.)

Curiosamente, o vosso universo não foi criado por todas as entidades, mas apenas pelas entidades que precisavam de um tipo particular de experiência. O facto da manipulação ser importante no vosso plano é uma das principais causas das guerras.

(“Seth, o que queres dizer exactamente quando usas a palavra universo? Estás a referir-te apenas ao nosso próprio sistema solar?”

(A seguinte resposta que Seth deu, através de Jane, coincidiu tão de perto com as palavras que se formavam na minha mente que mais uma vez, conforme na 28ª sessão, eu me interroguei se a telepatia poderia estar envolvida, como no caso de John Bradley.)

Por universo quero dizer sistemas físicos. Ou seja, tudo o que vocês podem ver agora são sistemas físicos. Estou a falar do universo nos vossos termos, como sendo tudo o que os vossos telescópios podem captar. De certa forma, o vosso conhecimento está limitado ao sistema físico. Estou a falar das estrelas e planetas que vocês veem os vossos céus, mas não dos sistemas invisíveis que podem existir simultaneamente com eles.

A guerra não existe nos outros planos. Existe no vosso plano como um subproduto de certos desafios que as entidades-criadoras desejavam resolver através da materialização. Eu sabia que tinham essas questões na mente. Gostaria de voltar à diferença entre o mundo dos sonhos e o mundo de camuflagem exterior novamente.

O eu consciente de si do outro lado do subconsciente tem um mão na criação dos vossos sonhos, já que vocês são a única personalidade a quem precisa ser compreensível. O mundo da camuflagem deve ser, pois, dependente, pelo que você não têm essa liberdade individualista.

Aqueles que possuem *identidades* ocultas extremamente fortes conscientes de si próprias têm a necessidade de maior uso da individualidade, e essa gente cria, pois, o que poderia ser chamado de outro plano nas horas de vigília, através do uso de formas de arte.

("Eu também pensava que sim.")

Na criação de formas de arte, ambas as consciências de si têm permissão, com certas reservas, para trabalhar em conjunto. O canal subconsciente entre eles tem permissão para se abrir em grande medida. O produto de tal fusão é extremamente individualista, e ainda assim mais compreensível para os outros do que, digamos, um fragmento do mundo dos sonhos.

No entanto, também participa da estranha unidade que congrega todas as personalidades sob o padrão de camuflagem, enquanto ao mesmo tempo está apenas parcialmente conectado com o padrão de camuflagem. Em alguns aspetos, as criações artísticas são um encontro do mundo dos sonhos e do mundo dos padrões de camuflagem, mas num sentido mais profundo as criações artísticas representam a aparição ou materialização no elemento real do tempo físico das realidades internas. Ou seja, o eu individualista interior força a sua visão e conhecimento no mundo do padrão de camuflagem, e dá aos seus sonhos uma realidade física negada ao sonho vulgar. E aqui o uso da energia para esse propósito é consciente, ou seja, o forte eu oculto realmente faz uso do eu consciente camuflado e molda os dois numa realidade que combina dois planos. Espero que isso fique claro à medida que o relerem.

O ato de criação artística é, pois, um a estudar, por envolver intrincadas operações das consciências duais que uma personalidade tem de si própria, os dados internos serem transformados através do subconsciente e uma maior individualidade ser possibilitada em função disso. Tu tinhas razão, Joseph, no sentimento que tinhas de que a arte criou um outro plano, e agora deixa que te atinja com esta: os quadros de um artista em alguma medida têm uma consciência própria, não aprisionada nem sequer pela forma em si.

Sugiro uma breve pausa, mas deixa que te felicite, meu querido Joseph, pela última manipulação que fizeste do padrão de camuflagem em termos da vossa entrada (da casa). Vocês vão achá-la muito benéfica. Contudo, marcará o fim das sugestões da minha parte. Se possível atenta para os que já fiz, mas a menos que me questiones, deixarei a vossa condição física de lado, por estar muito melhor agora.

(“Bem, tenho certeza de que vamos ter mais perguntas sobre o assunto de tempos a tempos.”)

Bem, farás bem em dar à nossa apimentada Jane a sua velha divisória ou o que quer que seja na frente, mas fora isso estás à vontade no que me diz respeito.

(A divisória à qual Seth se referiu consiste numa ideia minha de construir um pequeno arranjo de estante sobre a mesa da Jane, para que ela tenha uma área de trabalho fechada numa extremidade da nossa sala de estar ao lado das janelas.)

(Desta vez Jane mostrava-se bem dissociada. Ela disse que parte dela sabe quando ela fuma um cigarro, e parte não. Eu também perguntei por que ela não podia transmitir as mensagens do Seth sentada tal como ela faz enquanto passeia. A pergunta surgiu por eu pensar que ela estivesse a ficar cansada. A voz dela estava a ficar rouca.)

Em última análise, o canal para a vitalidade ou para a transformação da vitalidade na matéria física é, naturalmente, a capacidade dos sentidos internos, e há uma ação contrária aqui no que diz respeito ao ego consciente. O ego consciente frequentemente bloqueia muita energia. Nos sonhos, o bloqueio é minimizado.

(Agora a Jane sentara-se a ditar.)

Os sentidos internos operam em todos os planos e em todas as circunstâncias. Os sentidos externos variam de acordo com o plano e a circunstância. Os sentidos externos são fiáveis apenas em termos do plano definido para o qual foram concebidos. O seu propósito, é claro, é o de permitir que a personalidade consciente reconheça como válidos os padrões de camuflagem que só são válidos sob certas condições.

No vosso tipo particular de agrupamento culturalmente organizado, a camuflagem é necessariamente forte, e os sentidos externos correspondentemente vívidos. Isso é claro está obrigado a bloquear alguns

dados internos. Ao mesmo tempo, é a vitalidade interior que cria a camuflagem desde logo. O Joseph tinha razão quando disse que as entidades criam palcos sobre os quais encenam os seus problemas. A questão, é claro, está em que uma vez que a peça começa os atores ficam tão completamente imersos nos seus papéis que esquecem que eles próprios escreveram a peça, construíram os cenários ou até mesmo estão a atuar. A razão para isso é bastante evidente.

Se vocês souberem que uma situação é imaginária, não vão se vão dar ao trabalho de a tentar resolver. Dessa forma, vocês têm os vossos atores a acatar a situação como parece ser, só que a olhar em volta com algum espanto de vez em quando a interrogar-se de como eles chegaram ao que são, quem construiu o palco e assim por diante. Eles não percebem que a coisa toda é auto-gerada, nem deveriam, em geral, uma vez que a urgência de resolver problemas se dissolveria.

(Aqui a Jane riu. E aqui uma vez mais, ela começou a responder de imediato à questão que se me afluara à mente.)

Não me preocupa poder estar a perturbar o equilíbrio existente, longe disso. O facto é que a realização até certo ponto pode suceder e muitas vezes sucede depois que a jogada está bem adiantada, e neste ponto a ação de camuflagem está tão adiantada que a própria realização aparece no quadro da camuflagem, e muitas vezes se torna indiferenciada dela.

As criações artísticas representam tal consciência, mas aqui a criação de outro plano deve estar entrelaçada com o padrão de camuflagem com o qual vocês estão envolvidos. Ou seja, os quadros não teriam realidade no vosso atual estágio de desenvolvimento enquanto permanecessem simplesmente na vossa mente, até mesmo no teu caso. Vocês são levados a dar-lhes “realidade,” e coloca essa palavra entre aspas, ao materializa-los em termos de padrão de camuflagem. Vocês fazem isso pelo melhor da vossa habilidade, mas para que a pintura tenha uma realidade no vosso mundo, ela precisa materializar-se em algum grau no plano físico.

A criação artística é pois a criação mais básica, nem mesmo um ato de mímica, mas uma criação genuína de outro plano, feita conscientemente a partir da perspectiva de um padrão de camuflagem de aprisionamento. Uma grande conquista, pois. Deveria ser simples como analogia considerar a questão seguinte, em que a figura em um quadro tem não só uma certa consciência, por exemplo, mas outras liberdades também; e isso dar-lhes-ia uma conceção limitada do que envolve a criação de outros planos de alcance mais variados.

(Jane já se sentia bastante cansada. Ela ditou a maior parte do material sentada. A voz dela estava mais baixa que o normal, também. A fim de verificar um pouco se havia alguma telepatia entre nós, eu disse à Jane que tinha uma pergunta que eu queria fazer a Seth, mas que não a ia verbalizar, pelo menos por enquanto.)

A propósito, eu pude dar-lhes alguma informação com respeito à Srta. Callahan valendo-me de algumas das habilidades ou qualidades de Frank Watts, mesmo apesar de ele estar descansando de momento.

(Mas, seja como for, posso afirmar aqui que a senhorita Callahan era a assunto ou pergunta que eu tinha em mente e queria saber.

(“Como está a senhorita Callahan agora?”

(Jane e eu não víamos a Srta. Callahan desde a visita que lhe fizemos a 26 de Fevereiro de descrita na 29ª sessão.)

A condição dela não vai melhorar, embora ela possa ter sintomas muito temporários e curtos períodos de lucidez.

(“Ajudaria se lhe fizéssemos uma visita?”)

Uma visita pode-os ajudar. Eu estive à espera da pergunta que queria fazer, era isso?

(“Era isso, Seth.”

(Eu tive que rir quando Seth-Jane começou o seguinte monólogo, pois logo assim que começou, a Jane levantou-se e voltou a andar de um lado para o outro. No final da sessão a Jane disse que se levantou porque se sentira muito dissociada sentada; ela estava a falar de olhos fechados e sentiu que poderia entrar em transe. Ela disse que o Seth não se importava com a posição dela. Eu pensei, porém, que era mais do que coincidência que Jane se tornasse mais ativa, considerando o assunto do parágrafo seguinte.)

Eu também gostava de realmente ralhar com a Jane em termos mais veementes sobre o hábito dela de fumar. Nesta época do ano, em particular, fumar demais não é bom; e ela sabe que eu ia dizer isso e bloqueou-me desde o começo desta sessão.

Faço intenção de entrar em mais material sobre os diversos planos, e em breve traçar um esboço abrangente dos sentidos internos e do seu mecanismo e operação. Se isto não for demais para vós, acrescentarei o seguinte: os sentidos internos correspondem aos sentidos externos do eu interior oculto consciente de si, isto é, separado pelo subconsciente do eu consciente comum.

Essa consciência oculta de si também pode, por vezes, olhar através dos vossos sentidos externos no vosso mundo de camuflagem. Nesses instantes vocês conseguem algo do mesmo efeito de quando vocês olham através de um telescópio, e podem pensar no longo tubo do telescópio como o canal do subconsciente.

A propósito, uma vez mais, quando mencionei que os quadros também experimentaram uma certa consciência, eu quis acrescentar que eles não são completamente impotentes, mesmo no seu próprio plano, uma vez que existem nele. Naturalmente podem exercer influência nele. Achei que isso te interessaria em particular, Joseph.

(“Interessa. Eu gostaria de perguntar mais sobre isso quando não estivermos tão cansados.

Agora, posso mudar um pouco de assunto?”)

Se preferires.

(“Por que é que ficou a Jane tão chateada com a morte dos estorninhos na galeria pela polícia no fim de semana? Ela escreveu um poema sobre isso esta noite, e ela vai mandá-lo para o jornal.”)

A Jane ficou chateada e por um bom motivo. Isto é, embora de certa forma as aves que foram mortas estivessem à beira de um fim natural, a razão por trás desse fim foi errado em termos de valor emocional, e ela percebeu isso. Não é preciso dizer que a morte de um pássaro é inevitável, mas no caso de um pássaro morto por um gato não precisa fazer malabarismos com o mesmo tipo de valores com os quais o homem se preocupa.

Não vou aprofundar este assunto esta noite. Basta dizer que matar por autoproteção ou mesmo matar uma presa natural no vosso plano não os envolve no que podemos chamar pela primeira vez, creio bem, consequências cármicas.

Matar por nada mais sério do que conveniência ou matar por matar envolve consequências bastante terríveis no vosso plano, e a emoção ou valor emocional por trás dessa matança é muitas vezes tão importante quanto o que é morto. Isso é a concupiscência de matar e também é uma questão que traz consequências terríveis, independentemente, em muitos casos, da coisa viva particular ou coisas que são mortas. Isso envolve juízo de valor de um tipo muito importante mas não o abordarei esta noite. No entanto, fico feliz por me teres suscitado o assunto, já que o vou usar para levar a domínios que ainda não começamos a cobrir.

(“O nosso gato sentiu-te no início da sessão desta noite?”)

O vosso gato pressentiu-me no início da sessão. Contudo, ele está bastante familiarizado comigo agora. Demora um pouco à Jane e a mim juntar-nos, por assim dizer, para falar, e naquele momento eu estava difundido e ela estava confusa. Estou pronto para encerrar a sessão, pois tenho tentado observar o vosso tempo, já que a Jane emite berros tão potentes se eu vos prender mais. Uma dessas noites Jane vai levar a melhor porque vou alternar algumas sessões de material regular com algumas sessões relacionadas com a vossa presente família.

E agora boa noite, meus pêssegos. Tentem manter as coisas em equilíbrio, e na tranquilidade lembrem-se de experimentar o uso dos vossos sentidos internos. É mais benéfico para a Jane ser bastante autodisciplinada neste período do ano, por razões que abordarei mais adiante. Uma agenda tranquila é importante para ele até Abril, pelo menos. Não é tédio, querida Jane, tu não tens que te preocupar. Ou seja, uma agenda tranquila ajudar-te-á a direccionar, e disciplinar e a usar benéficamente o súbito jorro de energia nervosa que por vezes te inunda.

E agora o Doutor Seth diz boa noite. Eu não vou nem exigir cobrança.

SESSÃO 32

(SENTIDOS INTERIORES)

4 de Março de 1964

(A Jane saiu para a mercearia da esquina para comprar um maço de cigarros. Na verdade, ela teve que se apressar porque a loja que fica a vários quarteirões de distância. Também estava a chover. Mais uma vez, Jane estava a tentar desistir de fumar; desta vez a luta durou mais ou menos um dia e terminou em lágrimas depois do jantar desta noite. Parecia ser algum tipo de reação de pânico, e já havia acontecido antes.

(A Jane voltou da loja às 8:55. Ela disse que não sabia que tipo de sessão iríamos ter, mas às 8:58 ela relatou que conseguia “sentir-lhe” a presença. A sessão começou às 9:02, e sem o tabuleiro Ouia.)

Boa noite.

Primeiro, naturalmente, tenho alguns comentários a fazer que não apenas se prendem com os hábitos de fumar que a Jane tem na sua personalidade atual, mas também, até certo ponto, quanto à sua personalidade atual em associação com personalidades passadas.

A disciplina dela está a melhorar e melhorou esta vida, principalmente desde o final do período da adolescência. O hábito de fumar dela, meu caro Joseph, é tolerado por razões inteiramente diferentes daquelas que te impeliram a fumar, e é-lhe difícil romper com o hábito, embora ela o esteja a romper e tenha feito progressos importantes durante o ano passado.

O hábito de fumar dela representa o fim de uma avidez característica que a assediou em vidas passadas, em que o cigarro desta vez representa como que um resquício. A avidez no passado envolveu muitas outras áreas. Incluía um forte apetite para se empanturrar de comida e bebida, e uma voracidade generalizada de apetite, até mesmo uma avidez intelectual e emocional que ela superou em grande parte.

Desta vez, e sobretudo desde o fim da adolescência, conseguiu deixar de lado os outros tipos de avidez, e deixou que o cigarro tomasse o lugar de todo o resto. Há aqui também o que eu posso chamar de uma espécie de pânico quanto ao ar, uma insaciável aspiração de ar que o trago nervoso de um cigarro por vezes satisfaz, até mesmo uma base na claustrofobia em que a personalidade sente que não está a receber ar suficiente ou está fechada.

A Jane ainda tinha um desejo guloso latente por comidas ricas que ele conquistou. No entanto, embora o hábito do cigarro satisfaça esses velhos hábitos básicos, ela será capaz de o abandonar. Ela é uma gluttona, é tudo. Devoradora de ideias, de emoções, de atmosfera, de certa forma uma verdadeira esponja que absorve tudo o que pode, mas aprendeu a disciplinar-se e está a aprender uma certa dose de paciência, o que para ela é difícil.

Há igualmente aqui ligada apenas à sua personalidade atual uma imagem do ego do escritor com um cigarro. Neste caso o cigarro representa independência e até individualidade, e até emancipação feminina. Assim, está tudo ligado em uma teia bastante labiríntica. Espero que quando a Jane o entender isso lhe facilite a situação.

Como eu disse, isso também tem a ver com o pânico de devorar ar, como se ele nunca pudesse ter o suficiente. Certa vez, ele morreu de asfixia em criança, e isso também tem as suas implicações aqui no presente, sendo a respiração do engolir o ar um mecanismo de memória subconsciente. Espero que isso a ajude. Eu não pretendia aprofundar-me nisso esta noite, mas é bastante interessante. E ele achava que tinha um método infalível de gratificação, uma gratificação que parecia não acarretar penalidades como comer demais e assim por diante. A personalidade aqui tem dado, via de regra, mas também acolheu tudo o que pôde. Espero que isso também responda a algumas perguntas que possas ter, Joseph, nesse sentido.

(“Fizeste o percurso para a loja com a Jane esta noite?”)

Não. Eu sabia que ela foi lá. Estas sessões de tentar parar de fumar são uma ajuda definitiva e o hábito finalmente cederá. A personalidade está a fortalecer-se e será capaz de lidar com o problema, pois no passado conquistou a gula em relação à comida e outros elementos. O pânico em si não será tão grave quanto Jane o enfrenta e percebe a conexão com um engolir o ar. Sei do livro sobre a auto-hipnose e acredito que será de grande ajuda para a Jane nesse sentido, pois permitirá que ela contorne muitas das objeções do ego. Esse hábito, por várias razões, está profundamente enraizado e parecia ser uma resposta inofensiva a uma série de necessidades e problemas passados e presentes.

No entanto, agrava uma certa quantidade de nervosismo e não é benéfico. Neste também é importante uma atitude definida, mas não intimidadora. A sensação de pânico já está a diminuir e a disciplina da Jane

está a recuperar e a conquistar as suas atitudes emocionais pelo que o problema será resolvido, ou seja, ela vai parar de fumar.

(“A Jane foi fumadora numa vida anterior?”)

Não. É a tendência que ela tem de engolir aqui que é importante. Ele desistiu nesta vida de engolir comida e bebida. Em vidas passadas ele nunca foi moderada, no sentido físico, emocional nem no intelectual. Isso não foi em muitos aspetos ruim. No entanto, quando a personalidade imoderada não discrimina, a característica básica pode causar desconforto. Ela sempre foi muito generosa, por exemplo, e amável, até mesmo excessivamente gentil. Por outro lado, ela comeu e bebeu demais. Ele estava apenas ansiosa via de regra.

As circunstâncias do nascimento dela tornaram-lhe difícil exagerar nas coisas ricas da vida, embora sua mãe atual usasse alimentos ricos em compensação de outras coisas, e esse exemplo abriu os olhos da Jane e realmente colocou-a no caminho da autodisciplina.

Vou entrar nisso dentro de alguns instantes pelo que sugiro uma breve pausa.

(Jane estava bastante dissociada, mas ainda estava ciente do assunto. Ela geralmente tem consciência, disse ela. Durante toda a sessão, ela falou numa voz um pouco mais forte do que o normal e andou num ritmo lento e uniforme. Apresentava os olhos escuros, como sempre.)

Essa “gula,” e podes colocar isso entre aspas, na verdade representava uma capacidade fantástica para todos os tipos de consumo, e o consumo de conhecimento não foi exceção. A impaciência também era importante, e essa qualidade também se revelava na capacidade de conhecimento psíquico e na sede por todos os assuntos relativos ao intelecto, às emoções e ao físico.

Na personalidade atual, temos habilidades desenvolvidas em vidas passadas e a capacidade de pintar, por exemplo, que deveria ser mais utilizada agora. O que vocês chamam de habilidade de vendas de Jane também é resultante de experiências passadas assim como outras habilidades latentes, como uma instalação para criação de plantas. Ela já foi um excelente fazendeiro.

Houve aqui uma vontade de experimentar, experimentar e dar, bem como uma capacidade feroz de receber. O problema no passado foi a falta

de discrição e autodisciplina. Ela sempre foi uma personalidade amante do prazer e evitava qualquer coisa desagradável. As suas circunstâncias iniciais nesta vida foram escolhidas por ela como uma experiência necessária. Em outras vidas ela foi capaz de existir sem muita adversidade e desta vez ela escolheu circunstâncias problemáticas e verdadeiramente trágicas como um desafio necessário.

O temperamento dela quando despertado era muito grande e ela retaliava instantaneamente. Entretanto, ela nunca conheceu o ódio. Desta vez, ela teve que lidar com isso de uma maneira muito íntima. O velho temperamento tempestuoso agora é visto nos profundos ressentimentos da Jane. A personalidade da mãe da Jane não esteve perto dela em nenhuma outra vida. As circunstâncias do nascimento foram escolhidas à última da hora por ela e foi eleita por dois motivos.

Primeiro, a personalidade da mãe proporcionava a experiência necessária à Jane; e segundo, a personalidade pagã do pai era até certo ponto como as suas próprias personalidades passadas, embora de uma maneira muito mais vaga e diluída. Um aborto espontâneo por parte da mãe de Jane representou uma entidade que mudou de ideia, por assim dizer. Ele já foi um irmão dela, outrora. A forma atual da Jane é algo pelo qual ela tem trabalhado. Ela era muitas vezes um homem alto, robusto e encorpado.

(“Por que sofreu a Jane o aborto que teve?”)

O aborto da Jane foi resultado de algo inteiramente diferente. Desta vez, ambos estão no vosso último ciclo de reencarnação no vosso plano e, via de regra, nenhum fragmento da personalidade é deixado para trás.

(“O que aconteceria se tivéssemos um filho?”)

Isso acontece com bastante frequência. Isso não altera o facto de ser o último ciclo de reencarnação para os pais, por exemplo, embora possa ser solitário para a criança em tal instância. Não entrei nessas matérias; no entanto, em algum grau da mente subconsciente vocês têm o que poderia ser chamado de imagem fantasma dos vossos ancestrais, e quando os vossos pais estão no seu último ciclo de reencarnação eles deixam o vosso plano e é mais difícil que a imagem fantasma seja impressa. O que vocês haveriam de chamar de sabedoria do instinto não é tão garantido. No entanto, houve alguns períodos na história da humanidade em que isso aconteceu em massa. Aconteceu assim que a grande maioria das personalidades terminou os seus ciclos mais ou menos ao mesmo tempo.

(“Quando foi a última vez que isso aconteceu?”)

A Idade Média representou essa rutura. Mas eu também sugiro um intervalo.

(“Em que século esse período teve início?”)

Vou entrar nisso de modo mais aprofundado depois do vosso intervalo.

(Durante o ditado, a Jane esteve no seu estado habitual de dissociação. Foi uma sessão muito tranquila.)

Quando a Idade Média começou, um grande número de personalidades que viveram antes e durante o período Romano estavam prontas para encerrar os seus ciclos de reencarnação. Havia os aprendizes mais eficientes, as personalidades mais sábias e capazes, e eles retiraram os seus conhecimentos e memórias subconscientes do vosso plano.

Essa foi uma das razões para a decadência do conhecimento e da aprendizagem na Idade Média. Havia personalidades reencarnadas durante a Idade Média que viveram durante a experiência Romana, mas que não eram personalidades de liderança e não eram capazes de transmitir conhecimentos ou habilidades de vidas passadas, simplesmente porque não tinham a força ou capacidade inerentes necessárias.

Claro que havia outras personalidades bastante desenvolvidas, mas estas estavam a descansar. O mundo reergueu-se, por assim dizer, quando essas personalidades reapareceram séculos depois; e nessa época novas personalidades que haviam tomado o lugar daqueles cujos ciclos se tinham completado também começaram a usar e a mostrar suas capacidades.

(“Em que século ocorreu a retirada?”)

No final do século X, o primeiro grupo de personalidades completou o seu ciclo. Levou o período de tempo desde então até o final de 1600 para que qualquer reajuste válido ocorresse, e em meados do século 17 vocês começaram a ter rajadas de atividades benéficas e novos impulsos de conhecimento.

Os monges que copiavam manuscritos antigos e preservavam alguns resquícios de conhecimento fizeram-no por causa de sua própria conexão pessoal passada e experiência com o próprio conhecimento.

(“As revoluções Francesa e Americana estiveram relacionadas com tal explosão?”)

Ambas essas revoluções estiveram muito conectadas, e representaram um desdobramento das liberdades iniciadas em Atenas e amplamente expandidas. A Grã-Bretanha foi, em muitos aspetos, um lugar especial, pois muitas daquelas personalidades que estavam a repousar ali nasceram em intervalos bastante regulares, e vocês tinham uma crença mais consistente na liberdade que não exigia revoluções tão sangrentas e infelizes como as que ocorreram em outros lugares.

(“Qual é o caso na Rússia atualmente?”)

Atualmente?

(“Bem, neste século, então.”)

Em muitos aspetos, é culpa das próprias personalidades quais terras são desenvolvidas ou não desenvolvidas em vários aspetos. Muitas personalidades preferem o renascimento em climas temperados ou quentes. Muitas vezes elas reúnem-se por razões egoístas em climas agradáveis e em países onde as situações políticas não são perigosas.

Este foi o caso da Rússia no passado, mas pode não ser o caso no futuro; à medida que a atividade cresce, as atrações intelectuais e psíquicas atrairão personalidades mais fortes e sábias. O mesmo de uma maneira um pouco diferente se aplicará aos países da África.

Existem áreas inteiras de material aqui que não abordamos, de modo que isso é irregular, mas iremos adentrá-lo de modo mais aprofundado. Não há leis que forcem as personalidades a usar todas as suas capacidades. Uma personalidade não escolherá circunstâncias desfavoráveis de renascimento até que ela própria veja que a disciplina necessária não pode ser alcançada de outra maneira. Portanto, países extremamente quentes e extremamente frios são em grande medida subdesenvolvidos. Mas uma vez que o desenvolvimento comece a ocorrer, revela-se rápido.

Os problemas que um país precisa resolver representam apenas os problemas colocados pelas personalidades residentes a para si próprias, e o país é apenas a estrutura de tais atividades. Há uma estreita ligação entre os ciclos de reencarnação e os períodos históricos terrenos que discutiremos mais adiante. Por vezes, embora nem sempre, personalidades que precisam

de uma certa experiência nascerão num determinado país ou raça. Tenho evitado um pouco toda essa questão, pois equilíbrios delicados estão interligados, e a questão dos Judeus é um que deve incomodar todos os homens.

(Mais uma vez, quando a questão dos Judeus me veio à minha mente, a Jane começou a discuti-la imediatamente, por recentemente ela parecer de alguma forma captar as minhas perguntas não enunciadas com bastante frequência.

Nem sempre as mesmas personalidades renascem, por exemplo, na mesma raça. É verdade que a vossa história mostra uma continuidade de perseguições Judaicas, isto é, perseguições de Judeus. O facto é que muitas personalidades que foram famosas em muitas épocas também foram orgulhosas, brilhantes e cruéis, e menosprezaram e perseguiram aqueles que consideravam abaixo delas.

Essas personalidades, muitas vezes talentosas em muitos sentidos e muitas vezes com experiências passadas de riqueza e poder, escolhem nascer como Judeus por sua própria vontade, o que representa uma compensação cármica, não em nenhum sentido de punição, mas um ajuste necessário por parte das personalidades envolvidas. Os crimes horríveis cometidos contra os Judeus pelos Alemães certamente não foram solicitados de forma específica. No entanto, grande número desses Judeus foram hunos de um tipo bastante cruel numa existência passada.

Os Alemães daquela geração em particular não estavam a vingar más ações do passado. A vingança não tem lugar nesta discussão. Em certo sentido, não há desculpa para o que ocorreu. O povo Judeu sempre demonstrou grande capacidade financeira, sendo isso resquícios naturais do conhecimento da riqueza, pois em vidas anteriores muitos deles ocuparam posições de poder que empregaram mal. A vossa geração como um todo teve que aprender a importância do pensamento e da responsabilidade. Vocês tiveram que aprender que basicamente odiar é matar. A lição foi uma lição prática. Os Alemães e os Judeus tornaram-na clara. Se o ódio não tivesse existido nos Alemães, não poderia ter sido canalizado como foi contra os Judeus. O livre arbítrio funcionou aqui como sempre.

(“Aprendemos a nossa lição?”)

Vocês estão a começar a aprender a lição. A raiva veemente da Jane com respeito a algo que talvez pareça muito mais trivial, a morte pelo abate dos estorninhos, é um exemplo disso.

(Ao ir trabalhar na galeria ontem ao meio-dia, a Jane viu mais estorninhos mortos espalhados pelos relvados. Isso irritou-a tanto que ela ligou para a polícia. Depois de conversar com dois sargentos diferentes, ela foi encaminhada para o chefe de polícia. O chefe disse que ela era o único queixoso que a polícia teve; outros interlocutores tinham dado os seus endereços à polícia e pedido que destruíssem os pássaros nas suas próprias propriedades.

(Jane também enviou mais dois poemas sobre o assunto para o jornal. O primeiro poema que ela enviou está agendado para publicação. As pessoas no jornal ficaram bastante surpreendidas ao saber que a polícia estava a abater pássaros. Eles disseram que iriam verificar.)

Matar, exceto por questões de proteção pessoal, será pago. A ideia de matar é o que está em questão. Se vocês concordarem com o abate de pássaros, por exemplo, vocês acabarão matando seres humanos. Todos vocês aprenderão a sacralidade de toda a vida, e da maneira mais prática.

(“Que tal matarmos animais para comer?”)

No vosso plano, o sistema de caçadores e presas é neste momento necessário, mas nem sempre será assim. Chegará um tempo em que vocês não terão que matar para existir, e o equilíbrio da natureza cuidará de si próprio. Esse tempo chegará mais cedo do que vocês pensam. No vosso país, se houver paz, vocês verão o início disso durante a vossa vida.

(Mais uma vez, na frase acima, a Jane respondeu a uma pergunta não enunciada minha.

(“Isso inclui acabar com os matadouros?”)

Certamente que sim. Isso envolve a vossa própria tecnologia intelectual, que será bastante capaz de manter a sua população com proteínas sintéticas. No entanto, esse desenvolvimento tecnológico virá em primeiro lugar; infelizmente a evolução ética correspondente seguir-se-á depois.

Há uma razão muito prática para um sentimento de reverência por toda a vida, e razões muito práticas pelas quais o homem deve aprender certos factos que até este ponto ele considerou impraticáveis. Ele geralmente conseguiu separar as suas concepções éticas da sua vida diária de negócios, mas isso será cada vez mais difícil de ele conseguir.

Até que aprendam a reverenciar todas as coisas vivas, vocês continuarão a massacrar uns aos outros. Mais uma vez, isso não envolve punição em nenhum sentido da palavra, mas a ideia da permissividade do matar não é discriminatória. Uma vez que vocês se permitam matar, vocês matarão qualquer coisa viva. Em vidas futuras, isso envolverá a raça em novos ajustamentos.

Sugiro uma pausa. E, a propósito, Joseph, saíste-te bem esta semana.

(A Jane esteve dissociada como de costume. Durante o intervalo, fiquei intrigado com o que Seth quis dizer ao dizer que eu me tinha saído bem, já que achava que era uma semana bastante rotineira. Discutimos a condição da Srta. Callahan - ouvimos dos parentes dela que estava a deteriorar-se - e interroguei-me se o Seth poderia mencioná-la.)

Em resposta à tua pergunta Joseph, a vossa amiga Srta. Callahan está a preparar-se para se despedir. Já se deu um dano cerebral bastante grave.

(De acordo com um parente da senhorita Callahan que Jane viu esta manhã, 6 de Março, ontem a senhorita Callahan falou com bastante coerência dos “adoráveis passeios” que ela vinha fazendo ultimamente com os seus dois irmãos, ambos falecidos. Ao mesmo tempo a parente não parecera sentir que a senhorita Callahan a tivesse reconhecido ou pelo menos não inteiramente.)

Sugiro à Jane que não fume amanhã. Que mantenha o pacote que já tem para períodos de pânico. Que use também um pano quente no rosto quando a sinusite a incomodar e não use as gotas, pois elas agravam-lhe a condição. À medida que a sinusite dela começar a clarear, não experimentará a capacidade nervosa de engolir ar ou fumar, pelo menos até certo ponto. Quer levar fumo e ar para os pulmões. Quer enchê-los por certa vez não ter conseguido, e o problema de sinusite está diretamente relacionado com essa respiração nervosa. Uma atitude mais relaxada reduzirá a respiração rápida e o aperto da sinusite resultante de falta de descontração.

Isso deve ser benéfico. Além disso os hábitos de respiração lenta que começaste a adquirir com os teus exercícios de ioga serão benéficos. Abandonar o hábito de fumar também te ajudará nesse aspeto. Tu és fortemente intuitivo e muito rápido, mas podes aprender a ter um corpo mais relaxado. Um receio foi desenvolvido pela personalidade atual resultante diretamente de circunstâncias iniciais. A Jane receia que, se não

operar rapidamente, seja simbolicamente apanhada e enferma, como é o caso da sua mãe atual.

A invalidez da mãe atual é resultado dos próprios problemas dessa personalidade, e a Jane não precisa recriar tal circunstância na sua própria situação. No entanto, uma atitude de descontração é extremamente importante para neutralizar outras tendências. O medo que tem do relaxamento é, na verdade, bastante simples e superficial, na medida em que não tem origem numa vida passada, mas nesta.

O medo é resultado do escárnio que a mãe lança ao pai, e acredito que isso fará sentido para a Jane até mesmo conscientemente. Vocês dois estão bem equipados para ajudar um ao outro, o que deve facilitar as coisas. E Joseph, entraremos na questão dos sentidos internos em breve. Eu dei-lhes algum outro material geral um pouco na forma de esboço como preparação para outras sessões.

Mas saíste-te bem esta semana, ao resolveres alguns desafios em relação aos teus quadros. É claro que as nossas sessões irão variar em muitos aspetos e isso é de se esperar. A propósito, assisti à Jane a escrever um dos seus poemas sobre os estorninhos e, embora poesia nunca tenha sido um dos meus traços, devo admitir que fiquei bastante impressionado.

(“Que poema era?”)

Foi o poema que a Jane enviou ao jornal.

A propósito, a Jane sempre sentiu um forte vínculo com todos os seres vivos, e mesmo como homem não era cruel. Ela foi cristão apenas uma vez, da última vez, e nos restantes casos foi pagão, mas sempre de maneiras que lhe permitiam sentir-se próxima à terra. Esta é, obviamente, uma das principais razões para a reação particular dela com o incidente dos estorninhos, e essa qualidade foi uma qualidade de salvação no passado. Sugiro outra pequena pausa, e logo retomarei por apenas alguns momentos. Sim, eu sei que está a chover e que a vossa primavera está a caminho.

(Pausa. A Jane apresentou alguma dissociação.)

A reverência pela vida é uma característica salvadora de qualquer personalidade que a nutra. Acrescenta de si mesmo importantes elementos de compreensão e crescimento de forma direta. A reverência pela vida também permitirá que vocês entendam e lidem com outros seres humanos de uma maneira mais gentil e benéfica.

Isso permitirá que vocês ajam e ajudem sem os culpar pelos defeitos, pois esses defeitos podem, na verdade, ter sido escolhidas por eles por motivos de compensação. Não quero que esta sessão se prolongue muito, porém a reverência pela vida é tão importante que quis sublinhá-la, e também enfatizar que ela inclui toda a vida e o próprio homem.

Mais tarde, entrarei na criação de outros planos, e lembrarei também que, assim como o homem cria o seu próprio padrão de camuflagem, ele também resolve os seus problemas no palco da história, que também é sua criação. Este é um aspeto que vale a pena ser lembrado.

Esta sessão foi muito tranquila e agradável, e repito: alguma noite destas faremos a nossa festa. Agora que vocês têm um gravador, podem usá-lo quando tivermos a nossa sessão feliz e isso te livrará de fazeres anotações. Não tive oportunidade de usar o meu senso de humor ultimamente, mas ele ainda está aqui, conforme irás descobrir. Esta é uma daquelas noites em que não gosto de dizer adeus por enquanto, mas vou-me. E que a Jane, por favor, preste atenção ao meu conselho, a tudo.

SESSÃO 33

9 DE MARÇO DE 1964

(Gostava de perguntar ao Seth se estava a usar os meus sentidos interiores durante o episódio seguinte, sem estar consciente disso.)

(Esta tarde, às 14h, caiu um ramo muito grande mesmo em frente às janelas da nossa sala de estar, onde costumo dactilografar estas sessões.)

(É dia 6 de Março de 1964. Está um dia quente e extremamente ventoso aqui em Elmira, muito mais do que é habitual. As ruas estão cheias de detritos das árvores e, a regressar a casa ao meio-dia depois de levar a Jane ao trabalho, senti vários ramos pequenos a bater no tejadilho do carro.)

(De volta a casa, pronto para começar a escrever, achei que estava demasiado barulhento e ventoso e fechei as janelas. A árvore que perdeu o ramo está talvez a uns nove metros à minha direita; na verdade, está no terreno do vizinho. É um olmo que morreu há alguns anos, mas que manteve uma forma lindíssima e simétrica. Já o desenhei várias vezes — o desenho mais elaborado era para um quadro em têmpera que planeava pintar no inverno passado. Não cheguei a fazê-lo.)

(Antes de começar o trabalho hoje, estive a observar a minha árvore favorita durante algum tempo, e reparei que o vento forte começava a arrancar grandes secções de casca dos ramos do meio. Um desses ramos arqueava-se sobre o nosso jardim, em direção à nossa sala, no segundo

andar, e às janelas salientes do apartamento por baixo de nós, no rés-do-chão. Lembro-me de pensar que, se esse ramo caísse, seria comprido o suficiente para atingir a casa.)

(Comecei a trabalhar de costas para a árvore, por isso não vi a queda em si. Mas ouvi — e senti — um estrondo enorme. A casa inteira tremeu. Ouvi cabos a bater. Quando me virei, vi que aquele ramo em particular tinha mesmo caído. Por sorte, partiu-se a meio, e a ponta mal falhou a nossa casa. Agora o jardim está cheio de secções do ramo, com vários centímetros de diâmetro e uns sete ou oito metros de comprimento. O cabo da televisão também foi arrancado.)

(Pergunto-me: ao observar a árvore, terão os meus sentidos interiores avisado que o ramo ia cair — informação que ignorei sem querer? Ou terá sido apenas coincidência?)

(Às 20h30, esta noite, a Jane não tinha “nenhum pressentimento” sobre o que o Seth iria falar na sessão. Não disse nada, mas pela forma como a observei percebi que estava a ficar nervosa, como tantas vezes acontece. Disse que, por vezes, durante duas semanas, tem uma ideia clara do que o Seth irá dizer — e depois entra num período mais longo em que não faz ideia nenhuma. Às 20h55 ainda não sabia de que iria falar. Às 20h59 teve “um ligeiríssimo pressentimento”).

(Jane começou a sessão, como habitualmente, sem usar a tabuleiro, e com uma voz relativamente firme. Começou logo a andar de um lado para o outro. Os olhos escureceram.)

Boa noite, seus malandros.

(“Boa noite, Seth.”)

O vento conhece a árvore. A árvore sente o vento. Sabe que não é o vento, apenas o sente. Da mesma forma, a Jane sente-me, mas não sou ela. Posso ser um grande vento, mas não sou o grande vento dela.

Isto, naturalmente, responde de novo às constantes dúvidas da Jane. Por vezes, sem a tua confiança, Rob, teria mesmo dificuldade em conseguir chegar até ela. No entanto, ela está sob muita pressão, como certamente já te disse. O ego levanta a cabeça — neste caso, uma cabeça até bastante charmosa — e o ego protesta.

Há, por parte da Jane, um receio de se envolver demasiado, mas não há motivo para tal medo. O vento é o vento, independentemente dos ramos por onde sopra. E eu sou, independentemente da mente subconsciente através da qual apareço. Isto não deveria ter de ser repetido. Mas, obviamente, tenho de o repetir constantemente.

A American Society for Psychic Research vai trazer-vos mais benefícios, acredito, do que o pessoal de Duke, neste caso específico. Não tinha conhecimento, através do subconsciente da Jane, dessa Sociedade quando Duke foi mencionado nas sessões anteriores. No fundo, é melhor

assim: o facto de a editora da Jane não ter aceite o livro agora acabou por ser uma vantagem.

Aliás, a Jane está a aprender a confiar mais nos seus próprios recursos interiores para lidar com problemas do dia-a-dia e do trabalho. Já disse antes que não há qualquer invasão nestas sessões. A Jane apenas permitiu-se reconhecer a minha existência. Obviamente, eu existo quer ela me reconheça ou não. E, só para constar — sei que ambos entendem isto —, não sou nenhum “espírito”, como é costume dizer-se.

O próprio termo é ultrapassado, supersticioso, e impede o avanço do conhecimento sobre aquilo a que chamam fenómenos psíquicos.

(A Jane continuava a falar com uma voz mais forte do que o habitual, embora não muito mais grave. O seu andar era lento. A entrega era bastante calma e deliberada.)

Dizer que sou energia não é mentira. É, de facto, mais verdadeiro do que muitas designações que soariam mais autênticas ou complexas. Sou uma personalidade em forma de essência-energia. Isto não significa que sou um espírito, nem que sou algum tipo bizarro de aranha gigante de ficção científica.

Explicar o que sou é difícil, por causa dos limites impostos não só pelo vosso próprio conhecimento, mas também pelo método de comunicação que temos.

(“Estava a pensar se não serias como um estado emocional.”)

É difícil responder a isso, porque estás parcialmente certo e parcialmente completamente ao lado. O lado emocional, claro, seria a essência da personalidade. Mas também há uma estrutura — muito simples, na verdade, mas que para ti pareceria extremamente complexa. Isso acontece porque tens o hábito de pensar em padrões de palavras, em vez de complexos de transferência de energia.

Mas sim, tenho estrutura. E posso mudar ou trocar os componentes dessa estrutura, de forma a aparecer ou funcionar em condições totalmente diferentes. Durante estas sessões, uso os meus componentes energéticos de modo diferente do que faria noutros contextos. Em termos simples: mudo o alinhamento dos meus componentes e concentro os meus poderes numa determinada direção.

Se quisesses entrar num espaço muito pequeno, presumivelmente baixar-te-ias, encolhendo os ombros, e rastejarias por esse buraco imaginário, de cabeça. Isso envolveria manipular os músculos, mudando temporariamente a forma do teu corpo — uma adaptação real, ainda que superficial — e, com isso, uma alteração do foco ou da direção. A um nível completamente diferente, é isto que faço quando tento entrar no vosso pequeno “ponto de entrada”.

No meu caso, as manipulações necessárias envolvem uma verdadeira transformação — e tenho muito mais liberdade nesse processo. É como se

tu pudesses realmente tornar o teu corpo mais pequeno do que o buraco onde queres entrar.

Tenho, por assim dizer, acesso a uma energia ilimitada — mas, na verdade, também tu tens. A principal diferença é que eu estou mais capacitado para aceder a essa energia, porque tenho mais conhecimento, e uso esse conhecimento.

Os vossos cientistas sabem que toda a matéria é composta pelos mesmos elementos. Mas não sabem conscientemente como transformar um rio numa floresta. Essa manipulação, como expliquei, é feita sem o conhecimento do ego consciente.

Através dos métodos de que já falei, posso mudar de forma. Já viste água transformar-se em vapor — é uma analogia simples, mas serve. Eu existo enquanto energia. Existo de forma eletrónica — e, por vezes, até química.

Já disse que posso mudar o alinhamento dos meus componentes. Se eu puder ser considerado um espírito, então toda a energia também o é.

A tua ideia de “espírito”, creio, é de algo sem forma. E eu posso ter forma. Tenho, de facto, estrutura. É verdade que, neste momento, em circunstâncias normais — ou seja, normais para ti —, não consegues “ver” a minha estrutura. Mas isso não significa que ela não exista.

A certa altura, poderás ser capaz de experienciar a minha estrutura. Vê bem: os sentidos interiores proporcionam uma experiência direta. Os sentidos exteriores fornecem distorções camufladas de experiências traduzidas — e em segunda mão.

Sugiro uma breve pausa, meus cabeçudos adoráveis. Vou mexer convosco todos.

(Esta parte da sessão durou mais do que o habitual, e a Jane disse que o Seth não queria parar. Estava ligeiramente dissociada. Disse que tem andado a remoer a questão do envolvimento desde que recebeu a carta do psiquiatra, mas que o que foi dito acima a fez sentir-se melhor. Durante esta parte, a sua voz manteve-se forte, lenta e deliberada. Quando retomou, o seu ritmo de andar acelerou um pouco, mas a voz manteve-se igual. Retomámos.)

Tu — ou os teus cientistas — ainda não estão conscientes de muitas leis básicas que regem coisas como a minha estrutura, embora alguns pensadores mais originais já comecem a ter vislumbres disso.

(“Neste país?”)

No estrangeiro. Alguns poucos no teu país começam a aperceber-se, numa base ainda muito teórica, ao considerarem as possibilidades de decompor componentes físicos em formas básicas de energia — teorias que, creio, estão a ser ponderadas no âmbito de um futuro programa espacial. Esta ideia pode ajudar-te a perceber o que quero dizer quando digo que tenho estrutura, mas posso mudá-la.

Consigo fazer este realinhamento de padrões moleculares através de manipulação direta. Isso não será possível no vosso nível. Mesmo num futuro distante, tais realinhamentos envolverão esforços dispendiosos, complexos e quase impossíveis — porque estarão a tentar resolver o problema de fora para dentro. A solução está em manipular as estruturas a partir do interior — ou numa manipulação direta do “eu” como um todo.

(“Sabes quem está a trabalhar nesses problemas agora?”)

Não conheço nomes específicos, mas aprofundarei estas questões assim que a nossa grã-duquesa baixar a guarda. Dependo bastante da tua Jane — não nas minhas perceções, mas na minha capacidade de as comunicar. Todo o problema está aí, mas estamos a avançar — mesmo com alguns percalços pessoais temporários, como quando a Jane lê um livro que o faz duvidar destas sessões. E então os três temos de trabalhar o dobro para obter os mesmos resultados.

(“Pelo menos estamos a obter resultados.”)

Avançámos o suficiente para eu acreditar que já ultrapassámos o risco de falhar. A confiança precisa de ser construída aos poucos. É por isso que organizei as coisas desta forma. A confiança é extremamente importante, e a tua confiança, Rob, é, diria mesmo, indispensável para toda a nossa relação.

Não creio — embora não possa afirmar com certeza — que a Jane tivesse aceite tudo isto, e certamente não de forma tão positiva, se não fosse pela tua aceitação.

(“Achas que estou a pressioná-la?”)

Não acho que a estejas a pressionar — nem eu o estou. Mas é sabido que um sentimento de afirmação e confiança é indispensável em qualquer situação deste tipo. O mais delicado aqui é que uma expectativa positiva e uma confiança interior produzem sempre os melhores resultados com o menor esforço. A Jane sente-se atraída pelas suas capacidades, mas ao mesmo tempo duvida delas. Isso vem de questões pessoais. A Jane, sendo agora mulher, não quer parecer emocional ou instável. Ela sabe que tem capacidades muito desenvolvidas a nível subconsciente, e até receia que essas capacidades a dominem. No entanto, são essas mesmas qualidades intuitivas que fizeram dela poeta, e são uma parte forte — e não frágil — da sua personalidade.

Na verdade, essas capacidades estão bem equilibradas, e não é provável que a arrastem de forma descontrolada para um só lado. Pelo contrário, podem permitir-lhe progredir de forma estável por vários níveis de experiência direta.

(“É por isso que disseste que ainda era boa ideia a Jane esperar para publicar o livro?”)

Não.

Tu, no entanto, não tens tanto medo das tuas próprias capacidades. Refiro-me agora às capacidades psíquicas — e mais uma vez a razão é pessoal, pois tu tens consciência delas de forma algo diferente. Passas aos olhos dos outros como alguém fiável, responsável e disciplinado. A Jane, com outra aparência e um percurso pessoal diferente — especialmente por causa da mãe — tem receio de mostrar características que ela própria considera emocionais, porque o emocional faz parte da sua personalidade, e houve aí uma desconfiança em relação às partes mais fortes de si própria.

Isto foi resultado, no passado, da falta de disciplina comum à adolescência. Tu aprendeste disciplina desde cedo, e por isso não tiveste medo das tuas capacidades — conseguiste discipliná-las com relativa facilidade, por razões que já te expliquei antes. Isso dá-te uma maior confiança interior. E essa confiança é um elemento muito importante nestas sessões.

(“A Jane parece suficientemente confiante quando começa uma sessão.”)

Assim que a sessão começa, ele sente-se confiante. Por esse pequeno favor, agradeço-lhe. Mas compreendo perfeitamente o problema. Podes perguntar o que quiseres.

(“Estava a pensar se a confiança da Jane aumentará quando outras pessoas começarem a ler este material.”)

Acredito que sim. A confiança deve aumentar a cada sessão. No entanto, não controlo as circunstâncias exteriores que vos afetam. A Jane pode — e está a aprender — a controlar as reações a essas condições. E, aliás, esta semana ela deu alguns passos nesse sentido, nos momentos de silêncio em que usou o tempo psicológico.

Já mencionei noutra sessão que o Ruburt ajuda a reconstituir-me — e aí, a tua afirmação, Rob, é uma grande ajuda.

(“Na própria reconstituição?”)

Sim. Ter uma testemunha de vez em quando talvez também ajudasse à confiança do Ruburt — se conhecerem alguém.

(“Sim, conhecemos. Porque disseste que seria melhor enviar este material para a American Society for Psychical Research em vez de para a Duke?”)

No início, poderão ter uma receção mais simpática. Há lá uma pessoa, em particular, que pode ser útil. Não sei se conseguirão captar o nome sem distorção. Creio que o apelido começa por G — mas não é o Gardner original.

(“Talvez um parente?”)

Começa por G.

Estou a dar-vos informação à minha maneira, de forma um pouco mais conservadora do que talvez desejassem, para evitar distorções desnecessárias. Mas vamos progredir — e, como regra, prefiro que a Jane

não saiba muitas das minhas intenções. Assim como não soube nos incidentes de telepatia com o vosso John-Philip. Não quero que ele levante barreiras antecipadamente.

(“Não, temos estado bastante satisfeitos com tudo isto.”)

(Neste momento, a voz da Jane, que já estava mais forte do que o habitual durante toda a sessão, começou a ganhar ainda mais ressonância — tornou-se mais profunda, mais do que propriamente mais alta. Tive a sensação de que essa tendência ia continuar. Já tinha mudado mais do que em qualquer sessão, exceto na 14. Ela não mostrou qualquer sinal de preocupação ou surpresa.)

Se a Jane entrasse em estados de transe muito profundos, essas precauções não seriam necessárias. No entanto, prefiro este tipo de troca dinâmica. Isso obriga-nos a ir mais devagar, em muitos casos, mas os resultados são mais seguros.

Se, em algum momento no futuro, houver necessidade de um transe mais profundo por parte da Jane, eu dir-vos-ei no momento, e não haverá qualquer razão para preocupação. Regra geral, isso não será necessário. E em qualquer altura, a Jane mantém sempre a sua vontade — pode dar ou não permissão. Isto deve tranquilizar-vos.

Tens mais alguma pergunta dentro deste tema, Rob?

(“Estava a pensar se tens controlo sobre o estado de transe, com a permissão da Jane.”)

Sempre com a permissão da Jane — e, de certa forma, com a tua também. Porque se a Jane sentisse que tu estavas contra esse tipo de situação, não daria permissão. Aqui há um *gestalt*, um equilíbrio delicado entre nós.

(“Como é que induzes o estado de transe?”)

(Nesta altura, a voz da Jane estava ainda mais grave e forte.)

Eu não induzo o estado de transe no sentido que estás a imaginar. A Jane muda de canal — por assim dizer — e isso permite que a minha essência entre mais facilmente. Há aqui também o desafio de entrar na vossa mente consciente. Isto implica, sim, um olhar interior por parte da Jane — mas não é auto-hipnose nos termos habituais. É mais uma concentração sobre um estímulo interior objetivo, da mesma forma como te concentras num estímulo camuflado exterior.

(“É por isso que a voz da Jane está agora tão mais grave?”)

(Nesta altura, a voz da Jane estava muito profunda, forte e vibrante. Ao escrever, tive breves momentos em que me pareceu pertencer a outra pessoa completamente. Diria que, talvez, ainda mais do que em qualquer sessão anterior.)

É um dos meus pequenos truques para reforçar a confiança vacilante e irregular da Jane — e, mais uma vez, isso acontece com a sua permissão interior.

(“Era o que eu estava a pensar — que a Jane tem de dar permissão antes de esse efeito de voz poder acontecer.”)

Qualquer sinal deste tipo envolve padrões de camuflagem, e não representa uma experiência direta. Por exemplo, esta não é a minha voz. É uma representação, ou uma aproximação da minha voz, para vosso benefício. Aliás, nos vossos termos, eu nem sequer tenho voz. No entanto, é uma representação válida — e, se me é permitido dizer, sendo um jogo de palavras — esta voz é bastante semelhante à que usaria, embora o Frank tivesse uma diferente.

(“Queres dizer o Frank Watts, claro.”)

Quero dizer o Frank Watts. Agora sugiro uma pausa.

(No momento em que a Jane se sentou, a voz voltou ao normal.

Durante esta parte da sessão, disse que esteve bastante dissociada. A certa altura, apercebeu-se de que a voz estava mais grave, mas isso não a incomodou. Sabia que a sua voz era responsável pelo fenómeno, mas sentia ao mesmo tempo que essa nova voz era, de algum modo, independente.)

(Durante a pausa, também falámos sobre o incidente do ramo da árvore, que eu queria perguntar ao Seth, e sobre o dente que me andava a incomodar há alguns dias. Assim que a Jane retomou a sessão, a voz voltou quase totalmente ao volume e profundidade anteriores. Os olhos escureceram como de costume. O ritmo de andar era agora mais rápido. Retomámos.)

Em relação à tua árvore: estavas consciente de que o ramo iria cair. Recebeste essa informação interior ao meio-dia, mas ignoraste-a. Neste caso, os teus sentidos exteriores serviram para reacender os dados interiores. O barulho do vento, por exemplo, fez-te ter uma espécie de lampejo da informação anterior, que não chegou ao teu consciente. Lembra-se que o ramo caiu às 14h, no dia 6 de Março de 1964.

(“A Jane também recebeu essa informação?”)

A Jane recebeu a informação — e também a ignorou. A Jane recebeu ainda informação que distorceu sobre o assassinato do Kennedy. Se ambos praticarem corretamente o uso do tempo psicológico, vão facilitar bastante o acesso a este tipo de dados interiores.

(“Como foi distorcido o material sobre o Kennedy?”)

O material foi recebido e transformado num poema — mas distorcido nas duas ou três últimas linhas, onde as exigências da técnica poética obrigaram à adição de uma palavra que alterou o sentido. E, logo à partida, os dados chegaram ao consciente de forma atenuada.

(“A Jane distorceu o material do Kennedy que recebeu através de ti?”)

O material do Kennedy não foi distorcido nestas sessões, embora algumas partes do material sobre Oswald tenham tido pequenas distorções

sem importância — devido à tendência da Jane para comparar a mãe de Oswald com a sua própria mãe. A distorção foi mínima.

Tu deves continuar com as tuas próprias experiências no uso do tempo psicológico, Rob — também dependemos das tuas capacidades nestas sessões.

(“Qual foi a palavra distorcida no poema sobre o Kennedy? Tenho a certeza de que a Jane gostava de saber.”)

“Morrer pela sua própria mão.” A palavra *mão* foi uma distorção dos dados interiores. No entanto, a verdade simbólica manteve-se intacta.

(Uma cópia desse poema encontra-se no final da sessão. A Jane ainda falava com a voz forte e grave.)

A dor no teu dente vem de um nervo irritado que chega até ao dente. Acredito que foi comprimido num movimento brusco — e deverá voltar ao normal.

(“Que movimento foi esse? Tenho curiosidade.”)

Foi um bocejo durante o sono.

Aliás, retomando um ramo da nossa conversa anterior: quaisquer materializações, tal como a voz grave da Jane, são no máximo representações. Isto é, representam — mas não *são*, nos vossos termos. Não podem existir durante muito tempo no vosso nível. São uma tentativa de reproduzir um padrão de camuflagem ou de o aproximar. Como tal, têm bastante impacto ao vosso nível, mas são sempre reconstituídas — nunca são a ressurgimento exato do padrão como pode ter existido antes no vosso plano.

Isto, naturalmente, é de esperar. Os vossos próprios corpos nunca são completamente iguais de um momento para o outro. A mudança dos componentes moleculares ocorre constantemente ao vosso nível, mesmo que a forma exterior mantenha o padrão. Eu consigo mudar de forma. Já não é necessário manter sempre a mesma forma, e é totalmente impossível que o padrão exato se materialize no vosso plano. Só pode haver aproximações.

(“Qual é o propósito das manifestações ectoplásmicas? Sempre me perguntei.”)

Poucas vezes aconteceram. Representam o acontecimento — ou seja, representam o momento da montagem aproximada da energia de um padrão para outro. E a escuridão não é um requisito para que isso aconteça.

(“Pode ser feito à vontade por um médium?”)

Em teoria, sim. Na prática, raramente. *(pausa)* Esta noite correu bem — e estou satisfeito. Ambos devem progredir.

(“Tenho outra pergunta. Como é que o material que nos deste sobre os discos voadores chegou até nós? Houve alguma distorção?”)

(A Jane bateu na mesa para dar ênfase.)

O material sobre os discos voadores chegou com grande clareza — com distinção, como diriam — e é útil para compreender os problemas envolvidos na transferência e materialização de energia de um plano para outro.

(“Na altura disseste que não sabias muito sobre os habitantes desse plano. Já sabes mais agora?”)

Sim. Mas é demasiado tarde para nos aprofundarmos nisso na sessão de hoje. Acredito que respondi à maioria das tuas perguntas.

(“Sim, respondeste.”)

(Nesta altura, a voz da Jane tinha perdido um pouco da ressonância e do volume.)

O material no início da sessão de hoje é importante. Quando tiveres oportunidade, sugiro que releias o que foi dito sobre os sentidos interiores, a quinta dimensão e os vossos preciosos discos voadores. Há aí uma ligação com a transferência de energia de um plano para outro — e, por exemplo, dos sentidos interiores para uma pintura — que vos pode ser muito útil.

Pela primeira vez estou a dar-te a oportunidade de fazer perguntas, Rob — e é melhor aproveitá-la.

(“Ah, tenho muitas perguntas. Disseste uma vez que nos irias falar sobre o tempo no teu plano. É uma pergunta curta?”)

Não. Aquilo que vocês consideram *tempo atmosférico* pouco tem a ver com o facto de eu ter ou não “tempo” no meu plano. Eu não tenho chuva nem neve — embora possa experienciar chuva ou neve se quiser.

(“No teu plano ou no nosso?”)

Posso experienciar chuva ou neve no meu próprio plano, se assim o desejar.

(“Imaginativamente?”)

Não. Posso simplesmente manipular os padrões moleculares e criar chuva ou neve. Não posso cobrir todo o meu plano com isso.

Sugiro que terminemos a sessão. Os meus amendoins salgados estiveram à altura.

(“O fenómeno da voz da Jane exige mais energia da tua parte?”)

Muito pouca, da minha parte.

(“Então estás a fazê-lo só por divertimento?”)

Não — faço-o para teu benefício e para benefício da Jane.

(“E pela confiança da Jane.”)

Exatamente.

(“Ela sente-se melhor agora?”)

Bastante melhor.

(“E como se sentirá amanhã?”)

Sobre o quê?

(“Estas sessões.”)

Melhor.

(“Então a sessão de quarta-feira será ainda melhor.”)

A tua divisória é um excelente padrão de camuflagem. Caso estejas a perguntar, a pequena aventura da Jane com os móveis no fim-de-semana foi resultado de várias coisas — um saber interior, ainda não reconhecido, de que a editora iria adiar o livro por agora, e um ataque de dúvida em relação a estas sessões, combinado com preocupações sobre os teus pais.

(“Tenho quase a certeza de que ela reconheceu a parte sobre os meus pais. A propósito, como está agora a Miss Callahan?”)

Depende do teu ponto de vista.

(“Só queremos saber se o processo de afastamento deste plano continua a decorrer suavemente, como ela queria.”)

Está a decorrer como ela desejava. Não vos vou dar qualquer previsão sobre a duração da sua vida física.

(“Ah não, nem queríamos isso nem o iríamos pedir.”)

Posso sugerir o dia 15 de Abril.

(Após a sessão, a Jane disse que, juntamente com esta resposta, recebeu também um pensamento do Seth — que não verbalizou — de que, mesmo que a Miss Callahan não falecesse até 15 de Abril, essa data seria, ainda assim, significativa para ela — um momento de mudança. Se seria uma mudança para melhor ou pior, a Jane não sabia. A sua voz já estava visivelmente mais suave, e era óbvio que se estava a cansar. O seu andar era também mais lento.)

(“Seth, quanto do material que o Frank Watts nos deu nas primeiras sessões estava distorcido?”)

Parte dele está distorcida. O nosso material é muito mais fidedigno. Isto não reflete negativamente sobre o Frank Watts. Tem algo a ver com ele, sim, mas também com o desenvolvimento das vossas próprias capacidades.

(“Era isso que queríamos perceber.”)

Se e quando surgir oportunidade, tentarei esclarecer quaisquer distorções — embora não considere isso uma necessidade. Mas talvez vocês considerem.

Se possível, continuem com os vossos passeios.

(“Tenho falhado um bocado nisso ultimamente. Mas voltei a fazer os meus exercícios.”)

Muito bem.

(“A Jane também.”)

E o contato com o mundo exterior também é benéfico.

(“Estou a tentar terminar algumas pinturas para poder vendê-las.”)

Algun isolamento do mundo exterior é absolutamente necessário, mas não evites os contatos. Antes encara-os como desafios — e até como prazeres.

(“Sim. Acho que já não os temo tanto como antes.”)

Tens mais capacidades e habilidades do que imaginas. É preciso evitar tornar-te demasiado fechado, mas ao mesmo tempo manter o teu espaço pessoal de isolamento.

(“Tenho pensado muito nisso ultimamente.”)

A tua personalidade também crescerá através desses contatos. Hesito em dizer isto — ou melhor, a Jane hesita em deixar-me dizê-lo — mas a personalidade do teu pai atual não teria ficado tão limitada se ela tivesse permitido esse tipo de contato. Não tens de rejeitar a hereditariedade, claro, mas sim os exemplos que recebeste dela quando eras muito pequena.

Uma sessão excelente, no geral. Já há três sessões que estou a tentar transmitir-te esta ideia sobre o exemplo do teu pai — e finalmente a Jane deixou-me fazê-lo.

(“Acho que nos últimos tempos comecei a ter essa ideia.”)

O contágio emocional pode ser recompensador — ou perigoso. É melhor deixar-vos ir.

(“Receio que a Jane esteja a ficar cansada.”)

(A voz da Jane estava muito suave, o andar lento e os olhos pesados.))

Ainda não sei quanto a ter duas testemunhas ao mesmo tempo. No entanto, uma ocasionalmente será benéfica. O vosso Philip, por várias razões, foi excelente.

(“Podemos arranjar algumas testemunhas.”)

Não sei quanto ao nosso amigo das aparições frequentes. Teriam de o experimentar.

(Aqui o Seth referia-se ao Bill Macdonnel — professor de escola, com cerca de vinte e cinco anos, amigo nosso e conhecedor das sessões desde o início. Já leu grande parte do material e participou na sessão experimental que fizemos. Muitas vezes expressou o desejo de assistir a uma sessão. Em sessões anteriores, o Seth deu-lhe o nome da sua entidade — Mark — e respondeu a várias perguntas que lhe transmitimos. Naturalmente, temos pensado que ele seria uma escolha óbvia para testemunha.)

(“Achas que o Bill poderia interferir de algum modo com a capacidade da Jane?”)

Não creio. Vou pensar melhor sobre isso. Penso de forma algo diferente, e acredito que vão achar isso extremamente interessante. Espero poder aprofundar o assunto no futuro.

E agora, boa noite, meus pezinhos de veludo.

(“Boa noite, Seth.”)

(A Jane estava, naturalmente, bastante cansada. Durante a sessão esteve visivelmente dissociada. Disse que a voz grave surgia sem esforço, desde que não pensasse nisso. Mas quando começava a pensar, a voz ficava rouca. Notei que isso aconteceu várias vezes, embora não de forma significativa.)

(A Jane também recebeu um conceito-pensamento do Seth sobre o seu método de pensamento. Foi breve, mas transmitia a ideia de que, se estivesse numa sala cheia de pessoas, não se dirigiria a cada uma individualmente, mas sim experienciaria todas ao mesmo tempo, usando os sentidos interiores para apreender como um todo todas as personalidades e emoções à sua volta.

(Sobre a informação do dente, a Jane disse que tentou não bloquear nem interferir, mas tem sempre receio de introduzir erros pessoais nesses casos.)

Segue-se o poema do Kennedy mencionado pelo Seth na sessão 33.

(Nota: a Jane escreveu este poema na quarta-feira, 20 de Novembro. O presidente foi assassinado na sexta-feira, 22 de Novembro. O seu assassino, por sua vez, foi também vítima. A Jane disse que a referência ao suicídio não se aplica ao Ruby — o assassino do assassino do presidente — a não ser que ele próprio acabe por morrer pela sua própria mão.

A frase “um pequeno estilhaço de pensamento pode cortar até ao osso” pode ser entendida, segundo a Jane, como uma metáfora para uma bala. Diz que, conscientemente, não tinha qualquer pressentimento sobre a morte do presidente dois dias depois, mas agora interroga-se se o inconsciente não revelou algo no poema.)

20 de Novembro de 1963, quarta-feira

SE TE DEIXARES GOVERNAR PELOS FACTOS

Se fores governado pelos factos, tem cuidado,
os factos ainda não estão todos sobre a mesa.
Um pequeno estilhaço de pensamento
pode cortar até ao osso.

O homem que carrega o rosto do assassino
deve olhar duas vezes para o espelho.
Um dia, encontrará os traços mudados
pela máscara da vítima,
e nunca conseguirá arrancá-la,
nem sequer movê-la um centímetro.

Todos os factos pelos quais vive
não o salvarão, nem uma única vez,
daquele único facto que ignora —
a culpa que nenhum pano pode lavar.
Ela infiltrar-se-á pelos poros
até que ele procure a morte pelas suas próprias mãos.

SESSÃO 34

O USO DE DROGAS

(Às 19h30, a Jane estava a descansar brevemente em preparação para a sessão desta noite, como costumava fazer. “Ociosamente,” perguntou-se “como o nosso vizinho do outro lado do corredor, o Leonard Yaudes, reagiria como testemunha. O Leonard é professor e sabe do nosso interesse em PES, mas ignora estas sessões. Então, a Jane recebeu o seguinte do o Seth:)

Seth: “Ele foi três vezes mulher.”

(A Jane acreditava ter recebido mais informação, mas estava num estado de sonho e não memorizou nada ao acordar. Às 8h30 não sabia o que o Seth diria durante a sessão, mas sentia cada vez mais um impulso de convidar o Leonard como testemunha. Pensámos ser tarde demais para o preparar, mas às 8h35 o impulso era tão forte que a Jane bateu à porta do o Leonard.)

(Descobrimos que o Leonard, que nos tivera dito que estaria em casa durante a noite, acabara de receber notícias de amigos e saíra para beber cerveja; estava indisponível, afinal. Mas a Jane sentiu-se imediatamente aliviada só por ter seguido o seu impulso.

(Às 8h50, ela voltou a ficar nervosa – estava cansada, tal como eu. Quando disse que a ideia de conversar e andar de um lado para o outro durante 2½ ou 3 horas lhe parecia um pouco terrível, tive de admitir que sentia o mesmo em relação ao esforço físico de escrever durante tanto tempo.

(Porém, momentos antes das 21h, a Jane começou a falar de forma tão espontânea quanto noutras sessões, com uma voz um pouco mais forte e profunda do que o normal.)

Boa-noite —

(“Hã?” interrompeu-o eu. A Jane também interrompeu a marcha por um instante.)

Boa-noite e bom-dia, tudo num só e alegre tomo. Tenho vindo a olhar para vocês, por assim dizer, esta manhã, esta tarde e esta noite, e faço-o com a permissão da a Jane. É esta a razão da minha saudação invulgar.

(E este é também um exemplo de ocasião em que a Jane me teria bloqueado, mas desta vez não o fez. O meu “bom-dia” confundiu-me instantaneamente, pois eu estava bem ciente do momento. Quase bloqueou-me, mudando para o mais habitual “boa-noite”. Mas, como podem ver, tive as minhas razões e a a Jane permitiu-me prosseguir.)

Se esse bloqueio tivesse ocorrido, teria estado quase consciente da parte da Jane, embora ela o tenha esquecido rapidamente. Em certos casos, tais bloqueios estão num nível mais profundo e não chegam a ser conscientes — é também nesse nível que ocorrem as “poucas” distorções.

Estavas certo, o Rob. As observações muito otimistas relativamente aos livros publicados e às vendas de pinturas deram-se exatamente dessa forma.

(Mais uma vez, assim que esse assunto surgiu na minha mente, a Jane começou imediatamente a refletir sobre ele. Os comentários “otimistas” vieram através do tabuleiro Ouija nas primeiras duas ou três sessões; nenhum se concretizou e, à “luz” do “material recente” do Seth sobre as distorções, a Jane e eu considerámos que a distorção — a razão — explicava essa falha.)

Eu sabia disso, claro, naquela altura. Mas não me serve de nada ralar com os dedos da Jane quando se comete um erro desse tipo.

Por um lado, tais erros não são numerosos, nem esses erros específicos são verdadeiramente prejudiciais. Foram sugestões fortemente positivas e, como tal, por vezes cumprem um propósito “bom”. Em alguns casos, podem mesmo trazer tais ocorrências “à realidade” apenas através da “sugestão”.

Tenho-me esforçado por evitar que este tipo de ocorrência aconteça. A Jane aprimorou as suas capacidades — ou melhor, aprendeu a geri-las com mais competência desde então. Ela aprende à medida que avança, para poder reconhecer o sentimento real dessas distorções e evitá-las; esta noite, foi capaz de sentir a sua própria tentativa de bloquear o início da minha saudação.

Qualquer tolo sabe distinguir a noite do dia. Estou familiarizado com a mudança quando vos visito e, a Jane, que não sabia qual a palavra que se

seguia à outra, não percebia a intenção por detrás da saudação. Agradeço-te, Jane, a tentativa “equivocada” de “comprovar” que “sei” a noite e o dia.

(“Seth, existe alguma telepatia a ocorrer entre a Jane e eu?”)

Isto irá desenvolver-se. A tua pergunta refere-se às sessões?

(“Sim.”)

Durante as sessões, ocorre alguma comunicação telepática, embora seja “impossível” prová-la “neste ponto”.

(“Senti simplesmente que isso acontecia, por vezes, muito claramente.”)

As comunicações telepáticas prosseguem continuamente abaixo do nível consciente e, sem a telepatia e sem a linguagem dos sentidos internos, a própria linguagem perderia o sentido. As pistas ocultas são os símbolos que tornam a linguagem inteligível. Já disse antes que os sentidos internos experienciam a realidade, pois “ela” existe “por baixo do padrão de camuflagem” — embora, claro, o padrão de camuflagem faça parte dessa realidade.

Diferentes sentidos “externos” são “necessários” em “níveis” e “planos” diversos para interpretar distintos padrões de camuflagem. Esses sentidos externos desenvolveram-se para lidar com os padrões de camuflagem específicos que a personalidade encontra nos vários ambientes. Os sentidos internos operam sempre, independentemente do ambiente em que a personalidade se encontre.

Proporcionam à personalidade equilíbrio, permitindo-lhe manter contacto com a sua fonte de vitalidade.

Quando os dados dos sentidos internos são ignorados pelas personalidades, estas tornam-se tão entrelaçadas com o padrão de camuflagem que só podem recorrer a uma quantidade muito limitada de vitalidade, a qual lhes confere energia e força básicas. Isto acontece, na maioria dos casos, em níveis culturalmente orientados como os vossos, onde o padrão de camuflagem se torna extremamente complicado e encarcerante.

Este “facto” é, em grande medida, responsável pelo vosso choque de “morte” e pelo choque de “nascimento” ainda mais poderoso, quando a

“nova” personalidade desperta para o apertado clamor do padrão de camuflagem rígido. Outros níveis apresentam igualmente problemas graves, mas de natureza diferente. Um dos propósitos básicos da existência no vosso plano é permitir à personalidade concentrar poderosamente a vitalidade e, de modo “criativo”, formar um padrão vital. Às vezes, a “lição” é “aprendida” muito bem. Contudo, é extremamente difícil para as personalidades aprenderem a organizar a vitalidade de modo a dar-lhe forma; por isso, alguns problemas são de esperar.

É um passo “gigante” e “vital”, pois, sem ele, a “personalidade” ficaria, por assim dizer, à “mercê” da própria energia de que “é” composta. Deve aprendê-la a organizar e comandar, e o vosso plano é um dos muitos onde ganha “prática” e “disciplina” nesse aspeto. Caso contrário, teríeis um caos completo e à toa, com a personalidade incapaz de manter disciplina relativamente aos seus próprios componentes químicos e eletrónicos. Sugiro uma breve pausa. Falando em eletrónica, não fiques totalmente carregado. Não és assim tão magnético.

(Pausa às 9h31. A Jane estava dissociada, como habitualmente. A sua voz soou forte no início da sessão, mas foi diminuindo gradualmente até ao fim do intervalo. Ela disse que ouviu a saudação de “bom-dia” do Seth pouco antes de a articular e ficou alarmada por não entender o que se passava. “Foi pela forma como me senti.” Retomámos às 9h36.)

Quando falo em termos eletrónicos e químicos, fá-lo-ei por simplificação, pois eletrónica e produtos químicos são duas facetas de algo — meras “manifestações” de outra coisa, tal como “calor” e “frio” ou “fogo” e “gelo” são manifestações de algo. Posso existir eletronicamente ou quimicamente, e não há contradição nem distorção nessa afirmação. Muitos efeitos “aparentes” no vosso plano são, igualmente, “manifestações”.

(“Podes dar-nos um exemplo do teu estado químico?”)

Um exemplo?

(“Quando estás num estado químico real.”)

Quando prefiro sê-lo, quando é necessário. Há muito envolvido nisso para eu explicar tudo neste momento.

(Tentei orientar o Seth outra vez.)

(“Já estiveste num estado químico neste plano?”)

Raramente. Há simplesmente “muitas” interconexões. Isso terá de ficar para sessões futuras. No vosso plano, enzimas mentais provocam inúmeras reações químicas. Em outros planos, as enzimas mentais são desnecessárias, pois a personalidade — a nível “consciente” — pode operar tais transformações; e aqui deparamo-nos de novo com uma contradição aparente, pois, embora tais transformações ocorram conscientemente em certos níveis, também é verdade que as personalidades envolvidas não precisam de estar conscientes delas. Mas “podem” sê-lo, se assim o preferirem.

No seu plano, tais transformações realizam-se sem a consciência do ego com o qual está familiarizado e, por isso, tornam-se necessários outros mecanismos. Em certos planos, os sentidos internos são os únicos existentes, porque todas as necessidades dos outros sentidos desaparecem, uma vez que os sentidos internos funcionam na sua capacidade máxima.

Uma coisa é reconhecer que os seus padrões de camuflagem específicos fazem parte da realidade e outra é perceber que existe uma realidade independente desses padrões de “camuflagem”. Um dos meus propósitos é permitir que não apenas reconheça, mas experimente essa realidade independente e, de novo, o uso do tempo psicológico de forma “correta” será uma ajuda “inestimável”.

Isso não o isenta de forma alguma de usar os seus sentidos externos com a sua capacidade “máxima”. Se se lembra, os seus sentidos externos, o Rob, avisaram-no de como uma “mensagem” que os seus “sentidos” internos se esforçavam por transmitir. A queda da árvore incidente é a que estou a referir-me e frequentemente se completa um ciclo: os sentidos externos acabam por o devolver aos dados internos.

(A voz de a Jane estava agora praticamente normal. Durante as nossas sessões, já não mantínhamos as cortinas fechadas. Depois de cada ronda pela sala de estar, a Jane parava para olhar por uma das nossas janelas no cruzamento movimentado das ruas “Água” e “Nogueira”, a uma “casa” de distância. Agora, como ditava, permanecia na janela a olhar para o exterior.)

A “experiência” direta através do “uso” dos “sentidos” internos em “capacidade total” poderia ser comparada ao exemplo seguinte.

Imagine olhar para uma cena lá fora pela sua janela, como a Jane agora me permite fazer. Do ponto de vista dela, recebe-se a imagem visual acompanhada de efeitos sonoros. Uma corrente de ar ligeiramente fria penetra pela abertura. Não se sente nenhum cheiro do exterior. Com o uso do conjunto completo de sentidos internos, a experiência seria surpreendentemente mais rica, variada, direta e instantaneamente instrutiva.

Este “último” é “extraordinariamente” importante e voltarei a ele em breve. Através dos sentidos internos e, usando uma analogia muito simples, não se limita a ver a rua como habitualmente nem a ouvir os poucos sons que chegam aos ouvidos. De facto, experienciaria diretamente a “essência” de “tudo” num determinado alcance.

Esta experiência seria instantânea e, pela analogia, incluiria mais do que os dados habituais que se recebem dos sentidos externos. Isto é: não só seria capaz de sentir o ar, ainda que não se encontrasse imerso nele, não só captaria os odores — algo impensável ao olhar para o exterior através de janelas fechadas — mas sentiria, literalmente, a unidade das essências das árvores e dos ramos, dos pássaros e dos insetos ocultos. Experimentaria diretamente as personalidades dos ocupantes dos automóveis — a própria vitalidade dos componentes moleculares dos veículos — e “veria” (entre aspas) o futuro e as experiências passadas de tudo dentro desse determinado campo de atenção. E o próprio intervalo de percepção seria muito maior.

Quanto à minha observação sobre aprendizagem: toda essa experiência seria tão vívida que ficaria gravada no seu padrão de personalidade com tal impacto e clareza que jamais a esqueceria.

Algumas experiências “vivas” e geralmente “infelizes” no seu “plano” servirão como exemplos adicionais: muitas vezes um susto grave ou uma agressão psicológica será tão intensa que a personalidade que a vivencia jamais a poderá esquecer. A experiência “interior” de que falo não seria “assustadora”, embora se tornasse aterradora ao extremo caso não estivesse preparado para ela. O facto é que experienciaria essas outras entidades vivas como se fizesse parte delas. Conheceria tudo diretamente. Ninguém teria de lhe “ensinar” a unidade de todas as coisas vivas ou a fraternidade humana. A lição seria instantânea e completa.

(Quanto disto seremos alguma vez capazes de nos aproximarmos deste plano?)

Deverá adotar uma aproximação razoável, que representaria para si um grau “surpreendente” de “mudança” para o “melhor”. Seria impossível

experimentar essas habilidades internas no nível mencionado enquanto se encontrar no seu plano. Contudo, até mesmo um progresso “razoável” representaria um ganho “enorme”.

O recurso a certas drogas foi tentado em várias épocas ao longo do tempo, mas elas proporcionam apenas um vislumbre indisciplinado e intrigante do que é possível; e, durante algum tempo no seu futuro, não serão nem práticas nem, acima de tudo, benéficas, por razões que abordarei depois da sua pausa.

(Pausa às 10h16. A Jane estava dissociada. A sua voz estava um pouco mais grave do que o normal e a sua fala muito deliberada. Ambos mantiveram-se assim quando ela retomou o ditado às 10h27.)

No que se refere a essas drogas, há alguns pontos que gostaria de salientar. Um dos seus propósitos, como disse, é aprender a organizar unidades de energia e a concentrar a sua própria energia nessas linhas. Ou seja, você é a energia que utiliza. A autoconsciência não deve ser suprimida, mas mantida. É, por assim dizer, caminhar lado a lado com o eu interior.

O uso dessas drogas arrebatava a personalidade. Frequentemente, esta recebe um vislumbre recompensador da realidade interior, mas, mais frequentemente ainda, o ego é lançado, em tropeços, por imagens assustadoras de realidades fantasmagóricas e caóticas, formadas por um subconsciente subitamente libertado e sem guia. A experiência é muitas vezes vívida e permanece na memória durante muito tempo, mas é tão desorganizada e indisciplinada que não se alcança qualquer ordem interna, não se vislumbra organização alguma e o habitual padrão de camuflagem, embora necessário, fica subitamente dispensado.

Há, se calhar, mais ordem na realidade interior do que no seu mundo de camuflagem, e, aliás, faz-se necessária ainda mais disciplina, não menos. Tais experiências com drogas podem ter consequências terríveis. O padrão de camuflagem fica completamente rompido, a personalidade desorganizada aflora e pode escorregar para um estado em que a desorientação impediria o regresso ao seu nível, enquanto a ignorância e a falta de disciplina impediriam a entrada noutro nível. As consequências seriam, nessas circunstâncias, totalmente desastrosas.

(“Isso já aconteceu?”)

Isso já aconteceu, embora no que chamaria de sociedades primitivas. Tais personalidades eram mais protegidas do que o seriam na sua. Poderia resultar numa existência temporária, mas completamente aterradora, entre os planos, o que exigiria o máximo de cautela por parte da entidade. Cada plano necessita da sua própria orientação, e tal personalidade não teria nenhuma. Se a situação surgir, aconselho que nenhum de vocês experimente essas drogas. A Jane, em especial, mas isto aplica-se também a si, o Rob, e não há qualquer distorção nesta afirmação.

(“Bem, acho que não estávamos a pensar nisso.”)

É possível, embora não inevitável, que o uso continuado de tais drogas por certos tipos de personalidade possa, durante um período temporal, conduzir à incapacidade total de manipular padrões de camuflagem.

(“Lembro-me que tu disseste uma vez que os sentidos internos não eram tão fluentes.”)

(Aqui, aconteceu algo surpreendente. Assim que expressei esse pensamento, a Jane parou de andar e olhou para o tempo. Os seus olhos ficaram muito escuros.)

Tão fluente?

(“Sim. Tão fluente quanto os sentidos externos.”)

Não me lembro de ter dito isso.

(Tive uma sensação peculiar de que algo correu mal. Foi a primeira vez em todas as nossas sessões que surgisse um problema desses. A Jane continuou a olhar para mim, parada junto à janela.)

(“Tu disseste isso numa sessão há algum tempo. Acontece que me lembrei porque estava a transcrever a sessão. Ou terei percebido mal a palavra?”)

A palavra “fluente” simplesmente não aparece aí.

A Jane fez uma pausa. Fiquei tentado a dizer mais, mas não o fiz porque achei difícil anotar e falar ao mesmo tempo. Tinha receio de perder o controlo do material. Não fiquei satisfeito, mas calei-me.

Ia dizer que a disciplina é ainda mais importante no uso dos sentidos internos do que possas imaginar. É verdade que focar na realidade interior exige por vezes uma diminuição temporária do foco externo, e isso pode dar a aparência de “deixar ir”, mas a concentração interior requer disciplina e intenção. É perfeitamente possível deixar os sentidos internos e externos operarem em simultâneo. Basta prática.

Sugiro uma pausa, durante a qual aconselho que releias de novo a passagem em questão.

(Pausa às 10h45. A Jane estava dissociada como sempre. A troca de percepções com o Seth levou a que ela tivesse pensado que eu usara “fluido” em vez de “fluente”).

Por enquanto, porém, as duas palavras tiveram a mesma implicação neste caso.

(Esperando encontrar a linha em questão no breve intervalo, escolhi o volume II das nossas notas digitadas e, com sorte, localizei-a na página 107, da 17.ª sessão.)

A Jane sentou-se para ler a passagem. Retomei o ditado às 10h50.

Nós descobrimos um erro de alguém, meu caro Rob...

— e desta vez não há distorção, apenas um simples lapso nas notas. Certamente não disse o que a Jane acabou de ver. O erro está numa palavra: não é “fluente”, mas sim “interno”. Os sentidos externos não são tão fluentes quanto os internos. Por alguma razão a palavra foi mal escrita ou transposta; não sei.

Isto poderia causar erros na interpretação do material. Os sentidos externos são treinados para interpretar dados em termos muito restritos e, portanto, não são fluentes. Espero que isto esteja esclarecido e que me informes imediatamente de qualquer outro ponto que mereça atenção.

(“É o único que me recordo agora.”)

O lapso pode ter sido da parte da Jane, embora acredite que eu o tivesse identificado na altura e corrigido de imediato.

(“Vou verificar as minhas notas originais. É bem possível que eu tenha cometido o erro.”)

Pudeste ter percebido mal a palavra, mas o teu desempenho foi excelente na mesma. Fico satisfeito por termos detetado o lapso.

(“Essa frase incomodou-me várias vezes.”)

Era verdade. Ao recordar-me dessa afirmação tal como a registara pela primeira vez, questionava a sua precisão à medida que o Seth nos fornecia informações adicionais sobre as vastas capacidades dos sentidos internos. Mais tarde, ao rever as minhas notas manuscritas, descobri que realmente a tinha anotado assim e depois a transcrevi dessa forma. Logo, mesmo sem sabermos a causa exata do erro, ao menos ficou corrigido.

Cobrimos material essencial esta noite que servirá de base para sessões futuras. Em particular, releia o exemplo da experiência imaginada de sentido interno e a implicação de aprendizagem envolvida.

(“Alguma razão especial para nos ter convocado esta manhã e novamente agora à tarde?”)

A Jane convidou-me para um nível subconsciente. Sugiro, sempre que possível, que ambos bebam uma taça de vinho antes de cada sessão, embora não seja obrigatório. Os tratamentos quiropráticos ajudaram-vos imenso e contribuíram para o vosso relaxamento. Tens alguma dúvida, Rob?

(“Bem, disseste uma vez que éramos a tua primeira ‘turma’. Estás a instruir mais alguém?”)

Não. Por motivos pessoais, tenho o meu método de dar lições e prefiro tratar de uma instância de cada vez. Tento manter a explicação simples, já que “de cada vez” é um termo um pouco enganador.

(“Por que razão o que nos dizes não é do conhecimento comum?”)

Quantas pessoas? Muito poucas despenderiam tanto tempo de camuflagem para abordar isto. É preciso um conjunto peculiar de competências e interesses para que tal trabalho seja sequer parcialmente bem-sucedido ou aceite pelas personalidades envolvidas; e, para muitas delas, seria difícil manter disciplina e equilíbrio, permitindo ao mesmo tempo a liberdade necessária. Este é um experimento controlado, no qual vocês dois usufruem de certas liberdades de controlo em alguns casos e não noutros. Não é um truque fácil. Foi isso que querias dizer?

(“Possivelmente. Eu só me estava a perguntar por que um corpo de conhecimento como este não poderia ter-se acumulado ao longo dos séculos, lentamente.”)

Mas há. Foi incorporado em várias doutrinas e religiões que cresceram à sua volta até quase se tornar irreconhecível. Pedacos surgem aqui e ali, dispersos, distorcidos e enganosos. Ele vem nu e todos têm de lhe vestir roupas, o que geralmente acaba em asneira ou em dogma blindado.

(Aqui a Jane fez uma pausa. Com as mãos nos quadris, olhou para mim com uma expressão indubitavelmente bem-humorada.)

Os teus pontos de vista particulares, conscientes e subconscientes, são suficientemente fluentes para não obstruírem o material básico nem o cobrirem com a rocha do dogmatismo, tornando impossível encontrá-lo.

(“Os outros no vosso plano estão a observar enquanto nos dás instruções?”)

Estão a observar esses desenvolvimentos. Era necessário alguém que não fosse adepto de qualquer religião em particular. Mais simplesmente, o que se exigia eram “personalidades” que não fossem “fanáticas” em nenhuma vertente — inclusive fanáticos científicos, que se oporiam tão intensamente aos dados da reencarnação quanto os fanáticos religiosos a outros materiais.

Ao mesmo tempo, essas personalidades tinham de ser disciplinadas e intuitivas. Esses requisitos de “personalidade” não são fáceis de encontrar; além de terem de ser equilibradas e inteligentes, pelo menos para os meus propósitos. Eu não queria apenas encher um vaso. Queria partilhar entre o meu plano e o vosso.

(“Todas as religiões são distorcidas?”)

É uma excelente pergunta. Em quanto tempo me lançaste essa agora?

(“Pensei nisso em momentos diversos.”)

Todas as religiões estão distorcidas. E, quanto a isso, grande parte da ciência também o está. Ambas chegam, na melhor das hipóteses, a aproximações da realidade. A religião provocou muito preconceito e crueldade, mas a bomba de Hiroshima não foi lançada pela chuva de rosas

de Santa Teresa. As distorções na ciência e na religião foram verdadeiramente desastrosas. Voltarei a este tema noutra ocasião.

A ciência está pronta para se transformar noutra religião, caso ainda não o tenha feito. Qualquer fanatismo é vicioso, unilateral, limitante e provoca um encolhimento alarmante do foco — explosivo e perigoso. Ter-te-ei mais a dizer sobre isto mais tarde.

(*“O que os outros estão a assistir a esses procedimentos do vosso plano?”*)

Só aqueles que gostam de mim.

(*“Tentaram dar aulas assim?”*)

À sua maneira.

(*“Como correu?”*)

Em graus variados. Não direi mais do que quero dizer.

(*“Entendo.”*)

Divertir-te-ás a tentar inovar. Esta é a parte final da sessão e não me importo de puxar-te o rabo. Reluto, como sempre, em deixar-te.

(*“O que vais fazer quando nos deixares?”*)

Lá vais tu outra vez. De certa forma, já estou no destino para onde vou. No entanto, foi uma boa tentativa.

(*“A Jane enviou hoje uma carta para a American Society for Psychical Research.”*)

Eu sei. É, como disse, o início de uma experiência contínua. Fico satisfeito por estares a contactar outras pessoas, mas não fiques impaciente nem desanimado.

(*“Tentámos arranjar uma testemunha para a sessão desta noite.”*)

O vizinho ao lado pode funcionar bem. O sentimento pessoal da Jane é fundamental no que toca a testemunhas, e ainda que eu tenha sugerido uma para esta noite, a escolha coube-lhe. A tua escolha, ó Rob, também é

importante, mas alguém antagônico à Jane poderia perturbá-la, por isso deixei-lhe a decisão.

Estava a tentar contactar a Jane durante o breve cochilo dela, como experiência e lição rápida. E agora, boa-noite, meus dedinhos dos pés, vocês fazem cócegas a toda a hora. Sessões de segunda-feira, em particular.

(“Bem, não precisas de esperar tanto quanto nós.”)

É verdade.

(“Boa noite, Seth.”)

(A minha observação acima baseou-se num lampejo de intuição. Embora o Seth tenha concordado, não desenvolveu o tema; assim, a sessão terminou às 23h35.)

(A Jane manteve-se no mesmo estado de dissociação durante todo o monólogo. Afirmou que não estava consciente do que a rodeava, mas era assustadora, pois sabia que poderia sair dessa situação sempre que escolhesse.)

SESSÃO 35

A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

16 de março de 1964

(Nesta tarde, por volta das 14:00, operários derrubaram a árvore que tinha caído parcialmente a 6 de março. Ver a 33.^a sessão. Era um olmo muito bonito que morreu há vários anos, e eu estava bastante apegado a ele. Com uma serra elétrica, um homem cortou a base da árvore; puxando uma corda lançada por cima de um ramo mais alto, outros dois homens fizeram-na cair. Quando a árvore tombou, os ramos pareceram amarfanhar-se e partir-se como se já não restasse força neles. E, ao vê-la bater no chão, senti uma onda de sensação varrer-me, o formigueiro rico, a sensação talvez de um vento interior que descrevi pela primeira vez na 24.^a sessão. Mesmo depois de ter voltado ao trabalho, senti por vezes um resíduo desta sensação, muito ténue, em várias partes do corpo.)

(Pelas 20:50, a Jane disse: «De certo modo sinto o Seth por perto, mas não sei de que é que ele vai falar.» Disse também que não se sentia tão

nervosa. Às 20:58 recebeu a saudação do Seth; mas conteve-o até às 21:00.)

(No início, a voz dela estava um pouco forte mas não grave; os olhos escuros como de costume e o passo bastante lento e firme. Na primeira pausa a voz estava normal e, como estas condições se mantiveram no resto da sessão, não precisam de ser mencionadas de novo.)

Boa noite, meu assediado Ruburt, meu assediado Joseph.

É assim que as coisas parecem estar. A situação, do meu ponto de vista, é bastante hilariante, embora as minhas simpatias se voltem para ti, Joseph.

O assalto às mobílias por parte do Ruburt começou por volta de janeiro. Começa sempre por volta de janeiro e, neste caso, terminará este mês. É em parte a expressão da mudança sazonal. No entanto, tens a minha simpatia, e o Ruburt agora certamente não está a ser mandado. Não obstante, solicito com o maior respeito que o assalto termine.

Os seus surtos de energia nervosa costumam começar em janeiro e são, de algum modo, o resultado de substâncias químicas que aparecem no ar nessa época. Grande parte dessa energia é canalizada para o trabalho dele, mas, quando há problemas ou um compasso de espera, então cuidado. Ainda assim, por incrível que pareça, este cerco está prestes a terminar, a energia em si encontrando uma expressão muito mais benéfica na poesia que vem com um «esbanjamento» no fim de março, como regra.

A constante movimentação de mobílias incomoda-te, Joseph. Tirando o incómodo evidente que te causa e a energia perdida, não é seriamente prejudicial. Usada com juízo, pode ser uma boa válvula para o excesso de energia nervosa; mas não, caro Ruburt, dia após dia após dia. Queres ser poeta ou carregador de mobílias? Sugiro-te vivamente, agora, que desistas. Os meus comentários sobre este assunto terminam aqui.

O Joseph pode dar-se por contente por o Ruburt agora atirar mobílias e não pedras, embora o assalto, de passagem, não seja dirigido a nenhuma pessoa. Boa energia agressiva, que deveria ir para o trabalho do Ruburt, é muitas vezes mal utilizada. Podes ver o poder dessa energia de modo mais ou menos visível quando é demonstrada deste modo físico. Essa mesma energia é usada na escrita do Ruburt e é frequentemente extremamente forte, poderosa e tempestuosa; e ele não está, Joseph, a tentar sair do quarto, como creio que mencionaste antes.

(Eu tinha mencionado este pensamento à Jane algumas horas antes, pensando que, se ela precisava de uma sala de trabalho exclusiva, não havia outra solução senão mudar para um apartamento maior.)

Lamento que a tua árvore tenha desaparecido; contudo, todos sabemos que a árvore não desapareceu realmente. E espero que uses os teus sentidos interiores para recriares a árvore na tua mente para a pintura que começaste. Agora será uma árvore melhor na pintura, pois poderás criar a essência da árvore.

(«Qual foi a sensação que senti quando a árvore caiu?»)

A sensação representou o «twing» dos sentidos interiores ao registarem o valor básico da árvore. Se tivesses tido oportunidade de trabalhar mais com o tempo psicológico, terias conseguido uma perceção maior do que tiveste. Verás que a tua pintura não sofrerá. Tens mais alguma pergunta em particular?

(«Bem, gostaríamos de obter mais informações sobre os sentidos interiores.»)

Não me vou dar ao trabalho de fazer muita revisão deste tema. No entanto, ainda há muito a dizer nestes termos. Hás de recordar a nossa experiência imaginária à janela. O Ruburt leu esta noite a minha afirmação de que, sem barreiras, não haveria tempo.

Ora, fundamentalmente, a própria consciência é um tipo de barreira, e tudo o que tem consciência experiencia o tempo em algum grau. Esse grau pode ser tão pequeno que, para ti, pareceria não existir de todo. A autoconsciência apresenta uma barreira maior, portanto o sentido do tempo é maior. O tempo psicológico é, por assim dizer, o mínimo denominador comum, do teu ponto de vista. Ou seja, muitas das barreiras desaparecem. O tempo psicológico representa, no teu plano, o mais próximo que podes chegar da experiência de intemporalidade no que toca às tuas leis físicas.

Experiencias tempo, mas não o tempo tal como é condicionado pelos teus padrões de camuflagem.

Como mencionei, podes, num sonho ou num devaneio, ou através do uso consciente do tempo psicológico, experienciar muitas horas em poucos minutos de relógio. Esta experiência aproxima-se muito do terceiro sentido interior. Se te lembrares de novo da nossa experiência imaginada através dos sentidos interiores, quando olhámos para a rua, recordar-te-ás de que

falei em sentir não só a essência presente das consciências vivas dentro de um certo alcance, mas mencionei também sentir os seus passados e futuros.

Essa percepção teria sido feita pelo terceiro sentido interior, em conjugação, claro, com outros sentidos; e essa percepção do passado, presente e futuro não levaria tempo de relógio, pelo menos teoricamente. Duvido que venhas a ter uma experiência assim completamente. Haverá sempre algum tempo de relógio envolvido para ti.

Dado que a nossa experiência imaginada dependeria de todos os sentidos interiores a trabalharem em conjunto de forma complexa, quase perfeita — o que duvido que, nesta fase, consigam alcançar —, esta vivência de passado, presente e futuro pareceria involuntária, quase automática. Se a tivesses, ou algo semelhante, pareceria como se uma porta, de repente e sem motivo, se abrisse e, do mesmo modo abrupto, se fechasse. No entanto, não seria assim.

O ego interior, ou o eu consciente interior, dirige tais experiências e usa os sentidos interiores de modo muito semelhante à forma como usas os sentidos exteriores, exceto que o ego interior conhece toda a mecânica envolvida no uso dos sentidos interiores, e tu conheces pouco da mecânica envolvida com os sentidos exteriores.

Sugiro uma breve pausa.

(Pausa às 21:30. A Jane estava dissociada, como de costume. Ao olhar então pela janela da nossa sala, vi estacionada a carrinha de serviço da empresa de cabo de TV. A Jane tinha-lhes telefonado mais cedo porque a nossa receção estava má desde que o ramo caído a 6 de março arrancara o cabo.

Os técnicos tinham vindo a casa várias vezes para tentar melhorar a receção. A Jane sentia particularmente falta do canal de música apenas, pois estava habituada a trabalhar com ele de manhã.)

(Ficámos agora surpreendidos por ver alguém a trabalhar a esta hora da noite. E, claro, pensámos de imediato na sessão ser interrompida. Às 21:33, o Seth interrompeu a pausa para transmitir o seguinte através da Jane:)

A música é mais importante para o Ruburt do que qualquer de vós sabe. Se o homem vier, deixem-no entrar. Eu estarei convosco, mas calado,

e teria curiosidade, de qualquer maneira. Talvez vos fale do vosso homem da TV. Portanto, sossego, almas bondosas.

(Às 21:34, a carrinha de serviço passou para a traseira da nossa casa; vimos um homem com uma lanterna a verificar cabos, etc., mas ninguém bateu à nossa porta. A Jane retomou o ditado às 21:35. E aqui, de novo, as suas primeiras frases responderam à pergunta que eu tinha em mente.)

Um ponto que queria acrescentar, Joseph. O que de facto sentiste quando a árvore caiu foi a dor da árvore, em forma muito atenuada. A árvore, embora morta, ainda tinha consciência. Regra geral, terás tais experiências, para começar, através de um sentido interior. Ainda não és suficientemente hábil para reconhecer dados interiores vindos de mais do que uma direção de cada vez.

Podes ter experiências através de todos os sentidos interiores, mas não em simultâneo. Isto é uma grande simplificação. O que talvez deva acrescentar, para maior clareza, é que, em regra, não estarás consciente de dados que te chegam por mais do que um sentido — sentido interior — de cada vez.

O facto é que o eu total está constantemente a experienciar dados de todos os sentidos interiores. O ego interior está, claro, consciente disto. O subconsciente está, por vezes, consciente disto, e o ego exterior está consciente de muito pouco. Já expliquei as razões para isto em sessões passadas. O ego exterior deve concentrar grande parte da sua energia na sobrevivência e na manipulação do mundo de camuflagem exterior. Esse mundo já foi criado pelo eu interior, e a sua existência continuada é determinada pela vigilância constante do eu interior.

Só quando é alcançado um certo nível de confiança é que o ego exterior se pode dar ao luxo de se familiarizar com estes funcionamentos interiores, pelo menos no vosso plano. Caso contrário, vacilarias. Regra geral, embora o eu total seja capaz de organizar os dados de todos os sentidos interiores, o subconsciente raramente consegue receber tais comunicações a todo o vapor; e o ego exterior, preocupado como está com o padrão de camuflagem — e realmente nascido para lidar com o padrão de camuflagem —, simplesmente não aguentaria o choque da perceção que um conjunto completo de sentidos interiores traria.

Este tipo de experiência será sempre, por necessidade, resguardado do ego exterior. Mesmo uma versão diluída de uma experiência interior direta é um choque para o ego exterior no vosso plano, já que o ego se imagina a si mesmo — e às suas próprias perceções — como supremos. Não fazes

ideia, mesmo com o treino que tens, de quão devastadora uma experiência tão completa seria para o ego exterior; portanto, vamos tomar uma experiência de sentido interior de cada vez.

(«Não tive consciência de qualquer sensação de choque quando a árvore caiu esta tarde.»)

(Estavas a sentir o eco de uma dor distante. A experiência tinha um volume muito baixo, existia quase oniricamente numa só dimensão e representava um eco de angústia ouvido séculos depois do grito original.)

(«Séculos?»)

(Séculos depois do grito original. Ou seja, a força do impacto sensorial interior estava tão enfraquecida e diluída como estaria se o que tivesses ouvido fosse um grito, percebido pelo ouvido exterior, que proviesse originalmente de séculos já passados.)

(«E quanto ao homem que derrubou a árvore com a serra elétrica? Sentiu alguma coisa?»)

(O homem, tal como se conhece a si próprio, mal sentiu alguma coisa. O seu eu interior sabia, pois o eu interior está sempre consciente de tais finais.)

(Se tivesses experienciado a dor da árvore de forma tão direta e imediata como sentirias a dor de outra pessoa através dos sentidos vulgares, não o terias suportado. Seria como arrancar-te os próprios membros. E isto não é, de modo algum, uma distorção ou um exagero.)

(O uso pleno dos sentidos interiores nem para mim ainda é possível. Ainda tenho um longo caminho a percorrer. Progredimos nestas linhas segundo as nossas capacidades e as nossas próprias forças. O ego consciente também se desenvolve de forma estranha através de tudo isto, como tentarei agora explicar.)

(Através da experiência nos vários níveis de existência, o ego interior e o ego exterior aproximam-se cada vez mais. O subconsciente acaba por desaparecer, pois deixa de ser necessário como zona-tampão indispensável. No vosso estágio de desenvolvimento, o ego interior é de longe a parte mais consciente de si do eu total e tem a maior capacidade de percepção e organização. Só ele é capaz de experienciar a realidade interior e básica

direta e imediatamente. Só ele consegue lidar com a natureza tumultuosa de uma tal experiência direta da realidade.)

(Mais vale fazerem uma pausa antes que partas o pulso. Meus doces picles, sois tão doces e azedos ao mesmo tempo.)

(Pausa às 10:07. A Jane estava dissociada, como de costume. Proferiu o material sublinhado acima batendo na mesa enquanto falava. A Jane sentiu que tínhamos estado a experienciar tempo encurtado. Disse que, com este tipo de material, o Seth tem de a «abrir» mais do que o habitual para o fazer passar, que ele a coloca num estado mental de enquadramento conceptual.)

(O técnico da empresa de cabo de TV ainda trabalhava nas traseiras da casa. A Jane retomou às 10:17.)

(Nos vários níveis de existência, os egos interior e exterior começam a fundir-se. Gradualmente, a experiência direta da realidade interior é administrada à colher pelo ego interior, pela «boca» do subconsciente, ao ego exterior. A divisão entre os egos interior e exterior é necessária por razões que vão além da natureza da experiência direta em si. Ou seja, o ego exterior é resguardado da experiência direta da realidade porque não suportaria o impacto de tal experiência. Mas esta não é a única razão.)

(Às 10:22, o técnico da TV bateu à porta, precisamente quando a Jane terminou a frase acima. Passou vários minutos a verificar a receção no nosso televisor enquanto falávamos com ele. Estava de serviço até às 23:00. Saiu às 10:30. A Jane descansou um pouco, pois não conseguia fazer a passagem de volta para o Seth tão depressa, e retomou o ditado às 10:31.)

(O subconsciente — para terminar o que comecei — acolchoa realmente o ego exterior contra o choque da verdadeira realidade. Se por vezes te parece que vives num mundo de sonho, em muitos aspetos vives. Ainda não és suficientemente forte para suportar de frente a realidade básica e constróis mundos de sonho complicados para encontrares abrigo daquilo que te pareceria um caos selvagem, descontrolado e indisciplinado.)

(Nos quatro parágrafos seguintes, tive muitas ocorrências do que julguei poder ser telepatia entre mim e a Jane. Não recebi frases completas dela, mas muitas vezes parecia apanhar as palavras exatas de uma expressão pouco antes de ela as proferir.)

(A realidade básica não é descontrolada, selvagem, indisciplinada ou caótica; mas, se fosses de súbito confrontado com ela no teu estado de desenvolvimento atual, serias como uma palha num furacão. Mas, devido à tua fraqueza, os vários níveis de existência apenas te preparam e te apetrecham para a experiência da verdadeira realidade, da qual tens apenas um vislumbre.)

(Na medida em que são capazes de se permitir estar conscientes de dados recebidos pelos sentidos interiores, estão a preparar-se e ficam tanto mais adiantados. Lembra-te, Joseph, da sensação algo assustadora que sentiste numa ocorrência do uso de um sentido interior, quando transpuseste dados interiores para a imagem quase pesadelesca de bocas abertas que não conseguiam gritar. Isto é apenas um pequeno exemplo.)

(Não quero induzir-te em erro. A realidade básica não é, pela sua natureza, aterradora. É, porém, vibrante e direta ao extremo, e tens de estar preparado antes de experienciar uma tal ação ultrassónica. Uma experiência direta da realidade envolve o uso completo de todos os sentidos interiores num campo de cognição integrado. Pode encontrar-se uma analogia muito fraca se imaginares que, ao mesmo tempo, ouves a música mais excitante e comovente imaginável, enquanto simultaneamente cheiras o odor mais intenso — não necessariamente desagradável — observas a cena mais carregada de emoção e sentes sensações corporais intensas e vívidas. Na vida normal reduces até os estímulos dos sentidos exteriores em nome da simplicidade e para te permitires focar nos estímulos que tens por perto.)

(Acharias difícil atender ou estar consciente dos estímulos exteriores regulares enquanto lidavas com a função ordinária da vida diária. Será então de admirar que o ego exterior deixe os dados interiores ao cuidado do ego interior? Sois verdadeiros meninos perdidos no bosque, com dificuldade suficiente em vos orientardes no vosso próprio universo. E não fiquem melindrados: não me refiro a nenhum de vós em particular, como já deviam saber.)

(Assim como a experiência intensa de grande alegria ou dor muitas vezes apaga tudo o resto, também a experiência direta da realidade apagaria — só que por completo — o ego exterior que a experienciasse diretamente. Ao vosso nível, o coador do subconsciente é uma necessidade, e essa é uma das principais razões pelas quais o Ruburt se dissocia durante as nossas sessões, embora a sua experiência da realidade interior seja recebida de segunda mão, por assim dizer, através de mim.)

(É ainda mais diluída pelo meu próprio subconsciente, porque os meus egos interior e exterior ainda não são uma unidade completa, embora eu esteja — ou o meu ego exterior esteja — em contacto direto com o meu ego interior em algumas ocasiões. Não obstante, o meu subconsciente ainda não foi dispensado, mas é mantido de algum modo à semelhança do vosso apêndice arcaico.)

(O Ruburt está a deixar-me passar bem esta noite e sinto por ambos um afeto imenso. Este material, verão, começará — e apenas começará — a preencher o esboço sobre os sentidos interiores. Ainda levaremos muitas sessões até alcançarem alguma compreensão real destas matérias e, meus caros grandalhões, espero acrescentar às nossas palestras exercícios de experiência dos vários sentidos interiores ao longo do caminho.)

(Tais exercícios, em regra, não ocuparão tempo durante as sessões; surgirão noutras ocasiões, consumirão praticamente nenhum tempo de relógio e parecerão espontâneos. Como preparação, sugiro que releiam o material dado até agora sobre os sentidos interiores: o primeiro, o segundo e o terceiro. Abordaremos os outros sentidos interiores em sessões futuras.)

(Os vossos exercícios não serão, de forma alguma, assustadores. Em circunstâncias normais, só deixarão passar tanta da experiência real quanto tiverem conhecimento, força e capacidade para lidar. Esta é outra razão para a minha pouca inclinação em sugerir o uso de quaisquer drogas e para o meu conselho firme contra elas.)

(Quando o ego é forçado artificialmente a deixar passar tais experiências, então fica em sério perigo. Sugiro uma pausa.)

(Pausa às 11:01. A Jane estava dissociada, como de costume. Falámos sobre a Jane pedir ao Bill Macdonnel que fosse testemunha da sessão da próxima quarta-feira. O Bill concordara. Perguntámo-nos também se o Seth diria algo sobre o nosso técnico da TV. Retoma às 11:08.)

(Não tendes necessidade de vos preocupar sempre que haja testemunhas. Se me é permitido, correndo o risco de mostrar falta de humildade, mantereis a serenidade das nossas sessões e dominarei quaisquer outras personalidades com um mínimo de esforço da minha parte.)

(O vosso reparador de televisão tem 3 filhos, um coração bondoso e algo errado no pé esquerdo.

Não é visível, mas há algo errado no pé esquerdo. Um dos ossos.)

(«Ele sabe?»)

(Não.)

(Depois da sessão, a Jane disse que tentou ser muito cuidadosa ao transmitir a informação acima, porque tem sempre receio de a distorcer em tais casos. Nenhum de nós conhece o técnico da TV nem o tinha visto antes. À data de 18 de março, não verificámos de forma alguma se a informação está correta.)

(Verás, Joseph, que adquiriste força adicional e serás capaz de agir de forma positiva no teu trato com o mundo exterior. Não direi mais nada sobre isto aqui.)

(Meus Piggly Wiggles, receberam esta noite um excelente material, se é que o posso dizer. E quanto à tua viagem para casa do teu irmão?)

(«Tenho andado a pensar nisso.»)

(Não esperes, contudo, que ele seja uma cópia carbono de ti próprio, pois obviamente não o é.)

(Não quero entrar noutra material sobre os sentidos interiores esta noite, pois é demasiado tarde para começarmos o quarto sentido interior. Tenta usar o tempo psicológico como te disse. É extremamente valioso, pois é o canal através do qual todos os outros dados interiores devem chegar no vosso estádio particular.)

(O Ruburt, como mencionei antes, sempre sentiu uma unidade cinética com a terra e experiência, de forma diluída, o enterramento sazonal das sementes. Isto resulta numa reação claustrofóbica que diminui com a chegada da vossa primavera.)

(«Há alguma coisa na ideia de dormir com a cabeça para o norte?»)

(Dormir com a cabeça para o norte é excelente — no vosso plano apenas. Por causa das propriedades magnéticas, as vossas moléculas ficam alinhadas com maior eficiência. Decididamente não gosto de entrar em assuntos domésticos. Um ponto, porém: a vossa cama nunca deve estar na vossa divisão principal. Não só vos falta privacidade — uma das queixas do Ruburt —, e não só várias funções biológicas devem ser separadas no vosso plano, como já sugeri, como a divisão em si, embora excelente para

alguns fins que envolvem uso do intelecto, simplesmente não é boa para dormir.)

(A divisão de trás é a melhor para dormir. No entanto, também é a melhor para os teus propósitos de trabalho, Joseph. O quarto pequeno serve como quarto de dormir, mas a cabeceira da cama deve estar a norte. E, no uso dos exercícios de tempo psicológico, fariam bem se a cabeça estivesse a norte.)

(Numa nota adicional, algo insignificante, um arranjo de porta seria algo benéfico na vossa cozinha, se for prático, e isto não está distorcido. De resto, tendes benefício máximo das vossas atuais condições de habitação.)

(Até eu apreciarei a chegada da vossa primavera. A constituição química do Ruburt é tal que ele deverá estar algo mais recetivo durante essa estação, nestas sessões.)

(Como sempre, hesito em deixar-vos. O meu afeto está sempre convosco, a ambos. Sois um par de simpáticos Hobbly Gobblys.)

(«Gosto de alguns destes nomes.»)

(Guardo-os especialmente para vocês. Mais uma nota antes de vos deixar. A música é, de certo modo, um fator de condicionamento no que diz respeito ao Ruburt. Embora ele nada saiba de música agora, em tempos foi proficiente nela. Essa capacidade é agora canalizada para a sua excelente aptidão para a poesia rítmica.)

(«Ele era cantor?»)

(Não. Essa capacidade foi usada em tempos com a lira. Música da sua preferência será uma excelente ajuda para o seu trabalho e reforça a sua disciplina.)

(E agora, pêssegos, este é o fim dos meus comentários mordazes. Espero que não estejam demasiado «enevoados».)

(«Não. Boa-noite, Seth.»)

(Fim às 11:32. A Jane estava dissociada como de costume.)

SESSÃO 36

(LIVRE ARBÍTRIO CAUSA E EFEITO)

18 DE MARÇO DE 1964

(Esta noite, o nosso primeiro testemunho formal — o Bill Macdonnel — iria assistir a uma sessão completa. A Jane e eu estávamos bastante entusiasmados com o momento. Às 20h, a Jane deitou-se para descansar e deu a si mesma sugestões positivas para a sessão. O Bill devia chegar às 20h30.)

(Às 20h45, o Bill ainda não tinha chegado, e começávamos a ficar inquietos. Não queríamos que chegasse atrasado; também tínhamos planeado explicar-lhe algumas coisas — entre elas, que tomasse notas por conta própria.)

(“Mark a marca; o Mark chegou.” — às 20h50 esta frase surgiu na mente da Jane. Quase não me contou, disse ela. Não tinha a certeza de que viesse do Seth. Não a ouviu com nitidez, como normalmente acontece quando recebe uma mensagem do Seth antes de uma sessão. Pensou que fosse uma indicação de que o Bill só chegaria depois da sessão começar.)

(Às 21h, o Bill ainda não tinha chegado. Eu, pelo menos, estava bastante frustrado com isso. A Jane também não tinha começado a sessão. Mas disse: “Sinto um grande sentido de humor à espera — que não é meu.” Disse que essa sensação pairava sobre ela.

À medida que os minutos passavam, ela começou a andar lentamente de um lado para o outro. Às 21h05, começou a ditar. Ao longo de toda a sessão, a sua voz esteve ligeiramente mais forte do que o normal, o passo bastante lento e os olhos escurecidos como de costume.

Boa noite. Esperei pelo teu amigo tempo suficiente. Cinco minutos inteiros. Não se pode dizer que eu não esteja disposto a fazer concessões — embora, confesso, cinco minutos é o meu limite.

Estou, claro, satisfeito com a carta da Jane. Como já mencionei antes, sou extremamente cauteloso quanto a tentar transmitir previsões, e por isso, neste momento, simplesmente não tento. Não quero ser responsabilizado por quaisquer distorções que possam surgir. Mais tarde, a Jane será capaz de captar esse tipo de informação sem tanta distorção.

(A carta a que o Seth se refere veio da editora da Jane, recebida hoje, sobre o livro dela sobre Percepção Extrassensorial. A Jane pensava que o projeto estava morto, mas parece que a editora ainda está interessada.)

O livre-arbítrio, como referi anteriormente, opera de facto. Mas tens de lembrar-te que, apesar de operar, as personalidades no teu plano têm opções extremamente limitadas. Só podem escolher entre alternativas com que já estão familiarizadas. Só podem agir dentro do seu próprio padrão de camuflagem.

A escolha livre, portanto, não é a experiência tão vasta como pensam. As possibilidades não são, de facto, infinitas. Ou seja: embora, em teoria, qualquer personalidade possa escolher viajar extensivamente, isso não tem qualquer sentido real para uma grande percentagem de personalidades, devido à sua própria estrutura interior. Muitas oportunidades semelhantes a esta são, para um grande número de personalidades, impraticáveis. Existem em teoria, sim, mas para certas pessoas, na prática, nem chegam a existir.

Dentro de certos limites, existe o livre-arbítrio. Mas esses próprios limites foram definidos — ou, se preferires, escolhidos — pela entidade que originou essa personalidade. Ao nível da entidade, o livre-arbítrio é muito mais amplo — e realmente tem mais significado.

Portanto, as escolhas entre alternativas são estreitas ao vosso nível, por causa de limitações impostas pela própria entidade. Por outras palavras: a entidade, usando a sua — *marca o Mark: o Mark chegou*. Isto é um pequeno exemplo de um momento em que a Jane não me bloqueou. Deixem entrar o vosso amigo e peçam-lhe que se sente.

(A Jane interrompeu a ditado. Eram 21h20. A mudança súbita de direção desconcertou-me. Enquanto eu olhava para ela, sem saber o que fazer, ela disse:)

Façam uma breve pausa, se quiserem conversar entre vocês — embora eu vá, claro, ouvir tudo com atenção.

(A Jane fez sinal para a porta. Recuperando finalmente o juízo, e lembrando-me de que o nome “Mark” era o nome da entidade do Bill, dado pelo Seth na nossa sessão, fui abrir a porta. Não estava lá ninguém. Nem sequer tinha ouvido passos na escada.)

(Agora estava completamente confuso. A Jane, claramente sem querer ainda falar por si mesma, olhou para mim e encolheu os ombros. Tínhamos ouvido o som de um carro e de pessoas a entrar no apartamento de baixo — talvez isso nos tivesse confundido. Sentia uma estranha frustração, como se tivéssemos perdido o controlo da situação.)

(Voltei para a secretária. Eram 21h21. A Jane retomou o andar e a ditado.)

Se estiverem prontos, vou explicar a situação — se a Jane me permitir, claro. É lamentável, mas posso dar-vos um método de verificação a usar no futuro, sempre que encontrarem distorções no material.

Em primeiro lugar, essas distorções ocorrem quase sempre no início ou no fim de uma sessão. Normalmente, o material no meio da sessão não apresenta distorções.

Um erro nas anotações, por exemplo, não se enquadra aqui. No entanto, a minha querida e distorcida Jane não só me pôs palavras na boca — inconscientemente, claro — como ainda disse, com doçura, que não eram distorções.

A razão é bastante simples, e na verdade até compreensível. A questão é que a Jane não pode usar a cautela consciente nestas situações. Estou até — o que é bastante invulgar em mim — hesitante em impor-lhe disciplina neste aspeto, porque ela já se preocupa tanto com distorções subconscientes que não quero reforçar esse medo na sua mente.

Ainda assim, o facto é que ele cometeu um erro. E embora erros deste género sejam por vezes inevitáveis nesta fase, são sempre lamentáveis — e podem lançar dúvidas sobre a validade do material como um todo.

Já mencionei um teste — e vou explicar isso em breve — bem como a causa bastante óbvia da distorção evidente. No entanto, e já o sublinhei várias vezes, devido aos nossos métodos de comunicação, distorções como estas irão inevitavelmente acontecer de vez em quando. Só podemos esperar que desapareçam gradualmente, mas não podemos forçar esse desaparecimento. Ou melhor: *vocês não podem*.

A não ser que a Jane entre num transe profundo, não há nada mais que eu possa fazer nesse sentido. E é isso.

Por razões de personalidade, nenhum de vocês dois ficaria feliz, receio, se a Jane entrasse em transes profundos a meu pedido durante as sessões. E tu, Rob, ficarias ainda menos entusiasmado do que ela. Por isso temos de continuar a trabalhar como temos feito — e tirar o melhor proveito disso, por agora.

Regra geral, as distorções vão desaparecer quase por completo. No entanto, enquanto estivermos a trabalhar com padrões de linguagem como agora, haverá sempre algumas, ainda que mínimas. E, no corpo principal do material, há muito poucas distorções — como já expliquei. Claro que, nesta fase, vocês ainda não podem provar a tese principal do material importante que *não* está distorcido. Mas devem lembrar-se de que tudo isto é novo para a Jane, e que a pureza necessária na percepção e na comunicação ainda está a desenvolver-se.

Quanto à causa da distorção evidente — é ridiculamente simples. Na verdade, devem já saber qual é.

A Jane viu um carro, estava à espera do vosso amigo, imaginou o meu comentário — e saltou para uma conclusão instantânea, com o desejo — lisonjeiro mas precipitado — de me provar certo num momento que podia ser verificado. Querida Jane, às vezes és uma cabeça-oca, se não um cabeça-de-vento. Eu darei a minha prova a meu tempo — e sem esse tipo de ajuda lisonjeira mas ineficaz.

Ajuda assim... não é ajuda nenhuma.

Quanto ao teste de que falei: se no futuro houver qualquer dúvida, verifiquem em que parte da sessão surgiu a afirmação duvidosa. Se for logo no início ou no fim da sessão, então não entrem em pânico. Nunca vi tanto pânico num rosto como vi no teu, caro Rob, naquela ocasião.

Somos afortunados — e digo isto a sério — por termos tido tão poucas distorções, e tão óbvias. Pelo menos, distorções evidentes são fáceis de detetar. E, a longo prazo, isso é muito melhor para a integridade do material como um todo.

Só peço: não fiques ansiosa, Jane.

E quanto à verificação: espera alguns minutos, Rob — e depois volta a colocar a pergunta duvidosa, ou reformula a afirmação como uma pergunta. Espera pelo menos cinco minutos, mas não mais de quinze.

Não deves — e repito — não deves entrar em pânico ao pensar que distorções podem surgir. Esperar que *nunca* haja distorções é igualmente irrealista, e acabaria por te lançar contra uma parede de desilusão.

Não estamos a lidar com rigidezes. A Jane vai melhorar. Não quero criar um medo exagerado das distorções — isso só o tornaria tão rígido que poderia bloquear material perfeitamente válido, com medo de estar a introduzir erro.

A validade de todo este material vai evidenciar-se cada vez mais, mesmo que surjam distorções aqui e ali. O próprio conteúdo trará mais e mais provas à medida que avançarmos. E, num futuro mais distante, o tipo de comunicação vai evoluir para algo mais claro, mais vívido; e, embora as palavras continuem a ter o seu papel, outros elementos serão adicionados — que constituirão, eles próprios, prova do material. Ou seja: o *meio* será também o *fim*.

Isto não acontecerá hoje nem amanhã. E não quero que o medo da distorção venha a minar a confiança da Jane — nem a tua — porque é essa confiança que sustenta toda a nossa comunicação. É preferível que passe algum material com distorções do que não passar material nenhum.

Sei que as distorções te incomodam mais a ti do que a mim. No entanto, para ser sincero, esperava mais distorções do que aquelas que temos tido — e os meus companheiros ficaram espantados, especialmente tendo em conta que a Jane não entra em transe profundo. Foi uma pena o vosso amigo não ter chegado a horas. Esse elemento extra de antecipação impediu a Jane de atingir o estado habitual de dissociação, tão eficaz, no início da sessão.

Se a visita tivesse chegado a tempo, a Jane teria conseguido lidar com a situação. Mas foi essa camada adicional — consciente e subconsciente — de expectativa que o atrapalhou.

E agora, meus dois pombinhos feridos, vão enfaixar-se com um breve descanso. Ainda hão de levantar voo. Espero que estas observações tenham sido umas migalhas para a vossa confiança vacilante. Mas, brincadeiras à parte, não podem começar algo assim sem esperar algumas dificuldades pelo caminho — sobretudo nesta área tão desafiante da comunicação. Fiquem com as minhas palavras.

(A Jane estava dissociada como de costume para o final deste monólogo. Ambos estávamos desiludidos com a ausência do Bill. Da minha parte, tentei animar o ambiente com piadas, mas a Jane não entrou no jogo. Retomou a ditado às 22h05.)

Tenho quase a certeza, Rob, de que, desta vez, a Jane não apreciou as tuas observações humorísticas durante a pausa. De forma bastante inocente — e tão exuberante — ela saltou à mínima oportunidade para mostrar, no registo, como eu tinha razão e ela não. Mas pronto — está feito.

E, já agora, não culpes o teu amigo por não ter aparecido. Não o vais mudar — e ele faz um grande esforço dentro dos limites definidos pela sua entidade.

E agora, se já terminaram os fogos-de-artifício, posso voltar ao tema de onde fui tão ruidosamente interrompido?

Estávamos a falar sobre o livre-arbítrio — e, se me é permitido dizer, a pequena distorção do Ruburt foi um belo exemplo do tema.

Uma pequena recapitulação: o livre-arbítrio existe no vosso plano, embora de forma limitada. Mas existe — e essas próprias limitações são o resultado de escolhas feitas com livre-arbítrio noutro plano, pelas entidades correspondentes.

É verdade que o ego interior tem consciência, através dos sentidos interiores, de qualquer escolha que o ego exterior venha a fazer com base no livre-arbítrio. Mas isto não significa que as decisões estejam pré-determinadas. Apenas significa que o ego interior não está limitado pelas dimensões em que essas escolhas são feitas.

(A Jane e eu tínhamos discutido este tema durante o jantar. A explicação dela pareceu-me melhor que a minha — e alinhava-se quase exatamente com a exposição do Seth.)

O tempo, tal como o conhecem, é uma camuflagem. E não existe para o ego interior. Isso não deveria ser estranho para ti, já que sabes que mesmo as personalidades atuais podem, até certo ponto, escapar ao tempo cronológico através do uso do tempo psicológico. Já disse que não existe “tempo sem barreiras”. O ego interior percebe menos barreiras, e por isso não está tão preso ao tempo como o ego exterior está.

A terça-feira, por exemplo, não existe para o ego interior. O teu ego exterior está agora a viver o tempo camuflado do ano 1964. Isso simplesmente não existe para o ego interior — e por isso ele tem, com toda a facilidade, consciência de qualquer decisão ou escolha que venhas a fazer, digamos, em 1970. Mas isso não interfere com a tua escolha. Não afeta, de forma alguma, o que decides fazer no futuro. Ele tem consciência dessas escolhas futuras porque o “futuro” camuflado não existe para ele.

Isto tornar-se-á mais claro com o tempo.

Teoricamente, um animal tem livre-arbítrio. E isto serve muito bem como exemplo do que quero dizer com limitações. Um animal é livre,

fisicamente, para viajar de Nova Iorque até à Califórnia. Nada na sua constituição física o impede de fazer essa viagem. Mas o ponto é — perdoa o trocadilho — que esse “ponto” não faz sentido. Nem mesmo um pointer (cão de caça) se safaria. As pernas do cão podiam fazer a viagem — com pausas programadas ou não — mas o animal simplesmente não sabe que tal destino existe.

E, em regra, também não poderia iniciar essa viagem de forma consciente. Muitos animais, utilizando os seus sentidos interiores, conseguiram realizar esse tipo de percurso — mas só com o aparato consciente não o conseguiriam.

Do mesmo modo, essas possibilidades de escolha também existem para as personalidades humanas — mas, na prática, muitas não existem porque a personalidade é demasiado limitada para as aproveitar.

Muitas limitações são impostas pelas próprias entidades por razões cármicas. Quero deixar bem claro: o livre-arbítrio existe. Mas é limitado por escolhas feitas com um livre-arbítrio mais alargado ao nível da entidade.

Além disso, o ego interior tem consciência de decisões futuras — não porque imponha essas decisões ao ego exterior, mas porque o “futuro”, tal como vocês o veem, simplesmente não existe para ele. E, por isso, pode perceber o que o ego exterior não pode.

O facto de alguém começar a ler este material na página um, por exemplo, não significa que a página quatrocentos ainda não exista. O vosso ego exterior está limitado a uma ação sucessiva — mas o ego interior não está. Isto deve ajudar a esclarecer a questão.

Já disse antes que a causa e o efeito operam de formas variadas. E que aquilo que vos parece ser causa e efeito é muitas vezes apenas uma consequência da vossa necessidade de ver as ações em sequência.

Porque neste ponto da vossa experiência estão forçados a ver as ações de forma separada e sucessiva, acabam por assumir, quase naturalmente, que uma coisa causa outra — ou que uma ação não pode ocorrer antes de outra que aparentemente a segue. Claro que isso não é verdade. Mas é um bom exemplo das distorções que surgem quando se depende apenas dos sentidos exteriores.

Sugiro uma pequena pausa — sinto que já passaram o vosso ponto de rutura.

(A Jane estava dissociada como de costume. Retomou o ditado.)

Antes de voltar ao material que tenho tentado dar-vos toda a noite, tenho mais alguns comentários.

A dor no ombro da Jane, por exemplo, foi um sinal de nervosismo. Embora conscientemente ela não se sentisse afetado, o subconsciente sabia que o vosso amigo não chegaria a horas — e isso perturbou-a, ainda que

ligeiramente. A dor foi a manifestação física e nervosa dessa irritação subconsciente.

Gostaria de deixar uma nota adicional, e acredito que já tenha mencionado isto antes. Sei que a Jane, a certa altura, teve consciência disso. Não tenho nada contra ela ler o material — claro que não. Mas recomendo vivamente que *não* o leia na noite de uma sessão. Só a deixa mais apreensiva e nervosa.

Dando uma palmada metafórica nas minhas costas, posso desenvolver isto: a complexidade do material desestabiliza-o. Ela estuda-o, preocupa-se em manter aquilo que por vezes chama a sua “boa performance” — e pode acabar por estragar *a minha*. Isso também contribuiu para a dor no ombro. A ajuda de que preciso de ti, Jane, é inteiramente de outro nível. Não quero que te envolvas excessivamente com o material — é precisamente por isso que funcionamos assim, com o Rob a registar.

Não estou a dizer que a Jane não deva ler o material. Mas não o leias imediatamente antes de uma sessão. Intimida-te. Uso muito do teu conhecimento subconsciente. Recorro ao saber do teu próprio ego interior. E estás a ajudar-me imenso — mas, por favor, Jane, não interfiras. Esta noite, com as tuas declarações apressadas em meu nome, interferiste — mesmo que de forma inocente. O teu intelecto é bom — mas precisamos de mais do que o teu intelecto nestas sessões. Ficas demasiado envolvido intelectualmente quando lês o material antes das sessões — e isso pode prejudicar a sessão em si.

Deixo a tua vida intelectual e criativa completamente ao teu critério. És livre de usar o que aprendeste — mas, por favor, mantém o teu intelecto, que às vezes se intromete, *fora* das sessões.

O teu intelecto é bom, volto a dizer — mas, querido, não está à altura do meu. As tuas intuições, acredita ou não, *essas sim* estão quase ao meu nível. Quando estiveres no meu plano, vais provavelmente fazer trovejar os céus da Terra. Podes estudar e explorar o material intelectualmente noutras alturas — mas *não* antes de uma sessão. E, por favor, dá liberdade às tuas intuições *durante* as sessões.

Usas capacidades — e o Rob também — que não podem ser utilizadas com eficácia, nesta fase, ao mesmo tempo que julgamentos intelectuais exteriores e egotistas. Estou apenas a dizer: *não* tentem usar ambas em simultâneo durante as sessões. E pronto, isso foi um bocadinho.

Ambos têm capacidades latentes particularmente desenvolvidas no que toca aos sentidos interiores. Caso contrário, estas sessões não seriam possíveis. É verdade que, neste momento, as vossas capacidades manifestam-se em sentidos diferentes, mas complementam-se na ação — e por isso também no resultado.

A Jane utiliza a dissociação para libertar as suas capacidades, de forma a poder usá-las com mais eficácia. A ocorrência telepática com a

vossa testemunha é um exemplo disso. No entanto, também é verdade que essa abertura permite a minha entrada. Rob, vais perceber que as tuas experiências com os sentidos interiores ocorrem frequentemente em momentos breves de dissociação.

Pretendia, esta noite, abordar o nosso terceiro sentido interior — mas acabámos por seguir noutra direção. Ainda temos muito por explorar em relação aos sentidos interiores. Não só serão nomeados, como também receberão exercícios para a sua utilização individual. Isso é difícil, porque para mim eles operam de forma muito mais coordenada e integrada. Bem, sugiro a pausa habitual.

(A Jane estava dissociada como de costume. A dor no ombro aliviara um pouco, mas agora não se surpreendia por ter começado a doer-lhe um pé. Durante a pausa, andou aos saltos até a dor passar. Enquanto falávamos sobre distorções, recordámos que o Seth já tinha mencionado uma ou duas vezes o uso do transe profundo. Nenhum de nós achava grande piada à ideia. A Jane retomou.)

Num transe profundo, há sempre uma certa falta de proteção. Muitos no meu plano ensinam — ou tentam ensinar — através desse método. É uma das minhas particularidades pessoais: não aprovo essa abordagem educativa.

Os benefícios obtidos pelas personalidades em transe profundo não duram tanto como os do nosso método. É verdade que, nesse estado, o subconsciente aprende. No entanto, o conhecimento subconsciente tem de ser transferido mais tarde para a consciência da personalidade. Noutros métodos que não o meu, essa transferência só acontece mais tarde — normalmente num plano intermédio, após a morte da personalidade no vosso plano.

Prefiro o método que usamos, porque a assimilação é mais direta e imediata — e a personalidade envolvida faz uma contribuição ativa.

(“O que pensam os outros, no teu plano, sobre o teu método?”)

Outros estão a observar. Há algum desacordo amigável. Somos todos, por assim dizer, educadores — e às vezes receio que nos preocupemos demasiado com os métodos. Eu prefiro, pessoalmente, um aluno ativo e relativamente alerta, em vez de um sujeito em transe profundo que recebe e transmite conhecimento pré-mastigado. Eu prospero com a troca dinâmica. A Jane está dissociada, mas todas as ligações estão abertas.

No transe profundo, o estado consciente exterior é completamente desligado. O conhecimento é despejado abaixo da goela imaginária — e não consigo entusiasmar-me com esse método. O que fazemos pode parecer mais lento, nos vossos termos, mas os efeitos são mais duradouros — e o “eu” total está consciente de todo o conhecimento recebido.

Existem outros métodos também, mas são menos importantes — e geralmente não se confia neles. Um dia, teremos de fazer alguns testes, e

— pelo meu orgulho perante os meus colegas — espero que vocês estejam à altura. O meu método envolve a forte possibilidade de algumas distorções e a cooperação ativa dos meus alunos. Mas isso representa um desafio para mim — não uma desvantagem.

Imagino que eu próprio serei alvo de algumas piadas por causa do pequeno infortúnio desta noite.

(“Bem, não há assim tantos no nosso plano que entrem em transe profundo, pois não?”)

Há muitos mais do que pensas. O problema aqui é que a personalidade fica pouco protegida — e fica exposta a fragmentos que podem entrar se o educador do meu plano não estiver vigilante. Não aprovo esse método, exceto em casos muito específicos.

Também não concordo que seja benéfico a personalidade habituar-se a deixar de lado completamente o seu padrão de camuflagem. É necessário reconhecer esse padrão como tal — mas, no vosso plano, ainda tem de ser manipulado. E essa manipulação tem de ser eficaz.

A sensação temporária e aparente de liberdade em relação ao padrão de camuflagem leva, muitas vezes, o sujeito ou aluno a uma falsa sensação de liberdade no quotidiano — e causa uma quebra na disciplina do ego que deveria manter-se. O nosso método não entra nesse território perigoso.

Vou encerrar a sessão — a menos que tenhas mais perguntas.

(“Fico a pensar quem são essas pessoas que entram em transe profundo. Conhecemos alguma delas?”)

Não, que eu saiba.

(“Não estarão a entrar nesses estados durante o sono, pois não?”)

Não é disso que estou a falar. Irei abordar isso mais tarde. Prefiro primeiro dar-vos mais informação sobre os outros sentidos interiores, porque isso tornará o resto muito mais claro.

Antes de terminar, quero mencionar a importância do terceiro sentido interior relativamente à experiência de *padrões de conceito*. O terceiro sentido interior — relacionado com aquilo que chamariam percepção do passado, presente e futuro — é o sentido que permite ao ego interior e às entidades experienciar diretamente padrões-conceito, libertando-os, por isso, das limitações de causa e efeito sucessivas.

Sugiro que façam uma pausa — ou encerrem a sessão, conforme preferirem.

(A Jane estava dissociada como habitual. Disse que o Seth andava a tentar introduzir esse parágrafo durante toda a noite. Estava claramente cansada, por isso disse ao Seth que voltávamos a falar com ele na segunda-feira, como de costume. A Jane retomou.)

Não tens ideia da tentação que sinto de vos encher o mais possível de informação — e essa é a tentação à qual os meus colegas mais entusiásticos

cedem muitas vezes. Especialmente quando deixam o aluno sem poder resistir, embora isso seja um certo exagero.

Em todo o caso, aguentem-se, meus dois ursos resmungões. Desejovos a ambos — até mesmo à Jane — uma boa noite, alegre e sem distorções.

(“Boa noite, Seth.”)

SESSÃO 37

23 DE MARÇO DE 1964

(Esta tarde, o John Bradley, que foi nossa testemunha na sessão 26, parou para perguntar se ele poderia testemunhar a sessão desta noite. Ele também queria que lhe emprestasse o meu estúdio por uma hora para fazer um prontuário para um dos seus cartazes de exames médicos. Ele pensou que poderia perder o início da sessão enquanto trabalhava o estúdio, mas a informalidade da ideia pareceu boa. A Jane concordou quando eu fui buscar depois do trabalho.

(Num esforço adicional por relaxar, a Jane trabalhou num quadro da sua autoria até as 20h30. O John chegou às 20h35 com os seus materiais e uma garrafa de vinho. Após as flagrantes distorções da última sessão a Jane havia decidido que precisava relaxar, quer tivesse testemunhas ou não, pelo que à medida que a hora da sessão se aproximava o rádio ainda tocava, e nós brincamos com o Willy, o nosso gato, e trocamos brincadeiras com John.

(Às 8h50, a Jane tinha as mãos frias e húmidas e eu pude ver que ela estava nervosa. Mesmo assim, ela disse que se sentia melhor do que o normal, e isso era verdade e para mais com uma testemunha presente. Ela estava convencida de que a abordagem era boa.

(A hora da sessão chegou, e o John ainda estava ocupado no meu estúdio. Contudo, a porta da sala de estar estava aberta e ele podia ouvir com clareza. Pontualmente às 21h a Jane levantou-se e começou a ditar com uma voz bastante firme e clara e um pouco mais forte que o normal.)

Boa noite, a todos os três pêssegos.

(“Boa noite, Seth.”)

Eu queria dizer mais sobre o terceiro sentido interno na relação que tem com conceitos. Desde logo, com o tempo do vosso relógio é muito difícil a vós conceber grandes conceitos. Vocês são forçados a pensar usando símbolos de palavras atados uns aos outros e por conseguinte vocês estão aprisionados por uma camuflagem de continuidade.

Vocês encontram dificuldade em escapar do tempo, via de regra, e por isso estão igualmente aprisionados pelo passado, presente e futuro, de tal maneira que parecem ser paredes que nunca podem ser escaladas. Não só lhes é difícil conceber um grande conceito por essas razões, mas também é praticamente impossível comunicar-lhes esse conceito.

Vocês insistem numa continuidade e numa aparente causa e efeito por causa da barreira de parede erguida que vós próprios construístes. Conceitos como os que estou a referir para ir além das ideias que vocês fazem de tempo e espaço.

(A esta altura o John tinha terminado de desenhar o gráfico no estúdio. Enquanto a Jane continuava a andar pela sala e a ditar com a sua voz clara e forte, o John entrou, serviu-se de uma taça de vinho e de um cigarro. Eu aponte para um bloco e uma caneta que eu havia colocado caso ele quisesse fazer as suas próprias anotações. Mas o John abanou a cabeça e instalou-se no sofá. a Jane continuou sem parar.)

Quando e se você se tornarem proficientes no uso do terceiro sentido interior, então e somente então vocês serão capazes de receber tais conceitos. Quando a cognição é mais ou menos espontânea, então vocês podem apreciar um conceito nos seus próprios termos. Quando a cognição é espontânea ou praticamente espontânea, então a ideia pode gozar de liberdade. Vocês estão limitados pelas vossas teorias de causa e efeito. Vocês acreditam nas vossas ideias de tempo, e dependem delas a tal ponto que lhes é impossível nesta fase conceber um conceito que não tenha nada que ver com espaço ou tempo.

A título de analogia, vocês vivem numa caixa construída por si mesma com certos sentidos que lhes permitem perceber o mundo-caixa que vós próprios criastes. Qualquer conceito “verídico” tem as suas origens fora da vossa caixa e tem continuidade para além dela.

(Durante esta sessão, a Jane falou com muita ênfase. Eu sublinhei algumas palavras e frases às quais ela pareceu prestar uma atenção especial. O Seth começou esta sessão de uma maneira muito positiva, como

se ele fosse tratar de negócios desta vez, e manteve-a com todo o empenho.)

Ele também criva a vossa caixa. No entanto, com os vossos sentidos de camuflagem, vocês percebem apenas aquela parte do conceito que acontece cair dentro da vossa caixa, e mesmo aí vocês recebem e interpretam tal conceito com os vossos sentidos exteriores e, portanto, distorcem-no além de todo reconhecimento. A menos que vocês usem os sentidos internos da maneira que eu tenho e vou prescrever, vocês sempre receberão apenas um vislumbre de qualquer conceito verdadeiro, independentemente da sua simplicidade.

O terceiro sentido interior, como já lhe disse, permitirá que vocês até certo ponto se libertem das construções do passado, presente e futuro e permitirá, em teoria, uma cognição instantânea. No que diz respeito à prática, vocês nunca alcançarão essa cognição instantânea, mas serão capazes, vez por outra, de deixar de lado limites de tempo, e capazes de pelo menos vislumbrar a realidade e os conceitos de que falo.

Receio ser um pobre anfitrião e não muito dado a amabilidades, ou pelo menos às vossas amabilidades, por estar um pouco sem prática. No entanto, uma boa noite para o Philip, e dizer que reconheço a sua presença.

(Será de lembrar que a partir da sessão nº 26 o Philip é o nome de entidade do John Bradley, segundo o Seth.)

Sinto muito por não poder fazer-lhe uma revisão. No entanto, atrasei muita coisa das últimas sessões, por ter tratado do ego agitado da Jane. Estou confiante de que temos esse tipo de coisa sob controlo. A melhor coisa a fazer quando estiveres na prancha de mergulho é mesmo mergulhar, Jane. Este vacilar para a frente e para trás a decidir salto ou não, acabou, espero. Ela salta, por assim dizer, na água — mas é ela quem salta, ninguém mais. O elemento é diferente, e isso é tudo.

Nenhum conceito pode ser enclausurado. A realidade em que estamos interessados flui através do vosso mundo de camuflagem, forma o material com o qual vocês erguem as vossas construções, impregnam cada átomo e molécula do vosso mundo, mas não tem origem no vosso mundo. Ou seja, não tem origem no vosso mundo de camuflagem.

Tem origem no eu interior que existe no vosso mundo, mas não é do vosso mundo. O ego interior consciente de si, como eu disse — e isto é para edificação do Philip — o ego interior consciente de si pode ser comparado a um outro rosto, voltado para um mundo diferente. E ainda

assim é a personalidade motriz e a força no vosso mundo e vocês usam a energia dele enquanto constroem os vossos padrões de camuflagem.

Esse ego interior conhece bem o ego exterior. O ego exterior é apenas um imagem falsa do ego interno. O ego externo, via de regra, não tem consciência do que vocês podem pensar de momento dos pensamentos ou comunicações do ego interior; mas o ego interior conhece cada passo que vocês dão, cada partícula de ar que vocês inalam, cada sonho que vocês têm; e ele é a fonte da vossa própria personalidade e é a representação da entidade da qual faz parte.

Agora sugiro um breve intervalo, embora espero que não tenhas atingido o ponto de rutura.

(A Jane mostrou-se dissociada como sempre. Ela disse que a presença de uma testemunha, aparentemente não fazia qualquer diferença. O John, é claro, não estava familiarizado com grande parte do material. A Jane e eu tentamos pô-lo rapidamente a par dos sentidos internos, mas surpreendentemente entre nós tivemos dificuldade em explicá-los. Nós não parecíamos ser mentalmente perspicazes. O John disse que sentia o mesmo. E ainda assim, como a Jane observou, às vezes sob essas condições o material que vem do Seth é excelente.

(A Jane começou o ditado com a mesma voz intensa. O ritmo foi moderada, os olhos escuros como sempre.)

Estou bastante satisfeito por esta não ser uma noite de testes. Deverei dar a todos vós estrelas de ouro? No entanto, pelo menos vocês recordam até certo ponto. Contudo, não é na recordação que estamos interessados. Os sentidos internos, e isto deve ajudar Philip, os sentidos internos lidam com a percepção direta da realidade, da realidade interior.

Os sentidos exteriores não lidam com a percepção direta da realidade. Os sentidos externos em si são padrões de camuflagem, parte da camuflagem necessária e essencial do corpo físico. Eles, os sentidos externos, são os padrões perceptores da camuflagem. Eles foram desenvolvidos ao vosso nível, para se relacionarem com o vosso mundo. Fora do vosso mundo são inúteis. Eles são inúteis em si mesmos no que diz respeito a permitir que “percebam” a realidade interior. Essa não é a função deles.

Os sentidos interiores pertencem a vocês enquanto habitantes de um universo de realidade interna espontânea. Eles, os sentidos internos, são

vossos independentemente do plano particular de camuflagem que vocês podem habitar num dado caso. Somente usando os sentidos internos vocês podem perceber, enquanto no vosso plano, a realidade interna da qual ele faz parte.

Eu referi anteriormente os problemas peculiares dos vossos cientistas, que com ferramentas e instrumentos tentam reduzir a realidade aos seus termos. Quaisquer instrumentos feitos no vosso plano são como os vossos sentidos externos, construídos para perceber padrões de camuflagem. Os instrumentos dos cientistas e os próprios sentidos exteriores, são padrões de camuflagem e não podem, nem nunca poderão, analisar nem esmiuçar.

As ideias e o uso dos sentidos interiores podem formar um eixo de compreensão através do padrão de camuflagem, por meio do qual vocês receberão uma explosão miseravelmente pequena de luz; mas mesmo isso é extremamente importante.

(Agora a voz de Jane tornou-se um pouco mais forte ainda.)

Toda esta conversa preliminar é necessária, receio bem. Enquanto vocês ainda lidarem com palavras preciso trabalhar com palavras atadas uma atrás da outra. O que é demasiado desafortunado.

A verdade é que os sentidos interiores estão equipados para permitir que vocês percebam realidade interior. Vocês pode, usá-los; e para informação do Philip a evidência dos sentidos interiores é imediata, e vívida, e direta — muito mais vívida, Philip, do que por exemplo, a tua experiência de camuflagem da cor vermelha. Todo mundo vê o vermelho de forma diferente. Não existe um vermelho objetivo absoluto, mas apenas gradações do vermelho ideal.

Vocês nem sequer percebem a realidade camuflada com os vossos sentidos exteriores em nenhum grau de fiabilidade. A telepatia, que pertence aos sentidos interiores, é usada constantemente. Sem isso as vossas línguas não fariam sentido. Os sentidos internos, Philip, experimentam informação direta instantaneamente.

A mesa, e receio que isto seja uma revisão, Joseph, a mesa como tu sabes que não é sólida. Os vossos cientistas sabem disso. Os vossos sentidos externos mentem quando eles experimentam a mesa como sólida. Tu sabes disso. Os sentidos internos não são tão enganados nem nunca foram. Os sentidos internos experimentam diretamente a realidade de que a vossa matéria é composta.

(E, mais uma vez, durante todo este material, a Jane falou com uma ênfase muito firme.)

Entrei na (questão da) relação existente entre o terceiro sentido interno e os conceitos por uma razão, e isto agora será uma introdução ao quarto sentido interior. Estou horrorizado: Fazer passar isto pelo subconsciente da Jane deveria ser uma rasteira e tanto. O quarto sentido interno é o sentido conceptual. Ora bem, vocês pensam num conceito em termos de uma ideia, que só conseguem entender em termos intelectuais.

No entanto, o “quarto” sentido interior envolve uma vez mais cognição “direta,” só que agora de um conceito em muito mais do que vocês haveriam de designar em termos intelectuais. Envolve vivenciar um conceito por completo, na medida de se tratar por completo de um conceito; já ouço clamores de dissidência. Não, vocês não deixam o que têm o prazer em chamar de vós próprios para trás. Vocês apenas mudam o que você são num padrão diferente.

Os conceitos possuem o que designaremos por ora uma composição elétrica e química. Nada existe em nenhum universo ou em qualquer plano que não tenha forma de um tipo ou de outro. Vocês podem não ser capazes de perceber a forma, mas ela sempre existe. A experiência direta de um conceito envolve, pois, a transformação de um padrão em outro.

A consciência que dirige esta transformação sabe o que está a fazer. As moléculas e íons transformam-se no conceito, que é assim diretamente experimentado.

Eu continuarei com esse assunto depois que fizerem uma breve pausa e, mais uma vez, mantenham as peças. Podemos precisar delas mais tarde.

(A Jane esteve dissociada como sempre. Durante o intervalo eu tentei explicar ao John algo sobre as minhas sensações, a sensação que tive do som, como o Seth lhe chama, quando a árvore caiu, etc. Eu pedi ao John para examinar esta parte das notas, mas ele disse que sentia que só se tornaria confuso sem uma maior conhecimento do contexto.

(Quando a Jane começou a ditar a sua voz não se mostrou tão forte quanto antes, embora ela ainda tenha falado com ênfase.)

Esta é uma pequena e elegante discussão e eu gosto de os escutar. Sugiro que, sempre que for possível, o Philip leia o material desde o início.

Vocês estão sempre a receber informação dos sentidos internos. É crivada pelo subconsciente, e quando vocês a recebem diretamente, ou mais ou menos diretamente por uma primeira vez, pode ser assustador apenas por causa do desconhecimento, e por causa da vivacidade invulgar. É por isso que eu disse que os sentidos internos apresentar a sua própria evidência.

Agora, voltando ao sentido conceptual interno. Vocês não conseguem verdadeiramente compreender ou apreciar qualquer outra coisa, a menos que vocês possam tornar-se nessa coisa. Isso é definido. Caso contrário, vocês só recebem uma aproximação e uma distorção.

Os vossos egos externos são construídos para permitir que vocês lidem com o mundo da camuflagem. É necessário. Isso também restringe forçosamente a vossa concentração e vossa compreensão. Durante a vossa existência vocês são focados, vocês são presos, são situados e centrados no vosso universo físico pelo ego externo. Ele gere a manipulação que vocês fazem do material de camuflagem.

Vocês não podem desalojá-lo por completo, exceto por vossa própria conta e risco.

No entanto, vocês podem aprender a enganá-lo. Vocês podem aprender a deixar de focar de vez em quando. . . e a deixar que os sentidos internos olhem através dos olhos do ego. Mas muitas vezes vocês perdem o enfoque, por tal trapaça do ego externo beneficiar o ego externo e suscitar conhecimento para ele que não teria de outra forma.

Philip, anteriormente mencionaste a hipnose. A existência no vosso plano ou em qualquer outro plano consiste apenas em auto-hipnose. Quanto a uma analogia, esta é praticamente perfeita. A vossa existência e a minha, por sinal, em qualquer nível específico é “predeterminado” por uma “concentração” completa ou “enfoque” do “eu” interno sobre o universo em questão. E os vossos padrões de camuflagem podem ser muito mais apropriadamente ser comparados aos efeitos alucinatórios criados pelo hipnotizador sobre o seu sujeito.

Somente neste caso os efeitos alucinatórios são construções reais no plano em questão e envolve problemas que precisam ser resolvidos. As alucinações aparecem mais ou menos consistentes simplesmente porque todos nesse determinado nível estão sob os efeitos da auto-hipnose e por eles terem sentidos alucinatórios já “construídos,” os sentidos “externos,” para “perceber” o mundo alucinante que eles criaram.

Isto não pretende negar a importância nem o valor do particular universo alucinante por forma nenhuma. Ele tem um propósito definido.

Mas a analogia é válida, e é mais válida do que vocês imaginam. Concentração completa e foco é a tua resposta.

Quando esse foco tiver terminado, quando o sujeito disser a si próprio: “Agora vou voltar, agora resolvi os problemas que me propus resolver,” então o que sucede é a retirada de si próprio do plano. A construção desaparece e ele é herdeiro dos materiais que compõem o universo particular.

Também vou abordar isso de modo mais aprofundo. Por ora já deveriam ser capazes de ver por que o tal conceito a que me refiro é difícil de alcançar no vosso plano. Vocês não conseguem concentrar-se nele por completo. Quando o quarto sentido interno for exercido, e eu vou delinear exercícios a todos os três, vocês certamente beneficiar-se-ão se seguirem as minhas sugestões, e descobrirão aquilo que uma ideia realmente é.

Vocês descobrirão isso experimentando a ideia diretamente e melhor poderão alcançar alguma aproximação da realização disso pelo uso do tempo psicológico. A ideia que fazem de experimentar um conceito é, sem dúvida, segui-lo do começo ao fim. Mas, meus doces, não existe começo nem fim, e essa vossa ideia resulta de uma concentração total e absoluta no tempo de camuflagem.

Tampouco a evolução de uma ideia ou de uma espécie envolve tempo, mas envolve meramente o tempo no vosso universo. Vocês insistem em rotular como leis de absolutos o que é na verdade a visão distorcida e limitada que têm dos conceitos como eles parecem aparecer-lhes a vós. Usando o tempo psicológico, sentem-se num aposento silencioso; e espero que isso não seja impossível, e quando lhes acudir uma ideia, e presumo que acudirá, não brinquem com ela intelectualmente. Vocês podem dissecá-la as vezes que quiserem após a experiência.

Aproximem-se da ideia intuitivamente. Não tenham receio nem rejeitem sensações corporais desconhecidas. Com a prática e numa medida muito limitada, vocês descobrirão que podem tornar-se na ideia. Ver-se-ão dentro da ideia, a olhar para fora e não a olhar para dentro. Isto é pensamento.

Se pensarem pensarão que vão ter uma surpresa. Mais uma vez, sugiro uma breve pausa. Mas posso felicitar a Jane, por manteres o teu intelecto todo-poderoso aparte; terei mais a dizer aqui ao Philip sobre o intelecto.

(A Jane esteve dissociada como sempre. Durante o intervalo o John interrogou-se sobre a exequibilidade da aplicação da ideia-conceito no mundo de camuflagem. Ele estava interessado, disse ele, por ultimamente ter considerado a sua própria abordagem a certos problemas do mundo dos negócios. Ele é um promotor de vendas numa farmacêutica.

(Quando a Jane começou a ditar de novo, a voz mostrou-se novamente forte e muito determinada.)

Eu certamente não entendo, nem nunca compreendi, as vossas ideias da exequibilidade. Os vossos equívocos nessa linha são sérios e são causados em grande medida pela vossa “completa” incapacidade de olhar em frente, até mesmo nos vossos próprios termos.

A humanidade pensou que matar resultava. Era a solução mais prática, ou assim não parecesse, para muitos problemas. Vocês sabem agora que matar não é prático, uma vez que estão a tomar consciência, de uma maneira muito prática, que a longo prazo, aquele que mata não sobreviverá.

Há muitas ramificações aqui. O caminho errado, e não quero dizer ‘errado’ no sentido de ser pecaminoso, o caminho errado nunca é o caminho prático, Philip. A maneira “prática” é a única maneira.

Os sentidos internos tentam desesperadamente tornar o seu conhecimento claro para o indivíduo. É comunicado através do que vocês chamam de palpite ou intuição. Representa o conhecimento “real” de uma realidade “definida” e “indestrutível.”

A chamada solução prática para os teus problemas, John, dificilmente se revela prática, e por diversas razões. Em primeiro lugar, se tivesses pouco respeito por ti próprio por seguires tal curso, não serias sequer capaz de assumir a ação que contemplas. O teu sentido de falsidade seria de imediato captado pelos teus superiores. Muitos no grupo a que te referes, não estão a ser consciente ou inconscientemente falsos com eles próprios. Simplesmente não fazem ideia. Nas relações que tens com essa gente haverias de te ver imediatamente em dificuldades. A hipocrisia simplesmente não iria fundo o suficiente.

A chamada solução prática iria dar contigo fora da organização no espaço de dois anos. Será isso prático? As ideias que tens do pragmatismo não são as minhas. Por outro lado, haverá quem nutra a mesma compreensão que tu, e com quem virás a estabelecer contato dentro da companhia, caso evites essas ditas soluções práticas.

Seguindo o curso aparentemente não prático, idealista, tolo, descobrirás que é o único curso prático, e o único que alguma vez te trará o prémio material que desejas.

Dois indivíduos em particular desconfiariam de ti um instante se tu mudasses de rumo. Conquistar esses dois requereria da tua parte a maior parte das tuas energias e no final, meu caro disparatado John, não te levaria a lado nenhum por perderem a influência que têm. E isso é prático. Um deles conhecestes numa vida anterior. Havia um débito envolvido que foi pago. Agora não há razão para te humilhares na busca de favores da sua parte já que lhe pagaste por em cheio o que lhe devias. Há também a mulher de um desses indivíduos, que intuitivamente sabe o que andavas a tramar. Tal pragmatismo não me parecem lá muito práticos a mim.

Além disso, a longo prazo, as competências que tens em vendas, que foram parcialmente desenvolvidas numa outra vida, não se revelarão em sintonia sob as circunstâncias que tu contemplas. Os medicamentos são em definitivo o teu campo, mas volto-te a dizer que dois indivíduos em particular, dentro da companhia, não estarão a teu favor, e se tu te juntares a eles, também sairás dentro de dois anos.

O pragmatismo é o que resulta, se é que me permites o coloquialismo. Não tentarei dizer-te o que fazer. Toma a tua própria decisão. Porém, um homem porta-se à sua altura, e opera do modo mais prático no vosso ‘sistema de camuflagem’ quando é ele próprio.

A manipulação da ‘camuflagem’ material depende em larga escala da confiança exterior que o ego possua, e a confiança externa do ego só se revela forte quando segue a norma do ego interno. Tu podes por um tempo fingir o tipo de crença incrédula requerida, mas a faculdade que tens de vender baseia-se na tua própria confiança enquanto personalidade integrada e dotada de princípios. Em termos práticos haverias de ver a tua habilidade minimizada, e ainda me vens falar do aspeto prático?

Poderás consultar-me quando desejares. Neste momento não te darei os nomes definitivos por duas razões. Primeira, a possibilidade de distorção subconsciente da parte da Jane. Isso deverá desvanecer-se com o tempo. Segunda, por causa do efeito direto que teria sobre ti tal conhecimento.

“O melhor será que evites o curso que referiste; por razões puramente práticas, revelar-se-ia desastroso e os resultados seriam sentidos em todas as áreas da tua vida. Hesito em dizer muito mais ao longo destas linhas. Já disse que outros, em simpatia com as tuas ideias te virão a influenciar, e influenciarão o dono da empresa. Há personalidades que se acham naturalmente equipadas senão para lisonjear, enquanto ao mesmo tempo

gozam de mentes argutas. Esses indivíduos lisonjearão o teu patrão por meio do entendimento, e isso é importante. Tu irás acompanhar esses indivíduos se fores verdadeiro para com os teus próprios instintos.

Todo o tempo envolvido para esses indivíduos virem a influenciar pode chegar aos três anos. Dentro de cinco anos a coisa terá terminado a teu favor e no deles. Se não quiseses esperar tanto tempo, nesse caso investiga outras empresas de farmacêuticas

Contudo, não corres perigo, conquanto prossigas o teu presente curso, mas assim que o mudares estarás em perigo. Verás que estas previsões gratuitas virão a suceder. Compreendes que o livre arbítrio opera, sendo esta uma conclusão anterior. Eu sou igualmente prático a meu modo. E por falar em sentido prático, verias que seria imensamente benéfico no trato até mesmo dos vossos preciosos padrões de camuflagem, caso tu desenvolves o uso dos teus sentidos interiores.

Tal conhecimento resultante seria prático. Não estou somente a falar nos termos do sentido limitado que tens do que é prático, mas do que é verdadeiramente prático para a tua personalidade no pleno uso das tuas faculdades, e não atrofiando-as por meio de hipocrisia deliberada.

As questões materiais poderão parecer-te imensamente práticas. No entanto, não há nada menos prático do que o tormento interno, e muito tormento interno é causado por um falso sentido do que é prático. O tormento interno levar-te-á a perder todos os ganhos materiais que tiveres obtido, e isso não é prático.

Ser prático, até mesmo nos teus termos, e não se trata de termos meus, envolve o pleno uso das tuas capacidades. Darias um indivíduo habilidoso no trato de aparelhos elétricos, já que lidaste com ideias dessas no passado. Haverias, por exemplo, de achar a operação de rádio amador vantajosa. Possuis capacidades não utilizadas nesse campo, e isso poderia conduzir a um interesse vitalício adicional de uma certa intensidade.

Sugiro igualmente uma breve pausa ou o término da sessão, como preferirem.

(“Bem, já estamos todos cansados, Seth, então, acho que é melhor acabarmos com isto.”)

(A Jane mostrou-se dissociada como sempre. A brincar ela perguntou ao John quando ele iria tornar-se operador de rádio amador. Ao que, surpreendido, o John nos surpreendeu aos dois, ao nos dizer que ele já estava a considerar ativamente esse hobby, e tinha reservado um quarto na

casa dele para isso e adquirira alguns equipamentos. Não nos contou isso antes. Segue-se uma cópia de sua declaração assinada.)

(Cópia da declaração de John Bradley.

(23 de Março de 1964.

(Na data acima, participei de uma sessão, nº 37, com os diretores Jane e Robbie Butts.

(Durante o período de descanso eu formulei uma pergunta sobre a maneira como eu devo conduzir-me na política entre empresa com o propósito de avanço na ideia.

(Eu tive a garantia do “Seth” de que seria mais vantajoso a longo prazo, permanecer como estou e não ceder ao tipo florido e cortês que eu descrevo como uma farsa.

(Durante esta sessão, ao me aconselhar o Seth sugeriu que me haveria de dar uma grande dose de satisfação seguir um hobby em eletrônica, de rádio amador conforme a sua escolha. Ele disse que eu tinha uma habilidade inata nesse campo.

(Desconhecido da Jane, até eu lhe contar após a sessão, era o meu empenho mental em construir de um sintonizador e amplificador F.M.

(Isso foi o que o Seth apoiou, na minha opinião.

(John, J. Bradley.)

SESSÃO 38

25 de março de 1964

(Hoje a Jane recebeu resposta à sua carta de 11/3/64 para a American Society for Psychical Research. Um cientista de lá perguntou se o Seth poderia descrevê-lo a ele ou a um dos seus colegas. A Jane e eu achámos que o Seth não iria corresponder, pelo menos por agora. Baseámos esta opinião em material já recebido.

(A Jane sentia-se tão «pouco alerta» esta noite que primeiro tirou uma sesta depois do jantar e depois foi dar um passeio às 20:15. Às 20:45 disse

que não fazia ideia do material do Seth para esta noite, e que isso a deixava nervosa. Eu achei que ela estava bem, embora dissesse que estava cansada. De facto, depois da sessão sentiu-se melhor do que antes de começar.

(Os olhos escureceram como de costume; andou a um ritmo regular e começou a ditar com voz normal.)

Boa noite, camaradas de armas, por assim dizer.

(Boa noite, Seth.)

Vejo que estamos completamente a sós. A sessão deverá ser tranquila. Fico satisfeito com a vossa carta. Vejo que a tendes em cima da secretária para mim, como se fosse uma maçã para o professor. Darei algumas dentadas nela.

Não tenciono pôr o Ruburt ao corrente de quaisquer dos meus planos ou intenções, no que toca a demonstrações. É muito melhor, para todos, que ele se mantenha alheado desse conhecimento. A última sessão com o vosso amigo correu extremamente bem, e espero que ele siga o meu conselho. Se o Ruburt soubesse o que tinha eu em mente, teria ficado nervoso e consciente de si.

Portanto, não vos posso dizer de antemão nada sobre tais demonstrações e, no caso do meu conselho ao Philip, a ligeira demonstração do que vós chamaríeis, suponho, conhecimento clarividente teve dois propósitos.

O conselho em si foi importante. As capacidades do Philip na área da eletrónica não foram desenvolvidas nem perto da sua capacidade, e foi para seu próprio bem que as mencionei. Depois, a demonstração também reforçou a confiança do Ruburt nestas sessões. É tudo o que direi sobre o assunto por agora. Está perfeitamente dentro das minhas capacidades produzir tal ameixa como a que a vossa Sociedade Psíquica tenta alcançar.

Neste momento, seria difícil para o Ruburt saber da possibilidade de tal demonstração antes de qualquer sessão em particular. Não excluo, por agora, qualquer presciência por parte do Ruburt.

(«O que queres dizer exatamente quando falas de demonstrações? Ou preferes não dizer?»)

Refiro-me a qualquer atuação como a sugerida na vossa carta da Sociedade Psíquica. O que eu fizer, farei. Digo que não quero a consciência do Ruburt envolvida de antemão, e o esforço nervoso, da parte do Ruburt, de se perguntar como tais eventos hão de concretizar-se, deve também ser evitado.

De resto, tudo vai bem. O material fará os seus próprios amigos e, suponho, os seus próprios inimigos.

Como já disse, beneficiarão com o exercício tranquilo dos vossos sentidos interiores. Isto não pode ser sublinhado demasiado. Tal uso dos sentidos interiores também será benéfico para ambos nestas sessões e acrescentar-lhes-á dimensão de um modo com o qual ainda não estais familiarizados.

Tu, Joseph, estás definitivamente melhor no que toca às tuas relações. Agora posso dizer-te que navegaste em segurança por aquilo que poderia ter sido uma época de inverno das mais difíceis. Não só passaste incólume às possíveis nódoas, como ganhaste em estatura, compreensão e capacidade. Espero que isto compense por todos os ralhos que te dei antes.

Apesar disso, creio que beneficiaste das minhas palestras algo severas e, por vezes, pesadas.

(«Sim.»)

(A esta altura, o passo da Jane era bastante rápido. Para alguém que estava cansada ao início, impunha um bom andamento.)

Agora, sobre os sentidos interiores. Eles encaixam entre si de modo muito mais organizado do que os sentidos exteriores e, nalguns casos, tendem a sobrepor-se. Descrevê-los separadamente é difícil, na melhor das hipóteses — as suas funções estão tão entrelaçadas —, e as distinções entre eles são, muitas vezes, extremamente subtis. Subtis demais, em alguns casos, para serem apreciadas por vós.

A funcionarem mais ou menos normalmente, trabalham como um todo. Ireis experimentá-los separadamente, em muitos casos, simplesmente por causa da vossa própria inépcia. Isto não deverá ser difícil de entender, já que os vossos próprios sentidos exteriores são frequentemente bloqueados, de modo a não estardes conscientes de um dado estímulo num dado momento. Ou seja, podeis ouvir sons e ignorá-los conscientemente.

(Tenho tido a minha sensação várias vezes ultimamente.)

Estás a sair-te melhor do que o Ruburt no que toca aos trabalhos de casa exteriores. O trabalho com as cartas de PES será benéfico para ambos, pois, à medida que progredirdes, tornar-vos-eis, através de certos sinais subconscientes, conscientes de circunstâncias variáveis que vos permitirão sentir quando estais a acertar.

(«A Jane disse hoje qualquer coisa sobre isso.»)

(A Jane saiu-se bem hoje, a trabalhar sozinha com as cartas de PES. Disse que, geralmente, conseguia perceber, de alguma forma, quando estava numa boa série, antes de verificar os resultados.)

Isto é legítimo, mas, sem a estranha mistura de disciplina e liberdade já alcançadas nestas sessões, tal consciência não seria de todo possível e, com certeza, é algo em que tereis de trabalhar. Não é, de modo algum, instantâneo.

(«Perguntávamo-nos sobre isso. Também achámos que eram necessários dois participantes para obter bons resultados com as cartas.»)

Para efeitos de enviar registos para Duke, talvez fiquem melhor cobertos usando dois — um operador e um sujeito. Mas, para vossos próprios fins, ou para os nossos, um é suficiente. Sugiro, no entanto, que ambos trabalhem também com as cartas.

Quero aprofundar os sentidos interiores, mas sugiro que façais a vossa primeira pausa.

(Pausa. A Jane estava apenas moderadamente dissociada. Disse que ainda se sentia cansada, mas pelo menos não pior. Quando começou a ditar de novo, a voz estava um pouco mais alta. Manteve o passo bastante rápido.)

Posso tornar esta uma sessão curta, já que o Ruburt está um pouco indisposto e, afinal, não sou assim tão capataz. Mas, se a fizer breve, então far-vos-ei exercitar as vossas capacidades com as cartas de PES até ao fim habitual da sessão. Portanto, não se livram a custo zero.

Quanto aos sentidos interiores, eles fundem-se suavemente, um no outro, operando como uma unidade naquilo a que chamarei circunstâncias puras e desimpedidas. Para mim, por exemplo, funcionam assim; ainda assim, tenho de tentar listá-los separadamente para vós.

Há também dificuldades. Não tanto na interpretação, mas no facto de que alguns termos podem ser negativamente sugestivos, ou de que podeis atribuir conotações emocionais onde não pertencem.

Por exemplo, como disse, o quarto sentido — o conceptual — ignora aquilo a que chamais passado, presente e futuro, e consegue assim apreciar um conceito na sua totalidade, consegue de facto experienciar o conceito, mais ou menos como poderíeis desenvolver uma ideia através de um drama, se me acompanhas.

Só que, neste caso, a dramatização fornece os seus próprios atores. Vou deixar a discussão deste sentido para uma sessão posterior, quando,

após material adicional, o podereis compreender mais a fundo. E lembrai-vos, de novo, de que estes sentidos, estes sentidos interiores, operam como um todo e que, pelo menos em certa medida, as divisões entre eles são algo arbitrárias da minha parte e são feitas por uma questão de simplicidade.

O quinto sentido interior leva-nos mais além nesta direção e envolve aquilo a que chamarei cognição da essência conhecível. Este sentido difere do quarto sentido interior porque não envolve a cognição de um conceito.

É semelhante ao quarto sentido no facto de estar, claro, livre do arbitrário passado, presente e futuro e é também semelhante por envolver um tornar-se íntimo, ou uma transformação do eu em algo diferente.

Neste caso, envolveria tecido vivo. A analogia é difícil, nos vossos termos. Com os vossos sentidos exteriores, agora, tentais compreender um familiar ou um amigo. O uso deste quinto sentido interior — se vos estivesse disponível e no seu sentido mais pleno; felizmente não está — permitir-vos-ia entrar no vosso amigo.

Ora, isto soa não só inacreditável do vosso ponto de vista, como provavelmente indesejável e, se assim for, compreendo e aprecio as vossas reações. Contudo, não posso deixar que possíveis reações desfavoráveis da vossa parte governem o material que vos dou.

Este sentido interior não é apenas importante: é imensamente benéfico e não é de forma alguma mal utilizado por aqueles que o conseguem usar. Muito simplesmente, estes sentidos não funcionam até poderem ser manejados corretamente. Este sentido não envolve, de modo algum, invasão. Não implica que uma entidade possa controlar outra. Implica apenas cognição direta e instantânea da essência do tecido vivo.

Uso a palavra «tecido» com alguma cautela. Não obstante, todas as entidades — com algumas poucas e importantes exceções — estão, de um modo ou de outro, encerradas em si mesmas e também ligadas a outras por algum tipo de cápsula, e a vossa palavra «tecido» parece ser o mais próximo a que posso chegar.

Este quinto sentido, então, permitir-vos-ia alguma liberdade para atravessar essa fronteira de tecido vivo rumo a outro território vivo. Não penseis necessariamente nesse tecido vivo como carne, pois os que são capazes de usar este sentido plenamente não estão, para começar, no vosso plano.

(O uso algo peculiar da palavra «permitir» no parágrafo acima é, evidentemente, precisamente a palavra que o Seth quis usar. Pedi à Jane

que repetisse para me certificar de que a tinha registado bem à primeira, e ela pronunciou muito claramente essa palavra.)

Ora, este sentido, como todos os outros sentidos interiores, está a ser usado pelo ego consciente interior, mas o ego exterior não tem permissão para tomar consciência nestes termos. Uma quantidade mínima de informação destes sentidos interiores é dada ao ego exterior depois de peneirada pelo subconsciente. Mas apenas uma quantidade mínima.

Sem qualquer uso deste quinto sentido interior, ninguém sequer se aproximaria de compreender outro. Este é um ponto extremamente importante e talvez a vossa expressão «pôr-se no lugar do outro» seja a que mais claramente se aproxima deste sentido.

A experiência direta destes sentidos interiores dar-vos-á um retrato muito mais claro deles do que quaisquer palavras, mesmo as minhas, podem dar. No entanto, compreendei que qualquer experiência direta será de potência muito baixa. Não quero deitar-vos ao chão com uma rajada.

Volto a sugerir uma breve pausa.

(Pausa. A Jane disse estar, desta vez, mais dissociada. Disse também que se sentia melhor. Contudo, tive de lhe pedir para repetir várias frases e achei que estava cansada. Eu próprio também me senti algo assim; de facto, muitas vezes nos perguntámos se eu também não estarei num transe ligeiro quando o Seth anda por perto. Por vezes, estive ciente de uma sensação muito semelhante ao estado agradável e descontraído que conheci pela primeira vez quando a Jane me hipnotizou.

(A Jane retomou o passo rápido e começou a ditar com voz firme e precisa. Retoma às 22:06.)

A construção molecular forma-se de dentro para fora e não é rígida. No vosso plano, tal construção e tais padrões eletrónicos e atómicos, estruturas e campos, são rígidos até certo ponto, mas mesmo no vosso plano há mudança constante e evidente. O padrão, no vosso plano, é mais ou menos rígido enquanto existis no vosso plano. Não obstante, os átomos e as moléculas dentro desse padrão estão longe de ser rígidos, embora o padrão se mantenha mais ou menos o mesmo. É vosso hábito, ou o hábito dos vossos cientistas, transportar leis universais aparentes para áreas em que elas não se aplicam.

Na realidade, as estruturas e os padrões moleculares não são rígidos. Apenas assim parecem do vosso ponto de vista. Nem são impostos de fora. A vitalidade dá a si própria uma forma e um formato. A forma não se

impõe à vitalidade. Portanto, não é estranho considerar a possibilidade de mudar de forma à vontade, e é exatamente isso que acontece, de base, no universo.

Até certo ponto — e até um ponto muito mais amplo do que imaginais —, isto acontece no vosso próprio plano; só que, neste caso, é a vontade subconsciente que faz a transformação efetiva.

(“Como da vez em que a Jane e eu criámos aquelas imagens em York Beach?”)

De uma maneira muito mais simples, no entanto. Fazeis o vosso próprio universo de camuflagem, como vos tenho dito. O desenvolvimento de uma incapacidade — digamos, o aparecimento de uma úlcera — é a introdução de outra realidade de camuflagem no corpo físico. Algo que não estava lá, de repente está — e no vosso universo físico. E, embora isto possa ser uma analogia fraca, a úlcera representa a criação de algo novo na estrutura física.

É formada pela vontade inconsciente, por razões que lhe são próprias. É uma variação sobre o padrão original. Tenciono articular isto mais adiante com uma explicação mais clara de como, no vosso plano, formais o vosso próprio universo de camuflagem, e esclarecer o facto de que a forma não é rígida, embora em muitos casos assim pareça no vosso plano.

Quero mostrar-vos como a forma pode ser mudada, mesmo no vosso plano, e dar-vos exemplos claros aqui, para que vejais como, no universo da realidade interior, a vitalidade pode — e de facto — mudar de forma à vontade. Isto pode soar difícil, mas espero que fique claro quando terminar.

Estou a mencionar este material na mesma sessão que o quinto sentido interior para que, finalmente, compreendais que o uso do quinto sentido interior não é, na realidade, tão estranho como talvez pensásseis.

Agora sugiro uma pausa. Acreditem ou não, eu próprio anseio pela vossa primavera e verão; e, embora o trânsito vos possa incomodar no verão, hei de achar o ar das janelas abertas bastante agradável.

(Pausa. A Jane estava dissociada como de costume. Disse que agora se sentia muito melhor, mas que, estando por sua conta, podia terminar a sessão quando quisesse. A referência do Seth às janelas abertas surgiu porque a Jane abria uma janela na pausa anterior, quando a sala ficou abafada por causa do fumo dos cigarros.)

Agora, mais uma vez, entendei que estou a desmembrar um conceito extremamente complexo em dados aos pedaços. Voltam a existir diferenças

extremamente subtis, por vezes, entre estes sentidos interiores, embora, a cada extremo da escala, haja grande distinção.

Para completar o nosso esboço do esqueleto — e iremos muito mais a fundo em todos os sentidos interiores —, vou dar-vos alguns dados sobre o sexto sentido interior, que, na realidade, envolve um conhecimento ou capacidade usados por alguns dos outros.

No que toca a sentidos interiores, é um sentido extremamente básico e rudimentar, contendo em si a possibilidade de outros sentidos interiores. Embora seja um dos sentidos mais necessários, não vos poderia tê-lo dado primeiro, pois não o teríeis compreendido.

Este sexto sentido interior tem que ver com o conhecimento operativo inato, por parte da entidade, da vitalidade básica do universo, sem o qual nenhuma manipulação da substância de vitalidade seria possível. Tal como, por exemplo, não poderíeis ficar de pé no vosso universo físico sem terdes, entre outras coisas, um sentido inato de equilíbrio.

Este sexto sentido é demasiado importante para ser apenas aflorado e, ainda assim, quis mencioná-lo esta noite porque se encaixa na nossa discussão. Sem este sexto sentido, e sem o seu uso constante por parte do ego consciente interior, nem sequer poderíeis construir o universo físico de camuflagem do vosso plano. Este sentido, repito, é usado constantemente abaixo do limiar da consciência do ego exterior, e forma a base de construções de camuflagem em todos os planos.

O material que vos dou aqui é muito fragmentário. Contudo, quero que o esqueleto avance, e continuarei sempre a preenchê-lo. Este sexto sentido interior é tão importante que este material deve ser lido a fundo, pois acabará por ser uma das partes basilares do nosso material, a partir da qual muitas outras discussões importantes decorrerão.

E, quando eu abordar mais detidamente o modo efetivo como o homem constrói o seu universo, este material será um ponto de partida básico. Não tenciono deixar material num estado geral e indiferenciado, mas acrescentarei pormenores. Primeiro, porém, precisais do esquema do esqueleto.

Um pequeno comentário, desligado, aqui, acerca da sugestão do vosso bom doutor de que me perguntásseis sobre a bolsa.

O Frank Watts fez algumas tentativas nessa direção e quase saiu gravemente ferido. Em qualquer caso, estou certo de que sabeis qual é a

minha resposta. O ganho financeiro é perfeitamente aceitável. Contudo, este material não é para ser usado para esse tipo de ganho financeiro.

Se fizéssemos isso uma vez — e se o Ruburt o deixasse passar sem distorção —, teoricamente o nosso material passaria a ser relatórios de bolsa. Toda a gente iria querer saber como bater o mercado, e o material desintegrar-se-ia rapidamente. É o conhecimento que estou a tentar transmitir-vos — e a qualquer um que esteja pronto e apto a recebê-lo. Azar do pobre doutor.

(“Oh, não creio que ele seja assim tão pobre.”)

Tenho de concordar.

(O nosso amigo médico, na semana passada, tinha sugerido, meio a brincar, que a Jane e eu víssemos o que o Seth teria a dizer sobre o mercado. A Jane e eu estávamos tão certos de que o Seth torceria o nariz à ideia que nem colocámos a pergunta.)

E agora vou dar-vos um bónus inaudito e encerrar a sessão um nadinha mais cedo, visto que o Ruburt tem estado indisposto e, ainda assim, não se recusou a realizar a sessão. Também porque já fiz passar o material que queria dar-vos. No entanto, conheceis-me: hei de compensar esta pequena diferença de tempo. O material, esta noite, foi bastante complexo e o Ruburt permitiu que passasse, pelo que lhe darei a proverbial estrela dourada.

Gostei muito da sessão e estou satisfeito por termos conseguido fazer passar este material agora. Tinha pensado, antes, que não estariam prontos para ele até mais tarde. Detesto, como sempre, deixar-vos—

(“Que vais fazer agora?”)

(De vez em quando gosto de lançar esta pergunta ao Seth. Ainda não a respondeu.)

Como vos deixo um pouco mais cedo, talvez dê um salto por cá por um curto período antes da nossa próxima sessão.

De novo, estou satisfeito com a tua maior capacidade de compreender os teus pais, Joseph. Sois as maçãs dos meus olhos, vocês dois.

E agora, queridos amigos, despeço-me com votos de boa-noite.

(A Jane estava dissociada como de costume. Disse que, a esta altura, se sentia muito melhor do que quando começou a sessão e que, em condições normais, sentir-se-ia pior, tendo em conta todas as caminhadas que fizera, etc.)

(Relativamente à sensação da Jane. Este material é incluído aqui porque é tratado brevemente pelo Seth na sessão seguinte, a 39.^a).

(A 39.^a sessão, 30/3/64, segunda-feira, apanhou-nos ambos muito cansados — tão cansados que nem sequer queríamos realizá-la. A rotina tinha mudado porque eu arranjava um trabalho a tempo parcial que nos obrigava a levantar mais cedo. Como pinto de tarde, e a Jane trabalha fora, às nove da noite já tínhamos tido um dia completo. Além disso, tínhamos sido convidados para jantar.

(Estávamos de volta a casa pelas 20:00; às 20:15 a Jane deitou-se por meia hora, em preparação para a sessão, enquanto eu preparava o papel para as notas que iria tomar e relia algum material anterior do Seth.

(Às 20:45 fui à sala chamar a Jane. Ela estava deitada, quieta, no sofá, de olhos fechados, mas, passados uns minutos, disse-me que estava acordada. Disse-me também que tinha sido visitada por uma sensação estranhíssima; e, pela descrição, fiquei certo de que devia ser uma exploração dos sentidos interiores, semelhante à que eu experimento ocasionalmente e a que o Seth chamou sensação de som. Achei a descrição da Jane notável.

(A Jane disse-me que, ao acordar lentamente da sesta e enquanto me ouvia mexer na sala a preparar a secretária, o bloco, etc., para a sessão, tivera a sensação mais peculiar de “crescer”. A primeira expressão, entre risos, que usou foi que se sentia tão grande como um elefante.

(A sensação predominava na cabeça e nos braços, mas ia-se também espalhando lentamente para as partes inferiores do corpo. Era como se, disse, os seus limites de consciência se tivessem expandido. Não era que se sentisse «cabeça pesada», mas como se o próprio crânio estivesse, literalmente, a expandir-se. Erguendo as mãos de cada lado da cabeça, indicou-me uma largura talvez de setenta e cinco centímetros; disse que a cabeça lhe parecia, literalmente, ter essa largura.

(Quando fechamos os olhos, disse a Jane, estamos cientes de uma certa “área” de negrume — uma área a que estamos habituados. A área dela, neste estado, estava muito ampliada — usou a expressão infinitamente grande para a descrever. Não estava ciente de que acontecesse muita coisa dentro dessa área, disse; apenas de que ela existia. Se soubesse mais sobre ela, achámos nós, talvez tivesse compreendido mais do que estaria a acontecer nessa área negra expandida. Não ficou assustada com a sensação e acompanhou-a.

(A Jane disse que era como se os olhos se lhe tivessem realmente afastado um do outro, para criar esse campo de consciência expandido e alargado, de negro infinito. Quando abriu os olhos, sentiu uma ligeira sensação de estalido — muito suave e inaudível. Não teve a sensação com os olhos abertos; mas disse que a sensação física desta experiência era tão forte que não restava dúvida nenhuma.

(Há que lembrar que o meu primeiro episódio de sensação, de 8/2/64 [ver página 172], avivou-me a memória de modo que consegui recordar uma experiência anterior semelhante, talvez de um ano antes. Do mesmo modo, a experiência da Jane lembrou-lhe que, em duas ocasiões anteriores, sentira antecessores da sensação desta noite.

(Não conseguiu dar-me datas de nenhuma das ocasiões. Uma foi talvez há uns meses; a outra, crê, há dois ou três anos. Ambas foram sentidas ao despertar e com os olhos fechados. Não lhe tinham causado grande impressão nessas vezes, porque, embora tivesse sentido a expansão do crânio, não experienciara nada como o estranho negro infinito dentro dessa área expandida.

(Quero acrescentar aqui que voltei a experienciar a minha própria sensação no domingo à tarde, por volta das 13:45. Tínhamos ido a Sayre visitar os meus pais. Na altura, estava sozinho na sala, a ler o jornal, quando o familiar arrepio me varreu com intensidade razoável. Senti-lhe os resíduos durante algum tempo depois. Embora estivesse sozinho, havia muito barulho em casa, pois o meu irmão e a família também lá estavam e as crianças dele eram bastante barulhentas.))

SESSÃO 39

30 de Março de 1964

(Estávamos ambos muito cansados, tanto que nem sequer nos apetecia realizar a sessão. A nossa rotina tinha mudado, porque eu começara um trabalho a tempo parcial que nos obrigava a acordar mais cedo. Como eu pinto à tarde e a Jane trabalha fora, às nove da noite o nosso dia já estava completo. Além disso, tínhamos sido convidados para jantar fora. Voltámos para casa por volta das 20h; às 20h15 a Jane deitou-se por meia hora, em preparação para a sessão, enquanto eu preparava os papéis para as notas e relia algum material anterior do Seth.

(Às 20h45 entrei na sala para chamar a Jane. Ela estava deitada calmamente no sofá, de olhos fechados, mas ao fim de alguns minutos disse-me que estava acordada. Contou-me também que tivera uma sensação muito estranha. Pela descrição, fiquei convencido de que se tratava de uma exploração dos sentidos internos — semelhante àquela que por vezes experimento, e que o Seth chamou de “sensação de som”. Achei a descrição da Jane notável.

(Ela disse que, ao acordar lentamente do descanso e enquanto me ouvia movimentar pela sala a preparar a secretária e o bloco, teve a sensação peculiar de estar a “ficar maior”. A primeira frase, dita a rir, foi que se sentia do tamanho de um elefante.

(A sensação era mais intensa na cabeça e nos braços, mas ia-se alastrando lentamente ao resto do corpo. Era como se, segundo ela, os limites da sua consciência se tivessem expandido. Não sentia a cabeça pesada, mas sim como se o próprio crânio estivesse realmente a aumentar de tamanho. Estendendo as mãos dos dois lados da cabeça, indicou uma largura de cerca de setenta centímetros — disse que sentia literalmente a cabeça com essa dimensão.)

(Quando fechamos os olhos, dizia ela, temos uma percepção de uma “área” de escuridão, uma zona a que já estamos habituados. Mas nessa altura, essa área estava muitíssimo ampliada — usou mesmo a expressão “infinitamente grande” para a descrever. Não estava consciente de muito a acontecer dentro dessa zona, apenas da sua existência. Sentiu que, se tivesse mais conhecimento sobre isso, poderia ter compreendido melhor o que ali se passava. Não teve medo da sensação, e deixou-se levar.

(Disse também que era como se os seus olhos se tivessem afastado um do outro, para criar este campo alargado de consciência — esta escuridão infinita. Ao abrir os olhos, sentiu uma espécie de estalido suave, não audível. Não sentia esta sensação de olhos abertos, mas a intensidade física da experiência era tão forte que não podia duvidar dela.

(Vale a pena recordar que a minha primeira experiência semelhante, a 8 de Fevereiro de 1964 (ver página 172), reavivou a memória de um episódio anterior, talvez de um ano antes. De forma semelhante, esta

sensação lembrou à Jane que, em duas ocasiões anteriores, já tinha sentido o princípio desta experiência.

(Não me conseguiu indicar datas. Uma terá sido há poucos meses; a outra, talvez há dois ou três anos. Ambas ocorreram ao despertar, com os olhos ainda fechados. Nessas vezes, embora tivesse sentido o alargamento do crânio, não tinha experienciado nada como a estranha escuridão infinita daquela noite.

(Gostaria ainda de acrescentar que voltei a ter a minha própria sensação no domingo à tarde, por volta das 13h45. Tínhamos ido a Sayre visitar os meus pais. A certa altura, estava sozinho na sala a ler o jornal, quando aquela vaga familiar de entusiasmo varreu-me com intensidade razoável. A sensação manteve-se de forma residual por algum tempo. Apesar de estar sozinho, havia bastante ruído em casa — o meu irmão e a família também lá estavam, e as crianças faziam bastante barulho.)

(O Seth fez desta sessão algo breve, pois já estávamos bastante fatigados à hora marcada. Ainda assim, tentámos mantê-la para não quebrar o ritmo. A Jane, após descansar um pouco, relatou-me a sua sensação extraordinária antes de começarmos. Embora tivesse dormido, continuava cansada. Enquanto me falava, o nosso gato Willy ronronava no colo dela. Subitamente, às 20h57, a sessão começou. A Jane levantou-se, deixando o Willy cair no chão. Começou a ditar com uma voz bastante firme; os olhos escureceram, como habitualmente. O Willy seguiu-a de perto enquanto ela andava de um lado para o outro.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Nunca fui tão ansiosamente aguardado, com tamanha expectativa de que cancelasse a sessão. Compreendo o vosso cansaço. Dadas as circunstâncias, darei uma sessão curta. No entanto, ainda não é boa ideia saltarem sessões. Não me podem acusar de rigidez — tento ter em consideração as vossas circunstâncias.

(O Willy, perseguindo a Jane, tentou enroscar-se na perna dela. Ouvia-se o som das unhas a raspar nas calças. Perdeu a aderência, mas voltou a lançar-se à perna dela e miou alto.)

Há alguns aspetos que gostaria de abordar esta noite — e depois, vocês, ursos cansados, podem enfiar-se nas vossas tocas. Antes de mais, Rob, penso que a tua decisão recente foi acertada — a do compromisso com o trabalho exterior.

(A Jane, sem interromper a fala, libertou-se das investidas do Willy várias vezes. Isso pareceu incentivá-lo a tentar com mais força. Depois de alguns miados insistentes, conseguiu agarrar-se à perna dela. Com as orelhas para trás, a Jane fez uma pausa, pegou nele, atirou-o rapidamente para a casa de banho e fechou a porta.)

(A referência seguinte a um retrato diz respeito a uma pintura a têmpera de ovo que inscrevi na Exposição Anual de Artistas do Condado de Chemung. Fui notificado nesse mesmo dia de que a obra tinha vencido o prémio de retrato.)

A mente consciente da Jane está bastante alegre com o teu prémio de retrato e, se vocês os dois estão satisfeitos, então também me junto ao entusiasmo geral.

(“Ótimo.”)

Tinha planeado abordar algum material relacionado com esse retrato em particular — enquanto construção de camuflagem — mas, por agora, menciono-o apenas de passagem. Vamos aprofundá-lo na próxima sessão.

Há ainda algo mais que queria referir brevemente. O sexto sentido interno, sobre o qual já falámos de forma introdutória, pode, em certos aspetos, ser comparado aos instintos do eu interior. Também isso será discutido na próxima sessão.

Este sentido diz respeito ao conhecimento inato do universo como um todo. Contudo, dados específicos sobre determinadas áreas do universo são frequentemente fornecidos a um organismo vivo para que este possa operar eficazmente num domínio concreto. Esta informação é normalmente muito especializada, mas extremamente completa dentro do seu âmbito. Refiro-me, evidentemente, aos dados que são dados ao organismo no seu relacionamento com o ambiente de camuflagem. Ou seja, o eu interior tem ao seu dispor um conhecimento completo, mas apenas partes desse saber são utilizadas por um organismo num dado momento.

O que estou a dar-te esta noite é, na realidade, um esboço para a nossa próxima sessão, já que hoje não estás no teu melhor. A estranha sensação que o Ruburt experimentou antes da sessão foi um vislumbre do nosso sétimo sentido interno — embora apenas uma pequena parte. Trata-se de uma ampliação, uma abertura, uma expansão. Esta atua em duas direções. O propósito dessa expansão, irei explicá-lo na próxima sessão. Trata-se, naturalmente, de uma ampliação do eu, um alargamento dos seus limites — e, conseqüentemente, da própria compreensão consciente.

A Jane experimentou isso a um nível físico, tentando mais uma vez traduzir dados interiores em sensações que os sentidos exteriores pudessem reconhecer. Ainda assim, teve um vislumbre surpreendente das possibilidades inerentes a esta experiência.

Como disse, este sentido funciona em duas direções — e isso é difícil de explicar. Numa direção contrária, por exemplo, há uma contração do eu, comprimindo-se numa cápsula cada vez mais pequena e densa, o que permite a entrada em outros campos e a experiência de planos algo estranhos ou alheios.

Sem dúvida, reparaste que todos estes sentidos internos representam capacidades reais. Surpreendeu-me o facto da Jane ter acedido a este sentido neste momento, pois trata-se normalmente de uma aptidão bastante difícil de alcançar. Ela acompanhou a experiência, o que é muito positivo, mas não a sustentou durante tempo suficiente para conseguir distinguir as outras cápsulas de tecido que entraram no seu campo expandido de percepção.

Falei pouco sobre essas cápsulas de tecido. Mas também isso ficará para a próxima sessão. Não quero que as nossas sessões se tornem uma obrigação. No entanto, prefiro que se mantenham regulares — e estou perfeitamente de acordo com que, por vezes, sejam mais breves, dadas as circunstâncias. Vais ver que nestas poucas páginas partilhei contigo algumas ideias novas. Podemos compensar o tempo perdido no futuro com sessões curtas em dias em que estejas no teu melhor.

Na verdade, é apenas a mudança de circunstâncias que te tem deixado cansado — e esse efeito não durará.

(“O que aconteceu com o gato esta noite?”)

O teu adorável e velho gato sentiu verdadeiramente a minha presença esta noite. Entrei, por assim dizer, com bastante intensidade, porque sabia que a sessão seria curta — e queria transmitir este material. Ele simplesmente não percebeu o que tinha acontecido à sua Jane, nada mais. De qualquer forma, mais uma vez, os meus parabéns, Rob, pelos dois assuntos que mencionei. E recomendo vivamente que ambos durmam bem esta noite. Espero também que a nossa próxima sessão seja completa.

Vou terminar a sessão agora — e não podem dizer que me falta empatia. Também não estou propriamente incomodado com a brevidade desta sessão. As vossas limitações são bem maiores do que as minhas. Durmam bem, mas saibam que aguardo com entusiasmo as nossas sessões, e não gosto de me despedir tão cedo.

Ainda assim, estão a fazer um bom trabalho, e desejo-vos, com carinho, uma excelente noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(A Jane disse que não teve qualquer indicação prévia de que o Seth iria manifestar-se com tanta força no início da sessão. Dissociou-se imediatamente, embora se lembrasse da confusão com o Willy. Disse que, num momento, estava a falar comigo e, no momento seguinte, já estava de pé a ditar. E o Willy, saindo da casa de banho, não mostrava qualquer sinal de perturbação. Roçou-se na perna da Jane, a ronronar.

(Vale a pena acrescentar que, nessa mesma tarde, durante a minha habitual ida ao centro da cidade para levar a Jane ao trabalho na galeria, enviei as primeiras 38 sessões do material do Seth para a American Society for Psychical Research. Esta sessão, a 39.^a, dá início ao Volume 2.)

SESSÃO 40

1 de Abril de 1964

(Há alguns dias atrás, a Jane e eu havíamos visto outro apartamento, um muito maior que o nosso e também mais caro. Ela gostou dele, mas por algum motivo eu achei prudente não contratá-lo. Pertence a um dos colegas de trabalho da Jane na galeria de arte. Pessoalmente, gostaria que o próximo passo que déssemos fosse para um lugar próprio nos subúrbios ou nas proximidades do interior.

(Às 8:45 a Jane acordou de seu cochilo sentindo-se muito revigorada. Ela perguntou-me se podia partilhar do meu estúdio comigo e é claro que eu concordei, tendo proposto tal arranjo há algum tempo. A mesa e os livros dela não ocupam muito espaço. A Jane ficou tão entusiasmada com a ideia que se esqueceu de ficar nervosa antes de a sessão começar.

(Evidentemente que por essa altura nós dois já nos sentíamos melhor, mais acostumados à nossa nova agenda. Quando a sessão começou, Willy continuou a cochilar pacificamente no divã. A Jane andava num ritmo normal, com os olhos escurecidos como de costume, e a voz acrescida ligeiramente rouca.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Fico feliz em ver que a atmosfera ficou mais limpa. Dei espreitadela preliminar no teu espaço no início desta noite e parti com desânimo - medo, terror.

(“Ora bem, porquê?”)

Bem, eu certamente não gostaria que a Jane jogasse móveis em cima de mim. Tu compreenderás, é claro, que eu estou falando de um terror simulado. Quando o ressentimento da Jane finalmente se acende, não é altura de eu andar por perto.

(“Tampouco eu.”)

Tens razão. A solução encontrada é excelente, e eu nada tive que ver com ela, tendo decidido que estava muito mais seguro se deixasse tais decisões ao vosso cargo a partir de agora. Brincadeira à parte, esta última ideia deveria realmente ser excelente, e eu próprio o teria sugerido não fora não ter conseguido chegar até à Jane. Ela sentiu-se culpada com a ideia de te ocupar qualquer espaço, e a culpa levou-a a sentir ressentimento.

Estou muito satisfeito, vocês vão beneficiar com isso, assim como com as outras mudanças no vosso espaço que tu consideraste, incluindo um método de usar a sala dos fundos durante o ano todo. O ressentimento teve muito que ver com o facto da Jane andar por aí aos encontros. Não ressentimento por tua causa, Robert, mas ressentimento por se culpar por não estar satisfeita. Se tivesses planeado ficar onde estás por qualquer quantidade de tempo, então terias feito bem em tirar o máximo de proveito do teu espaço, e o alargamento previsto resultaria bastante benéfico.

A propósito, partilho do aborrecimento que a Jane teve com o vosso vizinho gordo do lado da frente, e vou-te contar algumas histórias sobre ele antes de terminar.

(Esta referência refere-se a novos inquilinos que se mudaram para o segundo andar apartamento da casa ao lado. Embora a nossa casa esteja separada dela por uma grande extensão de relvado, o nosso novo vizinho evidencia-se bastante enquanto caminha de um lado para o outro na imagem que projeta na janela em traje de camisola interior. A Jane considera isso uma falta de educação.)

A mudança necessária de que vocês dois precisam pode ser satisfeita no vosso presente ambiente ampliando a vossa cozinha, e a menos que vocês possam se mudar para o interior, eu não sugeriria que vocês o fizessem. Naturalmente eu prefiro que vocês se sintam seguros e o mais bem instalados possível, pela simples razão de que as sessões seriam melhores.

As duas mudanças, uma na parte de trás, e na vossa cozinha, vão satisfazer os dois em grande medida durante um bom tempo e, por isso são desejáveis, pois não implicam uma quebra generalizada do padrão diário. Eu confio que já disse o suficiente nesse contexto.

Conforme mencionei, o sexto sentido interno envolve algo que pode ser comparado ao que vocês chamam de instintos, exceto que é uma propriedade do eu interior. Considerem uma aranha a tecer uma teia. A teia é um padrão de camuflagem que definitivamente existe no vosso plano. Aqui a vossa simples aranha está a usar o seu sexto sentido, pois esses sentidos são propriedade latente de outros seres vivos, e não restritos à humanidade. O que vocês veem na atividade da aranha equivale a uma demonstração do sexto sentido interno quase na sua forma pura. A aranha não possui intelecto nem ego exterior, e as manipulações que empreende são o resultado direto de atividades realizadas por um puro e espontâneo

uso dos sentidos internos. Eles encontram-se desimpedidos e não camuflados em grande medida.

Nem todos os sentidos internos são utilizados na mesma medida em qualquer plano.

Muitos planos são dedicados ao treino da utilização de um ou dois dos sentidos internos mais importantes. Gostei da analogia da aranha e da sua teia por ser exemplo tão simples e descomplicado de construção de camuflagem, divorciado de intermediários como ego ou instrumentos.

Inerente, repito, intrínseca à aranha e ao homem, é a completa compreensão, ou melhor, compreensão através da experiência direta, do universo como um todo. Na sua existência particular, a aranha não tem consciência de todo esse conhecimento, mas usa o que é necessário para construir a sua teia. Ela experimenta diretamente. É claro que não existe consciência nenhuma do “eu,” no entanto existe consciência do tipo mais íntimo.

Se dessem um ego e um intelecto à aranha vocês veriam então como a imagem mudaria. Isso a habilitaria a estender-se no âmbito e atividade da sua consciência, mas ao mesmo tempo seriam apresentados impedimentos que fariam com que a construção da teia não parecesse mais tão direta no que concerne à sua fonte, nem tão espontânea.

Vocês constroem a vossa própria camuflagem de existência tal como a aranha constrói a sua teia, mas vocês não têm consciência dos fios com que a tecem. Vocês não entendem que eles têm origem dentro de vós, embora seja muito simples sorrir ao verem a humilde aranha a tecer a sua teia. A construção da aranha acha-se fortemente limitada a um plano, mas tal não é o caso com as vossas construções, que podem ter realidade em muitos planos ao mesmo tempo, e por modos com as quais vocês não estão familiarizados.

Deveria ser óbvio que, embora uma ideia nasça com o tempo, após a sua concepção é livre do tempo de uma forma que uma teia de aranha nunca pode ser livre do tempo. Na medida em que uma construção existe como camuflagem, ela é limitada e vulnerável às leis físicas.

Se a energia estiver aprisionada ou concentrada na construção física a ponto de uma construção aparecer no vosso plano, enquanto ainda não está inteiramente construída, deixada por concluir em alguns aspetos, nesse sentido a ideia por trás da construção não é limitada por leis físicas.

A Cápsula Tecidual* de que falei anteriormente envolve toda a consciência viva. Até certo ponto, poderia ser comparada a uma camada extra de pele que circunda o corpo físico, exceto que não é construído da mesma maneira no vosso plano, e em circunstâncias normais lhes é invisível.

** (NT: Cápsula tecidual é designação que se traduz correntemente por corpo astral ou etérico.)*

Na verdade, é um campo, ou seja, um campo de energia, um contorno. Ele protege o interior agindo como uma barreira que mantém toda a energia do eu controlada, e impede que se esvaia. Ao mesmo tempo, protege todo o eu de certas radiações que aqui não vos dizem respeito. Não existe consciência viva em qualquer plano sem que esta cápsula tecidual o envolva.

A cápsula, claro, não é uma cápsula sólida em nenhum plano. Para alguns habitantes de outros planos que têm acesso ao vosso plano, tudo o que pode ser visto de vós é essa cápsula tecidual, uma vez que tais habitantes não tiveram experiência com o vosso tipo particular de construção de camuflagem. Portanto, os vossos Padrões de Camuflagem* são invisíveis para eles, mas as cápsulas teciduais não.

** (NT: Padrões de Camuflagem pode ser traduzido por Corpo Físico.)*

Essas cápsulas podem ser vistas por vós sob certas circunstâncias e foram chamadas de Corpos Astrais — um termo que não me agrada. Gostaria de repetir de novo o facto de que em muitos casos, salvo exceções, ideias não totalmente construídas no vosso plano não só possuem grande força, mas também são livres dos efeitos das leis físicas. A ideia tem, pois, ao seu comando maiores e diversificados métodos de expressão, e a partir disso variedades de construção podem ser tentadas. Referi as vantagens de um quadro sobre uma peça de escultura, e uma ideia não inteiramente capturada encontrará maior expressão.

Isso não quer dizer que a perfeição não deva ser buscada. É claro que é impossível de alcançar, mas a quase conclusão deixa espaço para um maior desenvolvimento da ideia, e a ideia não está aprisionada.

O retrato que enviaste para a galeria é evocativo. Continua a crescer. Não está inteiramente à mercê de uma camuflagem completa. O eu integral nunca está inteiramente construído no vosso plano. Na melhor das hipóteses, encontra expressão vez por outra. Um plano de camuflagem, apenas por ser o que é, torna impossível ao eu integral encontrar expressão.

Há como que um foco de energia quase hipnótico para um determinado momento por uma determinada razão.

O eu interior está sempre presente. Vocês têm sempre consciência disso da mesma maneira que vocês têm consciência ciente do que está a acontecer num transe. Esta é outra excelente analogia, se é que me perdoam por me dar congratular por isso.

Este sexto sentido é um dos básicos que torna o uso dos outros possível. A humanidade muitas vezes o confunde e o chama de instinto. É meramente o conhecimento inato que torna a manipulação de energia de uma forma noutra possível, e vocês usam-no constantemente. A aranha está mais familiarizada com ele na sua forma pura do que vocês, ou seja, do que a humanidade.

É este sentido que dirige o vosso próprio crescimento fisicamente, e que forma as células do vosso corpo físico e muda constantemente o material do vosso corpo.

O vosso plano é um local de treino no uso da manipulação da energia. O vosso plano parece lidar com causa e efeito, mas isso em si uma é camuflagem. Na realidade, não existe causa e efeito como vocês concebem. Existe apenas espontaneidade. Por um determinado intervalo vocês precisam ser ensinados como se houvesse causa e efeito, para que o resultado da espontaneidade não terminasse como um caos.

Esta afirmação pode parecer contraditória, mas mais tarde vocês verão que não é.

Agora que discutimos resumidamente o significado de uma Cápsula Tecidual, vou abordar o sétimo sentido interior um pouco mais aprofundadamente. Este sentido permite uma expansão ou contração da Cápsula Tecidual. Teoricamente não há limite para a contração ou expansão permitida, mas praticamente geralmente há limites.

(Agora Jane, no papel de Seth, começou uma performance muito divertida. Até este ponto a Jane mostrara-se sóbria, quieta e digna. Agora ela começou a exibir um sorriso rasgado. Muitas vezes, para enfatizar uma questão, ela se inclinava sobre a minha mesa, a sorrir. Ela pareceu estar a divertir-se bastante. Os olhos mostravam-se muito escuros. O próprio tom de voz dela mudou para um de diversão. Eu vi a Jane exibir alegria nas sessões anteriores, mas este período de alegria durou muito mais. Agora ela tocou na minha mesa.)

Eu vou só sugerir algo aqui. Por uma questão de diversão, pensem na expansão em termos ou em associação com a teoria da expansão do vosso universo. Tal contemplação deve ser um excelente exercício. Isto é bastante evocativo, e espero poder dar uma espreitadela em algum momento em que vocês estejam a tentar lidar com ele.

(De novo um sorriso rasgado.)

Vou-lhes explicar isso, só que numa data muito posterior. Além disso, entendam que o que vocês pensam ou experimentam em termos de viagem espacial é uma outra camuflagem. A chamada viagem espacial é uma ideia que só faz sentido no vosso plano. Estou a salvar estes pequenos petiscos para vós esta noite.

(“Assim notei.”

(Outro sorriso, seguido de outro toque na mesa.)

Talvez uma releitura do material sobre a quinta dimensão os ajude nisto, e um dia desses levaremos essa discussão adiante. Na realidade, o uso dos sentidos internos os levarão a qualquer lugar que vocês queiram ir. A ideia de destino nesses termos é risível. Todo lugar é um lugar. Vocês estabelecem a divisão e as separações. É por isso que acho os vossos discos voadores tão engraçados.

(“Engraçados?”)

Engraçados porque vocês pensam que eles sejam veículos que viajem pela vossa própria camuflagem espacial. Quaisquer veículos viajam através da sua própria camuflagem espacial, e em alguns casos estão fazem-no, mesmo agora, no chamado espaço ocupado pelo vosso universo terreno.

(Mais uma vez Jane estava inclinada sobre a minha mesa.

(“O que é que tem de tão engraçado?”

(Tínhamos uma cadeira de balanço Kennedy estava diante de mim em frente à minha mesa. Agora Jane estava sentada nela. Ela riu. Tinha os olhos alegres. Ela bebericou uns goles de vinho de um pequeno copo enquanto me ditava. Foi uma das poucas vezes que a vi sentar-se durante uma sessão.)

Estou a rir porque eles voam, segundo os vossos termos, pelo próprio núcleo do que vocês ousam chamar de terra sólida, que não é sólida para eles. E em certas instâncias ao tentarem a viagem espacial, vocês viajarão pelo que os habitantes de outro plano pensarão como o seu próprio “sólido” particular e vocês não terão a menor noção da diferença.

Agora, isso não significa que um corpo estacionário de qualquer tipo não possa materializar -se em outro plano. E se isso acontecer, ele deverá necessariamente, de alguma maneira cercar-se das construções ou camuflagens do plano em que tenta entrar. Isso requer um alto nível de desenvolvimento interior. Vocês podem ou poderão viajar dentro do vosso próprio universo de camuflagem. Existem outras identidades inteligentes nele e elas estão no vosso próprio plano. Isso é viajar ao longo do que podemos chamar, para simplificar, de um nível horizontal.

(Agora Jane levantou-se e começou a andar mais uma vez.)

Tens os dedos cansados?

("Não.")

Os habitantes dos discos voadores não são do vosso próprio plano. Eu tenho mencionado a luta da forma que isso envolve. Vocês terão que se lembrar em qualquer uma das discussões nesse sentido que as vossas construções físicas simplesmente não existem, exceto no vosso próprio plano. Outras construções existem simultaneamente com as vossas próprias, de natureza inteiramente diferente, igualmente no que vocês poderão chamar de plano horizontal. Mas vocês nunca irão descobri-los numa nave espacial.

Por uma questão de simpatia para com os teus dedos de camuflagem, vou deixar façam uma pausa. Eu certamente gosto de os surpreender.

("Fico satisfeito que estejas a gostar tanto disso.")

Estou em boa forma esta noite.

(A Jane estava no seu estado habitual de dissociação desta vez. Ver a 16ª sessão para a dissertação de Seth sobre discos voadores e o dilema da forma que enfrentam.)

(A Jane disse que durante o monólogo acima ela também teve uma imagem mental do Seth. Era uma série de círculos a sair dela. O nosso plano seria um círculo; e no momento estávamos isolados nele, incapazes de deixá-lo por outro círculo.)

(Ela disse que também tinha a sensação de que a qualidade desse material tinha algo que ver com o tempo psicológico, mas de uma forma que não tinha nada que ver com o ganho de tempo. Ela sentiu que o Seth discutiria isso depois do intervalo. Ela sentou-se durante parte do ditado a pedido do Seth, para que eu não perdesse nenhum material. Além disso, o rosto apresentava-se amplamente sorridente e parecia diferente do habitual nela; a Jane disse que realmente sentiu as emoções do Seth

durante este ditado, e acrescentou que o Seth achava que estava a ser esperto.

(Ela disse que os dedos pareciam um pouco mais gordos, mas quando os examinamos, não pode ver qualquer diferença. A sensação era predominante na mão direita e no dedo indicador. A Jane teve uma sensação de decepção durante este intervalo quando ela conseguiu relaxar e disse que precisava de um descanso mais longo. A voz dela era normal quando ela começou a ditar novamente.)

Eu falo em termos de vertical e horizontal apenas para facilitar as coisas para vós. No que diz respeito ao material imediatamente anterior, deixei Jane entrar na vertical, por assim dizer. Houve da sua parte uma experiência direta da minha vitalidade emocional.

Novamente, isso não implica uma invasão da Jane por mim próprio, mas em vez disso, implica uma extensão da parte da Jane para abrir caminho para a experiência. Isto é uma diminuição do eu, mas uma extensão do eu, de modo que a consciência de si pode incluir não apenas o eu, mas uma independente (você pode chamar isso de outra) experiência de si, para incluir um valor que geralmente está em falta nos vossos padrões comuns de comportamento.

(Mais uma vez a Jane inclinou-se sobre a minha mesa a enfatizar o material. O ditado foi muito deliberado e cuidadoso.)

Este valor, ou essa extensão particular do eu para incluir a experiência de outro eu, é um dos atributos que podem ser esperados através do uso do tempo psicológico. É um atributo que é independente e livre do vosso tempo físico, bem como do tempo do relógio. Vocês precisam ter presente a diferença entre o tempo físico e o tempo do relógio – eu descrevi-vos essa diferença.

Esse valor ou qualidade está simplesmente além do limite da vossa existência de camuflagem. Não há critério de camuflagem pelo qual possa ser medido e, no entanto, como a Jane certamente testemunhará, é uma experiência surpreendente, válida e memorável. Vou trazer isso para primeiro plano agora com mais frequência nas nossas sessões, por ser da máxima importância. Como uma experiência psicológica comum, não pode ser medido nos vossos termos, e ainda assim gera uma impressão notável sobre o indivíduo envolvido.

Agora gostaria de fazer algumas observações em relação aos sentidos interiores.

Em primeiro lugar, a experimentação e o interesse estão a crescer no exterior no que diz respeito ao que vocês chamam de ESP. As vossas próximas descobertas importantes serão nesse sentido, só que não no futuro imediato. No vosso universo de camuflagem vocês são gravemente prejudicados no que diz respeito às viagens espaciais, por causa dos elementos de tempo envolvidos no próprio universo da camuflagem. Nos vossos termos, vai simplesmente demorar muito para chegar onde vocês quiserem chegar.

Os cientistas começarão a procurar métodos mais fáceis e, acreditem ou não, a primeira descoberta realmente importante será feita por um cientista ortodoxo por puro desespero. As comunidades científicas estão mesmo agora a ser forçadas a considerar as possibilidades da telepatia como meio de comunicação, e serão forçadas cada vez mais ao longo dessas linhas.

É muito possível que vocês possam acabar no que vocês pretendem seja um empreendimento espacial apenas para descobrir que “viajaram” para outro plano. Mas a princípio vocês não notarão a diferença.

O material como o que estou a transmitir-lhes será muito importante.

Eu gostaria de fazer uma breve nota sobre as tentativas da Jane com o pêndulo.

Em questões sérias que envolvam o vosso tempo presente, ou do que estiver a acontecer num dado momento particular, pode-se considerar que o pêndulo transmite informações válidas do subconsciente.

Para outros assuntos faz-se necessário um estágio leve de hipnose neste momento, e um muito cuidadoso enunciado das perguntas. O pêndulo responde ao discurso muscular inconsciente e dá respostas a partir do subconsciente. Estamos envolvidos em algo muito mais profundo. O subconsciente da Jane por si só não é capaz de chegar ao conhecimento que vocês estão a recebendo nas nossas sessões.

(Aqui a Jane riu.)

Sugiro uma breve pausa. E se vocês aumentarem a vossa cozinha, então eu espero que fiquem com uma janela com vista para o rio também. Esta foi uma excelente sessão.

(A Jane bateu na minha mesa para enfatizar a última linha do ditado. Ela mostrava-se dissociada como de costume. Ela disse que os dois últimos monólogos encontraram escape; não se lembrava de andar de um lado para o outro, fumar, bebericar bebida, etc. Ela relatou que assim que o

ditado terminou, ela teve uma outra imagem mental. Desta vez ela viu-se na cozinha ampliada, a olhar para um horizonte sobre o rio.

(Ela continuou explicando que viu as costas da sua própria figura parada diante da janela; ela era o Seth, disse ela, a olhar à janela. Eu comentei que esta sessão foi certamente bastante ativa. A Jane voltou a ditar em voz normal.)

Estou a compensar em valor numa outra escala inteiramente pela última vez. É bastante possível que vocês os dois possam precisar de um descanso de vez em quando, e se assim for, vocês tê-lo-ão. Mas durante um bom bocado de tempo não envolverá a perda de sessões, mas o seu encurtar. Agora vocês dois estão a sair-se muito bem. A Jane, a propósito, tinha razão. Eu tinha planeado dar-lhe uma semana de folga depois das vossas primeiras trinta sessões. No entanto vocês não pediram, e nem pareceram precisar de férias, pelo que eu aproveitei.

(De novo a Jane riu.

("Oh.")

Condicionamento e regularidade são importantes como vocês sabem do vosso próprio trabalho. Estou satisfeito com o prémio do teu retrato, Joseph, porque o prémio deve conscientizar-te para o facto de que o bom trabalho é reconhecido e que, apesar dos defeitos pessoais e infelizes dos indivíduos como um todo, eles ainda reconhecem um bom trabalho, e tu devias dar-lhes crédito por isso.

(Mais uma vez a sorridente Jane bateu na minha mesa.)

Se há, e há, estupidez e ignorância e idiotice, infundado orgulho e racionalização, há igualmente, pelo menos ocasionalmente, boas intenções e apreciação. Eu sei que tu tens consciência dos perigos envolvidos em projetares os teus próprios medos e irritações sobre os outros. Sempre há, e muitas vezes, uma tendência justificável de se sentir desvalorizado e, por conseguinte, de procurar uma possibilidade de provar essa falta de apreço, de modo que muitas vezes é erroneamente projectado em comentários ou ações dos outros. Muitas vezes, essas observações e ações são o resultado da própria ignorância da outra pessoa e, na verdade, não dirigidas a ti pessoalmente.

A Jane no passado foi muito sensível no que diz respeito ao teu trabalho, mas este ano registou alguma melhoria. Tem uma certa necessidade de ficar de guarda, mas quase nenhuma para se insurgir.

A propósito, é possível que tu e a Jane e a vossa amiga na galeria arte e o marido possam tornar-se bons amigos, mas teria sido extremamente desaconselhável que teres-te mudado para o apartamento dela. Vocês os dois conheceram a mulher antes e em circunstâncias desagradáveis. Enquanto inquilinos, vocês teriam ficado extremamente insatisfeitos com ela.

Numa determinada altura ela esteve numa posição subordinada com relação a ti, Robert, e sem que soubesse a razão ela teria sido muito dominadora se te tornasses inquilino dela. Na galeria a Jane está tacitamente acima dela na hierarquia e não há dificuldade. Como amigas uma relação seria excelente, pois ela beneficiaria muito, e ambas beneficiar-se-iam com a ajuda que poderiam dar a ela.

(Mais uma vez a Jane sentou-se em frente à minha mesa, na cadeira de balanço Kennedy.

Com um sorriso amplo, olhos muito escuros, a beber um copo de vinho, ela inclinou-se para bater na secretária.)

Ela trabalhou numa das tuas fazendas na Dinamarca. Ela era, se me permitires a expressão, desprovida de beleza, e na época tu não eras de procurar valores espirituais nas tuas mulheres. Ela ressentiu-se muito disso. Ela também se ressentiu do teu filho.

(“E quem era esse?”)

A Jane era teu filho, como tu bem sabes. E era pintor, de modo que a galeria de arte é um lugar irónico para a Jane e essa mulher se encontrarem.

(A Jane começou a andar de novo.)

Eu realmente poderia continuar. A história fascina-me.

(“A mim também.”)

Há igualmente mais alguns incidentes bastante hilariantes envolvidos. Como quando tu, velho depravado, te apossaste das amantes do teu filho assim que tiveste oportunidade; mas não tiveste essa chance com muita frequência. Houve também o caso de cobrar algum aluguer com o corpo quando não havia dinheiro disponível.

(Eu ri. O Seth na pele da Jane também pareceu divertir-se bastante. O Seth sempre se referiu à minha vida na Dinamarca em 1600 como sendo da carne, e disse que ao sua própria não fora muito melhor. O material na página anterior é quase tão claro quanto ele já foi sobre o que realmente aconteceu lá. Ele também afirmou que se vai divertir muito comigo e com a

Jane quando nos revelar essas existências. Este parece ser um desses casos.)

Se preferires encerramos a sessão. Caso contrário, faz uma breve pausa. E posso felicitar-te de forma sarcástica por terem feito uma sessão completa nesta noite. Triev era um lugar agradável.

("Quão grande?"

(Ver a 2ª sessão, página 14.)

Tinha uma população de 5.000, aproximadamente. Na verdade, era entre 5.000 e 15.000 - mas não mais que 15.000. Desejas encerrar a sessão?

("Acho que sim. Eu não quero, mas acho melhor. A Jane está a ficar cansada.")

Cada coisa a seu tempo, mas acredita em mim, vamos passar alguns bons bocados. A propósito, a Jane não está grávida. Regista isso ou não como preferires.

É o influxo sazonal comum com variações químicas usuais no caso dela, mais o telefonema da mãe, a gravidez da sobrinha, e com a ajuda que trouxeste às circunstâncias. A tua ajuda curiosamente refere a ira que mostras em relação às crianças. Isso aumentou as esperanças ocultas da Jane de um apartamento maior e depois derrotou-as, aumentando o ressentimento. Esqueces-te que o primeiro impulso da Jane-Jane é o de agir. Isso é extremamente importante na composição dela. É por essa razão que o uso prolongado da sala das traseiras, e até mesmo o trabalho na cozinha, é benéfico. Será preciso dizer que o canto dele no vosso quarto precisa ser sentido por ele como dele próprio.

(A Jane riu.)

Eu poderia dizer mais, mas não digo.

("E eu tenho medo de perguntar.")

Bem, vou, com pesar, terminar a sessão. Meus olhos de torta, um carinhoso e uma saudosa boa noite. Eu diverti-me convosco ao meu jeito.

("Boa noite, Seth.")

(A Jane mostrou-se dissociada como de costume. Mas conforme surtiu as surpresas da noite ainda não tinham acabado. Assim que a sessão terminou e notei que as minhas mãos pareciam "gordas." Essa é a sensação que a Jane referiu muitas vezes. Eu dei comigo a esfregar as mãos, subjetivamente consciente de uma sensação de inchaço que sentia nelas enquanto conversávamos após a sessão. A sensação começou em ambos os dedos indicadores, depois espalhou-se pelos nós dos dedos, e

desceu até os dedos e as palmas. Quando fechei os punhos, sentia uma sensação de alongamento e grossura neles, como se fossem alienígenas. Não era doloroso de forma nenhuma, apenas uma sensação intrigante de inchaço. Os meus dedos indicadores especialmente pareciam ser maiores. Eu uso um anel no quarto dedo da minha mão esquerda, mas infelizmente não pensei em ver se o poderia remover.

(A sensação durou alguns minutos. E a Jane, comentou que tinha experimentou a mesma coisa no intervalo das 10:30, então perfez o salto intuitivo para ligar os próprios episódios de fenómenos com as mãos dela com a sensação de alargamento que ela tinha experimentado a 30 de Março. Ver a página 309. Nenhum de nós tinha feito essa ligação antes, mas a Jane agora tinha certeza de que as mãos gordas dela haviam sido os precursores de um uso mais completo do sétimo sentido interno. (Isso levou-me a pensar se eu também seria capaz de desenvolver esse particular. Se assim for, isso me haveria de dar vislumbres rudimentares de dois dos sentidos internos, uma vez que já tive uma pequena medida de sucesso em sentir o som.)

SESSÃO 41

(A QUINTA DIMENSÃO)

(A SIMULTANEIDADE DA REALIDADE)

(Por volta das 18h30, a Jane estava a ler um artigo de revista e deparou-se com a palavra ilusória. Ela viu-se a ler a palavra como «espaçosa»; então, a frase presente espaçoso surgiu-lhe na mente. Ela não sentia o Seth, mas achou a frase significativa por algum motivo.)

(Às 20h10, o nosso gato, o Willy, comportou-se de uma forma muito peculiar. Eu estava a trabalhar na sala do meio do nosso apartamento; o meu estúdio ficava à minha esquerda, a sala-quarto à minha direita. O Willy estava a dormir no armário. Tudo estava quieto quando, de repente, o Willy saiu do armário numa corrida louca, as unhas a deslizar pelo chão. As suas orelhas estavam para trás, os pelos eriçados. Olhando para o estúdio vazio, correu para a sala de estar, saltou para uma estante debaixo de uma janela e escondeu-se atrás de uma cortina.)

(A Jane estava a ler na sala, e o Willy assustou-a. Observei-o então a caminhar cautelosamente de volta pelo apartamento em direção ao

estúdio. Claro que nenhum de nós viu nada. O estúdio estava escuro. Ainda assim, o Willy passou pelo menos cinco minutos a fazer uma inspeção cuidadosa do estúdio; permaneceu num estado muito nervoso até pouco antes do início da sessão.)

(Às 20h45, a Jane disse que não estava muito ambiciosa. Estava um pouco nervosa. «Gosto de me manter ocupada até à sessão», disse ela, «especialmente quando não sei do que ele vai falar.» Servindo-me um copo de vinho pouco antes da hora marcada para a sessão, disse que conseguia sentir o Seth «a zumbir por aí».)

(A Jane começou a ditar com uma voz um pouco mais forte do que o habitual e manteve esse tom até ao final da sessão. Os seus olhos escureceram e o ritmo foi lento. A sua entrega foi bastante deliberada durante a maior parte da sessão.)

Boa noite.

(«Boa noite, o Seth.»)

Devo dizer que, no início desta noite, recebi umas boas-vindas.

(«Eu direi.»)

Não foi propriamente uma surpresa para mim, embora tenha achado as suas reações divertidas. Eu estava no vosso quarto dos fundos, a cuidar da minha vida — ou da vossa —, a olhar pela grande janela para a noite chuvosa e, claro, o vosso gato descobriu-me quase imediatamente.

Não foi apenas a minha presença que o assustou tanto. Eu ainda não estava completamente remontado para o vosso plano, e ele irritou-se com os campos de química invulgares que lhe eram perceptíveis e ainda não estáveis. Eu não o assustei de propósito.

Falava do vosso episódio mais cedo, e a Jane estava certa. Houve um propósito na sua leitura errónea. Na verdade, inconscientemente, captou os meus pensamentos naquela ocasião. Captou-os alguns minutos antes, mas a sua mente esperou por uma oportunidade adequada para transpor a palavra «espaçoso» em conexão com o presente. «Presente espaçoso» é um termo excelente. Na realidade, existe apenas um presente espaçoso, tão espaçoso que não pode ser explorado de uma só vez nos vossos termos, daí a divisão arbitrária em salas maiores de passado, presente e futuro.

*(O artigo que a Jane estava a ler era *The Uncompleted Man*, de Loren Eiseley, na *Harper's*, em Março de 1964.)*

Novamente, existe apenas o presente espaçoso. Estais no presente espaçoso agora. Estáveis no presente espaçoso ontem e estareis no mesmo amanhã, ou em eras de amanhã.

Nos vossos termos, a velocidade com que descobris as facetas e realidades do presente espaçoso torna-se o vosso momento de camuflagem. No vosso plano, isto deve ser manipulação física. Isto também vos dá a ilusão de passado e futuro, e para vós parece que o presente é uma ilusão fugaz, quase cinzenta em si mesmo, para além de qualquer verdadeira memória e além do alcance de qualquer recordação que não seja nostálgica. Isto também é causado pelo vosso sistema de camuflagem, no qual as materializações físicas aparecem, crescem, amadurecem e desaparecem.

No presente espaçoso, tal como existe na realidade além da sombra, todas as coisas que existiram ainda existem, e todas as coisas que existirão no vosso amanhã já existem. No vosso plano, não podeis experimentar tal realidade exceto de forma muito limitada, e não podeis experimentá-la de maneira espontânea, e a espontaneidade é a qualidade do presente espaçoso. Para vós, com as vossas ideias de camuflagem, este material pode soar estranho e inacreditável.

Tal como vos disse que as paredes da vossa casa não existem realmente como tais, também as divisões que colocais dentro do presente espaçoso não existem. Mas, assim como as paredes da vossa casa são experimentadas pelos vossos sentidos externos e servem para vos proteger contra outras materializações de camuflagem, como o vento e a chuva, também as paredes do passado, presente e futuro que erguestes funcionam como um padrão de camuflagem, protegendo-vos de forças e realidades internas para as quais ainda não estais preparados.

Via de regra, ao falarmos de camuflagem, referimo-nos às estruturas de camuflagem física. Um exemplo seria a teia de uma aranha, ou a mesa que discutimos no passado, que é, na verdade, um conglomerado de átomos e moléculas frouxamente mantidos juntos, mas percebido pelos vossos sentidos externos como uma estrutura sólida de camuflagem, usada e manipulada na vossa existência de camuflagem.

Existem, contudo, muitos outros padrões de camuflagem que não existem como sólidos, mas existem como ideias.

Sugiro que façais uma pausa antes de avançarmos mais nesta discussão.

(Pausa às 21h26. A Jane estava dissociada como de costume. A sua entrega era muito deliberada e bastante lenta. O Willy dormia agora no divã. A Jane disse que achava que o Seth diria algo no sentido de que, neste plano, usamos ideias como proteção contra uma realidade verdadeira que poderia ser demasiado intensa para nós lidarmos. A sua voz manteve-se normal ao retomar às 21h32.)

Essas ideias de camuflagem são tão reais e úteis, se não mais, do que os padrões de camuflagem física. Elas também vos permitem manipular, e, naturalmente, também servem para vos esconder ou proteger de experiências de realidade direta que não podeis enfrentar no vosso plano.

Esses padrões de camuflagem de ideias representam estruturas importantes, embora não materiais, e a partir de agora referir-nos-emos a elas como «estruturas de camuflagem de ideias», pois são estruturas básicas que controlam os padrões de camuflagem física real, e até supervisionam até que ponto tais padrões físicos podem ser construídos.

Em outras palavras, essas estruturas de camuflagem de ideias são pré-requisitos dos vossos padrões físicos e, à medida que essas estruturas evoluem, também podem mudar as vossas estruturas físicas. É por isso que, por exemplo, encontrais dificuldades até nas vossas construções físicas, por causa das estruturas de ideia de tempo que erguestes.

A ideia de passado, presente e futuro é necessária no vosso plano, mas isso não significa que o tempo exista da forma que supondes. Estais obcecados pela teoria do princípio e do fim, porque, na vossa situação, as construções de camuflagem parecem ter princípio e fim.

Pela mesma razão, estais também obcecados com a ideia de causa e efeito, com a ilusão do tempo sucessivo a trazer o outro. Aqui temos duas das vossas estruturas de camuflagem de ideias mais básicas: a vossa conceção de tempo como uma sucessão e a vossa ideia de causa e efeito.

(Para enfatizar o parágrafo seguinte, a Jane inclinou-se sobre a mesa e falou ainda mais devagar e deliberadamente. Os seus olhos estavam muito escuros.)

Não há causa e efeito nos termos em que entendeis essas palavras. Nem há uma sucessão de momentos que se seguem um após o outro; e sem uma sucessão de momentos consecutivos podeis ver que a ideia de causa e efeito perde o sentido. Uma ação no presente, nos vossos termos, não pode ser baseada ou causada por uma ação no passado, e nenhuma ação pode ser

a causa de uma ação futura numa realidade básica onde nem passado nem futuro existem.

A ilusão distorcida de momentos sucessivos e a consequente concepção de causa e efeito são, no vosso plano, o resultado da observação pelos sentidos externos, sendo práticas e úteis para vós e, portanto, possuindo uma certa validade — se apenas para vós.

Representam um relato mais ou menos verdadeiro da natureza da vossa camuflagem, mas se forem entendidas como limitadas apenas à vossa camuflagem, então os vossos cientistas não tentariam utilizá-las como parâmetros para medir outros universos.

A maioria das vossas ideias intelectuais aplica-se apenas ao vosso próprio universo e a sua validade mantém-se apenas dentro dessas limitações. Não estou a condenar nem a minimizar a importância do intelecto de forma alguma. O facto é que o próprio intelecto está limitado neste momento específico, mas essas limitações do intelecto não são estáticas e podem ser ampliadas consideravelmente.

A natureza da realidade básica é conhecida de acordo com o grau em que é diretamente experienciada, e só pode ser experienciada diretamente através do uso dos sentidos internos. Os sentidos internos são obviamente utilizados no vosso plano, como em qualquer outro, constantemente. Sem tal uso, nenhuma existência seria possível. Sem o uso inconsciente e constante dos sentidos internos não poderíeis sequer construir o vosso precioso universo de camuflagem.

Agora, antes que os teus dedos se quebrem, meu caro Rob, sugiro que faças uma pausa.

(Pausa às 22h00. A Jane estava dissociada como de costume. Sentia-se também um pouco cansada, tal como eu. Mas estávamos mais acostumados ao novo horário do que na semana anterior. Retomámos às 22h06.)

Pode haver ordem sem uma sucessão de momentos. Pode haver ordem, acredite ou não, sem a vossa causa e efeito. Pode haver ordem, e há ordem, na espontaneidade e na existência simultânea do presente espaçoso. A ordem é um dos atributos mais básicos de toda a realidade, e a ordem é inerente a todas as coisas. Não há princípio nem fim; apenas as vossas estruturas de ideias de camuflagem fornecem essa ilusão. Todos os planos de existência encontram-se no presente espaçoso, e todos os dramas fragmentados desenrolam-se ao mesmo tempo.

Alguns destes conceitos levarão algum tempo a ser assimilados, mas quis transmiti-los agora; e talvez vejam como o uso da psicologia do tempo pode ser importante para vós. Aproxima-vos muito da liberdade do presente espaçoso. Falarei mais sobre isso mais tarde, mas a vossa experiência com o tempo psicológico irá, até certo ponto, ajudar-vos a ver através das paredes do passado e do futuro.

Sei que achareis difícil compreender a afirmação de que não há princípio nem fim, devido à vossa situação atual no vosso plano, e ainda assim isto é conhecido há séculos; e as próprias teorias do vosso Einstein ajudarão a dar respeitabilidade científica a essa ideia.

Compreendeis, é claro, que a teoria dos momentos sucessivos funciona no vosso plano, ou funcionou até agora. Mas, à medida que a humanidade se tornar ainda mais ambiciosa, a teoria deixará de funcionar e será descartada pelos teóricos, mesmo continuando a ser utilizada de forma limitada na prática quotidiana. Tal como ainda utilizais mesas, apesar de saberdes que não são sólidas, também continuareis a usar relógios muito depois de os vossos cientistas descobrirem que a teoria da passagem sucessiva de momentos está ultrapassada.

Existem muitas outras estruturas de camuflagem de ideias semelhantes sobre as quais é importante falar. A teoria de que toda ou qualquer outra vida inteligente deve existir no mesmo plano horizontal que o vosso, e que necessariamente existe no vosso próprio universo de camuflagem conhecido, é outra.

(A Jane sorriu e bateu na minha secretária.)

Sugiro uma breve pausa. E estarei florido quando a primavera chegar.

(Bom. Se isso acontecer.)

(Pausa às 22h28. A Jane continuava dissociada como de costume. A quantidade de material obtido entre as pausas era pequena devido à entrega muito medida e deliberada da Jane. Apesar disso, paradoxalmente, o tempo parecia passar mais depressa do que nunca. Retomou às 22h36.)

Enquanto as vossas teorias se preocuparem apenas com o vosso próprio universo de camuflagem, naturalmente estareis limitados por essas ideias na vossa busca pela verdadeira realidade. Quando a quinta dimensão for compreendida, ela própria revelará a existência de outras realidades que não estão no vosso plano horizontal.

(Ver a 12.ª sessão para o material que o Seth nos deu sobre a quinta dimensão.)

A descoberta da existência da quinta dimensão levará, inevitavelmente, os vossos colegas mais agressivos à percepção de que outras inteligências podem existir fora do vosso universo particular de camuflagem. E a distância quantitativa, mesmo no vosso próprio plano horizontal, equivale de facto a uma diferença qualitativa, na medida em que as teorias atuais das leis universais deixam de se sustentar.

Existem outros seres inteligentes no vosso próprio nível horizontal. Podeis alcançá-los num veículo espacial, mas a diferença quantitativa é tão grande que quase se transforma num valor qualitativo diferente. E uma viagem num veículo de camuflagem não seria, de modo algum, a maneira mais eficiente de realizar tal jornada.

No futuro, haverá viagens através de feixes de luz, que serão muito mais eficientes. No entanto, mesmo no vosso universo de camuflagem, o desenvolvimento dos sentidos internos levar-vos-á muito mais longe, e só através do desenvolvimento desses sentidos será possível fazer contacto com inteligências que não pertençam ao vosso próprio plano horizontal.

(«Existe alguma outra vida inteligente no nosso próprio sistema solar?»)

(No vosso próprio pequeno sistema solar?)

(Sim.)

Não.

Não completámos de forma alguma o nosso esboço sobre os sentidos internos.

Quando o fizermos, alguns destes materiais farão mais sentido para ti. Alguns dados sobre os sentidos internos devem ser retidos até que recebas as informações de ligação.

Tais efeitos como a levitação e o teletransporte, no entanto, são qualidades pertencentes ao próximo sentido interior, que envolve uma momentânea ou temporária quebra de certos padrões de camuflagem. Este sentido particular, que espero discutir na nossa próxima sessão, não é, entretanto, o único sentido interior preocupado com aquilo que gostas de chamar transporte. Trata-se apenas de um dos métodos mais simples, mas existem outros pertencentes a outros sentidos internos que ainda não estás preparado para compreender.

Tenho guardado estes. Podes dar uma olhada no pequeno material que te forneci anteriormente a respeito da minha própria entrada no vosso

plano, como preliminar para o material posterior sobre os outros dois sentidos internos relacionados ao transporte.

Na sessão de quarta-feira, entrarei no próximo sentido, que tem a ver com o que chamareis teletransporte e levitação.

Sempre que te comportares de uma maneira que sugira que uma das tuas queridas leis limitadas do universo não existe, então podes ter a certeza de que essa chamada lei, de facto, não existe, pelo menos não da forma como supondes.

As aparentes leis do universo foram quebradas em instâncias isoladas com frequência suficiente para que este ponto fique certamente claro; e ainda assim, os vossos cientistas ignoram constantemente essas ocorrências.

Encerraria a nossa sessão após algumas breves observações. Podes fazer uma pausa primeiro, se assim o desejares.

(Perguntei à Jane se queria descansar. Ela olhou para mim mas não respondeu, evidentemente não querendo tentar usar a sua «própria» voz ainda.)

Sugiro que faças uma pausa.

(Pausa às 23h00. A Jane estava dissociada como de costume.

Retomou o ditado com voz normal às 23h03.)

Pretendo acrescentar à nossa discussão sobre o mundo dos sonhos, pois este oferece excelentes analogias com muitos outros aspetos onde a manipulação está em causa.

Na verdade, espero também explicar-te os vários e numerosos níveis de existência no teu próprio plano e aqueles conectados com ele de maneiras fundamentais.

Não apenas crias um universo de camuflagem visível aos teus sentidos externos, mas também crias outros planos de existência, como o mundo dos sonhos, por exemplo, que até certo ponto são independentes de ti e, no entanto, dependem de ti em aspetos muito básicos.

Muitas destas instâncias podem ser experienciadas diretamente por ti sem grande dificuldade, e esforçar-me-ei por ajudar-te onde puder. Ou seja, nem tudo isto precisa ser levado apenas em consideração teórica, e espero que possamos entrar em aspetos práticos quando chegar o momento.

Encerraria a sessão. Tem sido muito bom. Dei muito material básico, por isso, se soei mais como um palestrante impessoal do que como um amigo, espero que me perdoes.

Os meus cumprimentos a ambos, e, se o vosso gato vos assustou, posso mencionar para vossa diversão hilariante o facto de que ele me apanhou desprevenido.

Uma boa e agradável noite para ambos.

(E o mesmo para ti, Seth.)

(Termina às 23h13. A Jane estava dissociada como de costume. Foi uma sessão muito pacífica. A Jane também disse que não estava tão cansada como no início da sessão. E o Willy dormiu durante tudo isso, no divã.)

SESSÃO 42

(O UNIVERSO ESTÁ CONTINUAMENTE A SER CRIADO)

(Ontem à noite foi a abertura oficial da Exposição dos Artistas do Condado de Chemung na Arnot Art Gallery, onde a Jane trabalha a tempo parcial. Fomos porque eu ganhei o prémio de retrato e tive de tirar uma fotografia lá, com os outros premiados. Depois do jantar, a Jane deitou-se para uma sesta cedo, porque queria ter tempo para se preparar. Eu estava a pintar no quarto ao lado do quarto.)

(A Jane adormeceu. Ao acordar, ainda num estado sonolento e com os olhos fechados, perguntou a si mesma que horas seriam. Então, experienciou um «véu» de luz interior e, nesse véu, viu o meu relógio de estúdio e a hora — 18h50 — de forma muito nítida. Ficou a cochilar por mais alguns minutos e então perguntou-me que horas eram. Eu disse que eram 19h00. Deveríamos estar na galeria às 20h00.)

(A Jane não mencionou a experiência na altura; ao acordar, esqueceu-se dela, disse, até esta noite, quando teve uma experiência semelhante. Desta vez, cochilando antes da sessão, acordou novamente desejando saber a hora; viu o véu de luz, mas não viu o relógio e não conseguiu determinar a hora.)

(Pouco antes da sessão desta noite, discutimos um artigo na revista «Science» de 10 de Abril de 1964; tratava da descoberta da galáxia mais distante até à data, a mover-se para longe de nós a uma velocidade de 76.000 milhas por segundo.)

(A Jane estava nervosa, como de costume, antes da sessão. Começou a ditar com uma voz apenas um pouco mais forte do que o normal, de

forma muito deliberada mais uma vez. Os seus olhos escureceram, e o seu ritmo era lento.)

Boa noite.

(Boa noite, o Seth.)

Prevejo outra sessão pacífica. Mencionei na outra noite que também trataríamos de aspetos práticos, e que tudo aquilo que discutimos não teria de ser aceite apenas com base na fé.

Quando falei de aspetos práticos, referia-me a experiências diretas de natureza vívida, experiências que seriam pelo menos tão legítimas e válidas quanto as mais comuns perceções sensoriais. Naturalmente, isso envolve treino da vossa parte, mas estais a progredir bem.

A experiência da Jane na noite passada foi um exemplo disso. Por um breve momento, «viu» tão claramente sem abrir os olhos como normalmente veria com eles. Mas, neste caso, a visão foi muito melhor, deves admitir, pois o relógio que a Jane viu não estava nem sequer na mesma divisão.

Estas experiências e outras que tereis não podem ser forçadas. O uso excessivo do ego nesse processo impede o progresso. Há uma sensação com a qual a Jane está muito familiarizada e que é importante aqui. Antes das nossas sessões regulares, como sabes, a Jane muitas vezes fica nervosa. Mencionei que esta sensação é semelhante à de um mergulhador inexperiente de pé sobre uma prancha alta: a melhor forma é simplesmente deixar-se ir e mergulhar.

Isto envolve liberdade. O mergulhador inexperiente não consegue realmente controlar o seu corpo ou os seus movimentos querendo controlá-los. Ele controla-os ao não tentar controlá-los, confiando em certas disciplinas que já aprendeu.

Assim também, no caso da experiência direta sem uso dos sentidos físicos, o mesmo tipo de atitude é benéfico. Ontem à noite, a Jane estava sonolenta mas não a dormir.

Desejava saber a hora, pois tinha preparativos a fazer antes de sair. Sem se dar conta, solicitou a informação desejada — a hora — ao seu próprio subconsciente, e, livre de impedimentos, o subconsciente entregou-a.

O que aconteceu foi o seguinte: quando o ego consciente deseja uma informação e está no controlo, busca essa informação através dos sentidos externos. Quando o ego é apanhado de surpresa e a informação é solicitada,

o subconsciente geralmente entrega-a através dos sentidos internos. E foi isso que aconteceu.

(A Jane inclinou-se sobre a minha secretária para enfatizar o parágrafo seguinte.)

Esta noite, a Jane também desejava saber as horas, mas estava a dormir. A informação foi-lhe entregue da mesma forma que na noite anterior. No entanto, ela estava inconsciente do processo, salvo um breve vislumbre do que havia acontecido; e, no entanto, acordou por causa da informação recebida. O sentido interior que a ajudou nesta instância é um que ainda não discutimos.

É, no entanto, um dos mais básicos, e sem ele, pelo menos dois sentidos seriam extremamente prejudicados — aqueles que se relacionam com o que poderíamos chamar agora de transporte. Quando finalmente terminarmos o nosso esboço sobre os sentidos internos, entraremos nos mais importantes, básicos e necessários. Não te forneci os sentidos internos por ordem de importância, mas pela ordem que seria mais simples para ti compreenderes.

Não fazes ideia da quantidade de material sobre os sentidos internos que ainda temos para cobrir, e até aprenderes muito mais sobre eles, não podemos sequer começar uma discussão real sobre muitas outras unidades de atividade, pois seria incompreensível.

Sugiro que faças a tua primeira pausa. E, já que a Jane parece ter uma visão limitada dos olhos físicos, teremos de ver o que podemos fazer com a sua visão interior.

(Pausa às 21h30. A Jane estava dissociada como de costume. E, como parece ser habitual ultimamente, ambos estávamos um pouco cansados. O novo horário ainda nos estava a afetar, devido ao sono perdido; embora nos sentíssemos bem no início da sessão, já estávamos um pouco esgotados. De alguma forma, ainda não compreendida, muita energia é retirada de nós enquanto a Jane dita; às vezes sinto que também estou em transe enquanto ela fala. Esta noite tive de lutar para manter os olhos abertos enquanto escrevia.)

(Durante a pausa, mencionei que as sessões estavam a tornar-se mais curtas em termos de extensão e duração. Senti-me um pouco desapontado com isso. A Jane retomou o ditado às 21h34.)

Quando o ego se torna um mero observador, em vez de um controlador, e suspende momentaneamente os seus julgamentos rígidos, a

experiência direta interna é permitida com alguma liberdade, mantendo ainda o ego consciente dela. Quando o ego está completamente ou quase completamente suprimido, como no sono, então há experiência direta através dos sentidos internos, mas sem percepção consciente.

A razão pela qual a experiência interna direta é frequentemente interrompida e raramente sustentada é que o ego quase imediatamente se apressa a examinar o fenómeno; mas, Rob, a maioria das sessões é agora um pouco mais curta por duas razões: por um lado, estou a transmitir os dados para a Jane de forma mais clara e concisa, dispensando muitas frases desnecessárias; por outro lado, não preciso retroceder tanto como antes.

Tenho dado algumas sessões mais curtas, embora não muitas, devido ao vosso novo horário, e porque trabalho através das vossas energias combinadas — de uma forma que ainda hei de explicar.

Também reduzi a velocidade de vez em quando para te permitir escrever mais confortavelmente. Se estes esforços da minha parte para facilitar as coisas não forem apreciados, então posso acelerar tão rapidamente quanto desejares.

(«Oh, não.»)

Se preferires uma participação mais ativa, podes fazer perguntas quando quiseres. Tento acompanhar as discussões particulares simplesmente para tornar o material mais organizado na leitura. Se quiseres que fale sobre a Dinamarca, isso é problema teu.

(«Não, eu não pedi isso.»)

Posso então considerar-me livre para continuar?

(«Sim.»)

(A verdade é que ultimamente eu não tinha tido impulso mental extra para fazer muitas perguntas. Para inserir perguntas enquanto a Jane dita, é preciso estar mesmo muito atento ao material conforme ele surge, e ultimamente tenho-me contentado em apenas acompanhar. Além disso, muitas perguntas diminuem a quantidade de material que o Seth pode entregar. Agora percebo que ele estava a ser muito paciente e algo divertido comigo.)

Queria responder à pergunta da Jane sobre o universo em expansão, embora não entremos ainda em todos os detalhes. A vossa ideia de camuflagem do tempo não é de grande ajuda, e até perceberdes que o tempo, tal como o concebem, não existe de forma real, não sereis capazes

de compreender a verdadeira natureza do vosso universo. Estou a ir demasiado depressa?

(Eu ri.)

(Não.)

O universo está continuamente a ser criado. Todos os universos estão continuamente a ser criados, e a aparência de expansão observada pelos vossos cientistas é distorcida por muitas razões.

As vossas medições de tempo, baseadas desde o início na camuflagem, são quase completamente inadequadas e destinadas a fornecer dados distorcidos, uma vez que o universo simplesmente não pode ser medido nesses termos. O universo não foi criado num momento específico, nem está a expandir-se para lado nenhum como um balão a crescer para sempre — pelo menos não nos moldes que atualmente considerais. A expansão é uma ilusão, baseada, entre outras coisas, em medições inadequadas de tempo e nas teorias limitadas de causa e efeito; e ainda que, de certo modo, se possa dizer que o universo está a expandir-se, tal deverá ser entendido com conotações diferentes das habituais.

Isto é um tema difícil de aprofundar neste momento. Poderá ajudar-te reler o pequeno material sobre os «enclausuramentos mentais».

Expansão é uma palavra que implica movimento ou ampliação no espaço, e o próprio espaço, tal como normalmente o entendeis, é uma camuflagem.

O espaço — já o disse — é a quinta dimensão; mas o espaço verdadeiro tem pouco em comum com a ideia de espaço que costumais ter.

O espaço pentadimensional não é um vazio a ser preenchido; é em si mesmo vivo e vibrante, mudando a sua natureza externa conforme o plano que o compõe.

Portanto, o conceito de um universo a expandir-se dentro de um espaço vazio não é verdadeiro. Os fenómenos dados como evidência desse tipo de expansão são o resultado de instrumentos de camuflagem, de ideias distorcidas de tempo e da consequente teoria de causa e efeito.

Sugiro que faças uma pausa no teu universo em expansão.

(Pausa às 22h05. A Jane estava dissociada como de costume e cansada. Bocejou e comentou que, se conseguisse chegar ao final da sessão, ficaria muito feliz. Isso perturbou-me um pouco, principalmente porque sentia o mesmo. Também senti que as sessões estavam ameaçadas, embora não o dissesse. A Jane, no entanto, captou imediatamente o meu

humor. Quando começou a ditar novamente, o seu ritmo era tão lento e deliberado como antes, a sua voz normal. Retomou às 22h13.)

Durante estas sessões, a Jane depende também, até certo ponto, da tua energia, Rob, e é agora ainda mais sensível ao teu humor. Já te disse que ambos são necessários. Posso sentir uma falta de confiança por parte da Jane sempre que deteta qualquer perturbação em ti. Menciono isto porque torna mais difícil a transmissão do material. Se estiveres demasiado cansado para continuar a sessão, avisa-me. Tens algo a dizer a esse respeito?

(Acho que não. Estou bem, vamos continuar.)

Gostaria então de fazer outro ponto sobre a experiência da Jane na noite passada em conexão com os sentidos internos. A Jane era perfeitamente capaz, quanto à capacidade, de saber que horas eram sem recorrer à visão do relógio. Essa visualização era secundária. Parece que, no vosso plano, há quase sempre a tentação de traduzir os dados internos em termos que o ego possa compreender e interpretar.

Devido à tua própria capacidade visual interior, deves ser capaz de ter experiências semelhantes sem grande dificuldade, o único perigo sendo talvez uma tendência para, por assim dizer, «adicionar» detalhes extra para completar uma composição visual. Após algumas experiências desse tipo, contudo, essa dificuldade será superada.

Se muitos dos sentidos internos funcionam como se tempo e espaço não existissem, é porque, efetivamente, não existem. Tu estás meramente a permitir-te uma libertação momentânea das limitações de camuflagem, e essa libertação de conceitos traz uma libertação correspondente dos próprios padrões físicos de camuflagem.

Há, portanto, uma rutura. Esta rutura é uma libertação do eu interior relativamente às camuflagens e às leis de camuflagem de qualquer plano particular.

As barreiras a essas experiências são principalmente aquelas estabelecidas pelo ego. O tipo de experiência que a Jane teve ontem à noite é das mais simples neste contexto.

Mais difícil é alcançar uma experiência em que o ego se torne mais alerta em autodefesa.

O ego, por exemplo, não precisava de se preocupar com a sobrevivência física da Jane enquanto esta estava deitada na cama e «via» o relógio noutra quarto. Quando o instinto de autoproteção do ego é

despertado, este ergue-se em armas. Esta é uma das razões pelas quais a experiência da levitação é tão raramente alcançada.

Por um lado, a levitação em si tem pouco valor prático. Contudo, o ego endurece instantaneamente o seu controlo sempre que sente que alguma lei física está a ser desobedecida, pois o ego preocupa-se com o universo físico e a sua existência depende da sua adesão às necessidades de camuflagem.

Sugiro que façam uma pausa.

(Pausa às 22h30. A Jane estava dissociada como de costume. Disse que se sentia «muito vazia» após a última pausa, pois sentiu que eu tinha retirado o meu apoio; foi como se um grande buraco se tivesse aberto no chão, em volta do qual ela teria de andar cuidadosamente.)

(Expliquei então que tinha sentido que a Jane também não estava muito interessada. A Jane explicou que, com a sua observação sobre «desmaiar» até ao final da sessão, quis dizer que gostaria de se manter dissociada até ao fim; enquanto neste estado, disse ela, não sentia fadiga. Assim, ela quis dizer que poderia fazer um trabalho melhor na entrega do material. Eu tinha interpretado mal.)

(A sua voz estava praticamente normal quando retomou às 22h36.)

Agora, este material sobre os sentidos internos acabará por se ligar ao material do vosso chamado universo em expansão, mas ainda há muitas conexões a estabelecer.

Não tenho a certeza exata de que maneira vos fornecer este material. No entanto, estamos agora em terreno mais firme. Como já mencionei, não há uma expansão real do universo no espaço. A aparência é uma distorção. Já referi anteriormente que tudo possui uma forma ou cápsula de tecido e um campo de energia.

(A Jane bateu na minha secretária para dar ênfase.)

Estas formas variam em diferentes planos, sendo visíveis ou invisíveis de acordo com a sua própria situação. Uma forma que para vós pode parecer sólida, pode ser percebida meramente como uma unidade eléctrica noutro plano, ou como uma cor num terceiro plano.

Tu, por exemplo, tens uma certa forma física para outros habitantes do teu universo. És também percebido por outros em planos diferentes neste momento, mas não com a forma que conheces.

Já disse que um plano não é necessariamente um local. Não é necessariamente um planeta, embora possa ser. O universo, tal como o

imaginas, contém inúmeros planos, todos ocupando, nos teus termos, o mesmo espaço. As formas dentro desses planos estão em constante movimento, tal como os próprios planos. Existe uma troca contínua de energia e vitalidade — isto é, de átomos e moléculas — entre um plano e outro.

O teu universo é apenas um entre muitos universos. Estás ciente apenas das percepções ao longo dos planos horizontais, e quanto mais poderosos se tornarem os vossos instrumentos científicos, mais conseguireis ver. Um universo torna-se outro. No entanto, os universos, contendo um número quase infinito de planos, são afetados pela troca de energias envolvidas. A interação e o movimento contínuo, mesmo de um plano através de outro, resultam em efeitos que serão percebidos de várias maneiras, de acordo com a situação em que vos encontrais.

Esses efeitos serão experimentados como limites distorcidos, parecendo em alguns casos um fluxo, como se um plano estivesse cercado por água; em outros, uma carga semelhante à da eletricidade. Em cada plano, os efeitos da constante troca de energia assumirão a camuflagem específica desse plano.

Usando os sentidos desenvolvidos num determinado plano para perceber as suas características, é quase impossível ver além desses efeitos de fronteira. Os sentidos internos estão inerentemente equipados para o fazer, mas, por várias razões, não o fazem. A aparência de um universo em expansão é também, portanto, causada por este efeito de distorção nos limites, resultante da interação constante que referi.

Em alguns casos, o efeito de distorção pode ser comparado ao reflexo de uma árvore na água. Os sentidos externos que observam o reflexo podem tentar julgar a profundidade da água pela altura da árvore, supondo que a água seja tão profunda quanto a árvore é alta.

Sugiro que faças uma pausa. Aliás, estás a receber este material com mais clareza do que eu esperava.

(Pausa às 23h00. A Jane estava dissociada como de costume. Ficámos em silêncio durante a maior parte da pausa, a descansar; embora eu me sentisse um pouco melhor. Quando a Jane retomou o ditado, falou um pouco mais rápido e com mais energia. Retomou às 23h05.)

Estas sessões representam uma grande conquista de ambas as partes, e usas os teus sentidos internos de forma significativa. Caso contrário, o

material não viria com qualquer fiabilidade. Temos aqui o que equivale a uma gestalt de certo tipo.

É natural que as vossas energias subam e desçam, e isso é de esperar. Até certo ponto, sou capaz de reforçar as vossas energias, como talvez suspeitasses.

Todos nós também melhoraremos, até que encontres as tuas energias renovadas no final de uma sessão — embora ainda não tenhamos atingido esse nível.

O simples facto de as sessões continuarem, e terem continuado apesar das exigências da vida quotidiana, é prova da validade destas sessões.

Sempre que quiseses, Robert, e para variedade, podes fazer-me perguntas a qualquer momento. Eu também, sendo ainda eu mesmo, tenho flutuações de interesse. Por vezes fico bastante obcecado em passar certos factos concretos para a vossa compreensão; outras vezes estou de melhor humor, mais humorístico — ainda possuo emoções.

O material provavelmente refletirá essas flutuações, mas no conjunto sairá beneficiado.

Existe um equilíbrio a manter aqui. Não quero conduzir-te demasiado duramente, mas também não tenho intenção de te deixar ficar preguiçoso.

Provavelmente ultrapassaremos o nosso tempo habitual em algumas ocasiões, enquanto noutras poderemos terminar mais cedo. Isto não tem importância.

Poderei ter mais a dizer sobre o vosso universo em expansão na próxima sessão.

Ainda há também material sobre os próximos sentidos internos a cobrir. Tendo em conta o que costuma acontecer, provavelmente acabaremos desviados de uma forma ou de outra.

Desejo-vos a ambos uma noite muito agradável. Sugiro que aprendam a ouvir e a observar de forma desapegada, o que permitirá que os sentidos internos operem de forma benéfica. E agora, meus peludos, desejo-vos uma boa noite, com carinho. E posso dizer que o material da sessão desta noite é da vossa alta qualidade habitual.

(Boa noite, o Seth.)

(Termina às 23h20. A Jane estava dissociada como de costume. Disse que também se sentia melhor agora do que no início da sessão. Estava a ponderar, vagamente, se um psiquiatra ou um cientista poderia tirar mais

proveito do material, quando o Seth reapareceu. A Jane voltou a andar e retomou o ditado às 23h25.)

Quero acrescentar uma nota. O efeito de camuflagem em redor de um plano, visível no vosso universo, pode ser medido. Mas, primeiro, deve ser reconhecido como uma distorção de camuflagem; depois, devem ser feitas traduções das medições de camuflagem.

(A Jane sorriu.)

As traduções não são fáceis de realizar, mas são possíveis, e devem ser feitas através dos sentidos internos, embora as soluções possam aparecer de forma intuitiva.

Queria adicionar isto às sessões desta noite. Agora deixo-vos realmente em relativa paz e sossego.

(Termina às 23h27. A Jane esteve novamente brevemente dissociada. Nenhum de nós exibiu qualquer fenómeno físico nas mãos durante esta sessão.)